

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ZARAÍ GONZALÍA POLANCO

**ACOMPANHAMENTO COM MULHERES “NÃO CASADAS” NO MINISTÉRIO: o
grito silencioso que precisa ser ouvido**

São Leopoldo

2021

ZARÁI GONZALÍA POLANCO

**ACOMPANHAMENTO COM MULHERES “NÃO CASADAS” NO MINISTÉRIO: o
grito silencioso que precisa ser ouvido**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutora em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Práxis teológica e
espiritualidade em comunidades de fé e
sociedade

Pessoa Orientadora: Rodolfo Gaede Neto
Pessoa Co-orientadora: Nilton Eliseu Herbes

São Leopoldo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G643a Gonzalía Polanco, Zarái

Acompanhamento com mulheres "não casadas" no ministério : o grito silencioso que precisa ser ouvido / Zarái Gonzalía Polanco . – São Leopoldo : EST/PPG, 2021.

417 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto

Co-orientador: Prof. Dr. Nilton Eliseu Herbes

1. Acompanhamento pastoral. 2. Teologia feminista.
3. Mulheres solteiras. 4. Viúvas. 5. Mulheres divorciadas.
I. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ZARÁI GONZALÍA POLANCO

ACOMPANHAMENTO COM MULHERES “NÃO CASADAS” NO MINISTÉRIO: o grito silencioso que precisa ser ouvido.

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutora em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 14 de dezembro de 2021

PROF. DR. RODOLFO GAEDE NETO (PRESIDENTE)
Participação por webconferência

PROF.^a DR.^a GISELA ISOLDE WAECHTER STRECK (EST)
Participação por webconferência

PROF. DR. NILTON ELISEU HERBES (EST)
Participação por webconferência

PROF.^a DR.^a SANDRA DUARTE DE SOUZA (UMESP)
Participação por webconferência

PROF.^a DR.^a ROSÂNGELA ANGELIN (URI)
Participação por webconferência

*Com muito carinho e admiração para
todas as pessoas que estejam dispostas a
escutar o grito silencioso de quem precisa
ser ouvida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por seu cuidado, direção, provisão e proteção durante todo este tempo de estudo aqui no Brasil.

A todas as mulheres que gentilmente contribuíram com as suas experiências e testemunhos para que este trabalho fosse uma realidade.

Aos meus orientadores por acolher e respeitar minhas buscas e inquietações.

À minha família por seu apoio incondicional, mesmo na distância.

Às amigas e também aos amigos, de perto e de longe, que sempre estiveram dispostas e dispostos a orar por mim, me ouvir, trocar ideias, experiências e conhecimentos e, também, a me dar ânimo nos momentos difíceis.

Às pessoas especiais que Deus colocou no meu caminho aqui no Brasil, para me acompanhar e animar nesta longa caminhada.

A CAPES por todo o apoio financeiro sem o qual este trabalho teria sido impossível para mim.

Ao pessoal da EST, docentes, pessoal da secretaria, pessoal da biblioteca e pessoal administrativo por seu apoio e disposição para me ajudar.

Às colegas e aos colegas por todos seus aportes e partilhas nos diversos espaços de reflexão.

A todas e a todos, de coração,

Meu muito obrigada!

“Os nomes importam porque o modo como chamamos alguma coisa, o nome que lhe damos, é, até certo ponto, o que ela é para nós.”

MCFAGUE, Sallie. **Modelos de Deus**. São Paulo: Paulus, 1996. p. 17.

RESUMO

O trabalho apresenta as realidades de 13 mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios e/ou cargos de liderança, 7 de comunidades menonitas da Colômbia e, 6 de comunidades Luteranas do sul do Brasil, em relação com os processos de atenção que elas recebem para enfrentar e superar as crises próprias do exercício das suas funções ministeriais ou de liderança dentro das comunidades eclesiais. A pesquisa indaga e identifica as principais situações de crises vivenciadas por elas, as principais metodologias utilizadas para atender estas necessidades, analisa se estas têm sido efetivas na atenção dos seus dilemas particulares, esclarece algumas questões conceituais em relação aos diversos processos de ajuda que elas recebam; reflete sobre a importância e urgência de um processo de acompanhamento para com este grupo e, finalmente, apresenta algumas propostas de acompanhamento que contemplam elementos próprios da perspectiva feminista, importantes na atenção das necessidades deste grupo. A escolha das participantes, obedeceu ao fato de que a pesquisadora faz parte de uma comunidade Menonita na Colômbia e, além disso, estar por mais de quatro anos, desenvolvendo seus estudos de mestrado e doutorado numa instituição educativa de denominação luterana, o que facilitou o elemento confiança e conhecimento dos contextos a serem pesquisados. A metodologia utilizada nesta pesquisa, corresponde ao campo da pesquisa social, sendo esta uma pesquisa exploratória, de tipo qualitativo, que destaca o uso da entrevista semiestruturada, por pautas, a qual, fazendo uso de perguntas específicas e, com certo grau de estruturação sobre a temática, permitiu às participantes discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada, mas, abordando os pontos de interesse que a pesquisa almejava, possibilitando assim, a troca de experiências entre as entrevistadas e a entrevistadora, o que enriqueceu o processo. A estruturação da entrevista facilitou a categorização da informação e sua análise, evidenciando situações de desconfiança, hierarquias e, mostrando que este grupo não está recebendo o acompanhamento adequado, de parte das lideranças de suas comunidades, que lhes ajude a superar as situações de crises de forma apropriada, devido a inexistência de programas de acompanhamento que contemplem suas necessidades particulares. Algumas descobertas significativas deste trabalho que podemos destacar é a necessidade imperiosa de programas de acompanhamento voltadas, entre outros aspectos, para as necessidades particulares de constituição de confiança, de escuta e acompanhamento que este grupo precisa. Ficou então patente a percepção da necessidade de fomentar um acompanhamento integral, abrangente e continuado em situações de crise, de forma a alcançar não apenas a pessoa em situação de crise, mas, também, de alcance comunitário, como parte do conjunto de ações públicas que acolham essa questão.

Palavras chaves: Acompanhamento. Mulheres “não casadas”. Ministério. Crise. Aconselhamento. Teologia Feminista.

ABSTRACT

The work presents the realities of 13 “unmarried” women involved in ministries and/or leadership positions, 7 from Mennonite communities in Colombia and 6 from Lutheran communities in southern Brazil, in relation to the processes of care they receive to face and overcome the crises inherent to the exercise of their ministerial or leadership functions within ecclesial communities. The research investigates and identifies the main crisis situations experienced by them, the main methodologies used to meet these needs, analyzes whether these have been effective in dealing with their particular dilemmas, clarifies some conceptual issues in relation to the various aid processes they receive; reflects on the importance and urgency of an accompaniment process for this group and, finally, presents some accompaniment proposals that include elements of the feminist perspective, important in meeting the needs of this group. The choice of participants was due to the fact that the researcher is part of a Mennonite community in Colombia and, in addition, has been developing her master's and doctoral studies in an educational institution of Lutheran denomination for more than four years, which facilitated the element of trust and knowledge of the contexts to be researched. The methodology used in this research corresponds to the field of social research, which is an exploratory research, of a qualitative type, which highlights the use of semi-structured interviews, by themes, which, using specific questions and, with a certain degree of structuring on the theme, allowed the participants to discuss the topic in question without being tied to the question formulated, but addressing the points of interest that the research aimed at, thus enabling the exchange of experiences between the interviewees and the interviewer, which enriched the process. The structuring of the interview facilitated the categorization of information and its analysis, evidencing situations of distrust, hierarchies and, showing that this group is not receiving adequate accompaniment from the leaders of their communities, which would help them to overcome situations of crisis of in an appropriate way, due to the lack of accompaniment programs that address their particular needs. Some significant findings of this work that we can highlight is the imperative need for accompaniment programs aimed, among other things, at the particular needs of building trust, listening and monitoring that this group needs. The perception then became evident of the need to promote an integral, comprehensive and continuous accompaniment in crisis situations, in order to reach not only the person in a crisis situation, but also the community, as part of the set of public actions that deal with this issue.

Keywords: Accompaniment. “Unmarried” women. Ministry. Crisis. Counseling. Feminist Theology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Casamento e união livre	46
Figura 2 – A sequência da crise.....	73
Figura 3 – Palavra “crise”	75
Figura 4 – Aconselhamento e Psicoterapia - pontos de encontro e diferenças	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tipos de crise – definição e características	68
Tabela 2 - Fases/seqüência da crise (Hoch – Maldonado).....	73
Tabela 3 - Aconselhamento e Psicoterapia – diferenças e semelhanças	147
Tabela 4 - Representatividade da liderança feminina na IECLB 2006 e 2020...	165

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
2 MULHERES “NÃO CASADAS”, LIDERANÇA MINISTERIAL E EXPERIÊNCIAS DO COTIDIANO: AS CRISES E SUAS DIVERSAS MANIFESTAÇÕES	39
2.1 DEFININDO O PONTO DE PARTIDA PARA A ANÁLISE CONTEXTUAL E TEOLÓGICA	40
2.1.1 Definidores do “ <i>status</i> ” das “não casadas” no contexto social atual	41
2.1.2 Algumas questões Jurídicas em relação as mulheres “não casadas” na atualidade	45
2.1.3 Experiências das mulheres “não casadas” como ponto de partida epistemológico	50
2.1.4 Teologia Feminista, mulheres “não casadas”, crises e ministérios...	54
2.2 CARACTERÍSTICAS GERAIS E CONCEITUAÇÃO DAS CRISES	62
2.2.1 Classificação dos tipos de “crises”	64
2.2.2 Alguns sinais de possíveis estados de crise	69
2.2.3 Fases/sequência das crises	72
2.3 SITUAÇÕES DE CRISES COMO OPORTUNIDADES DE CRESCIMENTO ..	74
2.3.1 As Crises desenvolvimentais e a meia idade	79
2.3.2 Estados de crise e sua relação com o luto	84
2.3.3 Alguns exemplos sobre o tema da crise no texto bíblico	90
2.4 O SOFRIMENTO COMO CARACTERÍSTICA CENTRAL DAS REALIDADES NOS CONTEXTOS SOCIAL E ECLESIAL ATUAIS	97
2.4.1 Um mundo em sofrimento: Características espaciais	98
2.4.2 Uma Geração em sofrimento: Características temporárias	100
2.4.3 Pessoas em sofrimento: características individuais	103
2.4.4 Ministras e liderança feminina em sofrimento: A particularidade das mulheres “não casadas” em ambientes eclesiais	108
2.5 MULHERES “NÃO CASADAS” MINISTÉRIO E CRISES PARTICULARES: BREVES TESTEMUNHOS.....	114
3 MULHERES “NÃO CASADAS”, LIDERANÇA MINISTERIAL E MECANISMOS DE AJUDA EM SITUAÇÕES CONFLITIVAS E DE CRISES	125
3.1 DIVERSAS CONFIGURAÇÕES E PRÁTICAS DO ACONSELHAMENTO: AFINIDADES E CONTROVÉRSIAS	127
3.1.1 Conceituando o aconselhamento	130
3.1.2 O aconselhamento na perspectiva pastoral	132
3.1.3 Aconselhamento na perspectiva cristã.....	139
3.1.4 Aconselhamento na perspectiva psicológica.....	140
3.1.5 Aconselhamento e Psicoterapia	142

3.1.6 Cuidado Pastoral e Poimênica	148
3.1.7 Aconselhamento pastoral e Cura d'almas	153
3.1.8 Aconselhamento e Psicologia Pastoral	154
3.1.9 Aconselhamento e Conversação pastoral	155
3.2 DIVERSIDADE DE INTERAÇÕES PRESENTES NAS METODOLOGIAS DE AJUDA.....	157
3.2.1 Interação no processo de aconselhamento	157
3.2.2 Interação no processo do Aconselhamento Pastoral	158
3.2.3 Interação no processo da psicoterapia	159
3.2.4 Interação no processo da poimênica.....	161
3.2.5 Interação no processo de aconselhamento psicológico	162
3.2.6 Interações no processo de Cuidado Pastoral e cura d'almas	163
3.3 DESCOBRINDO E ANALISANDO OS MECANISMOS DE AJUDA E SUA INFLUÊNCIA NA VIDA MINISTERIAL DAS MULHERES “NÃO CASADAS”: De onde me vem o socorro?.....	164
3.3.1 Principais dificuldades.....	166
3.3.2 Lidando com as sequelas	169
3.3.3 Atenção em tempos de crises	171
3.3.4 Acionando os mecanismos de luta contra o “desamparo” eclesial	173
3.3.5 De onde veio o “auxílio”? Os aportes do entorno	176
3.3.6 Eficácia dos processos de ajuda	180
4 IMPORTANCIA DO ACOMPANHAMENTO NA VIDA MINISTERIAL DAS MULHERES “não casadas”	185
4.1 ACOMPANHAR E ACOMPANHAMENTO: ALGUMAS QUESTÕES ETIMOLÓGICAS ESCLARECEDORAS.....	186
4.1.1 Significado da palavra ou termo acompanhar	187
4.1.2 Significado da palavra ou termo acompanhamento	189
4.1.3 Um exemplo da cotidianidade: Conhecendo sobre as comunidades de “malungos” no Brasil.....	191
4.1.4 Importância de espaços e/ou mecanismos de acompanhamento específicos para mulheres “não casadas” nas comunidades	194
4.2 FUNDAMENTAÇÃO DO ACOMPANHAMENTO COMO PRÁTICA PASTORAL	199
4.3 ALGUMAS FORMAS TRADICIONAIS DE COMPREENDER/ENTENDER O ACOMPANHAMENTO.....	210
4.3.1 Acompanhamento Espiritual	210
4.3.2 Acompanhamento vocacional	214
4.3.3 Conversação, diálogo ou Direção espiritual	216
4.3.4 Acompanhamento “Psicológico”	219
4.3.5 Acompanhamento psicoterapêutico	223
4.3.5.1 <i>As terapias tradicionais orientadas à análise.....</i>	<i>223</i>
4.3.5.2 <i>As terapias condutais-cognitivas</i>	<i>224</i>
4.3.5.3 <i>As terapias das potencialidades humanas</i>	<i>225</i>
4.3.5.4 <i>As terapias de crescimento espiritual.....</i>	<i>225</i>
4.3.5.5 <i>As terapias sistemáticas e radicais.....</i>	<i>226</i>
4.4 O LUGAR DA ESCUTA NOS PROCESSOS DE ACOMPANHAMENTO	227

4.5 ACOLHENDO E VISIBILIZANDO REALIDADES EM RELAÇÃO COM ESPAÇOS DE ESCUTA.....	230
4.6 A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA EMPÁTICA: UMA “ARTE” COMPLEXA...	234
4.7 O LABOR DA PESSOA QUE ACOMPANHA E SEU IMPACTO NO PROCESSO DE ACOMPANHAMENTO	240
5 MULHERES “NÃO CASADAS” E ACOMPANHAMENTO, DESDE A / OU, EM PERSPECTIVA FEMINISTA	245
5.1 IMPORTÂNCIA DE “FAZER PRESENÇA” NO ACOMPANHAMENTO	246
5.2 ACOMPANHAMENTOS COM OBJETIVOS ESPECÍFICOS	250
5.3 IMPORTÂNCIA DO “FEMININO” NO ACOMPANHAMENTO COM MULHERES “não casadas” ENVOLVIDAS EM MINISTÉRIOS.....	256
5.3.1 Experiência feminina “de” Deus e Espiritualidade	258
5.3.2 Expressão do feminino “em” Deus	262
5.4 A COMUNIDADE ECLESIAL E SEU PAPEL NO ACOMPANHAMENTO COM MULHERES “não casadas”	265
5.4.1 A comunidade eclesial como Comunidade de Saúde Integral, Sanadora e “Terapêutica”	268
5.4.2 A comunidade eclesial como Comunidade Inclusiva, de Iguais.....	271
5.4.3 A comunidade eclesial como Comunidade de Apoio - Solidaria.....	276
5.5 RESGATANDO O SENTIDO DO ACOMPANHAMENTO	278
5.5.1 Acompanhamento nos caminhos do “Emaús” do Século XXI.....	280
5.5.2 A Sororidade, um estilo particular de acompanhamento feminista?	286
5.5.3 Acompanhamento como processo de Crescimento pessoal.....	289
6 CONCLUSÃO	295
REFERÊNCIAS.....	305
ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	319
ANEXO 2 - TERMINO DE CONCENTIMIENTO	321
ANEXO 3 - CARTA CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM ENTREVISTAS	322
ANEXO 4 – ROTEIRO PARA ENTREVISTA	324
ANEXO 5 – ENTREVISTAS.....	325

1 INTRODUÇÃO

Homens e mulheres têm sido, são e serão, em algum momento de suas vidas, protagonistas de situações conflitivas que podem desencadear diversos tipos de crise; sejam elas desenvolvimentais, existenciais, espirituais ou de fé; circunstanciais, estruturais ou de desvalia; ou, ainda, ser crises econômicas políticas ou de valores, as quais podem ter diversas origens, como por exemplo: mudanças drásticas nas rotinas cotidianas de trabalho ou estudo; situações inesperadas, acidentes graves, diversos tipos de perdas, questões relacionadas com o amadurecimento biológico da pessoa (idade, saúde, relacionamentos), entre outros tantos. Tudo o anterior faz parte da vida das pessoas e, entre elas, se encontram as mulheres “não casadas” (solteiras, separadas, divorciadas, viúvas e em regime de união estável), envolvidas em trabalhos ministeriais ou de liderança em diversas comunidades eclesiais.

Este trabalho tem por objetivo chamar a atenção frente às formas ou modelos “tradicionais” com os que se tem atendido as necessidades deste grupo e, em especial, reflete sobre o “equivoco” de considerar o aconselhamento pastoral como a única forma de atendê-las; ou mais ainda, acreditar que aconselhamento e acompanhamento sejam a mesma coisa ou cumpram a mesma função.

A intenção não é colocar limites conceituais rigorosos, porém, e tendo como tema de fundo as experiências destas mulheres, é analisar e responder à tese sobre: quais os mecanismos de ajuda exercidos com este grupo, para a atenção de suas necessidades e crises, se têm sido os adequados e se têm sido eficazes. Além disso, conhecer os principais tipos ou situações de crises vivenciadas por elas (sexualidade, solteirice, divórcio, separação, viuvez, assédio moral, sexual ...); no desempenho de suas funções; investigar sobre os conceitos e características tanto do aconselhamento como do acompanhamento, que permitam uma melhor compreensão destas práticas, suas diferenças e possibilidades como opções de atenção as crises vivenciadas por elas. Finalmente, apresentar algumas das características mais relevantes e significativas do acompanhamento, desde a perspectiva feminista, a fim de recuperar sua importância e pertinência nos processos de atenção das suas necessidades específicas. Cada um destes tópicos será abordado num capítulo.

Acompanhar é uma arte e, segundo alguns dicionários, arte tem a ver com habilidade, disposição e práticas conscientes para o logro de uma finalidade específica. Há quem defina acompanhar como estar ou ficar com ou junto a (alguém), constantemente, durante certo tempo ou, como conviver ou compartilhar as mesmas situações, entre outras várias definições. Mas o que significa isto realmente, quando se trata de acompanhar a pessoas específicas, em situações conflitivas e em espaços determinados, neste caso, as mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios ou cargos de liderança?

Antes de continuar, quero compartilhar uma experiência particular, apresentar algumas questões muito significativas que me motivaram a iniciar a caminhada que, nestes momentos, se encontra numa espécie de ponto de inflexão importante para o trabalho ministerial que tenho desempenhado, mas também, para minha vida pessoal. Trata-se da minha própria experiência. Decido apresentá-la porque, como pesquisadora, este trabalho reflete muito da minha busca por encontrar respostas a situações que considerava particulares, únicas e das quais só eu me sentia responsável; no entanto, no decorrer do meu caminhar cristão, tenho me deparado com muitas outras mulheres com experiências similares que, assim como eu, estão procurando respostas. Os seus testemunhos me permitiram entender que não era por acaso que estava pesquisando sobre esta temática. A partir deste entendimento, o pensamento mais recorrente foi: “eu também preciso falar”, “eu também preciso ser escutada”, “a minha experiência também é válida”, “o que eu tenho a dizer também é importante”; não só como pesquisadora, mas, também, como mulher não casada e preta, envolvida em trabalhos ministeriais e de liderança.

Sintetizo esta minha experiência consciente e ativa, no mundo eclesial, em três grandes momentos vivenciados em vários espaços, de duas comunidades eclesiais que têm marcado de forma significativa meu caminhar formativo, cristão e teológico, sem pretensões de impor ela como modelo, mas sim, para que junto com as outras sirvam como base para a reflexão. O primeiro começa quando tinha 11 anos, e pedia para o meu pai me levar à escola dominical na Igreja Presbiteriana onde ele participava como membro da diretoria (Consistório). Ali aparece minha primeira imagem. É a da professora de escola dominical do grupo de adolescentes do qual fazia parte. Seu nome? Idaly. Tinha uns 10 anos a mais, era uma pessoa tranquila, nada “ativista” ou criativa, mas, uma pessoa disposta para escutar, acolher as

propostas daqueles que a tinham, e que, em muitos casos, éramos os próprios integrantes do grupo: os adolescentes.

Sua capacidade de escuta e entrega ao grupo marcaram minha vida até hoje. Minha perspectiva, naquele tempo, era que ela estava ali, simplesmente, para “fazer presença”; para estar disposta para quando precisássemos ser escutados e escutadas. Sua forma de ser com o grupo transmitia confiança; ela sempre tinha tempo para se acercar e conversar comigo e perguntar como estava. Esse simples gesto, para mim, era muito importante. Mostrava-me que alguém se importava por mim e queria saber como me sentia. Pensava que, em caso de precisar algo, havia alguém perto que poderia me ajudar, eu podia confiar nela. A admirava muito, queria ser como ela; ter essa capacidade, disposição e tranquilidade para escutar, ajudar e “estar presente”, sempre que alguém necessitasse. Seu exemplo foi fundamental na minha decisão de, posteriormente, trabalhar na área de pastoral.

Aos 14 anos não quis voltar mais na igreja, pois descobri que fora dela, haviam outras atividades mais “atraentes”. Aos 18 anos participei de um acampamento de jovens que tive de participar por obrigação. Numa das atividades do último dia, tive meu “encontro pessoal com Deus”. Ali, sem me sentir pressionada, senti o Seu chamado. Voltei à igreja, comecei as classes de batismo e quatro meses depois fui batizada. Pouco tempo depois, fui eleita como vice-presidenta e representante do grupo de jovens, e logo fui chamada pela liderança da igreja para coordenar as atividades da escola dominical das crianças entre 3 - 14 anos e, dois anos mais tarde, a fazer parte da liderança da igreja (Consistório), do qual fiz parte por 6 anos. Ao todo foram 9 anos, nos quais vivenciei diversos momentos de crises gerados por situações de racismo, discriminação e exclusão.

Como líder, se supunha que era o suficientemente madura (na fé) para superar as dificuldades “sozinha”, só entre Deus e eu. Não podia mostrar debilidade, era um exemplo a seguir; tinha de ser forte. Por isso, era a líder. Era isso o que se dizia e o que me diziam. Na verdade, foram as experiências vivenciadas nestes 9 anos, as que fizeram de mim uma pessoa “muito forte”, por fora. No entanto, por dentro, continuava a ser a menina que necessitava e pedia aos gritos um abraço, ou alguém para me escutar, alguém com quem compartilhar o que acontecia, mas já não havia ninguém. As três pessoas do grupo de jovens com quem poderia compartilhar viviam longe. Sentia-me muito sozinha, sentia que não podia mais. Finalmente,

minhas crises foram tão fortes que decidi renunciar a todas as atividades e mudar de cidade. Pensei que essa era a única saída.

Na nova cidade, acontece o segundo momento marcante na minha vida de liderança ministerial. Este, numa igreja de corte anabatista, onde quatro meses depois comecei a trabalhar como secretária, porém, meu desejo era continuar trabalhando na área de pastoral com adolescentes. Assim, depois de seis meses, falei com o pastor e me ofereci para organizar o grupo dessa comunidade, porque nesse momento não havia grupo de adolescentes. Lembro que algumas pessoas os chamavam de “*aborrecentes*” e não havia ninguém que desejasse trabalhar com eles. Ali o exemplo marcante da minha professora na adolescência voltou a minha mente, com mais força. A diferença era que, desta vez, o grupo era um grupo de adolescentes de cidade grande, muito diferente do grupo da cidadezinha do interior. Ainda assim, iniciaram-se os trabalhos e, pouco depois, havia um bom número de adolescentes participando e um grupo de 4 pessoas dispostas para trabalhar com eles.

Passados dois anos, tive a oportunidade de vir para o Brasil num período de intercâmbio e fazer uma pesquisa sobre o trabalho com os grupos de adolescentes de 5 comunidades menonitas do Paraná. Este período reforçou o desejo de me preparar mais e melhor, para poder exercer o trabalho de liderança com eficácia. Então, depois de 15 meses, voltei a Bogotá e continuei meus estudos no Seminário Bíblico Menonita de Colômbia (SBMC). Nessa mesma época fui chamada para coordenar a área de Educação Cristã, na comunidade que também oferecia cobertura para as outras comunidades pertencentes à regional. Depois de três anos, terminada minha formação teológica no SBMC, onde recebi o grau de Bacharel Superior em Teologia, obtive uma bolsa para continuar os estudos na Universidade Bíblica Latino-americana (UBL), na Costa Rica, onde obtive meu grau de Licenciatura em Teologia. Isto interrompeu o trabalho que vinha desempenhando.

Este segundo momento da minha vida também esteve marcado por diversas crises, emocionais, de fé e, também, de autoridade, só que, para este momento, podia compreender melhor que todas elas decorriam dos sistemas religiosos e sociais opressores que, além de “julgar” meu estado civil, julgavam os espaços nos quais me era permitido participar como mulher preta ou como solteira. A pressão por passar de “certa idade” e não estar casada vinha tanto da sociedade, quanto da mesma comunidade. “Deus tem alguém especial para você”, diziam alguns; “você e fulano,

fariam bom casal”, diziam outros, e, na comunidade, ausência total de atividades ou programas de acompanhamento para pessoas “não casadas”, líderes ou não da comunidade, onde poder encontrar atenção.

Não foram anos fáceis liderando estes espaços, me ocupando das necessidades de outras pessoas, enquanto minhas necessidades de atenção e acompanhamento ficavam de lado. Lembro aqui o apoio especial e a motivação da minha família, que insistiram para que não desistisse e conseguisse alcançar a meta proposta, assim como, também, da minha amiga Alix, que me acompanhou escutando-me em vários momentos difíceis.

A partir de 2009, começou o terceiro momento marcante da minha vida. Ao terminar meus estudos de Licenciatura na Costa Rica, recebi o convite da liderança de uma instituição para fazer parte de um “corpo colegiado” que substituiria a diretora que terminava seu período. Foi um desafio que aceitei convicta de que, mais do que um chamado da diretoria, era um chamado da parte de Deus. Eles e elas tinham percebido minha trajetória, analisado e reconhecido os trabalhos anteriores e pensaram que eu reunia os requisitos para desempenhar a função requerida. Iniciei este novo desafio em janeiro de 2010 na função de assistente administrativa. Um ano depois, fui nomeada como assistente acadêmica e administrativa e, pouco depois, como administradora executiva. Devo dizer que sempre achei, estranhos os nomes que foram inventados para evitar me intitular como diretora, mesmo desempenhando todas as funções da diretora anterior, além de várias outras, correspondentes ao cargo da pró-reitora acadêmica.

Inicialmente não conseguia entender o que acontecia, sendo que depois dos dois primeiros anos ficou evidente minha competência e habilidade, além de ter alcançado a qualificação acadêmica mínima exigida para ser chamada de diretora. Esta situação foi questionada em várias ocasiões, porém, as respostas sempre foram evasivas ou “respondidas” com silêncios. A convicção do meu chamado me fazia permanecer apesar das dificuldades, até que, finalmente, em março de 2015, decidi dar por terminado este período.

Nesses últimos cinco anos trabalhando na liderança deste espaço, foram muitas as satisfações, sim; muitos os desafios superados, sim; mas, também, foram muitas vezes nas quais vivenciei situações de discriminação, exclusão, desrespeito, menosprezo e racismo, muitas delas amparadas no cumprimento dos “processos

seletivos”, da “qualificação” da instituição ou dos “limites orçamentários”. Muitas vezes perguntei-me o porquê dessas atitudes, do menosprezo do meu trabalho, o qual estava sendo realizado com honestidade, qualidade, dedicação e, além disso, dando bons resultados. Perguntava-me o que eu tinha feito ou estava fazendo de errado? Porque assim temos sido ensinadas as mulheres; a nos culpar pelo que fazemos ou deixamos de fazer, pelo que dizemos ou deixamos de dizer e, até, por aquilo que podemos chegar a pensar ou não, mesmo estando tudo certo, porque outros e outras se têm tomado a atribuição de “pensar por nós”. Ou acaso não temos ouvido infinidade de vezes das pessoas: “Ah, ... é que eu pensei ou, nós pensamos que... o melhor seria...” ou outras expressões similares que, geralmente, refletem o sistema patriarcal que se auto outorga o “direito” de “querer” decidir o que nós devemos sentir ou pensar, como mencionado por Lagarde.

Olhando bem, este panorama parece sombrio, mas é porque ele é sombrio mesmo. E é real também. É parte da realidade que vivenciamos muitas das pessoas “não casadas”, como eu, que trabalhamos ou participamos na liderança de espaços eclesiais. E, mais ainda, deve ser dito aqui que, durante todos estes anos, desde os 18 anos, no início, na Igreja Presbiteriana, até minha renúncia ao último trabalho, não houve nenhuma iniciativa concreta de parte das duas comunidades que apontaram ou se preocuparam pelas mulheres “não casadas” da liderança ou por mim, pela nossa saúde mental, nossas necessidades ou crises particulares.

Contudo, por mais que isto tenha sido real no meu caso, e continue sendo uma realidade na vida de muitas mulheres líderes na atualidade, como poderá ser percebido nos testemunhos desta tese, não significa que deva continuar sendo assim. Existem, ainda, sombras que devem ser dissipadas conforme os testemunhos das 13 mulheres entrevistadas, além do meu; e é por esta causa, entre outras, que este trabalho, adquire relevância.

Mas, voltando à pergunta sobre o que significa realmente acompanhar a pessoas específicas, em situações conflituosas e em espaços determinados, é possível dizer que este assunto veio me inquietando e crescendo desde os anos de juventude, especialmente a partir do meu trabalho e da participação nesses diversos espaços eclesiais. Eles me permitiram ver de perto e vivenciar algumas situações que requeriam formas especiais de serem atendidas, porém, não foi assim, e as

inquietações como as já mencionadas e outras tantas, se constituíram em pano de fundo das minhas pesquisas ao longo da minha formação teológica.

No entanto, a temática do acompanhamento ainda não tinha sido abordada, por diversos motivos. Daí a opção por trabalhar ela nesta nova pesquisa. Outro detalhe tem sido pensar que, assim como os pastores homens passam por situações difíceis causantes de muita dor, crise e sofrimento que precisam ser atendidas, como evidenciado nos trabalhos de Thomas Heimann¹ e de João Rainer Buhr², as mulheres que trabalham nestes espaços também as vivenciam, portanto, elas também merecem atenção igualmente especializada.

Continuar, então, pesquisando sobre estes assuntos em relação com este grupo em especial, tem representado para mim um grande desafio, por vários motivos. Primeiro, por ser uma temática muito específica (acompanhamento), relacionada com um público igualmente específico, (mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios ou cargos de liderança), do qual eu mesma faço parte, sendo, portanto, o desafio principal, não converter a pesquisa num estudo de caso, que contemplasse só um ponto de vista. Segundo, por apresentar um caráter “intercultural” e “interdenominacional”, conquanto envolve comunidades colombianas e brasileiras e, mulheres luteranas e menonitas, mas que, em algum momento do seu caminhar cristão, também fizeram parte de outras comunidades de outras denominações; e, terceiro, pelo fato de que, no idioma português, o termo acompanhamento não é um termo “comum” em se tratando de literatura relacionada com a área da pastoral e os espaços eclesiais de ajuda, mas sendo um termo mais habitual neste contexto o de aconselhamento. Isto passou a representar um grande desafio a superar em questão de material bibliográfico.

Para tentar responder à tese proposta no começo, foram sugeridos os seguintes objetivos específicos: 1) conhecer alguns dos principais dilemas pessoais e particulares que subjazem no dia a dia das práticas ministeriais das mulheres “não casadas”; envolvidas em ministérios e/ou cargos de liderança em comunidades

¹ HEIMANN, Thomas. **Imagem e identidade pastoral**: a desidealização do ministério pastoral a partir da teologia da graça proposta por Lutero. São Leopoldo, RS, 2016. 400 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2016 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/702/1/heimann_t_td151.pdf. Acesso em 20 jul. 2021.

² BUHR, João Rainer. **O sofrimento do Pastor**: Um mal silencioso enfrentado por Paulo e por pastores ainda hoje. Curitiba, PR: Editora Esperança, 2017.

eclesiais; 2) Descobrir dentre os testemunhos quais são ou quais tem sido as metodologias e/ou estratégias específicas de “acompanhamento”, desenvolvidas com elas, para a superação ou enfrentamento dos seus dilemas e crises particulares; 3) Refletir sobre a relevância ou pertinência de um acompanhamento “particular” “especializado” ou “diferenciado” para, ou com as mulheres “não casadas”, em comunidades eclesiais, e, 4) propor alternativas de acompanhamento/s que, desde a perspectiva feminista, e entre suas principais ações, considerem de forma significativa as experiências e necessidades particulares deste grupo. Em cada capítulo deste trabalho é abordado um destes objetivos.

Outras justificativas que sustentam o trabalho, além de algumas já mencionadas, giram em torno do fato de que são quase inexistentes as pesquisas que abordem temáticas como esta, como infrequentes são as propostas de acompanhamento por parte das comunidades para este grupo de mulheres. Existem, sim, muitos trabalhos sobre mulheres “casadas” em exercício de ministério, suas lutas e preocupações, mas isto de forma alguma abrange ou nega a existência da problemática específica das mulheres “não casadas” que precisam ser ouvidas e atendidas.

Metodologicamente, o processo da pesquisa foi dividido em várias fases. Inicia com uma **fase preparatória**, cujo primeiro passo consistiu na revisão de material bibliográfico, sobre os principais tópicos que se desejavam abordar na pesquisa (mulheres “não casadas”, experiências conflitantes, crises, mecanismos de ajuda, ministério e acompanhamento), o que inclui dissertações, livros, artigos de revistas, dicionários e artigos científicos, entre outros, encontrando-se nisto dificuldade de achar documentos em português que falassem diretamente sobre o assunto do acompanhamento e, muito menos, em relação com este enfoque em particular.³ Em

³ Isto foi constatado em 21 nov. 2018 quando realizei um levantamento do material bibliográfico existente na biblioteca da EST em relação a este tema, donde o total de obras arroladas pelo sistema sob a palavra “acompanhamento” foram 193 em relação a 586 sob a palavra aconselhamento. Além, alguns deles, nem sequer tinham a ver com questões pastorais. Depois de uma revisão minuciosa a classificação resultante permitiu perceber que os documentos abordavam os seguintes tópicos particulares música (118); Acompanhamento Espiritual/terapia hospitalar com pacientes com doenças terminais (21); Acompanhamento pedagógico institucional /Capacitação para trabalho hospitalar com pacientes terminais (13); Acompanhamento clínico pastoral (6); Acompanhamento e luto (5); Acompanhamento pastoral a famílias/pessoas com autismo (4); Acompanhamento no desenvolvimento – Humano/educativo e psicológico – das crianças (4); Acompanhamento Espiritual (3); Acompanhamento com migrantes (3); Acompanhamento e cuidado/diaconia (2); Acompanhamento vocacional (2); Gênero e corporeidade (2); cuidado da Igreja e VIH (2); Coaching e aconselhamento (2); Direitos Humanos (1); Acompanhamento a crianças abusadas sexualmente

seguida, se elaborou o projeto de pesquisa, no qual se definiram todos os elementos que a orientariam, o qual foi submetido, junto com o roteiro da entrevista, o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e o termo de anuência (para as mulheres colombianas), ao conselho de ética em pesquisa (CEP) da Faculdade EST, devidamente aprovados para sua execução. Alguns dos conceitos mais importantes propostos no projeto para serem abordados são Acompanhar e Acompanhamento, Aconselhamento, Espiritualidade, Ministério, Mulheres “não casadas” e Teologia Feminista, entre outros.

Acompanhar e acompanhamento atenderá a proposta de Daniel Schipani, que sugere uma mudança no papel exercido pela pessoa aconselhadora, para se tornar uma pessoa “companheira de Viagem”. Junto com isto, também será fundamental a proposta de Antonio Ávila, que aborda o tema do Acompanhamento Pastoral desde quatro perspectivas, buscando dar resposta a um sem-número de questionamentos ao redor deste assunto. Também será explorada a proposta da tradição dos jesuítas que sugere a observação de oito dimensões de ação do acompanhamento. **A Espiritualidade** considerada como categoria de análise também fundamental, contemplará a perspectiva proposta por Georgina de Zubiría, quem enfatiza o humano da *Ruah* de Deus que habita, se reconhece e se expressa no ser humano, com o propósito de descobrir alguns rasgos da espiritualidade cristã desde as mulheres, sendo que suas experiências são o eixo central deste trabalho; pois são estas experiências as que lhe dão o “toque” diferencial. Outros aportes provirão de: Salvador Verón Cárdenas, Isabel Gómez Acebo e Lola Arrieta. A categoria **Ministério** propõe entender este, desde *a perspectiva de um labor exercido sem supremacias nem hierarquias*, como proposto por Catalina F. de Padilla, e, em sintonia com o conceito de inter-relação e interdependência proposto por Ivone Gebara. A categoria **Mulheres “Não casadas”** aborda algumas das principais características jurídicas de mulheres solteiras/nunca casadas, separadas, divorciadas, viúvas e as que se encontram numa união de regime estável. Este último grupo também é importante, por incluir e mostrar as realidades de mulheres que não se enquadram no padrão aceitável pré-estabelecido do casamento. A categoria Teologia Feminista será outro eixo transversal que permitirá revisar e analisar as experiências das mulheres “não

(1); Acompanhamento Ecuménico (1); Cuidado de cuidadores (1) e Cuidado espiritual e Psicoterapêutico (1).

casadas” em relação com a comunidade eclesial, mas também, com a sociedade; permitindo descobrir aquilo que afeta suas vidas e dificulta seus ministérios. Esta, toma como base a influência das relações de gênero nas suas experiências e além, permite a implementação de novas propostas de leituras e, caso necessário, a redefinição de conceitos teológicos relacionados com o tema. Também critica os aspectos tradicionais religiosos que fundamentam as discriminações; resgata e promove elementos libertadores e afirmadores de dignidade que estão na raiz do cristianismo. Marcela Lagarde, Sallie Mcfague, Letty M Russell e Elisabeth Schüssler Fiorenza, entre outras, servirão de base para esta reflexão.

Além das contribuições já mencionadas, se contará com subsídios vindos de autores e autoras de diversas áreas do conhecimento, da teologia pastoral, antropologia, psicologia e teologia bíblica, entre os que se mencionam: Cecilia Villarreal, Elisabeth Kübler-Ross, Mariluce E. M. August, Blanchés de Paula, Lothar Carlos Hoch, Henry Nouwen, Howard Clinebell, Ruth Scheeffler, Roseli Margareta Kühnrich de Oliveira, Rodolfo Gaede Neto, Heije Faber / Ebel Van Der Schoot, Lewis E. Patterson / Sheldon Eisenberg, Ronaldo Sathler-Rosa, Anete Roese, Rafael Zaracho, María Rupérez Martínez, Salvador Verón Cárdenas, Carlos Rafael Cabarrús e Domenico Casera, entre outros e outras.

Não se trata de esgotar a temática, o que seria uma pretensão absurda, mas sim, se pretende, até certo ponto, ter uma base firme que permita a reflexão profunda sobre a temática, esboçar algumas das principais definições e de conceitos mais utilizados e/ou conhecidos, com o propósito de conhecê-los melhor e, assim, poder perceber de que forma eles afetam a vida deste grupo e encontrar elementos que apontem para melhorar o trabalho de acompanhamento para com elas.

Sendo assim, um dos aspectos mais significativos desta pesquisa constitui o trabalho de campo, que contempla as vivências de 13 mulheres líderes de comunidades eclesiais, sete pertencentes a comunidades eclesiais menonitas da Região central da Colômbia (Bogotá) e seis de comunidades luteranas, das regiões Sudeste e Sul do Brasil (Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). O grupo está conformado por 5 mulheres divorciadas 5 solteiras e 2 viúvas, todas acima de trinta anos. As participantes colombianas foram escolhidas na sua totalidade pela

pesquisadora,⁴ e a escolha das participantes brasileiras foi realizada conjuntamente com o orientador do doutorado, em vista do desconhecimento da pesquisadora das possibilidades de candidatas.⁵

Algumas, ao momento da realização deste trabalho, encontravam-se exercendo labores ministeriais ou cargos de liderança em alguma comunidade eclesial e outras já tinham exercido algum cargo ou labor ministerial, no mínimo, por mais de cinco anos. Para efeitos deste trabalho, este conjunto de mulheres compõem a categoria denominada aqui como mulheres “não casadas”, por considerar este nome como o mais adequado para a agrupação de mulheres que não possuem nenhum vínculo matrimonial oficial, sendo este um dos focos centrais do trabalho. Observa-se aqui que a opção de apresentar cada uma destas mulheres com nomes de flores, com o intuito de resguardar suas identidades.

A metodologia que se utiliza para esta pesquisa corresponde ao campo da pesquisa social, sendo esta uma pesquisa exploratória,⁶ de tipo qualitativo⁷, cuja função é a de lançar luzes sobre a temática a pesquisar. Salienta-se aqui a importância do uso das entrevistas que, conforme Maria de Lourdes Ornellas, possibilitam a troca de experiências entre quem é entrevistada e quem a entrevista, concedendo a ambas as pessoas o tempo de fala e de escuta, permitindo a

⁴ A escolha foi consultada e discutida com o orientador do trabalho de mestrado.

⁵ Foram-me fornecidos vários nomes de possíveis participantes, resultante numa lista de 8(oito) candidatas, das quais se escolheram inicialmente 6 (seis), segundo a proposta do projeto de pesquisa. Duas ficaram na reserva, por se alguma das inicialmente convidadas, não aceitasse o convite para participar. A pesquisadora se encarregou da consecução de alguns dos endereços eletrônicos e da elaboração de uma carta padrão que incluía a apresentação da pesquisadora, parte da sua biografia acadêmica, explicação e informação sobre a proposta (objetivos, metodologia, etc.) a qual foi enviada a cada uma com cópia ao orientador como ponto de referência. Esta incluía também o convite para a participação. O processo de contato para a realização da entrevista teve que ser feito repetidas vezes, até conseguir o número de participantes proposto, pois, mesmo que se obteve uma resposta relativamente imediata, 5 (cinco); no final, só 3 (três) realizaram a entrevista. Isto obrigou a rever o listado e chamar as duas que tinham ficado na “reserva”. Destas, só uma aceitou o convite e realizou a entrevista. Isto requereu de mais um processo e análise de novas candidatas, até encontrar nova candidata e, finalmente, realizar a entrevista.

⁶ GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008., p. 27. Segundo o autor o objetivo de este tipo de pesquisa é: Proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

⁷ KAUFMANN, Jean Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013. Este tipo de entrevistas privilegia os elementos importantes e não meramente lineares. Pois nas suas palavras, “os métodos qualitativos têm como função compreender mais do que descrever sistematicamente ou medir”. p.56

aproximação entre elas. Optou-se pela entrevista por pautas⁸, semiestruturada⁹ e narrativa¹⁰.

Seguindo a sugestão das professoras Moura de S. Maria e Giannella Valeria¹¹, solicitou-se às mulheres que lembrassem experiências muito significativas no seu ambiente de trabalho, que tivessem gerado situações de crises, para, na hora da análise, descobrir elementos que evidenciassem a necessidade de espaços de acolhida, atenção, a importância da escuta, entre outros. Isto permitiu visibilizar suas narrativas, suas experiências e seus sentimentos e colocá-los como elemento fundamental dentro da chamada epistemologia feminista; o que, por sua vez, oportunizou não só obter dados meramente estatísticos ou matemáticos, mais sim, uma amostragem por acessibilidade, onde, como expressado por Gil, quem pesquisa pode selecionar os elementos mais relevantes a que tem acesso, e, de alguma forma, possam representar o universo.

Com isto, procura-se identificar, nas experiências de vida de mulheres que atendam as características deste grupo, os elementos existentes ou não, relacionados com o acompanhamento; as estratégias que têm se praticado com elas e as possíveis contradições existentes entre a prática eclesial e as experiências destas mulheres, que poucas vezes é discutida ou permanecem no silêncio e usá-los de base para a análise das suas realidades. Esta modalidade permitiu focar a entrevista nos temas de interesse da pesquisa e, ao mesmo tempo, deu abertura para as narrações espontâneas em relação ao tema, além de aprofundar em alguns dos aspectos, em razão das respostas dadas¹².

A escolha também permite mostrar a influência e abrangência das experiências de crise destas mulheres, e, entender melhor até onde os desafios e

⁸ GIL, 2014, p. 112. “A entrevista por pautas apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. [...] O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinaladas”.

⁹ MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES Romeu. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 64. “[...] que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”.

¹⁰ FLICK, Uwe. **Uma introdução a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 21-25. Neste [...] um assunto ou assuntos particulares do tema em questão, estimulam a pessoa entrevistada para aprofundar nele, possibilitando reflexões sobre a vivência relatada.

¹¹ MOURA DE S. Maria; Giannella Valeria. A arte de escutar: nuances de um campo de práticas e de conhecimento. **Revista Terceiro Incluído**; v.6. 2016

¹² GIL, 2008, p. 112.

dilemas que elas enfrentam no exercício dos seus ministérios ou cargos de liderança permeiam as fronteiras geográficas, culturais, denominacionais, etc. Não obstante, é pertinente esclarecer que o enfoque aqui apresentado não corresponde ao de estudo de caso.¹³

A fase seguinte foi a de **trabalho de campo**. As entrevistas com as mulheres colombianas foram feitas pessoalmente, no entanto, as entrevistas com as mulheres brasileiras, ainda que também tenham sido planejadas para serem realizadas de forma presencial, não foi possível devido à situação de isolamento social e quarentena, por causa da pandemia da Covid-19. Portanto, como já tinha iniciado o processo, algumas destas tiveram de ser realizadas via internet (vídeo chamada), o que não impediu a possibilidade de as entrevistadas falarem abertamente sobre os temas em questão, sem limitar-se unicamente à pergunta formulada e sem constrangimento algum (elementos importantes desta proposta metodológica). A cada uma lhe foi explicado o processo de coleta e análise de dados antes da entrevista, informação que consta no termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) que cada mulher assinou antes da entrevista e cujo modelo aparece entre os anexos deste trabalho. Para a entrevista foi elaborado um roteiro¹⁴ semiestruturado com sete questões abertas que nortearam a entrevista. A conversação foi gravada, depois foi transcrita literalmente e, posteriormente, se procedeu ao processo de lapidação, seguindo algumas das orientações de André Gattaz.¹⁵ Para ajudar a proteger a identidade das participantes, a cada uma lhe foi dado o nome de uma flor.

A terceira fase foi o **processo analítico**, iniciado logo depois de ser completado o processo de coleta de dados (leituras, entrevistas gravadas, transcritas, lapidadas e revisadas pelas entrevistadas). Procedeu-se, então, à elaboração de um documento de resumo baseado nas perguntas do roteiro para extrair com mais

¹³ LAVILLE, 1999. Esta pesquisa não constitui um estudo de caso já que, como mencionado, o assunto a pesquisar não está circunscrito só a um sujeito ou instituição em particular. Além disso, porque “O estudo de caso [...] é preferentemente usado para o fim de precisar os conhecimentos adquiridos [...] A denominação refere-se evidentemente ao estudo de um caso, talvez o de uma pessoa, mas também o de um grupo, de uma comunidade, de um meio, ou então fara referenda a um acontecimento especial”. (LAVILLE, 1999, p. 155-157).

¹⁴ Este foi aprovado pelo CEP e se inclui o modelo nos documentos anexos ao final deste trabalho.

¹⁵ GATTÁZ, André. **Lapidando a fala bruta**: a textualização em história oral. Disponível em: <http://gattaz-artigos.blogspot.com.br/2008/04/lapidando-fala-bruta-textualizao-em.html>. Acesso em: 20 jul. 2016. “Na transcrição literal há inúmeras frases repetidas, enquanto outras são cortadas pelo entrevistando ou pela qualidade da gravação; há muitas palavras e expressões utilizadas incorretamente, [...] há estrangeirismos, gírias, [...] termos que são bastante distintos quando falados ou escritos.”

exatidão a informação necessária, focando nos principais “tópicos” que o trabalho pretendia abordar, e que a mesma entrevista, por ser semiestruturada, facilitou. Esta fase requereu uma nova revisão das entrevistas feitas com as mulheres colombianas, com o propósito de extrair delas a informação que exigia a nova ênfase desta pesquisa.

Posteriormente, esta informação foi alimentando todo o trabalho da última fase, que consistiu no **processo de escrita, reflexão e construção do texto**, ao redor da pergunta central, que diz respeito à formulação do problema da tese: e que indaga: estão, as mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios e/ou cargos de liderança, sendo acompanhadas, e da parte de quem, para o enfrentamento e superação das situações conflitivas ou crises específicas que elas experimentam no desempenho de suas funções? Este processo foi então desenvolvido em quatro capítulos.

O ponto central do **segundo capítulo** aborda o tema das crises partindo das experiências de mulheres “não casadas” envolvidas em espaços ou labores de liderança ministerial, refletindo sobre a importância destas experiências como ponto de partida da análise e sobre algumas das características e conceituações das crises. O capítulo apresenta as crises como oportunidades de crescimento, descreve o sofrimento como uma das principais características dos contextos sociais e eclesiais atuais e finalmente, apresenta testemunhos sobre as crises particulares que as entrevistadas têm vivenciado especialmente dentro dos espaços eclesiais. Vale aqui mencionar que, mesmo que este não seja um trabalho “sobre” crise, e sim, sobre acompanhamento, se considera pertinente abordar esta temática por considerar que, se a intenção é acompanhar as mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios ou cargos de liderança, se deve investigar, conhecer e refletir sobre as situações que geram as crises e como estas são vivenciadas por elas.

O **terceiro capítulo** apresenta como principal característica a abordagem dos principais mecanismos de ajuda que têm sido utilizados para a atenção das diversas situações de crises vivenciadas por este grupo e qual a influência e eficácia na abordagem dos mesmos. Daí que o capítulo se encarrega de revisar de forma aprofundada o termo aconselhamento, sua relação com outros termos usados como sinônimos, com o propósito de esclarecer as particularidades ou conexões entre eles. Esta abordagem permitirá estabelecer uma base conceitual que, em primeiro lugar, ajudará a entender a função dos termos e, em segundo lugar, auxiliará na futura

elaboração de propostas específicas, que se adequem às exigências das realidades das mulheres “não casadas” que participam em diversos espaços ministeriais e/ou de liderança nas comunidades eclesiais, mas não como sendo exclusivas para este público. Aqui também se faz uso de experiências relatadas nos testemunhos.

Salienta-se que a intenção principal aqui não é fazer uma análise exaustiva dos termos para emitir juízos, superestimar um ou desestimar outro, mas sim, apresentar qual a ação ou ações particulares, as compreensões e usos, assim como também a pertinência do uso dos termos, visando a atenção adequada aos diversos requerimentos ou às necessidades provindas das realidades destas mulheres.

A estrutura do **quarto capítulo** está composta por três blocos principais, sendo que o primeiro propõe uma aproximação às diversas configurações e práticas do aconselhamento, mostrando tanto suas afinidades quanto suas controvérsias; revisa algumas questões etimológicas e conceituais sobre o que se entende acerca destes termos e esboçam, de forma breve, alguns dos principais conceitos que comumente se utilizam como sendo análogos com o intuito de oferecer esclarecimentos em relação com esta/s atividade/s. O segundo bloco aprofunda as diversas interações que se apresentam nos processos delineados no bloco imediatamente anterior, com o propósito de esclarecer o tipo de relacionamento que se dá entre as pessoas que participam destes processos. Isto servirá de base para esclarecer a suspeita da diferença entre os diversos processos de aconselhamento e o de acompanhamento. O terceiro e último bloco deste capítulo se encarrega de descobrir e analisar os mecanismos de ajuda e sua influência na vida ministerial das mulheres “não casadas”. Para isto, apresenta as principais dificuldades experimentadas pelas mulheres em relação com a atenção recebida para o enfrentamento das suas situações de crises, como estas têm sido enfrentadas, de onde receberam auxílio, assim como a eficácia e as sequelas que estas têm deixado nas suas vidas. De igual forma que nos outros capítulos, os testemunhos das experiências das mulheres estão presentes neste capítulo como um elemento fundamental da reflexão.

O **quinto** e último capítulo da tese se ocupa de investigar sobre a importância do acompanhamento na vida ministerial das mulheres “não casadas”. Seguindo a sequência, são abordadas várias questões etimológicas consideradas relevantes ao termo acompanhar, e se reflete sobre as características do processo de

acompanhamento e sua fundamentação como prática pastoral. São apresentadas algumas das principais formas nas quais se compreende ou entende o acompanhamento; se visibilizam as realidades das mulheres em relação com espaços de acolhida e se faz uma aproximação a alguns aspectos fundamentais no processo de acompanhamento, como por exemplo, a importância da escuta e o impacto e labor que exerce a pessoa acompanhante. Logo, se apresentam algumas propostas de acompanhamento desde a perspectiva feminista, donde se enfatizam questões importantes como o fato de “fazer presença” ou “se fazer presente” no acompanhamento, o papel fundamental da comunidade eclesial e dos aportes feministas à experiência do acompanhamento. Finalmente apresenta três propostas práticas alternativas que contemplam alguns elementos com os quais se tenta recuperar ou resgatar o sentido do acompanhamento requerido pelas mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios e cargos de liderança.

Ficam aqui, então, vários convites para o leitor e a leitora: o primeiro, para que conheçam um pouco mais das realidades de crise das mulheres “não casadas” que participam em espaços de liderança ou ministeriais; o segundo, para que, conjuntamente com a leitura, possam refletir sobre aquelas situações presentes nos seus entornos imediatos (sociais, familiares, eclesiais etc.), e, depois, cada um e cada uma possa tirar suas próprias conclusões e decidir se se junta com as e os que vão a caminho, tentando ouvir os gritos silenciosos que clamam por acompanhamento.

2 MULHERES “NÃO CASADAS”, LIDERANÇA MINISTERIAL E EXPERIÊNCIAS DO COTIDIANO: AS CRISES E SUAS DIVERSAS MANIFESTAÇÕES

Analisar algumas das experiências cotidianas vivenciadas por mulheres “não casadas” (solteiras, separadas, divorciadas, viúvas e em união estável), envolvidas em trabalhos ministeriais e/ou de liderança, oferece várias possibilidades: **uma**, descobrir as principais problemáticas que podem ser definidas ou não como crises; **outra**, conhecer suas origens/causas e características particulares e, **também**, a possibilidade de entender de que forma estas experiências influem nos comportamentos e nas vivências das pessoas neste meio específico.

Vários autores e várias autoras, principalmente da área da Teologia, que entre seus temas de pesquisas abordam o tema da crise¹⁶, enfatizam que elas são parte da experiência humana em qualquer cultura e, como tais, não representam uma doença, pois estas fazem parte da vida mesma. No entanto, sendo que estas situações fazem parte da vida humana, igualmente como a sexualidade, segundo as mulheres participantes da pesquisa de Zarái Gonzalía¹⁷, estas temáticas geralmente não são consideradas como temas de reflexão ou discussão nos diversos espaços das comunidades eclesiais.

Dito de outro modo, ainda que a sexualidade ou as crises sejam comuns a todas as pessoas, as comunidades eclesiais não se ocupam nem de trabalhar a temática da sexualidade, nem de atender as situações de crise pelas que passam as mulheres “não casadas” que exercem ministérios e/ou cargos de liderança. Neste sentido uma das entrevistadas afirma:

Jasmim. [...] não tem se gerado estes espaços intencionalmente para que se possa falar destes temas, não há confiança para falar destes temas abertamente; também, faltam lideranças que assumam intencionalmente trabalhar com estas temáticas. Então é um grande vazio que temos nas nossas comunidades. [...] porque é uma necessidade palpável e mais,

¹⁶ Alguns dos que podem ser mencionados são Wondracek, Karin; Solá, Marcela; Farris, James; Jorge Maldonado; Schipani, Daniel; Clinebell, Howard e Gary, Collins, Dubar, Claude.

¹⁷ GONZALÍA Polanco, Zarái. **Mujeres Solteras, Ministerio y Sexualidad: dilemas y desafíos actuales para la práctica pastoral.** São Leopoldo, RS, 2017. 220 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017 Também, disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/804/1/polanco_zg_tm335.pdf. Acesso em 20 jul. 2021.

quando somos mulheres solteiras e, ainda mais, se a isto lhe acrescentamos a questão da deficiência física.¹⁸ (Tradução nossa).

Mais adiante teremos o testemunho da Jasmim, o qual deixa entrever que as mulheres solteiras em exercício de ministérios e/ou cargos de liderança sentem a falta de espaços para abordar temáticas relacionadas com suas dificuldades particulares. Isto, por sua vez, também deixa perceber que as comunidades eclesiais atuais estão inseridas em espaços sociais caracterizados por situações cada vez mais complexas e exigentes. Olhando com um pouco mais de atenção para alguns destes espaços, pode-se perceber que estas complexidades têm afetado e continuam interferindo nos pensamentos, nos comportamentos e nas relações das pessoas em todas as áreas¹⁹. Enfim, é a vida inteira das pessoas que se vê afetada por um conjunto de situações às que alguns têm considerado como produto da chamada pós-modernidade.

Sendo assim, acredita-se, então, que as situações difíceis experimentadas pelas mulheres “não casadas”, têm a ver com questões que são fruto da ingerência de diversas circunstâncias presentes nos seus entornos sociais, religiosos, familiares, comunitários, econômicos, afetivos e culturais, característicos da época na qual se encontram. Portanto, encarar todas estas questões vai além do simplesmente psicológico e espiritual. Esta ação implica também, a abordagem das situações socioculturais e contextuais, nas quais se encontra inserida a pessoa. Esta é precisamente a questão que este capítulo aborda.

2.1 DEFININDO O PONTO DE PARTIDA PARA A ANÁLISE CONTEXTUAL E TEOLÓGICA

Neste primeiro bloco, apresenta-se de forma específica à “definição” e delimitação do público-alvo desta pesquisa, as mulheres “não casadas” envolvidas em

¹⁸ Jazmín. Solteira. 51 anos. Pastora numa Comunidade Menonita na Colômbia. “[...] *la iglesia no tiene espacios en donde como mujeres podamos compartir abiertamente de estos temas, [...] no se han generado estos espacios intencionalmente para que se puedan hablar de esos temas, no hay confianza. No hay confianza para hablar de estos temas abiertamente; también, hacen falta liderazgos que asuman intencionalmente el trabajar estos temas. Entonces, es un gran vacío que tenemos en nuestras comunidades. [...] porque es una necesidad latente y más, cuando somos mujeres solteras y aún más, si le añadimos el tema de la discapacidad.*”

¹⁹ ROJAS, Enrique. **O homem moderno: a luta contra o vazio**. São Paulo: Mandarim, 1996. Neste texto Rojas outorga o nome de “valores” a diversos aspectos comportamentais da sociedade que interferem na vida das pessoas no contexto atual.

ministérios ou cargos de liderança; tentando não só especificar quem as define, mas também, esboçar algumas situações conflitivas que devem enfrentar no dia a dia no desempenho de suas funções. Desta forma, se poderá conhecer mais de perto suas realidades e suas experiências em relação ao assunto das crises; e, para contextualizar as realidades das protagonistas deste trabalho (as mulheres “não casadas”), será preciso aprofundar um pouco no conhecimento deste público e de algumas das suas características particulares, assim como de algumas das suas experiências ministeriais.

Entre os textos que serão utilizados para auxiliar a reflexão e ajudar neste intento de aproximação se encontram os de Marcela Lagarde²⁰, Darlane Andrade²¹, Elaine Gonçalves²², Mariluce August²³ e Simone de Beauvoir²⁴, entre outras. Alguns dos documentos apresentam estudos sobre mulheres “não casadas” em diversos contextos, desde diversas perspectivas, incluindo algumas estatísticas.

2.1.1 Definidores do “*status*” das “não casadas” no contexto social atual

Não ser ou não estar casada, na realidade dos espaços sociais e eclesiais, por muito tempo há constituído uma situação não aceitável nem confortável, para muitas mulheres.

A proposta de “público-alvo” apresentado neste trabalho contempla (independente da etnia, cor, nível acadêmico ou social), mulheres que nunca se casaram, mulheres separadas, divorciadas, viúvas e também as que se encontram numa relação de união estável ou consensual e as agrupa numa grande categoria que temos denominado mulheres “não casadas”, já que, a intencionalidade não é somente

²⁰ LAGARDE, Marcela, “**El género**”, fragmento literal: ‘La perspectiva de género’, en Género y feminismo. Desarrollo humano y democracia. España, Ed. horas y HORAS, 1996, p. 13-38; LAGARDE, Marcela. Pacto entre Mujeres. Ponencia del 1º de octubre de 2006 en Madrid. **Revista Aportes**, p. 123-135. Disponível em: <https://www.asociacionag.org.ar/pdfaportes/25/09/pdf>. Disponível em: 29 jun. 2020. LAGARDE, Marcela. **Los Cautiverios de las Mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. México: Siglo XXI; UNAM. 2014.

²¹ ANDRADE, Darlane Silva Vieira. “**Solteirice**” em Salvador: desvelando práticas e sentidos entre Adultos /as de classes médias. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2012.

²² GONÇALVES, Elaine. **Vidas no singular**: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo. 2007. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2007.

²³ AUGUST, Mariluce E. de Melo. **Dilemas do estado civil**: compreendendo as pessoas solteiras. Curitiba: Editora Esperança, 2013.

²⁴ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

conhecer as realidades das mulheres “sós”, (que nunca se casaram, mulheres separadas, divorciadas e/ou viúvas) mas também, as de aquelas que não estão sós, mas que também não se enquadram no padrão “aceitável e preestabelecido” do casamento, (mulheres numa relação de união estável ou consensual), e que não são vistas com “bons olhos” nalguns espaços seculares e, muito menos, nalguns ambientes eclesiais ou religiosos, especialmente se são de liderança. Esta categoria obedece a questão fundamental da diferenciação, invisibilização, exclusão e/ou desqualificação da que a mulher é vítima se, além de ser mulher, seu estado civil é diferente ao de casada, especialmente dentro dos espaços e cargos de lideranças eclesiais.

Interpretando a Lagarde, além das questões jurídicas, há questões do mundo patriarcal que categorizam as mulheres, e devido, precisamente a essas categorizações, este grupo, diferentemente das casadas, fazem parte ou são a expressão do que uma mulher “*não pode ser*”²⁵, entendido aqui como o “não aceitável” dentro dos espaços sociais e/ou eclesiais, estabelecidos segundo as divisões comportamentais e categorizações existentes na sociedade.²⁶ Noutras palavras, a categoria proposta aqui, alude ao fato de que a “condição civil”, de “não casadas” parece torna-las incapazes ou desqualificadas para o exercício de certas funções dentro destes espaços, em especial, dos eclesiais.

Em alguns contextos eclesiais são utilizados textos bíblicos de Gênesis 1 e 2, para tentar sustentar a suposta incapacidade, desqualificação ou inferioridade das mulheres (especialmente Gênesis 2.18-25). No entanto, nem neste texto, como em nenhum outro no Antigo Testamento, nem no Novo Testamento, há algum sinal que sirva de base para estas pretensões e muito menos fazem alusão a alguma condição específica de gênero ou civil. Pelo contrário, tanto o homem quanto a mulher são chamados para se fazerem responsáveis pelo criado.²⁷ Todo isto faz parte das construções religiosas que usando estes textos junto com o de Gênesis 3, apontam

²⁵ LAGARDE, 2014, p. 43.

²⁶ LAGARDE, 2014, p. 43. Ver también: LAGARDE, “El género”, fragmento literal: ‘La perspectiva de género’, en *Género y feminismo. Desarrollo humano y democracia*, Ed. horas y HORAS, España, 1996, p. 13-38.

²⁷ A respeito deste tema, podem ser vistos mais detalhes em: HOEKEMA, Antony. *Creados a imagen de Dios*. Michigan; Libros Desafío, 2005, p. 29; GONZALÍA. 2017, p. 107-110

para Eva, como sendo a culpada da degradação da mulher, portanto, a mulher deve, então, se submeter, sofrer e “ser governada.”²⁸

Adentrando-nos no tema, em primeiro lugar, para a pesquisadora Cecilia Villarreal Montoya, ser ou estar solteira, pode ser considerado como “um fenômeno ou situação representativa de uma opção ou estilo de vida”.²⁹ Este estilo ou condição de vida, por vezes é questionado, rejeitado ou censurado, sem levar em consideração as consequências destas atitudes, que terminam afetando uma alta porcentagem da população humana, indistintamente do lugar donde se encontrem.

A construção social da mulher “não casada” desde a perspectiva da Lagarde se faz possível a partir das relações de gênero.³⁰ Neste sentido, diversas pesquisadoras entre elas podemos contar a Gonçalves e August, mencionam que existem diversas circunstâncias que tem interferido no fato pelas quais as mulheres são o tem decidido não se casar. Gonçalves, por exemplo, expressa que:

Nesse cenário, educação, trabalho qualificado e remunerado são considerados a via privilegiada para a conquista da ‘autonomia’ que, ampliada, possibilitaria a um conjunto de mulheres, sobretudo das camadas médias, maiores chances de realizar escolhas, decidir por si mesmas e até mesmo romper com os estereótipos clássicos da ‘solteirona’³¹.

Por sua vez, August menciona questões como, luta pela independência financeira, estudos, cuidado dos progenitores adultos ou laço de dependência com eles, que geram algumas comodidades. Entre as causas mencionadas se encontram: o trabalho, fracassos amorosos, infertilidade, frustrações e falta de apoio para a superação de traumas, entre outros tantos.³²

²⁸ Mais detalhes sobre esta temática em: BERGESCH, Karen. Falas de violência e o imaginário religioso. In: NEUNFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara [Orgs.]. **Epistemologia, violência e sexualidade**: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal-EST, 2008, p. 115-127; GEBARA, Ivone. **As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina**. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

²⁹ VILLARREAL, Montoya Cecilia. La soltería en mujeres de mediana edad. **Rev. Reflexiones** 87 (1): 99-111. 2008. p. 101. Disponível também em: <https://www.redalyc.org/pdf/729/72912553007.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2020, p. 101.

³⁰ LAGARDE, 2014, p. 818-830. Aqui se propõe entender o gênero como uma categoria de análise, que permite compreender os sistemas e mecanismos de poder que sustentam as estruturas e divisões que impedem a construção de relações saudáveis, equilibradas e justas.

³¹ GONÇALVES, Elaine. **Vidas no singular**: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo. 2007. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2007. p. 5.

³² AUGUST, Mariluce E. de Melo. **Dilemas do estado civil**: compreendendo as pessoas solteiras. Curitiba: Editora Esperança, 2013. p. 37-78.

A posição de Villarreal aponta a aspectos como: opção de vida, resposta ao questionamento do estilo de vida assignado a elas, e também, como oportunidade para contrair matrimônio, (como possibilidade de liberdade frente à possibilidade de solidão); como designação divina, como renúncia à opção biológica da maternidade (cuidar dos seus próprios filhos/as) ou como opção pela *maternagem* (opção de cuidado para com familiares – pais, irmãos, sobrinhos ou outros familiares).³³

Considerando a temática deste capítulo, note-se que entre as causas mencionadas especialmente por August, ela refere situações muito específicas, (a maioria delas desde uma ótica “pessimista”), que podem ser consideradas como geradoras de crises. Isto não acontece com as elencadas por Gonçalves ou por Villarreal. Mesmo assim, como pode ser percebido, existem algumas semelhanças entre os apontamentos destas estudiosas que deixam entrever uma representação ampla de mulheres “não casadas” que inclui mulheres independentes, mulheres com níveis de educação superior e mulheres com certa solvência econômica. Este perfil também inclui mulheres que, em geral, tem decidido dar prioridade aos seus projetos de vida, que pouco ou nada consideram o casamento como “via de regra única” ou, nem sequer, como uma alternativa possível.

Estas mulheres estão visivelmente fora dos “padrões preestabelecidos” pela sociedade patriarcal herdada, a qual rejeita sua autonomia e pretende determinar como “via de regra única” para elas o casamento.³⁴ É possível também perceber que este “padrão” parece não considerar, por exemplo, aquelas mulheres com níveis econômico e de escolaridade baixos e/ou financeiramente dependentes. Mesmo assim, se deve salientar que ainda hoje, as pressões sociais às mulheres “não casadas” não respeitam condição econômica, jurídica ou escolar, e que, mulheres educadas e também mulheres pobres; economicamente independentes ou totalmente dependentes; escolarizadas ou não; sem qualificações profissionais ou, profissionalmente qualificadas, seguem sendo muito fortemente pressionadas, pela família, a comunidade eclesial e a sociedade, para se casarem, posto que, tanto a autonomia quanto a independência, são consideradas contrárias a ordem social, em relação ao “mercado conjugal”³⁵ feminino.

³³ VILLARREAL, 2016, p. 100-109.

³⁴ GONÇALVES, 2007, p. 166.

³⁵ GONÇALVES, 2007, p. 6.

A luta pelos direitos das mulheres, e especialmente das mulheres “não casadas”, independentes e autônomas, parece coloca-las num beco sem saída, uma vez que, por um lado, oferece ou promove ações significativas de reconhecimento, (mulheres responsáveis e independentes); por outro lado, estas mesmas ações as convertem em alvo de críticas e de exclusão, precisamente por não se enquadrarem dentro das propostas patriarcais hegemônicas, onde a mulher é representada pelo ideal de mulher recatada, dona de casa, economicamente dependente e submissa (mulher casada). No entanto, esta última opção é uma opção que muitas delas não estão dispostas a continuar aceitando. Noutras palavras, a luta pela sua superação, autonomia e independência além de significar um grande avanço, também tem sido fonte de estigmatização, rejeição e exclusão, que, em termos de crise, deixa ao descoberto um panorama significativamente alarmante.

2.1.2 Algumas questões Jurídicas em relação as mulheres “não casadas” na atualidade

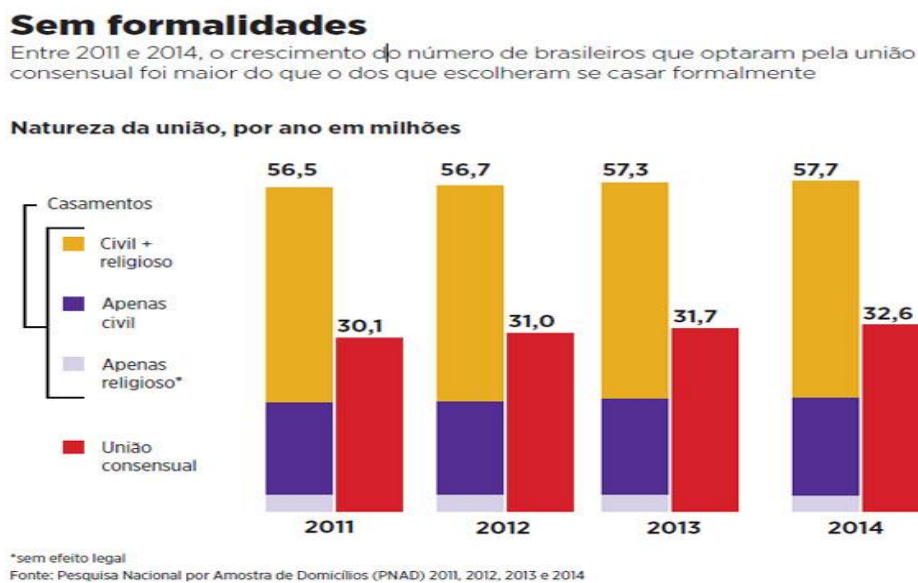
Neste recorte são apresentadas algumas questões desde a perspectiva jurídica em relação aos estados civis estabelecidos juridicamente, (solteiras, casadas, separadas, divorciadas, viúvas e em união estável - consensual ou união marital de fato, como também é conhecida) com o intuito de dar a conhecer algumas das particularidades destas categorizações, e descobrir, até que ponto estas influem como regra social na vida das mulheres. Abre-se aqui um parêntesis para esclarecer que: tentar definir os pormenores jurídicos sobre o estado civil das pessoas é algo complexo, mas, o que pode ser dito é que dependendo do país, as regras jurídicas apresentam diferenças, fazendo com que o que é possível num país, não seja possível noutra³⁶.

A seguir uma amostra da realidade sobre este último fenômeno na sociedade brasileira, com o qual se pretende ilustrar uma situação que vêm sendo cada dia mais comum entre os casais, já desde 2011, segundo algumas informações obtidas dos

³⁶ NUÑEZ, Mirta. **Qué soy? Soltera? divorciada?**. Disponível em: <[http:// bibliotecalmis.blogspot.com.br/ 2013/03/que-soy-soltera-o-divorciada-estado.html](http://bibliotecalmis.blogspot.com.br/2013/03/que-soy-soltera-o-divorciada-estado.html)>. Acesso em 26 jan. 2020. Observa-se aqui que, mesmo que as questões jurídicas em torno da homo afetividade sejam importantes, este trabalho não entrará em detalhes ao respeito, por considerar que esta questão não faz parte dos objetivos desta pesquisa.

dados do IBGE³⁷ e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), constantes na Figura 1.³⁸

Figura 1– Casamento e união livre



Fonte: Arquivo eletrônico³⁹

Condicionamentos como, por exemplo, o Código Civil⁴⁰, cumprem a função social, desde o ponto de vista jurídico, de conceder definições, decretar ou outorgar legalidade a todos os compromissos jurídicos assumidos pelas pessoas da sociedade. Ele contém as características específicas que são atribuídas a cada qual, dependendo do país no qual se encontre; estas variam de país para país e são as que definem o “estado civil” das pessoas. No caso das uniões maritais de fato ou uniões estáveis,

³⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Uniões consensuais superam casamento civil e religioso. disponível em: <https://arpen-sp.jusbrasil.com.br/noticias/127239479/unioes-consensuais-superam-casamento-civil-e-religioso>. Acesso em 10 mar. 2020; mais de um terço de uniões no país é consensual sem casamento, diz IBGE. disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/10/mais-de-um-terco-de-unioes-no-pais-e-consensual-sem-casamento-diz-ibge.html>. Acesso em: 12 mar. 2020.

³⁸ Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (PNAD). 2011, 2012, 2013, e 2014 Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=1&idnoticia=2240&busca=1&t=censo-2010-unioes-consensuais-ja-representam-mais-13-casamentos-sao-frequentes-classes>. Acesso em 27 fev. 2020.

³⁹ UNIÃO ESTÁVEL. Disponível em: <http://estudio.folha.uol.com.br/namorados-com-estilo/2016/05/1775779-casamento-e-uniao-estavel-tem-o-mesmo-status-mas-sao-diferentes.shtml>. Acesso em 24 out. 2019.

⁴⁰ CODIGO CIVIL. Definição de Código Civil. Disponível em: <http://definicion.de/codigo-civil>. Acesso em: 14 jun. 2019. O código civil é um conjunto unitário, ordenado e sistematizado de normas de direito privado, ou seja; um corpo legal que tem por objetivo regulamentar os relacionamentos civis das pessoas físicas e jurídicas, privadas ou públicas. O primeiro corpo de leis que utilizou a denominação de Código Civil foi o Códex Maximilianus Bavaricus Civilis de 1756. O conceito avançou com os anos e a partir do S. XIX, a maioria dos países foi promulgando seus próprios códigos civis.

segundo afirma Mario Delgado, advogado, Diretor de Assuntos Legislativos do Instituto dos Advogados de São Paulo (IASP), “o casamento muda o estado civil dos parceiros, o que **não** ocorre na união estável”⁴¹.

No Brasil, por exemplo, o estado civil é descrito, na Revista Jurídica, como aparece à continuação.

O estado civil está definido como o conjunto das qualidades constitutivas da individualidade jurídica de uma pessoa, por constituir a soma das qualidades particulares ou fundamentais determinantes da sua capacidade, fazendo-a pertencer a certa categoria no Estado, na família ou como indivíduo.⁴²

No Dicionário Jurídico se descreve o estado civil como:

[...] A soma das qualidades da pessoa natural, permitindo sua apresentação na sociedade numa determinada situação jurídica, para que possa usufruir dos benefícios e das vantagens dela decorrentes e sofrer os ônus e as obrigações que dela emanam. [...] rege-se por ordem pública e, por constituir um reflexo da personalidade, é indivisível, indisponível, imprescritível e irrenunciável.⁴³

O Brasil reconhece oficialmente seis (6) tipos de estados civis;⁴⁴ Entre eles se incluem⁴⁵:

1. Solteiro/a. Inclui as pessoas que nunca contraíram um compromisso nupcial pela via judicial ou religiosa. **2. Casado/a.** Pessoa que celebraram um compromisso civil ou religioso e vivem de acordo com os direitos exigidos pelo código civil.⁴⁶ **3. Separado/a judicialmente.** Pessoas separadas judicialmente, mas que não definiram sua situação de divórcio. Considerada uma etapa antes do divórcio, esta, exonera o casal de manter os deveres do casamento; contudo, só depois do divórcio é que a pessoa poderá se casar novamente⁴⁷. **4. Divorciado.** Pessoas que estiveram

⁴¹ FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://estudio.folha.uol.com.br/namorados-com-estilo/2016/05/1775779-casamento-e-uniao-estavel-tem-o-mesmo-status-mas-sao-diferentes.shtml>. Acesso em: 25 jan. 2020.

⁴² NOGUEIRA, Grasiéla; FERMENTÃO, Cleide. O Estado Civil das pessoas que vivem sob o regime de união estável com vistas aos direitos da personalidade. **Revista Jurídica Cesumar**, Curitiba, v. 6, n 1, p. 489-498, 2006. p. 491. Disponível em: <periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revjuridica/article/download/324/182>. Acesso em: 28 jan. 2020.

⁴³ DINIZ, Maria Helena. **Dicionário Jurídico**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 474.

⁴⁴ CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE BRASIL. (art. 226, § 3º), Código Civil (art. 1.723); NOGUEIRA; FERMENTÃO, 2006, p. 491-492. No parágrafo 37 sobre “registro de união estável”, no Livro “E”, por Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais.

⁴⁵ GONZALÍA. 2017, p. 28-32. Esta reflexão também é bordada de forma um pouco mais detalhada, por Gonzalía no seu trabalho de mestrado.

⁴⁶ Foi muito interessante perceber que nestas definições não é considerado o casamento religioso. Se supõe por estar orientado pelas normas religiosas.

⁴⁷ É de se esclarecer que a emenda constitucional de 1977 traz novos ares em relação ao tema da separação, devido a que esta não era aceita, por considerar o ato do matrimônio como indivisível.

casadas, mas que posteriormente dissolveram o matrimônio pelas vias judiciais pertinentes. **5. Viúvo/a.** Pessoas que estando casadas perdem seus cônjuges por morte. **6. Regime de União Estável.** Inclui as personas que **ainda que** vivem numa relação estável e duradoura, nunca celebraram nenhum tipo de cerimonia, civil ou religiosa. Em relação com este último estado, Maria Fernanda Xavier Dias aporta informações valiosas afirmando que, certamente, a principal forma de tratamento dos relacionamentos estáveis extramatrimoniais é o concubinato, o qual apresenta duas formas de compreensão ou sentido. Uma, que contempla um sentido amplo “que congrega toda e qualquer forma de união sexual livre”, e outra, o sentido estrito, que contempla “a união duradoura, a formar a sociedade doméstica de fato, na qual são importantes o ânimo societário (*affectio societatis*) e a lealdade concubinária”.⁴⁸ Importante aqui é compreender que em espaços eclesiais de tradição católica, esta figura de união estável é conhecida como concubinato, e, em alguns espaços eclesiais de tradição protestante e pentecostal é reconhecida, entendida ou catalogada como fornicção.

No Código Civil colombiano, por sua vez, se afirma que:

O estado civil de uma pessoa é sua situação jurídica na família e a sociedade, determina sua capacidade para exercer certos direitos e contrair certas obrigações, é indivisível, indisponível e imprescritível, e sua asignação corresponde à lei. O estado civil das pessoas deriva dos fatos, atos e providencias que o determinam e da qualificação legal deles.⁴⁹ (Tradução nossa).

Diferentemente do Brasil, Colômbia só contempla no seu Código Civil, *dois* estados civis reconhecidos: Solteira[o] e Casada[o].⁵⁰ As outras figuras (pessoa separada, divorciada e viúva) não estão contempladas, mesmo sendo situações cada

Disponível em: <https://lucenatorres.jusbrasil.com.br/artigos/496316894/diferenca-entre-separacao-judicial-e-divorcio>. Acesso em 28 jan. 2020.

⁴⁸ XAVIER, Fernanda Dias. **União estável e casamento:** a impossibilidade de equiparação à luz dos princípios da igualdade e da liberdade [recurso eletrônico] Brasília: TJDF, 2015. Esta figura ainda hoje é polêmica, tanto quanto em tempos antigos, mas, pode-se encontrar informação especializada a este respeito no texto disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4079>. Acesso em 11 ago. 2020.

⁴⁹ REGISTRADURIA. Art. 1 y 2 Decreto Lei 1260 de 1970. Disponível em: http://www.registraduria.gov.co/Informacion/preg_frec.htm. Acesso em: 22 ago. 2019. “*El estado civil de una persona es su situación jurídica en la familia y la sociedad, determina su capacidad para ejercer ciertos derechos y contraer ciertas obligaciones, es indivisible, indisponible e imprescriptible, y su asignación corresponde a la ley. El estado civil de las personas deriva de los hechos, actos y providencias que lo determinan y de la calificación legal de ellos.*”

⁵⁰ EL ESTADO CIVIL. El estado civil da las personas Disponível em: <http://civilpersonasucc.blogspot.com.br/2010/08/estado-civil-de-las-personas.html>. Acesso em: 8 jul. 2019.

vez mais presentes na sociedade.⁵¹ Um dos possíveis motivos desta rejeição pode dever-se ao fato de Colômbia ser um país com mais de 80% da sua população, identificada como católica, que rejeita categoricamente a ideia de que o divórcio e a separação são situações cada vez mais comuns, como o demonstra o estudo da Rede Universia, realizado por instituições e faculdades nacionais e mundiais.⁵² Também se considera que as categorias de separada/o, divorciada/o ou viúva/o, são situações derivadas do casamento e, no caso das uniões maritais de fato ou regime de união estável, na Colômbia, está sendo avaliado o fato de ser considerada como um possível novo estado civil.⁵³

Sendo assim, é possível mencionar que o código civil vigente de cada país é o encarregado de definir, além do estado jurídico, o estado natural das pessoas⁵⁴. Isto quer dizer que é este quem tem a capacidade de individualizar juridicamente as circunstâncias nas que cada pessoa se encontra.⁵⁵ Portanto, devido a esta divergência entre os códigos civis dos países a que as mulheres participantes da pesquisa pertencem, foi decidido agrupar numa só categoria denominada “não casadas” a aquelas que não possuem nenhum vínculo religioso ou civil com outra pessoa.

Todas estas questões abordadas até aqui, nos levam a pensar nos aportes que a Teologia Feminista tem em relação a elas e qual sua função específica e é precisamente disto do que trata o próximo bloco.

⁵¹ RED UNIVERSITARIA DE REFERENCIA PARA IBEROAMÉRICA. Universia. Colombia: crisis en el matrimonio. Disponível em: <<http://noticias.universia.net.co/actualidad/noticia/2013/07/22/1038050/colombia-crisis-matrimonio>>. Acesso em: 20 jan. 2020; GONZALÍA. 2017, p.

⁵² RED UNIVERSITARIA DE REFERENCIA PARA IBEROAMÉRICA. Universia. Colombia: crisis en el matrimonio. Disponível em: <<http://noticias.universia.net.co/actualidad/noticia/2013/07/22/1038050/colombia-crisis-matrimonio>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

⁵³ LA REPÚBLICA. La unión marital de hecho, un nuevo estado civil. Disponível em: <http://www.larepublica.co/la-uni%C3%B3n-marital-de-hecho-un-nuevo-estado-civil_245186>. Acesso em: 20 jan. 2020; RED UNIVERSITARIA DE REFERENCIA PARA IBEROAMÉRICA. Universia. **Colombia: crisis en el matrimonio**. Disponível em: <<http://noticias.universia.net.co/actualidad/noticia/2013/07/22/1038050/colombia-crisis-matrimonio>>. Acesso em: 20 jan. 2020; ESGUERRA, Cavides Mariza. **Nuevas tendencias del estado civil en Colombia**. Disponível em: <https://repository.ucatolica.edu.co/bitstream/10983/7807/4/nuevas%20tendencias%20del%20estado%20civil%20en%20colombia.pdf>. Acesso em 26 jan. 2018 e ORDOÑEZ, Jennifer Stella Marín. *El estado civil de “compañero permanente” en Colombia y la negativa de su reconocimiento en España*. **Revista Criterio Libre Jurídico**-2017;14(1):74-80.

⁵⁴ NETO, Antonio Rulli; AZEVEDO, Renato A. A discussão acerca do estado civil do companheiro. **Jusbrasil**. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=a-discussao-acerca-do-estado-civil>. Acesso em: 27 fev. 2020.

⁵⁵ NETO; AZEVEDO. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=a-discussao-acerca-do-estado-civil>. Acesso em: 27 fev. 2020.

2.1.3 Experiências das mulheres “não casadas” como ponto de partida epistemológico

Ser uma mulher “não casada” no contexto atual e as diversas experiências⁵⁶, especialmente as de crise, vivenciadas por este grupo, será abordado aqui como a base epistemológica fundamental de análise, seguindo a proposta de Wanda Deifelt⁵⁷ e Ivone Gebara⁵⁸, pois, desde suas perspectivas, são as experiências as que permitem entender as realidades nas quais as pessoas se encontram imersas. Além, acredita-se que estas permitem visualizar alguns elementos chaves para o trabalho de acompanhamento a ser pensado e/ou proposto para trabalhar juntamente com elas. De igual forma, Deifelt considera que as experiências das mulheres são um critério de discernimento importante, que pode ajudar na superação dos condicionamentos sociais e religiosos, possibilitar novas interpretações, e também, permitir traçar novas realidades⁵⁹.

Sendo assim, é importante então entender, que as atividades do dia a dia, no desempenho das funções ministeriais é um espaço privilegiado onde as mulheres podem se encontrar com outras e consigo mesmas. Este espaço de interação especialmente na comunidade, é propício para a percepção de atitudes discriminatórias ou também, de reconhecimento como pessoa importante, com dons e capacidades especiais dentro dela.⁶⁰

Os depoimentos a seguir, têm como objetivo, dar espaço à voz das mulheres entrevistadas, para que, desde suas fala, possa ser percebido qual tem sido sua experiência nas comunidades frente ao fato da existência ou não de espaços para serem ouvidas e qual suas realidades frente a este assunto.

Margarita. Como solteira, para falar destes temas de Sexualidade sem tanta rigidez, mas, sendo espontâneas em falar deles, acredito que não. Considero

⁵⁶ RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e Religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993. p. 18. Entendida desde a perspectiva desta autora, que planteia que: “Experiência” inclui a experiência do divino, [...] de si mesmo/a e a experiência da comunidade e do mundo, numa dialética de interação mútua. Símbolos, fórmulas y leis recebidas, são autenticadas, ou não, através de sua capacidade de iluminar e interpretar a experiência.

⁵⁷ DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER (org.). **Gênero e teologia**. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas/Loyola/SOTER, 2003.

⁵⁸ GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (org.). **Epistemologia, violência e sexualidade**: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2008, p. 31-50.

⁵⁹ DEIFELT, w2003. p. 171-186.

⁶⁰ GONZALÍA, 2017, p. 96.

que se dá mais entre as amizades que a gente pode ter dentro da comunidade, mas não é como algo que se tenha na igreja, não. Na comunidade não.⁶¹ (Tradução nossa).

Girasol. Na igreja não, nas igrejas cristãs esses temas não são intencionais, não formam parte da educação cristã que tenha a igreja. Esses são temas tabus, incluído a violência contra as mulheres [...] O assédio sexual, todo isso que afeta a vida das mulheres.⁶² (Tradução nossa).

Jasmim. [...] A igreja não tem espaços onde como mulheres se possam compartilhar abertamente destes temas.⁶³ (Tradução nossa).

Se juntarmos estes testemunhos com as palavras de David Mills, é possível compreender melhor a necessidade e importância de trabalhos que se ocupem destas temáticas, pois como ele menciona: “As dinâmicas da vida paroquial tendem a um desequilíbrio entre as pessoas casada e as solteiras. O abandono dos[as] solteiros[as] é um problema que precisa uma resposta mais sistemática por parte de nossos pastores [as]”⁶⁴ (Tradução nossa).

Considerando estas informações como ponto de partida epistemológico, o conceito de mulher desde o qual serão abordadas as reflexões, está em consonância com o apresentado ou proposto por Marcela Lagarde, quem afirma que:

Cada mulher, como particular, única, é síntese do mundo patriarcal: de suas normas, das suas proibições, dos seus deveres, dos mecanismos pedagógicos (sociais, ideológicos, afetivos, intelectuais, políticos) que internalizam nela seu ser mulher, das instituições que de forma compulsiva mantêm no espaço normativo ou que, pelo contrário, a deixam de fora. Cada mulher é também a expressão daquilo que não pode ser, devido à divisão genérica e classista do mundo, e a todos os comportamentos e categorias sociais que constituem a cada qual.⁶⁵ (Tradução nossa).

⁶¹ Margarita. Solteira. 39 anos. Líder Menonita na Colômbia. “[...] como soltera, para hablar temas de sexualidad sin tanta rigidez, sino el ser espontáneos en hablar de estos temas, creo que no. Considero que no. Creo que se dan más en las amistades y relaciones que uno puede tener dentro de la comunidad; pero no es como algo que esté establecido en la iglesia, no. En la comunidad, no.”

⁶² Girasol. Divorciada. 67 anos. Pastora Menonita na Colômbia. “En la iglesia no, en las iglesias cristianas esos temas no son intencionales no forman parte de la educación cristiana que tenga la iglesia. Esos son temas tabús, incluido la violencia contra las mujeres, [...] El acoso sexual, todo esto que afecta la vida de las mujeres.”

⁶³ Jazmín. Solteira. 51 anos. Pastora Menonita na Colômbia. “[...] la iglesia no tiene espacios en donde como mujeres podamos compartir abiertamente de estos temas.”

⁶⁴ MILLS, David. **Solteros: ¿cuál es su sitio en la iglesia?** Nov. 10 de 2014. Disponível em: <https://es.aleteia.org/2014/11/10/solteros-cual-es-su-sitio-en-la-iglesia/>. Acesso em 20 jul. 2020. “Las dinámicas de la vida parroquial tienden hacia un desequilibrio entre los casados y los solteros. El abandono de los solteros es un problema que necesita una respuesta más sistemática por parte de nuestros pastores”.

⁶⁵ LAGARDE, Marcela. **Los Cautiverios de las Mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. México: Siglo XXI; UNAM. 2014, p. 43. Este é o mesmo conceito apresentado pela pesquisadora na sua pesquisa de mestrado e que também servirá de base para a presente reflexão, considerando que o público-alvo continua a ser o mesmo. “Cada mujer, como particular, única, es síntesis del mundo patriarcal: de sus normas, de sus prohibiciones, de sus deberes, de los mecanismos pedagógicos (sociales, ideológicos, afectivos, intelectuales, políticos) que internalizan en ella su ser

E, junto com esta proposta, se considera também a já conhecida frase de Simone de Beauvoir, no seu livro *o segundo sexo* “não se nasce mulher, é preciso se fazer mulher”⁶⁶. Estas duas perspectivas levam a pensar que, as mudanças de paradigmas frente a estas situações são possíveis; que não só fazemos parte, mas, somos parte daquilo que experimentamos ou daquilo que vivemos, pois, cada experiência e vivência nos constituem como pessoas (homens ou mulheres), independente da designação biológica do sexo. Portanto, é analisando estas experiências e testemunhos e refletindo sobre elas, que se faz possível considerar formas adequadas de atenção e acompanhamento às crises decorrentes dessas necessidades particulares. Então, é partindo deste conjunto de perspectivas que serão exploradas algumas das realidades deste público, enfatizando sua posição específica ou condição de mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios ou cargos de liderança.

Alguns dos aspectos mais recorrentes nos testemunhos têm a ver com assuntos relacionados com o tema da sexualidade ou desejo de ter um companheiro (solteiras); maior dificuldade de aceitação por ser “não casada”; morte de cônjuge (luto); solidão; orfandade e abandono. A experiência de assédio moral e sexual experimentada por duas das participantes; a misoginia, percebida nos relatos da Mimosa e Líria, assim como o isolamento e o auto isolamento, quando divorciadas, por serem vistas como ameaça; o sentimento de se sentir julgadas permanentemente e a culpa. A pressão de “ter que provar”; a questão de comprovar suas capacidades; a competição com colegas de ministério, tanto homens quanto mulheres ou a ausência de trabalho em equipe. O complexo de inferioridade e culpa ou a separação e as consequentes situações de crise que estas acarretam numa sociedade que exerce mecanismos de julgamento, exclusão e discriminação as mulheres que não se enquadram nos padrões pré-estabelecidos pela sociedade patriarcal, que por sua vez está regida pelos condicionamentos jurídicos criados e impostos pelos mesmo regime.

Outra questão que não pode calar neste momento é: Por que é tão importante considerar todas estas situações problemáticas e conflitivas pelas quais atravessam as mulheres “não casadas” no exercício dos seus ministérios e cargos de liderança?

mujer, de las instituciones que de manera compulsiva la mantienen en el espacio normativo o que, por el contrario, la colocan fuera. Cada mujer es también la expresión de lo que no puede ser, debido a la división genérica y clasista del mundo, y a todos los compartimentos y categorías sociales que constituyen a cada cual”.

⁶⁶ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 108.

Existem várias respostas para esta questão. Uma resposta pode ser tão simples como: pelo mesmo fato que são estudadas as problemáticas dos pastores casados e das pastoras casadas; mas esta, de fato pode ser considerada uma resposta muito simplista. Outra pode ser: porque como pessoas que são, suas problemáticas particulares, merecem tanta atenção quanto às problemáticas vivenciadas pelas pessoas casadas ou, ainda outra resposta também poderia ser: pelo fato de que situações de crises acarretam dores e sofrimentos que terminam afetando não só a pessoa, como também a comunidade com a qual esta pessoa convive.

Neste sentido é importante mencionar que qualquer que sejam as problemáticas que atingem aos pastores casados e pastoras casadas, estas já têm sido consideradas como a fonte de muitos estudos, que visam o aporte de insumos que possam auxiliar positivamente para sua superação; no entanto, as problemáticas das mulheres “não casadas” que ocupam posições similares como pastoras ou lideranças de comunidades, espaços ministeriais ou instituições, têm sido negligenciadas ou pouco abordadas. Este fato, junto com as respostas apresentadas anteriormente, oferecem um motivo relevante para o estudo desta situação.

Um trabalho de tese doutoral realizado entre os pastores e ministros religiosos (homens) pertencentes a um dos grupos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, teve como objetivo geral: investigar sobre a possibilidade de idealização da imagem pastoral (independentemente da sua origem) e, se esta idealização poderia ser considerada a fonte principal de sofrimento, podendo decorrer numa neurose. Este assunto é considerado pelo autor como um elemento importante não só para a análise, como também um assunto que deve receber resposta, de modo que não afete o trabalho dos ministros. A pesquisa analisou informação coletada de mais de 200 (duzentos) pastores (homens) e uma das suas conclusões finais aponta para a “promoção de espaços de reflexão sobre temas diversos da profissão ministerial e da vida pessoal, seus desafios, dilemas e a crise da solidão, entre outros; os quais contribuiriam fundamentalmente ao labor ministerial.”⁶⁷

Levando em consideração esta conclusão, é pertinente mencionar aqui que assim como os homens precisam de atenção em certas áreas as mulheres pastoras “não casadas” ou lideranças de diversos espaços ministeriais ou institucionais,

⁶⁷ HEIMANN, 2016.

também têm necessidades particulares a nível profissional ou pessoal que devem ser atendidas. Elas também “precisam” de espaços de reflexão sobre temas diversos da profissão ministerial e da vida pessoal (incluída a sexualidade), seus desafios, dilemas ou da crise da solidão, que contribuiriam fundamentalmente a suas vidas e ao seu labor ministerial.

2.1.4 Teologia Feminista, mulheres “não casadas”, crises e ministérios

Muito poderia ser falado em relação à questão da teologia e do gênero em relação as mulheres em geral, mas, sobre este assunto particular, seus pronunciamentos ainda são recentes. Por esse motivo, aqui se fará uma apresentação abreviada sobre alguns aspectos, gerais, sem que isso signifique falta de seriedade, mas sim, em razão do foco principal da temática e da limitação na extensão do trabalho. A intenção é mostrar que tanto a questão da Teologia Feminista quanto as questões de gênero, estão presentes ao longo da discussão e, na realidade, são importantes e inerentes a um trabalho de pesquisa relacionado diretamente com mulheres. Espera-se que a abordagem apresentada aqui contribua na medida certa para o esclarecimento e enriquecimento do tema abordado.

Começando com o aspecto Teológico feminista, se apresenta um pequeno resumo sobre a Teologia Feminista da Libertação tomando como base principal o aporte da Wanda Deifelt, no seu artigo *Temas e metodologias da Teologia Feminista*. Escolhe-se este artigo porque ele apresenta de forma sucinta um resumo que permite compreender de forma prática o processo da Teologia Feminista desde seus inícios.⁶⁸ Foi escolhido este texto precisamente por fazer ênfases na importância das experiências das mulheres como base epistemológica.

O texto inicia descrevendo o surgimento da Teologia Feminista, e aponta entre suas precursoras a Olympe Gouges e Mary Wollstonecraft, que nas suas obras, além de questionar as possibilidades igualitárias das mulheres ao exercício da cidadania e ao acesso à educação, abriram espaço para considerar temas como a igualdade salarial, violência contra as mulheres e trabalho entre outras temáticas. A autora destaca que são três os eventos fundamentais que marcaram o início da Teologia Feminista. A publicação da “Bíblia da Mulher” de Elisabeth Cady Stanton, nos Estados

⁶⁸ DEIFELT, 2003. p. 171-186.

Unidos (1895 e 1898); a fundação da Aliança Internacional Joana D'Arc, na Grã-Bretanha (1910); e a ordenação de mulheres pelas principais igrejas protestantes em meados do século XX.⁶⁹

A autora refere também que, em 1948, com a criação do Conselho Mundial de Igrejas, a presença das mulheres em diversos espaços (educação, igreja e liderança espiritual) se tornou tema de discussão, e que a revisão das estruturas simbólicas da Igreja e um olhar alternativo ao conceito da teologia, se fizeram necessárias, visando dar conta das experiências de fé das mulheres.⁷⁰ Ressalta que antes de 1993 os trabalhos realizados por mulheres no ambiente teológico receberam nomes como “teologia da mulher” ou “teologia feminina” entre outras, mas que é a partir de dezembro desse mesmo ano, no Encontro Regional das Teólogas da ASETT/EATWOT (Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo), que o termo de Teologia Feminista da Libertação foi adotado oficialmente.⁷¹

A pergunta chave que nesse momento girava em torno do modo de relacionamento entre homens e mulheres era: em que medida a existência humana ainda podia ser entendida sem considerar os condicionamentos religiosos, políticos, culturais e sociais presentes que mediavam sua relação? É aqui que Deifelt introduz o tema das relações de gênero como o instrumento de análise que a Teologia Feminista utiliza, com o intuito de avaliar como as atribuições dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres são construídos. Desta forma se entende que gênero e sexo não dialogam, no sentido que: o sexo é entendido principalmente como a caracterização biológica, enquanto que o gênero é compreendido como a construção cultural dos papéis, ou como as funções e os valores “próprios” de cada sexo em determinada sociedade, mas que a questão do sexo como algo biológico também está mediada pela cultura.⁷² Estas duas percepções assignam características ou atributos do ambiente público aos homens (a política, a cultura etc.) e as do mundo privado às mulheres (o doméstico, a maternidade, docilidade, ternura...)⁷³ características que até o momento continuam arraigadas em determinados espaços sociais e até eclesiais.

⁶⁹ DEIFELT, 2003, p. 171.

⁷⁰ DEIFELT, 2003, p. 172.

⁷¹ DEIFELT, 2003, p. 172.

⁷² DEIFELT, 2003, p. 177.

⁷³ DEIFELT, 2003, p. 172.

Em relação ao gênero, este é definido por esta mesma autora como uma instância privilegiada desde onde podem ser articuladas e estruturadas estratégias de luta para a construção de uma sociedade igualitária. Nesta concepção o gênero representa o constitutivo social, construído sobre o chamado masculino ou feminino; daí a importância da compreensão da sua abrangência na dimensão histórica.⁷⁴ Estes aspectos levam também a refletir sobre algumas das questões de gênero, propostas por Deifelt que o define como: “a construção cultural dos papéis, as funções e os valores considerados inerentes a cada sexo em determinada sociedade”.⁷⁵ Considerando o anterior, o gênero aqui se converte numa ferramenta ou categoria hermenêutica de análise valiosa, que possibilita esboçar e esclarecer alguns dos papéis que se esperam das mulheres “não casadas”.

O gênero também pode ser visto ou considerado desde a perspectiva de Judith Butler como aquela categoria que aponta diversas diferenças entre mulheres e homens, decorrentes da compreensão dos papéis assignados ao ser humano dependendo das suas diferenças biológicas.⁷⁶ O gênero constitui um instrumento fundamental na compreensão da complexidade que representam as relações humanas. Ou seja, “a categoria de gênero é um instrumento de análises político das relações entre mulheres e homens”⁷⁷ e Saffioti o define como um “lugar” ou “espaço” privilegiado desde o qual se articulam e estruturam estratégias de luta na construção de uma sociedade igualitária.⁷⁸

Tendo esclarecido a proposta sobre o uso do gênero como categoria de análise, é possível compreender que as mulheres são reconhecidas ou qualificadas pela forma como se comportam, pelo que fazem, pelo que vestem, pelo que dizem; pela forma em que assumem ou rejeitam certos papéis impostos pela sociedade e pela forma na que interatuam nela, entre outros aspectos. Cada comportamento e atitude é codificada, definida e qualificada de tal forma que, dependendo do entorno,

⁷⁴ SAFFIOTI, 2004, p. 107-113.

⁷⁵ DEIFELT, 2003, p. 172.

⁷⁶ BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 16-60. Para Butler a teoria de construção de gênero constitui um problema em si, por considerar que, ao diferenciar entre sexo como algo natural e, gênero como uma construção cultural, as definições não necessariamente englobam todas as possibilidades do gênero e que, cada vez que a categoria gênero for construída, ela dependerá do sexo, como fator primordial.

⁷⁷ GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 105.

⁷⁸ SAFFIOTI, 2004, p. 107-113.

são usadas para atribuir-lhes qualificativos tanto positivos quanto negativos. É também por intermédio do gênero que é possível reconhecer as desigualdades relacionadas com os espaços de poder, nos quais as mulheres “não casadas” podem ou não participar, na família, na comunidade eclesial e a sociedade. São estas situações de exclusão e desigualdade as que dão espaço às hierarquias, aos estigmas e violações, entre outras tantas situações conflitivas o que foi evidenciado nas entrevistas da pesquisa na dissertação de mestrado de Gonzalía⁷⁹ e que seguramente também fará parte dos testemunhos aqui apresentados.

O gênero como categoria de análise tem como função, permitir uma melhor compreensão dos mecanismos de poder que sustentam as construções de sistemas e categorias que, não permitem a construção de relacionamentos saudáveis, imparciais e equilibrados.⁸⁰ Um exemplo que pode ilustrar esta situação é apresentado por Lagarde em relação com a sexualidade, que segundo ela, em muitos casos é reduzida ao exercício “para-os-outros” quando afirma que:

Inferiorizadas, seus fatos não as valorizam nem geram para elas poderes que as coloquem no mesmo nível com quem possui valor. E, simultaneamente, são incapacitadas para apropriar-se dos bens e dos poderes monopolizados por outros sujeitos. O processo culmina com a exclusão das mulheres dos espaços de decisão e dos pactos patriarcais.⁸¹ (Tradução nossa).

Gênero é também, a categoria que permite pensar e sonhar com oportunidades novas de participação das mulheres, com novas formas de conceber as atividades litúrgicas, de interpretar os textos que contemplam as experiências das mulheres nas mais diversas manifestações; de resgatar e fazer novas leituras como as que possibilitam a participação das mulheres em espaços ministeriais ou as que consideram a abordagem de temáticas como a sexualidade e o divórcio, entre outros.

Em definitiva, a categoria de gênero abre as portas para um amplo leque de possibilidades. Algumas já postas em prática, mas que tentam sobreviver em meio às adversidades do contexto patriarcal; outras deixadas de lado, a mercê dos interesses do poder de turno; mas, sobretudo, a categoria de gênero permite compreender a importância da promoção e fortalecimento do aporte e a participação das mulheres

⁷⁹ GONZALIA, 2017.

⁸⁰ LAGARDE, 2014, p. 818-830.

⁸¹ LAGARDE, 2014, p. 16. “*Inferiorizadas, sus hechos no las valorizan ni les generan poderes que las homologuen con quienes concentran valor. Y, simultáneamente, son incapacitadas para apropiarse de bienes y de poderes monopolizados por otros sujetos. El proceso culmina con la exclusión de las mujeres de los espacios de decisión y de los pactos patriarcales*”.

nos diversos espaços sociais. Pode-se então dizer que, desde o gênero, como categoria de análise, é possível abordar o estudo sobre as mulheres, desde os condicionamentos culturais, políticos, sociais e religiosos que determinam o modo no qual as mulheres e homens devem viver numa sociedade determinada e é desde esta perspectiva que este trabalho tem sido abordado.

Em relação com a Teologia Feminista, Deifelt afirma que:

[...] permite identificar as limitações, questiona as dicotomias, [...] estuda a construção das relações entre os sexos, [...] critica os valores e aspetos da tradição religiosa que fundamentam desigualdades e discriminações, [...] revisam textos e tradições consideradas normativas canônicas, apontando para o seu caráter androcêntrico, e resgatam a perspectiva de grupos excluídos [...]; mas também permite a construção de novas análises que permitam entender e promover a construção de novos relacionamentos entre homens e mulheres.⁸²

Sendo assim, entende-se que a Teologia Feminista se constitui em passos metodológicos importantes, que afirmam que não só as experiências de vida das mulheres, como também suas experiências de fé, podem ser usadas como ponto de partida para a reflexão teológica. Este processo permite afirmar também a igualdade e dignidade das mulheres como criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus, e, por conseguinte, partícipes do corpo de Cristo, segundo Gênesis 1 e Gálatas 3 respectivamente.

Existem várias propostas metodológicas que apresentam como ponto central o caráter contínuo do processo de análise, discernimento e estabelecimento de novas propostas entre as que podem ser mencionadas as de Ivone Gebara⁸³, Elisabeth Schüssler Fiorenza⁸⁴ ou Marga Ströher⁸⁵ entre outras. Deifelt, por sua vez, apresenta a desconstrução como o método utilizado pela Teologia Feminista, em geral, com o propósito de demonstrar como a religião, em grande medida, tem sido utilizada não

⁸² DEIFELT, 2003, p. 178.

⁸³ GEBARA, Ivone. Desafios que o movimento feminista e a Teologia Feminista lançam à sociedade e às igrejas. **Estudos Teológicos**, v. 27, p. 153-161, 1987. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1210/1166>.

⁸⁴ SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. **Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista**. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti Editora, 2009; **Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

⁸⁵ STRÖHER, Marga Janete; WEILER, Lucia. Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo: um estudo das Cartas Pastorais na perspectiva feminista / Marga Janete Ströher (São Leopoldo: EST/IEPG, 2002) [Recensão]. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, n. 46, p.148-151, 2003.

só para subjugar e oprimir as mulheres, mas também para discriminar certos grupos e legitimar sistemas injustos.⁸⁶

Para finalizar, a experiência das mulheres é apresentada como um critério metodológico de discernimento que pode ser trabalhado em três passos aparentemente simples, mas que são importantes e necessários para não só tentar responder às necessidades de cada contexto e do tempo, mas também “[...] que representem o caráter contínuo do processo de análise, discernimento e estabelecimento de novas propostas.”⁸⁷

O primeiro tem a ver com a tomada de consciência e reconhecimento da marginalização e exclusão da história literária, e como as mulheres têm sido silenciadas e consideradas secundárias no fazer teológico. Este processo começa com a análise do aspecto patriarcal das relações sociais para então falar de novas alternativas e reconstruções, e termina procurando as causas de sua existência e os argumentos que a perpetuam.⁸⁸ **O segundo** é a descoberta de que as mulheres estão presentes nessa literatura e são participantes da história, da cultura e da sociedade. Assim, a Teologia Feminista propõe rastrear a memória esquecida da presença das mulheres; pois existem evidências que no judaísmo e no cristianismo primitivo as mulheres não foram excluídas ao todo das práticas religiosas e, portanto, o corpo de literatura apresentado como normativo constitui somente um lado desse argumento.⁸⁹ A este respeito os trabalhos de pesquisadoras, teólogas e biblistas como Maricel Mena, Elaine Neuenfeldt, Ivoni Richter Reimer, Elsa Tamez, Marga J. Ströher e Tânia Mara Sampaio, mostram e resgatam as posições de destaque de mulheres como: Débora, Maria, Maria Madalena, Jael e Miriam ou de outras cujos nomes nem sequer eram mencionados como a siro-fenícia, a samaritana ou a mulher que sofria de fluxo de sangue.⁹⁰ **O terceiro** passo visa o reconhecimento das tradições alternativas, ou seja, não só se procura a reivindicação das experiências das mulheres e o reconhecimento dos escritos sobre mulheres, mas também, propõe novos temas e abordagens em relação ao modo como tradicionalmente se avaliam os escritos. Aqui é onde as

⁸⁶ DEIFELT, 2003, p. 171-175.

⁸⁷ DEIFELT, 2003, p. 178.

⁸⁸ DEIFELT, 2003, p. 179-181.

⁸⁹ DEIFELT, 2003, p. 181.

⁹⁰ DEIFELT, 2003, p. 183. Ver também, ESTRÖHER, Marga. **A Igreja na casa dela**: papel religioso das mulheres no mundo Greco-Romano e nas primeiras comunidades cristãs. São Leopoldo: IEPG, EST, 1996. 34 p. (Ensaio e monografias 12).

mulheres deixam de ser somente leitoras de textos e passam a ser também produtoras literárias. Neste estágio é onde são reavaliadas, pelas mulheres, as metodologias e normas da teologia à luz da crítica das tradições bíblico-eclesiásticas, com o intuito de encontrar modelos alternativos. Na atualidade podem ser encontradas muitas e diversas alternativas que abordam temáticas específicas desde diversas perspectivas, mas, sempre procurando visibilizar a mulher e reconhecer o seu papel e seu aporte.⁹¹ Em palavras da Gebara, isto corresponderia a uma teologia que se constitui “numa hermenêutica política, corpórea, ética e holística.”⁹²

Olhando então, desde a perspectiva da Teologia Feminista, e fazendo uma paráfrase com o trabalho da Lagarde⁹³, considera-se que o Código Civil e as atribuições que se usam para “definir” o estado civil das pessoas, representam um dos tantos “sistemas” ou “cativeiros”, como ela os define, que regulam a situação das pessoas, condicionando-as a papéis e comportamentos predefinidos na sociedade⁹⁴ (casada, divorciada, solteira etc.). Esta análise permite também entender que é fundamental perceber que ser “não casadas” está definido não só por questões jurídicas, mas também por questões culturais e religiosas que terminam influenciando os espaços de atuação das pessoas, neste caso especial, das mulheres “não casadas”. Um exemplo claro, donde esta situação pode ser percebida é, na mudança de “status” de casada para divorciada, separada ou viúva. Parecera que em qualquer destas novas situações, é como se ela perdesse também seus “valores”, sua credibilidade e seu sentido de responsabilidade como pessoa especialmente nos espaços eclesiais.

Também foi confirmada a suspeita de que as mulheres na sua nova “condição” ou novo “status civil”, se encontram em desvantagem, se comparadas com as mulheres casadas, passando a serem consideradas como ameaças e, portanto, convertendo-se em vítimas de exclusão e discriminação, incluso, em alguns espaços eclesiais.⁹⁵ A mesma situação acontece com as mulheres que se encontram numa relação de união estável, já que, como este tipo de relação não constitui um casamento, elas continuam a ser consideradas solteiras e, portanto, como uma mulher

⁹¹ DEIFELT, 2003, p. 183-185.

⁹² GEBARA, Ivone. **Teologia em ritmo de mulher**, São Paulo, Paulinas, 1994, p. 27-39.

⁹³ LAGARDE, 2014, p. 43.

⁹⁴ LAGARDE, 2014, XV.

⁹⁵ GONZALÍA, 2017, p. 39, 46, 54; AUGUST, 2013, p. 97-100.

que vive em pecado (fornicação ou adultério), por não estar “legalmente casada”. Para muitas destas mulheres os espaços ministeriais ou de liderança estão restringidos ou muitas vezes, estritamente proibidos.

A Dália, uma das participantes, mencionava no seu testemunho, que considerava que esta situação estava ligada ao fato de que agora elas tinham a possibilidade de decidir por si mesmas sobre suas vidas, seus corpos e sua sexualidade sem a interferência dos seus ex-cônjuges. Reforça-se aqui o aporte da Lagarde quando na sua definição do que é ser mulher menciona os sistemas do mundo patriarcal, suas normas e proibições, mecanismos pedagógicos, espaços normativos etc., que tentam categorizá-la.⁹⁶

Sendo assim, uma forma de entender o patriarcalismo compulsivo e dominador do qual fala Lagarde pode ser desde a posição de Heleieth Iara Bongiovani Saffioti, para quem este é entendido como a influência dos acontecimentos históricos do patriarcado, onde a dominação masculina é entendida como o elemento singular na opressão e subordinação da mulher, como reflexo do sistema doméstico ou domesticável organizado que sustenta a dita ordem.⁹⁷ E é precisamente esta ordem que as mulheres na sua condição de “não casadas” transgredem, fazendo com que sejam vistas como perigosas ou ameaçadoras (do sistema preestabelecido).

Conforme o exposto até o momento, é evidente que estas dinâmicas sociais são geradoras de diversas situações conflitantes e crises, que afetam de forma direta ou indireta a vida deste grupo específico; por este motivo, o seguinte bloco é dedicado a conhecer, mais a fundo, alguns detalhes relacionados com o tema das crises, sua classificação, sinais, fases e como elas influem na vida e ministérios do grupo em questão.

⁹⁶ LAGARDE, 2014, p. 43. Ver también: LAGARDE, Marcela, “**El género**”, fragmento literal: ‘La perspectiva de género’, en Género y feminismo. Desarrollo humano y democracia. España, Ed. horas y HORAS, 1996, p. 13-38.

⁹⁷ SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência** - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 107-113.

2.2 CARACTERÍSTICAS GERAIS E CONCEITUAÇÃO DAS CRISES

A obra mais comentada do escritor Howard Clinebell,⁹⁸ no capítulo oito, aborda a temática das crises, tomando como base o trabalho desenvolvido pelo psiquiatra Gerald Caplan sobre prevenção em psiquiatria. Nele, Clinebell destaca a diferença entre os dilemas comuns do dia que exigem uma atividade destinada à solução de problemas diários, daqueles que podem ser considerados como crises. Para ele, uma crise acontece quando os recursos habituais que uma pessoa utiliza para solucionar seus problemas terminam não sendo suficientes para satisfazer as necessidades para as quais foram direcionados, resultando ineficazes e aumentando o *stress* causado por esta situação.⁹⁹

São quatro as fases que Caplan apresenta como características de uma crise pessoal: 1. O estímulo ou problema; 2. Desorganização. (Sentimentos de angústia, confusão, culpa, ansiedade, distúrbios interiores e ineficácia); 3. Mobilização de recursos para solucionar a desordem causada pelo problema, e 4. Séria desorganização da personalidade, caso o problema não seja resolvido com os recursos mobilizados. Como resultado de toda esta situação podem-se apresentar: doenças psicológicas, psicossomáticas, espirituais ou interpessoais.¹⁰⁰

As crises são descritas como situações decorrentes das falhas nas atividades usuais destinadas à solução de tensões causadas por problemas ou conflitos, que permitem o crescimento das tensões sem controle. As crises podem ser motivadas por acontecimentos aparentemente positivos, como a promoção num emprego ou uma gravidez, mesmo que esperada; assim, esses acontecimentos trazem consigo cargas excessivas de estresse podendo gerar situações emocionalmente perigosas. Ele diz que “uma crise é mais do que simplesmente uma época de perigo, dor e estresse a ser superada.”¹⁰¹

⁹⁸ CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento**. 4. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2007.

⁹⁹ CLINEBELL, 2007, p. 180.

¹⁰⁰ CLINEBELL, 2007, p. 180-181.

¹⁰¹ CLINEBELL, 2007, p. 182.

José Luis González de Rivera y Revuelta define a crises como “uma condição instável, que se apresenta no decorrer de um processo, e cuja resolução condiciona e modula a continuidade do mesmo.”¹⁰²

O que define se uma situação adversa pode ser considerada como crise ou não, no entender de Daniel Schipani, é o grau de estresse extraordinário e a desestabilização que esta gera; mas não precisamente pela situação em si mesma, pois uma situação difícil pode gerar uma crise para umas pessoas e para outras não.¹⁰³

Karin Wondracek e Carlos Hernández definem as crises como períodos de incerteza, tensão, ruptura, queda ou variações nos ciclos normais da vida, que trazem surpresas e desafios; produzem descontinuidade e instabilidade, e, nos quais há uma incapacidade de encontrar as ferramentas necessárias para atender estas situações de forma adequada (uma gravidez indesejada, perda do trabalho, acidente, ou uma separação).¹⁰⁴ Para ela e ele, as crises são semelhantes a espaços de nutrição que as pessoas deveriam ter à disposição para encontrar e extrair os nutrientes necessários para o crescimento pessoal, mas que muitas vezes não são encontrados.¹⁰⁵ Segundo esta afirmação, entende-se que as crises envolvem e/ou representam momentos de dificuldade, mas que também vão além delas, podendo se tornar situações positivas de promoção da vida.

Gary Collins define as crises com um viés um pouco menos positivo, contudo igualmente apresenta a possibilidade de estas serem fonte de crescimento e mudança. Para ele, estes são momentos nos quais temos que afrontar situações como o surgimento de pessoas ou acontecimentos novos e ameaçadores, portanto, anormalmente difíceis e complicados, fazendo com que esta nova situação torne ineficazes as formas normais que se tinham de lidar com os problemas.¹⁰⁶ Já Schipani considera uma crise como: uma forma particular (pessoal, familiar ou grupal) de

¹⁰² GONZÁLEZ DE RIVERA y Revuelta, José Luis. Psicoterapia de la crisis. **Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría**, no. 79 Madrid jul./sep. 2001. Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0211-57352001000300004. Acesso em 10 jan. 2020. “*Condición inestable, que se presenta en el curso de un proceso, y cuya resolución condiciona y modula la continuidad del mismo*” Acesso em 10 maio 2021.

¹⁰³ SCHIPANI, Daniel. **Manual de Psicología Pastoral: Fundamentos y Principios de Acompañamiento**, Matanzas: Seminario Evangélico de Teología, 2016.

¹⁰⁴ WONDRAECK, Karin Hellen Kepler; HERNÁNDEZ, Carlos José. **Aprendendo a lidar com crises**. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 11-12.

¹⁰⁵ WONDRAECK; HERNÁNDEZ, 2004, p. 11.

¹⁰⁶ COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 75.

reação frente a uma determinada ameaça interna ou externa. Esta ameaça, segundo o autor, pode ser reconhecida quando são manifestos estados ou situações temporais de desorientação, desorganização e transtorno, que, geralmente, incapacitam a pessoa ou grupo para resolver a situação mediante as ações e/ou estratégias habituais.¹⁰⁷ Desde a perspectiva destes autores, estas situações, por vezes rotineiras, podem afetar o ser humano no aspecto espiritual, físico, econômico, mental, relacional etc.

As crises funcionam como uma peneira que ajuda a discernir o que importa. Elas confrontam nossas crenças e rotinas. Se aceitarmos esse desafio, podemos nos libertar de estereótipos, do rotineiro “piloto automático”. Quando não permitimos esse tempo de revisão de rota, criamos tabus e silêncios que levam à estagnação da vida.¹⁰⁸

Pode-se dizer, então, que tempos de crises, são tempos de provas, onde a pessoa é testada no seu caráter, sua fé, suas emoções, suas capacidades, suas aptidões, seu corpo, sua saúde (mental ou física) etc., são tempos em que tudo parece passar por uma avaliação, ou seja, tempos de crises, são tempos em que é testada a integralidade da pessoa.

2.2.1 Classificação dos tipos de “crises”

Existem diversos tipos de circunstâncias (sociais, pessoais e grupais), como mencionado antes, que podem estar relacionadas a mudanças significativas num tempo dado e que acarretam consequências no desenvolvimento de um processo determinado. Entre estas se podem encontrar questões existenciais, problemas econômicos, situações de pânico, crises nervosas, assuntos de fé etc.¹⁰⁹ Situações de mortes, desemprego, divórcio, problemas familiares e discriminações, também fazem parte do leque que caracteriza as situações de crise.¹¹⁰ O interesse deste trabalho não está orientado a aprofundar no estudo das questões econômicas, grupais ou sociais, mais sim, em algumas questões pessoais. Portanto, a ênfase que vai ser

¹⁰⁷ SCHIPANI, 2016, p. 128.

¹⁰⁸ WONDRACEK; HERNÁNDEZ, 2004, p. 13.

¹⁰⁹ SALAS, M. Natalia. **Acompañamiento pastoral en tiempo de crisis**: "un proceso sanador de consolación y esperanza". Disponível em: <http://estudiantescte.blogspot.com/2012/06/acompanamiento-pastoral-en-tiempo-de.html>. Acesso em 16 jan. 2020.

¹¹⁰ PAULA, Blanches de. **Corpos enlutados**: por um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto. Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Humanidades e Direito, curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2009.

dada, visa à possibilidade de entender melhor as diversas situações que podem ser vivenciadas pelo público em questão (mulheres “não casadas” em exercício de cargos ministeriais ou de liderança) com o intuito de encontrar caminhos que apontem a propostas de acompanhamentos adequados as suas necessidades particulares. Esclarece-se neste ponto que o texto abordará tanto o lado negativo, quanto o lado positivo que as crises podem apresentar.

Inicia-se a análise com o posicionamento de Clinebell, quem seguindo a proposta de Caplan, divide as crises em *dois* grandes grupos; as de desenvolvimento e as acidentais. As crises desenvolvimentais são consideradas como aquelas que fazem parte natural do processo de crescimento e maturação das pessoas. São processos que estão compostos por diversos estágios que o ser humano deve superar de forma adequada como parte indispensável do processo de amadurecimento do seu ser individual e coletivo. Neste grupo se encontram, entre outras: o desmame, a entrada na escola, a transição de criança para a adolescência, a saída de casa, a formatura, o começo de uma nova etapa profissional e o ajustamento à vida de casado/a ou solteiro/a.¹¹¹ As crises acidentais, por sua vez, designam aquelas que ocorrem em qualquer etapa da vida, como resultado de um evento inusitado, como a perda de um ser querido por acidente, a possibilidade iminente de uma cirurgia, deficiência físicas, desemprego, descoberta de uma doença grave, morte; perda do status ou até uma catástrofe natural.¹¹² Neste ponto os posicionamentos são coincidentes com os de Schipani, quem inclui ou nomeia neste grupo as crises situacionais, emergenciais ou circunstanciais.¹¹³

Para Collins, não são dois, mas sim, três os tipos de crises que uma pessoa pode enfrentar. Além das crises de crescimento (ou desenvolvimentais) e as acidentais, situacionais, emergenciais ou circunstanciais, mencionados anteriormente, ele inclui as crises existenciais. Estas representam mudanças na autopercepção, que podem ser desconsideradas por algum espaço de tempo, porém, chegado o momento, têm de ser enfrentadas realisticamente¹¹⁴ permitindo assim que a pessoa possa conservar a esperança de realização pessoal. Alguns dos questionamentos ou afirmações presentes nesta categoria podem ser: Sou um

¹¹¹ CLINEBELL, 2007, p. 182.

¹¹² CLINEBELL, 2007, p. 182.

¹¹³ SCHIPANI, 2016, p. 127.

¹¹⁴ COLLINS, 2004, p. 77.

fracasso; pois é, agora estou viúva e sozinha de novo; fui rejeitado/a pela cor da minha pele ou, estou velho/a demais para realizar meus sonhos¹¹⁵.

Na opinião de Jorge Maldonado, são quatro os tipos de crises¹¹⁶ e suas apreciações estão baseadas nas pesquisas de Frank S. Pittman. O autor além de concordar com as categorizações das crises mencionadas pelos outros autores, elenca duas categorias mais: as *crises estruturais*¹¹⁷ e as *crises de desvalia*.¹¹⁸ Sendo assim, para Maldonado as crises estruturais decorrem da exacerbação de dinâmicas internas da família e são produzidas como uma tentativa de evitar as mudanças próprias do grupo familiar, o que as torna muito mais difíceis de tratar. Estas crises se caracterizam por serem periódicas e recorrentes. Neste grupo podem ser consideradas as crises geradas por situações de tipo econômico/financeiro, habitacionais e escolares entre outras.¹¹⁹ Finalmente, considera que as crises de desvalia aparecem quando num grupo há membros disfuncionais ou dependentes e a ajuda que se precisa é especializada ou difícil de substituir. Estas se apresentam, por exemplo, como uma ruptura no sistema familiar que exige uma reorganização. Neste grupo se encontram também aquelas cujas origens estão atreladas, por exemplo, a presença de dependentes químicos, crianças com deficiências ou pessoas idosas.¹²⁰

Pode-se dizer, então, que crises podem ocorrer quando um sistema ou pessoa vivencia situações que causam dor e esta não é processada de forma adequada ou quando estas situações provocam que as pessoas percam a confiança em si mesmas, se paralisem e terminem por se afastar da realidade. Em situações como estas as pessoas passam por momentos de sofrimento e desequilíbrio emocional, físico e espiritual intensos, sem capacidade de processar adequadamente sua ansiedade e dor.¹²¹ Noutras palavras, o que define se uma situação adversa do dia a dia pode ser considerada como crise ou não, é o grau de estresse extraordinário e a desestabilização que este gera; mas não necessariamente pela situação em si mesma, já que uma situação difícil pode gerar uma crise para umas pessoas e não

¹¹⁵ COLLINS, 2004, p. 76.

¹¹⁶ MALDONADO, Jorge E. Intervenção em crises. In: SANTOS, Hugo N. (Editor). **Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral**: contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE, São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 155-182.

¹¹⁷ MALDONADO, 2008, p. 169-172.

¹¹⁸ MALDONADO, 2008, p. 172-174.

¹¹⁹ MALDONADO, 2008, p. 169-172.

¹²⁰ MALDONADO, 2008, p. 172-174.

¹²¹ COLLINS, 2004, p. 89-105.

para outras.¹²² Com base na informação anterior, apresenta-se na Tabela 1¹²³, de forma resumida, as cinco categorizações das crises e alguns dos seus respectivos exemplos ou características, com o propósito de facilitar o que, por vezes, torna-se complicado no momento da sua compreensão.

¹²² SCHIPANI, 2016, p. 128.

¹²³ Tabela elaborada baseada em: CLINEBELL, Howard J. 2007, p. 182; COLLINS, 2004, p. 73-75; MALDONADO, 2008, p. 172-174 e SCHIPANI, 2016, p. 131-132.

Tabela 1 - Tipos de crise – definição e características

TIPO DE CRISE / DEFINIÇÃO	EXEMPLOS / CARATERISTICAS	H.C./ G.C.	G.C.	J.M. / F.S.P.	D.S.
DE CRESCIMENTO OU DESENVOLVIMENTAIS Fazem parte natural do processo de crescimento e maturação das pessoas. É um processo que está composto por diversos estágios que o ser humano deve superar de forma adequada com o intuito de avançar e madurecer em seu ser individual e coletivo.	Desmame, Entrada na escola, Adolescência, Saída de casa, Formatura, Começo de uma nova etapa profissional, Ajustamento à vida de casado/a ou de solteiro/a.				
ACCIDENTAIS, SITUACIONAIS OU CIRCUNSTANCIAIS Aquelas que ocorrem em qualquer etapa da vida, como resultado de um evento inusitado.	Perda de um ser querido por acidente, a possibilidade iminente de uma cirurgia, deficiência físicas, descoberta de uma doença grave, morte; perda do status ou até uma catástrofe natural.				
EXISTENCIAIS Representam mudanças na percepção, pessoal que podem ser desconsideradas por algum espaço de tempo, mas que chegado o momento, têm de ser enfrentadas realisticamente.	Os questionamentos ou afirmações mais comuns podem ser: Sou um fracasso. Pois é, agora estou viúva e sozinha de novo. Fui rejeitado pela cor da minha pele ou, estou velho/a demais para realizar meus sonhos.				
ESTRUTURAIS Decorrem da exacerbação de dinâmicas internas da família e são produzidas como uma tentativa de evitar as mudanças próprias do grupo familiar.	São crises periódicas e recorrentes. Neste grupo podem ser consideradas as crises geradas por situações de tipo económico / financeiro, habitacionais e escolares.				
DE DESVALIA Aparecem quando há membros disfuncionais ou dependentes e a ajuda que se precisa é especializada ou difícil de substituir. Estas se apresentam como uma ruptura ao sistema familiar que exige uma reorganização.	Neste grupo se encontram aquelas cujas origens estão atreladas a presença de dependentes químicos, crianças com deficiências ou pessoas idosas, entre outros.				
Legenda					
Daniel Schipani		Jorge Maldonado/Frank S. Pittman			
Gary Gollins		Howar Clinebell / Gerald Caplan			

Fonte: a autora

2.2.2 Alguns sinais de possíveis estados de crise

Vivemos numa sociedade onde os relacionamentos, de forma geral, apresentam cada vez mais sinais patogênicos e neurotizantes fazendo que algumas pessoas, de forma muito mais crescente, tentem fugir das suas angústias e necessidades espirituais e do contato com sua vida interior¹²⁴. No entanto, outras, vão na direção inversa, rumo ao interior de si mesmas, querendo encontrar um sentido ou motivações novas para sua vida que parece ter perdido o sentido.¹²⁵

Esta situação pode ser percebida na medida em que a evolução das sociedades, seguida pelos mercados, tem apresentado diversas mudanças ao longo do tempo, que por sua vez, tem afetado os relacionamentos e criado desigualdades significativas, potenciando os processos de crises, como apontado por Claude Dubar:

Na maior parte dos casos, trata-se de relações quotidianas, familiares, profissionais, de proximidade. Ser deixado pelo cônjuge, ser despedido pelo patrão, não ser cumprimentado pelo vizinho ou ser maltratado pela administração constituem rupturas concretas de relações.¹²⁶

Além das mudanças a nível “micro” mencionadas por Dubar, conexas às esferas das relações quotidianas, Dubar também aponta para outras mudanças a nível “macro” que atingem as esferas simbólicas, na maioria das vezes, quase imperceptíveis. Esta situação é descrita como segue:

A mudança de normas, de modelos, de terminologia provoca uma desestabilização das referências, das denominações, dos sistemas simbólicos anteriores. Esta dimensão, mesmo quando é complexa e oculta, toca numa questão crucial: a da subjetividade, do funcionamento psíquico e das formas de individualidade.¹²⁷

Voltando a nossos espaços de reflexão por excelência (os espaços das comunidades eclesiais), uma situação muito comum entre as e os que exercem cargos de liderança, no nível de laicato ou àquelas que exercem no nível do ministério ordenado; sejam homens ou mulheres, sem importar idade, raça ou nível social é o

¹²⁴ HOCH, Lothar Carlos. **A contribuição da logoterapia e da resiliência para o Cuidado Pastoral dos que sofrem: um diálogo inicial.** Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/666. Acesso em: 23 set. 2020.

¹²⁵ DUBAR, Claude. **A crise das identidades: A interpretação de uma mutação.** Porto: Edições Afrontamento, 2006. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2018/09/Livro-dubar-claude_a_crise_das_identidades.pdf. Acesso em: 23 set. 2020.

¹²⁶ DUBAR, 2006, p. 14.

¹²⁷ DUBAR, 2006, p. 15.

estado de solidão na qual muitas e muitos terminam caindo. Este é um estado do qual se estará falando um pouco mais adiante, mas, por enquanto, trazemos à nossa reflexão, a postura de Edson E. Streck e Günter K. F. Wehrmann, que consideram esta como uma situação muito comum e se referem a ela nos seguintes termos:

A solidão é um perigo que ameaça constantemente ao pastor (e a pastora). O pastor (e a pastora), por definição, são pastores (e pastoras) para outros (e outras). Quando tem necessidade de ter o seu pastor (ou a sua pastora), dificilmente o/a encontram em tempo oportuno. Mesmo rodeado (ou rodeada) por pessoas, às vezes não conseguem disfarçar sua solidão[...] A solidão é um perigo que ameaça constantemente [...], encontram-se isolados (e isoladas) em termos geográficos. Seus (e suas) colegas mais próximos (e próximas), não se encontram tão perto como gostariam que estivessem. Outros (e outras), mesmo rodeados (e rodeadas de) colegas por todos os lados, são como uma ilha.¹²⁸

Por vezes alguns membros de comunidades não entendem que a pastora, o pastor e também outros e outras líderes da comunidade, não são alheios a passar por diversos momentos de dificuldades e crises ou “fossas” como definidas por Streck e Wehrmann, nas quais elas e eles também precisam de atenção e ajuda; e optam por ver eles e elas acima das dores, tentações e sofrimentos e não compreendem que com o tal, eles e elas também tem “direito” a desabafo e a lágrimas.¹²⁹

Outra situação referida pelos autores tem a ver com as problemáticas vocacionais ou no pior dos casos, a indefinição em torno da vocação. Eles afirmam que as consequências deste tipo de crises afetam a família, podem provocar um redirecionamento de sua vocação, situação que acarreta dificuldades e enfrentamentos do entorno familiar e constatam, no caso dos casados e das casadas, que alguns cônjuges se descobrem iludidos e iludidas por ter entendido que o casamento com uma pastora ou um pastor traria certo “status”, mas a convivência diária, termina revelando uma realidade muito diferente. Entre os nefastos resultados que se podem apresentar se encontram: frustração, constantes brigas entre casais e com os filhos e as filhas, questionamentos, necessidade de ajuda psiquiátrica, separação ou matrimônios de “fachada” mantidos por conveniência, mas não por amor.¹³⁰

¹²⁸ STRECK, Edson E.; WEHRMANN Günter K. F. Obreiros podem falar de seus conflitos? In: **Estudos Teológicos** 1988. Nº 28 Vol. 3. P. 268 (O texto da referência sofreu uma pequena modificação para incluir/contemplar a linguagem inclusiva, o que se considera, não alterou o conteúdo da citação).

¹²⁹ STRECK; WEHRMANN, 1988, p. 268.

¹³⁰ STRECK; WEHRMANN, 1988, p. 272.

Alguns dos indicadores ou sinais comuns de crise nas diversas áreas da vida e na experiência pessoal são indicados por Schipani, quem adverte que, quanto maior seja o problema tanto maior o número de sinais e o grau de sofrimento expressado pela pessoa, e que estes sinais terminam se manifestando, como já mencionado, em todas as áreas do ser humano.¹³¹

Alguns dos comportamentos que o autor aponta em relação aos **sinais comportamentais** os mais comuns podem ser: o abuso da comida ou bebida, esgotamento físico, afastamento, incapacidade de realizar tarefas do dia a dia e paralisia. Em casos mais graves são frequentes as tentativas de suicídio, o abuso de álcool e drogas. Entre os **sinais emocionais e mentais** mais comuns se encontram o medo, a ansiedade e/ou depressão, irritabilidade, mudanças fortes no humor, dificuldade na comunicação, nas relações interpessoais e perda da autoestima.

Os **sinais espirituais** podem ser percebidos nos questionamentos sobre a presença, poder, justiça e a misericórdia de Deus. A luta existencial sobre o significado e valor do sofrimento, a diminuição ou perda do sentido de propósito, destino ou projeto de vida também se fazem visíveis, assim como consciência da realidade/existência do mal e a ameaça da morte, sentimentos de abandono, alienação e vulnerabilidade ou necessidade de recuperar o sentido de gratuidade. Em casos nos quais a situação é grave, são percebidos sentimento de culpa, vergonha e/ou ódio contra si mesmo ou também, sentimento de vazio e autocondenação. Não sendo tudo negativo, a esperança e perdão, também são característicos neste estado.

As principais características dos **sinais físicos** causados pelas crises podem incluir dificuldades para comer, dor de cabeça, dificuldades para dormir (insônia), cansaço, diminuição da energia, nervosismo, ansiedade, agitação, dores crônicas sem explicação, problemas cardíacos, choro frequente sem explicação e em casos de trauma severo: pânico.¹³²

¹³¹ SCHIPANI, 2016, p. 129.

¹³² SCHIPANI, 2016, p. 129-130.

2.2.3 Fases/sequência das crises

Tanto Hoch Lothar Carlos ¹³³ (baseado em H. Stone), quanto Clinebell¹³⁴ e José Luis González de Rivera¹³⁵ (baseados em Caplan), salientam que as crises apresentam (geralmente) quatro fases de desenvolvimento, desde seu início até seu tratamento ou solução. Ainda que algumas fases sejam definidas com nomes ou de forma um pouco diferente, no geral, apresentam as mesmas características, como apresentadas a seguir. **1ª Fase:** O estímulo/causa, problema gerador de tensão, choque ou impacto agudo (caracterizado por, além do estresse, sentimentos de confusão desamparo, impotência e desvalia). **2ª Fase:** Desorganização crítica ou distúrbios interiores, por falha na satisfação do problema inicial, gerador da tensão. A pessoa apresenta condutas psicopáticas ou “fora de caráter” como denominadas por González (frustração, confusão, culpa, ansiedade e depressão). **3ª Fase:** Resolução ou mobilização, na procura de novos recursos para solucionar ou atender os distúrbios (nesta etapa são desenvolvidas algumas atividades que inicialmente podem trazer solução imediata, mas, no desenvolvimento “correto ou apropriado” do processo estas podem não dar certo aumentando a necessidade de uma solução. Isto pode estimular a criatividade para criar novas estratégias de enfrentamento ou buscar novas fontes de ajuda) e **4ª Fase:** Retirada final ou opção por um novo estímulo de mobilização diferente ou adicional, caso não se tenha solucionado o problema ou tensão inicial. Esta, às vezes, pode ser parcial (interna - desorganização psicótica ou estruturação delirante; externa – mudança radical de atividade, relações, entorno e até nome) ou também pode ser total – suicídio.

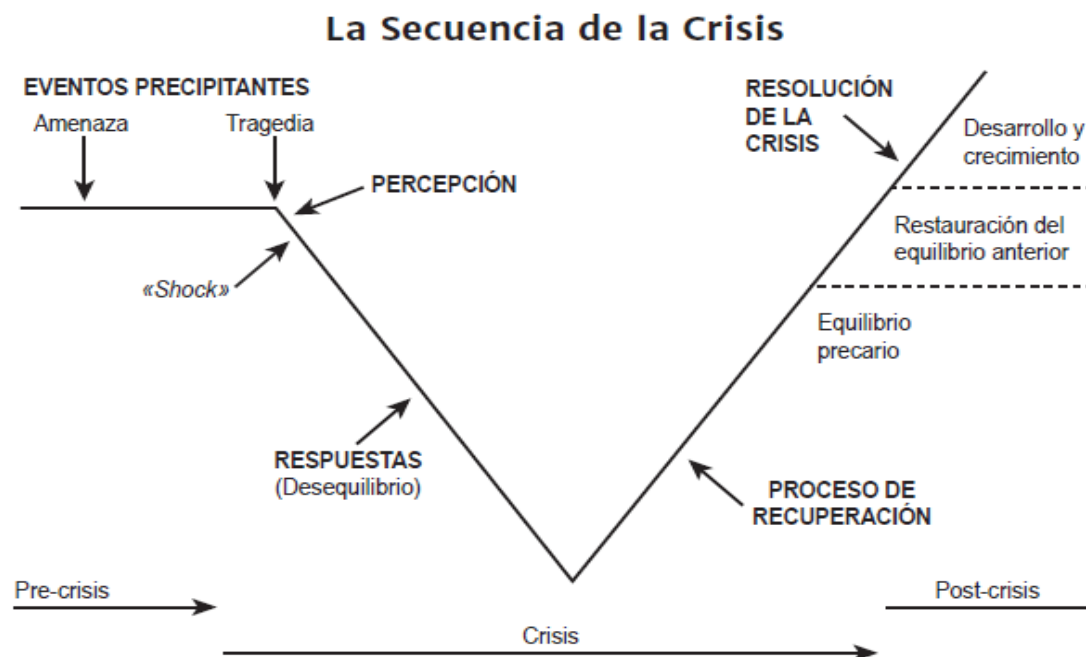
Maldonado, por sua vez, representa a sequência de uma crise com o esquema representado na Figura 2.

¹³³ HOCH, Lothar Carlos. A crise pessoal e sua dinâmica. Uma abordagem a partir da Psicologia pastoral, *In*: SANTOS, Hugo N. (Editor). **Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe**. São Paulo: ASTE, São Leopoldo: CETELA, 2008, p. 145-146.

¹³⁴ CLINEBELL, 2007, p. 182-183.

¹³⁵ GONZÁLEZ DE RIVERA, 2001, p. 2.

Figura 2 – A sequência da crise



Fonte: MALDONADO, 2008, p. 163.

Um comparativo das propostas de Hoch e Maldonado é apresentado na Tabela 2, com o intuito de tentar compreender melhor o percurso de uma situação problemática que acaba por se converter numa crise.

Tabela 2 - Fases/sequência da crise (Hoch – Maldonado)

Fase - Descrição	Lothar C. Hoch	Jorge Maldonado	Etapa
1ª Fase	Estímulo, problema ou causa geradores de tensão.	Eventos precipitantes. - Ameaça. - Tragédia.	P R É - C R I S E
2ª Fase	Distúrbios interiores por falha na satisfação do problema inicial, gerador da tensão. (Frustração, culpa, confusão, ansiedade e depressão).	Percepção. Respostas.(Shock-desequilíbrio).	
CRISE			
3ª Fase	Mobilização na procura de novos recursos para solucionar ou atender os distúrbios.	Processo de recuperação - Equilíbrio precário	P Ó S - C R I S E
4ª Fase	Opção por um novo estímulo de mobilização diferente / adicional. (caso não se tenha solucionado o problema ou tensão).	Resolução da crise - Restauração do equilíbrio anterior. - Desenvolvimento e crescimento.	

Fonte: a autora¹³⁶

¹³⁶ Tabela elaborada baseada em: HOCH. 2008, p. 143-154 e MALDONADO, 2008, p. 155-182.

Segundo as propostas esquematizadas no quadro anterior, pode-se perceber que os autores coincidem nas suas exposições em relação ao processo de desenvolvimento de uma crise, e mais do que coincidir, percebe-se que as duas posturas se complementam. A principal diferença entre as propostas é que Maldonado aponta de forma explícita no seu esquema, os momentos de pré-crise e pós-crise. Entretanto, Schipani também faz alusão a isto, como apresentado no ponto sobre os sinais de possíveis estados de crise, quando expõe os diversos sinais que podem anteceder a uma situação de crise.

É pertinente mencionar que: dependendo da forma na qual se administrem as causas geradoras de tensão ou os eventos precipitantes, os problemas não necessariamente constituem ou representam uma crise. Este fato depende da forma como a pessoa reage frente à situação, assim como também das ferramentas de que ela dispõe para enfrentar cada problema o evento precipitante.

Mesmo que o exposto até o momento se tenha focado a apresentar o lado “negativo” das situações de crise, é oportuno dizer que a crise apresenta também outra face, a face da oportunidade de desenvolvimento e crescimento, como descrito por Maldonado, Schipani, Collins e Salas, entre outros, e como será exposto adiante.

2.3 SITUAÇÕES DE CRISES COMO OPORTUNIDADES DE CRESCIMENTO

Wondracek e Hernández afirmam que: “não há perspectivas de passar por uma crise e chegar novamente ao equilíbrio – estamos numa ‘nova desordem mundial’, na qual não há como conservar as coisas, pois não há mais padrão universal para reger o funcionamento das relações.”¹³⁷ Mesmo sendo isto certo, é possível que as crises sejam vistas como oportunidades de crescimento, pelo fato de representarem novos desafios, novas formas de renascer, e também, novas oportunidades para crescer e amadurecer.¹³⁸ “A maioria das pessoas tem capacidades intelectuais, habilidades, experiências, atitudes positivas ou motivações que podem ajuda-las a crescer durante as crises.”¹³⁹ Portanto, ver a crise como uma

¹³⁷ WONDRAECK; HERNÁNDEZ, 2004, p. 62.

¹³⁸ SALAS, 2012. Disponível em: <http://estudiantesccte.blogspot.com/2012/06/acompanamiento-pastoral-en-tiempo-de.html>. Acesso em 16 jan. 2020.

¹³⁹ COLLINS, 2004, p. 79.

oportunidade de crescimento, depende do caminho que se escolha para o processo de recuperação, o qual deve constituir um desafio para o desenvolvimento da capacidade e potencial humano de adaptação e mudança positiva e saudável.

No idioma chinês, conforme a Figura 3, por exemplo, a palavra crise está representada por dois ideogramas: um que significa perigo (dado que interrompe o curso normal da vida que ameaça esmagar as pessoas atingidas)¹⁴⁰ e outro que significa oportunidade (dado que apresentam a oportunidade de aprender e reagir de forma mais adequada frente aos problemas).¹⁴¹

Figura 3 – Palavra “crise”



Fonte: Arquivo eletrônico¹⁴²

Parafraseando Schipani: Trata-se da capacidade, possibilidade e disposição que a pessoa tem de desenvolver estratégias saudáveis, ou seja, geradoras de saúde.¹⁴³ Ele também propõe que, emoções fortes, desorganização pessoal e ideias estranhas, são algumas das reações que precedem a uma situação de crises, ante as quais se devem pôr em prática algumas medidas como, por exemplo, a adoção e

¹⁴⁰ Em Linguística o ideograma pode ter dois significados. 1. Ideograma é um símbolo gráfico ou desenho que representa um objeto ou uma ideia [em certas línguas pode ser lido como denotando o próprio objeto ou as respectivas conotações]. 2. É um caráter composto da escrita chinesa obtido pela combinação de dois ou mais outros caracteres representativos de palavras com sentido relacionado. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=o+que+%C3%A9+um+ideograma%3F&oq=o+que+%C3%A9+um+ideograma%3F&aqs=chrome..69j64j0l3.162031j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 15 out. 2018.

¹⁴¹ COLLINS, 2004, p. 75.

¹⁴² Crise. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=palavra+crise+no+idioma+chines&tbm=isch&ved=2ahUKEwj8NLFwu3nAhWbBrkGHffgDB0Q2-cCegQIABAA&oq=palavra+crise+no+idioma+chines&gsl=img.3...14266.20843..21986...0.0..0.385.7622.2-28j2.....0.....1..gws-wiz-img.....0j0i67j0i10j0i30j0i8i30.AyP5xVKzUQE&ei=i4BVXryLL5uN5OUP98Gz6AE&bih=657&biw=1366#imgrc=XCIRMr-wYXfS3M>. Acesso em 25 fev. 2020

¹⁴³ SCHIPANI, 2016, p. 131-132. “*Se trata de la capacidad, la posibilidad, y la disposición de desarrollar estrategias funcionales salutogenas (o sea, generadoras de salud)*”.

adaptação a novas condutas, a elaboração do luto e a expressão de sentimentos e atitudes nomeadas pelo autor como: estratégias funcionais, se a intencionalidade é enfrenar estas crises como uma oportunidade de recuperação e de crescimento.¹⁴⁴

Collins concorda neste aspecto salientando que: “Contudo, as crises dão às pessoas a oportunidade de amadurecer a personalidade e aprender a reagir melhor diante das dificuldades”¹⁴⁵. Maldonado afirma que, como oportunidade, as crises podem oferecer ou representar crescimento, ainda em meio ao sofrimento¹⁴⁶ ou também, “a vida subsiste por meio de rupturas, de descontinuidades que paradoxalmente possibilitam a continuidade da vida”¹⁴⁷ é a posição de Wondracek e Hernández neste sentido. Entre os exemplos que podem servir para ilustrar isto se encontram: a ruptura da bolsa amniótica no nascimento, o rompimento da casca do ovo de aves e répteis ou o rompimento do caçulo das borboletas. Estes são processos considerados, até certo ponto, traumáticos, mas que sem eles a vida não seria possível, portanto, se tornam, mais do que necessários, indispensáveis.

Interpretando as perspectivas destes autores, ainda que as crises representem situações conturbadas, não necessariamente significa que estas venham a afetar drasticamente de forma negativa a vida das pessoas, se elas são trabalhadas adequadamente. Aqui as questões precisamente são: estão as pessoas (neste caso as mulheres “não casadas”), tendo a possibilidade de poder enfrentar essas situações de forma adequada? E, existem nas comunidades programas e pessoas dispostas a ajudar neste processo?¹⁴⁸

González de Rivera descreve que:

[...] a crise em efeito pode marcar a gravidade ou destruição do processo, mas também seu fortalecimento e otimização [...] A situação de crise. Ao romper o fluxo contínuo da existência, força um repensar vital, obrigando, por vezes, à construção de um novo sentido.¹⁴⁹ (Tradução nossa).

¹⁴⁴ SCHIPANI, 2016, p. 132.

¹⁴⁵ COLLINS, 2004, p. 75.

¹⁴⁶ MALDONADO, 2008, p. 158.

¹⁴⁷ WONDRAECK; HERNÁNDEZ, 2004, p. 15.

¹⁴⁸ Esta questão das crises em relação direta com as protagonistas de este trabalho, se estará aprofundando no próximo capítulo da tese, o qual se encarrega de analisar algumas experiências de crises de mulheres não casadas, envolvidas em trabalhos e cargos de liderança em contextos eclesiais; e, enquanto a questão de se existem programas adequados para o acompanhamento de estas situações, este será o assunto do qual se ocupe o capítulo final desta tese, dedicado ao tema do acompanhamento.

¹⁴⁹ GONZÁLEZ DE RIVERA, 2001, p. 2. “*En efecto, la crisis puede marcar el empeoramiento o la destrucción del proceso, pero también su fortalecimiento y optimización. [...] La situación de crisis,*

O que a exposição anterior esclarece é: que cada crise oferece novas possibilidades de desenvolver recursos diferentes para sua superação; que estas exigem das pessoas atitudes para adaptar-se às novas situações e assim ter a oportunidade de adquirir mais segurança e maturidade. As crises provocam a “saída” do “lugar de conforto” já conhecido, do lugar de “aconchego” em que a pessoa se encontra e a coloca em situações ou “lugares desconhecidos” ou “desconfortáveis”, que podem envolver um sem-fim de emoções e situações até então desconhecidas para a pessoa. Mesmo assim, esta é uma nova oportunidade para crescer e desenvolver novas aptidões de luta contra elas, como por exemplo, a resiliência, a aceitação, a autoaceitação e a flexibilidade, entre outras tantas. Em sentido positivo, a angústia, o choro, as incertezas e até a vontade de desistência, quando expressados adequadamente, podem ajudar a aliviar a tensão e o estresse da primeira fase da crise, e assim permitir o avanço pelo caminho da recuperação e o crescimento.

Depois de ter olhado mais de perto o panorama em relação à questão da crise e sua dinâmica, este capítulo abordará algumas das questões apresentadas por Henry Nouwen no seu livro “O sofrimento que cura” que evidencia a dinâmica de quatro aspectos fundamentais que interferem nas situações de crises que o ser humano vivencia nestes tempos pós-modernos. No primeiro aspecto descreve o contexto espacial pós-moderno, ou o mundo em sofrimento. Esta será a primeira peça para a construção do “quebra-cabeça” que compõe o panorama geral da proposta de trabalho sobre *acompanhamento* a mulheres “não casadas” em exercício de suas funções ministeriais ou cargos de liderança.

É de considerar que o trabalho na superação das crises apresenta uma problemática e é o fato de que, se um rompimento pode ser considerado como uma crise, segundo os aportes anteriores, se deve levar em consideração a hipótese de que: a funcionalidade ou restauração da ordem natural, da situação crítica ou da ruptura, vai depender do tipo de tratamento, atenção ou *acompanhamento* que se efetue em cada caso.

Também é pertinente lembrar que o trabalho de atenção a estas situações não depende de uma ação específica, mas, que possivelmente precisará de várias

al romper el flujo continuo de la existencia, fuerza un replanteamiento vital, obligando, a veces, a la construcción de un nuevo sentido”.

ações ou da participação de vários ou várias profissionais, agindo de forma conjunta para a restauração da ordem inicial (antes da situação crítica). Tudo depende do tipo de situação que se precise atender. Além, também é importante entender que, mesmo fazendo um bom trabalho de restauração, cuidado e *acompanhamento*, a ordem inicial antes da ruptura, nunca voltará a ser a mesma, como mencionado por Wondracek e Hernández no início deste segmento. Tudo isto deve ser considerado juntamente com a pessoa que esteja vivenciando a crise.

Para resumir aqui o trabalhado até o momento, Schipani menciona que problemas, traumas e crises se apresentam na totalidade do ser (nas áreas física, emocional-mental, comportamental e espiritual) as quais são afetadas por estas¹⁵⁰ e, Maldonado afirma que os estados de crise “são momentos propícios onde às ambiguidades de nossa humanidade afloram, seja com voz audível ou no silêncio”¹⁵¹; alguns nos questionam sobre o sentido da vida, o propósito do sofrimento ou sobre a origem do mal. Hoch por sua vez, defende a mesma perspectiva que Schipani, no sentido de que, em geral, as crises provocam diversas mudanças na existência das pessoas, devido a que estas afetam a vida humana em todas suas esferas (física, mental/psicológica e espiritual).¹⁵²

Ponderando o anteriormente exposto, é importante mencionar também, algumas questões consideradas detonantes de estados de crise, como por exemplo, as transições normais nos estágios do desenvolvimento da vida¹⁵³, (de criança para a adolescência; da adolescência para a idade adulta; da idade adulta para a média idade e as crises do final da vida adulta). Noutras palavras, crises que têm a ver diretamente com as questões do processo de maturidade da pessoa e, na maioria destas transições, elas ajudam a pessoa no desenvolvimento saudável da sua personalidade, se são atendidas adequadamente.

¹⁵⁰ SCHIPANI, 2016, p. 129.

¹⁵¹ MALDONADO, 2008, p. 156.

¹⁵² HOCH, 2008, p. 143-154.

¹⁵³ COLLINS, 2004, p. 213-244.

2.3.1 As Crises desenvolvimentais e a meia idade

Tomando como base a idade adulta Collins menciona que, na transição desta para a meia idade¹⁵⁴, num primer momento, se produzem mudanças significativas na vida das pessoas em termos de saúde, sexualidade, aparência, amor e progresso profissional, entre outras tantas; e que, na maioria das vezes, as pessoas não estão preparadas para enfrentar as consequências.

O início da fase adulta é a época em que somos mais atingidos, tanto internamente, por nossas próprias paixões, quanto externamente, pelas cobranças da família, da comunidade e da sociedade. Sob condições razoavelmente favoráveis, as recompensas que obtemos nessa época da vida são enormes, mas os custos, geralmente, são iguais ou até maiores que os benefícios.¹⁵⁵

Ele também indica que, segundo a pesquisa de Daniel Levinson e um grupo de pesquisadores/as da Universidade de Yale, o período da vida adulta se inicia aproximadamente aos 17 anos e se estende até aproximadamente os 40 anos e que consta ou pode ser dividido em quatro estágios, com durações de mais o menos cinco a sete anos cada uma.¹⁵⁶ Estes períodos estão caracterizados por serem momentos de muitas satisfações, de tomada de decisões sobre diversas questões como estudo, trabalho e relações; más também, por serem momentos de muito estresse, decorrentes das pressões ou exigências do grupo, da família e da sociedade; que são muito fortes nesse período.¹⁵⁷

Os achados da pesquisa da Universidade de Yale vão ao encontro dos aportes da Lagarde que afirma que “a mulher é um ser composto por um ‘conjunto de elementos’, definido pelas relações sociais, econômicas e também pelas opressões que a submetem.”¹⁵⁸

Zygmunt Bauman, no seu livro “Identidade líquida”, menciona que:

Para pessoas inseguras, desorientadas, confusas e assustadas pela instabilidade e transitoriedade do mundo que habitam, a “comunidade” parece uma alternativa tentadora. É um sonho agradável, uma visão de paraíso: de tranquilidade, segurança física e paz espiritual. Para pessoas que lutam numa estreita rede de limitações, preceitos e condenações, pelejando pela liberdade de escolha e autoafirmação, a mesmíssima comunidade que exige

¹⁵⁴ É importante mencionar que o grupo de participantes de esta pesquisa se encontram entre a faixa da idade adulta e a velhice (39 – 70 anos), segundo a classificação de COLLINS. 2004, 194 – 268.

¹⁵⁵ COLLINS, 2004, p. 214.

¹⁵⁶ COLLINS, 2004, p. 214.

¹⁵⁷ COLLINS, 2004, p. 215.

¹⁵⁸ LAGARDE, 2014, p. 43.

lealdade absoluta e que guarda estritamente as suas entradas e saídas é, pelo contrário, um pesadelo: uma visão do inferno ou da prisão. [...]. Para a maioria [...], portanto, a “comunidade” é um fenômeno de duas faces, completamente ambíguo, amado ou odiado, amado e odiado, atraente ou repulsivo, atraente e repulsivo. Uma das mais apavorantes, perturbadoras e enervantes das muitas escolhas ambivalentes com que nos, habitantes do líquido mundo moderno, diariamente nos defrontamos.¹⁵⁹

Cada uma destas questões mencionadas neste segmento, permite, até certo ponto, perceber e compreender um pouco mais a complexidade de situações presentes no processo de desenvolvimento de uma persona e como estas influem na sua vida diária. Isto coincide também com as situações de insegurança e/ou confusão expressado pelas mulheres participantes da pesquisa de Gonzalía.¹⁶⁰ Por exemplo, no caso da Lila (que se descreverá mais adiante) se vê refletida de forma muito específica e clara, a dualidade e ambiguidade mencionadas por Bauman. Para ela a comunidade representava duas possibilidades: o atraente e amado, mas também, a prisão e o castigo.¹⁶¹ Apartes do seu testemunho e também do testemunho da Margarita, outra participante da mesma pesquisa, serão apresentados à continuação, como exemplos do tipo de crise que se está querendo ilustrar.

Da pesquisa de campo desta tese, se apresenta a continuação o relato de Lila, mulher de 45 anos, quem fala sobre sua experiência ministerial como mulher “não casada” em relação a questão da sexualidade, na sua comunidade. Ela manifesta que foram anos de crise emocional, que terminaram criando uma espécie de dualidade na sua vida. Ela expressa:

Lila. Durante muitos anos foi como uma crise..., digamos..., emocional, [...] não sei, como que são diferentes etapas na vida nas que..., não sabes para onde ir. [...] neste trabalho de investigação chamou minha atenção isso, que foram abordados temas que parecesse como que já estão esclarecidos para cada um como, [...] a vivência cristã e a sexualidade. Então, se dá como um fato que tudo está esclarecido. Quem não se casou, não tem vida sexual ou quem quiser tê-la, [...] têm que se casar; é como que só há duas formas ou duas perspectivas que estão oficializadas, mas, na medida em que se vai vivendo, é que se vai percebendo que isso não, não está resolvido, nem sequer se tem discutido ou dialogado [...] na comunidade não se diz: você não se pode casar, ou, não pode ter uma vida íntima se não está casada, não. Eu não tenho visto ou tenho entendido que o falem abertamente, mas, está dito em meio à homilia, está dito em meio da forma como somos tratadas. Então, são essas mensagens as que acho ainda mais fortes, porque nem

¹⁵⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 68.

¹⁶⁰ GONZALIA, 2017.

¹⁶¹ GONZALIA, 2017, p. 205-213.

sequer estão-se reconhecendo e nesse caso [...] então sim, fica como uma dupla vida.¹⁶² (Tradução nossa)

No exemplo anterior é possível observar que no caminhar desta mulher (como no de qualquer outro ser humano), foram se apresentando diversas situações que à primeira vista, não parecem constituir uma crise, como tal; mas, que são situações que ao não terem tido a possibilidade de serem resolvidas ou trabalhadas de forma adequada “[...] mas, na medida em que se vai vivendo, é que se vai percebendo que isso não, não está resolvido, nem sequer se tem discutido ou dialogado”, no decorrer do tempo, se transformaram em situações geradoras de crises, que, de uma ou outra forma, afetaram as relações pessoais, familiares e comunitárias desta mulher. Afetaram toda sua vida.

O segundo exemplo é o da Margarita. Mulher solteira, 35 anos, que participa na sua comunidade atual faz aproximadamente 9 anos e lidera, junto com outras mulheres, um dos espaços na comunidade. Ela menciona o seguinte:

Margarita. “Cresci numa comunidade cristã, [...] cheguei ali por meus pais, digamos que por minha mãe em especial, que se congregava nessa comunidade [...] logo chegamos à outra comunidade [...] Ali foi onde tomei a decisão de me batizar, conhecer de Jesus. Fui ensinada muito profundamente enquanto à Palavra, mas era uma comunidade bastante conservadora donde as moças não podiam vestir calça, [...] foi onde mais vi tanta rigidez, porque as meninas não podiam usar maquiagem, não podiam pintar suas unhas; era muito difícil relacionar-se com os rapazes. Que cuidado com os abraços, [...] cresci bastante afastada de outros. [...] minha experiência tem sido essa, tem sido às vezes muito difícil porque (suspiro) há muitas perguntas em mim que não têm sido respondidas ainda e, às vezes, pode ser difícil comunicá-las. [...] enquanto à sexualidade, ser solteira é algo muito difícil, (risos), porque te posso dizer que me tenho sentido muito sozinha, muito frágil nessa área também, às vezes com coisas ainda com as que cresci ou acreditei. Que estar solteira é..., mão; mais as vezes também me pergunto: Como seria se não fosse solteira? Como estaria? Porque a plenitude da vida não é só estar casada ou desenvolver um ministério simplesmente porque deves fazê-lo, como um padrão, como o padrão que “tem que ser”. Se você é casada, organizada, tens uma família, podes desenvolver muitas coisas; mas como solteira vai ser difícil fazê-lo você

¹⁶² Lila. Solteira. 45 anos. Líder Menonita na Colômbia. “Durante muchos años fue como una crisis... digamos... emocional, [...] no sé, cómo que son diferentes etapas en la vida en que... no sabes para donde ir [...] este trabajo de investigación me llamó a atención, eso, que se tocaron temas que pareciera como si se diera por sobreentendido de que ya está claro para cada uno, como [...] a vida cristiana y la sexualidad. Entonces se da como por hecho de que está claro. El que no se casó no tiene vida sexual o el que quiera tenerla, por eso se tiene que casar, es como que no hay sino dos formas o dos perspectivas que están oficializadas, pero en la medida en que se va viviendo, es que se va dando cuenta que eso no, no está resuelto, ni siquiera está discutido o dialogado [...] En la comunidad no se está diciendo: usted no se puede casar, o no puede tener una vida íntima si no es casada, no. Yo no lo he visto o lo he entendido que lo digan abiertamente, pero está dicho en medio del sermón, está dicho en medio del trato que se nos da. Entonces son esos, mensajes los que me parecen todavía más fuertes, porque ni siquiera se están reconociendo y en ese caso [...] Entonces sí queda como que una doble vida.”

sozinha. Então, tens que ter alguém ao lado. Tudo o que tenho desenvolvido até agora tem sido como solteira. Um pouco difícil, sim? (Risos) porque as perguntas, os interrogantes, o fato de ser assinalada como alguém que..., como se não estivesses completa e não é certo. Eu considero que estou completa, muito além de..., (risos), mas é algo que..., são os diálogos que não são tão abertos como para serem falados e ser sinceros/as com o que a gente está vivendo”¹⁶³. (Tradução nossa)

Algo que se quer salientar nesta segunda fala é o fato de que, em certos momentos, a entrevistada nem mesmo conseguia encontrar as palavras adequadas para descrever o que sentia ou desejava expressar. Os risos expressavam certo nervosismo e no seu rosto podia-se perceber um esvoaço de angústia, pelo mesmo fato de não conseguir expressar seus sentimentos. Este pode ser considerado como um exemplo daquelas situações conflitivas, que fazem parte do processo desenvolvimental da pessoa, que vão acontecendo no dia a dia e que, por vezes, são ignoradas, por serem consideradas fúteis, mas, quando olhadas de perto, permitem perceber o quanto tem afetado o comportamento e as relações das pessoas, assim como sua percepção da realidade, fazendo com que situações normais ou naturais, como o fato de ser solteira, seja um motivo para ser vista como uma pessoa incompleta, ou como para que a sexualidade, chegue a ser considerada como má.

Nestes casos foi observado também que questões de tipo existencial, ocupam um lugar significativo. Ainda, pressupondo-se que as crises têm um início e um final, se considera importante ponderar as situações apresentadas anteriormente, também como situações de crise, e mais ainda, sendo situações que foram experimentadas durante muito tempo e, que mesmo que não apresentem sintomatologias extremas de

¹⁶³ Margarita. 39 anos. Solteira. Líder Menonita na Colômbia. “*Crecí en una comunidad cristiana, llegué allí por mis papás, digamos que por mi mamá en especial, que se congregaba en esa comunidad, [...] luego llegamos a otra comunidad [...]. Allí fue donde tomé la decisión de bautizarme, de conocer de Jesús. Fui enseñada muy profundamente en cuanto a la palabra, pero era una comunidad bastante conservadora, [...] donde las chicas no podían vestirse con pantalón [...] y fue donde más vi tanta rigidez, porque de las chicas no se podían maquillar, no se podían pintar las unas, era muy difícil de uno relacionarse con los chicos. Que cuidado con los abrazos, [...] crecí bastante alejada de otros. [...] mi experiencia ha sido esa, ha sido a veces muy difícil porque (suspiro) hay preguntas en mí que no han sido respondidas todavía y a veces puede ser difícil comunicarlas [...] En cuanto a la sexualidad, ser soltera es algo muy difícil, (risas), porque te puedo decir que me he sentido muy sola, muy frágil en esa área también, a veces con cosas todavía como con las que crecí o creí. Que estar soltera es... malo; pero a veces también me pregunto: ¿cómo fuera si no estuviera soltera?, ¿cómo estaría?; porque la plenitud de la vida no es solo estar casada o desarrollar un ministerio simplemente porque debes hacerlo, como un patrón, como el patrón que “tiene que ser”. Si eres casada, organizada, tienes una familia, puedes desarrollar muchas cosas; pero como soltera va a ser difícil hacerlo tu sola; entonces tienes que tener a alguien al lado. Todo lo que he desarrollado hasta ahorita ha sido como soltera. Un poco difícil, sí. (risos) porque las preguntas, los interrogantes, el hecho que te señalen como alguien que... como si no estuvieras completa y no es cierto. Yo considero que estoy completa a pesar de (risos) pero es algo que son diálogos que no son tan abiertos para hablarlos y ser sinceros con lo que uno está viviendo.”*

patologias, que demandaram a intervenção médica ou terapêutica, deixam entrever o estado de angústia decorrente destas situações.

Um pequeno parêntese para lembrar aqui as palavras de Collins, quando diz que: mesmo havendo estudos sobre as problemáticas que acontecem nas diferentes etapas da vida, não há muitos estudos sobre as problemáticas que sobrevêm aos jovens adultos, ao ponto de esta faixa etária também ser um pouco descuidada pelas pesquisas psiquiátricas e psicológicas.¹⁶⁴ Isto, portanto, também inclui o fato de não haver estudos em relação com as mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios e/ou cargos de liderança. Neste caso, a inquietação das mulheres está orientada à questão do acompanhamento, sendo uma das perguntas que vêm à tona: como trabalhar esses assuntos tão delicados em meio às comunidades? Esta será uma das questões que abordará com maior profundidade o capítulo final desta pesquisa, cujo objetivo a abordar é o tema do acompanhamento.

Outro exemplo das situações de crise pelas que todo ser humano passa em algum momento de sua vida, tem a ver com a *perda de algo ou alguém*, seja por separação ou por morte.¹⁶⁵ Em *decorrência* destas perdas, se produz um “estado de luto”, definido no Dicionário Brasileiro da Língua portuguesa como: “Sentimento de pesar ou tristeza pela morte de alguém [...] Tristeza profunda causada por grande calamidade; dor, mágoa, aflição.”¹⁶⁶ Esta mesma situação é definida por Schipani como “[...] o processo de ajuste e resolução de uma situação de crise ou de um trauma”¹⁶⁷ e Collins o define como:

Uma reação natural à perda de uma **pessoa, objeto** ou oportunidade **importante** para nós. Sensação de privação e ansiedade que pode se manifestar através de comportamentos, emoções, pensamentos, da fisiologia, do modo como nos relacionamos com os outros e até da nossa espiritualidade.¹⁶⁸

No trabalho de pesquisa de doutorado “Corpos enlutados: por um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto” a Dra. Blanches de Paula, usa a definição

¹⁶⁴ COLLINS, 2004, p. 214.

¹⁶⁵ SCHIPANI, 2016, p. 149.

¹⁶⁶ DICIONARIO MICHEAELIS ONLINE. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/luto/>. Acesso em 18 fev. 2020.

¹⁶⁷ SCHIPANI, 2016, p. 150.

¹⁶⁸ COLLINS, 2004, p. 407. Grifado da autora.

do latim da palavra luto, que se encontra no Dicionário Escolar Latino-português e que o define como vinda de:

Luctus, us. Ap.m. (de lugere). Dor, mágoa, lástima, lucto, dó, nojo, aflicção. Luctum alicui importare. PH/ED. Magoar profundamente alguém. – minuere. Ov. Alliviar a dor. & SALL. Virg. Ov. Lamentos, gemidos, ais, soluços, choros, lágrimas. Luctu manare. V. FL. Estar banhado em lágrimas. & Perda, morte. *Furere luctu filii*. CIC. Estar em desespero pela morte do filho [...].¹⁶⁹

Partindo destas considerações, e entendendo que o luto *não* é em si uma crise, se apresenta como esta situação, *em ocasiões*, pode se converter em um possível estado de crise.

2.3.2 Estados de crise e sua relação com o luto

Ainda não sendo o objetivo principal deste trabalho, analisar o estado de luto decorrente das diversas problemáticas ou eventos precipitantes que terminam em crises, o que sim é importante esclarecer é que esta é uma das situações que o ser humano experimentará irremediavelmente ao longo do trajeto da sua vida¹⁷⁰, logo após uma situação de crise.¹⁷¹ É interessante perceber que o luto é definido tanto como uma reação ou sensação¹⁷²; como um processo¹⁷³, ou até mesmo como um sentimento¹⁷⁴. Isto leva a pensar junto com Schipani não só na sua complexidade, mas também, na cuidadosa atenção que se deve prestar às diversas formas nas quais ele se apresenta e, nas diversas formas como pode ser abordado ou enfrentado, além do tempo necessário para seu adequado “acompanhamento”.¹⁷⁵

¹⁶⁹ PAULA, Blanches de. **Corpos enlutados**: por um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto. Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Humanidades e Direito, curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2009, p. 25; FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário Escolar Latino-português**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962. p. 691.

¹⁷⁰ SCHIPANI, 2016, p. 149.

¹⁷¹ É muito importante expressar que, o luto NÃO é em si mesmo uma crise, mas sim, como processo ou um estado que, por vezes, pode anteceder a uma crise, permanecer durante o evento crítico e continuar durante um tempo após esse evento crítico; mas que, geralmente, é um estado que sucede após uma situação de crise ou evento crítico, posto que este é entendido e apresentado como “um estado decorrente de...”, ou, um evento que se apresenta *depois*, um “resultado” de uma situação crítica. De fato, todos os documentos revisados o apresentam como um estado vivenciado por uma pessoa *após* uma situação crítica.

¹⁷² COLLINS, 2004, p. 407.

¹⁷³ SCHIPANI, 2016, p. 149 -150.

¹⁷⁴ DICIONARIO MICHEAELIS ONLINE. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=PqXBG>

¹⁷⁵ SCHIPANI, 2016, p. 149 -150. Se enfatiza aqui o fato de que Schipani fala de “acompanhamento” e não de aconselhamento; além, Ele faz questão de apontar esta diferença.

Chama a atenção que não se fala de luto, por exemplo, antes de perder um emprego ou um ser querido, mesmo que neste último caso podem ser apresentados sintomas e atitudes de dor, tristeza, revolta ou profunda mágoa, pela doença de uma pessoa querida, sendo estas algumas das características e/ou atitudes de alguém que está passando por um período de luto. Ainda assim, estes sentimentos e atitudes geralmente são *decorrentes* de uma situação particular (evento precipitante) que os gera ou faz com que eles se façam presentes (a doença da pessoa querida). Portanto, pode ser dito que situações de doenças podem ser consideradas também como situações de crises, que, por sua vez, decorrem em estados de luto.

A proposta neste trabalho é entender a importância que o evento do luto tem, como um processo ou um estado que, em alguns casos, pode anteceder a uma crise, permanecer durante o evento crítico e continuar durante um tempo, após o evento crítico¹⁷⁶ como a mesma Paula menciona; mas que, é um estado que, geralmente, sucede após uma situação de crise ou evento crítico, que não necessariamente pode ser de um ser querido, como também de “algo” de muito valor, seja ele sentimental ou econômico¹⁷⁷. Por isso a importância de fazer uma ênfase neste tema.

Paula também afirma a este respeito que: “Entre o nascer e o morrer, vivenciamos perdas de diversos tipos, que poderíamos chamar de pequenas mortes”¹⁷⁸; por isso, se considera pertinente aqui, fazer uma pequena pausa para olhar, também de forma breve, alguns dos aspectos característicos deste “estado”.¹⁷⁹ Existem outros eventos de perda, diferentes da morte física, que podem ser igualmente traumáticos para uma pessoa em qualquer momento da sua vida. Entre os que ainda não foram mencionados, estão, por exemplo: a perda do emprego, término do namoro ou do casamento, ou a perda do bicho de estimação, além de, conflitos morais, nos quais se vivenciam também momentos de luto, como afirmado pela própria Elisabeth Kübler-Ross, citada no texto da Paula:

[...] esse processo não é apenas típico daqueles que estão morrendo; na verdade, não tem nada a ver com a morte. Nós só o chamamos de “estágios da morte” por falta de uma expressão melhor. Se uma pessoa perde um

¹⁷⁶ PAULA, Blanches de. Como no caso de uma doença terminal. Luto e Existência. **Revista Caminhando**. São Bernardo do Campo, v. 11, n. 17, janeiro/junho, 2006. p. 109-111.

¹⁷⁷ PAULA, 2006, p. 109.

¹⁷⁸ PAULA, 2009, p. 21; SCHIPANI. 2016, 149.

¹⁷⁹ PAULA, 2009, p. 51-61. Paula apresenta estes aspectos, de forma mais ampla, no segmento dedicado ao processo do luto desde a perspectiva psicológica, nos subpontos 1.2.2 Luto: uma crise de despedida e 1.2.3 O luto e os vínculos afetivos.

namorado ou uma namorada, ou se perde o emprego, ou se for transferido da casa onde morou durante cinquenta anos para a casa de repouso, e mesmo que apenas perca um periquito ou suas lentes de contato, pode passar pelos mesmos estágios da morte.¹⁸⁰

Sendo assim, e com o propósito de ilustrar o processo visto desde a perspectiva de Kübler-Ross (como crise de despedida), se descrevem de forma breve os estágios destacados por Paula. Isto também com o objetivo de deixar um precedente das situações que serão apresentadas, um pouco mais adiante, nas experiências de crises vivenciadas pelas entrevistadas.

O primeiro estágio é **a negação e isolamento**. Entendido como um mecanismo de defesa das pessoas, que pode ser temporário e sua recuperação pode ser lenta. Uma expressão deste estágio pode ser: 'Não, eu não, não pode ser verdade'.¹⁸¹ Um segundo estágio é **a raiva**. Caracterizada por sentimentos de descontrole, impotência e questionamentos tais como: Por que eu?¹⁸² Neste momento é muito importante a questão da escuta, pois, se considera que a raiva é resultado do contato íntimo com a dor da perda.¹⁸³ **A barganha** é o terceiro estágio e é entendido como uma espécie de combinação ou acordo do paciente com pessoas que representam segurança ou proteção. Geralmente é feita com Deus e está ligada a um sentimento de culpa expressado como uma dívida afetiva. A barganha permite lembrar a capacidade de lidar com a perda, acreditar que a restauração da ordem do caos existencial é plausível e faz possível olhar para o futuro.¹⁸⁴ No quarto estágio é apresentada a **depressão**; fase marcada por uma sensação profunda de auto perda, maior que nos outros estágios. São dois os tipos de depressão apresentados; a primeira de tipo reativo e; a segunda, de tipo preparatório.¹⁸⁵ Por último, é apresentada a **aceitação**. Este quinto e último estágio sobrevém quando já não existem possibilidades de tratamento ou cura e a probabilidade da morte não dá margem às dúvidas. Este é também o período em que a ajuda, compreensão e apoio para quem sofre se faz mais urgente. Mesmo não significando bem-estar integral para a pessoa

¹⁸⁰ KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **O túnel e a luz: reflexões essenciais sobre a vida e a morte**. Campinas, SP: Verus, 2003, p. 52; PAULA, 2009, p. 54.

¹⁸¹ KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. 9. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2012. p. 43-54; PAULA, 2009, p. 52.

¹⁸² KÜBLER-ROSS, 2012, p. 55-86; PAULA, 2009, p. 52.

¹⁸³ KÜBLER-ROSS, 2012, p. 55-86; PAULA, 2009, p. 52.

¹⁸⁴ KÜBLER-ROSS, 2012, p. 87-90; PAULA, 2009, p. 53.

¹⁸⁵ KÜBLER-ROSS, 2012, p. 91-116; PAULA, 2009, p. 53.

enlutada, contudo, há possibilidade de reconhecimento do fato da perda. É considerado também um período de abertura e recomeço.¹⁸⁶

Schipani também faz menção destas situações de perda e da necessidade e importância do processo de luto:

Mais tarde ou mais cedo sofremos perdas importantes – um ser querido, saúde, amizade, trabalho, bens materiais etc., - que nos afligem e abrumam. Estas perdas nos fazem refletir sobre nossa fragilidade, vulnerabilidade e mortalidade. [...] A dor e a pena que se associam nalguma medida a estas perdas é uma experiência humana universal, como necessário e importante é também o processo do luto.¹⁸⁷ (Tradução nossa)

Em relação com os vínculos afetivos, falar de luto é falar também dos relacionamentos e das conexões afetivas que unem umas pessoas às outras, e também, a coisas ou circunstâncias. Segundo Paula, a teoria de John Bowlby sustenta que há uma relação de proximidade entre a perda e o desenvolvimento pessoal que possibilita conhecer a forma em que as pessoas, desde a infância, vivenciam os relacionamentos afetivos e o luto; descrito por Bowlby como sendo um processo que se desenvolve em três estágios (Apego, Separação e Perda); e apresentam também as três principais características deste processo do luto elencadas por ele: (protesto, desespero e negação).¹⁸⁸ A discussão se ocupa, entre outras coisas, de temáticas e estudos sobre as formas de lidar com a frustração e a separação, dado que estes fatores determinam, de certo modo, a forma em que as pessoas adultas vivenciam o luto.¹⁸⁹

O pesquisador inglês Colin Murray Parkes,¹⁹⁰ quem investiga o tema do luto em pessoas adultas, foca seus estudos no desenvolvimento psíquico e sua relação com o trauma/crises.¹⁹¹ Ele defende que o conceito de ‘fases do luto’, tem sido tratado como se fosse uma sequência obrigatória pelas quais a pessoa enlutada precisa passar, mas, ele apresenta um leque de opções mais amplo, apresentando-o como

¹⁸⁶ KÜBLER-ROSS, 2012, p. 117-142; PAULA, 2009, p. 53.

¹⁸⁷ SCHIPANI, 2016, 150. “*Tarde o temprano sufrimos perdidas mayores - un ser querido, salud, amistad, trabajo, bienes materiales, etc. - que nos afligen y agobian. Estas pérdidas nos hacen tomar conciencia de nuestra fragilidad, vulnerabilidad, y mortalidad. [...] el dolor y la pena que se asocia en alguna medida a estas pérdidas es una experiencia humana universal; y también lo es, por lo tanto, la necesidad de pasar por un proceso de duelo*”.

¹⁸⁸ PAULA, 2009, p. 56.

¹⁸⁹ PAULA, 2009, p. 57.

¹⁹⁰ PARKES, Colin Murray. **Luto**: Estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

¹⁹¹ PARKES, 1998, p. 15.

uma reação em diversos níveis, mas não como uma doença mental¹⁹². Ele também relaciona o luto com questões sociais como o estigma e a ausência, e, além, estabelece conexões entre luto e índice de mortalidade de enlutados, tema pouco pesquisado por parte da sociedade, o que termina por afetar não só as buscas por novas alternativas de suporte para pessoas enlutadas, quanto para as organizações que trabalham nesta área.¹⁹³ Parker valoriza tudo aquilo que abra novos caminhos de reintegração social ao enlutado, mas também critica aquelas atitudes institucionais que ignoram o processo do luto. Para ele o sentimento de dor causado pelo luto pode perpassar a esfera privada e se tornar público, atingindo as áreas existenciais e não tão somente as emocionais ou físicas.¹⁹⁴ Paraphrasing a Parkes, uma das suas ênfases radica em que o processo de luto seja visto pela sociedade como um processo importante e natural, que permita a possibilidade/espço de expressão dos sentimentos, pois estes são os que permitem a continuidade da vida pessoal, familiar, profissional e social.

Esta posição de Parkes vai ao encontro da experiência vivenciada por uma das entrevistadas, que reclama da falta de tempo e atenção para o processo de luto vivido por ela, em decorrência da morte do seu esposo. Em seu depoimento ela expressa:

Glicínia: [...] dentro da estrutura ministerial [...] a gente recebe cinco dias de luto e depois, tem que tocar a ficha, tem que tocar o trabalho; e esses cinco dias, como o do meu marido foi [...] algo inesperado; então foi toda uma “papelada”; todo um protocolo. Enfim, muitas coisas que se precisava fazer nesses 5 dias. Ou seja, nem consegui descansar direito. Então, já tive que retornar aos cultos, ao sepultamento, a tantas atividades e eu senti assim, que tinha muita empatia por parte dos membros das comunidades, da Paróquia e houve uma solidariedade muito grande, mas não por parte da igreja. Daqueles que estão na coordenação dos trabalhos da Igreja eu não recebi uma carta. Veio sim o Pastor Sinodal orar comigo, alguns colegas vieram me visitar, mas eu senti assim, que como viúva, você passa a ser uma coisa estranha.¹⁹⁵

Esse exemplo mostra como, nas comunidades, este processo pode não ser vivenciado de forma saudável, ao ponto de gerar sentimentos de estranheza como os experimentados pela Glicínia ou sentimentos de afastamento e isolamento, como os experimentados por outras ministras que passaram por situações de perdas, ainda

¹⁹² PARKES, 1998, p. 67.

¹⁹³ PARKES, 1998, p. 67- 68.

¹⁹⁴ PARKES, 1998, p. 69.

¹⁹⁵ Glicínia. Viúva. 60 anos. Pastora Luterana. Com mais de 30 anos de ministério.

que de diferente natureza, como um divórcio. A experiência seguinte é muito ilustrativa neste sentido.

Mimosa. [...] a questão de viver esse momento de divórcio, e ver que é uma coisa inconsciente dos colegas, não sei até onde eles tinham consciência, mas, ouve essa questão de eu ficar de lado. Até quando eu comentei com um colega meu, há pouco tempo atrás, eu disse: na época que eu me divorciei, não sei se você percebeu, eu me afastei de várias coisas. Ele disse: “nossa! Eu nunca me tinha dado conta de que o nosso comportamento tinha trazido isso para você”. Então, acho que era uma coisa inconsciente. Mas era uma coisa do inconsciente coletivo de uma sociedade também com seus preconceitos e de seus temores. Então, foi uma dificuldade bastante grande. [...] eu sempre fui uma pessoa muito sociável. Sempre fui uma pessoa muito de me relacionar com pessoas, de estar junto com pessoas; de viver socialmente e aí, todas essas coisas que eu fui passando no ministério, elas foram me restringindo, foram me isolando e isso para mim está sendo um dilema, uma coisa difícil de eu reconquistar comigo; porque eu fiquei acho que meio traumatizada com algumas coisas, e eu tenho uma grande dificuldade de fazer o processo de voltar a viver em sociedade.¹⁹⁶

Neste caso, como apontado por Parkes, a questão do luto, para Mimosa, perpassou a barreira emocional (privada), atingindo esfera do relacionamento social (o público); esfera já muito fortemente afetada pelas crises vivenciadas, entre elas a própria crise do divórcio. Talvez estas situações se devam, precisamente, a falta de políticas, programas ou trabalhos de acompanhamento específicos, que terminam por reforçar a falta de empatia que incapacita as pessoas de ver e perceber as situações de dor pelas que passa o seu próximo, a sua próxima. Situações como estas, fazem parte do inconsciente coletivo, do qual fala a Mimosa no seu depoimento. Esse estado de “inconsciência coletiva” que termina por invisibilizar não só os sofrimentos, como também a estas mulheres como pessoas.

Até aqui o breve resumo sobre situações de luto como possíveis crises. Na verdade, a intencionalidade aqui não é apresentar todos os pormenores sobre o tema do luto, e sim, apresentar alguns breves exemplos que permitissem compreender melhor sua relação no processo de uma crise¹⁹⁷ e como este influencia e afeta os relacionamentos e a vida do público em questão.

Apresentam-se dois exemplos de situações de crises, diferentes às anteriores, vivenciadas por mulheres dos tempos bíblicos, com o intuito de conhecer um pouco mais sobre estes aspectos desde esta perspectiva particular; pois

¹⁹⁶ Mimosa. Divorciada. 57 anos. Pastora Luterana. Com mais de 25 anos de ministério.

¹⁹⁷ Para aprofundar mais sobre esta temática, se recomenda ver o trabalho doutoral na íntegra da Dra. Paula, de onde foram extraídas as informações aqui apresentadas.

considerando o fato de ser este um trabalho orientado à análise desta temática em ambientes eclesiais, acredita-se que esta perspectiva não poderia ficar de fora.

A Bíblia é rica em diversidade de exemplos relacionados com o tema das crises, mas, ao igual que as outras perspectivas apresentadas anteriormente, o seguinte segmento abordará este assunto de forma breve, para não comprometer a dinâmica da pesquisa.

2.3.3 Alguns exemplos sobre o tema da crise no texto bíblico

O texto bíblico, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, contém inúmeros relatos de pessoas que passaram por diversos tipos de problemas e crises.¹⁹⁸ Entre eles: patriarcas, profetas, reis, sábios, jovens, servos, servas, anciãos e, por suposto, mulheres. A Bíblia relata que reconhecidos personagens bíblicos, homens e mulheres como, Moisés¹⁹⁹, Abrão²⁰⁰, Jó²⁰¹ e também, Ana²⁰², Sarai²⁰³, Jesus²⁰⁴ e outros tantos e tantas, vivenciaram situações que abalaram suas vidas de formas diferentes e significativas. O livro dos Salmos, por exemplo, reflete não só a luta do salmista com suas situações difíceis e crises, mas também, reflete as diversas lutas do dia a dia que o ser humano de hoje vivencia. Nos tempos antigos, por exemplo, situações de crises eram apresentadas de diversas formas: 1-. Como momentos de caos, como os vivenciados pelo Apóstolo Paulo: “Por isso, por amor de Cristo, regozijo-me nas fraquezas, nos insultos, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias”²⁰⁵; 2-. Como momentos de “desesperança”, como os vivenciados pelo profeta Daniel e seus amigos: “Se formos atirados na fornalha em chamas, o Deus a quem prestamos culto pode livrar-nos, e ele nos livrará das tuas mãos, ó rei. Mas, se ele não nos livrar, saiba, ó rei, que não prestaremos culto aos teus deuses nem adoraremos a imagem de ouro que mandaste erguer”²⁰⁶; 3-. Como momentos de provações: como os vivenciados pelos moradores do Ponto, na Galícia: “[...] ainda que

¹⁹⁸ COLLINS, 2004, p. 75.

¹⁹⁹ Êxodo. 3.1- 4;17.

²⁰⁰ Gênesis. 22.1-19.

²⁰¹ Jó. 1.1-22.

²⁰² 1 Samuel. 1.1-7.

²⁰³ Gênesis. 16.1- 15.

²⁰⁴ Mateus. 26.36-46 e 27.45-56; Marcos. 14.32-42 e 15.33-41; Lucas. 22.39-46 e 23.44-49.

²⁰⁵ Bíblia online. 2 Coríntios. 12:10. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/2co/12/10>. Acesso em 9 set. 2020.

²⁰⁶ Bíblia online. Daniel. 3:17-18. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/dn/3/17,18>. Acesso em 9 set. 2020.

agora, por um pouco de tempo, devam ser entristecidos por todo tipo de provação. [...] acontece para que fique comprovado que a fé que vocês têm, [...] é genuína e resultará em louvor, glória e honra, quando Jesus Cristo for revelado”²⁰⁷. Ou até: 4-. Como confirmação de possíveis pecados ocultos e/ou maus comportamentos, como mencionado no livro de Jó.

Então respondeu Elifaz, de Temã: "Se alguém se aventurar a dizer-lhe uma palavra, você ficará impaciente? Mas quem pode refrear as palavras? Pense bem! Você ensinou a tantos; fortaleceu mãos fracas. Suas palavras davam firmeza aos que tropeçavam; você fortaleceu joelhos vacilantes. Mas agora que se vê em dificuldade, você se desanima; quando você é atingido, fica prostrado. Sua vida piedosa não lhe inspira confiança, e o seu procedimento irrepreensível não lhe dá esperança? "Refleta agora: Qual foi o inocente que chegou a perecer? Onde foi que os íntegros sofreram destruição? Pelo que tenho observado, quem cultiva o mal e semeia maldade, isso também colherá.”²⁰⁸

São apresentados exemplos de situações de crises vivenciadas por três mulheres nos tempos bíblicos, que ilustram situações específicas que afetam tanto a mulheres casadas quanto a mulheres “não casadas”,²⁰⁹ com o propósito de perceber até que ponto essas situações coincidem com algumas das situações de crise dos tempos atuais; assim como também, entender que situações de crise, não são necessariamente doenças ou resultado de pecados ocultos, mas sim, situações resultantes do convívio natural e do relacionamento entre as pessoas. Estes exemplos de situações de crise nos tempos “bíblicos”, foram situações que aconteceram em contextos sociais polígamos, onde a fertilidade era considerada de muita importância e igualmente aos exemplos anteriores dos homens, são apresentados sem outra pretensão que a de ilustrar e apresentar situações de crises similares acontecidas a mulheres em tempos antigos.

No primeiro texto (Gênesis. 16-1.5), é narrado o caso de uma mulher, que vê seu casamento comprometido pela falta de filhos devido a sua esterilidade. Esta situação acarretava uma série de consequências entre elas um *stress* profundo. Por este motivo, em meio a seu abatimento e desesperação, ela decide tentar encontrar uma solução a seu problema, mas, o que ela não imaginou, foi que o que parecia ser

²⁰⁷ Bíblia online. 1 Pedro. 1.6-7. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/1pe/1>. Acesso em 9 set. 2020.

²⁰⁸ Bíblia online. Jó. 4:1-8. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/j%C3%B3/4>. Acesso em 9 set. 2020.

²⁰⁹ Apresenta-se, aqui, a maneira de exemplo, só parte de textos onde a situação de “crise” pode ser percebida, dando prioridade a casos, maiormente de mulheres, devido à especificidade e enfoque deste trabalho.

uma “grande ideia”, uma solução; não deu o resultado esperado e agora, seu relacionamento está passando por uma crise maior. A seguir parte do relato da história.

¹Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe dera nenhum filho. Como tinha uma serva egípcia, chamada Hagar, ²disse a Abrão: "Já que o Senhor me impediu de ter filhos, possua a minha serva; talvez eu possa formar família por meio dela". Abrão atendeu à proposta de Sarai. ³Quando isso aconteceu já fazia dez anos que Abrão, seu marido, vivia em Canaã. Foi nessa ocasião que Sarai, sua mulher, entregou sua serva egípcia Hagar a Abrão. ⁴Ele possuiu Hagar, e ela engravidou. Quando se viu grávida, começou a olhar com desprezo para a sua senhora. ⁵Então Sarai disse a Abrão: "Caia sobre você a afronta que venho sofrendo. Coloquei minha serva em seus braços, e agora que ela sabe que engravidou, despreza-me. Que o Senhor seja o juiz entre mim e você" ⁶Respondeu Abrão a Sarai: "Sua serva está em suas mãos. Faça com ela o que achar melhor". Então Sarai tanto maltratou Hagar que esta acabou fugindo".²¹⁰

O problema da Sarai (“mulher casada”) era a esterilidade, uma problemática muito comum, segundo vários outros relatos bíblicos.²¹¹ Mas, além de ser muito comum, era um problema que acarretava dor e sofrimentos às mulheres que por ele padeciam. Seguindo a posição de Collins, Hagar (“mulher “não casada”), se converteu numa “ameaça”²¹² para sua ama Sarai, esposa de Abrão (*quando se viu grávida, começou a olhar com desprezo para a sua senhora*), trazendo consigo, desestabilidade na dinâmica familiar deste casal²¹³. Além das crises pessoais, Sarai, quem sofria por não ter podido dar filhos ao seu marido; agora sofre os desprezos e humilhações de parte da sua serva, quem se encontra grávida do seu marido Abrão. (*Coloquei minha serva em seus braços, e agora que ela sabe que engravidou, despreza-me*). Mesmo Sarai sendo uma mulher casada, o texto fala da sua situação e reflete a situação de crise de Hagar, quem também passa a ser maltratada pela sua ama ao ponto de ter que fugir ao deserto. (*Então Sarai tanto maltratou Hagar que esta acabou fugindo*). Segundo o relato, o casal e a serva, viveram outros estados conflitivos, decorrentes de esta situação, que se prolongaram por muitos anos, como relata o capítulo 21 do livro de Gêneses.

²¹⁰ Bíblia online. Gênesis. 16: 1-5. Disponível em: <<https://www.biblionline.com.br/nvi/gn/16>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

²¹¹ PFEIFFER, Charles F. **Comentário bíblico Moody**/ Volume 1, Gênesis à Deuteronômio. São Paulo, SP: Imprensa Batista Regular, 1993, p. 29. Outros relatos sobre mulheres estéreis no antigo Testamento podem ser encontrados em Gênesis. 24 -27 (Rebeca); Gênesis. 29-35 (Raquel); Juízes. 13 (Esposa de Manoá – Sem nome); 2ª Reis. 4 (A mulher sunamita).

²¹² COLLINS, 2004, p. 75.

²¹³ PFEIFFER, 1993, p. 29

O outro exemplo pode ser encontrado no livro de 1ª Samuel. 1.1-7, donde outra mulher também sofre muito pelo fato de ser estéril, em meio a uma sociedade polígama. Ainda que a história seja muito similar com a anterior, esta apresenta algumas diferenças. Aqui o relato:

¹Havia certo homem de Ramataim, zufita, dos montes de Efraim, chamado Elcana, [...]. ²Ele tinha duas mulheres; uma se chamava Ana, e a outra Penina. Penina tinha filhos; Ana, porém, não tinha. ³Todos os anos esse homem subia de sua cidade a Siló para adorar e sacrificar ao Senhor dos Exércitos. [...] ⁴No dia em que Elcana oferecia sacrifícios, dava porções à sua mulher Penina e a todos os filhos e filhas dela. ⁵Mas a Ana dava uma porção dupla, porque a amava, mesmo que o Senhor a houvesse deixado estéril. ⁶E porque o Senhor a tinha deixado estéril, sua rival a provocava continuamente, a fim de irritá-la. ⁷Isso acontecia ano após ano. Sempre que Ana subia à casa do Senhor, sua rival a provocava e ela chorava e não comia.²¹⁴

Diz o texto que Ana era provocada e irritada continuamente, ano após ano, por sua rival Penina, que neste caso não era uma serva (“solteira”), como no caso anterior, mas era a outra esposa do seu marido. No texto não é mencionado, mas como foi dito antes, a situação das mulheres numa sociedade patriarcal e polígama, não era nada fácil de suportar e menos, estando em desvantagem (neste caso, a impossibilidade da Ana de ter filhos). Luiz José Dietrich o expressa da seguinte forma:

[...] a história se desenrola numa sociedade patriarcal. É uma organização social em que o poder, a partir da casa até a corte real, se centraliza no homem. Nesta sociedade, o corpo da mulher é valorizado na medida em que ela é reprodutora de filhos para os homens.²¹⁵

Também não é difícil imaginar o sofrimento da Ana, que “de ano em ano” tinha que suportar esta situação recorrente, que agudizava mais e mais sua dor, seu sofrimento. Pode se dizer que a crise da Ana representa uma crise existencial e também uma crise de fé, pelo fato de se acreditar que fosse Deus quem a deixou estéril, “Mas (Elcana) a Ana dava uma porção dupla, porque a amava, mesmo *que o Senhor a houvesse deixado estéril*” (v. 5). Igualmente esta pode representar uma crise estrutural, pois o fato de Ana ser estéril afetava a ordem “normal” ou o desenvolvimento/funcionamento do núcleo familiar. Como dito antes, nestes tempos, algumas situações de crises eram entendidas como provações, que geralmente

²¹⁴ BÍBLIA ONLINE. 1ª Samuel. 1:1-7. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/1sm/1>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

²¹⁵ DIETRICH, Luiz José; Shigeyuki Nakanose; Francisco Orofino. **Primeiro livro de Samuel**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 54.

provinham de parte de Deus²¹⁶ e, se se aprofundar um pouco mais na análise dos textos, também podem ser percebidas, pelo menos, duas das categorias de crises mencionadas anteriormente, sendo elas a crise existencial e crise estrutural, mas que não serão aprofundadas por não constituir o objeto de esta pesquisa.

Encontra-se também, no Novo Testamento, um sem-número de outros diversos casos de crises, vivenciados por mulheres de fé.²¹⁷ Menciona-se aqui, por exemplo, o caso da mulher do fluxo relatada nos evangelhos sinópticos (Mateus. 9:19-22; Marcos. 5:25-34 e Lucas. 8:43-48), que sendo considerada impura pela sociedade, foi curada por Jesus depois de 12 anos de sofrimento.²¹⁸ Daniel Carro menciona que os três sinóticos dão informação sobre a duração da doença, mas, que só Marcos e Lucas agregam o dado do enorme esforço e gasto financeiro de parte dela, a procura de uma cura, mas, todo em vão.²¹⁹ A respeito deste texto Warren Carter,²²⁰ Ched Myers²²¹ e Sebastião Armando Gameleira Soares²²² aportam outros dados. Carter menciona que: “Nada identifica o status desta mulher” (solteira, casada, viúva...) e que “A ênfase repousa no seu sofrimento”²²³ (elemento que neste trabalho se considera marcante nas situações de crise). Concordando com Carter, Myers aponta que: “A mulher não tem nome, pertence às multidões: ela é sem *status*, sem ninguém para

²¹⁶ DIETRICH, 1998, p. 55-56. Neste sentido o autor apresenta uma análise detalhada do texto, em relação a esta situação. “O controle do corpo da mulher pela estrutura monárquica transparece no texto pelo uso frequente de palavras ou expressões, tais como: ter filho/não ter filho (1,2.4.8.11.23); útero (1,5.6); coração (1,8.13); conhecer (1,9); concebeu (1,19); rosto (1,18) deu à luz (1,20); desmamado (1,22.23.24); peito (1,23). Esse corpo de mulher, tão fortemente mencionado, aparece controlado pela força poderosa de Javé, mediado pelos homens, a partir do lugar sagrado - o santuário. Local onde se recolhe a produção e a semente para novos plantios. É o próprio Javé que lhe fecha o útero (1,6) e que a torna possível de ser fecundada através da bênção do sacerdote Eli (1,17). Este controle do corpo da mulher se torna evidente pelo uso da palavra Javé - 23 vezes - e Ana, que é citada 12 vezes. Tal insistência nos aponta o cerne da história: o relacionamento Javé e Ana.”

²¹⁷ Outros exemplos podem ser: o da Elizabeth (Lucas. 1) o relato da crise de Martha em relação à atitude de sua irmã Maria, (Lucas. 10:38-42); a crise da mulher que veio a Jesus pedir pela sanidade de sua filha possuída por um demônio (Marcos. 7:24-30); ou, o caso da mulher pega em adultério (João. 8:1-11).

²¹⁸ CARRO Daniel; POE, José Tomás; ZORZOLI, Rubén O. **Mateo: Comentário bíblico**. El Paso: Editorial Mundo Hispano, 1993.

²¹⁹ CARRO; POE; ZORZOLI, 1993, p. 139.

²²⁰ CARTER, Warren. **Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens**. São Paulo: Paulus, 2002.

²²¹ MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

²²² SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz. **Evangelho de Marcos. Vol. I: Refazer a casa**. Petrópolis: Vozes, 2002 e também em: SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz; OLIVA, José Raimundo. **Comentário do Evangelho de Marcos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

²²³ CARTER, 2002, p. 296-297.

defendê-la [...] é duplamente pobre e duplamente marginalizada; [mas], é restabelecida na integridade social e física.”²²⁴ Continua Myers:

A inversão simbólica mais importante aí é o *status* da mulher empobrecida. Do fundo da escala da honra ela interrompe uma importante missão em benefício da filha de alguém que se acha no topo da escala da honra, mas, pela conclusão da narrativa, *ela* própria se tomou a “filha” no centro da narrativa! “Minha filha”, exclama Jesus, “tua fé te salvou, vai em paz e goza de plena saúde, livre desse teu mal.”²²⁵

Soares ao igual que Myers também enfatiza a questão do “*status*”, o fato de “não ter nome” nem “ninguém que a defenda”, mais além, fala do “*tormento*” sofrido pela mulher devido à situação.²²⁶

Estes elementos importantes, permitem que o texto seja considerado neste trabalho, pois um dos propósitos deste trabalho é visibilizar as mulheres e as situações de crises que vivenciam em diversos espaços e que são inerentes às situações descritas nos textos bíblicos. Mesmo assim, na maioria dos comentários bíblicos consultados, ainda que se mencionem estes detalhes, sua ênfase está orientada para a fé da mulher, deixando de lado esta perspectiva. Considera-se então, que este trabalho representa também um esforço por visibilizar e abrir o debate frente a estas e outras situações/temáticas, invisibilizadas muitas vezes de forma intencional.

Poderiam ser enumerados muitos outros casos de situações ou eventos precipitantes de crises ou geradores de episódios de crise (doenças, ameaças de morte, perdas, questionamentos sobre a vida etc.), vivenciadas pelas mulheres dos tempos bíblicos, mas, acreditasse que o objetivo frente a este assunto, neste segmento, tenha sido alcançado.

Como exemplos mais próximos a realidade atual, retornemos aos testemunhos das entrevistadas, neste caso a Lila e Margarita, que sofriam cada uma com suas crises particulares, em relação a outras situações como: pressões da família e da sociedade pelo fato de serem “não casadas”. Sua fala é clara enquanto ao tipo de pressões e o que estas provocavam.

Margarita. A pergunta sempre tem sido: E quando te casas? (Risos). Não tem namorado? Não estás pensando... ou quando estás pensando casar-te? [...]. É uma pergunta que não só a faz a comunidade, mas a família também é como (risos) ..., se a vida só fosse só se casar. Isso de estar casado e ter

²²⁴ MYERS, 1992, p. 249.

²²⁵ MYERS, 1992, p. 250.

²²⁶ SOARES; CORREIA, 2002, p. 232-233 e SOARES; CORREIA; OLIVA, 2012, p. 199-200.

filhos e família. Considero que não é verdade. [...] Mas, é muito difícil o rótulo que nos é atribuído, ou seja: estás ainda solteira? (Entre risos); como assim?..., como se isso fosse algo que estivesse só em nossas mãos.²²⁷ (Tradução nossa).

O caso de Lila apresenta a problemática inversa aos casos de Sarai e Ana. Lila, por sua vez, não queria ter filhos porque seus projetos apontavam para outros objetivos, mas, de igual forma, sofria pelos estereótipos que a sociedade geralmente impõe às mulheres de ter que se casar e ser mulheres do lar e mães. Ela manifesta que:

Lila. [...] De uma ou outra forma, sim há momentos nos que uma quer como esse ideal de uma família, um esposo, filhos; mas também, depois começa a se cruzar com outros ideais como querer estudar, viajar, conhecer outros lugares do mundo, e que não todas as pessoas têm os mesmos planos; ou que as mesmas pessoas com as que a gente se relaciona, não tem interesse nas metas que a gente têm, porque de alguma forma se cruzam os projetos espirituais e os projetos, digamos..., intelectuais ou materiais.²²⁸ (Tradução nossa).

Os exemplos anteriores permitem reconhecer que assim como nos casos de Sarai, Hagar e Ana, que, se encontram no Antigo Testamento, na atualidade existem mulheres que apresentam crises similares, devido a que, como mencionado antes, os estados de crises não têm a ver especificamente com um determinado tipo de público, mas sim, com o ser humano como tal. Seja por querer ter filhos e formar uma família, ou seja, por não querer tê-los, mas mesmo assim, desejar formar uma família, as mulheres ainda se vêm pressionadas pela sociedade, pelas comunidades e até pela própria família.

Sendo assim, é válido mencionar que mais adiante, ainda neste capítulo, e também no capítulo sobre aconselhamento, se apresentarão outras situações, do tempo atual, em relação às crises vivenciadas pelas mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios ou cargos de liderança em comunidades eclesiais; o que

²²⁷ Margarita. Solteira. 39 anos, líder Menonita da Colômbia. “[...] *la pregunta siempre ha sido y cuándo te casas? (risas) no tienes novio? ¿No estás pensando...? O, ¿Cuándo estás pensando casarte? Es una pregunta que no la hace solo la comunidad sino la familia también. Es como (risas)... como si la vida solo fuera casarse. Eso de estar casado y tener hijos y familia. Considero que no es cierto. [...] Pero es muy difícil el rotulo que le ponen a uno, es decir: ¿estás soltera todavía? (entre risas); como así? Como si eso fuera algo que solo fuera de nuestras manos.*”

²²⁸ Lila. Solteira. 45 anos, líder Menonita da Colômbia. “[...] *de una u otra manera, sí hay momentos en los que uno quiere como ese ideal de una familia, un esposo, unos hijos; pero también, después empieza como a cruzarse con otros ideales, como el querer estudiar, viajar, conocer otros lugares del mundo y que no todas las personas están en el mismo plan; o que las mismas personas con las que uno se relaciona, no le interesan las metas que uno tiene, porque de alguna manera se vinculan los proyectos espirituales y los proyectos, digamos, intelectuales o materiales.*”

elas têm para dizer e quais os tipos de crises com as quais elas lidam no seu dia a dia. Isto de forma a perceber, algumas possíveis diferenças e/ou semelhanças, mas, principalmente, para fazer visível o fato de que as situações de crises atingem a qualquer pessoa, de qualquer nível social ou econômico, de qualquer credo religioso, de qualquer país, de qualquer geração ou época; de qualquer raça ou etnia, em qualquer momento, porém, com diferente intensidade.

2.4 O SOFRIMENTO COMO CARACTERÍSTICA CENTRAL DAS REALIDADES NOS CONTEXTOS SOCIAL E ECLESIAL ATUAIS

No bloco anterior se falou, por exemplo, de que diversas situações de perda geram crises e estas, por sua vez, geram sofrimento. Tomando como base de reflexão o texto de Henry Nouwen, *o sofrimento que cura*²²⁹ se apresentam, a seguir, quatro “possibilidades” de abordagem na tentativa de entender as diversas problemáticas do mundo atual.

Considera-se que para a proposta que se expõe aqui, a contribuição chave de Nouwen é precisamente a condição de sofrimento que ele esquematiza, como o eixo transversal que afeta a vida do ser humano desde diversas perspectivas: de *espaço físico* ou territorial (o mundo), de *espaço de tempo* determinado na qual as pessoas convivem (geração), desde *a perspectiva dos protagonistas* (das pessoas, como sujeitos de uma sociedade) e desde *um labor ou missão desenvolvida* por estas pessoas (neste caso particular, o ministério).²³⁰ Desde todas estas perspectivas são percebidas situações de aflição, angústia, agonia, ansiedade ou consternação; considerados estes, como elementos que podem ser geradores de crise/sofrimento, segundo a análise do bloco anterior.

No próximo bloco cada uma das perspectivas será abordada, com o intuito de dar clareza ao contexto desde o qual se trabalha esta proposta, com especial ênfase no recorte de público sugerido.

²²⁹ NOUWEN, Henry J.M. **O sofrimento que cura**. São Paulo: Paulinas, 2001.

²³⁰ NOUWEN, 2001, p. 17-138

2.4.1 Um mundo em sofrimento: Características espaciais

Seguindo o fio condutor proposto por Nouwen, o mundo (contexto/espço social) seria um dos aspectos ao que devesse dirigir o olhar. O contexto atual está caracterizado, desde sua perspectiva, como sendo permeado por um sentimento ou “condição” comum a todos. O sofrimento. E este sofrimento é apresentado como resultado de circunstâncias socioculturais, assim como também, da forma em que o ser humano interage com esse contexto.

O mundo sofredor descreve uma sociedade com convicções religiosas, ideias, estilos de vida e tradições em contradição, que, sendo promovidas diariamente pelos meios de comunicação em massa, expõem às mais paradoxais experiências ao ser humano nele imerso. Como resultado, o ser humano vivencia o distanciamento, a indiferença e a falta de compromisso; situações que, além de afetar seus trabalhos, seus ministérios, sua capacidade de empatia e de expressão de sentimentos, também causa sofrimento às pessoas.²³¹ Estes resultados, e, em especial o distanciamento, segundo o autor, afetam indistintamente o ser humano; seja como pessoa, ou seja, como executor de uma função específica, como no caso do ministro ou da ministra. Ele o descreve da seguinte forma.

Se existe uma postura que perturbe um [ser humano] em sofrimento, essa postura é o distanciamento. A tragédia do ministério cristão e o distanciamento de seus ministros. Muitos que se encontram em grande carência, muitos que procuram por um ouvido atento, uma palavra de apoio, um abraço de perdão, uma mão firme, um sorriso suave ou, mesmo, por alguém a quem confessar sua inabilidade, encontram em seus ministros homens impassíveis, que não desejam se comprometer com o outro [ou a outra]. São incapazes de expressar seus sentimentos de afeição, cólera, hostilidade ou simpatia, ou relutam em fazer isso.²³²

A proposta de Nouwen apresenta algumas similitudes com a proposta que Zygmunt Bauman faz em *Modernidade líquida*, que sustenta que a modernidade, inseriu o ser humano num mundo de grandes inseguranças, angústia e dor; sentimentos resultantes da forma em que os indivíduos são “inseridos” nela.²³³ Esta representa também, um mundo onde tudo resulta ser superficial e onde tentar explicar

²³¹ NOUWEN, 2001, p. 107.

²³² NOUWEN, 2001, p. 107.

²³³ VECCHI, Benedetto. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

a sensação de desorientação frente a estes sentimentos, resulta literalmente inútil. Em palavras de Bauman:

Modernidade Líquida (2000) nos projeta num mundo em que tudo é ilusório, onde a angústia, a dor e a insegurança causadas pela “vida em sociedade” exigem uma análise paciente e contínua da realidade e do modo como os indivíduos são nela “inseridos”. Qualquer tentativa de aplacar a inconstância e a precariedade dos planos que homens e mulheres fazem para as suas vidas, e assim explicar essa sensação de desorientação exibindo certezas passadas e textos consagrados, seria tão fútil quanto tentar esvaziar o oceano com um balde.²³⁴

Na sociedade atual conceitos como consumismo, relativismo, velocidade ou imediatez e sentimentos de insegurança, individualismo, sofrimento ou dor, entre outros, são característicos nas relações construídas a diário no mundo contemporâneo. A posição de Daniela Borja Bessa²³⁵ frente a estes sentimentos e conceitos é de que eles têm assumido um realce de grandes proporções, sendo, em muitos casos, considerados como orientadores da religiosidade, pensamentos e, até, dos relacionamentos afetivos que trazem consigo novos valores e modos de se perceber a vida.²³⁶

Também Ronaldo Sathler-Rosa²³⁷ aponta outros elementos que descrevem marcadamente esta época atual, como por exemplo: a valorização das sensações, as alterações nas relações de trabalho, a competitividade exacerbada ou a impermanência.²³⁸ O conjunto destes elementos representam grandes desafios, para as comunidades eclesiais e para a sociedade nas que estas se encontram imersas; para as lideranças que arriscam trabalhar nelas e para as pessoas que participam delas. Isto devido, sobretudo, às múltiplas influências da pós-modernidade presentes no contexto. Nouwen refere que: “As múltiplas influências culturais pós-modernas, exige, das pessoas, uma crescente flexibilidade, uma disposição de permanência e abertura a fragmentos de experiências que, no momento, parecem oferecer-lhe a melhor opção de resposta a uma determinada situação.”²³⁹

²³⁴ VECCHI, 2005, p. 8-9

²³⁵ BESSA, Daniela Borja. Aconselhamento Pastoral: desafios para a Igreja local. *In: Via Teológica*, Vol. 14, n. 28, dez. 2013, p. 62-74.

²³⁶ BESSA, 2013, p. 72.

²³⁷ SATHLER-ROSA, Ronaldo. Cuidado Pastoral **em tempos de insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral**. São Paulo: UMESP; ASTE, 2004.

²³⁸ SATHLER-ROSA, 2004, p. 15-25.

²³⁹ NOUWEN, 2001, p. 28.

Sendo assim, é bem importante entender que estas “pessoas” das que Nouwen fala inclui a “todas” as pessoas indistintamente do sexo, do gênero, da profissão ou do nível de compromisso e todas têm uma parcela de responsabilidade na participação de ações que contribuam para uma melhor forma de convivência. Para concluir, ainda há muito por fazer de parte das comunidades eclesiais, para responderem a decepção do ser humano frente à impossibilidade que estes fenômenos têm, de resolver satisfatoriamente suas necessidades e aspirações mais íntimas, como denominado por Nouwen.²⁴⁰ Para ele, muitos homens e muitas mulheres perderam a fé no que a tecnologia pode-lhes oferecer, mas também, são cientes de que aquilo que os e as impulsiona a criar novos estilos de vida, carrega em si o potencial de autodestruição.²⁴¹ Esta possibilidade de autodestruição é a promotora dos principais episódios de crises aos que o labor de aconselhamento tenta responder.

2.4.2 Uma Geração em sofrimento: Características temporárias²⁴²

A população que transita hoje em dia pelas ruas das megametrópoles, das grandes cidades e de pequenos povoados, apresenta sintomas de irritação, depressão, tensão e dificuldade de se concentrar e acredita-se que estes sintomas são fruto das suas necessidades insatisfeitas. Algumas, por mais que tentem, não conseguem se sentir diferente. Sentem-se reféns da violência, da opressão, da frustração ou da solidão e estes sentimentos, na maioria das vezes, as deixam impossibilitadas para enxergar alguma possível solução para seu estado; e é em momentos como estes, que o pânico toma conta das suas ações, dos seus sentimentos de impotência e dos seus pensamentos negativos, deixando-as imóveis.²⁴³

As pessoas estão imersas num mundo cheio de avanços tecnológicos, mas não conseguem entender o funcionamento dos mesmos, portanto, buscam formas de entender que lhes permitam encontrar significado e propósito a suas vidas. Vivem num mundo que oferece a possibilidade tanto de recriação, quanto de destruição, onde o

²⁴⁰ NOUWEN, 2001, p. 20.

²⁴¹ NOUWEN, 2001, p. 20.

²⁴² Referentes ao tempo.

²⁴³ NOUWEN, 2001, p. 57.

futuro e o presente se mesclam, fazendo do futuro algo improvável. Segundo Nouwen, as pessoas não se sentem ameaçadas pelo perigoso que possa ser o futuro, mas sim, pela possível inexistência desse futuro.²⁴⁴

Pode ser incluído aqui também o aporte de Geoffrey Peterson, mencionado por Clinebell, a respeito das divergências nas quais se encontra imersa a geração atual. Ele descreve que:

[...] estamos cercados de sistemas de valores divergentes e em frequente mudança que competem por nossa adesão. [...] assim, confusão e incerteza quanto a valores são muito difundidas, e isso tende a aumentar o conflito pessoal e a insegurança pessoal. Infelizmente, a igreja participa desta confusão de valores e até contribui para ela.²⁴⁵

Nouwen traz também a comparação à proposta do sociólogo David Riesman, quem foca seus estudos no modo como as sociedades conformam a personalidade de seus membros e sustenta que, uma das características principais dos homens e das mulheres da geração atual, é a de **membros de uma multidão que vive em solidão**²⁴⁶ e que algumas das suas principais características são a interioridade, a orfandade e a comoção. **A interioridade** caracteriza a prioridade absoluta pelas preocupações pessoais e atividades que ajudem a descobrir caminhos que conduzam ao interior. Neste processo atividades como: meditação, contemplação ou concentração, têm relevância e significado chave. O rumo que irá tomar dependerá, em grande parte, do tipo de ministério ofertado a essa geração interiorizada.²⁴⁷

A orfandade está caracterizada por mostrar a presença de muitos “pais naturais”, que outorgam carinho, educação ou reconhecimento; mas pela ausência de pais espirituais. Porém, considerando que a importância das pessoas depende do que elas fazem de si mesmos, e não do reconhecimento outorgado por outros, este tipo de paternidade não é aceito. O mesmo acontece no campo da fé, onde o que conta é o caráter que se manifesta de dentro da pessoa e não assim, a aceitação de tradições centenárias.²⁴⁸ As pessoas de hoje, são livres para tomar suas próprias decisões sobre trabalho, amor, educação, futuro e não sempre pelo fato dos pais “terem vivido mais”, significa que tenham algo a lhes dizer. É assim que, na ausência do controle

²⁴⁴ NOUWEN, 2001, p. 23.

²⁴⁵ CLINEBELL, 2007, p. 144.

²⁴⁶ NOUWEN, 2001, p. 47. RIESMAN, David. **A multidão solitária**, São Paulo: Perspectiva, 1971. (Col. Debates).

²⁴⁷ NOUWEN, 2001, p. 51.

²⁴⁸ NOUWEN, 2001, p. 52.

adulto, a ingerência e aceitação dos membros do grupo ao qual pertencem ou do qual participam, passa a ocupar o lugar predominante que outrora, pertencera ao pai. Daí que, enquanto a autoridade dos adultos vai desaparecendo, o controle de uns sobre os outros se faz mais intenso e passa a ser o modelo mais aceito. E, enquanto alguns não ligam para as cobranças e exigências das grandes autoridades, para outros e outras o que seus colegas ou pessoas do entorno ou da comunidade eclesial sentem, pensam e dizem a respeito delas, é motivo de grande sensibilidade.

A comoção. As duas características esboçadas anteriormente (interioridade e orfandade) presentes na geração contemporânea, refletem a forma em que as pessoas expressam a profunda infelicidade que experimentam a diário. Sendo assim, a geração atual além de ser uma geração introvertida a procura de congruência com o mundo no qual vive, é também uma geração órfã, em busca de modelos de autoridade acordes as realidades atuais. Estes elementos podem ser entendidos aqui como elementos conflitantes, geradores de sofrimento, crise e confusão. A este respeito Clinebell também menciona que conflitos e pluralismo moral ajudam na criação da consciência confusa e a crise de valores, que terminam afetando esta geração.²⁴⁹ Se fazem então pertinentes às palavras de Rollo May mencionadas por Clinebell, no sentido de que:

Quando uma cultura está presa nas profundas convulsões de um período de transição, os indivíduos nessa sociedade sofrem, compreensivelmente, uma violenta agitação espiritual e emocional. Ao descobrir que os costumes e as maneiras de pensar tradicionais não mais proporcionam segurança, [...] são forçados a empenhar-se por uma maior autoconsciência, a través da qual se conscientizam de sua existência com nova convicção e sobre novas bases.²⁵⁰

Com certeza, a situação atual pode ser mais ou menos confusa do que Nouwen propunha, mas também, é certo que muitas das crises que as pessoas adultas de hoje vivenciam são o resultado de momentos como estes. Sentimentos de orfandade, a busca por sentido da vida e estados de comoção, podem ser percebidos nos testemunhos das mulheres entrevistadas. A orfandade refletida nos momentos de afastamento e solidão; os estados de comoção, revolta e tristeza muitas vezes gerados pelo abandono, a indiferença ou a negligência das comunidades e a busca por sentido da vida, refletido na sua própria busca por solução as suas situações de crise, são mais do que evidentes nos relatos das experiências vivenciadas pelas

²⁴⁹ CLINEBELL, 2007, p. 144.

²⁵⁰ CLINEBELL, 2007, p. 144.

participantes da pesquisa. Seus testemunhos são um vivo exemplo da ação e interação de todas estas circunstâncias.

No seguinte bloco, sobre pessoas em sofrimento, o foco é a questão do sofrimento desde a perspectiva deste grupo particular, olhando intencionalmente para suas peculiaridades.

2.4.3 Pessoas em sofrimento: características individuais

O contexto social atual, segundo o exposto anteriormente, está caracterizado por ser um contexto complexo, integrado por pessoas diversas à procura de soluções para os seus sofrimentos, também diversos. Neste segmento o interesse está focado em apresentar, seguindo a perspectiva de Nouwen, as características das pessoas deste contexto, mas, considerando de forma especial o público específico desta proposta de estudo.

Em relação às pessoas ativas da sociedade atual que diariamente se deparam com diversos dilemas, Nouwen amparado na perspectiva de Robert Jay Lifton, observa três características determinantes dos dilemas desta época, sendo estas: 1. O deslocamento histórico, 2. A ideologia fragmentada e 3. Uma procura pela imortalidade.²⁵¹

O Deslocamento histórico fala da relação ancestral cultivada entre o ser humano e o transcendental através de símbolos religiosos e culturais ligados aos sistemas e a vida em geral, mas, que com o passar do tempo, tem-se visto afetada na capacidade de vinculação, gerando uma “rescisão” ou “ruptura”, e cujo resultado é uma sensação de não pertença, de perda das raízes de identidade e também do sentido vital de continuidade, elemento fundamental no processo da vida. “É um rompimento no senso de conexão que os homens nutriram por tanto tempo em relação aos símbolos vitais e alentadores de sua tradição cultural - símbolos associados à família, aos sistemas de ideias, à religião e ao ciclo de vida em geral.”²⁵²

Algumas das entrevistadas falam do sentimento de pertença, da sua importância e do significado que para elas têm este conceito; contudo, este também

²⁵¹ NOUWEN, 2001, p. 23.

²⁵² NOUWEN, 2001, p. 24.

é utilizado ou entendido de forma errada por alguns pastores e pastoras como constatado na experiência da Tulipa.²⁵³

Tulipa. Lembro-me uma vez, quando eu ainda era uma estudante, no contexto onde estávamos (por eu ser estudante e estar há pouco tempo ali e como algumas pessoas não me conheciam), alguém perguntou assim: você é de quem? E tinham algumas mulheres e elas diziam, Ah! Eu sou casada com fulano, eu sou a esposa do fulano, do pastor que veio aqui e tal, e aí ele perguntou: e aí, você de quem é? Ele perguntou para mim. E eu disse assim: e eu preciso ser de alguém? “Eu sou de mim mesma”. [...]. Foi bem assim, no sentido de pertencer a um dono, pertencer a um senhor. Não foi num sentido de pertença que eu também entendo, que eu também respeito, que tem um sentido de pertença de diversas situações e de diversos níveis, mas isso me soou assim como que tinha que pertencer a alguém, que alguém tinha que ser meu dono, (risos) muito desagradável. Essa é uma situação que eu nunca me esqueço.²⁵⁴

No caso da Mimosa²⁵⁵, houve uma ruptura com sua comunidade e, mesmo estando presente, seu distanciamento era real, ela sentia a desconexão. Aqui sua experiência.

Mimosa. A nossa especificidade, ela era ignorada e cobrada um específico mais masculinizado. Isso foi uma coisa que me fez restringir a pouquíssimas pessoas no meu âmbito de amizade e que me fez afastar bastante. Então, eu tenho uma relação muito boa com as pessoas, mas, uma relação superficial. Nada de uma relação mais profunda. [...] nós precisamos ainda, superar essa coisa de que a nossa diferença ela está ali para nos unir, não para nos separar. Então, que toda diversidade que existe entre nós, seja na questão de ser uma pessoa singular, ou seja uma questão de raça, ou seja uma questão de idioma, ou seja uma questão de gênero, essa diversidade, toda ela, tem que nos dar pertencimento, não nos dar um afastamento. Penso que se a gente conseguisse trabalhar isso dentro do pensar teológico, dentro do pensar bíblico pastoral, dentro do pensar comunitário, com certeza ia ter um monte de mulher, singular, solteira, divorciada ou sozinha, lá, se reunindo e não se sentindo sozinha [...] porque teria um lugar de pertencimento.

Para ela essa conexão é muito importante, porque é a que ajuda a restaurar o contato, o que permite à pessoa se sentir parte da comunidade, é também um “espaço” que a faz se sentir parte, do ciclo de vida. Ela continua dizendo:

Mimosa. Eu gosto muito que em alemão existe a palavra “Sich wohl fühlen” que é, “você se sentir aconchegada no ninho, aconchegada na casa”; de você se sentir pertencente. Cada vez que eu me sinto assim, não pertencente a alguma coisa, eu vou para um canto da minha própria casa e digo aqui é teu “Sich wohl fühlen” aqui é teu cantinho, aqui é teu aconchego. Aqui é teu lugar, aqui você pertence. [...] realmente eu vejo que este trabalho é um viés para

²⁵³ No trecho que se apresenta a seguir, se estará retomando no final deste capítulo, só que fazendo parte de um contexto mais amplo, que inclui questões relacionadas com a invisibilização ou a forma sutil e velada na qual se exercem mecanismos de opressão contra as mulheres que marcam suas vidas de forma significativa.

²⁵⁴ Tulipa. Solteira. 51 anos. Pastora Luterana no Brasil.

²⁵⁵ Mimosa. Divorciada. 57 anos. Pastora Luterana no Brasil.

ajudar muito a comunidade a despertar, a ter um olhar novamente para as necessidades do ser humano; não só de mulheres que estão sozinhas, mas de uma comunidade cheia de pessoas sozinhas e que precisam também desse pertencimento, não importando a idade.

Temos também o testemunho da Líria²⁵⁶, para quem o assunto da pertença tem a ver ainda com a questão da identidade. Este é seu aporte:

Líria. Eu penso que as mulheres precisam de um lugar muito legal nas comunidades, para elas se encontrarem e se sentirem pertencidas. A tendência é elas ficarem muito invisibilizadas e deixarem de participar. Eu acho que a condição de solteira é uma condição pouco tematizada na vida comunitária. Nós não falamos sobre esse grupo de pessoas na comunidade. Elas ficam muito invisibilizadas. A gente não entra nesse tema, é como se fosse um fracasso, uma vergonha. Eu acho que é bem importante o tema, essa identidade; acho que é uma identidade também que te possibilita a viver de outros jeitos que as outras pessoas não vivem mais ou viveram muito pouco, né? E mulheres solteiras de poder dizer que querem ficar “não casadas”, que não querem casar mais, que não têm interesse em relacionamentos amorosos. Então eu acho que é um grupo que acaba sendo vetado de outros temas.

Estes testemunhos mostram a realidade sobre o fato de que a incapacidade do ser humano de fazer as conexões nos diferentes momentos de sua existência produz esvaziamento, incapacidade e uma “não ação” frente às situações que experimenta, muitas delas críticas. Isto, por um lado, mostra de forma clara a proposta de Bauman em relação à questão da “liquidez”²⁵⁷ nas relações e nos eventos da vida moderna, onde um dos pontos relevantes, na sua compreensão, deixa a vista o processo de “dissolução” do sentido de pertença do ser humano na sociedade e, por outro lado, marca o nascimento dum acentuado sentido de individualização. A este respeito Bauman diz:

A “individualização” agora significa uma coisa muito diferente do que significava há cem anos e do que implicava nos primeiros tempos da era moderna — os tempos da exaltada “emancipação” do homem [ser humano] da trama estreita da dependência, da vigilância e da imposição comunitárias.²⁵⁸

O segundo elemento que Nouwen destaca é **um sistema de ideias fragmentado**, caracterizado pela luta à que o ser humano se enfrenta entre suas antigas e novas tradições, ideais, estilo de vida, convicção religiosa entre outros, e,

²⁵⁶ Líria. Divorciada. 46 anos. Pastora Luterana, atualmente trabalhando como liderança numa instituição no Brasil.

²⁵⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 8. “Fluidez” ou a “Liquidez” são metáforas adequadas para apreender a natureza da fase atual - em muitos sentidos nova - da história da modernidade.

²⁵⁸ BAUMAN, 2001, p. 17.

afirma que o ser humano que se encontra nesta situação tem trocado as ideologias fixas e abrangentes por fragmentos ideológicos mais flexíveis. Assim o expressa:

Um dos fenômenos mais visíveis de nosso tempo e a tremenda exposição do homem (ser humano) a divergentes, e muitas vezes, contrastantes ideias, tradições, convicções religiosas e estilos de vida. Pelos meios de comunicação de massa, ele é confrontado com as mais paradoxais experiências humanas.²⁵⁹

As mudanças que vão se apresentando, criam instabilidade no sistema de valores defendido até o momento, levando à pessoa a questionar o fato de que a vida tenha que ser experimentada desde uma só perspectiva, ideia ou orientação de referência imutável, e por tanto, se sente obrigada a agir a respeito. Sendo assim, ele menciona:

O homem nuclear [ser humano] não mais crê em algo que, sempre e em toda parte, é verdadeiro e válido. Ele vive no *agora* e cria sua vida no *aquí*. Sua arte é uma arte de colagem, uma arte que, sendo uma combinação de peças divergentes, e uma pequena amostra de seu atual sentimento.²⁶⁰

Considerando o anterior, as experiências diversas conferem ao ser humano uma sensação de estimulação, daí que, interagir com pessoas com convicções diferentes às suas, pode ser considerado não como uma ameaça, mas sim, como uma oportunidade para descobrir novas opções.

A **procura pelo imortal** é o terceiro elemento ou característica particular em relação à pessoa que sofre. Esta procura pode ser representada por alguém a quem nada parece importar-lhe ou ser o suficientemente urgente como para comovê-lo/a, alguém que parece não ter objetivos e para quem as tarefas, ideais ou projetos que o/a motivavam e em prol dos quais trabalhava, perderam sua motivação ou excitação.²⁶¹

Alguns dos questionamentos do ser humano nesta situação, giram em redor do amor como motor de vida, ou, sobre se a capacidade criadora está ligada, necessariamente, a busca por um caminho que conduza a transcendência das limitações humanas.²⁶² O senso de imortalidade do que fala Nouwen, representa uma urgência obrigatória e universal para manter um discernimento interior contínuo sobre

²⁵⁹ NOUWEN, 2001, p. 27.

²⁶⁰ NOUWEN, 2001, p. 28-29.

²⁶¹ NOUWEN, 2001, p. 30-31.

²⁶² NOUWEN, 2001, p. 31.

o tempo e o espaço, com os vários elementos da vida. Ou seja, representa a “maneira do homem experimentar sua conexão com toda a história humana”.²⁶³

Além disso, outro questionamento é apresentado sobre a possibilidade de a imortalidade permitir a continuidade da vida do ser humano na natureza ou, ainda mais, se a crença no *depois* poderia ser uma resposta à procura por imortalidade, sendo que, mal existe uma fé no *agora*.²⁶⁴ As respostas são complexas, mas o que ele pode “adiantar” neste caso é que: a imortalidade como força e motor de vida ou até como crença, tem perdido seu poder de motivação para a esperança. Sendo assim, a resposta à pergunta não é em si mesma uma resposta, mas sim, outra pergunta, no sentido de: como algo futuro, pode ser resposta de algo que nem existe no presente? Noutras palavras: pode-se ter certeza (fé) que no futuro existirá uma resposta a algo que nem sequer existiu ou aconteceu agora no presente? sendo que: “uma vida após a morte só pode ser pensada em termos de uma vida anterior a ela, e ninguém pode sonhar com uma nova terra quando não existe uma terra antiga para manter quaisquer promessas.”²⁶⁵

Deste modo Lifton ilustra como as formas ou modos tradicionais de imortalidade tem perdido para o homem nuclear [ser humano] o poder de conexão; pois como também mencionado por Nouwen: “Nenhuma forma de imortalidade - através de filhos, de obras, da natureza ou do poder celestial - é capaz de ajudar o homem nuclear a projetar-se além das limitações de sua existência humana.”²⁶⁶ Desde o ponto de vista de Bauman, a questão da imortalidade é planteada então da seguinte forma:

A preocupação com a imortalidade individual dissolve-se no empreendimento de servir a imortalidade do grupo. Com isso, a própria individualidade dissolve-se, o que ajuda imensamente o grupo, em seus incessantes esforços para subordinar preocupações individuais da vida ao que for declarado do interesse da sobrevivência do grupo.²⁶⁷

Sendo assim, nesta perspectiva Bauman compara o fato da polarização da sociedade pós-moderna, com a vivida nas etapas iniciais da revolução moderna, a qual, segundo ele, se caracterizou pelo intento de desconstruir a morte.²⁶⁸ Para

²⁶³ NOUWEN. 2001, p. 31-32.

²⁶⁴ NOUWEN, 2001, p. 32.

²⁶⁵ NOUWEN, 2001, p. 32.

²⁶⁶ NOUWEN, 2001, p. 32.

²⁶⁷ BAUMAN, 1998, p. 192.

²⁶⁸ BAUMAN, 1998, p. 195.

finalizar, desde sua posição, a sociedade pós-moderna está focada não na desconstrução da morte, mas sim, na desconstrução da imortalidade.

Após esta breve análise, o seguinte bloco se ocupará mais especificamente da questão da crise fazendo a ponte entre este contexto e as atividades ministeriais e de liderança feminina, lembrando que quando se faça menção do homem nuclear, no termo, sempre estará incluída também a mulher, como ser humano, independente do gênero.

2.4.4 Ministras e liderança feminina em sofrimento: A particularidade das mulheres “não casadas” em ambientes eclesiais

Para terminar a análise, desde a perspectiva de Nouwen, se aborda a situação das líderes femininas e das ministras no desempenho de suas funções num contexto com as características descritas nos três itens anteriores. Nouwen menciona que nada pode ser escrito sobre ministério, sem uma compreensão mais profunda das formas pelas quais o ministro (e a ministra) podem colocar à disposição seus próprios ferimentos como uma fonte de cura²⁶⁹; neste caso, poderia ser dito, parafraseando a Nouwen, que: ninguém melhor para acompanhar as crises de outros ou outras, que aqueles ou aquelas que são conscientes de suas próprias crises. Mas, esta não é uma tarefa fácil, pois existem diversas formas de ensinar, aprender, entender e agir a respeito.

Pastoras e líderes femininas diariamente enfrentam situações de crises vivenciadas pelas pessoas das suas comunidades, suas famílias e também, as das suas próprias vidas. Termos como incerteza, desvalorização e crise ministerial são alguns dos termos recorrentes no nível comunitário e também no nível pessoal. Quando se trata de descrever a situação profissional do pastor e da pastora protestante na sociedade atual, Roberto Silveira a entende como segue:

Quem hoje desempenha o papel de pastor[a] na sociedade, ouve muitos palpites. Já não há mais um livro texto uniforme que determine as regras básicas da peça e ao qual cada um deve ater-se. O[a] pastor[a] encontra-se no palco como o Gaspar, na peça de Peter Handke, ouvindo, sem interrupção, vozes que, de todos os lados, lhe indicam o comportamento. Aí estão as diversas teologias com os quais esteve em contato durante o estudo, e que lhe transmitiram uma compreensão teológica do seu papel profissional, cada qual conforme sua opinião. Aí estão às pessoas e os grupos de relação

²⁶⁹ NOUWEN, 2001, p. 15.

com os quais lida no dia-a-dia do trabalho pastoral, com as mais divergentes exigências e expectativas. E aí está, do outro lado, em meio a esse vozerio, mais inquietante quase, o gélido silêncio. A sociedade para cuja melhoria e edificação se encena a piedosa peça, talvez ainda assista, mas dificilmente se impressionará com ela, e não reage às tentativas de pregação e doutrinação do artista, nem através de aplausos, nem através de vaias.²⁷⁰

A diferença entre uma pessoa “do comum” e um ministro ou uma ministra, radica em que o ministro e a ministra carregam sobre si a responsabilidade ou dever de ajudar a outros e outras a reencontrar o caminho. Nouwen denomina a estas pessoas como “líder cristão” e sua definição é a seguinte:

O [A] líder cristã[o] é chamado[a] a ajudar os outros [e outras], a afirmar essa grande novidade e a tornar visível, em eventos diários, o fato de que, atrás da cortina suja de nossos penosos sofrimentos, existe algo de grande para ser visto: a face dEle, a cuja imagem fomos criados [as]. Desse modo, [...] pode ser um[a] líder para uma geração convulsiva, porque pode atravessar o círculo vicioso das necessidades imediatas, que pedem satisfação imediata.²⁷¹

E como pessoa, a ministra e o ministro, o pastor e a pastora que fazem parte do mundo e da geração sofredora, não são alheias ao sofrimento; pelo contrário, são pessoas que estão imersas nele, pelo fato mesmo de “estar”, de “fazer parte de” e, portanto, são afetados e afetadas também por ele. Sua função é não só cuidar da dor própria e a das outras pessoas, mas também, fazer desse sofrimento a base do seu ministério, porque segundo afirma o autor: “Assim como Jesus, quem proclama a libertação é convidado não só a cuidar dos próprios ferimentos e dos ferimentos do outro (e da outra), mas também, a fazer de seus ferimentos uma fonte maior do poder da cura.”²⁷²

João Rainer Buhr no seu livro²⁷³ sobre os sofrimentos que nos tempos de hoje sofrem os pastores, refere algumas das situações que as mulheres entrevistadas para este trabalho também têm apontado como situações problemáticas em suas vidas ministeriais; portanto, estes não são sofrimentos só dos pastores. Como exemplos ele apresenta a solidão, as cobranças, as críticas, a falta de pessoas com as que se possam desabafar, as tensões que gera o ter que atender os anseios da equipe de

²⁷⁰ SILVEIRA, José Roberto. Pastores em crise: os efeitos da secularização e do neopentecostalismo sobre o clero protestante. **Âncora**, Revista Digital de Estudos em Religião, São Paulo, vol. 1, p. 106-127, 2006, p. 106-7. Disponível em: http://www.revistaancora.com.br/revista_1/04.pdf. Aceso em 24 out. 2019.

²⁷¹ NOUWEN, 2001, p. 71.

²⁷² NOUWEN, 2001, p. 119.

²⁷³ BUHR, 2017.

liderança, assim como também, em alguns casos, a remuneração insuficiente.²⁷⁴ Outras dificuldades enfrentadas têm a ver com o desânimo e a ansiedade, situações que com o tempo tem provocado o esgotamento e o abandono paulatino dos ministérios,²⁷⁵ precisamente pela falta de amparo e, além, menciona que são assuntos que devem ser trabalhados com urgência.²⁷⁶ Sua percepção sobre a situação é a seguinte:

Apesar de não parecer, inúmeros pastores[ras] estão destruídos[as], sentindo-se completamente desamparados[as] e sem perspectiva alguma de melhora. Para alguns[mas], a única solução é pedir o afastamento dos púlpitos. Outros[as] tantos[as] continuam sua jornada, apesar de muito tristes, machucados[as] e se sentindo culpados[as] por participar de um teatro. Não estão bem, mas precisam representar que tudo está em ordem. Precisam convencer os membros que são fortes e inabaláveis, porque é isso que se espera deles[as].²⁷⁷

Segundo o autor algumas das principais causas destes sofrimentos, se deve à falta de cuidado que as congregações têm para com sua liderança, assim como também da falta de autocuidado, o excesso de críticas e cobranças (próprias e de outros[as]), o envolvimento excessivo com as problemáticas dos membros das comunidades, situações particulares ao interior da família, imediatismo ou a falta de espaços de acompanhamento, entre outros.²⁷⁸

Como alguém chamado para ajudar as pessoas que estão procurando descobrir a fonte e o sentido da sua existência, o ministro e a ministra são pessoas que devem estar muito atentas a todo o entorno social e geracional, que no fim das contas, é o que constitui a fonte primária dos próprios sofrimentos, só que este labor é desempenhado geralmente em sofrimento e solidão. Assim é expresso pelo autor: “A condição do ministro é especialmente dolorosa, porque, além da solidão própria do homem moderno, ele sente a solidão profissional, advinda da alteração de significado do seu papel ministerial.”²⁷⁹ Ele também afirma que “[...] a solidão é o verdadeiro ferimento da ministra e do ministro, não apenas porque ele[a] participa da condição

²⁷⁴ BUHR, 2017, p. 17.

²⁷⁵ Para mais informação pode-se ver: BUHR, 2017, p. 27-31.

²⁷⁶ BUHR, 2017, p. 20.

²⁷⁷ BUHR, 2017, p. 21. Isto lembra a situação referida por uma das entrevistadas colombianas (Lila) em relação a vida dupla que muitas e muitos vivem pela impossibilidade de expressar o que verdadeiramente estão vivenciando. (Ver segmento anterior sobre: As Crises desenvolvimentais e a meia idade). Isto mostra também, que ainda que os contextos são diferentes as situações são muito similares.

²⁷⁸ BUHR, 2017, p. 31-64.

²⁷⁹ NOUWEN, 2001, p. 120.

humana, mas também pela singular condição de sua profissão.”²⁸⁰ A perspectiva de Silveira neste sentido aponta que:

O ministro [e a ministra] paroquial de hoje encontra a sua posição crítica, porque os instrumentos de que dispõe não mais trabalham tão efetivamente como o faziam nas gerações anteriores. As pessoas não mais o[a] atendem, não aceitam o que diz, não lhe obedecem. [...]. Trabalha numa época que não fala mais a sua linguagem e não quer ser convencida do que ele está dizendo, mesmo quando sua linguagem é entendida. [...] Às vezes, o ministro paroquial pode sentir-se uma pessoa indesejada e, embora os paroquianos digam com frequência que necessitam dele, atuam de maneira a não confirmar suas palavras.²⁸¹

Concluindo a análise em relação a este assunto, pode-se dizer que estes autores destacam dois aspectos importantes. De um lado, mostram a posição da *pessoa* com um *chamado ministerial*, porém, por outro lado, fazem a ligação inevitável desta pessoa como alguém quem faz parte de uma *geração* que vive imersa num *mundo*. No entanto, este contexto (geração e mundo) é um contexto marcado pelo sofrimento, decorrente das dinâmicas “líquidas” presentes neles. Sendo assim, o autor adverte que esse ser humano na sua vida pessoal, social e também ministerial, (como pessoa cristã seguidora de Jesus), está irremediavelmente exposta a lidar com o sofrimento e a solidão que o seu caminhar diário lhe reserva.

Como questões preliminares se apresentam algumas experiências das mulheres entrevistadas. Por exemplo, quando se indaga sobre como tem sido as experiências no desenvolvimento do ministério ou cargo de liderança, como mulher “não casada”, as respostas recebidas são:

Violeta. No meu caso particular, eu sempre vivi ou desenvolvi cada serviço como oferta para Deus. Sempre acreditei que o que eu fazia, o fazia para Deus, e então nesse sentido eu tenho que reconhecer na minha vida, a presença permanente da oração [...] Assim eu o vivenciei. E nisso também posso ver as solidões, que eu lembro agora. Não tinha percebido isso, mas, agora que estou trazendo a memória às solidões nesse serviço, donde há tantas tensões tão horríveis. [...] agora eu posso identificar, que meus serviços, tanto na Igreja Presbiteriana, quanto na Igreja Menonita têm sido de muita solidão.²⁸²

²⁸⁰ NOUWEN, 2001, p. 126.

²⁸¹ SILVEIRA, 2006, p. 112.

²⁸² Violeta, Divorciada. 62 anos. Líder Menonita na Colômbia. “*En mi caso particular yo siempre viví o desarrollé cada servicio ofreciéndoselo a Dios. Siempre yo creí que lo que yo hacía, lo hacía para Dios y entonces en ese sentido yo tengo que reconocer en mi vida, la presencia permanente de la oración [...] Así yo lo viví. Y en eso también puedo ver las soledades, que las recuerdo ahora. No estaba pensando en eso, mas, ahora que estoy trayendo a la memoria las soledades en ese servicio, donde hay tantas tensiones tan horribles [...]. Ahora yo puedo identificar, que mis servicios, tanto en la presbiteriana, como en la menonita han sido de mucha soledad*”.

A experiência da Orquídea, outra das entrevistadas colombianas, vai direcionada de igual forma ao sentimento de solidão vivenciado. Aqui seu aporte:

Orquídea: [...] têm dias em que me sinto só, batalhando, liderando comunidades e a gente precisa de um ombro. Um ombro, não um homem (risos). Um ombro para poder dizer: Olha! me apoie e eu te apoio e cuidemos mutuamente e caminhemos juntos, caminhemos nesta vida da fé [...].²⁸³

Para a Zínia a questão da solidão está ligada a questão da incompreensão das lutas pessoais por parte das pessoas das comunidades; já para Líria têm a ver com as normatividades patriarcais dos modelos de ministérios. Vejamos o que elas expressam:

Zínia. [...] eu vejo, é que a profissão religiosa é um trabalho muito solitário. A gente nunca está sendo entendido por o que a gente passa, (risos). A gente enfrenta muita solidão, sim.²⁸⁴

Líria. É sempre muito mais duro quando você está só, nestes modelos de ministérios composto de casais heteronormativos, [...].²⁸⁵

No caso da Glicínia a questão da solidão está relacionada com a sensação de vazio experimentada em decorrência da crise pela perda do seu esposo.

Glicínia. Eu diria assim: a partir do momento que me tornei “não casada” novamente... em estado de viuvez, o principal dilema que eu enfrentei foi o vazio que eu senti. Mesmo com um trabalho de mais de 30 anos, com pessoas, fazendo sepultamentos, no dia a dia, no trabalho pastoral em algumas paróquias mais noutras menos, não foi o suficiente para mim eu não poder, assim, não sentir ou evitar esse vazio imenso que eu passei a sentir.²⁸⁶

Entretanto, segundo Nouwen, esta solidão não deve ser entendida, interpretada ou enfrentada como algo necessariamente negativo, porém, pode ser percebida, interpretada e enfrentada como um “dom”, uma dádiva que impulse para ir além das experiências e vivências do momento. Neste sentido o autor aponta que, ainda que o vazio inicialmente possa chegar a ser considerado como destrutivo, também, nele, é possível experimentar, vivenciar ou fortalecer a esperança. Assim ele o expressa:

²⁸³ Orquídea, Divorciada. 58 anos. Pastora Menonita da colômbia. “[...] *hay días en que me siento sola, batallando, liderando comunidades y uno necesita un hombro, un hombro. Un hombro, no un hombre (risas). Un hombro para poder decir: ¡hey!, apóyame y yo te apoyo y cuidémonos las espaldas y caminemos juntos, caminemos en esta vida de la fe [...]*”.

²⁸⁴ Zínia. Solteira. 50 anos. Pastora Luterana no Brasil.

²⁸⁵ Líria. Divorciada. 46 anos. Pastora Luterana, atualmente trabalhando como líder numa instituição Luterana no Brasil.

²⁸⁶ Glicínia. Viúva. 60 anos. Pastora luterana, atualmente trabalhando como líder numa instituição Luterana no Brasil.

Vivemos em uma sociedade na qual a solidão tornou-se um dos mais dolorosos sofrimentos humanos. [...] O caminho da vida cristã não afasta a solidão; ele a protege e a alimenta como uma preciosa dádiva. Às vezes, parece que fazemos todo o possível para evitar a penosa confrontação com nossa solidão humana essencial e que permitimos ser capturados em armadilhas de falsos deuses, que prometem satisfação imediata e alívio rápido. Mas, talvez, a dolorosa consciência da solidão seja um convite a transcender nossos limites e a olhar para além dos limites de nossa existência. A consciência da solidão pode ser um dom que devemos proteger e guardar, porque nossa solidão nos revela um vazio interior que pode ser destrutivo [...], mas repleto de promessa para quem consegue tolerar sua doce dor.²⁸⁷

No caso das experiências privadas de sofrimento das mulheres, muitas, cada dia se fazem mais visíveis. Pelo menos, isso é o que o trabalho e esforço de muitas mulheres, incluindo o de Marcela Solá²⁸⁸ vêm demonstrando. Na compilação do livro, ela apresenta vários aspectos importantes, desde as perspectivas de 10 teólogas, relacionados com os momentos de crises vivenciadas por mulheres em diversas áreas e momentos, tanto no ambiente público, quanto no privado. Ela não só mostra as situações geradoras das crises, mas também os esforços pela busca de soluções por consenso; apresenta igualmente a crítica e o aporte que desde a perspectiva feminina se faz as situações de crise vividas pelas mulheres no dia a dia. Ao igual que Ivone Gebara²⁸⁹, estas mulheres enfatizam a importância de fazer visível àquilo que até a pouco tempo parecia estar silenciado; a experiência e a voz das mulheres no discurso teológico. Essa voz que vêm lutando pelo reconhecimento da mulher como pessoa que faz teologia. A esse respeito Solá diz:

Em relação à problemática da mulher em crise, tanto pública como privada, elas reclamam para si o direito de nomear, de pôr, onde antes não havia nada, algo novo [...] (Elas) introduzem uma novidade no sujeito que faz teologia e isto implica uma mudança epistemológica no afazer teológico.²⁹⁰ (Tradução nossa).

Mas ainda não é suficiente. A busca por luzes sobre o aporte da teologia à solução ou enfrentamento das crises experimentadas por parte das mulheres “não casadas” em meio ao seu fazer ministerial, o esclarecimento sobre os modelos que

²⁸⁷ NOUWEN, 2001, p. 120-122.

²⁸⁸ SOLÁ, Marcela. **Mujeres ante la Crisis**. Buenos Aires: Lumen, 2005.

²⁸⁹ GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (org.). **Epistemologia, violência e sexualidade**: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2008, p. 31-50.

²⁹⁰ SOLÁ. 2005, p. 5. “*En torno a la problemática de la mujer en la crisis, tanto pública como privada, ellas reclaman para sí esta facultad de nombrar, de poner, donde antes nada había, algo nuevo [...] introducen una novedad en el sujeto que hace teología, y esto implica un cambio epistemológico en el quehacer teológico*”.

resultam obsoletos na hora de tratar as crises e quais as novas propostas por parte da teologia prática para abordar as crises, é parte do labor da Teologia Feminista e de trabalhos como este. Portanto, espera-se que esta apresentação do contexto atual, pós-moderno, ainda que breve, permita a quem lê, ter uma melhor compreensão do contexto, das características e dos espaços sociais nos quais o público-alvo desta pesquisa está inserido. Este trabalho também permite reconhecer como o contexto contribui nas situações de crise e sofrimento das pessoas, o que por sua vez, dá a possibilidade de entender melhor as causas e dinâmicas das situações de crise que estas experimentam. Algumas questões relacionadas com estas circunstâncias serão apresentadas de forma mais estruturada no decorrer deste trabalho.

2.5 MULHERES “NÃO CASADAS” MINISTÉRIO E CRISES PARTICULARES: BREVES TESTEMUNHOS

Iniciamos este capítulo salientando, entre outros aspectos, a importância das experiências das mulheres como ponto de partida epistemológico e não poderíamos terminá-lo sem apresentar suas experiências diárias. Dito isto, este bloco tem como objetivo apresentar, como aportes especiais, os testemunhos²⁹¹ de mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios e/ou cargos de liderança, em relação a algumas das suas experiências de situações de crise com as quais lidaram ou estão lidando. Os testemunhos deixam ao descoberto as verdadeiras lutas e realidades a serem atendidas e para as quais devem ser orientados os trabalhos de acompanhamento. Na exposição dos testemunhos se destacam intencionalmente alguns trechos em **negrito**, no intuito de mostrar as lutas reais destas mulheres, das quais temos muito a apreender. Inicia-se com o testemunho da Líria.

Líria. Duas coisas que me marcam muito desde muito cedo no início do Ministério Pastoral foram: o assédio moral e o assédio sexual. Estes deixaram duas marcas muito grandes em mim [...] eu sofri assédio do presidente da Paróquia no meu primeiro ano trabalhando como pastora. Foi numa situação de trabalho mesmo, estávamos indo visitar numa comunidade no interior e ele me assediou dizendo que eu era o tipo de mulher que ele gostaria de ficar, de transar e tudo mais. [...] foi uma situação muito difícil porque envolvia também assédio moral uma vez que ele era presidente e estava numa situação de poder [...] eu recém havia chegado, eu era jovem, era solteira. Então, senti assim rapidamente o poder dos homens na comunidade religiosa. **Isto me marcou muito, muito; me marca até hoje e**

²⁹¹ Serão apresentados só parte dos testemunhos, já que estes, conforme avancem os capítulos continuarão alimentando as reflexões deste trabalho.

acho que são os dois fatos que mais marcam minha vida. Essas duas situações.²⁹²

Líria fala no tempo presente, pois ainda está lutando contra as sequelas que este assédio deixou na sua vida. Além, também menciona que o assédio moral continua a se repetir constantemente em vários dos espaços de trabalho. Assim o expressa:

Líria. O assédio moral ele se repete muito na vida da gente e no âmbito da igreja, hoje, na posição de liderança que eu ocupo na instituição, o assédio moral se dá muito por parte dos pastores sinodais homens que estão o tempo todo construindo argumentos para desqualificar o trabalho, desqualificar a liderança, questionar os propósitos ideológicos da instituição e de uma forma muito ruim porque não é uma dinâmica que é feita num debate donde eu poderia reagir. O assédio **ele é indireto e acho que isso é muito ruim** porque nós não encontramos um espaço para reagir frente a frente. [...] **acontece em uma forma subliminar permanente** [...] mas fica construindo esse processo muito violento, muito permanente, em que o assédio chega. Ele chega para as pessoas que compartilham como uma preocupação ou chegam através de outras informações e de outras atitudes. **O assédio moral eu acho que é extremamente destruidor, de uma forma permanente.**²⁹³

Como é possível perceber, há motivos suficientes para acreditar na pertinência de um trabalho que auxilie em situações como estas, vivenciadas pela Líria, pela Mimosa e por outras tantas que ficaram e ainda ficarão no silêncio. A seguir, a vivência da Mimosa.

Mimosa. Realmente tive várias crises pessoais durante este tempo de ministério. (30 anos). Especialmente, quando eu tinha que apresentar algum projeto, alguma iniciativa nova na comunidade, ou dentro de um programa já existente, (apresentar algo que eu gostaria que fosse instituído, que fosse adiante); de isso ser barrado e de eu constatar depois que foi barrado, que foi negado pelo fato de que eu era mulher. **Então ficava muito claro isso de que o projeto não ia adiante pelo fato que estava vindo pela boca de uma mulher. Isso me trouxe alguns questionamentos,** de se eu estava no lugar certo, se eu deveria ser pastora mesmo, se eu deveria estar no ministério mesmo, se eu iria ter capacidade para crescer dentro do ministério e fazer tudo que era demanda pastoral dentro de aquela comunidade; por essa questão toda. **Isto me trouxe algumas crises de vocação,** de me perguntar sobre isso, né? Foi bastante complicado. [...] quando eu me divorciei, (a entrevistada deixa escapar um suspiro de impotência) as questões de relações humanas, até aquelas superficiais, ficaram mais difíceis ainda; porque **sempre teve a sensação de que eu estava sendo uma ameaça. Uma ameaça para as mulheres casadas em relação aos seus esposos;** para as mulheres de pastores em relação aos seus maridos; então eu acabei, nesse processo todo, me isolando socialmente e também, do mundo comunitário de trabalho. [...] eu não dava mais carona, não pedia mais carona; não participei de certas confraternizações ou nas conferências; eu

²⁹² Líria. Divorciada. 46 anos. Pastora Luterana, atualmente trabalhando como líder numa instituição Luterana no Brasil.

²⁹³ Líria. Ver nota anterior.

não ficava mais batendo papo..., ficava mais num canto, isolada. **Eu sentia que existia um desconforto em relação aos meus colegas, em relação às esposas dos meus colegas e aí eu acabei me isolando bastante nesse sentido [...].**²⁹⁴

Para Mimosa as duas áreas mais “afetadas” pelas suas crises foram a área vocacional e a área relacional, situações que a levaram ao isolamento, e, quando indagada pela situação foi a de maior dificuldade na sua superação ela também diz:

Mimosa. Para mim, é a questão do convívio social [...] tanto em termos de comunidade como extra comunidade. [...] ainda existe uma pressão social e uma pressão confessional eclesialística a nível ecumênico, **que ainda pesa muito em cima de nós e especialmente por ser mulher.** [...] Como você como mulher não soube segurar seu casamento? Então isso sim (respiro profundo, exclamação) **foi difícil, foi complicado.** [...]. Eu tive uma fase dentro desses anos todos de ministério donde eu vivi a fobia social. Eu não conseguia mais me ver no meio das pessoas. **Aquilo me trazia temor, me trazia angústia** (suspiro, expressão e gestos de angústia) **me desnor-teava realmente, me deixava totalmente sem rumo.** [...] **ainda têm esses processos, ainda têm dias que eu não consigo ficar lá, depois do culto, conversando com as pessoas.** Eu vou embora, porque eu tenho sempre essa sensação de que estão me olhando. **É uma coisa muito velada, uma coisa muito sutil, né, mas ela existe. Ela está ali. Ela está ali. O processo é difícil.**²⁹⁵

Duas coisas para salientar neste depoimento é que a participante fala no tempo presente, porque as fontes de crises continuam sem serem totalmente resolvidas e, até as expressões manifestas no momento do testemunho, foram expressões de angústia, de desassossego. Ela ainda se encontra lutando para sair do isolamento decorrido destas situações, principalmente, da sua ruptura matrimonial.

O caso de Tulipa é um pouco diferente. Inicialmente, ela menciona que não tinha vivenciado situações de crise²⁹⁶; mesmo assim, depois aponta algumas questões que... “parando para pensar” estão ali presentes, no universo sutil e velado, agindo de forma quase imperceptível, mas incomodando, criando tensões e lutas na procura de respeito, igualdade e aceitação.

Antes de apresentar o seu testemunho, é bom esclarecer que este fragmento inclui uma fala que foi apresentada antes, mas, que aqui é apresentada num contexto mais amplo da entrevista, que incluem outros detalhes. Este é seu testemunho.

²⁹⁴ Mimosa. Divorciada. 57 anos. Pastora Luterana no Brasil.

²⁹⁵ Mimosa. Ver nota anterior.

²⁹⁶ Caso semelhante foi expresso por Rosa, em relação as problemáticas abordadas na pesquisa sobre “Mujeres solteras, Ministerio y Sexualidad: Aportes para la práctica pastoral” Ao respeito ver GONZALÍA, 2017, p. 181-183.

Tulipa. Bom para mim, crises, dilemas e dificuldades existem, mas, eu não sei se as vezes eu não dou muita importância para elas, porque nem sempre eu consigo identificar isso tão bem, que tenham sido dificuldades. Claro, assim, elas existem e há muitas crises e dificuldades no ministério que a gente enfrenta como mulher; mas, sabe que às vezes eu não paro muito para pensar nelas, e não dou tanta ênfase, tanta importância para elas [...] **a gente enfrenta sim, (crises) e algumas vezes, parando para pensar, como mulher solteira, a gente tem às vezes uma dificuldade maior de aceitação dentro de uma comunidade. A gente sempre precisa provar mais, que a gente pode, que a gente consegue, que a gente é capaz [...]** E a questão das mulheres “não casadas” é muito mais forte ainda, né? Porque ainda está muito relacionada no nosso contexto a questão, de família. Quem é solteira, ah! Coitadinha! Não tem família, não tem em quem se amparar; como se nós mulheres precisássemos sempre de alguém que estivesse nos protegendo, nos amparando, [...]. Lembro-me uma vez, quando eu ainda era uma estudante, no contexto onde estávamos (por eu ser estudante e estar há pouco tempo ali e como algumas pessoas não me conheciam), alguém perguntou assim: você é de quem? E tinham algumas mulheres e elas diziam ah, eu sou casada com fulano, eu sou a esposa do fulano, do pastor que veio aqui e tal, e aí ele perguntou e aí, você de quem é? Ele perguntou para mim. E eu disse assim: “e eu preciso ser de alguém? Eu sou de mim mesma”. Foi bem assim no sentido de pertencer a um dono, pertencer a um senhor. Não foi num sentido de pertença, que eu também entendo, que eu também respeito, que tem um sentido de pertença de diversas situações e de diversos níveis; mas isso me soou assim como que tinha que pertencer a alguém, que alguém tinha que ser meu dono, (risos); [...] **muito desagradável. Essa é uma situação que eu nunca me esqueço. [...]. Acho que essa tem sido também a luta, de a gente poder ser respeitada de uma forma igual.** E eu percebo assim, que **em muitas comunidades mesmo tendo passado já todos esses anos em que mulheres estão no ministério, mas que mulheres “não casadas” ainda encontram essas dificuldades, essas barreiras, e muitas vezes até em relação à aceitação.**²⁹⁷

O seguinte testemunho da experiência da Zínia, é muito parecido com o da Tulipa, no sentido de que algumas das suas principais dificuldades ou crises, decorreram do fato de ter que **provar** sua competência para desenvolver o trabalho, mas, não por não ter a capacidade ou a formação adequada, mas, pelo fato de ser mulher e ainda, pela condição civil de “não casada”. Ela também ainda menciona que ser “testada” é uma situação constante que vai além das fronteiras da comunidade, até atingir a vida privada, ao ponto de se ver na necessidade de criar o que pode ser chamado de barreiras de proteção. Aqui seu depoimento:

Zínia. O fato da gente ser mulher já é uma dificuldade, uma barreira que a gente encontra, quando a gente chega num novo trabalho numa comunidade, e mais ainda, sendo solteira [...] **A gente tem que mostrar para as pessoas,** (e não é somente para os homens, para as mulheres também), num novo lugar, **que a gente vai dar conta; que a gente tem a preparação para enfrentar o ministério,** para trabalhar no ministério com amor, com competência e com profissionalismo; e também, principalmente, com a vocação que nos chama para este trabalho. [...] aos poucos, **a gente vai tendo que... não sei se a palavra é provar,** mas, a gente vai mostrando

²⁹⁷ Tulipa. Solteira. 51 anos. Pastora Luterana no Brasil.

no nosso jeito, no nosso labor **que está tudo bem**. Podem ficar tranquilos, que vai dar tudo certo; **que não é por eu ser solteira, por eu ser mulher, que não vai dar certo meu trabalho**. [...] Mas eu penso que, a gente trabalhando, a gente mostrando para as pessoas, as pessoas vão se aliviando, vão aprendendo; vão assimilando que a gente é diferente, mas, nem por isso, a gente deixa a desejar no trabalho. São dificuldades e claro, todo início de trabalho para todo mundo é difícil, mas eu, particularmente, passei por muitas faces no ministério numa paróquia. [...] O primeiro ano é uma coisa, segundo ano é outra. **Depois ficam te testando** para ver como ela é na vida particular, como ela lida com as situações. **O que eu mais sinto assim de dificuldade**, e pensando um pouco, **a gente tem que criar e desenvolver uma certa distância**. Oh, até aqui você pôde se intrometer na minha vida. Daqui para lá, a vida é minha.²⁹⁸

Situações como estas, parecem não ter muita importância, mas que “percebendo bem”, dão passo a criação de barreiras, sejam elas de rejeição ou de proteção, que terminam por afetar os trabalhos, os relacionamentos e a vida em geral e, muitas vezes, lançando as pessoas à solidão. Aqui, mais um testemunho, o da Glicínia. Ela fala da sua experiência particular e das principais dificuldades enfrentadas, depois da perda do seu esposo. O luto por esta perda tem sido uma situação que até hoje ela continua enfrentando sozinha.

Glicínia. [...] eu me sentia... impotente diante das coisas, tanto que eu trabalhava numa paróquia e, por exemplo: eu tinha que fazer sepultamentos ao lado de onde meu esposo falecido estava sepultado, então eu não conseguia resistir a isso; até porque eu mesma penso que isso não se deve exigir de alguém. [...] A pessoa enlutada ela passa por umas crises, umas perdas. Uma da pessoa amada e outra, de pessoas com as quais ela poderia contar. Isso eu lamento profundamente. [...]. Outro **dilema que eu vivi e vivo ainda hoje** [...] eu comecei meu pastorado no ano 1984 [...] tudo era pensado na equipe [...] o trabalho era sempre feito de uma forma muito pensada, muito elaborada, em equipe. Não existia isso de eu vou fazer isto. Quer dizer, eu sujeitava minhas ideias e minha forma de pensar a um consenso maior porque toda busca se pensava assim, no conjunto. **A solidariedade era praticada digamos em relação aos outros e isso foi se perdendo.** [...] se buscava esses espaços de encontro, de diálogo, essa abertura no diálogo sempre. Não era que um fazia uma coisa e outro fazia a outra. **Era aquela coisa de pensar e elaborar uma proposta conjunta**, ao menos com a diretoria e as lideranças das Comunidades **de uma forma bem fraternal e sororal.** [...] essa é outra lacuna que eu sinto. [...]. Então, seriam nesses dois aspectos aí como sendo as dificuldades que **eu sozinha enfrentei e que estou enfrentando.**²⁹⁹

Para fechar o bloco dos testemunhos das mulheres brasileiras, temos o testemunho da Amor Perfeito. De acordo com o seu testemunho suas principais dificuldades se apresentaram também na área emocional e na área relacional. No seu depoimento menciona que assim como a Líria, ela também sofreu com situações de

²⁹⁸ Zínia. Solteira. 50 anos. Pastora Luterana no Brasil.

²⁹⁹ Glicínia. Viúva. 50 anos. Pastora Luterana no Brasil.

assédio moral e que parte das suas crises se originaram na discriminação pela sua condição civil:

Amor Perfeito. Principalmente os problemas que eu tenho, são mais emocionais. [...] inclusive teve uma ocasião que eu fui liderar um grupo que o pastor não pode no momento estar, e ele passou para mim, me encarregou liderar o grupo naquela noite; e teve uma pessoa que falou: ‘pessoas separadas não podem ser líderes’ [...] no momento eu não captei isso, eu fui ver isso depois. Mas **isso marca muito a gente.** [...] Enfrentei também uma situação assim, bem difícil, com uma pessoa esposo de uma amiga, por que os homens pensam em geral que as mulheres que são separadas elas são fáceis de ‘levar na conversa’, tipo isso, né? E isso foi... **isso até hoje me faz muito mal.**³⁰⁰

Os testemunhos que serão apresentados a seguir, correspondem ao grupo das mulheres da Colômbia, a maioria provenientes de outras confissões cristãs, mas que ao momento da entrevista, levam mais de 8 anos participando de alguma Comunidade Menonita na Colômbia. O primeiro é o testemunho da Dália, para quem como mulher divorciada, percebeu algumas dificuldades pela sua condição civil.

Dália. [...] A gente percebe ao redor de outros, que como não tem um companheiro (esposo) não pode desenvolver um pastorado, não pode ser uma pastora [...] **não olham as capacidades que a gente tem para trabalhar como pastora ou líder** [...] sempre está a imagem de que a mulher [...] tem que ter um companheiro (esposo) [...] para poder desenvolver seu ministério de forma certa, com liberdade ou com responsabilidade.³⁰¹ (Tradução nossa)

E quando questionada sobre se sentia que o fato de ser divorciada interferia no seu ministério Dália responde que sim, especialmente no relacionado com as questões da sexualidade, pois as mulheres sofrem uma espécie de vigilância e desconfiança que não é igual no caso dos homens. Assim o expressa:

Dália. Sim, sim, pois as pessoas não falam para você diretamente, mas a gente sente a barreira. [...], no tema do exercício da sexualidade sempre a comunidade etiqueta você. Se é um homem, não tem problema, **mas se é uma mulher, é como se todos os olhares estivessem acima de você, (para ver) “a que hora vai cair”** [...] porque olham como algo estranho que

³⁰⁰ Amor Perfeito. Divorciada. 70 anos. Líder Luterana no Brasil.

³⁰¹ Dália. Divorciada. 66 anos. Líder Menonita na Colômbia. *“Uno se da cuenta alrededor de otros que como no tiene pareja no puede desarrollar un pastorado, no puede ser una pastora [...]y no miran quizás las capacidades que uno tiene para trabajar como pastora o como líder. Siempre tienen como esa imagen de que debe ir acompañada de alguien; [...] que la mujer [...] tiene que tener un compañero, [...] para uno poder desarrollar ese ministerio a cabalidad o con libertad, o con toda la responsabilidad”*

uma mulher possa viver e ter controle da sua sexualidade, [...] porque é mulher; mas se é um homem, lhes parece normal.³⁰²

O seguinte é o caso da Girassol, cuja experiência vai ao encontro das experiências vividas pela Dália e a Zínia, no sentido de se sentirem constantemente vigiadas à procura de justificativas para desqualificar seus trabalhos.

Girassol. Havia uma questão muito escondida [...] que **a gente sabe que no fundo, a gente não é aceita o 100% e que sempre vai ter questionamentos contra você e que sempre esse assunto vai estar presente;** de que você [...] não preenche totalmente as condições. [...] **é uma permanente procura por justificativas para encontrar os erros, [...] como separada ou divorciada [...] isso é uma dupla carga [...] uma carga muito grande, porque no caso das mulheres esse é o estigma.** [...] Em alguns casos, havia crítica e o julgamento; isso sim existiu e continua existindo e permanentemente está.³⁰³

E ainda acrescenta:

A comunidade sempre quer ver você acompanhada de um homem [...] porque isso a uma comunidade lhe garante que seu comportamento ético e moral, como falam, no campo da sexualidade, está garantido. Isso acreditam as pessoas; que se você tem um companheiro, você é mais moral, tem mais moral; tudo está bem, porque tem a alguém com quem compartilhar sua sexualidade, sua vida íntima. [...] **Sempre houve e eu acredito que ainda há esse mundo de suspeita. Como ela exercerá sua sexualidade?**³⁰⁴

Ainda temos a experiência da Orquídea, quem no seu testemunho fala dos seus sentimentos, suas preocupações e também seus anseios; sua ansiedade pela forma como é vista, por se sentir sozinha, sobrecarregada, questionada, mas também, desamparada de parte da comunidade, excluída. Ela expressa:

Orquídea. [...] **tem dias em que me sinto muito sozinha, batalhando, liderando comunidades, e a gente precisa de um ombro, aqui; um ombro,**

³⁰² Dália. Divorciada. 66 anos. Líder Menonita na Colômbia. “Sí, sí porque, pues la gente no dice, no se lo dice a uno directamente, pero uno siente como esa barrera. [...] en el tema de la sexualidad, [...] siempre la comunidad lo enmarca a uno. Si es un hombre no hay problema [...] pero si es una mujer, es como que todos los ojos están encima, a qué horas [...] “va a caer” [...] lo ven como algo extraño que una mujer pueda vivir y tener control de su sexualidad [...] porque es mujer; pero si es un hombre, les parece normal.”

³⁰³ Girassol. Divorciada. 67 anos. Pastora Menonita na Colômbia. “[...] había una cosa muy... como muy escondida, [...] que uno sabe en el fondo que uno no es aceptado 100% y que siempre va a ser cuestionado, y que siempre va a estar ese punto ahí como en el panorama de que usted [...] no cumple totalmente con los requisitos. [...] es una permanente búsqueda de quiebre [...] como separada, o divorciada [...] Eso es una doble carga [...] una carga muy grande, porque en el caso de las mujeres ese es como el estigma. [...] en algunos casos, había la crítica o el señalamiento; eso sí existió y sigue existiendo y permanentemente está.”

³⁰⁴ Girassol. Divorciada. 67 anos. Pastora Menonita na Colômbia. “[...] la comunidad siempre lo quiere ver a usted rodeado de un hombre. [...] porque eso a una comunidad le garantiza que su comportamiento ético y moral como dicen, en el campo de la sexualidad está garantizado. Eso cree la gente, que, si usted tiene un compañero, usted es más moral, tiene más moral; todo está bien, porque tiene a alguien con quien compartir su sexualidad, su vida íntima [...] Siempre hubo y yo creo que todavía hay ese mundo de sospecha. ¿Cómo manejará esa mujer su sexualidad?”

não um homem (risos); um ombro para poder dizer: Hey! Me apoie e eu te apoio; cuidemo-nos mutuamente, caminhemos juntos, caminhemos nesta vida de fé; e se você nota que não estou bem [...] poder estar ali, saber como você está, apoiar e afirmar o outro (a outra), a pessoa; e essa pessoa apoiar a gente também [...]. **Realmente é pesado, temos muitas coisas difíceis que sim, é preciso, e acredito que a igreja e nossas comunidades de fé, devem levar a sério.** [...]. Estive num processo de separação muito cumprido, tão cumprido que durou mais ou menos sete (7) anos. [...] durante estes sete (7) anos me ausentei um pouco da participação na igreja, por muitas fricções [...]. **Tem sido uma experiência muito sacrificada**, muito sacrificada, porque no imaginário cristão e das pessoas, viemos com umas posturas muito conservadoras [...] e essas posturas não nos permitem ter liberdade [...] sempre **é sacrificado no sentido de que sempre há vozes, que uma mulher sozinha como vai aguentar o ministério, coitada, ou, que a gente é uma ameaça para alguém** [...] tem havido sempre críticas, suspeitas, comentários [...]. **Depois de determinada idade [...] divorciadas ou separadas ou sozinhas [...] não temos espaço nas comunidades [...] não há espaços nem pensamentos onde se diga [...] acompanhemo-las, ajudemo-las, façamos algo para elas [...] então ficamos ali [...] como que não cabemos em nenhum lugar [...].**³⁰⁵

A experiência da Jasmim, deixa ao descoberto uma outra face da situação não percebida até o momento; pois além das dificuldades e preconceitos já expressos pelas participantes anteriores, esta mostra a situação das pessoas com algum tipo de limitação (neste caso, física).

Jasmim. Sou uma mulher com uma necessidade especial; então, como cadeirante, tenho confirmado em muitos espaços que há, por assim dizer, uma tripla exclusão. Uma, por ser mulher; duas, por ter uma necessidade especial e, três, por ser solteira. [...]. É muito difícil chegar num espaço onde há uma reunião de líderes e perguntam pelo pastor; e quando eu falo: Bom, eu sou a pastora da minha comunidade, perece-se que isso não tem ressonância, porque estão perguntando pelo “pastor”; então é difícil, nuns contextos mais que noutros [...]. Tem sido constantes desafios, constantes descobrimentos. Também poderia falar que [...] ainda há incredulidade e desconfiança no desempenho do ministério por parte dos homens para com as mulheres. [...]. Desde minha condição de cadeirante, estão os preconceitos, de que por ter limitações físicas,

³⁰⁵ Orquídea. Divorciada. 58 anos. Pastora Menonita na Colômbia. *“Hay días en que me siento sola, batallando, liderando comunidades y uno necesita un hombro, un hombro aquí. Un hombro, no un hombre (risas). Un hombro para poder decir: hey!, apóyame y yo te apoyo y cuidémonos las espaldas y caminemos juntos, caminemos en esta vida de la fe, y si me vez mal [...] de poder estar uno ahí, y cómo te sientes, apoyar y afirmar y al otro, a la persona y las personas afirmarlo a uno [...] realmente nos pesa, tenemos muchas cosas duras y que sí es necesario y creo que la iglesia y nuestras comunidades de fe deben tomar esto en serio; [...] Estuve en proceso de separación muy largo, tan largo que duró más o menos para concretarse 7 años, [...] durante esos 7 años me ausente un poco de ser tan abiertamente participativa, por muchos choques [...] ha sido una experiencia muy sacrificada, muy sacrificada porque en el imaginario cristiano y de la gente, venimos con unos cortes bastante conservadores [...] esos cortes no nos permiten tener libertad [...] siempre es sacrificado en el sentido de que siempre hay las voces. Que ah, una mujer sola, como va a aguantar el ministerio, pobrecita, o siempre están que uno es como la amenaza de alguien [...] sí ha habido siempre críticas, esas sospechas, comentarios [...] después de determinada edad [...] divorciados, o separados, o solas [...] no tenemos espacio en esta comunidad [...] no hay espacios ni pensamientos en que se diga [...] acompañémoslos, ayudémoslos, hagamos algo [...] entonces los dejan ahí, [...] como que no cabemos en ningún lugar.”*

como mulher, já não sinto [...] Por outra parte, analiso que há certos preconceitos muito marcados nos imaginários, donde, como mulheres, eu diria, nos veem quase como mutiladas em nossos sentimentos, emoções e na nossa sexualidade [...] porque independentemente da limitação que temos, seguimos sendo seres humanos, conscientes, pensantes e sensíveis.³⁰⁶

Se mostram estas curtas experiências não só como ilustrações, mas sim, para mostrar a grave situação de fundo que, na realidade, está nelas plasmada; como são as situações de solidão, exclusão, desrespeito, assédio, frustração, sofrimento, desconhecimento e invisibilização, entre outras, que estas mulheres estão padecendo. Pode-se perceber claramente, como situações que transitam em diversos níveis e em diferentes áreas, estão presentes na vida diária destas mulheres. Alguns deles tem deixado marcas indeléveis nas suas vidas, pois mesmo tendo acontecido há muito tempo e tendo procurado ajuda para superá-los, ainda seguem presentes ao ponto de continuar afetando de uma ou outra forma suas vidas e seus trabalhos. Esperasse que estes exemplos sirvam, principalmente, para despertar a consciência e entender a necessidade urgente que há de atender e brindar a ajuda adequada que estas situações requerem, visando melhorar a qualidade de vida destas pessoas e das comunidades nas quais elas desempenham seus ministérios.

Em geral, o panorama que este capítulo apresenta em relação ao tema da crise, mostra como ela se apresenta na vida das pessoas, neste caso em especial, a vida das mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios e ou cargos de liderança e chama a atenção para a importância que têm suas experiências como base epistemológica para a análise das construções de gênero, e também, para a importância do papel da Teologia Feminista na revisão das experiências de exclusão, discriminação ou opressão que elas vivenciam, possibilitando o encontro de novas

³⁰⁶ Jazmín. Solteira. 51 anos. Pastora Menonita na Colômbia. “Soy una mujer con una necesidad especial, y entonces como portadora de una discapacidad, he podido confirmar en muchos espacios que hay una triple, por así decirlo, exclusión. Una, por ser mujer; dos, por mi condición de mujer con discapacidad y tres, también por ser soltera. [...] Es muy difícil llegar a espacios en donde hay reunión de líderes y preguntan por el pastor y cuando les digo: bueno, soy la pastora de mi comunidad, pareciera que eso no tiene eco porque están preguntando por el pastor; entonces es difícil, en unos contextos más que en otros. [...] ha sido de constantes desafíos, constantes descubrimientos. También podría hablar que [...] aún está la incredulidad y el escepticismo en el desarrollo del ministerio por parte de hombres hacia las mujeres[...] desde mi condición de discapacidad, están los prejuicios, de que al estar con limitaciones físicas, ya como mujer no siento, [...] por otra parte me pongo a analizar que hay unos prejuicios muy marcados en los imaginarios en donde como mujeres nos ven, yo diría, casi que como mutiladas en nuestros sentimientos, emociones y en nuestra sexualidad.[...] porque independientemente de la discapacidad que tenemos seguimos siendo seres humanos, conscientes, pensantes, sensibles.”

propostas, hermenêuticas e/o exegéticas que não só as visibilizem, mas que também permitam vê-las como mulheres protagonistas e articuladoras de saberes.

Importante também é conhecer e compreender que há diversidade de situações ou tipos de crises, com diversas origens, que vão desde situações aparentemente “sem importância” ou “inofensivas”, como a perda da mascote; até situações “mais complexas” como a perda do emprego, de um ser querido ou de uma situação de assédio sexual. Portanto é vital compreender que o ser humano, tem sido, é e será, em algum momento da sua vida, protagonista de situações conflitivas que podem desencadear algum tipo de crise como as esboçadas anteriormente, porque estas simplesmente fazem parte da vida, são inerentes a ela, no entanto, os aportes dos estudiosos e estudiosas do tema coincidem em afirmar que, as crises não são sempre negativas e, embora causem sofrimento, dor ou transtornos na vida das pessoas, elas devem e podem ser consideradas, também, como oportunidades de crescimento e fortalecimento pessoal. Tudo depende da forma como elas sejam abordadas. E é precisamente disso que temos pesquisado e refletido aqui e o que continuaremos a fazer no próximo capítulo.

O principal enfoque desta reflexão evidencia que, os problemas, necessidades e crises das mulheres “não casadas” em exercício ou não, de ministérios ou cargos de liderança, das comunidades eclesiais, geralmente não são considerados como assuntos de importância dentro das mesmas, nem sequer, tratando-se de casos “extremos” como, por exemplo, casos de crise por assédio, divórcios ou morte, obrigando-as a passarem por estas circunstâncias em solidão, administrando o assunto como algo muito particular, da esfera do “privado”. Isto deixa ao descoberto também a falta de ações, mecanismos ou programas de ajuda adequados para atender situações de crises como estas.

Considera-se então, que o ponto central está em não subestimar ou desestimar as situações de crise pelas quais uma pessoa esteja atravessando, ainda que pareçam assuntos sem importância. Estas devem ser atendidas com toda seriedade e cuidado, entendendo que, as experiências de cada pessoa são únicas e particulares; portanto, devem ser trabalhadas adequadamente, com o propósito que estas não venham a se converter em traumas mal resolvidos ou doenças, que terminem por interferir de forma negativa no desempenho pessoal, familiar, ministerial e social da pessoa que a vivencia, como também, de quem com ela convive.

Isto leva precisamente a refletir sobre os mecanismos de ajuda que têm sido utilizados através do tempo, os que continuam a ser utilizados, os que poderiam ser utilizados ou, os que realmente precisam ser utilizados para auxiliar às mulheres nestas situações particulares. Destes assuntos precisamente se ocupa o seguinte capítulo.

Perguntas como: como as mulheres enfrentaram estas dificuldades? De onde veio esta ajuda e que tipo da ajuda foi?; entre outras, fazem parte do tema a ser trabalhado no capítulo seguinte, onde o propósito é aprofundar nas questões metodológicas particulares utilizadas para atender estas necessidades, partindo das consequências e resultados que estas diversas problemáticas percebidas, causaram nas mulheres. Com isto também será possível perceber se essas metodologias foram adequadas e eficazes na abordagem destas problemáticas ou se há necessidade de considerar novas metodologias mais adequadas.

3 MULHERES “NÃO CASADAS”, LIDERANÇA MINISTERIAL E MECANISMOS DE AJUDA EM SITUAÇÕES CONFLITIVAS E DE CRISES

Definir com clareza a influência que exerce uma determinada atividade de ajuda na vida das pessoas ou a eficácia da mesma, depende de vários fatores. Portanto, neste capítulo, o principal objetivo é revisar na bibliografia disponível e nos testemunhos apresentados, qual ou quais têm sido as metodologias mais utilizadas para ajudar a enfrentar os momentos de dificuldades ou crises e qual a influência e eficácia na abordagem dos mesmos.³⁰⁷

Um dos termos, mecanismos ou metodologias que apareceu com mais força na bibliografia consultada foi o aconselhamento, porém, este é abordado de forma sinônima ou sobreposta com outros termos, ao ponto de se perceber uma certa “confusão”, motivo pelo qual, a dinâmica neste capítulo, será em primeiro lugar, abordar alguns desses conceitos, para conhecer suas principais características, esclarecer suas particularidades, e, posteriormente, descobrir, entre os testemunhos, quais destes têm sido os mais usados, e se eles têm sido eficazes no confronto das problemáticas particulares que as mulheres têm experimentado.

Os referenciais teóricos que fundamentam a presente proposta incluem a utilização de material bibliográfico previamente selecionado o qual inclui, livros, teses, dissertações, artigos de revistas, capítulos de livros e artigos de internet, entre outros. Entre os autores e autoras que fazem parte desta análise, se encontram: Christoph Schneider-Harpprecht,³⁰⁸; Clinebell Howard³⁰⁹; Lothar Carlos Hoch ³¹⁰; Heije

³⁰⁷ É importante esclarecer, que as principais situações conflitivas já foram apresentadas no capítulo anterior desta pesquisa, e que o trabalho a realizar neste capítulo, consiste em retomar e ampliar outros aspectos da temática (expressos também nas entrevistas), que ajudem a dar conta dos objetivos traçados.

³⁰⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; HOCH, Lothar Carlos. **Fundamentos teológicos do aconselhamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1998. SCHNEIDER-HARPPRECHT Cristoph; ZWETSCH, Roberto (Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3. ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal/EST. 2011. p. 256-278, entre outros.

³⁰⁹ CLINEBELL, Howard. **Counseling for Spiritually Empowered Wholeness: A Hope-Centered Approach**. Routledge; 1995; **Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento**. 4. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2007.

³¹⁰ HOCH, Lothar Carlos. A comunicação como chave do Aconselhamento Pastoral. In.: HOCH, Lothar Carlos; NOÉ, Sidnei Vilmar (Orgs.). **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda**. São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2003; HOCH, Lothar. Carlos. **Aconselhamento Pastoral e Libertação**. **Revista estudos teológicos**. V 29 No. 1, 1989. p. 17-40.

Faber e Ebel Van Der Schoot 311; Ruth Scheeffer³¹²; Gary Collins³¹³; Roseli Margareta Kühnrich de Oliveira³¹⁴; Daniel Schipani³¹⁵ e Rafael Zaracho 316, entre outros.

Junto com a análise destes materiais será feita também a revisão dos depoimentos das mulheres, visando conhecer a forma em que elas lidaram com as principais dificuldades padecidas; como foram auxiliadas, que metodologia ou metodologias foram utilizadas, de onde veio a ajuda, se a ajuda foi “oferecida a elas” ou se foi “buscada/procurada por elas”. Esta análise permitirá perceber o grau de interesse o desinteresse da liderança das comunidades, frente às problemáticas que atingem a este grupo, a existência ou inexistência de “programas” de ajuda, assim como também, as vantagens ou desvantagens nestes programas de atendimento, caso que ele/s exista/m, e, se estes estão respondendo de forma adequada às necessidades deste grupo.

Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1054. Acesso em 3 outubro de 2019; HOCH, Lothar. Carlos. Algumas considerações teológicas e práticas sobre a pastoral de aconselhamento. **Revista Estudos Teológico**. Vol. 20. No. 2. 1980. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudosteologicos/article/view/1348/1298>. Acesso em 29 abr. 2019; HOCH, Lothar. Carlos. Comunidade terapêutica: em busca duma fundamentação eclesiológica do aconselhamento pastoral. In.: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Fundamentos teológicos do aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998; HOCH, Lothar. Carlos; HEIMANN, Thomas (Orgs.). **Aconselhamento Pastoral e espiritualidade**. Anais do VI simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008.

³¹¹ FABER, Heije; SCHOOT, Ebel Van Der. **A prática da conversação pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 179-188.

³¹² SCHEEFFER, Ruth. **Teorias de aconselhamento**. São Paulo: Atlas. 1986.

³¹³ COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004; COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000; COLLINS, Gary. **The Biblical Basis of Christian Counseling for People Helpers: Relating the Basic Teachings of Scripture to People's Problems**. People Helper's Inc. Colorado, 2001; **Aconselhamento cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2011

³¹⁴ OLIVEIRA, Roseli Margareta Kühnrich de. **Cuidando de quem cuida**: um olhar de cuidados aos que ministram a Palavra de Deus. 4. ed. rev. - Joinville, SC: Grafar, 2012.

³¹⁵ SCHIPANI, Daniel. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2003. SCHIPANI, Daniel. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004; SCHIPANI, Daniel; JIMÉNEZ, Pablo A. **Psicología y Consejo Pastoral**: Perspectivas Hispanas. Editores: SCHIPANI, JIMENEZ, Pablo A. Libros AETH (Asociación para la Educación Teológica Hispana) Decatur, 1997; SCHIPANI, Daniel. **Mennonite Perspectives on Pastoral Counseling**. Edited by Daniel S. Schipani. Institute of Mennonite Studies. Elkhart, 2007.

³¹⁶ ZARACHO, Rafael. **Consejería Pastoral**. Buenos Aires: Lumen, 2007.

3.1 DIVERSAS CONFIGURAÇÕES E PRÁTICAS DO ACONSELHAMENTO: AFINIDADES E CONTROVÉRSIAS

Existe uma grande diversidade de metodologias utilizadas para ajudar as pessoas que passam por situações difíceis ou crises. Estas têm diferentes ênfases que tem evoluído com o passar do tempo, algumas “perdendo” sua relevância, outras “conservando-a” ou ainda outras, tornando-se mais relevantes; tudo, na intencionalidade de responder as mudanças dos tempos e especialmente as situações de crises decorrentes destas. No caso do aconselhamento, por exemplo, Hoch questiona sua relação como sendo sinônima do termo *poimênica*³¹⁷ e Schneider-Harpprecht, além de descrever as transformações do termo e sua prática, descreve também sua complexidade, salientando que sua compreensão difere de acordo com o contexto, cultural, social, histórico e eclesial.³¹⁸

É impossível fazer um cálculo do número exato das diversas ênfases teóricas que existem sobre aconselhamento na atualidade, mas, Lewis E. Patterson³¹⁹ apresenta uma síntese daquelas que são mais “conhecidas” na área da psicologia, entre as que podem ser mencionadas a terapia centrada na pessoa (Carl Rogers - 1942); a terapia da Gestalt (Frederick Perls – 1951, 1969); o modelo psicanalítico (Sigmund Freud - 1939); o modelo racional-emotivo (Albert Ellis - 1962); o modelo baseado em traços e fatores (Frank Paterson - 1909); e, a ênfase behaviorista, (B. F. Skinner - 1971), por mencionar algumas³²⁰. Mesmo que estas teorias não se abordem neste trabalho (por não constituir o foco do estudo), são mencionadas aqui com o propósito de deixar registrada a complexidade que envolve a temática e do cuidado que exige seu estudo.

Mas, mais que nas ênfases teóricas, o capítulo se centrará nas metodologias e especialmente naquelas que são usadas de forma, até certo ponto, indistintas ao aconselhamento, uma vez que, para várias das entrevistadas o conceito

³¹⁷ HOCH, Lothar Carlos. Algumas considerações teológicas e práticas sobre a pastoral de aconselhamento. **Revista Estudos Teológico**. Vol. 20. No. 2. 1980 p. 87-88. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1348/1298. Acesso em 29 abr. 2019.

³¹⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *As transformações do aconselhamento pastoral até hoje*. **Revista Estudos Teológicos**, v 56, Nº, 2. Jul.- Dez. 2016. p. 307.

³¹⁹ PATTERSON, Lewis E./ EISENBERG Sheldon. **O processo de aconselhamento**. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

³²⁰ Para maiores informações consultar: PATTERSON; EISENBERG, 1995, p. 173-200.

aconselhamento no seu sentido mais literal, não representa uma alternativa as suas problemáticas, sendo que o julgamento básico, remete-as inicialmente à compreensão literal e etimológica do termo, (ato ou efeito de pedir ou dar conselho/s, orientação, encaminhamento)³²¹, fazendo com que para elas este não seja considerado como possível proposta ou alternativa para o atendimento das suas necessidades, ainda que sua práxis supere seu sentido etimológico. Elas buscam outro tipo de ajuda, diferente ao aconselhamento, elas querem ser acompanhadas³²²; pelo menos isso é o que dão a entender as seguintes falas vindas da pesquisa de campo:

Dália. Somos muitas as mulheres que estamos divorciadas. Na nossa comunidade há um bom grupo de mulheres que estão divorciadas e muitas se perguntam e tem-me perguntado, e aí? Quando vamos trabalhar um tema sobre nós as mulheres separadas, divorciadas ou sós?; porque nunca se trabalham esses temas em relação a nós e seria bom nós nos reunirmos e trabalharmos esse tema, [...] muitas dizem: uma gostaria falar, expor e dizer tanta coisa que precisa como mulher divorciada, separada; mas na nossa comunidade isso parece não ter valor. Têm mais valor os casais, [...] mas, mulheres divorciadas e separadas acredito que não tem sido um trabalho que nossa igreja tenha-se sentado para analisar ou acompanhar a estas mulheres que tanto precisam [...] isso é algo que acho que nas nossas comunidades faz falta, um acompanhamento as mulheres solteiras, as divorciadas e as mulheres separadas.³²³

Orquídea. Depois de determinada idade [...] divorciadas ou separadas [...] não temos espaço nas comunidades [...] não há espaços onde se diga, acompanhemo-las, ajudemo-las, façamos algo para elas [...] então ficamos ali [...] como que não cabemos em nenhum lugar [...]³²⁴.

Um mergulho na revisão de alguns dos conceitos relacionados com o aconselhamento, conforme já exposto, permitirá fazer visível e perceber as

³²¹ INFOPÉDIA. Dicionário Porto Editora da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionários/lingua-portuguesa/aconselhamento>. Acesso em 11 jul. 2018.

³²² Aqui não se entrara em detalhes sobre o tema do acompanhamento, pois este será precisamente o assunto a ser abordado no próximo capítulo.

³²³ [...] *somos muchas las mujeres que estamos divorciadas. En nuestra comunidad hay un buen grupo de mujeres que están divorciadas y muchas se preguntan y me han preguntado, oiga y cuándo vamos a trabajar un tema sobre nosotras las mujeres separadas o divorciadas o solas; porque nunca se trabaja este tema respecto a nosotras y sería bueno que nos reunamos y trabajemos ese tema, porque muchas dicen una quisiera hablar y exponer y decir tanta cosas que necesita como mujer divorciada, separada, pero en nuestra comunidad como que eso no tiene ningún valor. Tienen más valor las parejas, [...] pero mujeres divorciadas y separadas creo que no ha sido un trabajo que nuestra iglesia se haya sentado a analizar o a acompañar a estas mujeres que tanto lo necesitan [...], eso es una parte que creo que en nuestras comunidades hace falta, un acompañamiento a las mujeres solteras. a las mujeres divorciadas y a las mujeres separadas.*

³²⁴ **Orquídea.** Después de determinada edad [...] divorciadas [...] no tenemos espacio en las comunidades [...] no hay espacios donde se diga, acompañémoslas, ayudémoslas, hagamos algo para ellas [...] entonces nos dejan allí [...] como que no cabemos en ningún lugar [...].

especificidades e reconhecer as diferenças em relação às necessidades particulares de *ajuda/atenção* requeridas por estas mulheres.

Inicialmente, pode ser mencionado que, entre a grande variedade de possibilidades existentes, para a atenção/ajuda em situações difíceis ou de crises, as mais comuns nos dias de hoje são: a conversação pastoral, o aconselhamento, o Cuidado Pastoral, o aconselhamento cristão, o aconselhamento pastoral, aconselhamento psicológico, aconselhamento espiritual e a psicoterapia; e outros menos mencionados atualmente como a cura d'almas. Há também, algumas metodologias e conceitos, usadas para atender situações de caráter mais comunitário, como são: a diaconia e a poimênica. Todas estas propostas metodológicas e conceituais, em muitos dos trabalhos, pesquisas e documentos consultados, de certo modo, são utilizadas ou apresentadas como sinônimas umas das outras; daí a importância de tentar esclarecer algumas das particularidades de cada termo/metodologia, para, desta forma, entender melhor sua função e pertinência na abordagem das diversas problemáticas experimentadas por este grupo particular e, por conseguinte, saber até que ponto e de que forma estas influem no desempenho das suas funções ministeriais e na vivência de relacionamentos saudáveis.

Porém, definir o que significam estes termos não é tarefa fácil, já que alguns dos textos encontrados contribuem na dificuldade deste propósito, ao apresentar, por exemplo, o termo/conceito aconselhamento como central/chave, mas, na realidade, o tema em discussão ou reflexão termina sendo outro, como por exemplo, poimênica ou o cuidado³²⁵. Sendo assim, a proposta aqui, num primeiro momento, é fazer uma revisão que inclua algumas questões etimológicas e conceituais que apótem esclarecimentos neste sentido.

³²⁵ Um dos primeiros textos encontrados que me chamou fortemente a atenção neste sentido foi o de HOCH, (12 páginas) titulado "Algumas considerações teológicas e práticas sobre a pastoral de aconselhamento", o qual segundo seu título, propõe trabalhar questões práticas e teologias sobre a pastoral de aconselhamento, mas onde o termo predominante é poimênica (52 vezes) e não precisamente aconselhamento (só 6 vezes). HOCH, 1980, p. 88-99. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1348. Acesso em: 29 abr. 2019. Se bem o texto é um pouco "antigo", se considera que é um referente, vindo de um dos pesquisadores brasileiros que mais tem se interessado nesta temática. Existem outros textos que apresentam esta mesma dificuldade como por exemplo o de FABER e SCHOOT em relação a conversa pastoral, o aconselhamento e a psicoterapia. FABER; SCHOOT, 1985, p. 179-188. Outro texto é o de SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011. p. 256-279, que também aponta para esta situação.

3.1.1 Conceituando o aconselhamento

Na procura pela origem e/ou definição do termo aconselhamento, encontrou-se que, em primeira instância, se devia abordar o termo “aconselhar”³²⁶; e, nos dicionários consultados as definições apontaram para o fato de que esta palavra constitui um verbo que pode apresentar vários significados ou ser interpretado de várias formas. Entre os principais significados, encontram-se: dar conselhos, orientar, recomendar, sugerir, pedir direcionamentos, tentar persuadir e convencer uma pessoa a fazer algo, entre outros. Uma das definições gramaticais encontradas foi:

Classe gramatical: verbo bitransitivo, verbo intransitivo, verbo pronominal e verbo transitivo direto. **Verbo de regência múltipla.** Dar conselhos; pedir direcionamentos; recomendar, sugerir, orientar-se: Ex. mãe aconselha os filhos; aconselhar alunos da escola; aconselhou-se com o padre. **Verbo bitransitivo.** Tentar persuadir, convencer uma pessoa a fazer algo; recomendar. Ex. Aconselhou o funcionário a mudar de profissão. **Verbo pronominal.** Estar com alguém para debater pontos de vista. Ex. aconselhou-se sobre novas tecnologias³²⁷.

Cabe aqui mencionar que a definição da palavra ***aconselhar*** nos dicionários consultados, em termos gerais, tem as mesmas conotações, como poderá ser percebido mais adiante. O termo também foi procurado em vários dicionários teológicos e bíblicos e só foi encontrado na pequena enciclopédia bíblica, onde é definido como: dar parecer, opinião sobre o que convém fazer³²⁸. Já em relação aos estudiosos e às estudiosas do tema, esta palavra não se encontrou isolada, mas sempre relacionada à outras ações, como poderá ser percebido no decorrer desta análise.

Sendo assim, antes de passar a considerar o que os estudiosos e as estudiosas na área da Teologia Prática entendem sobre o termo aconselhamento, se destaca que, assim como o termo aconselhar, a palavra aconselhamento também tem várias conotações e modos de interpretação, e que, segundo os dicionários consultados, este constitui ou sugere uma ação que pode ser realizada em diversas

³²⁶ Dicionário online de português. Disponível em <https://www.dicio.com.br/aconselhar/>. Acesso em: 8 set. 2018. Dicionário infopédia. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/aconselhar>. Acesso em: 21 mar. 2019. Dicionário Michaelis. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=xRvL>. Acesso em: 21 setembro de 2020.

³²⁷ Dicionário online de português. Disponível em <https://www.dicio.com.br/aconselhar/>. Acesso em: 8 set. 2018. Esta opção foi escolhida por apresentar de forma mais completa a definição do termo.

³²⁸ BOYER, Orlando. **Pequena enciclopédia bíblica**. Ed. revista e atualizada. São Paulo: Vida Acadêmica, 2006.

áreas. Como será observado nas definições apresentadas a seguir, o termo *aconselhamento* é definido de forma muito similar nos três dicionários da língua portuguesa consultados, porém, ele apresenta também outras possibilidades.

- Ato de aconselhar.³²⁹

- Ato ou efeito de **pedir ou dar conselho(s)**, orientação, consulta, encaminhamento; indicação da necessidade ou conveniência de, consulta, recomendação; auxílio ou orientação prestada por um profissional a uma pessoa nas decisões que deve tomar em relação à escolha de profissão, curso, etc. **Em Psicologia**: forma de assistência cujo objetivo é prevenir ou resolver problemas psicológicos.³³⁰

- Ato ou efeito de aconselhar (-se); ação, processo ou efeito de dar ou receber conselho e orientação. **Em Educação**: Serviço que consiste em ajudar pessoas, especialmente estudantes adolescentes, a decidirem sobre a escolha da profissão. **Em Psicologia**: acompanhamento psicológico destinado a ajudar pacientes a se ajustar ou lidar com problemas pessoais.³³¹

Faber e Schoot, no seu livro “A prática da conversação pastoral”, apresentam a palavra *aconselhamento* como derivada do latim “*concilium*” que significa “conselho”, assim como a discussão conjunta de um problema e seu resultado. Eles afirmam que:

Originalmente, “aconselhamento” significa uma conversação de duas pessoas sobre um problema, pressupondo-se que uma das pessoas perdeu o controle sobre ele, está inseguro e em dúvida quanto ao caminho a seguir, etc. Do outro espera maior sabedoria, melhor compreensão, orientação e conselho.³³²

A partir destas descrições, o *aconselhamento* pode ser de vários tipos; tudo depende de diversos aspectos, como, por exemplo, o tipo de problema, a quem vai dirigido e a instância a qual está servindo o *aconselhador*. Neste caso, afirmam os autores, que há uma grande diferença entre o *aconselhamento* usado na área do trabalho social, como utilizado inicialmente, e o utilizado na área da psicoterapia proposto posteriormente por Rogers.³³³

³²⁹ Dicionário online de português. Disponível em <https://www.dicio.com.br/aconselhaamento/>. Acesso em: 17 abril de 2020.

³³⁰ Dicionário infopédia. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/aconselhamento>. Acesso em: 17 abril de 2020.

³³¹ Dicionário Michaelis. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=&t=&palavra=aconselhamento>. Acesso em: 17 abr. 2020. Aqui, é importante perceber que, na área da psicologia, o *aconselhamento* é definido também como “*um tipo de acompanhamento*”. Esta situação ocorre não só com o termo *acompanhamento*, mas também com outras terminologias como poderá ser percebido no decorrer das reflexões.

³³² FABER; SCHOOT, 1985, p. 179.

³³³ Cabe aclarar aqui que FABER; SCHOOT apresentam a metodologia que marcou época nos anos 1980-1990 na América do Norte e que nos Países Baixos adquiriu mais força nesses anos.

Se destaca que assim como entre as definições se encontram alusões da ação de aconselhar relacionadas com campos como por exemplo a psicologia, a educação, a área religiosa e espiritual, isto ocorre também em outras áreas ou disciplinas³³⁴. Por enquanto, neste capítulo, o foco estará orientado, principalmente, a tentar entender as principais diferenças existentes entre o aconselhamento pastoral e as outras modalidades de ajuda com as quais ele é equiparado.

A importância de fazer esta observação, diz respeito a entender a função e a multiplicidade de opções e campos de ação que ele tem, o que por sua vez, constitui a base fundamental para compreender a proposta sobre a qual este trabalho tenta pesquisar e refletir.

Partindo deste pressuposto, se apresentam as definições que alguns dos estudiosos e estudiosas lhe atribuem, levando em consideração, como mencionado anteriormente, que este pode ser de vários tipos e depender de diversos aspectos. Por fim, Faber e Schoot também destacam a diferença entre a psicoterapia e o aconselhamento pastoral quando mencionam que:

Naturalmente, cada profissão terá sua própria situação de conversação que será diferente da que ocorre na psicoterapia, uma vez que fatores bem diferentes e em maior número determinam essa situação. Isto, então nos leva a pensar no aconselhamento pastoral [...]. Não há dúvidas de que haverá uma clara diferença entre aconselhamento na prática da psicoterapia e o aconselhamento pastoral.³³⁵

3.1.2 O aconselhamento na perspectiva pastoral

Neste segmento se apresentarão de forma sucinta, algumas das principais posturas de vários estudiosos sobre a temática do aconselhamento pastoral, no intuito de encontrar os elementos que ajudem a compreender melhor este assunto e, no final, será apresentado um quadro que permitirá perceber um panorama comparativo destas diversas posturas.

Para a Associação Brasileira de Conselheiros Bíblicos (ABCB), a palavra aconselhamento tem sua origem em duas palavras da língua grega, *mente* (νοῦς) e *colocar* (θετέω), que traduzido literal e objetivamente para a língua portuguesa, a

³³⁴ Estas outras opções remetem a áreas como o aconselhamento contábil, tributário e jurídico, entre outros tantos, mas que não serão abordados aqui por não ser esse o foco de interesse deste trabalho.

³³⁵ FABER; SCHOOT, 1985, p. 179-187.

definição poderia ser entendida como “colocar na mente”.³³⁶ Seguindo a sugestão de Faber e Schoot, este termo deriva do latim “*consilium*” que significa “conselho”, ou também pode significar, a discussão conjunta de um problema.³³⁷

O professor Hoch, estudioso brasileiro sobre a temática do aconselhamento, fala da forte tendência de empregar o termo poimênica como sendo uma terminologia que enfatizava o caráter de “aconselhamento”; mas, adverte que este termo (poimênica) também apresenta impropriedades, pois ele sugere que esta tem a função de “dar conselhos”³³⁸. Mesmo assim, ele continua a afirmar que: “Tratando-se das atividades relativas à poimênica, fala-se muito em aconselhamento pastoral; o pastor é reconhecido como *conselheiro* ou *aconselhante* e os membros como *aconselhados*, *pastorandos* ou mesmo *clientes*”.³³⁹

Hoch também entende o aconselhamento pastoral como uma ação que, partindo da fé cristã, tem como propósito solidarizar-se com pessoas em situação de sofrimento e crise e, através do diálogo, do estabelecimento duma relação de ajuda e, com a ajuda de recursos terapêuticos, propiciar a descoberta das causas estruturais espirituais, psico-emotivas, de inter-relacionamento pessoal e físicas, decorrentes de situações cruciais que geram sofrimento nas pessoas e na comunidade, ao longo da vida, como por exemplo: morte, pobreza, doença, entre outros.³⁴⁰

Sendo assim, Hoch também afirma que o aconselhamento é uma “arte” e como “arte”

Consiste em oportunizar relações significativas com as pessoas atendidas de modo que elas, experimentando uma nova forma da relação interpessoal, sejam capazes de adquirir consciência dos modelos opressivos de interação a que estavam submetidas e, aos poucos, ensaiar novos modelos de relacionamento.³⁴¹

³³⁶ FABER; SCHOOT, 1985, p. 179; HELKER, Rone Max; SILVA, Edméa Correa. **Aconselhamento: um contraste entre o Aconselhamento Pastoral e a Literatura de Autoajuda.** Faculdade de Pindamonhangaba, Pindamonhangaba, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.funvicpinda.org.br:8080/jspui/bitstream/123456789/477/1/SilvaHelker.pdf>. Acesso em 21 de abril 2020. p. 12-13.

³³⁷ FABER; SCHOOT, 1985, p. 179.

³³⁸ HOCH, Carlos. 1980 p. 88-99.

³³⁹ HOCH, 1980.

³⁴⁰ HOCH, Lothar Carlos. Aconselhamento Pastoral e Libertação. **Revista estudos Teológicos. V 29 No. 1, 1989. p. 17-40. Disponível em:** http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1054. Acesso em 3 outubro de 2019. Versão retrabalhada duma palestra proferida pelo autor no "Seminário Internacional sobre Poimênica e Teologia Pastoral", realizado em Düsseldorf/Kaiserswerth, RFA, entre 20 e 24 jun. 1988, sob o título "Seelsorge und Befreiung. Problemanzeige aus lateinam erikanischer Sicht".

³⁴¹ HOCH, 2003, p. 96.

Para Schneider-Harpprecht, pastor e teólogo alemão, a expressão aconselhamento pastoral pode ser considerada como problemática, pois, em primeira instância, sugere ou dá a entender a atividade como própria ou exclusiva do pastor ordenado ou pastora ordenada e isto, por sua vez, implicaria uma relação de poder da pessoa ordenada, sobre a pessoa aconselhada, como acontece com os outros termos já mencionados como cliente, paciente ou aconselhando.³⁴² Desde sua perspectiva “Não existe uma definição geral aceita”³⁴³. Porém, ele opta por definir o aconselhamento pastoral como uma *prática multidimensional*³⁴⁴ ou, como *dimensão da poimênica* que procura ajudar através da conversação e outras formas de comunicação metodologicamente refletidas³⁴⁵ ou ainda, uma forma de “comunicação do evangelho bíblico”, ao lado da pregação, dos sacramentos e da diaconia. Esclarece que aconselhamento pastoral é uma tradução da expressão em inglês “*pastoral counseling*”, usada especialmente no *contexto norte americano* e que entre outros termos utilizados para se referir a ele também estão, por exemplo: Poimênica (a ciência do agir do pastor), Clínica Pastoral (acompanhamento pastoral na área da saúde) e Psicologia Pastoral (a interpretação da pastoral desde a perspectiva psicológica).³⁴⁶

No *contexto alemão*, diz Schneider-Harpprecht, as propostas abarcam um leque de opções que oscilam desde: psicoterapia no contexto da igreja (Dietrich Stollberg); ajuda cristã para a condução da vida (Christoph Schneider-Harpprecht); orientação da palavra de Deus para o indivíduo ou disciplina eclesial (Eduard Thurneysen)³⁴⁷. Estas opções destacam a multidimensionalidade (sociológica, psicológica, teológica) predominantes nos contextos individualista europeus e alemães. Na Alemanha aconselhamento pastoral está definido pela lei de proteção do sigilo pastoral, que o define como “relação com o indivíduo motivado pela fé cristã e realizado na consciência da presença de Deus”.³⁴⁸

No entanto, reconhece que, *no Sul do planeta*, assim como também na *América Latina*, prevalecem as dimensões mais comunitárias e coletivas.³⁴⁹ Este se

³⁴² SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 256.

³⁴³ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 307.

³⁴⁴ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 307.

³⁴⁵ SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZWETSCH, 2011, p. 256.

³⁴⁶ SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZWETSCH, 2011, p. 256.

³⁴⁷ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 307.

³⁴⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 308.

³⁴⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 307.

aplica a quem buscar aconselhamento, assistência e conforto em questões de fé e vida, independentemente da religião ou da afiliação religiosa. Entre os principais modelos que o autor destaca se encontram: o cristológico, o da encarnação, o carismático, o espiritual e o trinitário³⁵⁰.

Um dos livros mais conhecidos de Clinebell, “Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento”, descreve o aconselhamento pastoral como uma dimensão ou forma da poimênica³⁵¹, é a utilização de uma extensa variedade de métodos de cura (também conhecidos como métodos terapêuticos), para auxiliar as pessoas a lidar com seus problemas e crises, permitindo, assim, seu crescimento e a experiência da cura de seu/s quebrantamento/s; afirmando que este cumpre uma função reparadora necessária quando o crescimento pessoal se vê seriamente comprometido ou bloqueado pelas crises.³⁵² Outro objetivo é proporcionar cura às pessoas que sofrem de disfunção e quebrantamento induzidos por uma crise.³⁵³

A partir de Collins, pode-se afirmar que aconselhamento pastoral e aconselhamento cristão são entendidos como sinônimos³⁵⁴. Mesmo assim, ele define o aconselhamento pastoral como uma ordenança bíblica,³⁵⁵ uma das áreas mais especializadas do Cuidado Pastoral, que ajuda as pessoas de forma individual ou grupal, a lidarem com as situações difíceis da vida, de forma coerente com os ensinamentos bíblicos. É um ministério exercido por um pastor ordenado ou pastora ordenada, mas, também pode ser exercido por cristãos zelosos e cristãs zelosas, sensíveis, sejam ordenados e ordenadas, ou não, ao pastorado.³⁵⁶ Alguns dos principais objetivos do aconselhamento propostos por Collins contemplam: a. O autoconhecimento; b. Comunicação; c. Aprendizado e mudança de comportamento; d. Autorrealização; e. Apoio; f. Integridade espiritual. Estes auxiliam o objetivo principal, que é o crescimento espiritual.³⁵⁷

³⁵⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2016, p. 312-329. Aqui o autor descreve de forma breve as principais categorias teológicas relevantes para as concepções de cada um destes modelos.

³⁵¹ CLINEBELL, 2007, p. 25.

³⁵² CLINEBELL, 2007, p. 25.

³⁵³ CLINEBELL, 2007, p. 43.

³⁵⁴ COLLINS, 2004, p. 17.

³⁵⁵ COLLINS, 2004, p. 16.

³⁵⁶ COLLINS, 2004, p. 17.

³⁵⁷ COLLINS, 2004, p. 45 – 46.

Além destes objetivos ele descreve como principais características o calor humano, a sinceridade, a empatia.³⁵⁸ Collins descreve cinco das principais etapas do processo, sendo estas: A conexão, exploração, planejamento, desenvolvimento e encerramento. Um detalhe importante que o autor destaca é que no processo do aconselhamento estes objetivos e etapas não são fáceis de alcançar ou não se apresentam de forma sequencial, já que o processo de aconselhamento não é um processo lineal. A respeito disso ele aponta:

Tudo isso parece muito simples e fácil no papel, mas o processo de aconselhamento pode ser muito complicado e desgastante. [...] A medida que o processo avança, os problemas se tornam mais claros, soluções são experimentadas e o aconselhamento se encaminha para o fim, mas o processo não é linear e é comum ocorrerem avanços e retrocessos entre as várias fases.³⁵⁹

A proposta de Schipani³⁶⁰, um dos grandes estudiosos do tema na América Latina, de fala espanhola, descreve que o aconselhamento pastoral trata de uma forma especial de ministério cristão focado na sabedoria espiritual mais do que na saúde mental, como habitualmente se entende. Também é visto, de forma geral, como uma dimensão ou forma especializada do Cuidado Pastoral para uma pessoa, família ou pequeno grupo. Este cuidado se estende por um determinado período de tempo, por meio de um acordo ou contrato, e tem um objetivo relativamente definido.³⁶¹

Para Schipani, “expressado de forma simples, o propósito geral do conselho pastoral, é ajudar as pessoas, casais, famílias e outros/as, a que possam viver mais sabiamente à luz de Deus.”³⁶² (tradução nossa). Em outras palavras, Schipani apresenta o aconselhamento pastoral como um ministério da igreja e, para isso, descreve sua proposta usando como exemplo um caso particular, com o qual tenta descrever o novo perfil do paradigma cujo enfoque, defende, é a sabedoria à luz de Deus.³⁶³ O autor salienta que a labor de aconselhamento só será pastoral na medida

³⁵⁸ COLLINS, 2004, p. 47.

³⁵⁹ COLLINS, 2004, p. 52- 53.

³⁶⁰ Pastor Menonita, terapeuta, docente e autor de mais de 15 livros nesta área.

³⁶¹ SCHIPANI, 2003, p. 15

³⁶² SCHIPANI, Daniel. El Consejo Pastoral como práctica de sabiduría. In: SCHIPANI, Daniel. **Nuevos caminos en psicología pastoral: ensayos en homenaje a Jorge A. León**. Guatemala: SEMILLA, 2011. p. 59. “Expreso de forma simple, el propósito general del consejo pastoral, es ayudar a las personas, parejas, familias y otros, a que puedan vivir más sabiamente a la luz de Dios.

³⁶³ SCHIPANI, 2011, p. 60-77. Aquí o autor além de descrever sua proposta e também explica de forma sistemática as dimensiones de este novo modelo.

em que conscientemente nele se trabalhem marcos de referência teológico-pastorais.³⁶⁴

Uma questão fundamental, para Schipani, entendida desde a perspectiva de Fowler, é que o aconselhamento pastoral honre o chamado de sabedoria e graça divinas como representante da igreja como comunidade de cuidado e, claro, de Jesus Cristo como aquele que sara, independentemente da fé e da espiritualidade de quem recebe o aconselhamento.³⁶⁵ Sendo assim Schipani define o aconselhamento pastoral como um ofício, uma *forma especial* do ministério do Cuidado Pastoral da igreja, onde se promove de forma especial o emergir humano através de uma forma diferente de caminhar com as pessoas (como companheiros), enquanto enfrentam desafios e dificuldades e cujo objetivo principal é que elas vivam sabiamente à luz de Deus.³⁶⁶ Esta proposta será ampliada no capítulo seguinte, devido precisamente ao novo enfoque que o autor propõe, cujas características não seriam propriamente as de um aconselhamento, mas sim, as de um acompanhamento.

Resumidamente, a proposta de Schipani apresenta seis diretrizes, características de um aconselhamento que atua dentro do contexto de sabedoria à luz de Deus. Neste caso ele deve ser:

a) visto, praticado e ensinado de forma pastoral; b) contextualizado eclesiologicamente; c) centrado em Jesus Cristo como sabedoria de Deus; d) ancorado nas Escrituras; e) visto, praticado e ensinado como forma singular do processo recriador guiado pelo Espírito; e f) orientado para o reino de Deus.³⁶⁷

Helker e Silva definem o aconselhamento pastoral como aquele que traz um enfoque especial nas dificuldades e conflitos vivenciados pelas pessoas, porém, sob o ponto de vista religioso e espiritual, onde os conselheiros e as conselheiras apresentam uma formação específica em aconselhamento pastoral.³⁶⁸

No entendimento de Faber e Schoot o aconselhamento pastoral é um Método de conversação de condução à fé.³⁶⁹ Esta conversação além de contar com o elemento da continuidade, característica do processo psicológico, conta também com

³⁶⁴ SCHIPANI, 2011, p. 60. Ver também, SCHIPANI, 2004, p. 71-96 (Cap. 3) onde o autor descreve de forma sistemática a teologia pastoral do ministério do aconselhamento pastoral.

³⁶⁵ SCHIPANI, 2011, p. 60-72.

³⁶⁶ SCHIPANI, 2003, p. 97.

³⁶⁷ SCHIPANI, 2003, p. 74-91.

³⁶⁸ HELKER; SILVA, 2016, p. 15.

³⁶⁹ FABER; SCHOOT, 1985, p. 187.

a dimensão vertical, que permite que, na fé, o ser humano reconheça a descontinuidade existente nas categorias psíquicas. Esta dimensão vertical não está presente na prática da psicoterapia.³⁷⁰ Alguns dos objetivos desta prática são: reconhecer a situação espiritual³⁷¹, fazer com que as pessoas se tornem discípulas de Jesus e vivam como filhos de Deus, assim como, ajudar a sarar decepções do passado, e, algumas das suas metodologias incluem o conselho, a discussão conjunta de um problema e seu resultado. Resumindo, desde a perspectiva destes autores, poder-se-ia dizer que o aconselhamento pastoral consiste em: ajudar as pessoas a viverem na luz divina.

O Dicionário enciclopédico das religiões define o conceito como:

Processo de atendimento e orientação das pessoas à luz dos princípios espirituais de uma determinada religião. Está geralmente confiado à responsabilidade do dirigente da comunidade. É um serviço de caráter educativo no plano da fé e da moral. Permite a livre e leal expressão dos anseios, das dúvidas e perplexidades com vistas a uma possível solução. Auxilia nas decisões a tomar no plano existencial. Presta assistência aos ajustamentos da conduta humana segundo as exigências das doutrinas, dos preceitos e das normas religiosas.³⁷²

Para finalizar este segmento, menciona-se a proposta de Zaracho, que apresenta sete categorias de aconselhamento, cada uma orientada para alcançar um objetivo particular ou atender problemas específicos. Eles são: **a. De apoio**, (em tempo de necessidade ou crise); **b. De confrontação**, (afrota o pecado e determina a situação difícil); **c. Educativo**, (proporciona informações e ensina como encontrar informação por conta própria para futuras dificuldades); **d. Preventivo** (detecta os problemas no seu início, para evitar complicações maiores); **e. Espiritual** (esclarece problemas teológicos, ajuda a encontrar sentido e propósito na vida e ensina a crescer espiritualmente); **f. De grupo**. (Ajuda na solução de problemas familiares, ou comuns a um grupo determinado. Ex. grupos de AA, solteiros ou casais); **g. Informal**. (Aquele que seguindo o exemplo de Jesus é realizado de forma espontânea no momento e lugar que se requer. Ex. Hospital, reunião, caminhando ou num parque).³⁷³

³⁷⁰ FABER; SCHOOT, 1985, p. 187.

³⁷¹ FABER; SCHOOT, 1985, p. 188.

³⁷² SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. **Dicionário enciclopédico das religiões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 52.

³⁷³ ZARACHO, 2007, p. 92-93.

3.1.3 Aconselhamento na perspectiva cristã

Collins, mesmo considerando o aconselhamento cristão como sinônimo do aconselhamento pastoral, aponta que, ainda existe controvérsia sobre a existência de um aconselhamento exclusivamente cristão, devido ao fato de os conselheiros cristãos e as conselheiras cristãs se valerem de muitas técnicas desenvolvidas e aplicadas por pessoas não cristãs. Afirma que existem pelo menos quatro elementos que caracterizam o aconselhamento como sendo de caráter cristão. **O primeiro**, faz menção das hipóteses e os pontos de vista singulares que cada conselheiro ou conselheira traz para as situações de aconselhamento, e que terminam influenciando os métodos utilizados. Por exemplo, as crenças acerca dos atributos de Deus em relação à natureza humana, a realidade do pecado, a autoridade da Bíblia, a esperança do futuro e o perdão de Deus.³⁷⁴ **O segundo**, diz respeito as pessoas leigas profissionais, cujos objetivos singulares apontam para a mudança de atitudes, valores e/ou percepções e comportamentos. Entre eles estão, promover o senso de responsabilidade, mobilização dos recursos internos e externos em momentos de crise, e encorajar a tomada de decisões; promover o crescimento espiritual, a adoção de padrões, valores e atitudes de vida cristã, fundamentadas nos ensinamentos da Bíblia.³⁷⁵ **O terceiro**, é a similaridade na metodologia, cujas regras e técnicas têm pelo menos quatro características (permitir-lhes reconhecer seu valor como indivíduos, confiar na possibilidade de ajuda, a ampliar as competências para a vida social e a corrigir concepções equivocadas a respeito do mundo).³⁷⁶ Finalmente, **o quarto** elemento menciona as características singulares do conselheiro e da conselheira (conhece a natureza dos problemas, do que a Bíblia ensina sobre eles e, além, tem familiaridade com as técnicas de aconselhamento.)³⁷⁷

Helker e Silva concebem o aconselhamento cristão como sendo sinônimo do aconselhamento pastoral, e apoiam a ideia que afirma que, o aconselhamento cristão não deveria ser considerado como uma especialidade separada do aspecto pastoral e da comunhão cristã na igreja, mas que devia ser visto como a habilidade relacional de ajuda mútua para o conhecimento de Deus e do ser humano³⁷⁸. Noutras palavras,

³⁷⁴ COLLINS, 2004, p. 18.

³⁷⁵ COLLINS, 2004, p. 18.

³⁷⁶ COLLINS, 2004, p. 18-19.

³⁷⁷ COLLINS, 2004, p. 19.

³⁷⁸ HELKER; SILVA, 2016, p. 13.

esta proposta de modelo de aconselhamento cristão, não consiste na proposta de uma “escola”, mas sim, na aplicação do evangelho ao aconselhamento, porém, de uma forma ampla. Segundo o entendimento destes autores, este modelo de aconselhamento cristão age com a pregação bíblica conduzindo os e as ouvintes pela mão, da maneira como a Escritura ensina.³⁷⁹

Sathler-rosa considera que o aconselhamento cristão imerge na concretude das aspirações humanas e nos dramas individuais e sociais, pois faz parte da atenção à existência humana, suas contradições, suas certezas e incertezas, suas limitações e potencialidades. Todas estas situações indicam o amplo espectro do exercício do Cuidado Pastoral.³⁸⁰

3.1.4 Aconselhamento na perspectiva psicológica

Longe de tentar esgotar os diversos posicionamentos, mas sim, de enfatizar alguns dos conceitos disponíveis na área, o propósito aqui é possibilitar a revisão dos distanciamentos e das aproximações entre psicoterapia e aconselhamento psicológico, com vistas a uma melhor compreensão destas atividades.

Sendo assim, no entendimento de Fabio Scorsolini-Comin, o aconselhamento psicológico é uma das disciplinas consideradas básicas na formação do profissional em psicologia³⁸¹ e que pode ser definida de várias formas, mas, que de forma geral, nas suas palavras: “Genericamente, trata-se de uma experiência que visa a ajudar as pessoas a planejar, tomar decisões, lidar com a rotina de pressões e crescer, com a finalidade de adquirir uma autoconfiança positiva”³⁸².

No entender de Oswaldo Santos de Barros, que defende fortemente à abordagem centrada na pessoa, a tarefa de aconselhar é o “processo de *indicar* caminhos, direções e de procedimentos ou de criar condições para que a pessoa faça, ela própria, o julgamento das alternativas e formule suas opções.”³⁸³ Este autor,

³⁷⁹ HELKER; SILVA, 2016, p. 14.

³⁸⁰ SATHLER-ROSA. Temporalidade e esperança no exercício do cuidado e aconselhamento pastoral. *In: Estudos Teológicos*. V 50, Nº 2 jul. / dezembro. 2010, p. 250.

³⁸¹ SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Aconselhamento psicológico e psicoterapia: aproximações e distanciamentos. *Contextos Clínicos*, Vol. 7, Nº 1, janeiro-junho 2014, p. 4.

³⁸² SCORSOLINI-COMIN, 2014, p. 4.

³⁸³ SANTOS, Oswaldo de Barros. *Aconselhamento psicológico e psicoterapia: auto-afirmação - um determinante básico*. São Paulo: Pioneira, 1982. 149, p. 6.

evocando os aportes de Carl Rogers, aponta que uma forma de entender o aconselhamento é como:

Um método de assistência psicológica destinado a restaurar no indivíduo suas condições de crescimento e de atualização, habilitando-o a perceber, sem distorções, a realidade que o cerca e a agir, nessa realidade, de forma a alcançar ampla satisfação pessoal e social.³⁸⁴

Segundo Helker e Silva, o aconselhamento psicológico tem suas particularidades fundamentadas nas dificuldades de ordem psíquica e psicossocial dos indivíduos, e seus profissionais apresentam uma formação psicoterapêutica específica³⁸⁵; no entanto, para Ruth Scheffer quem apoia a posição de Patterson (1966), o aconselhamento psicológico é um trabalho realizado com clientes que apresentam perturbações menores, ou problemas específicos que não comprometem a estrutura da personalidade.³⁸⁶ Do mesmo modo ela menciona que, desde que o aconselhamento veio a ser considerado como um novo campo de especialização da psicologia, também se iniciaram as buscas por estabelecer a diferença entre este e o trabalho de psicoterapia³⁸⁷.

Esny Cerene Soares, na sua pesquisa de mestrado, inclui a análise sobre a diferenciação entre aconselhamento psicológico e psicoterapia, definindo o primeiro como aquele que explora as aptidões e potencialidades que a pessoa possui de organização e avanço rumo a solução dos seus problemas e questões.³⁸⁸ A ênfase desta ajuda está na possibilidade de crescimento psicológico que a pessoa tem, ponderando como base seu próprio potencial, mas para isto, deve contar com o apoio da conselheira e do conselheiro.³⁸⁹ O grau de ansiedade é outro elemento que faz diferença entre estas duas práticas, sendo que uma pessoa que requer de aconselhamento, apresenta um grau de ansiedade considerada como normal ou tolerável. Noutras palavras, aconselhamento nesta perspectiva...

É uma ajuda situacional, um apoio num momento, num lapso de instabilidade e desajuste específico em que o indivíduo esteja envolvido em decorrência

³⁸⁴ SANTOS, 1982, p. 7.

³⁸⁵ HELKER; SILVA, 2016, p. 15.

³⁸⁶ SCHEEFFER, Ruth. **Teorias de aconselhamento**. São Paulo; Atlas, 1986, p. 14.

³⁸⁷ SCHEEFFER, 1986, p. 15. Estas diferenças serão apresentadas de forma resumida num esquema um pouco mais adiante.

³⁸⁸ SOARES, Esny Cerene. **Aconselhamento pastoral: história e perspectivas contemporâneas**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1999, p. 26.

³⁸⁹ SOARES, 1999, p. 26.

de um problema específico, uma situação peculiar, uma circunstância nova que cause desconforto ou impedindo seu completo desenvolvimento.³⁹⁰

Existem muitas outras definições, mas, considerasse que este breve panorama permite, de certa forma, perceber a complexidade do assunto, em relação a prática do aconselhamento. Dito isto, serão apresentadas algumas das principais atividades que geralmente são assemelhadas ou apresentadas como sinônimas deste termo, vistas desde a ótica de alguns dos principais pesquisadores/as sobre o tema, com o intuito de apresentar um panorama sucinto, que permita conhecer algumas das principais diferenças e funções.

3.1.5 Aconselhamento e Psicoterapia

Depois de revisar vários documentos (alguns dos quais serão apresentados aqui), a Psicoterapia é um dos conceitos mais associados ao labor do aconselhamento e um dos quais apresenta maior dificuldade na hora de estabelecer e/ou reconhecer suas particularidades. Daí que, neste segmento, além de apresentar as posições de vários estudiosos sobre este tema, também será elaborada uma tabela, que mostra um resumo destas diversas percepções, com a intencionalidade de possibilitar uma melhor compreensão sobre o assunto.

Clinebell define psicoterapia pastoral como um processo assistencial de longo prazo, que faz uso de métodos curativos (terapêuticos) reconstrutivos, para abordar problemas profundos que afetam o ser humano, por experiências de não satisfação de necessidades básicas na infância ou por múltiplas crises na vida adulta.³⁹¹ A singularidade desta prática consiste no seu enfoque nas mudanças espirituais, nos valores, nos sentidos e nos compromissos finais, como elementos centrais de uma verdadeira transformação.³⁹² Alguns termos como “aconselhamento pastoral de profundidade”, “aconselhamento para o *insight*” e “psicoterapia pastoral”, são considerados sinônimos e seu objetivo principal é aumentar o crescimento, a auto compreensão e a mudança intrapsíquica³⁹³.

³⁹⁰ SOARES, 1999, p. 27-28.

³⁹¹ CLINEBELL, 2007, p. 25. Ampliação deste tema em CLINEBELL, 2007, p. 363-382.

³⁹² CLINEBELL, 2007, p. 363.

³⁹³ CLINEBELL, 2007, p. 363.

O termo psicoterapia tem profundas raízes bíblicas, sendo reconhecida, no Antigo Testamento, como “*psyche*” que por vezes é traduzida como “*alma*”. Esta, na verdade, significa “a pessoa viva como uma realidade e unidade global e não somente como algo simplesmente espiritual, diferente dos aspectos mentais e físicos.”³⁹⁴ O termo terapia, vem do grego “*therapeuo*” que, também no Novo Testamento, recebe o significado de “servir y sarar”. Portanto: “a palavra psicoterapia pastoral, é considerada uma forma de resgate da herança bíblica de cura e transformação profunda usando as intuições e as metodologias das psicoterapias contemporâneas.”³⁹⁵ São mencionadas por Clinebell cinco metodologias ou correntes como sendo as mais criativas e eficientes. Elas são: 1. *As orientadas para o Insight*, que buscam câmbios intrapsíquicos que permitam às pessoas se tornarem mais “plenamente funcionantes”³⁹⁶; 2. *As de comportamento, ação e crise*, propõem que as questões dolorosas como motivadoras da busca por ajuda, são as questões reais a serem trabalhadas, e não somente como assuntos superficiais que escondem problemas mais profundos³⁹⁷; 3. *As de Potencial Humano*, que incluem terapias não-analíticas, objetivando ajudar as pessoas a realizar suas potencialidades plenas³⁹⁸; 4. *As relacionais, sistêmicas e radicais*, de modo geral, são predominantemente grupais, destinadas a liberar sistemas sociais para que seus membros possam ser livres para viverem mais construtivamente³⁹⁹; e; 5. *As de crescimento espiritual*, que incluem variedade de terapias que promovem a cura e a integralidade espiritual, como elementos chaves de todo crescimento e cura.⁴⁰⁰

A perspectiva que Faber e Schoot apresentam está baseada na compreensão de Rogers, quem concebe o aconselhamento como *psicoterapia*⁴⁰¹ e a dividem em dois tipos: um como “terapia centrada no cliente” e, outro, como “terapia não diretiva”, mas, mencionam que, frequentemente, o aconselhamento tem um caráter mais o menos diretivo.”⁴⁰² O aspecto fundamental do método “não diretivo”, como seu nome indica, afirma que o terapeuta deve se abster de dar indicações ou conselhos diretivos,

³⁹⁴ CLINEBELL, 2007, p. 364.

³⁹⁵ CLINEBELL, 2007, p. 364.

³⁹⁶ CLINEBELL, 2007, p. 367; 368-371.

³⁹⁷ CLINEBELL, 2007, p. 367.

³⁹⁸ CLINEBELL, 2007, p. 367.

³⁹⁹ CLINEBELL, 2007, p. 367-368.

⁴⁰⁰ CLINEBELL, 2007, p. 368.

⁴⁰¹ FABER; SCHOOT, 1985, p. 94.

⁴⁰² FABER; SCHOOT, 1985, p. 179.

por considerar que a pessoa mesma tem a capacidade de encontrar a solução dos seus próprios problemas. Portanto, deverá também, evitar instigar, moralizar, perguntar ou fazer diagnoses, pois o seu papel consistirá em reconhecer dos sentimentos que se geram por trás das palavras e dos sentimentos.⁴⁰³ Os autores afirmam que, segundo a proposta de Rogers, este método pode, em determinados casos, não ter um valor terapêutico devido a que, por vezes, pode se converter num comportamento meramente formal. Advertem que, ainda que não pareça, esta metodologia é de difícil prática e precisa um aprendizado, já que se trata de uma atitude de vida.⁴⁰⁴ O termo psicoterapeuta, neste sentido, é o nome que recebe a pessoa que exerce este tipo de ação terapêutica (o aconselhador ou a aconselhadora).

O método centrado no cliente propõe novas formas na metodologia, entendendo que toda a situação terapêutica (aconselhamento) se centra de tal maneira na cliente, permitindo o emergir de um clima através do qual, (a pessoa aconselhada), reativa sua dinâmica íntima, permitindo-lhe reencontrar possibilidades de viver consigo mesma. Isto pressupõe certas atitudes e concepções de parte do ou da psicoterapeuta, como por exemplo, suficiente conhecimento de si próprio, sinceridade, maturidade emocional e capacidade de empatia, entre outros.⁴⁰⁵

Collins, na sua obra dedica realmente pouco espaço para abordar o termo psicoterapia, por considerar um assunto que deve ser trabalhado por um especialista⁴⁰⁶, mesmo assim, enfatiza que alguns estudiosos falam da necessidade de reconhecer a distinção entre ela, o Cuidado Pastoral e o aconselhamento pastoral⁴⁰⁷. Também menciona que este é um método de ajuda de longo prazo, cuja finalidade é a remoção dos empecilhos emocionais, acontecidas no passado, que inibem o crescimento pessoal e profissional do indivíduo; promove câmbios fundamentais na personalidade e nos valores espirituais, assim como também, nos modelos mentais do aconselhando ou da aconselhanda.⁴⁰⁸

⁴⁰³ FABER; SCHOOT, 1985, p. 181.

⁴⁰⁴ FABER; SCHOOT, 1985, p. 183.

⁴⁰⁵ FABER; SCHOOT, 1985, p. 183-185.

⁴⁰⁶ COLLINS, 2004, p. 17.

⁴⁰⁷ COLLINS, 2004, p. 17.

⁴⁰⁸ COLLINS, 2004, p. 17.

No entendimento de Scorsolini-Comin, a psicoterapia se ocupa do tratamento das perturbações da conduta e da personalidade através de métodos e técnicas psicológicas, isto quer dizer que este procedimento é indicado quando o processo do aconselhamento é considerado suficiente para *conduzir* os processos de mudanças e de crescimento necessários.⁴⁰⁹ Sendo assim, o aconselhamento é indicado na ausência de um diagnóstico de algum tipo de transtorno psicológico ou em situações que requeiram de um atendimento mais específico.

São vários os autores que consideram que entre o aconselhamento psicológico e a psicoterapia, há consenso de serem estas intervenções distintas, embora mantenham um estreito relacionamento.⁴¹⁰ Entre estes cabe mencionar a Scheeffer, quem a seu entender, enfatiza que “as duas atividades representam os dois pontos extremos de um ‘continuum’, que ocasionalmente se sobrepõem, mas, *isso não significa que constituam uma mesma atividade.*”⁴¹¹ Ela continua a afirmar que uma difere da outra em termos de grau de consciência do conflito/crise, do tipo de ansiedade e também, das técnicas utilizadas.⁴¹²

Coincidindo com as considerações dos autores já referidos, pode-se destacar que: o aconselhamento psicológico possui uma farta literatura que o apresenta como um campo de atuação que utiliza diversas técnicas, não alinhadas a alguma abordagem psicológica específica, na construção de uma relação de ajuda considerada efetiva e que consiga atingir os objetivos delineados no início do processo. Assim sendo e, tomando como base os aportes anteriores, pode-se dizer que as características destas duas atividades diferem, por muito, uma da outra, como apresentado de forma resumida no seguinte quadro, que agrupa tanto suas semelhanças quanto suas particularidades.

A partir de Scheeffer, assim é como se percebem as diferenças e os pontos em comum entre aconselhamento e psicoterapia, conforme mostra a Figura 4:

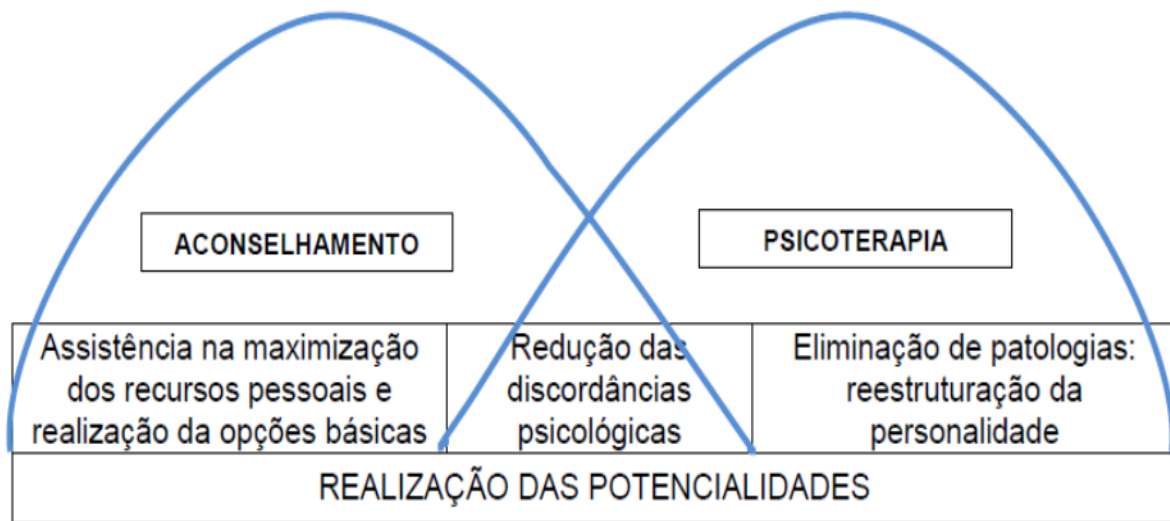
⁴⁰⁹ SCORSOLINI-COMIN, 2014, p. 6.

⁴¹⁰ SCORSOLINI-COMIN, p. 6.

⁴¹¹ SCHEEFFER, 1986, p. 15-16.

⁴¹² SCHEEFFER, 1986, p. 16;19.

Figura 4 – Aconselhamento e Psicoterapia - pontos de encontro e diferenças



Fonte: SCHEEFFER, 1986, p. 21.

A seguinte tabela mostra de forma mais específica o que Scheeffer representou na figura anterior. Como poderá ser observado, a tabela apresenta com maiores detalhes algumas das principais particularidades, semelhanças e diferenças do aconselhamento, nas diversas perspectivas, em relação com o processo da psicoterapia, só que de forma um pouco mais extensa e específica.

Tabela 3 – Aconselhamento e Psicoterapia – diferenças e semelhanças

Aconselhamento e Psicoterapia diferenças e semelhanças		
Aconselhamento	Pontos de encontro	Psicoterapia
<ul style="list-style-type: none"> - Clientes menos perturbados, com problemas específicos, sem comprometimento da personalidade. - Atenção em ambientes não médicos. - Centrado nas potencialidades e nos aspectos psicologicamente saudáveis de amplo crescimento. - Tem um caráter educativo, preventivo, situacional, de apoio visando a solução de problemas. - Enfatiza a normalidade. - Seu objetivo é facilitar e promover o desenvolvimento a través de escolhas acertadas. - Lida com os problemas conscientes da pessoa, acompanhados de ansiedade normal. - Meio de maximização da eficácia humana. - Focado em áreas específicas como educacional, vocacional, marital e ocupacional. - Voltado para o estudo da “higiologia” (estudo de problemas de pessoas normais). - Assistência em períodos de crise relacionadas ao desenvolvimento vital. - O processo pode apresentar maiores dificuldades que na psicoterapia. - Os clientes são predominantemente pessoas normais. - Principais lugares de execução: Escola, universidades, centros de orientação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Objetivam o desenvolvimento positivo da personalidade. - O uso de algumas técnicas como: reflexão e interpretação (mesmo que para diferentes propósitos). - A psicoterapia pode ser considerada um processo derivado do aconselhamento, exercido de forma mais intensa e aprofundada. - Se confundem em suas finalidades, na busca por ajudar as pessoas a se compreender melhor a si mesmas. - A Não-diretividade e a atenção às atitudes básicas, são condições para as modificações construtivas da personalidade. - A tendência à autorrealização e o foco no processo de facilitação. - Um envolvimento existencial com o seu cliente, justamente por compartilharem o existir-no-mundo, com frustrações, dificuldades, sofrimentos e potencialidades. - Um mesmo cliente em sofrimento pode receber tratamentos diferentes a partir dessas duas formas de intervenção, dependendo de como o problema é compreendido pelo profissional. 	<ul style="list-style-type: none"> - Clientes seriamente perturbados. - Atenção em ambiente médico. - Centrada nas fraquezas e patologias da pessoa. - Tratamento psicológico de problemas emocionais. - Relação de longa duração. - Estabelece relacionamentos de tipo profissional com o paciente. - É remediativa e reconstitutiva. - Focaliza no inconsciente e enfatiza o neurótico e outros problemas emocionais. - É usada quando a pessoa não dispõe das condições de ajustamento para fazer escolhas. - Cabe a ela efetuar modificações na personalidade, no sentido de proporcionar as condições de prontidão para fazer escolhas. - Os conflitos são do tipo inconscientes e a ansiedade manifestada é patológica. - Reconhece a pessoa como um ser total. - Focada na estrutura total da personalidade. - Voltada para a psicopatologia do comportamento. - Lida com estados de tensão e desconfortos duradouros. - Os clientes são predominantemente pessoas neuróticas. - Principais lugares de execução: clínicas, hospitais e consultórios.

Fonte: a autora baseada em SCHEEFFER, 1986, 13-21 e SCORSOLINI-COMIN. 2014, p. 2-14.

De forma alguma pretende-se, com esta tabela, acentuar as diferenças entre estas práticas ou individualizar os processos; mas sim, mostrar a importância de um trabalho conjunto que contemple a redução das discordâncias (como menciona Scheeffer) através da utilização conjunta destes procedimentos, em prol da otimização da atenção à pessoa, sem que cada uma perca sua especificidade.

Outro termo que geralmente se confunde, mistura ou é utilizado para se referir ao aconselhamento é a poimênica e em muitas ocasiões esta mistura/cominação termina por ser nefasta como expressado por Udo Rauchfleisch,⁴¹³ que dedica o capítulo 3 do seu livro ao esclarecimento deste assunto, de forma profunda; por enquanto, se aborda a relação entre Poimênica e Cuidado Pastoral.

3.1.6 Cuidado Pastoral e Poimênica

Cuidado Pastoral e poimênica também são termos que se interpolam com muita frequência com aconselhamento, ao ponto de suas diferenças serem quase imperceptíveis, segundo o entender de alguns autores.⁴¹⁴

Segundo Ronaldo Sathler-Rosa, o termo “cuidado Pastoral” não é um conceito literalmente bíblico, porém, na tradição e na dinâmica da Igreja, encontra amplo respaldo nas escrituras⁴¹⁵. Este afirma que a expressão encontra alicerce nas tradições religiosas e culturais do Médio Oriente Antigo⁴¹⁶. Também refere que este termo, dependendo da tradição (ortodoxa, da reforma, do pietismo, na modernidade/iluminismo, ou sobre as influências das ciências psicológicas), tinha sua ênfase específica (purificação e santificação, conversa individual, desenvolvimento de qualidades humanas e promoção da autonomia do indivíduo ou a possibilidade de mudança de atitudes e comportamentos).⁴¹⁷

Na concepção deste autor, cuidar das pessoas requer o cuidado dos sistemas estruturantes da vida e da sociedade na qual está imersa a pessoa; noutras palavras, cuidar da pessoa é também cuidar da “casa”⁴¹⁸, no sentido de cuidar da pessoa como

⁴¹³ RAUCHFLEISCH, 2014.

⁴¹⁴ Ver especialmente, HOCH, 1980; OLIVEIRA, 2012.

⁴¹⁵ SATHLER-ROSA, Ronaldo. Cuidado Pastoral **em tempos de insegurança**: uma hermenêutica contemporânea. São Paulo, SP: ASTE, 2004, p. 35.

⁴¹⁶ SATHLER-ROSA, 2004, p. 36.

⁴¹⁷ SATHLER-ROSA, 2004, p. 37.

⁴¹⁸ SATHLER-ROSA, 2004, p. 50.

“um todo” ou “de forma integral”. O autor também afirma que o termo é definido por alguns pesquisadores como um “encontro”; por outros, como “atos de ajuda” ou ainda, que há quem o identifica com as quatro colunas pastorais da história da Igreja (curar, sustentar, guiar e reconciliar).⁴¹⁹

Igualmente a Boff, este autor, destaca dois grandes núcleos estruturais. Um focado nas *atitudes* (assistência solícita, valorização, compaixão, acessibilidade) e outro nas *ações*. As quatro ações consideradas fundamentais para um adequado processo são: a primeira, a *construção de uma comunidade cristã, baseada no amor*, que não é perfeita, mas, que se preocupa por criar laços de confiança⁴²⁰. A segunda, fala do esforço por *manter e nutrir os relacionamentos* construídos, com especial atenção na saúde relacional.⁴²¹ A terceira ação, propõe, *curar a “alma ferida”*, estado que decorre das dificuldades que representa o convívio diário, donde se geram conflitos e tensões nos relacionamentos⁴²². Finalmente, a última ação sugere, *nutrir e sustentar a fé*, ação fundamental no fortalecimento da identidade como comunidades de cuidado mútuo.⁴²³

Assim como Sathler-Rosa, Anete Roese coincide em apontar que a palavra “cuidado” tem uma origem discutível; porém, algumas pesquisas apontam sua origem “de *cogitare-cogitatus* e de sua corruptela *coyedar, coidar, cuidar*”. “O sentido de *cogitare-cogitatus* é o mesmo de cura: cogitar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e de preocupação”; enquanto outras defendem que ela se origina do latim – cura e aponta que, referenciais mais antigos, indicam que cura era escrito “coera” e dizia respeito a “relações de amor e amizade.”⁴²⁴

Oliveira, ajuda-nos a entender o cuidado desde duas perspectivas: a vertical, como sendo o cuidado que o ser humano precisa/recebe de parte de Deus, e a horizontal (cuidado entre os seres humanos) que tem uma função fundamental na formação da personalidade do ser humano. Nesta perspectiva, o cuidado é entendido

⁴¹⁹ SATHLER-ROSA, 2004, p. 37-38. Daniel J. Louw, 1998, p. 21; William Clebsch e Charles Jaekle, 1964, p. 4. Para aprofundar mais sobre estas quatro colunas (conceitos), ver também: SATHLER-ROSA, Ronaldo. **Cuidado Pastoral em perspectiva histórica existencial: uma revisão crítica**. São Paulo, SP: ASTE, 2013, p. 51-77.

⁴²⁰ SATHLER-ROSA, 2004, p. 45.

⁴²¹ SATHLER-ROSA, 2004, p. 45-47.

⁴²² SATHLER-ROSA, 2004, p. 47-48.

⁴²³ SATHLER-ROSA, 2004, p. 48.

⁴²⁴ ROESE, Anete; A abordagem feminista do cuidado espiritual e psicoterapêutico. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50 n. 2, jul./dez. 2010, p. 289; SATHLER-ROSA, 2013, p. 36; COLLINS, 2004, p. 17.

na tradição cristã, como aquele que apresenta a Jesus de Nazaré como o Deus-Encarnado, que foi objeto de cuidado, mas também, como aquele que providenciou cuidados a pessoas doentes, sarando e abençoando crianças etc.⁴²⁵

Collins, por sua vez, se apoia em William A. Clebsh e Charles R. Jaekle, e define o Cuidado Pastoral como o ministério eclesiástico, de apoio, orientação, cura e reconciliação das pessoas com Deus e com a pessoa próxima. É também chamado de cuidado d'almas e inclui o ministério do ensino, a pregação, a disciplina, a educação, administração de sacramentos e a assistência em casos de necessidade (poimênica).⁴²⁶ Salienta-se de novo a observação de Collins em relação a que: "Alguns autores consideram importante *fazer distinção* entre Cuidado Pastoral, aconselhamento pastoral e psicoterapia pastoral."⁴²⁷

Paula, compreende o cuidado como "uma dimensão afetiva"⁴²⁸, que perpassa todas as relações; como a prática da fé cristã, que abrange os relacionamentos interpessoais de uma comunidade-igreja; como aquele que avoca as perguntas cotidianas sobre nossa existência e que cumpre uma função essencial no labor curativo e preventivo, na hora de afrontar as crises da vida. Deste modo, ela salienta seu caráter comunitário que deve estar interligado nas diversas áreas de trabalho da igreja (pregação, aconselhamento, espiritualidade, diaconia etc.). Sendo assim, este não pode ser definido só considerando sua faceta intraeclesiástica.⁴²⁹

Em relação com a **poimênica** percebe-se que o ponto de vista de Schipani, vai ao encontro do expresso por Sathler-Rosa, e afirma que, por exemplo, a poimênica pode ser entendida como uma ação ampla que inclui várias ações, que contribuem para o bem-estar dos membros das comunidades, porém, menciona também o ato de estimular o crescimento, como um outro elemento integrante. Aqui sua postura:

A poimênica é aquela dimensão do ministério da Igreja que se preocupa com o bem-estar dos indivíduos e comunidades. Ela pode incluir várias funções tais como: guiar, estimular o crescimento, sustentar, reconciliar e curar; em diversas maneiras e situações, inclusive aquelas do aconselhamento.⁴³⁰

⁴²⁵ OLIVEIRA, 2012, p. 31.

⁴²⁶ COLLINS, 2004, p. 17.

⁴²⁷ COLLINS, 2004, p. 17.

⁴²⁸ PAULA, Blanches de. **Pedaços de nós: luto, aconselhamento pastoral e esperança**. São Paulo: ASTE, Editeo, 2011, p. 184.

⁴²⁹ PAULA, 2011, p. 183-185.

⁴³⁰ SCHIPANI, 2003, p. 15.

Para Clinebell, a poimênica⁴³¹ é o ministério amplo e inclusivo de cura e crescimento mútuo dentro de uma congregação e de sua comunidade; é uma ação que abarca a vida inteira⁴³². Este é também um ministério compartilhado do pastor, da pastora, assim como de toda a comunidade e pode ser considerado, também, como uma resposta às necessidades que cada pessoa tem de calor, apoio, sustento e cuidado.⁴³³ O autor, por exemplo, menciona, a importância de esclarecer a diferença entre poimênica e aconselhamento pastoral, como aspecto fundamental na sua proposta, mas, advertindo sua interdependência. Ele afirma que: “A poimênica e o aconselhamento pastoral **não são uma só entidade como uma única metodologia**, mas que, constituem, isto sim, uma grande amplitude de funções de prestar auxílio e fomentar o crescimento, exigindo uma variedade de métodos.”⁴³⁴ (Grifo da autora).

Hoch se refere ao termo “poimênica” como derivado do grego “*poimaino*” que descreve a ação de pastorear um rebanho.⁴³⁵ Este ato de “pastorear” como descrito no livro de João, capítulo 10, originalmente envolvia uma preocupação por cuidar do rebanho e protegê-lo, até mesmo com a própria vida; porém, com o tempo, adquiriu certa conotação hierárquica eclesiástica de domínio e controle, ao ponto de perder seu caráter de serviço⁴³⁶.

Atualmente o termo “pastor/a” é entendido como aquele que descreve àquele que desenvolve um universo de atividades numa comunidade (prega, canta, visita, aconselha, dirige o grupo ministerial etc.). Sendo assim, considera-se que essa pessoa é quem está “autorizada” para liderar e decidir o rumo das atividades da comunidade (a pregação, o ensino, o exercício da diaconia, da poimênica, o cuidado etc.); mesmo assim, a palavra “pastor/a”, portanto, não caracteriza a atividade específica daquele que se dedica à poimênica⁴³⁷.

A posição de Schneider-Harpprecht, entende a poimênica como a *ciência* que se ocupa do estudo do agir do pastor e da pastora, ou como: o ministério de ajuda da comunidade cristã, tanto para seus membros, quanto para outras pessoas que

⁴³¹ Na versão em espanhol o termo é traduzido como Cuidado Pastoral, porém na versão em português, este termo está traduzido como Poimênica.

⁴³² CLINEBELL, 2007, p. 25; 43.

⁴³³ CLINEBELL, 2007, p. 25; 43.

⁴³⁴ CLINEBELL, 2007, p. 17-18.

⁴³⁵ HOCH, 1980, p. 87.

⁴³⁶ HOCH, 1980, p. 88.

⁴³⁷ HOCH, 1980, p. 88.

procuram ajuda na área da saúde, através da convivência diária no contexto da igreja”.⁴³⁸ Neste sentido, então, o aconselhamento pastoral também pode ser definido/entendido como uma *dimensão da poimênica* que ajuda as pessoas a descobrir em diferentes situações de suas vidas (situações de conflitos e crises) o significado concreto da liberdade cristã, para que possam viver de forma consciente vidas de inter-relação saudáveis com o próximo, com Deus e também consigo mesmas.⁴³⁹

Considerando que uma das características intrínsecas da poimênica é sua função social e comunitária, João Henrique Stumpf no seu trabalho de mestrado, sobre os desafios contemporâneos da poimênica, apresenta o que ele considera um dos maiores desafios aos que ela é impelida; (identificar as características, sistemas, lógicas e estruturas que exercem opressão e causam sofrimento entre o povo, nos espaços onde esta é desenvolvida), que, no seu caso concreto de análise, e o contexto latino-americano. Assim ele a descreve:

Sua principal característica, a saber, a orientação individualista, canaliza sua atenção para compreender as pessoas como indivíduos isolados do contexto social, político, religioso e cultural em que estão inseridos, não deixando a mesma reagir aos desafios colocados pelos sistemas, lógicas e estruturas que conferem sofrimento às pessoas. Neste horizonte, a poimênica é desafiada a contribuir para libertação histórica e integral dos grupos e pessoas excluídas e marginalizadas [...], sem perder de vista as atribuições que lhes são específicas, a saber, o acompanhamento cuidadoso às pessoas. Ela é desafiada a desenvolver uma dimensão profética frente aos fatores externos opressivos e, ao mesmo tempo, assumir a perspectiva dos grupos e pessoas oprimidas em nosso continente.⁴⁴⁰

O anterior vai ao encontro da perspectiva apresentada pela Paula, quando salienta que não só o caráter intraeclesial do cuidado deve ser considerado.

Finalizando este tópico, com relação a Poimênica, Eber Vieira Da Silva afirma que:

[...] a poimênica é necessariamente holística, abrangente e pluralista. Holística no sentido de perceber a pessoa humana como um ser integral e indissolúvel. Abrangente por promover libertação, fortalecimento, equilíbrio e sustentação da integridade, em um movimento contínuo na direção de um

⁴³⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZWETSCH, 2011, p. 256.

⁴³⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZWETSCH, 2011, p. 257.

⁴⁴⁰ STUMPF, João Henrique. **Entre o consolo e a profecia:** poimênica da libertação diante de desafios pastorais contemporâneos. São Leopoldo, RS, 2017. 154 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/767/1/stmpf_jh_tm332.pdf. Acesso em 6 fev. 2019.

bem-estar social mais pleno, alegre e produtivo. E é pluralista porque se propõe a ser uma abordagem interdisciplinar, dialogando com outras áreas da ciência humana.⁴⁴¹

Tendo em vista estas opções, poder-se-ia dizer, resumindo este segmento, que o Cuidado Pastoral, junto com a poimênica, fazem parte de uma “atividade maior”, de um “universo maior”, que as contempla, portanto, se destaca aqui o posicionamento de Clinebell e outros autores, do inapropriado que pode ser o uso dos termos “poimênica” e “cuidado pastoral” como sendo uma só entidade, junto com o aconselhamento. Entende-se que esta dinâmica, é similar à que acontece entre os termos de aconselhamento psicológico e psicoterapia, descritos anteriormente; logo então, ainda que estes termos por vezes, se sobrepõem entre si, não se deve esquecer que cada um têm suas funções, e propósitos particularidades, obedecendo a dinâmicas particulares que perseguem objetivos específicos.

3.1.7 Aconselhamento pastoral e Cura d’almas

No passado, o termo “cura d’almas” foi muito difundido como a atividade central do aconselhamento, ao ponto de ser utilizada de forma sinônima. Sathler-Rosa menciona que, os termos traduzidos do francês “cure d’âme” (cura da alma), e do Latim “*cura animarum*” (cura ou cuidado da alma), deram origem ao termo aconselhamento⁴⁴² e que, este se tornou, na tradição cristã, “o elemento central e unificador do ministério pastoral”⁴⁴³; portanto, cuidar do centro vital das pessoas, é cuidar da “alma”⁴⁴⁴ das pessoas. A expressão também é utilizada para designar a ação do pastor ou da pastora que se encarrega do cuidado da vida espiritual de outra pessoa⁴⁴⁵.

⁴⁴¹ SILVA, Eber Vieira da. **A poimênica em Jesus como paradigma para uma nova abordagem da poimênica na teologia e na vida cristã**. São Leopoldo, RS, 2018. 117 p. Dissertação (Mestrado profissional) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2018 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/897/1/silva_ev_tmp565.pdf>. Acesso em 6 fev. 2019.

⁴⁴² SATHLER-ROSA, 2004, p. 35-36.

⁴⁴³ SATHLER-ROSA, 2004, p. 36.

⁴⁴⁴ SATHLER-ROSA, 2004, p. 36. Em relação ao termo alma, ele aponta para várias traduções bíblicas que definem a “alma” como: “alma vivente” (do hebraico “*nefesh*”) ou, como “*ser vivente*” e baseado em Gênesis 2:7, o autor afirma, entre outras coisas, que a alma é considerada como: “*fonte de vida*”, “*espírito*”, “*anima*” ou como o centro da vida que direciona o ser humano a Deus, o que nos torna seres espirituais dependentes dEle.

⁴⁴⁵ BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 28.

Em tempos modernos, a alma não é mais considerada um objeto exclusivo da poimênica. Se verifica então, uma tendência crescente de empregar o termo "aconselhamento pastoral", como uma ação implícita na ação poimênica das comunidades.⁴⁴⁶ Definida também como aquela que tem lugar por meio de uma conversação pastoral, a cura d'almas, tradicionalmente foi conhecida com o nome de *cura animarum specialis* e era realizada em ocasiões especiais da vida de um indivíduo, como: crises, enfermidades, problemas graves etc.⁴⁴⁷

Inicialmente era uma prática da vida cristã, realizada entre duas ou mais pessoas e, cujo objetivo era confirmar nas pessoas o efeito curador, consolador e libertador do evangelho.⁴⁴⁸ Do mesmo modo, Paula constata que o termo cura d'almas é interpretado como uma vocação e é assemelhado com o "cuidado pastoral."⁴⁴⁹

Zaracho, expressa que nos primeiros séculos da Igreja, o conceito de "cura d'almas" diferia do que hoje se entende sobre ele. No tempo atual o conceito se entende como "arrumar", "por", "sara". Antes se entendia que a cura se dava na medida em que as pessoas se relacionavam de forma adequada, quando uma pessoa se interessava pelo bem-estar da outra; era uma questão de atitude e sua ênfase estava na qualidade do relacionamento e não só no resultado. Não se falava de aconselhamento, mas sim, de "cura d'almas".⁴⁵⁰

3.1.8 Aconselhamento e Psicologia Pastoral

Este é outro termo utilizado como representativo do aconselhamento pastoral em muitos espaços, para referir-se a ele como uma interpretação da pastoral sob perspectiva psicológica.⁴⁵¹ Schipani define o termo como tendo duas possibilidades

⁴⁴⁶ HOCH, 1980. Ver também: SILVA, Marta Nörnberg da. Cuidado (s) em movimento – a ética do cuidado e a escuta sensível como fundamento do outro. In: NOÉ, Sidnei Vilmar. **Espiritualidade e Saúde** – Da cura d'almas ao cuidado integral. São Leopoldo: Sinodal, 2004; e HEISE, Ekkehard. **Cura de almas**: el rescate de um concepto tradicional. In: Cuadernos de Teología, vol. XVIII. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/216819251/Cura-de-Almas-rescate-de-Un-Concepto-Tradicional-Ekkehard>. Aceso em 12 nov. 2020; e HEISE. E. Martin Lutero e a cura de alma" In: **Cuadernos de Teología**, Vol. XIX, pp. 245 – 254. Buenos Aires. ISEDET, 200; SATHLER-ROSA, 2013, p. 80-111.

⁴⁴⁷ HEISE, Ekkehard. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/216819251/Cura-de-Almas-rescate-de-Un-Concepto-Tradicional-Ekkehard>. Aceso em 12 nov. 2020.

⁴⁴⁸ HEISE, Ekkehard. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/216819251/Cura-de-Almas-rescate-de-Un-Concepto-Tradicional-Ekkehard>. Aceso em 12 nov. 2020.

⁴⁴⁹ PAULA, 2011, p. 183-184.

⁴⁵⁰ ZARACHO, 2007, p. 25.

⁴⁵¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZWETSCH, 2011, p. 256.

de interpretação: por um lado, como uma área prática do serviço do ministério eclesial, e, por outro, como uma “disciplina”, que junto a outras, como por exemplo, a antropologia teológica, contribui na fundamentação do ministério cristão.

O termo psicologia pastoral pode ser entendido com um duplo significado [...] (a) se trata de um campo de labor prática ao serviço da vida e o ministério da igreja – incluindo a atenção e o cuidado ou assessoramento, e a psicoterapia pastoral – à luz do seu contexto histórico. (b) A psicologia pastoral além é “uma disciplina” (no sentido especial do afazer teórico, teológico e sistematizado), concebida primordialmente em termos da teologia pastoral e prática; como tal contribui a antropologia teológica em geral e serve, além do mais, para fundamentar não só aquelas expressões do campo do labor prático mas também outras facetas e modalidades do ministério cristão, tais como o ensino, a pregação, a guia espiritual, a pastoral da juventude, etc.⁴⁵² (Tradução nossa).

3.1.9 Aconselhamento e Conversação pastoral

Inicialmente pode-se definir uma conversação como a troca de palavras entre duas ou mais pessoas na qual se intercambiam e se geram reações⁴⁵³. Contudo, no caso da conversação pastoral Schoot a apresenta, desde a perspectiva de Van der Berg e Smelik como: “uma conversação não psicológica“, como “o contato espiritual mais concreto entre duas pessoas”, como “uma das formas em que Cristo mantém o seu diálogo com o mundo até a consumação dos séculos” e até, como “uma conversação estranha [...] determinada por um terceiro elemento (Deus), que está presente onde dois ou três se reúnem em seu nome.”⁴⁵⁴

Entre as características principais desta ação pastoral se encontram: 1. Seu fundamento está na missão da Igreja de Cristo; 2. Esta é realizada quando o terceiro elemento (Deus) participa da conversação e sua palavra “estranha” é ouvida; 3. Seu

⁴⁵² SCHIPANI; JIMÉNEZ, **Psicología y Consejo Pastoral**: Perspectivas Hispanas Editores: Daniel S. Schipani, Pablo A. Jiménez. Libros AETH (Asociación para la Educación Teológica Hispana) Decatur, 1997. Este libro recoge las conferencias presentadas no *Primeiro Encontro de Conselheiros Pastorais*, celebrado nas instalações da *Cooperativa de Seguros Múltiplos* em San Juan, Puerto Rico de 16 a 18 nov. 1995. “*El término psicología pastoral aquí se entiende con un doble significado [...] (a) Se trata de un campo de labor práctica al servicio de la vida y el ministerio de la iglesia— incluyendo la atención y el cuidado o asesoramiento, y la psicoterapia pastoral— a la luz de su contexto histórico. (b) La psicología pastoral es además una «disciplina» (en el sentido especial de quehacer teórico, teológico y sistematizado), concebida primordialmente en términos de la Teología pastoral y práctica; como tal contribuye a la antropología teológica en general y sirve además para fundamentar no sólo aquellas expresiones del campo de labor práctica sino también otras facetas y modalidades del ministerio cristiano tales como la enseñanza, la predicación, la guía espiritual, la pastoral de la juventud, etc.*”

⁴⁵³ FABER; SCHOOT, 1985, p. 4.

⁴⁵⁴ FABER; SCHOOT, 1985, p. 131-133.

objetivo é abordar diversos assuntos para serem analisados à luz do evangelho e da fé (ajudar a pessoa a chegar a uma fé autêntica).⁴⁵⁵

De modo geral, um fator importante nesta relação é que o pastor ou a pastora e a pessoa com quem realiza a conversação, são pessoas conhecidas, o que nem sempre acontece entre um cliente e um psicoterapeuta, que geralmente, se conhecem na primeira consulta⁴⁵⁶. Mesmo sendo, em muitos casos, uma conversação “corriqueira”, e sendo um dos seus objetivos últimos conduzir as pessoas a comunhão na comunidade, isto não é via de regra.⁴⁵⁷

Concluindo este segmento, fica evidente a existência de diversas formas e possibilidades em que podem ser atendidas as necessidades de ajuda que as pessoas requerem, nos diversos tipos de situações de crise, umas mais complexas que outras, mas, todas orientadas ao auxílio das pessoas em situações difíceis. No próximo bloco, serão apresentados de forma sucinta as características principais dos tipos de relacionamentos que se estabelecem nos modelos esboçados neste capítulo. Isto será muito útil na compreensão da proposta que será abordada no próximo capítulo.

Finalmente, se menciona de forma muito breve que os termos: *Counseling* pastoral, Consultoria pastoral, Assistência pastoral,⁴⁵⁸ assim como Clínica pastoral (acompanhamento pastoral na área da saúde),⁴⁵⁹ também são outros conceitos utilizados para se referir ao termo aconselhamento. No entanto, estes não serão abordados aqui por questão de espaço, mas também por considerar que o objetivo principal deste ponto já foi alcançado, a saber, mostrar um panorama sobre a multiplicidade de concepções sobre o assunto e, tentar, em primeiro lugar, esclarecer que, mesmo que vários destes termos se utilizem como sinônimos, cada um têm suas particularidades, assim como suas funções específicas, portanto, cumprem funções diferentes; o que no final deixa ao claro o complexo que pode se tornar a prática e, até que ponto algumas destas práticas têm influenciado, influenciam ou podem influenciar a vida das pessoas.

⁴⁵⁵ FABER; SCHOOT, 1985, p. 136-137, 142.

⁴⁵⁶ FABER; SCHOOT, 1985, p. 142.

⁴⁵⁷ FABER; SCHOOT, 1985, p. 144.

⁴⁵⁸ QUEIROZ, Sílvia Helena Barreto Silva. **Coaching e aconselhamento pastoral: um diálogo possível?** Dissertação (Mestrado) Faculdades EST, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/591>. Acesso em: 20 jan. 2017

⁴⁵⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZWETSCH, 2011, p. 256.

3.2 DIVERSIDADE DE INTERAÇÕES PRESENTES NAS METODOLOGIAS DE AJUDA

Depois do exposto, intui-se que as interações que se geram entre quem oferece e quem recebe algum tipo de ajuda, podem ter várias características e que estas são fundamentais no processo de superação de situações conflitivas, de crises, de doenças psicológicas ou mentais, etc. intui-se também o fato, de que cada metodologia gera um tipo de relação particular, mediada por distintos fatores, como, o tipo de circunstância, problema, crise ou o nível de gravidade da mesma.⁴⁶⁰ Além disso, a interação também pode ter vários objetivos, como por exemplo, convencer, ajudar a melhorar o relacionamento com Deus, proporcionar compreensão ou ajudar no autoconhecimento, entre outros⁴⁶¹.

Neste bloco temos a intenção de mostrar as principais características das interações presentes nos métodos expostos anteriormente, para, posteriormente, descobrir entre eles, quais foram utilizados para auxiliar as situações de crises expressadas pelas mulheres “não casadas” nos seus testemunhos e quais foram seus efeitos nos casos relatados.

3.2.1 Interação no processo de aconselhamento

Desde a perspectiva de Collins, a relação presente neste processo é uma *relação profissional* entre a pessoa aconselhada e quem aconselha. Esta pode ser profunda, mas, não ao ponto de atrapalhar o processo de aconselhamento⁴⁶². Collins chama a atenção frente a cinco tipos de relacionamentos, que podem apresentar-se no processo de aconselhamento, as diversas motivações que os geram, e, para o perigo de eles interferirem no processo de aconselhamento. Os cinco tipos de relacionamento obedecem a cinco necessidades específicas que são elencadas a seguir: a necessidade de manter relacionamentos; a necessidade de exercer controle; a necessidade de socorrer; a necessidade de informação e a necessidade de cura pessoal. Ele alerta sobre a vital importância de que quem aconselha quanto quem é aconselhado/a sejam conscientes das suas necessidades, de forma que estas não

⁴⁶⁰ FABER; SCHOOT, 1985, p. 179.

⁴⁶¹ FABER; SCHOOT, 1985, p. 179.

⁴⁶² COLLINS, 2004, p. 27.

venham a atrapalhar o processo.⁴⁶³ “O excesso de envolvimento emocional pode fazer com quem aconselha perca a objetividade, e isto, por sua vez, reduz a eficácia do aconselhamento.”⁴⁶⁴

Hoch descreve que esta relação deve ser: dialogal, não discursiva; que não oferece soluções prontas ou preconcebidas; que procura pistas alternativas para uma situação determinada de sofrimento, que estimule a comunicação e o inter-relacionamento pessoal terapêutico⁴⁶⁵.

Patterson e Eisemberg concebem a interação nas relações de ajuda, partindo da hipótese de que este aconselhamento seja eficaz. Sendo assim, sua proposta destaca as qualidades do conselheiro e da conselheira como importantes, para o estabelecimento de relações que conduzam a um processo eficaz. Algumas delas são: escuta atenta e empática; quem aconselha inspira confiança, segurança, credibilidade, honestidade e não manipula.⁴⁶⁶ A relação deve ser livre de julgamentos de valor.

3.2.2 Interação no processo do Aconselhamento Pastoral

Para Oliveira, o relacionamento no processo do aconselhamento, na tradição cristã, está fundamentado no exemplo de Jesus que se admira, suspira, se emociona e chora com a outra pessoa. Portanto, deve ser uma relação de interesse genuíno pela pessoa e por brindar apoio na superação de seus problemas. No entanto, sendo o processo de aconselhamento um processo que se manifesta em duas vias, a percepção é que, por vezes, este se torna uma relação de só uma via. A autora chama a atenção frente a queixa de Houston, quem acredita que esta situação seja o resultado da prepotência por parte de alguns e algumas profissionais, que, se situam “por cima de” abusando do poder tanto no sacerdócio como na psicologia.⁴⁶⁷

Desde a perspectiva de Faber e Schoot, neste processo, o tipo de relacionamento presente é diferente ao que está presente no processo de psicoterapia. O que se dá, neste caso, é um tipo de “conversação” que motiva a

⁴⁶³ COLLINS, 2004, p. 28-29.

⁴⁶⁴ COLLINS, 2004, p. 31.

⁴⁶⁵ HOCH, 2003, p. 99.

⁴⁶⁶ PATTERSON; EISEMBERG, 1995, p. 11-12.

⁴⁶⁷ OLIVEIRA, 2012, p. 98.

relação entre o pastor ou a pastora e um discípulo ou uma discípula. Aqui o objetivo, desde seu ponto de vista, é “*conduzir o/a discípulo/a à fé e nela preserva-lo/a*”⁴⁶⁸. Noutras palavras, ajudar as pessoas a se verem na luz divina, fazê-las discípulas e discípulos de Jesus, para que vivam como filhos e filhas dEle.⁴⁶⁹ Nela, antes de qualquer ação, a pastora e o pastor, devem mostrar para as outras pessoas, que são pessoas dignas de confiança, alguém em quem podem encontrar segurança, atenção e tranquilidade.⁴⁷⁰ Mostram respeito e interesse por quem procura sua ajuda, se identificam e reconhecem suas capacidades.

O posicionamento de Scheeffler descreve que, neste processo a relação que se estabelece é entre quem aconselha e a pessoa que é aconselhada, que está caracterizada por ser uma relação de interação cognitiva,⁴⁷¹ uma vez que, o papel da/o aconselhador/a é comparável ao do educador/a, dada a hipótese de que “*o/a aconselhando/a não é capaz de desenvolver suas potencialidades com autonomia sem intervenção externa*”⁴⁷². Daí que a pessoa que aconselha “*assume a responsabilidade de ajudar as pessoas aconselhadas a se tornarem o que deveriam desejar tornar-se, sem violar seu direito moral de autodeterminação na escolha de suas próprias metas vitais.*”⁴⁷³

Interpretando a Scheeffler, entende-se que as características de quem aconselha, são também características do tipo de relacionamento que se gera no processo de aconselhamento; portanto, entre suas características, quem aconselha deve demonstrar interesse, compreensão, empatia, consideração positiva e calor humano⁴⁷⁴.

3.2.3 Interação no processo da psicoterapia

No posicionamento de Faber e Schoot, na psicoterapia, por exemplo, a relação que se gera é uma relação de cliente/terapeuta, e para que a terapia seja efetiva, é fundamental que haja uma relação incondicional de total aceitação entre as

⁴⁶⁸ FABER; SCHOOT, 1985, p. 186.

⁴⁶⁹ FABER; SCHOOT, 1985, p. 186. Este objetivo resulta um tanto questionável, no caso de que quem esteja precisando o aconselhamento é uma pessoa que já é discípula de Jesus.

⁴⁷⁰ FABER; SCHOOT, 1985, p. 97.

⁴⁷¹ SCHEEFFLER, 1983, p. 41.

⁴⁷² SCHEEFFLER, 1983, p. 33.

⁴⁷³ SCHEEFFLER, 1983, p. 33.

⁴⁷⁴ SCHEEFFLER, 1983, p. 52.

peessoas envolvidas. Esta se expressa, segundo eles, na atmosfera de calor humano acolhedor que se cria entre as partes, a qual exige uma atitude de empatia, maturidade emocional, sinceridade e, em especial, de parte do ou da psicoterapeuta, um conhecimento adequado de si mesmo.⁴⁷⁵ Dentre estas características, a empatia é considerada por eles como a mais importante, porque, a seu juízo, ela constitui a capacidade de compreender e sentir o problema do outro como próprio; além, tenta entender como o ou a cliente está vivendo e sentindo o problema e o significado que este tem para essa pessoa.⁴⁷⁶

Os autores insistem na observação que Rogers faz, sobre o fato de ser conscientes de estabelecer uma diferença entre, ter uma identificação emocional e uma empática, considerando que a primeira (emocional), faz desaparecer o distanciamento necessário que garante o bom desenvolvimento do processo, permitindo o envolvimento do ou da terapeuta nos afetos e sentimentos da outra pessoa, fazendo com que desapareçam as possibilidades de qualquer tipo de ajuda.⁴⁷⁷ No segundo caso (empática), três são os elementos fundamentais, apontados. O primeiro é o respeito, o segundo a liberdade e como terceiro, a compreensão empática. Estes permitem ao cliente ter a certeza de estar sendo plenamente aceito/a pelo terapeuta e esta é apontada como a garantia de um bom resultado no processo.⁴⁷⁸

Scheffer afirma que o processo da psicoterapia é um *tratamento de tipo psicológico* que se desenvolve entre uma pessoa treinada profissionalmente (Psicoterapeuta) e um ou uma paciente; caracterizada por ser uma relação de longa duração e de caráter preventivo.⁴⁷⁹ Este relacionamento é emocionalmente intenso e não dá muita ênfase nas questões cognitivas.⁴⁸⁰

Na perspectiva de Clinebell, o relacionamento gerado neste tipo de processo depende do tipo de “corrente” que o ou a terapeuta opte por trabalhar.⁴⁸¹ Por exemplo, a interação presente na *psicoterapia de insight*, é uma relação de longo prazo

⁴⁷⁵ FABER; SCHOOT, 1985, p. 180.

⁴⁷⁶ FABER; SCHOOT, 1985, p. 180-181.

⁴⁷⁷ FABER; SCHOOT, 1985, p. 181.

⁴⁷⁸ FABER; SCHOOT, 1985, p. 181.

⁴⁷⁹ SCHEEFFER, 1983, p. 15.

⁴⁸⁰ SCHEEFFER, 1986, p. 17.

⁴⁸¹ CLINEBELL, 2007, p. 367-368. Segundo o autor, existem várias correntes de trabalho disponíveis, entre as que se encontram as orientadas para o *Insight*, as de comportamento, ação e crise; as de potencial humano; as relacionais, sistêmicas e radicais ou as de crescimento espiritual.

caracterizado pela confiança e empatia entre terapeuta e paciente.⁴⁸² No entanto, na *análise transacional*, que é um processo que pode ser mais curto, se realizado com grupos; ou mais longo, se tratando de casais; deve existir, entre psicoterapeuta, pastor ou pastora e pessoa aconselhanda, uma relação aberta de intensa sintonia.⁴⁸³ Portanto, esta deve ser uma relação de muito intercâmbio, colaboração e confiança.

3.2.4 Interação no processo da poimênica

Como mencionado anteriormente, poimênica, aconselhamento pastoral e Cuidado Pastoral, são termos que se interpolam com muita frequência com aconselhamento pastoral, o que faz com que suas diferenças sejam quase imperceptíveis. Amostra disso é o tratamento que Clinebell faz dos termos num dos capítulos do seu livro, donde descreve o fundamento de todos os tipos de poimênica e aconselhamento.⁴⁸⁴ Assim sendo, ele aponta que, o processo do aconselhamento começa, quando uma pessoa faz contato com outra a procura de ajuda.⁴⁸⁵ Constatase ali que este relacionamento, dependendo do objetivo do processo, pode receber vários nomes: a. Relacionamento terapêutico (curativo); b. Relacionamento maiêutico (facilitador de “nascimento” e crescimento) ou c. Relacionamento conciliador (restaurador de relações alienadas).⁴⁸⁶ O que se supõe deve acontecer aí, é a consolidação de um relacionamento entre pessoas aconselhadoras e pessoas aconselhadas caracterizado pela expressão do calor humano, a compreensão, a solicitude, o ouvir concentrado e a reflexão empática, elementos fundamentais para o bom desenvolvimento do processo.⁴⁸⁷

Oliveira, menciona que um dos fatos considerados por vários escritores, como negativos na relação de cuidado, é o fato da ambiguidade resultante da cercania/distanciamento, que por vezes está presente na sociedade terapêutica, considerada contraditória, porque vai de encontro ao mandamento bíblico de amar os uns aos outros.⁴⁸⁸

⁴⁸² CLINEBELL, 2007, p. 370-371.

⁴⁸³ CLINEBELL, 2007, p. 370-372.

⁴⁸⁴ CLINEBELL, 2007, Cp. 4.

⁴⁸⁵ CLINEBELL, 2007, p. 69.

⁴⁸⁶ CLINEBELL, 2007, p. 71.

⁴⁸⁷ CLINEBELL, 2007, p. 71; 73.

⁴⁸⁸ OLIVEIRA, 2012, p. 57.

Boff salienta que, cuidar, mais que um **ato**; é uma **atitude** que vai além de momentos de atenção e desvelo, e representa “a atitude de preocupação, responsabilidade e envolvimento afetivo com o/a outro/a.”⁴⁸⁹

Hoch, tomando como base a H. Faber, afirma que a pessoa que cuida, assume a responsabilidade por aquele a quem é entregue a mensagem;⁴⁹⁰ isto porque Hoch apresenta o Cuidado Pastoral como uma forma de pregação do evangelho, concernente a função do pastor e da pastora, no sentido de que, ele ou ela deve materializar a palavra, o evangelho em atitudes concretas de solidariedade e de amor, de modo que quem recebe a mensagem, tenha a possibilidade de experimentar uma relação de fraternidade com a comunidade cristã.⁴⁹¹

3.2.5 Interação no processo de aconselhamento psicológico

Interpretando a Soares, quem concorda com a proposta de Scheeffer, a sugestão é que a relação presente neste processo está orientada a brindar apoio para resolver dificuldades e crises situacionais. É, portanto, considerado de caráter educativo e dado para quem precisa de orientação para situações específicas.⁴⁹²

Parafraseando a Scorsolini-Comin trata-se, de forma genérica, de uma experiência que se propõe apoiar as pessoas na tomada de decisões, no planejamento e no crescimento, com o objetivo de promover e fortalecer a autoconfiança positiva.⁴⁹³ Além disso, este autor concorda plenamente com Patterson e Eisenberg, que o consideram como um “processo interativo, caracterizado por uma relação única, entre a pessoa conselheira e cliente, que leva este último a mudanças em várias áreas” (na capacidade para ser bem-sucedido nas situações da vida ou conhecimento, no comportamento, nos construtos pessoais e na habilidade para a tomada de decisão)⁴⁹⁴.

Para que a relação entre a pessoa que aconselha e o ou a cliente, possa ser considerada como fator de sucesso numa intervenção, a pessoa profissional deve

⁴⁸⁹ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 33.

⁴⁹⁰ HOCH, 2003, p. 99.

⁴⁹¹ HOCH, 2003, p. 100.

⁴⁹² SOARES, 1999, p. 25-26.

⁴⁹³ SCORSOLINI-COMIN, 2014, p. 4.

⁴⁹⁴ PATTERSON/EISENBERG, 1995, p. 20; SCORSOLINI-COMIN, 2014, p. 4.

conseguir ser autêntica, empática e situar-se de forma positiva, sem julgar nem avaliar, possibilitando entre elas (pessoa aconselhadora e aconselhanda), a expressão dos sentimentos daquele que busca ajuda. Portanto, o ou a pessoa conselheira deve ser capaz de facilitar o processo de autoconhecimento por parte de seu ou sua cliente, a fim de que possa buscar, por si mesmo ou si mesma, o seu crescimento pessoal e a sua autorrealização.⁴⁹⁵

3.2.6 Interações no processo de Cuidado Pastoral e cura d'almas

Foi mencionado anteriormente que aconselhamento pastoral, cuidado e poimênica são conceitos que frequentemente são usados como sendo ou tendo uma mesma função; algo semelhante acontece com os termos Cuidado Pastoral e cura de almas. Neste caso, Sathler-Rosa, citando a Alastair Campell sugere que, tanto quem oferece, quanto quem recebe o cuidado são afetados no processo mesmo, posto que o cuidado tem suas bases na mutualidade⁴⁹⁶; e, apoiando-se na compreensão de William Clebsch e Charles Jaekle, apresenta o ministério de cura d'almas como sendo semelhante ou equivalente ao Cuidado Pastoral as quais se caracterizam por atos de ajuda.⁴⁹⁷

Embora que o termo “cura d'almas” tenha caído em desuso por volta da segunda metade do século vinte, algumas das características deste processo de reciprocidade que continuam vigentes no trabalho do Cuidado Pastoral são: o amor, cuidado mutuo, oração, solidariedade e atenção.⁴⁹⁸

Resumindo um pouco o trabalhado neste segmento, o principal assunto abordado, orientou-se para o fato de tentar apresentar algumas das principais metodologias, utilizadas na atualidade, para a abordagem ou atenção de situações conflitivas ou de crises de mulheres “não casadas” que lideram espaços eclesiais, assim como também, algumas das características mais relevantes das interações entre quem exerce ou presta a ajuda e quem a recebe. Esta análise encontra seu sentido, no fato de ser uma introdução, a partir da qual, serão analisadas as experiências do

⁴⁹⁵ PATTERSON/EISENBERG, 1995, p. 5.

⁴⁹⁶ SATHLER-ROSA, 2013, p. 51.

⁴⁹⁷ SATHLER-ROSA, 2013, p. 51.

⁴⁹⁸ SATHLER-ROSA, 2013, p. 57.

grupo de mulheres cujos testemunhos viemos analisando neste trabalho e que serão abordados no seguinte bloco.

3.3 DESCOBRINDO E ANALISANDO OS MECANISMOS DE AJUDA E SUA INFLUÊNCIA NA VIDA MINISTERIAL DAS MULHERES “NÃO CASADAS”: De onde me vem o socorro?

As experiências de crises relatadas pelas mulheres no capítulo anterior, deram a possibilidade de abrir o panorama e conhecer diversas realidades que podem abalar suas vidas, especialmente, no exercício de ministérios e/ou cargos de liderança. Entre estas situações foram mencionadas, crises de tipo emocional, relacional e vocacional; umas mais profundas e difíceis de superar e outras, que quase passaram despercebidas como crises.

Oliveira na sua pesquisa de mestrado, salienta a necessidade de atenção que as pessoas envolvidas em ministérios têm e menciona duas pesquisas orientadas para essa discussão, porém, estas estão dirigidas ao público masculino⁴⁹⁹. Hoje 16 anos depois, é possível perceber que a situação narrada pela pesquisadora no seu trabalho, não mudou muito e que seguem sendo necessários trabalhos focados nas necessidades das mulheres que lideram diversos espaços eclesiais, pois, assim como os homens, elas também passam por situações difíceis que merecem atenção. No entanto, os trabalhos orientados para elas continuam a ser significativamente menores, mesmo existindo circunstâncias que as colocam em posições de ministério e liderança semelhantes.

Outro detalhe importante a considerar, é o fato de que o número de mulheres exercendo labores ministeriais, no geral, cresceu significativamente, nos últimos 14 anos; sendo um exemplo disto, os dados constatados nas estatísticas da IECLB, que no ano de 2006 tinha um total de 351 mulheres nos diferentes espaços ministeriais⁵⁰⁰ e no ano de 2020 já conta com 493 mulheres nestes diversos espaços.⁵⁰¹ Chama a

⁴⁹⁹ OLIVEIRA, 2012, p. 64.

⁵⁰⁰ Informação obtida do Relatório da Direção da IECLB - 2004-2006. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/concilio/relatorio-da-direcao-da-igreja-2004-2006. Acesso em 18 fev. 2021.

⁵⁰¹ Informação solicitada por e-mail diretamente à coordenação de gênero da IECLB, (coordenacaogenero@ieclb.org.br) em 20 nov. 2020, e recebida em 1 dez. 2020. Aqui só se toma como referência a informação fornecida pela IECLB, devido que a instituição conta com um arquivo sistematizado neste sentido, caso que não acontece com a Igreja Menonita da Colômbia.

atenção de forma inquietante os dados referentes a diminuição das mulheres ativas e ao aumento considerável das mulheres inativas (2/62), afastadas (0/18) ou em outra situação (9/52), assim como das viúvas (56/86). Tudo isto sem contar as que estão de licença, em processo de formação ou as eméritas, que mesmo não estando ativas, também precisam ser atendidas.

Para mostrar tal realidade, se apresenta a Tabela 3, que mostra de forma numérica este sucesso.

Tabela 4 - Representatividade da liderança feminina na IECLB 2006 e 2020⁵⁰²

CARGOS	2006	2020
Ministras/obreiras ativas	284	275
Ministras/obreiras inativas	2	62
Ministras/obreiras afastadas	0	18
Ministras/obreiras em outra situação	9	52
Ministras/obreiras viúvas	56	86
TOTAL	351	493

Fonte: a autora

Por isso, parte do objetivo deste segmento é resgatar dentre os testemunhos das mulheres, aquelas falas que deixam ao descoberto os dilemas e as situações ou crises mais difíceis que padeceram, para conhecer, entre outras coisas, quais foram as dinâmicas de enfrentamento utilizadas nos seus casos, se receberam ajuda, de que tipo, em que consistiu e de onde veio⁵⁰³. Considera-se que a apresentação deste panorama é fundamental, não só para visibilizar as possíveis necessidades de atendimento, mas também, para poder oferecer opções que ajudem a entender melhor as dinâmicas eclesiais no enfrentamento deste tipo de situações, e, por conseguinte, conhecer se estas propostas existentes responderam às necessidades específicas vivenciadas pelas mulheres deste grupo.

Neste ponto é importante lembrar que a ideia não é propor uma segmentação dentro dos trabalhos realizados pelas comunidades, mas sim, chamar

⁵⁰² Tabela elaborada pela pesquisadora com dados obtidos do Relatório da Direção da IECLB - 2004-2006. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/concilio/relatorio-da-direcao-da-igreja-2004-2006. Acesso em 18 fev. 2021 e da Coordenação de Gênero da IECLB, através do E-mail (coordenacaogenero@ieclb.org.br) recebida em 1º dez. 2020.

⁵⁰³ A informação que constitui a base de análise de este segmento foi extraída das respostas dadas as perguntas 2, 3 e 4 do roteiro elaborado para a entrevista, (no final deste trabalho).

a atenção frente a realização/utilização de “procedimentos adequados” às situações particulares que se apresentam dentro delas, e a necessidade de trabalhos conjuntos para atendê-las; afinal de contas as diversas metodologias apresentadas anteriormente, falam dessa diversidade. É preciso mencionar também, que várias das situações compartilhadas, foram também percebidas e trabalhadas por Oliveira, como sendo as “necessidades pastorais e/ou patologias do cuidado” que se fazem presentes nestes espaços⁵⁰⁴.

Dito isto, a seguir, as respostas recebidas sobre as principais situações de crise, suas sequelas, a ajuda recebida e a eficácia dos métodos utilizados.

3.3.1 Principais dificuldades

Este bloco inicia-se com as respostas à pergunta sobre *qual ou quais dilema/s, tem sido ou estão sendo o/os mais difíceis de enfrentar/superar e por quê?* Como maiores dificuldades, duas delas, (Líria e Mimosa), apresentam o enfrentamento ao assédio moral e a recuperação do convívio social. Estas situações vêm se alastrando desde há muito tempo, como resultado, tanto de situações de crises pontuais, como de situações recorrentes acontecidas anos atrás.

Líria. O assédio moral, porque a minha situação de assédio sexual ela foi pontual, ela foi só uma vez e eu encontrei mecanismos para lidar com isso depois, com o tempo. O assédio moral ele se repete muito na vida da gente e no âmbito da igreja, hoje, na posição de liderança que eu ocupo na instituição, o assédio moral se dá muito por parte dos pastores sinodais homens que estão o tempo todo construindo argumentos para desqualificar o trabalho, desqualificar a liderança, questionar os propósitos ideológicos da função e de uma forma muito ruim, porque não é uma dinâmica de que é feita num debate onde eu poderia reagir. O assédio ele é indireto e acho que isso é muito ruim porque nós não encontramos um espaço para reagir frente a frente. [...]

O assédio acontece em uma forma subliminar permanente [...] mas fica construindo esse processo muito violento, muito permanente, em que o assédio chega. Ele chega para as pessoas que compartilham como uma preocupação ou chega através de outras informações e de outras atitudes. O assédio moral eu acho que é extremamente destruidor, de uma forma permanente.

Mimosa. Para mim, é a questão do convívio social [...] tanto em termos de comunidade como extra comunidade. [...] ainda existe uma pressão social e uma pressão confessional eclesial a nível ecumênico, que ainda pesa muito em cima de nós e especialmente por ser mulher. Como? Você como mulher não soube segurar seu casamento? Então isso sim (respiro profundo,

⁵⁰⁴ OLIVEIRA, 2012, p. 61-91.

exclamação) foi difícil, foi complicado. [...] demorou muito até eu reconquistar isso novamente (o convívio social) e eu noto que *isso ainda está difícil*. Ainda têm esses processos, ainda têm dias que eu não consigo ficar lá depois do culto, conversando com as pessoas. Eu vou embora, porque eu tenho sempre essa sensação de que estão me olhando. É uma coisa muito velada, uma coisa muito sutil, né, mas ela existe. Ela está ali. Ela está ali. O processo é difícil.

Os casos da Tulipa, Girassol e Zínia, são diferentes aos anteriores, mas, muito similares entre si, pois elas não relataram uma situação específica como a mais complexa para lidar com ela, no entanto, relataram várias situações que, fazendo parte do dia a dia, se converteram em situações “chatas”, irritantes de lidar com elas. Estas situações apresentam características das *crises desenvolvimentais ou de crescimento*, como fazendo parte do processo natural de crescimento e maturação das pessoas.

Tulipa. [...] eu já senti que alguém me disse numa comunidade; “que bom que você, como mulher solteira, [...] tem todo o tempo para se dedicar ao trabalho da comunidade; não tem família para se preocupar”. [...] porque como você “não precisa” cuidar nem se dedicar a uma família, então, você anula sua vida pessoal, particular e você tem todo o tempo do mundo, que pôde-se dedicar apenas e exclusivamente ao trabalho. Acho que são assim algumas das questões que mexem, claro! Com o emocional da gente e na questão relacional, [...] A gente precisa ter esse cuidado também como mulher solteira; com o tipo de gestos você faz, de aproximação, ou então, que tipo de gestos que homens fazem para se aproximar. Diria assim, *em constante vigilância*, às vezes, né? Porque é uma reputação que você tem que cuidar. [...] Exemplo. Uma esposa muito desconfiada, numa primeira, numa segunda reunião, teve que vir junto; [...], como se ela precisasse primeiro ver, porque só homens participavam. Depois, acho que ela mesma percebeu que não havia nenhuma ameaça a ela ao casamento, sei lá, à família, que ela podia confiar, né? Situações assim, em meio ao contexto de nossa igreja. E uma pessoa num contexto onde eu fui pastora, ela era da igreja católica, então ela disse assim: “eu me admiro até hoje, como nesta comunidade aceitaram uma mulher, solteira, como pastora” [...] *Repetiu isso inúmeras vezes para mim.* [...] São essas questões assim e sempre precisamos provar o melhor, né? Ou piadinhas, tipo assim: “quero ver se vai conseguir exercer essa função e vai conseguir corresponder.”

Girassol. Eu assumo o cargo na instituição como casada, mas, no processo, enquanto estou na instituição, se dá a ruptura matrimonial [...], curiosamente, uma coisa que descobri é que eles, a diretoria desse tempo, nunca rebateu a minha nova condição civil. [...] A tensão o a resistência se dava fora da organização. Então, alguns pastores bem machistas, como em todas as comunidades ou sociedades ou países, eles criticavam que a instituição tivesse uma mulher separada (na liderança). [...] a você as pessoas nunca lhe dizem; mas no fundo, você sabe que as pessoas estão julgando você [...]. No caso da presidência. [...] eu sou oficialmente separada e as pessoas, pode ser que alguns não estiveram de acordo, igual, nunca me chamaram, nunca me disseram nada..., nunca publicamente, porque eu se acredito que pelas costas e em silêncio, sim o diziam; mas nunca publicamente objetaram que eu não era digna, [...] usando essa expressão, de ser a presidenta por causa de minha condição civil, não, nunca falaram isso. Eu tenho a suspeita e tenho certeza que sim o faziam, e muitas das pessoas que votaram no meu contra

(na eleição) para a presidência, [...] tinha que ver, mas que tudo com isso; ou seja, havia uma coisa muito..., como muito escondida. Em alguns casos, existia a crítica ou o assinalamento; isso sim existiu e segue existindo e permanentemente está.⁵⁰⁵ (Tradução nossa)

Zínia. O que eu mais sinto assim de dificuldade, e, pensando um pouco, a gente tem que criar e desenvolver uma certa distância. Oh, até aqui você pôde-se intrometer na minha vida. Daqui para lá, a vida é minha. [...] A outra dificuldade que eu enfrento [...] o fato de eu ser mulher e estar ao lado das mulheres que sofrem violência, das mulheres que ainda estão se empoderando [...]. Então, eu sinto isso. Ah! lá vem ela. Ela é mulher, ela é solteira, é diferente, ela está numa outra vida, vamos dizer assim. Eu sinto as vezes até a inveja de algumas mulheres que olham para minha situação e me veem livre e me veem bem, me veem feliz como eu estou. Assim como também eu sinto de outras pessoas, ah! Coitada! Não se casou (risos). Ela não quis ter filhos. [...] outra coisa que existe, que me deixa triste e que eu sinto muito, é quando há competitividade entre a gente. [...] A gente está trabalhando na igreja e isso não é bom [...] e não existe isso só entre eu mulher solteira e colegas homens; mas também, entre nós mulheres.

No testemunho da Glicínia, as principais dificuldades giram em torno de questões mais administrativas/organizacionais, que passaram a ter relevância depois da morte do seu esposo. Sua experiência de crises se enquadra nas situações de *crises acidentais, situacionais, ou circunstanciais*, fruto de uma situação inusitada.

Glicínia. [...] para mim está sendo assim mais difícil de superar é exatamente essa ausência do trabalho da equipe [...] nós não conseguimos nos reunir para pensar em conjunto com o ministro da IECLB dentro desse contexto onde nós vivemos. Cada um faz o seu trabalho; então, eu diria praticamente que este é um trabalho que está sendo muito difícil; de pensar diferente, de organização diferente. Colocaria ali isso como o mais difícil de solucionar.

No caso da Amor Perfeito seu partilhar neste sentido é curto e profundo. Sua maior dificuldade tem relação com situações características das *crises existenciais*. Estas estão relacionadas com a percepção pessoal, que podem desconsiderar-se por algum tempo, mas, que, chegado o momento, devem ser enfrentadas. Neste tipo de

⁵⁰⁵ Girasol. *Yo asumo como casada la institución, pero en el proceso mientras estoy en a institución, se da la ruptura matrimonial [...], curiosamente una cosa que descubrí es que ellos, la junta de ese tiempo, nunca objeto mi nueva condición civil [...]. La tensión o la resistencia se daba afuera de la organización. Entonces algunos pastores bien machistas, como en todas las comunidades o sociedades o países, ellos criticaban que la institución tuviera una mujer separada [...]. a usted nunca la gente le dice; pero en el fondo, usted sabe que la gente lo está juzgando [...]. En el caso de la presidencia, [...], yo oficialmente soy separada y la gente, puede ser que algunos no estaban de acuerdo, igual, nunca me llamaron, nunca me dijeron nada [...], nunca públicamente, porque yo sí creo que a espaldas y en silencio sí lo decían; pero nunca públicamente objetaron que yo no era digna, [...] usando esa expresión, de ser la presidenta por condiciones de mi condición civil, no, nunca lo dijeron. Yo sospecho y estoy segura que sí lo hacían y muchas de las personas que votaron en contra en la presidencia, [...] tenían que ver más que todo con eso; o sea, había una cosa muy... como muy escondida, [...] en algunos casos, había la crítica o el señalamiento; eso sí existió y sigue existiendo y permanentemente está.*

crises afirmações tais como: sou um fracasso, são característicos. Assim ela expressa seu sentir:

Amor Perfeito. Eu acho que o sentimento de inferioridade. Acho que isso. [...] São complexos de inferioridade, nesse sentido, assim; de me sentir incapaz [...], também sentimento de culpa, a gente carrega com tudo isso, verdade, em função de ouvir algumas coisas de algumas pessoas.

Vale também mencionar que a Tulipa manifestou não ter vivenciado situações tão “relevantes” como para serem denominadas como crises; mesmo assim, estes breves aportes deixam ao descoberto que, qualquer que seja a situação, pareça ela simples ou complexa, nem sempre é fácil para as mulheres lidar com as situações de crises presentes no seu dia a dia e que, ainda que haja estados que podem ser considerados como “insignificantes” ou de “pouca valia” e devem ser enfrentados ou atendidos com a seriedade que eles merecem, pois fazem parte das experiências de vida de pessoas que vivem e trabalham em função de velar pelas necessidades de outras pessoas.

3.3.2 Lidando com as sequelas

Antes de passar a contemplar as formas em que estes dilemas foram abordados, considera-se pertinente também, apresentar algumas das sequelas/efeitos destas situações na vida destas mulheres. Estas foram percebidas em meio aos seus depoimentos e aportam informação importante sobre os efeitos das crises nas suas vidas. Eles falam por si sós.

Líria. Estes deixaram duas marcas muito grandes, em mim, que me tornaram uma pessoa muito mais auto protetiva, e, em alguns aspectos, também muito mais fechada e mais focada no exercício da autoridade e na ocupação de espaço, no me colocar. São situações que me acompanham ao longo da vida, que sempre voltam. O assédio sexual, estando na vida comunitária, como pastora, e algo muito grave, muito grave. Você se sente invisibilizada, você não se sente reconhecida na sua dignidade, como ser humano, como uma mulher e também, muito fortemente com o próprio trabalho. Leva um tempinho para se recuperar de um assédio. Também, ainda quando eu estava na paróquia era um trabalho muito intenso (fiquei mais de 12 anos) então, houve momentos em que eu também me sentia muito vulnerável e muito sem o direito de ser vulnerável; porque as consequências da vulnerabilidade eram sempre muito julgadoras. Então, eu sempre me protegi disso. Eu sempre me protegi muito. Acho que tem um aspecto muito bom, mas tem também, um aspecto de adoecimento mesmo e ao mesmo tempo em que você se auto protege, você precisa reagir; você precisa enfrentar. Isso é duro sem buscar um apoio psicológico; em algum momento, medicamentoso, com psiquiatra para lidar com a ansiedade, com a melancolia, com a tristeza, com a autossabotagem que a gente vive com a

exigente avaliação da própria performance. [...] no espaço da igreja, no espaço de Poder da igreja, eu sinto que eu sempre acabo sendo muito performática e menos espontânea. Performática, para me proteger, para enfrentar, sabe? Já entro pensando em que eu estou em desvantagem e preciso me organizar muito para me proteger, para proteger a instituição e para, enfim, sofrer menos.

Mimosa. Eu sempre fui uma pessoa muito sociável. Sempre fui uma pessoa muito de me relacionar com pessoas, de estar junto com pessoas; de viver socialmente e aí, todas essas coisas que eu fui passando no ministério, elas foram me restringindo, foram me isolando e isso para mim está sendo um dilema, uma coisa difícil de eu reconquistar comigo; porque eu fiquei acho que meio traumatizada com algumas coisas, e eu tenho uma grande dificuldade de fazer o processo de voltar a viver em sociedade. Eu tive uma fase dentro desses anos todos de ministério onde eu vivi a fobia social. Eu não conseguia mais me ver no meio das pessoas. Aquilo me trazia temor, me trazia angústia (suspiro, expressão e gestos de angústia) me desnor-teava realmente, me deixava totalmente sem rumo. [...] eu não tenho a dificuldade de ir à busca do conhecimento, de ir à busca de aquilo que me exigem no trabalho, [...], mas, ... (exalação de impotência), eu as faço, atualmente mais por obrigação do que por alegria. [...]. Ficou difícil (neste caso se referindo à situação de cobrança pelo divórcio), tanto que essa questão toda, acabou me isolando de muita coisa. Aí, eu acabei indo em festas de igreja e não ficava para depois dos almoços comunitários; eu não me demorava muito depois dos cultos, naquela conversa comunitária com as pessoas. [...]. Demorou muito até eu reconquistar isso (o convívio social) novamente e eu noto que isso **ainda está difícil**. Ainda têm esses processos, ainda têm dias que eu não consigo ficar lá, depois do culto, conversando com as pessoas. Eu vou embora, porque eu tenho sempre essa sensação de que estão me olhando. É uma coisa muito velada, uma coisa muito sutil, né, mais ela existe. Ela está ali! Ela está ali! O processo é difícil. [...] na medida em que as pessoas iam sabendo que eu estava divorciada, vinha muito questionamento. Como que você, pastora, divorciada? Como que você, pastora, não conseguiu manter seu casamento? Como que você..., né? (Acento forte na entonação da palavra “como que você...”). Então, assim, veio um peso muito grande que pelo fato de eu ser teóloga e pastora, “eu deveria ter tido a capacidade de não me divorciar” [...] Esse peso, essa crítica acima do fato de eu ter esse ministério, ela foi pesada, e é até hoje. [...] é um peso, fica um peso sim [...]

Dália. [...] a gente sente temor de ter uma relação ou um amigo, falar com um homem, porque já estão pensando que a gente tem algo mais do que uma amizade como irmãos na fé⁵⁰⁶.

Zínia. A gente sofre pressão. [...] é um monte de coisas; e tudo vai para o emocional. Tudo que a gente sente vai para o corpo; mas a gente tem até dificuldade de falar sobre isso porque, até no nosso próprio trabalho, a gente não pode mostrar. Os outros precisam de nossa ajuda. A gente não precisa da ajuda das outras pessoas. Entende? A gente tem que ser aquela que tem a resposta. Tem sempre um jeito. Se está doendo, se está machucada, tem que superar isso melhor do que as outras pessoas e a gente passa até acreditar isso. A gente passa a achar que realmente tem que dar um jeito. Não dá para sentir, não dá para ser muito frágil ou demonstrar. A gente sabe o que é, mas, não pode demonstrar. [...] A gente não pede muito, a gente já não pede. Claro, a gente não quer ser vista como diferente no sentido de: Ah,

⁵⁰⁶ **Dália.** uno siente temor de tener una relación o un amigo, hablar con un hombre porque ya están pensando que uno tiene más allá de una amistad como hermanos en fe, ya las personas piensan

agora as solteiras querem um olhar diferente ou pelo menos um olhar. Pode ser. Isso tem sentido; porque o que eu sinto é assim.

Lila. [...] comecei a tomar um pouco mais de distância dos cargos de liderança, com funções na igreja, para não ter mais confrontos⁵⁰⁷.

O caso da Zínia remete às exigências das que fala Faria Almir quando expressa que:

[...] Em seu sofrimento, (a pastora) descuida dos aspectos importantes de sua vida e submete-se em nome da “Obra do Senhor” a um ativismo alienante que pode leva-la a uma vida extremadamente solitária. Embora cercado de tantos irmãos, sente-se impedida de expressar seus autênticos sentimentos e sua vida diante deles.⁵⁰⁸

Aprecia-se aqui, que estes depoimentos falam precisamente dos níveis de dificuldade que as pessoas têm para suportar ou resolver situações difíceis. Por exemplo, Líria e Mimosa são divorciadas, mas, mesmo passando por uma crise por divórcio, as sequelas que as crises deixaram, foram diferentes para cada uma e afetaram seus trabalhos e vidas de formas diferentes. As consequências dessas situações não têm sido ainda superadas e continuam afetando suas vidas, seus ministérios, seus relacionamentos. Em geral, cada uma, em meio a seu trabalho, continua lidando com a pressão, com o temor, com o sofrimento, com a invisibilização.

3.3.3 Atenção em tempos de crises

Depois de ter considerado algumas das sequelas que as crises deixaram na vida destas mulheres, a seguir, serão apresentadas as respostas em relação a pergunta sobre o atendimento; sobre se elas receberam (no momento em que aconteceu a crise), ou estavam recebendo ajuda de parte da comunidade ou da liderança (ao momento da entrevista) e de que tipo, para enfrentar e/ou superar essa situação ou situações. A seguir, suas respostas:

Glicínia. [...]. De **parte da liderança[...]. Não, não recebi.** Mas assim, como eu falei, o Pastor (M) ele estava na área da formação, ele veio, ele orou comigo e pronto! Ponto final. **Não recebi nada mais. Nada! Absolutamente nada! [...] não por parte da igreja. Daqueles que estão na coordenação dos trabalhos da Igreja eu não recebi uma carta. [...] de pessoas vindo**

⁵⁰⁷ **Lila.** [...] empiezo a tomar un poco más de distancia con cargos de liderazgo, con funciones en la iglesia, para no tener más choques.

⁵⁰⁸ FARIA, Almir Linhares de. Ética Pastoral como fruto da vocação. In: **Psicologia e ajuda pastoral.** São Paulo: Nascente/CPCC. 1985, p. 7.

ao meu encontro, para me ajudar, ali que eu senti uma carência muito grande. Talvez, isso foi o impulso para eu buscar ajuda, e nem dentro da IECLB, dentro da minha igreja né. Quando eu precisei eu busquei então noutros espaços. [...]

Mimosa. No nível de colegas ou de pastores de comunidades, eu nunca tive essa ajuda. Ouve quase como..., um silêncio [...]. Um pacto de silêncio. Ninguém falava, ninguém comentava, ninguém pedia se eu estava bem ou estava mal. Só se tratava dos assuntos eclesiais, não se entrava em nada do que era pessoal. Então, no nível de colegas, em geral, eu não tive nenhum apoio pós divórcio e muito menos, um pouquinho antes. [...]. Em nível de amigos, também, como eu já estava nesse processo de isolamento eu acabei não me relacionando, não tendo ajuda de amigos mais pessoais.

Zínia. [...] eu me lembro de uma vez que a igreja ofereceu um curso, [...] aquilo me ajudou muito no autoconhecimento. [...] Mas, algo direto pra mim, como pastora, como solteira, acho que isso nem passa pela cabeça deles. Poderiam ter um olhar diferente com a gente, mas acho que não são tão evoluídos. Não. Pela igreja não.

Amor Perfeito. De parte da comunidade não recebi ajuda.

Líria. Por exemplo, eu me divorciei e pelo regulamento da igreja você precisa comunicar ao sínodo e comunicar a Secretaria Geral da IECLB. Eu mandei uma carta para a Secretaria Geral e uma carta para o sínodo e eu não tive nenhuma resposta. E o divórcio sempre é um processo difícil e eu não tive nada, entendeu? O pastor sinodal não me telefonou para me perguntar eu como estava. [...]. Isso é marcante.

Nas suas vozes, foi possível perceber sentimentos de tristeza, de decepção e, até, de ressentimento, que pareciam voltar e faziam com que suas vozes se entrecortaram. Havia dor nos depoimentos. Algumas das questões que chamaram a atenção neste bloco de falas têm a ver com o fato destas mulheres se sentirem “desamparadas” por parte das lideranças das suas comunidades, na vivência das suas situações de crises. Justo, quando precisaram de ajuda, elas sentiram que não ouve o apoio necessário de parte destas; não houve sensibilidade. “*Houve uma solidariedade muito grande, mas, não por parte da “igreja”. Daqueles que estão na coordenação dos trabalhos da Igreja eu não recebi uma carta”. “De parte da liderança [...] Não, não recebi”.* “*Como eu falei, o Pastor [...] ele veio, ele orou comigo e pronto. Ponto final. Não recebi nada mais. Nada! Absolutamente nada*”. “*No nível de colegas ou de pastores de comunidades, eu nunca tive essa ajuda. Ouve quase como..., um silêncio [...]. Um pacto de silêncio*”. “*Então, no nível de colegas, em geral, eu não tive nenhum apoio pós divórcio e muito menos, um pouquinho antes*”. “*[...] eu me lembro de uma vez que a igreja ofereceu um curso, [...] aquilo me ajudou muito no autoconhecimento; [...]. Mas, algo direto para mim, como pastora, como solteira, acho que isso nem passa pela cabeça deles. [...]. Não. Pela igreja não*”. “*Eu não tive*

nenhuma resposta. E o divórcio sempre é um processo difícil e eu não tive nada. Entendeu? O pastor sinodal não me telefonou para me perguntar eu como estava. [...]. Isso é marcante”

Com certeza, um pouco de atenção para estas mulheres em meio a suas dificuldades, teria sido muito significativo no sentido positivo, quanto o foi no sentido negativo. Elas estavam “esperando” uma aproximação que trouxesse algum tipo de consolo, pelo menos, de parte da liderança da igreja, mas isto não aconteceu. Mas, como nem tudo é negativo, precisamente esta falta de ajuda/apoio de parte das lideranças e de algumas comunidades, fez com que elas tomassem uma atitude.

3.3.4 Acionando os mecanismos de luta contra o “desamparo” eclesial

A situação de “desamparo” vivenciada por estas mulheres, lhes obrigou a se mobilizar; a encontrar caminhos que lhes permitissem “suportar” as situações nas que se encontravam; e fala-se de “suportar” porque, muitas delas ainda não tem conseguido superar algumas destas situações. Lembra-se aqui o já trabalhado no primeiro capítulo, em relação às crises como oportunidades para as mudanças. Elas foram à luta, elas entenderam que era necessário sair desta situação, mas para isso, tiveram de se mobilizar, sair, procurar. A seguir, algumas das atitudes tomadas por elas.

Amor Perfeito. *Sim, eu fui a buscar ajuda com um pastor. E esse não era um pastor da minha comunidade; um pouco já, talvez, por aquele sentimento de inferioridade, eu procurei uma pessoa de fora da comunidade.*

Líria. ***Eu encontrei** mecanismos para lidar com isso depois, com o tempo. E me fortaleci também para reagir a esse assédio (Sexual). **Eu lido com ele com apoio mesmo, com terapia [...]** eu busquei essa ajuda porque eu estava sentindo que estava performática demais e aí me deu um medo de perder também a minha espontaneidade, que eu tanto preservo e perder também principalmente essa liberdade de poder, às vezes, também, em espaços tão institucionalizados e poder dizer coisas ousadas, ou poder também pensar alto [...]. **Eu busquei apoio fora**, em gente, eu enfrentei o assediador, e eu acabei vivendo um autocuidado muito solitário e com as amigas, com uma rede de amigas, com apoio; **mas não na comunidade**, porque nisto eu já percebi que rapidamente eu seria julgada como a pessoa responsável pelo assédio. Que eu não seria defendida [...]. Aí eu olhei para a vida comunitária com muito mais suspeita em termos de apoio. Fui muito mais observadora das reações das pessoas em casos de violência, de assédio, e ali, eu também sendo muito posicionada nesses momentos, mas, um cuidado para mim, eu não me permiti. Eu não me permiti.*

Mimosa. ***Eu procurei recursos, procurei ajuda nesse sentido**, (para tratar o problema do convívio social) mas, eu olhando para isso, agora [...] o*

convívio [...] descontraído, sem amarras, sem ficar se vigiando o tempo todo, esse convívio social está sendo para mim a coisa mais complicada [...]. No processo anterior ao divórcio, **eu pedi ajuda a um colega** e essa ajuda foi até certo momento; depois ele não continuou. Quando eu falei: eu vou me divorciar mesmo, ele parou o acompanhamento, como se o acompanhamento que ele vinha fazendo não fosse salutar, porque não conseguiu me convencer a me manter dentro do casamento. Então ele se afastou.

Tulipa. [...]. **Eu nunca entrei numa crise assim tão grande ou tão profunda que eu de repente dissesse: olha, eu preciso procurar uma ajuda.** No máximo, às vezes, comentar com alguém, com uma pessoa de confiança, compartilhar esse sentimento, mas, **nunca assim de uma forma tão profunda.** Também nunca fui assediada de uma forma que eu me sentisse violentada [...]. **Sempre consegui contornar essas situações e superá-las sozinha. Até onde isso faz bem ou não, eu não sei, mais sempre consegui esse equilíbrio.**

Zínia. Eu tenho **um amigo que fez teologia** [...]. Aí, ele é psicólogo e eu falei assim: você poderia me explicar, porque que uma mulher que vai fazer 50 anos, ainda tem tantas coisas que não consegue harmonizar na sua vida? (Risos). Eu já não deveria ter aprendido a lidar com os meus conflitos pessoais? [...]. Eu me sinto assim, muito ansiosa muitas vezes. Aí ele perguntou para mim assim: de um a dez, quanto que você acha que tem controle sobre sua vida? [...]. Aí, eu falei [...] de um a dez? Sete! [...]. Aí ele diz [...] de um a dez, a gente não tem nenhum, nem 10% de controle sobre a situação da nossa vida [...]. Quer dizer, aí ele me “desnudou”, né (Risos). [...]. A gente acha que a gente é muito forte, que a gente supera tudo, que a gente enfrenta tudo; mas não é assim. Isso mexeu muito comigo. A gente não tem o controle, né?

Glicínia. Sim, mas muito pouco. Conversando assim não de forma sistematizada, mas, assim, de forma informal mesmo. **Eu procurei essa ajuda,** foi importante. Foi muito bom, **eu procurei** também partilhar; **eu fiz contato** com pessoas que também passaram por esse mesmo processo [...]; então nesse sentido foi bem bacana. [...]. Quando eu precisei, eu busquei então noutros espaços.

Olhando para estes depoimentos, constatasse, que a grande maioria, por iniciativa própria, procurou, foi em busca, pediu ajuda; mas, fora do seu entorno comunitário. Isto torna realidade a suspeita de Hoch expressa ainda em 2009 quando em um dos seus escritos diz:

É importante que deixemos de ser ingênuos e nos tornar mais sensíveis para aprender a decifrar o que as pessoas que sofrem nos querem dizer nas entrelinhas das suas palavras. Sob o risco de que, se não o fizermos, irá a crescer ainda mais o número de pessoas de nossas próprias igrejas/comunidades que buscam auxílio e orientação fora da igreja, junto a outros profissionais de ajuda.⁵⁰⁹

⁵⁰⁹ HOCH, Carlos Hoch. **Referências ético-teológicas para o Aconselhamento Pastoral na América Latina.** Palestra proferida, na Conferencia Carnahan, no ISEDET. Buenos Aires-Argentina, em outubro de 2009.

E foi isto mesmo o que aconteceu. Mesmo que algumas dessas circunstâncias eram conhecidas, não só pela liderança, mas também, por pessoas das comunidades, elas não foram consideradas nem percebidas. Isto, permite afirmar, pelo menos na maioria destes casos, que, a iniciativa por, ou para a atenção/ajuda destas situações, não veio nem da liderança, nem das pessoas que “estavam por perto”. A maioria expressa que a ajuda que precisavam, foi procurada fora da comunidade o que, de certa forma, deixa muito a desejar em relação a responsabilidade das comunidades e das lideranças em relação a atenção de uns para com os outros e as outras.

Nos depoimentos também foi notado que a procura pela solução surgiu do que corriqueiramente pode ser chamado de “instinto de sobrevivência”, porém, aqui se decide denominar como “desejo motivador” por considerar-se que não foi só um “impulso”, e sim, uma “ação consciente”, uma “vontade profunda” que as impulsionou, que as motivou a procurar aquilo que estava faltando para continuar. Assim foram expressos esses “desejos motivadores”.

Glicínia. Então, se eu não tenho uma **força interior** para conseguir caminhar na superação dessa situação, eu estou perdida, sinceramente.

Tulipa. É muito bom quando a gente sente que tem também homens que expressam e falam e se manifestam e até em situações nas que nós de repente nem precisamos falar nada, mas tem um colega homem que fala, que intervêm, e que se manifesta em nosso lugar; e não por uma questão forçada; mas que a gente sente realmente no coração que ele está convicto de que não se discrimina mulheres ou outras pessoas.⁵¹⁰

Mimosa. Então assim, eu trago nos últimos dois anos um pouquinho desse sofrimento de que eu amo o que eu faço, sempre gostei, mas..., eu fiquei tão cansada emocionalmente e psicologicamente por todas as demandas que eu fui passando que, eu, agora, (exalação de impotência) eu **gostaria muito de resgatar esse brilho no olhar de novo. Eu gostaria muito de sentir a leveza do ministério.** Então, **essa alegria** eu vejo que **é uma coisa [...] que eu estou buscando ela de volta, eu quero voltar. Esse desgaste eu quero superar,** eu quero poder, os próximos anos que eu tenho de ministério pela frente ainda, com todas as coisas boas e ruins que ele tiver, mais, **eu quero que me seja agradável.** Então **isso para mim é uma busca.**

Líria. Eu acho que ainda não estou nas estatísticas das mulheres que desistiram desiludidas. Eu estou conseguindo permanecer. E isso também tem uma razão; **eu acho que nós sempre estamos tentando nos encaixar,** né, eu acho que **eu faço um esforço para me encaixar na igreja, para ser reconhecida, respeitada.** Não numa perspectiva narcísica, mas numa

⁵¹⁰ A Tulipa no seu depoimento expressa que, desde seu ponto de vista, desde sua experiência, “ela não sofreu *situações difíceis de mais* para ela, ao ponto de ter que solicitar ou procurar ajuda” mesmo assim, sua contribuição se considera valiosa.

perspectiva de trabalhar, de ter direitos equivalentes, iguais. Mas a ajuda está sempre cortada pela instituição que não avança.

Zínia. Às vezes eu dou uma recuadinha; mas depois, eu venho com uma estratégia. ***Eu preciso sobreviver. E para eu sobreviver e me sentir plena, eu não desisto.***

Amor perfeito. Sim, eu fui a buscar ajuda com um pastor. [...] Um pouco já ***talvez por aquele sentimento de inferioridade***, eu procurei uma pessoa de fora da comunidade, [...] Muitas vezes era bem difícil, no momento que eu decidi andar sozinha, mas a gente vai aprendendo a enfrentar as situações, ***eu sou alguém assim, que eu enfrento as situações; eu não fujo delas. Então esse é meu jeito de ser, meu temperamento*** também, penso que me ajudou muito.

Em cada experiência este “desejo motivador” recebe um nome; chame-se “força interior”, “resgate”, “desejo de sentir”, “desejo de superação”, “desejo de encaixar”, “reconhecimento”, “busca pelo respeito”, “sobrevivência”, “desejo de plenitude”, “persistência”, “temperamento”, “jeito de ser” ou “temperamento”. O nome é o de menos. O importante aqui é reconhecer que ouve algo, que há algo, além ou aquém, que num momento dado, serviu ou serve de motivação para a busca por superação das suas dificuldades.

Estes depoimentos fazem lembrar as palavras de Caio Fabio, mencionadas por Oliveira quando fala sobre o resultado do desrespeito, da falta de atenção para com o cuidado da dimensão humana. Ela escreve que quando há desrespeito há cansaço, esgotamento e perda da alegria de servir, pelo simples privilégio de servir.⁵¹¹ Mimosa perdeu a alegria e está à procura de reencontrá-la de novo e o que Caio chama de esgotamento, ela o denomina desgaste, fruto da falta de atenção e dos efeitos da mesma crise.

3.3.5 De onde veio o “auxílio”? Os aportes do entorno

Na procura pela melhor forma de enfrentar os problemas muitas vezes as pessoas ficam se perguntando, e agora? O que é que eu posso fazer? A quem vou pedir ajudar? Ou, como o salmista se questionam, de onde virá o meu socorro? Fazendo uma analogia, a pergunta 4 indagou precisamente sobre este assunto: de donde veio ou vêm à ajuda e em que consistiu ou consiste? As respostas são

⁵¹¹ OLIVEIRA, 2012, p. 73.

igualmente reveladoras. Nestes casos, elas encontraram ajuda, sim, mas, onde? E, de quem? Isto é o que elas compartilham:

Tulipa. Talvez nos últimos anos..., houve uma época na nossa igreja em que a gente não se atrevia muito a reclamar dessas coisas, onde ainda nós mulheres estávamos numa situação de muita fragilidade, e ainda conquistando muitos espaços e acho que nos últimos anos isto tem mudado bastante, onde nós mulheres conseguimos um pouquinho mais, também **entre nós, procurar grupos de apoio, grupos de ajuda; para nós conversarmos, nós trocarmos ideias.**

Amor Perfeito. Um pastor de fora da comunidade. Ele me ajudou muito.

A palavra que ele dizia sempre era: “Eu vou estar contigo, até onde tu precisar”, e aquilo ali, me fortalecia muito. Então foi assim uma pessoa que eu sou a vida toda muito grata a ele; a esposa nem tanto, mas ele ajudou muito. Em oração também. Sempre que eu precisava, eu tinha liberdade de ligar, ligava para ele, e a gente orava junto e também em relação a aconselhamento, ele também aconselhava, porque num momento assim, a gente confunde os sentimentos, e ele me dava muitas orientações.

Líria. A busca por **ajuda profissional** acho que é muito importante. As **terapias...**, eu estou com 46 anos, eu as faço já faz 16 anos; com intensidades diferentes. Teve períodos em que eu fiz terapia dois anos, uma vez por semana; depois não continuei indo. Agora quando voltei para esta cidade eu fui fazer **psicanálise**. Gostei muito; estou gostando muito de fazer psicanálise [...] e também, faz mais ou menos um ano que eu comecei a fazer um **tratamento com medicação**, porque o trabalho ficou muito pesado, muito duro, muitos enfrentamentos [...] E uma outra coisa que sempre ajuda e ajudou muito nesses momentos são **amigas**, que são amizades longas de uma vida inteira, onde nós nos conhecemos e também outras rodas diferentes. Dentro da comunidade eu sempre fui muito cuidadosa. Talvez tenha perdido chances de me relacionar como pessoas que pudessem me oferecer ajuda. Eu desenvolvi relações afetivas com pessoas da comunidade sempre sendo a pastora, sendo sempre essa referência e sempre me protegendo muito. **Nunca consegui me colocar numa situação de pedir ajuda para algumas pessoas da comunidade. Não fiz isso. Nunca busquei**, mesmo quando as pessoas percebiam, ah Líria você está tão cansada ou tem falado desta forma. Essas falas foram falas de ajuda, mas eu não entrei..., eu não abracei essas oportunidades. Poderiam ter sido boas, mas eu não as abracei porque **eu fiquei com muito receio de que a comunidade não tem essa trajetória de cuidar**. Não consegue fazer isso muito bem e o fato também de ser uma mulher divorciada [...] agora, viver outras formas de cuidado coletivas, de grupo, com mulheres; isso eu vivi na comunidade onde trabalhei por 13 anos; foi superimportante e me ajudou em vários outros aspectos, no mínimo espaço onde eu me abri. Me ajudou, me ajudou bastante; mas não foi um espaço que eu considere assim, seguro.

Glicínia. [...] dentro da estrutura ministerial da IECLB a gente recebe cinco dias de luto e depois, tem que tocar a ficha, tem que tocar o trabalho; e nesses cinco dias [...] nem consegui descansar direito. Então, já teve que retornar aos cultos, ao sepultamento, a tantas atividades e eu senti assim, que tinha muita empatia por parte dos membros das comunidades da Paróquia e **houve uma solidariedade muito grande**, [...]. Veio sim **uma esposa do Sinodal** orar comigo, alguns **colegas vieram me visitar**, mas eu senti assim, que como viúva, você passa a ser uma coisa estranha. Um Estranho no ninho. As pessoas têm medo de se aproximar de você. [...]. Nos primeiros meses eu recebi a visita de alguns colegas, de algumas colegas e muitas pessoas da comunidade sem dúvida. Eram seis comunidades e todas

foram muito solidárias muito solícitas; em escutar, em ouvir, em chorar junto, iam lá em casa, na casa pastoral; [...] eu teria que fazer uma diferenciação; acho que sempre teve apoio como pessoa em si, como ministra, dentro do ministério. **Mas, aí eu faço uma diferença entre o processo de luto e ministra.** Eu acho que como ministra eu continuo tendo muito apoio, espaço; daí o pastor Sinodal ele sempre deu um apoio muito grande para mim, talvez, até se sensibilizando pela minha situação; mas [...] parece que existe uma preferência natural ou uma seleção natural com pessoas que tenham tido ou que irão passar pela mesma experiência e daí você pode chorar em conjunto as mesmas dores e buscar se esperançar por caminhos de vida, de nova vida, de um resgate daquilo que foi perdido de certa forma e de fazer essa reconstrução da vida a partir daquilo que precisa ser o novo; que precisa realmente ser novo.

Mimosa. No processo anterior ao divórcio, (recebi) ajuda (de) **um colega**, e essa ajuda foi até certo momento, depois ele não continuou. [...]. Quando decidi me divorciar, eu tive **um apoio da direção local**, eu tive um apoio **do presbitério** que na época eu fazia parte. E eu digo assim: tive apoio **por parte de alguns homens**, tive apoio **por parte de algumas mulheres**. Eu já na época (falando do processo de divórcio) tinha ajuda **de uma psicóloga**; eu permaneci com essa psicóloga ainda um tempo, depois eu parei. Retomei novamente, anos depois, a psicoterapia e agora, faz de novo praticamente dois anos que eu voltei à **psicoterapia** de novo. Sempre por situações um pouco diferentes, mas, que têm seu fio vermelho⁵¹². **Então, minha ajuda eu posso dizer que ela sempre foi profissional, foi uma profissional da psicologia que me ajudou.** (Semanalmente). Da minha **família** tive muito apoio. A minha **mãe** especialmente que me ajudou bastante nisso e minhas **irmãs**. Elas me apoiaram bastante nessa questão toda e **mulheres da comunidade** que já vinham desde que eu entrei no ministério me acompanhando, posso dizer que umas duas ou três, permanecem até hoje.

Zínia. Eu tenho amizades e as primeiras pessoas que eu pensei, assim, que me ajudam que me ouvem são **as boas amizades**, aquelas **amizades antigas**, de tempos de estudos; amizades com quem trabalhei, **que fizeram diferença na minha vida**. Não são muitas, mas eu tenho **dois amigos** com os que eu posso falar o que eu quero. E umas **quatro amigas**, que eu posso falar do trabalho e do emocional junto. Umas eu procuro num momento e outras eu procuro num outro momento. Mas assim, **as que mais me ajudam são essas amizades firmes, de troca, de ouvir e também de desabafar.** [...]. Elas são todas da área da igreja, mas que trabalham também assim como eu. [...] são pessoas que já me conhecem há muitos anos. Faz tempo. Sabem como eu sou diante das pessoas. **Aí, eu me sinto mais a vontade de ser eu mesma, de poder desabafar.** Olhe, aí eu posso falar para eles eu não estou bem, isto está uma m***! Eu estou passando por isto, estou sentindo isto; **de poder ser eu mesma.** E também ouço dessas pessoas. [...]. Eu já procurei noutros momentos, particular. Eu lembro que [...] eu procurei uma psicóloga. Eu tenho muitas amizades homens, **mais para falar lá de dentro, assim, eu tenho um grupo.** Eu faço parte de um grupo, **é eu e mais três mulheres.** [...] ali a gente desabafa mesmo, fala tudo, ajuda muito. [...] Ali a gente desenvolveu uma confiança. Eu tenho também **um irmão** [...] que é pastor também. [...] A gente tem uma relação muito bacana de irmão. [...]. Eu não encontrei (no lugar onde se encontra morando ao momento da entrevista) algum profissional que eu teria 100% de confiança de ir. [...] aqui eu não sinto que há assim, um profissional ou uma profissional que eu tenha confiança.

⁵¹² Ainda que não mencionado com exatidão, o processo de divórcio levou vários anos, nas quais a entrevistada recebeu diversos tipos de ajuda.

A ajuda chegou, sim. O socorro, constata-se que na maioria dos casos, veio de fora da comunidade, de amigos/as, de pastores de fora de suas comunidades e também, de profissionais da saúde mental, como por exemplo, o acompanhamento, a psicologia ou a psicoterapia. Isto reforça a suspeita de que, algumas não se sentiram à vontade, não sentiram a confiança para procurar ajuda dentro de suas comunidades e com suas lideranças. Expressões como: *“Um pastor de fora da comunidade. Ele me ajudou muito”*; *“Nunca consegui me colocar numa situação de pedir ajuda para algumas pessoas da comunidade. Não fiz isso. Nunca busquei”*; *“eu fiquei com muito receio de que a comunidade não tem essa trajetória de cuidar”* ou *“As boas amizades... que fizeram diferença na minha vida”*, podem ser consideradas como evidências deste fato.

Várias destas situações também são referidas por Edson Streck e Gunther Wehrmann, quando afirmam que:

A estrutura eclesial não permite que a maioria conheça seu Pastor Regional como o pastor que "está aí" para os pastores e para as comunidades. [...]. Quando têm necessidade de ter o seu pastor, dificilmente o encontra em tempo oportuno. Mesmo rodeado por pessoas, o(a) pastor(a) às vezes não consegue disfarçar sua solidão⁵¹³.

Parece uma contradição, mas a verdade é que a maioria delas, inicialmente, não receberam ajuda de parte das lideranças. Elas tiveram que procurar. Foram as mesmas mulheres, em meio as suas dificuldades, e dores, que tiveram que ***ir em busca de ajuda***. Não ouve um olhar sensível ou uma atitude acolhedora de parte da liderança eclesial que estivesse disposta a ***“ir”*** e ***“oferecer”*** ajuda. Nestes casos, portanto, o que se percebe, como mencionado antes, é o “desamparo” em que estas situações foram vivenciadas pela maioria das mulheres, nos casos aqui mencionados. Além disso, pode-se perceber, como em meio ao “desamparo eclesial” houve também a presença de pessoas amigas, familiares e profissionais, que foram fundamentais em vários destes casos.

O entendimento de Streck, neste sentido, é que pastores e pastoras (obreiros) dedicam a maioria do seu tempo à escuta dos conflitos e problemas dos membros das suas comunidades, porém, em muitos casos, eles não contam com a possibilidade de serem escutados por alguém. Ninguém que lhes escute sobre seus problemas e

⁵¹³ STRECK, WEHRMANN, 1988, p. 268.

dificuldades; pastoreiam outros e outras, e dificilmente são atendidos e atendidas em tempo oportuno.⁵¹⁴ Contudo, houve o caso em que o afastamento criado pela mesma situação de crise, até certo ponto, atrapalhou a procura por uma ajuda maior ou mais acertada, que contemplara a participação tanto da liderança, da comunidade ou até de amigos/as que pudessem brindar apoio (Mimosa).

Estes depoimentos também geram uma dúvida sobre se, na realidade, as comunidades não contam com mecanismos específicos de aconselhamento, para atender situações de crises entre suas ministras “não casadas”, ou foram elas as que não procuraram estas ajudas. O que sim ficou evidente é que não há confiança para com a liderança, ao ponto de recorrer a elas à procura de ajuda.

Em relação as ações concretas de ajuda que elas expressam ter recebido estão: Grupo de apoio (2), conversas, troca de ideias, ajuda profissional, terapias (2), psicanálise (2), aconselhamento, orientações, medicação, encontro com grupos de mulheres (3). Oração (2), visita de colegas (2), foi ouvida, chorar junto com pessoas que passaram pela mesma situação, Psicóloga (3), psicoterapia (semanalmente) (2), encontros com amigas de longa data e ter a oportunidade de desabafar (3). Todas e cada uma destas ações cumpriram um papel muito importante, mesmo assim, algumas mencionam que ficou faltando “algo”, e é precisamente disso do que fala o bloco seguinte.

3.3.6 Eficácia dos processos de ajuda

A eficácia sobre as metodologias usadas com estas mulheres é um assunto de vital importância para este trabalho, ao ponto que outro questionamento abordado na entrevista, esteve orientado à procura por informação sobre este aspecto, em especial, indagou sobre, se os processos ou mecanismos de ajuda recebidos, foram eficazes na abordagem das situações pelas quais estavam atravessando estas mulheres. As respostas para este questionamento, foram as seguintes:

Zinia. Eu acho que falta cuidado, mais cuidado. Eu não digo que não se tenta, porque eu acho que **tem coisas acontecendo, mas não está chegando nas feridas**. Talvez a igreja, tenha dificuldades para lidar com as nossas feridas; mas, nós teríamos que ir atrás também, procurar essa ajuda da igreja, essa parte nossa. **Mostrar que a gente quer ser ouvida**. Talvez seria isso.

⁵¹⁴ STRECK; WEHRMANN, 1988, p. 268.

Mimosa. No nível de psicoterapia, elas foram muito eficazes. Uma ajuda profissional, me ajudou muito.

Líria. A eficácia ela depende dos espaços onde estou depois da ajuda realizada; da sessão de terapia. ***Eu acho que é sempre uma ajuda muito parcial. Ela ajuda até um determinado momento; porque você volta para aquele mesmo lugar que te faz sofrer e aquele lugar não tem cura.*** Você não está voltando para um grupo que está num processo de cuidado, de transformação; que está aberto a te ouvir.

Amor Perfeito. Olha eu creio que ***serviu muito no período que eu buscava essa ajuda.*** Teve um momento assim, que eu percebi, eu entendi assim, olhe, você precisa andar com as suas próprias pernas; eu entendi isso.

Glicínia. Então, a partir desse meu olhar, eu penso o quanto ***seria legal também a pessoa, a ministra ou ministro, dentro da sua área de trabalho, receber um suporte que seja alguém dentro da área psicopastoral ou do pastor Sinodal;*** mas ele está envolvido com tarefas administrativas até não poder mais, com o tempo tudo absorvido por outras questões; mas ***seria muito importante ter outra pessoa que dá uma atenção especialmente voltada para as pessoas que estão sozinhas.***

Nos casos das colombianas não é muito diferente. Neles se encontraram expressões tão similares, (por exemplo, entre os relatos da Dália e Orquídea) que parecem terem sido copiados um do outro. Para elas a sensação é que nem sequer existem espaços para serem ouvidas.

Dália. [...], mas, mulheres divorciadas e separadas acredito que ***não tem sido um trabalho que nossa igreja se tenha sentado para analisar ou acompanhar a estas mulheres que tanto precisam [...] isso é algo que acho que nas nossas comunidades faz falta.***

Orquídea. Depois de determinada idade [...] divorciadas ou separadas [...] ***não temos espaço nas comunidades [...] não há espaços onde se diga, acompanhemo-las, ajudemo-las, façamos algo para elas*** [então ficamos ali [...] como que não cabemos em nenhum lugar [...].

As repostas mostram que, para algumas, as opções de ajuda procurada foram eficazes, por exemplo, para Mimosa, a ajuda que procurou trouxe luz para a tomada definitiva da decisão de se divorciar; para Amor Perfeito, a ajuda serviu para lhe ajudar até que ela conseguiu entender, que era hora de caminhar sozinha. No entanto, a ajuda recebida de parte das amigas, até o momento, parece ser uma das que melhores resultados têm mostrado, nestes casos, no sentido de ter sido o “espaço” e a “relação” de confiança criada, a que permitiu que as mulheres fossem “elas mesmas”, e onde elas realmente tiveram a possibilidade de se abrir, mesmo que de forma parcial, como expressado pela Líria e insinuado pela Zínia.

Porém, mesmo considerando que para ela a ajuda num sentido foi boa, mesmo assim, Mimosa, deixa a entender que o resultado não foi eficaz e poderia ter sido melhor, se a ajuda tivesse evitado seu divórcio; depois de várias tentativas por conservar seu casamento. Pelo menos é assim como podem ser entendidas suas palavras:

Mimosa. (O divórcio) vêm muito tempo depois. Depois de terapia, depois de monte de ajuda, eu decidi pelo divórcio [...]. Quando eu falei: eu vou me divorciar mesmo, ele parou o acompanhamento, como se o acompanhamento que ele vinha fazendo não fosse salutar, *porque não conseguiu me convencer a me manter dentro do casamento.* [...] eu já na época tinha ajuda de uma psicóloga; eu permaneci com essa psicóloga ainda um tempo, depois eu parei; retomei novamente anos depois a psicoterapia e agora, faz de novo praticamente dois anos que eu voltei à psicoterapia de novo; sempre por situações um pouco diferentes, mas que têm seu fio vermelho. **Na primeira vez foi na questão de tentar resgatar a minha relação, de tentar resgatar meu casamento;** mas a própria psicoterapeuta na época me disse: olha, só você está se colocando com disposição de resolver as coisas que não estão bem, mas o seu esposo não, então, está difícil de fazer esta terapia como casal e aí, como ele não queria também trabalhar as coisas que eram erradas, que também ele precisava enfrentar aquilo que ele não estava fazendo de legal, eu acabei me divorciando.

No caso da Líria, ela considera que a ajuda é limitada, pois não atinge outros espaços que poderiam contribuir para melhores resultados, porque esta não contempla a atenção ao ambiente psicossocial na qual a pessoa está inserida; o que significa que a pessoa torna ao ambiente doentio que causa a própria crise. Já a Zínia, considera que ainda que há ajudas, esta ainda “não chega nas feridas” de quem precisa.

Um dos aspectos, relevantes neste capítulo revela que as mulheres “não casadas” que exercem ministérios ou cargos de liderança em comunidades e espaços eclesiais, experimentam um profundo sentimento de “desamparo” por parte da liderança de suas comunidades; não sentem confiança em seus pastores ou pastoras; conselheiros e conselheiras, e preferem buscar ajuda para seus problemas e crises em outras pessoas; o que, por sua vez, motiva a pensar sobre a qualidade de relacionamentos desenvolvidos nas comunidades e o papel que estas desempenham como comunidades de amor.

É possível perceber uma “subdivisão” das pessoas envolvidas, em dois grupos. O primeiro representando as pessoas que “sabem, orientam, dirigem, conhecem e guiam” e um segundo grupo; representado por aquelas pessoas que “não sabem, desconhecem, obedecem ou seguem as “ordens, conselhos ou orientações”

do primeiro grupo. Como diz Oliveira, isto pode provocar uma espécie de ambiguidade produto da cercania/distanciamento, que por vezes está presente na sociedade terapêutica.⁵¹⁵

O abordado até este momento revela apenas parte da ponta visível do *iceberg* que dia a dia parece aumentar. Contudo, acredita-se que ainda é possível continuar trabalhando e contribuindo para melhorar a confiança, o tipo de interações que se pode estabelecer entre quem sofre a crise e quem auxilia, a través da utilização de metodologias “adequadas”⁵¹⁶ no processo de enfrentamento das situações de crises.

No próximo capítulo, um dos objetivos principais tem a ver com investigar o tipo de ajuda que mais se ajuste ao que este grupo precisa e, do qual, algumas das mulheres falaram nos seus depoimentos. Este parece que continua sendo o tema de fundo que permanece sem solução e que está em concordância, entre outras coisas, com uma nova forma de relacionamento⁵¹⁷, onde aspectos como a confiança e a empatia além de envolvimento e presença corporificada, entre outras, cumprem uma função decisiva.

⁵¹⁵ OLIVEIRA, 2012, p. 57; SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011. p. 256.

⁵¹⁶ Esta observação se faz, considerando que assim como se apresenta confusão ou discriminação com alguns termos, pode-se também apresentar confusão na metodologia utilizada e nos objetivos perseguidos, distorcendo completamente o processo. CLINEBELL, 2007, p. 17-18; COLLINS, 2004 p. 17. Os autores alertam sobre a possibilidade de este acontecimento.

⁵¹⁷ SCHIPANI, Daniel S. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 100.

4 IMPORTANCIA DO ACOMPANHAMENTO NA VIDA MINISTERIAL DAS MULHERES “NÃO CASADAS”

Fazendo um breve resumo, o segundo capítulo desta tese nos permitiu conhecer um pouco sobre as experiências cotidianas das mulheres “não casadas” nos contextos sociais e eclesiais atuais em espaços de liderança em relação com o processo da crise e como elas incidiram nas suas vidas, assim como também, sobre o processo mesmo da crise e suas principais características. Partindo destas primeiras ponderações, o foco principal no capítulo três esteve orientado a descobrir e analisar os mecanismos de ajuda existentes, que permitiram o enfrentamento das situações de crises experimentadas por elas, constatando-se que, o mecanismo mais conhecido ou utilizado para enfrentar estas situações tem sido o aconselhamento. Porém, este era apresentado como sinônimo de outras diversas práticas, inclusive a do acompanhamento, fato que se considera controverso e que, precisamente, serve de pano de fundo para refletir, esclarecer e apresentar algumas das características que sustentam as particularidades dessas práticas. Esta reflexão também permitiu conhecer algumas experiências das mulheres em relação com esses processos de enfrentamento, mas, mesmo existindo essas diversas opções e práticas de enfrentar as crises, algumas delas continuam vivenciando suas experiências difíceis em solidão, se sentindo sós, não pertencentes, desacompanhadas, anelando por um acompanhamento.

Na abordagem feita no capítulo anterior sobre o termo aconselhar, se percebeu que a palavra *acompanhar* apareceu como uma das possíveis formas de interpretação, junto com outros termos; mas, a pergunta é: é possível entender o termo acompanhar / acompanhamento no mesmo sentido que o termo aconselhar / aconselhamento? Bom, até onde se conseguiu trabalhar, isso não foi possível; assim que, é disso do que este capítulo vai se ocupar, além de descobrir quais ferramentas podem fazer do acompanhamento um labor que atenda de forma mais adequada as necessidades do grupo ao qual está dirigida esta pesquisa; quais seriam suas características, suas particularidades e como este afetaria suas vidas e o seus entornos, de forma que possa servir de parâmetro para melhorar o trabalho que se realiza nas comunidades neste sentido. Antes de continuar, se apresenta o

testemunho de Mimosa, quem expressa sua posição frente ao aconselhamento como opção para a atenção da sua necessidade particular.

Mimosa. Não, aconselhamento não. É um estar junto. Eu penso assim, quando nós o ser humano se encontra na situação que eu me encontro agora, eu não preciso de conselho, eu preciso de ouvidos. Eu gosto muito quando Ruben Alves lançou aquele livro que fala muito da questão de que deveria existir uma faculdade de escutatoria. As pessoas deveriam aprender a escutar. Então, eu sinto falta de ter alguém para me escutar, não para me aconselhar, não para dizer o que eu tenho que fazer. [...]. **Então eu gostaria de ter um acompanhamento nesse sentido**, de eu poder chegar para alguém e dizer um palavrão, onde eu dizer que hoje isto não está legal, mas ter só esses ouvidos e não ter o retorno da pessoa dizendo: Ah, ignora isso e... **Não, para mim aconselhamento não** [...].

Este depoimento se considera esclarecedor, no sentido de apontar para o reconhecimento de situações que parecem “dispensar” o trabalho de aconselhamento, para dar passo a um trabalho diferenciado, ao parecer, mais humano? Mais sensível? Mais empático? Tentando entender o depoimento da Mimosa, este propõe um trabalho que, desde sua ótica, tem as características de um trabalho de acompanhamento. E quais são então essas características?

4.1 ACOMPANHAR E ACOMPANHAMENTO: ALGUMAS QUESTÕES ETIMOLÓGICAS ESCLARECEDORAS

Na análise de diversos materiais para esta pesquisa, tem-se constatado que para muitas mulheres “não casadas” envolvidas em trabalhos ministeriais é evidente, e por que não dizer, urgente, a necessidade de espaços de acompanhamento⁵¹⁸ e não de aconselhamento. “Porque queremos que outros nos acompanhem.” (Margarita). Acreditasse, então, que, assim como com o termo “aconselhar”, o termo “acompanhar” demanda um mergulho tanto na sua etimologia, quanto na sua hermenêutica, com o propósito de, não só esclarecer suas características, mas também, sua função e importância no trabalho ministerial das comunidades.

No entanto, antes de mergulhar nos detalhes sobre os termos acompanhar e acompanhamento, é pertinente apontar que estes termos, no idioma português, não são muito abordados na área da teologia pastoral e, na maioria dos casos em que foi encontrado, apontava para a área da música ou da saúde no ambiente hospitalar,

⁵¹⁸ Entendendo este como sendo algo diferente aos espaços e ao que tem se trabalhado até o momento sobre aconselhamento.

associado a pessoas com doenças crônicas em estado terminal, a profissionais que trabalham nesta área ou ainda, em relação a ação de cuidado com as pessoas que estão de luto.⁵¹⁹ Outro detalhe a considerar é que em vários dos trabalhos, mesmo estando catalogados sob o tema de acompanhamento e alguns deles conter a palavra incluída nos seus títulos principais, a ênfase do documento encontrado girava em torno de outras “palavras chaves” como aconselhamento, cuidado, gênero e Direitos Humanos (DDHH) entre outros.

Trabalhar na questão etimológica destas palavras/termos permitirá estabelecer certos esclarecimentos como por exemplo: ajudar a determinar suas características, apontar certas especificidades; apresentar/explorar algumas possibilidades que permitam melhorar o trabalho realizado com os diversos grupos nas comunidades eclesiais; neste caso específico com as mulheres “não casadas”. Esperasse também que este exercício permita esclarecer, ainda mais, as particularidades do trabalho do acompanhamento, reforçando o fato de que esta é uma atividade diferente do aconselhamento, da poimênica, da cura d’almas ou da psicoterapia; cumprindo, portanto, uma função específica na dinâmica de trabalho das comunidades e com as comunidades.

4.1.1 Significado da palavra ou termo acompanhar

O dicionário etimológico oferece duas opções para a palavra acompanhar e uma delas é “obséquio”, cuja origem vem do latim “*obsequium*”, que significa: fazer a vontade de outra pessoa.⁵²⁰ Entre os vários sentidos desta palavra se encontram: fazer um favor a alguém, tratar alguém com respeito e submissão, seguir alguém ou alguma coisa e submeter-se ou obedecer à vontade de outra pessoa. Todos esses sentidos dão a ideia de renunciar à própria vontade, para fazer, em primeiro lugar, a vontade de outra pessoa.⁵²¹

No mesmo dicionário se encontra que *obsequium* vem da raiz *obsequor*, que é a junção de duas palavras: uma é (*Ob*) preposição que significa “*diante de*”, “*por causa de*” ou “*por amor a*” alguém ou alguma coisa e a outra é (*Sequor*) que é um

⁵¹⁹ Neste sentido, ter em consideração o levantamento mencionado na introdução.

⁵²⁰ DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/obsequio/>
Acesso em: 18 abr. 2019.

⁵²¹ DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/obsequio/>
Acesso em: 18 abr. 2019.

verbo que significa seguir. Este termo também pode ter o sentido de obedecer ou *acompanhar* alguém ou deixar que a outra pessoa seja quem lidere; *algo feito por respeito ou admiração* a alguém, como por exemplo, fazer a vontade do patrão, que mais do que dever do empregado, era também um obséquio. Sendo assim, *obsequor* significa literalmente *seguir alguém que está adiante ou seguir alguém por amor*.⁵²²

A Enciclopédia e dicionário ilustrado Koogan/Houaiss e também o Dicionário online definem a palavra acompanhar como:

Verbo transitivo direto. Ir junto com; seguir, reconduzir: acompanhar uma visita até à porta. Fazer companhia: acompanhar os amigos. [Figurado]. Ouvir com muita atenção e entender perfeitamente o que lhe é dito: acompanhar uma explicação, raciocínio etc. [Música]. Seguir os cantores ou os instrumentos de uma música: acompanhar o cantor ao piano. Observar a marcha, a evolução, o desenvolvimento de; seguir: acompanhar uma tropa, um movimento artístico. Ser da mesma opinião que; concordar: acompanhar uma opinião. Participar dos mesmos sentimentos de alguém: acompanho sua angústia. [...] **Verbo pronominal.** Estar rodeado ou se cercar de; juntar-se: acompanhava-se de intelectuais.⁵²³ (Grifo nosso).

Em relação a esta palavra, o Dicionário da Língua Portuguesa On-line a descreve como um *verbo transitivo direto* que pode ter vários significados como: estar ou ficar com ou junto à (alguém), constantemente ou durante certo tempo; conviver ou compartilhar as mesmas situações com, ou ser companheiro/a de; e deslocar-se junto com, ou seguir na mesma direção.⁵²⁴ “Fazer companhia a; Seguir.” é a definição que se encontra na Pequena enciclopédia bíblica.⁵²⁵

Na internet, na página da gramatica.net, se encontra uma definição da palavra “acompanhar” como tendo a sua origem no latim “companio”, de *cum panis*, que significa companhia ou “aquele com quem se repartia o pão” (cum, “com”; panis, “pão”). Alguns dos usos da palavra representam algo ou alguém que está junto, vai na mesma direção, é companheiro ou tem o mesmo sentimento.⁵²⁶

⁵²² DICIONARIO ETIMOLOGICO. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/obsequio/> Acesso em: 18 abr. 2019.

⁵²³ HOUAISS, Antonio; KOOGAN, Abrahão. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Delta, 2000. p. 17; e também: DICIONARIO ONLINE DE PORTUGUES. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/acompanhar/>. Acesso em: 8 set. 2018.

⁵²⁴ DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/acompanhar> Acesso em: 17 jan. 2018.

⁵²⁵ BOYER, 2006, p. 25.

⁵²⁶ GRAMATICA.NET. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-acompanhar/> Acesso em: 9 jun. 2018.

4.1.2 Significado da palavra ou termo acompanhamento

A Enciclopédia e dicionário ilustrado Koogan/Houaiss define acompanhamento como “a ação de acompanhar; comitiva de pessoas que vão acompanhando alguém.”⁵²⁷ No Dicionário da Língua portuguesa online, encontra-se que a palavra “acompanhamento” pode ter vários sentidos (pedagógicos, culinários, aeronáuticos e musicais entre outros).⁵²⁸ Também pode ser definido como “a ação ou efeito de acompanhar ou acompanhar-se”, como o labor que realiza a pessoa ou grupo de pessoas que acompanha ou acompanham a outros ou outras, ato e resultado de acompanhar e como apoio ou sustém que alguém ou alguma/s pessoa/s brinda/m a outro/a ou outros/as.⁵²⁹ No dicionário Larousse acompanhamento vem do verbo acompanhar e significa, entre outros, estar ou ir à companhia de outro/a. Compartilhar (com outro/a) um afeto o um estado de ânimo⁵³⁰. Quando o verbo é acompanhado do sufixo “mento” indica resultado e ação⁵³¹.

No Dicionário Enciclopédico Online, em espanhol, a palavra “acompanhamento” se define como “a ação ou efeito de acompanhar ou acompanhar-se”. Ou também: pessoa ou grupo de pessoas que acompanha ou acompanham a outra ou outras. Ato e resultado de acompanhar.⁵³² (tradução nossa). O Dicionário de Sinônimos Online define acompanhamento como: 1. Companhia, comitiva, escolta, séquito, cortejo, procissão, préstito (No sentido de pessoas que acompanham outras); e 2. Assistência, orientação, apoio, supervisão, auditoria, ajuda, auxílio (No sentido de assistência dada por profissional).⁵³³

⁵²⁷ KOOGAN/HOUAISS, 2000, p. 17.

⁵²⁸ DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/acompanhamento>. Acesso em: 9 de maio de 2017.

⁵²⁹ DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/acompanhamento> Acesso em: 9 maio 2017.

⁵³⁰ DICCIONARIO ENCICLOPÉDICO LAROUSSE. Editorial, S.L. Vox 1. 2009. Disponível em <http://es.thefreedictionary.com/acompa%C3%B1ar>. Acesso em: 9 de maio de 2017.

⁵³¹ Definição de acompanhamento disponível em: <https://definiciona.com/acompanamiento/> Acesso em: 9 maio 2017.

⁵³² DICCIONARIO ENCICLOPÉDICO ONLINE: *La acción o efecto de acompañar o acompañarse. Persona o grupo de personas que acompaña o acompañan a otra u otras. Es el acto y el resultado de acompañar.* Disponível em: <http://es.thefreedictionary.com/acompa%C3%B1amiento>; e em: <http://www.diccionarios.com/diccionarioenciclopedico/detalle?palabra=acompa%C3%B1ar&Buscar.x=0&Buscar.y=0&Buscar=submit> Acesso em: 9 maio 2017.

⁵³³ DICIONARIO DE SINÓNIMOS ONLINE. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/acompanhamento/>. Acesso em: 9 mar. 2018.

María Rupérez Martínez menciona que a palavra acompanhamento compartilha a mesma raiz etimológica de companheiro (*com-panio*) e acrescenta que o prefixo “com” quer dizer “ao mesmo tempo em que” e “panio” significa pão. Portanto, companheiro alude ao encontro de duas ou mais pessoas que juntas compartilham o pão. Sendo assim, na compreensão da autora “companheiro é aquele com quem se comparte habitualmente o pão, e se se comparte o pão, se comparte a vida, a conversa, os desafios e os projetos.”⁵³⁴ (Tradução nossa). Isto lembra as dinâmicas do caminhar de Jesus com os seus discípulos.

Pelo que pode ser percebido até o momento, suspeitasse que é no sentido de assistência, orientação, apoio, supervisão, auditoria, ajuda, auxílio⁵³⁵ que o termo acompanhamento tende a ser visto maioritariamente, na área da teologia pastoral, quando relacionado com o termo aconselhar, que, desde sua etimologia, deixa perceber uma certa “estrutura” hierárquica, de “poder”, (fruto do processo de hierarquização de igreja nos séculos II e III)⁵³⁶ onde há alguém “superior”, que dá conselhos, que orienta, que sabe, que manda, que dirige; e alguém “inferior”, que ouve conselhos, é orientado ou orientada, que não sabe, que obedece, que segue as regras⁵³⁷; esquecendo a riqueza que se percebe por trás da totalidade da significância mesma do termo acompanhamento.

Como é possível perceber, as anteriores definições do termo acompanhamento dão a possibilidade de inúmeras interpretações dependendo do contexto no qual seja utilizado ou se encontre inserido. Na área da Teologia Pastoral, por exemplo, isto torna-se um tanto complexo, dado que, como poderá ser observado mais adiante, igual que o termo aconselhamento, este também é utilizado indistintamente por alguns pesquisadores e algumas pesquisadoras, estudiosos e estudiosas, como sinônimo ou para se referir às ações de cuidar (cuidado), aconselhar

⁵³⁴ MARTÍNEZ, Rupérez María. **El arte de acompañar/nos**: procesos y metodología. Madrid: Caritas Española Editores, 2013. p. 15. “*Por tanto, compañero es aquel con el que compartes habitualmente el pan, y si compartes el pan, compartes la vida, la conversación, los desafíos, los proyectos.*”; GRAMATICA.NET. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-acompanhar/>. Acesso em: 9 jun. 2018.

⁵³⁵ DICCIONARIO DE SINÓNIMOS ONLINE. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/acompanhamento/>. Acesso em: 9 mar. 2018.

⁵³⁶ AVILA, Blanco Antonio. **Acompañamiento Pastoral**. Madrid: PPC Editorial y Distribuidora, S.A. 2018. p. 29-30

⁵³⁷ Esta seria uma das interpretações das definições do termo aconselhar de acordo com o trabalho no segmento 3.1.1 do capítulo anterior, em relação com o apresentado nos pontos 4.1.1 e 4.1.2 deste capítulo.

(aconselhamento), ou ainda, para se referir à poimênica (cuidado da comunidade) entre outros.⁵³⁸

Constata-se com o exposto até aqui, que as palavras ou termos acompanhar e/ou acompanhamento apresentam conotações notadamente diferentes às que foram encontradas em relação as palavras e/ou termos aconselhar e aconselhamento; algumas das quais, simplesmente, não dão lugar a serem consideradas como sinônimas ou a serem usadas de forma superposta, dada sua diferencia de sentido. Situação diferente apresentasse em casos onde no processo de acompanhamento, se apresentem “momentos” ou “situações” particulares que precisem de aconselhamento ou vice-versa, o que em hipótese alguma coloca as duas ações como sendo a mesma coisa.

4.1.3 Um exemplo da cotidianidade: Conhecendo sobre as comunidades de “malungos” no Brasil

Seguindo a linha que sugere Martinez e concebendo o acompanhamento na cosmovisão daqueles que vão em companhia de, dos que compartilham o pão e a vida, a seguir apresenta-se o termo “Malungo/Malungu”, próprio de algumas línguas africanas que migraram para o Brasil na época da escravidão, pois considera-se que ele pode fornecer elementos que contribuam para a reflexão sobre o processo de acompanhamento da qual este capítulo se ocupa.

Um dos documentos que sustenta a informação é o "Sumário contra os pretos de Angola do continente de Pernambuco", de 1779⁵³⁹. No século XVIII, escravos de diversas origens eram embarcados no porto de Luanda. No sumário, de acordo com Aldair Rodrigues, se percebe que a comunidade estava formada por pessoas que além do trauma da diáspora, também compartilhavam, elementos de um complexo

⁵³⁸ ÁVILA, 2018., p. 11-52; GAEDE, Neto Rodolfo. Banquetes de vida: A diaconia nas comunhões de mesa de Jesus *In: Estudos Teológicos*, São Leopoldo v. 50 n. 2 p. 306-318 jul./dez. 2010; SCHIPANI, Daniel. **Manual de Psicologia Pastoral: Fundamentos y Principios de Acompañamiento**, Seminário Evangélico de Teologia, Cuba, 2016.

⁵³⁹ RODRIGUES, Aldair. Malungos e parentes: "sumário contra os pretos de Angola do continente de Pernambuco" (1779). *In: Sankofa*, Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano XII, NºXXII, maio/2019. O sumario se encontra na integra no final do documento e está composto por várias denúncias com bastas informações sobre práticas da cultura, da identidade, da sociedade e religião da comunidade formada em Pernambuco pelos angolanos vindos da África. O Sumário também oferece evidências subjacentes sobre as dinâmicas à emergência do vocábulo "Malungo" no léxico do português brasileiro do século XVIII.

cultural centro-africano em comum. O vocábulo “Malungo”. Este compunha o ponto de codificação dos elos entre os membros daquela comunidade.⁵⁴⁰

Outro termo aparece no documento de forma sobreposta, como se fosse quase sinônimo: parente. Só que em concordância com as análises dos estudiosos João Reis (século XIX) e, Aparecida Quintão, (século XVIII), este termo tinha o significado de “parente de nação”, expressando a relação entre pessoas da mesma origem étnica, especialmente nos contextos das irmandades católicas negras; enquanto malungo tendia a expressar não apenas a relação entre africanos da mesma origem, mas também, os vínculos entre companheiros de um mesmo barco.⁵⁴¹

Mais do que apenas companheiros de barco, a palavra estava relacionada a um conjunto mais amplo de práticas sociais, religiosas e culturais de povos que compartilhavam um fundo cultural cujos aspectos comuns emergiram na diáspora, sobrepondo-se aos contrastes que eram salientes no continente africano. [...] reforça a importância da densidade dos laços [...] Mais do que uma questão linguística, a experiência comunitária após a travessia [...]⁵⁴²

Neste mesmo sentido o professor, pesquisador Rodolfo Gaede Neto utiliza o termo “malungo” para ressaltar uma das fortalezas culturais das comunidades africanas, na conservação da sua cultura, frente as situações de extrema violência sofrida ao serem desarraigados de suas terras de origem e trazidos ao Brasil como escravos e escravas.⁵⁴³ O ponto central para o professor é a questão da partilha do pão em comunidade, onde uns aos outros se consideravam como companheiros de infortúnio. O termo aqui serve para ilustrar com clareza um dos mecanismos de sobrevivência as políticas de discriminação social, cultural e religiosa existente na época, mas também, no decorrer do texto, pode ser percebida como aquela que ajudava a superar as situações de sofrimento experimentadas; isto fazia com que o termo cobrara relevância em momentos de partilha, pois, “certamente, a alegria vivenciada numa festa de largo fortalece o sentimento de pertença a uma coletividade, com a qual o indivíduo compartilha a mesma realidade e se apega à mesma esperança.”⁵⁴⁴

⁵⁴⁰ RODRIGUES, 2019, P. 71

⁵⁴¹ RODRIGUES, 2019, P. 73

⁵⁴² RODRIGUES, 2019, P. 77-78

⁵⁴³ GAEDE NETO, Rodolfo. **Diaconia no contexto afro-brasileiro**: um estudo baseado nas comunhões de mesa de Jesus. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2014. p. 31-116

⁵⁴⁴ GAEDE, 2014, p. 100

Robert W. Slenes aponta que nas pesquisas sobre o termo há várias “incoerências”⁵⁴⁵, e afirma que, alguns o usavam para designar um “companheiro/a, patrício (compatriota, da mesma região), que veio no mesmo comboio” ou como, “parceiro/a da mesma laia, camarada, parente” ou ainda, “[...] *mu-alungu*, no barco, no navio”. Não havia uma etimologia à qual pudesse ser atribuída a origem da palavra⁵⁴⁶; contudo, continua a afirmar que, há uma proposta que situa sua origem no ano de 1933, como vinda “do locativo congouês [kikongo] *m’alungu*”, contração de “*mu-alungu*, no barco, no navio” e outra mais recente, que identificou o vocábulo kimbundu *malunga* (*sic*), como “companheiros, camaradas”. Mesmo assim, considera que, por ambas as explicações serem ainda consideradas incompletas ou erradas, teriam que ser reformuladas.⁵⁴⁷ Sendo assim, “malungo” seria derivado de *mu* + *lungu*, significando “na canoa”, em kimbundu e kikongo; ou viria do vocábulo *malungu*, significando “companheiros” nas línguas, kimbundu e umbundu. [...] em umbundu frequentemente tem o significado, não simplesmente de “companheiros”, mas de “companheiros do sofrimento”.⁵⁴⁸

A história de “malungo” engloba o processo indenitário de diversos grupos e diversas línguas bantu provindos da África que começam a se descobrir como “irmãos”; daí que: “*Malungo*” significava não apenas “barco”, ou “camarada de embarcação”, mas “companheiro de travessia da vida para a morte (branca)”, e “possível companheiro da viagem de volta para o mundo (preto) dos vivos”.⁵⁴⁹

Mesmo tendo-nos detido para analisar algumas questões mais etimológicas e culturais relacionadas com o termo, é interessante perceber sim um elo significativamente forte, considerando algumas questões que poderiam ser avaliadas como relevantes, por exemplo: as experiências de sofrimento nas quais se apresentam estas expressões de acompanhamento ou, nas quais se é companheiro ou companheira de viagem, de caminho ou de vida de algum outro, alguma outra.⁵⁵⁰

⁵⁴⁵ SLENES, W Roberto. *Malungu, ngoma vem!* África coberta e descoberta no Brasil. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1_-_slenes_malungu2001_pag_normal_-_19.04.18_0.pdf. p. 5. Acesso em 10 maio 2020.

⁵⁴⁶ SLENES. p. 5.

⁵⁴⁷ SLENES. p. 8.

⁵⁴⁸ SLENES, p. 6.

⁵⁴⁹ SLENES, p. 8.

⁵⁵⁰ Mesmo que nestas experiências do malungo não se tenha mencionado o aspecto religioso, este também esteve presente, só que por não fazer parte do objetivo de trabalho e por ter características marcadamente diferentes, se opto por não aprofundar no tema.

Nesta curta explanação pode ser constatado que as experiências do “malungo” incluíram experiências de maus tratos e dor, crises de identidade, etc., situações que oportunizaram o “estar junto”, o “compartilhar”, se “identificar”, “sentir empatia” pela situação difícil de quem estava ao lado; termos estes relacionados com algumas das definições ou significados de acompanhar ou acompanhamento mencionados anteriormente (estar ou ficar com ou junto à..., conviver ou compartilhar as mesmas situações com..., companhia ou aquele/a com quem se repartia o pão, alguém que está junto, alguém que é companheiro/a ou tem o mesmo sentimento; estar ou ir à companhia de outro/a; compartilhar ‘com outro/a’ um afeto o um estado de ânimo) entre outros. Do texto de Gaede poderia se dizer, de forma resumida, que, mesmo que o povo afro-brasileiro tenha experimentado situações de exclusão extremas, suas iniciativas de organização comunitária e de solidariedade, com vistas à garantia do pão de cada dia e de uma vida minimamente digna, tiveram como base fundamental o conceito de acompanhamento, solidariedade, companheirismo ou “malungo” internalizado profundamente nas suas raízes e experiências de vida, culturais e religiosas, agindo como um importante fortalecedor e transformador das situações de opressão a nível comunitário e social.⁵⁵¹

4.1.4 Importância de espaços e/ou mecanismos de acompanhamento específicos para mulheres “não casadas” nas comunidades

Voltando de novo o olhar para as experiências das mulheres, e antes de explorar algumas “figuras” ou “compreensões” que permitam entender melhor a prática do acompanhamento, se apresentam algumas falas das entrevistadas, onde é possível perceber a importância destes espaços e/ou mecanismos de ajuda específicos para mulheres “não casadas” nas comunidades. Estas falas foram auxiliadas por duas perguntas orientadas neste sentido. A primeira delas e, sobre a qual gira a reflexão deste bloco é: Considera importante/relevante que haja mecanismos de ajuda específicos para mulheres solteiras envolvidas em ministérios e/ou cargos de liderança? Quais e por quê? Se esclarece aqui que ainda que a pergunta pareça uma indução a dizer o que a pesquisadora quer ouvir, o que realmente deve captar a atenção do leitor e a leitora, são as justificativas que elas

⁵⁵¹ GAEDE, 2014, p. 31-116.

expõem; porque o fato que elas afirmem que são importantes, não necessariamente implica que estes espaços existam. Na justificativa do porquê são importantes, pode ser realmente percebido que estes não existem e o que estes representariam ou aportariam a sua experiência de vida. A outra pergunta esteve orientada a escutar, se desde suas experiências tinham alguma sugestão a respeito do trabalho com as mulheres solteiras na comunidade e/ou ministério? Parte da intencionalidade com esta segunda pergunta foi, além de conhecer um pouco mais das suas experiências, escutar um pouco sobre suas expectativas, nas quais se poderiam encontrar elementos que ajudassem a continuar refletindo no trabalho prático e de pesquisa futura futuro. Os depoimentos sobre esta segunda pergunta serão apresentados mais adiante, por enquanto, a seguir, se apresentam alguns dos aportes em relação a primeira pergunta sobre a importância de espaços e mecanismos de ajuda específicos e suas justificativas.

Líria. Com certeza. Eu acho que é muito importante criar alguns caminhos para conversar sobre isso e para traçar também, cuidados e autocuidados, e principalmente, o fortalecimento das mulheres solteiras no trabalho. Mulheres jovens, de meia idade, idosas; o que é que acontece com as ministras idosas na comunidade, como se dão essas questões, como que elas vivem suas escolhas, sua sexualidade, suas opções políticas. É sempre muito mais duro quando você está só, nestes modelos de ministérios composto de casais heteronormativos, então, eu acho que é bem importante.

Amor perfeito. Acho que é muito, muito necessário. Muito necessário. É um período assim, da vida, principalmente de quem é divorciado, muito difícil da pessoa conseguir superar. Então é muito necessário, na igreja, ter pessoas que se voltam para esse tipo de pessoa; para essas mulheres. Homens também, homens também, lógico.

Mimosa. Eu senti e sinto até hoje falta de alguma colega, de algum colega a nível realmente pastoral para conversar sobre o específico da vocação, o específico do que o ministério nos traz de alegria e como lidar com aquilo que ele não nos traz de alegria, né? [...] eu sinto uma falta [...] de pessoas do mundo eclesial mesmo para falar; porque a gente fala na psicoterapia também sobre isso, mas o psicoterapeuta não faz noção do que é o mundo eclesial, ela tem só a nossa voz. Ela não tem o contexto do mundo eclesial. Então você, poder ter o ouvido de alguém que entende deste mundo eclesial, mas sem estar te condenando, acho que seria muito bom. Mas isso me faz falta. [...] E isso, eu vejo que falta um pouquinho para nós nas comunidades. Falta no mundo dos obreiros alguém que nos acompanhe. Que nos coloque sua escutatoria [...] eu sou muito convicta disso, no momento em que eu falo para o outro eu não escuto, então, nisso eu sinto falta, de poder falar para alguém para me escutar. Eu penso que a psicoterapia ela nos ajuda muito, mas nos falta um pouquinho esse lado do pastoral. [...] a gente precisa fortalecer aquilo que nos aconchega, aquilo que nos fortalece, aquilo que faz que esse ouvir, deixar-se ouvir. E quando a outra pessoa permite-nos ouvir, para que nós possamos, individualmente, nos ouvir também, nós formamos um aconchego. [...]. Então eu penso que para mim, às vezes falta isso, de eu ter um lugar na comunidade onde eu me sinta

alinhada, onde eu possa (suspiro curto e forte) uff! Respirar, e ali, respirar com alguém que está precisando respirar junto também, e ali a gente se fortalece, a gente se energiza de novo e aí a gente faz junto com os outros, que têm todas as suas diferenças, todos os seus preconceitos, todos os seus jeitos de viver e vamos caminhar junto.

Tulipa. Acredito sim, que isso é muito importante, porque a gente vê muitas mulheres que sofrem mais com isso ou talvez, que já sofreram assédio que as violentou muito mais. Inclusive, mulheres que procuram e as vezes não encontram em quem confiar ou com quem compartilhar, porque também existem mulheres que vão colocar a culpa nelas mesmas, em vez de procurar ajudar e acompanha-las, elas vão dizer: não, você mereceu, você fez por merecer.[...] Na igreja, se trabalha com grupos de mulheres e falando na questão da violência, tenho sentido que, de fato, nos últimos anos tem se refletido mais, onde a gente tem grupos de mulheres que estão ali no meio, participando e onde a gente sabe que acontecem situações muito constrangedoras, violentas dentro da própria casa. [...] E para essas mulheres que estão na liderança é muito importante que elas saibam; então a gente tem que falar sobre isso também para elas saberem buscar e poderem também se libertar de violências domésticas que elas sofrem; que elas criem coragem e não fiquem se submetendo a essas violências e falem e protestem e procurem sair desse meio.

Zinia. Sim, sim... poucos ajudam as mulheres a caminhar juntas. Eu acho que estar em contato com outra mulher solteira, ou divorciada, ou viúva, vai me ajudar a olhar mais para adentro das minhas dores, das minhas dificuldades; porque a gente acha que nem pode mostrar isso, né? Às vezes, a gente é vista como muito diferente da outra dor e não é aquilo. [...]. Eu acho que o acompanhar faz a gente caminhar e ir descobrindo, né? Na medida em que caminha vai descobrindo as coisas, o que vai dando para fazer o que não e se conhecer mutuamente. [...] O aconselhamento parece que é assim: eu falo, você escuta, (expressão de dúvida) ... também é um caminhar junto mas parece que [...] está muito pronto, e eu acho que não tem nada pronto aí. A gente precisa sentir isso, desenvolver isso, esse caminhar junto me parece mais terapêutico, me parece que aprofunda mais. [...] Acompanhamento, porque ele também se mostra que precisa do meu cuidado e tem essa liberdade de falar do que está sentindo e também, claro, a gente dá pitacos, dá conselhos, chora junto, ri junto, brinca junto; mas também se fala e há coisas que pega assim, fundo um no outro, uma na outra. Claro que é mais acompanhamento. Eu acho mais eficaz, eu me sinto bem assim. Me sinto fortalecida porque eu posso desabafar, mesmo que a outra pessoa não fale nada (risos), mas é bom eu saber que ela está me ouvindo, está respeitando o que eu estou falando; que ela quer me ouvir, que ela quer estar comigo naquele momento, isso já é terapêutico, é uma cura.

Glicínia. Olha eu suspeito que esses mecanismos pelo menos não estão bem elaborados, se eles existem né? Talvez eles existam de forma mais espontâneas, sim né? Mas, eu vejo que é totalmente diferente a um ministério que se assume de forma a solo, daquele que se assume com um parceiro ou uma parceira; porque aí existe um apoio mútuo sem dúvida, né? [...] E aí, pensando agora em pessoas sozinhas, elas não têm isso. Elas não têm onde encostar a cabeça, em que ombro poder chorar, com quem sair para alguma coisa diferente, com certa aproximação, vamos dizer assim, mais do que apenas amizade. Ah! Vamos fazer alguma coisa, vamos sair por aí, vamos comer uma pizza, vamos em algum lugar [...] acho isso muito importante, porque você está ali numa comunidade. Numa paróquia é diferente você falar com a liderança ou com pessoas da comunidade que ocupam posições de cargos de liderança, ou falar com alguém com quem você tenha plena confiança. A confiança, como é que eu vou dizer, aquela cumplicidade no mesmo patamar em que você se encontra. Não penso

hierarquicamente; penso assim, de serviço, de trabalho, de visão, de sonho, de perspectiva. E aí eu acho que seria bom, muito bom, ter alguém que faça esse acompanhamento específico para pessoas sós. Acho que seria muito produtivo.

Dália. Na nossa comunidade há um bom grupo de mulheres que estão divorciadas e muitas se perguntam e têm me perguntado, olha!, e quando vamos trabalhar um tema sobre nós as mulheres separadas ou divorciadas, ou sós: porque nunca se trabalha este tema respeito a nós e seria bom nos reunirmos e trabalharmos esse tema, porque muitas dizem: uma gostaria de falar e expor e dizer tantas coisas que precisa como mulher divorciada, separada, mas, na nossa comunidade como que isto não tem nenhum valor, tem mais valor os casais, tem mais valor a mulher em si, mulher em geral, mas mulheres divorciadas e separadas acho que não tem sido um trabalho que nossa igreja tenha-se sentado a analisar ou acompanhar a estas mulheres que tanto precisam [...]. Isso é uma parte que acredito que nas nossas comunidades faz falta, um acompanhamento as mulheres solteiras, as mulheres divorciadas e as mulheres separadas.⁵⁵² (Tradução nossa)

Girasol. Na igreja não, nas igrejas cristãs esses temas não são intencionais, não formam parte da educação cristã que tenha a igreja. Esses são temas tabus, incluindo a violência contra as mulheres, verdade? O Assédio sexual, tudo isto que afeta a vida das mulheres [...] em muitos países de Latino América, o feminicídio, isso jamais é abordado pela igreja; a igreja nunca levanta a voz para dizer que isso é pecado.⁵⁵³ (Tradução nossa)

Lila. [...] encontrar com quem falar esses temas é excelente, porque finalmente, se sente que há alguém que está pensando nas necessidades pessoais das outras pessoas e em particular, acho que um espaço como este de poder falar destes temas é importante, é necessário. [...] Em particular, acredito que esses espaços poderiam ser mais de utilidade, na medida em que as mesmas mulheres sejamos as que entendamos, valorizamos, aceitemos e reconheçamos a outras [...] porque nós como mulheres, somos as que podemos nos ajudar e entender nas nossas próprias necessidades [...] as que poderíamos nos dar a mão e [...] nós poderemos ajudar para que, desde nós mesmas, mudemos muitas dessas compreensões que se fazem dos entornos eclesiais, sobre como devemos nos comportar as mulheres.⁵⁵⁴ (Tradução nossa).

⁵⁵² **Dália.** “[...], en nuestra comunidad hay un buen grupo de mujeres que están divorciadas y muchas se preguntan y me han preguntado, oiga y cuándo vamos a trabajar un tema sobre nosotras las mujeres separadas o divorciadas o solas; porque nunca se trabaja este tema respecto a nosotras y sería bueno que nos reunamos y trabajemos ese tema, porque muchas dicen: una quisiera hablar y exponer y decir tantas cosas que necesita como mujer divorciada, separada, pero, en nuestra comunidad como que eso no tiene ningún valor, tienen más valor las parejas, tiene más valor la mujer, en sí mujer general, pero mujeres divorciadas y separadas creo que no ha sido un trabajo que nuestra iglesia se haya sentado a analizar o a acompañar a estas mujeres que tanto lo necesitan [...]. Eso es una parte que creo que en nuestras comunidades hace falta, un acompañamiento a las mujeres solteras, a las mujeres divorciadas y a las mujeres separadas.”

⁵⁵³ **Girasol.** “En la iglesia no, en las iglesias cristianas esos temas no son intencionales, no forman parte de la educación cristiana que tenga la iglesia. Esos son temas tabús, incluido la violencia contra las mujeres, ¿cierto? El acoso sexual, todo esto que afecta la vida de las mujeres [...] en muchos países de Latino América, el feminicidio, eso jamás lo toca una iglesia; la iglesia nunca levanta la voz, ni siquiera. Ni siquiera levanta la voz para decir que eso es pecado.”

⁵⁵⁴ **Lila.** “[...] encontrar con quien hablar esos temas es estupendo, porque por fin, se siente que hay alguien que está pensando en las necesidades personales de las otras personas y en particular, me parece que un espacio como estos de poder hablar de estos temas es importante, es necesario. [...] En particular creo que esos espacios podrían ser más de ganancia en la medida en que las mismas

Jasmim. Não, não, não há espaços suficientes. Acredito que poderíamos dizer que quase não se evidenciam, a não ser que sejam espaços de muita confiança, onde as mulheres nos possamos encontrar. [...]. Penso que há muitos preconceitos; [...] mas também, não tem se gerado estes espaços intencionalmente para que se possa falar destes temas. Não há confiança, não há confiança para falar destes temas com liberdade; também faz falta lideranças quem assumam intencionalmente o trabalho destes temas. Então, é um grande vazio que temos nas nossas comunidades. Em muitas comunidades: porque é uma necessidade visível e mais ainda, quando somos mulheres solteiras e além, se junto está o fato de sermos cadeirantes.⁵⁵⁵ (Tradução nossa).

A grandes rasgos, o panorama apresentado pelos depoimentos destas mulheres em relação a importância de espaços ou mecanismos de acompanhamento nas comunidades, poderia ser resumido da seguinte forma: Entre as participantes brasileiras, a maioria considera que tanto uns quanto outros são de muita importância e necessários, por considerar, entre outros assuntos, que estes espaços podem permitir o fortalecimento pessoal das mulheres, que em ocasiões se veem afetadas por diversas questões heteronormativas que terminam interferindo nas suas escolhas (pessoais, sexuais e políticas) ou por dificuldades decorrentes do rompimento de relações afetivas (separações/divórcios). Eles também podem ajudar a encontrar formas de lidar com os questionamentos próprios do ministério; permitir entender a importância da escuta, assim como a falta de disposição para escutar aquelas pessoas que estão à procura de alguém que as escute, alguém com quem compartilhar as dificuldades, mas também, os bons momentos, o qual para elas também é importante. Noutras palavras, estes espaços constituem uma oportunidade para caminhar juntas e compartilhar a vida.

Já entre as participantes colombianas percebeu-se, além da importância e necessidade destes espaços, um sentimento de desvalorização e uma sensação de falta de interesse, nas suas problemáticas, por parte das lideranças das comunidades,

mujeres seamos las que entendamos y valoremos y aceptemos y reconozcamos a otras [...] porque nosotras como mujeres somos las que nos podemos ayudar y entender en nuestras propias necesidades [...] las que podríamos darnos la mano y [...] nosotras podemos ayudar a que, desde nosotras mismas, cambiemos muchas de esas comprensiones que se hacen de los entornos eclesiales, sobre cómo debemos comportarnos las mujeres."

⁵⁵⁵ **Jazmín.** "No, no, no hay suficientes espacios. Creo que podríamos decir que casi no se evidencian, a no ser que sean espacios de mucha confianza, en donde las mujeres que podamos encontrar [...] Pienso que hay muchos prejuicios; bueno, los prejuicios, pero también como que no se han generado estos espacios intencionalmente para que se puedan hablar de esos temas. No hay confianza, no hay confianza para hablar de estos temas abiertamente; también hacen falta liderazgos que asuman intencionalmente el trabajar estos temas. Entonces es un gran vacío que tenemos en nuestras comunidades. En muchas comunidades; porque es una necesidad latente y, es más, cuando somos mujeres solteras y aún más, si le añadimos el tema de la discapacidad."

incluindo os temas da violência ou feminicídio. Incluso, sentem que em vários destes espaços estas ações não são consideradas como pecado. Para outras, é gratificante sentir que alguém se interesse por estes temas e, em especial, por suas situações e necessidades. Consideram que é preciso conscientizar as mesmas mulheres da importância da sororidade no acompanhamento, para fortalecer a confiança, dissipar os preconceitos e promover os trabalhos que, intencionalmente, incluam temáticas como, por exemplo, a deficiência, por mencionar só um deles.

De modo geral percebe-se que, por trás de todos estes depoimentos existe uma súplica, se esconde um grito desesperado, um grito que nasce da necessidade de sentir que alguém está disposto, disposta a “estar presente”, para, junto com elas, caminhar na construção de relações, trilhas, identidades que lhes permitam cultivar, entre outras coisas, sentimentos de pertença, mas também, de autonomia e liberdade. Sendo assim, a seguir serão exploradas algumas “figuras” ou “compreensões” do acompanhamento que ao longo da história, até certo ponto, vem sendo utilizadas com esta intencionalidade, e nas quais se tentará perceber se estas respondem às necessidades das situações e tempos atuais.

4.2 FUNDAMENTAÇÃO DO ACOMPANHAMENTO COMO PRÁTICA PASTORAL

Fundamentar teologicamente a prática do acompanhamento como uma prática “pastoral”, independente da sua “funcionalidade”, “especificidade” ou “particularidade” não é tarefa fácil. Para começar, acredita-se que a principal tarefa é desapossar o termo do caráter “sacramental” o como menciona Ávila, da adjetivação que o termo “pastoral” lhe confere.⁵⁵⁶ Noutras palavras, é preciso “de sacralizar” o termo, como será mencionado mais adiante. Sendo assim, sugere-se então, prestar atenção a proposta de Ávila em relação aos três primeiros perigos relacionados com este aspecto fundamental, que permitirá ampliar o horizonte em relação à prática ou a compreensão da ação “pastoral”.

Antes de prosseguir, se propõe aqui retomar a definição do termo acompanhar, definido antes como tendo sua origem no latim “*companio*”, de *cum panis*, que significa companhia, como sendo “aquele com quem se repartia o pão”

⁵⁵⁶ ÁVILA, 2018, 13-14.

(cum, “com”; panis, “pão”).⁵⁵⁷ A partir desta perspectiva, o conceito induz a lembrar os múltiplos momentos em que Jesus não só compartilhou com seus discípulos e com a comunidade, mas também, faz alusão à sua preocupação pelas necessidades das pessoas excluídas, assim como a preocupação expressa entre os cristãos pelo próximo e pela próxima; em especial, por quem tem necessidade da *presença fraterna* de outra/s pessoa/s por diversos motivos (perdas, problemas pessoais, materiais, morais, espirituais, psicológicos, crises, exclusão, etc.).⁵⁵⁸

Estas práticas são muito comuns hoje nas comunidades eclesiais, mesmo que algumas tenham perdido parte do sentido “original” expresso por Jesus ou do sentido “poimênico/diaconal” das comunidades primitivas as que se refere Gaede Neto no seu texto “Banquetes de vida: A diaconia nas comunhões de mesa de Jesus”.⁵⁵⁹ Ainda que a proposta do autor esteja focada principalmente na construção de espaços diaconais em torno dos quais as pessoas possam se reunir para saciar a fome de pão, ou a serem vistos como “um espaço-embrião” para a desconstrução das barreiras sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas, com vistas à reconciliação universal, se considera que estes espaços também são fundamentais no acompanhamento das necessidades das pessoas em situações de crises, de luto, necessidades psicoafetivas, vocacionais, emocionais, espirituais, etc., e que contribuem precisamente para a reconciliação universal como um todo. Portanto, seria fundamental dar e/ou recuperar a importância que estes espaços têm neste sentido.⁵⁶⁰

Antonio Ávila, católico, sustenta que, mesmo que o termo acompanhamento pastoral seja aquele que mais consenso tenha alcançado entre os estudiosos e as estudiosas, ainda existem imprecisões, resistências e/ou perigos que dificultam sua compreensão. O **primeiro** perigo mencionado é: **sua adjetivação “pastoral”**.⁵⁶¹ Ou

⁵⁵⁷ MARTÍNEZ, 2013. p. 15. GRAMATICA.NET. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-acompanhar/>. Acesso em: 9 jun. 2018.

⁵⁵⁸ ÁVILA, 2018 p. 13

⁵⁵⁹ GAEDE, Neto Rodolfo. Banquetes de vida: A diaconia nas comunhões de mesa de Jesus *In: Estudos Teológicos*, São Leopoldo v. 50 n. 2 p. 306-318, julho/dezembro 2010. Considera-se que este artigo ajuda para uma melhor compreensão do sentido de **comunhão** desde diversas perspectivas, desde a ótica do pão compartilhado e também se pode entender como possibilidade de acompanhamento às diversas situações de crises pelas que passam as pessoas, desde uma perspectiva eclesiológica comunitária.

⁵⁶⁰ Salienta-se que, que o texto de Gaede, ainda que muito interessante, foi tomado como referência e não foi aprofundado por dois motivos: o primeiro, por considerar que não se conta com o espaço suficiente neste trabalho e o segundo, porque o texto remete para uma perspectiva muito específica (Diakonia do ponto de vista bíblico-eclesiológico), enfoque que termina por fugir da temática central da nossa pesquisa.

⁵⁶¹ ÁVILA. 2018, p. 13-14.

seja, identificar a atividade como um labor exclusivo dos ministros ordenados ou das ministras ordenadas, deixando de lado as diversas participações realizadas de forma individual, por grupos e/ou instituições solidárias ou as realizadas pelas pessoas laicas. Sobre este assunto também alerta Schneider-Harpprecht, no capítulo anterior, em relação ao aconselhamento, termo que também, por vezes, é utilizado como sinônimo de acompanhamento⁵⁶² ou também mencionado por Boff, como sendo uma atividade própria do pastor.⁵⁶³ Um **segundo** perigo é, ser entendido como um labor particular ou exclusivo do pastor “homem”, deixando de lado a grande tarefa realizada pelas mulheres ao longo da história.⁵⁶⁴ Em **terceiro** lugar, é mencionado o perigo da “profissionalização” e “perda do seu caráter de gratuidade”⁵⁶⁵, devido à tendência da contratação, cada vez mais recorrente, de trabalhadores e trabalhadoras sociais para a assistência as comunidades, especialmente em países que gozam de recursos econômicos suficientes e, em **quarto lugar**, é referido o perigo de que o acompanhamento se converta numa simples “expressão de moda” que termine roubando-lhe a autenticidade e a seriedade ao processo, até o ponto de que, nada seja considerado um verdadeiro acompanhamento.⁵⁶⁶

Mesmo assim, Ávila enfatiza que o termo “companheiro”, “companheira”, “acompanhante” é o que melhor representa ou acolhe algumas das características do relacionamento como o respeito, a fraternidade e a cercania entre pessoas que acompanham e pessoas acompanhadas ou pessoas que são companheiras de caminho e, uma das formas em que pode ser resumida sua compreensão do acompanhamento pastoral pode ser a seguinte:

Um ministério de compaixão motivado pelo amor de Deus, que desenvolve ações em diversos campos como as obras de misericórdia [...], os direitos humanos [...], o crescimento e amadurecimento das pessoas [...], o cuidado da comunidade [...] e, na área espiritual [...]. Mas, que na sua definição mais básica, é qualquer ajuda, estímulo ou apoio prestado por um/a cristão/cristã a outro/a ou outras pessoas as que considera seus próximas.⁵⁶⁷

Ávila apresenta a figura e exemplo de Jesus como as principais bases que fundamentam a prática deste ministério, a partir do conceito teológico da “encarnação”

⁵⁶² SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 256.

⁵⁶³ BOFF, 2013, p. 28.

⁵⁶⁴ ÁVILA, 2018, p. 14.

⁵⁶⁵ ÁVILA, 2018, p. 14.

⁵⁶⁶ ÁVILA, 2018, p. 14-15.

⁵⁶⁷ ÁVILA, 2018, p. 15.

desenvolvido nos anos 50s do século passado por alguns teólogos entre os quais se encontram Yves Congar e Karl Rahner, o qual permite uma concepção antropológica que supera os dualismos e convida para que a mensagem da salvação proclamada, inclua a totalidade do humano. Tendo este ponto de partida, a imagem do Bom Pastor (João 10: 1 – 21), tem sido a mais influente nesta tarefa, no entanto, recentemente, o acompanhamento pastoral também tem se relacionado com a dimensão samaritana da fé, (baseada em Lucas 10:25-37), enfatizando que é a totalidade da pessoa a que deve ser sarada.⁵⁶⁸ A respeito ele afirma:

A forma de agir de Jesus, o Bom Pastor, tal e como o apresenta o Novo Testamento nos esclarece, o desde onde e o como agir no exercício do acompanhamento. Olhando seu jeito de ser e de agir nos permite descobrir como, para Jesus, o mais importante são as pessoas, e especialmente os excluídos.⁵⁶⁹

Em relação a pessoa que acompanha, Ávila apresenta as principais atitudes que, na opinião do estudioso David G. Benner, esta pessoa deve mostrar, dentre as quais se destacam a seguir: vai ao encontro das pessoas onde elas se encontram, dá mais importância ao diálogo que ao monólogo, é compassiva, fala com autoridade, não é coercitiva, sabe pôr limites e cuidar de si mesma, reforça as respostas de fé e não permite que suas necessidades passem por cima das necessidades das outras pessoas.⁵⁷⁰

Com relação ao exercício direto do acompanhamento e seus objetivos, não existe consenso. Enquanto uns apontam para os aspetos próprios da vida cristã, outros apontam para os aspetos da vida que contribuem para o bem-estar e dignidade da pessoa; enquanto uns só atendem as questões espirituais, outros atendem para todas as dimensões do ser humano; enquanto uns acreditam que o acompanhamento deve dar-se em todas as circunstâncias da vida, outros acreditam que este têm a função de sarar as pessoas dos sofrimentos e feridas, etc.⁵⁷¹ Ávila resgata quatro objetivos, como sendo os mais significativos em todo acompanhamento pastoral.

⁵⁶⁸ ÁVILA, 2018, p. 16. Ávila destaca também que com esta “imagem” ou forma de ver o acompanhamento, se tenta recuperar o termo clássico de “cura” (outra das formas clássicas de ver a tarefa de cura de almas dos sacerdotes) não como tarefa exclusiva dos sacerdotes, mas sim, de forma reivindicada para toda a comunidade, como “dimensão sanadora”.

⁵⁶⁹ ÁVILA, 2018, p. 17. *“La forma de actuar de Jesús, el Buen Pastor, tal y como lo presenta el Nuevo Testamento nos clarifica el desde dónde y el cómo actuar en el ejercicio del acompañamiento. Mirando su forma de ser y de actuar nos permite descubrir cómo, para Jesús, lo más importante son las personas, y especialmente los más excluidos.”*

⁵⁷⁰ ÁVILA, 2018, p. 17-18.

⁵⁷¹ ÁVILA, 2018, p. 19.

Sarar, sustentar as relações humanas, cuidar para o crescimento e abrir à experiência de Deus.⁵⁷² **Sarar** pode ser entendido como a capacidade de ajudar as pessoas feridas a suportar com dignidade sua situação e acompanhá-las no processo de recuperação das sequelas, sem esquecer que o processo de acompanhamento deve estar centrado na totalidade da pessoa e sua dignidade.⁵⁷³ **Cuidar para o crescimento.** Ajudar as pessoas a desenvolver processos de crescimento e amadurecimento pessoal, fazer opções sábias e mantê-las com coragem e constância em meio as adversidades, também faz parte do acompanhamento. Isto ajuda a pessoa acompanhada a gerar autoconfiança para que seja capaz de integrar todas as dimensões (relações íntimas, mente, relação com a natureza, corporeidade, história pessoal etc.) de forma que lhe permitam dar sentido a sua existência.⁵⁷⁴ **Sustentar as relações humanas.** Que a pessoa acompanhada recupere e mantenha relacionamentos interpessoais sadias, deve ser uma das preocupações de todo acompanhamento. Estas devem ser interdependentes e significativas, que permitam à pessoa se desenvolver tanto interna quanto externamente nos seus sentimentos, atitudes, comportamentos e valores.⁵⁷⁵ **Se abrir à experiência de Deus.** Para chegar neste ponto, é importante ter passado por um adequado processo de acompanhamento no crescimento e amadurecimento espiritual, especialmente em situações de perdas pessoais, sociais ou familiares; crises ou nos momentos de transição no desenvolvimento da vida, pois é nele que a pessoa acompanhada vai percebendo e se deixando interpelar por perguntas que lhe convidam a ver a vida desde outra perspectiva, desde outro horizonte, desde o mistério que para muitos e muitas só tem resposta em Deus.⁵⁷⁶

Na perspectiva Menonita encontramos duas propostas apresentadas pelo Teólogo Daniel Schipani. A primeira proposta se encontra no seu texto “O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral”⁵⁷⁷ do ano 2004. Esta aponta para o entendimento do acompanhamento, como sendo uma nova forma de conceber o aconselhamento. Noutras palavras, para Schipani, acompanhar, poderia ser

⁵⁷² ÁVILA, 2018, p. 19-20.

⁵⁷³ ÁVILA, 2018, p. 20.

⁵⁷⁴ ÁVILA, 2018, p. 21.

⁵⁷⁵ ÁVILA, 2018, p. 21.

⁵⁷⁶ ÁVILA, 2018, p. 22.

⁵⁷⁷ SCHIPANI, Daniel. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral.** São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 100.

compreendido como: aconselhar pastoralmente (mas) “**como companheiro ou companheira de viagem**”; o que implica considerar seis dimensões: testemunho, proteção, acompanhamento, cuidado crítico, envolvimento e presença corporificada.⁵⁷⁸

Pode-se entender então que, se esta é uma “nova” proposta, um tanto diferente, estas dimensões antes mencionadas não fazem parte da atividade de aconselhamento pastoral “habitual” que se vem desenvolvendo e que, portanto, estas viriam a ser um diferencial específico deste acompanhamento. Também é evidente nesta primeira proposta que, o autor, por um lado, afirma ser esta uma relação de colaboração dialogal e, por outro, uma relação assimétrica e não mútua, pois as pessoas aconseladoras por definição orientam o processo.⁵⁷⁹

Algo que chama a atenção no texto, é a insistência do autor em continuar concebendo o processo como “aconselhamento”, mesmo, sendo propostas todas estas mudanças na função do aconselhador ou da aconselhadora, o que, por conseguinte, implica mudanças no processo. Ele continua apresentando três formas nas quais este “novo” processo pode ser concebido e, que por sua vez, levam os mesmos nomes de três das seis dimensões propostas: 1. Como *ministério de testemunho*, onde as pessoas aconseladoras se despedem, renunciam a sua imagem carregada de “arrogância” clerical e etiqueta e passam a ser vistas como sábios cuidadores e sabias cuidadoras ou *protetores e protetoras* que caminham lado a lado com quem peregrina no caminho, encorajando, desafiando e capacitando. (Figura da igreja primitiva); 2. Como *acompanhamento*.⁵⁸⁰ (Baseado na proposta de Valerie DeMarinis) a qual propõe o desenvolvimento de várias fases, entre as quais se encontram a exploração, o discernimento, a interpretação e o apoio. Este acompanhamento é cuidadoso e por vez crucial; e 3. Como *Cuidado Crítico*, o qual inclui a análise cuidadosa e a preocupação apropriada, como aspetos importantes considerados **elos** entre pensamento e ação. A partir desta perspectiva, o termo **cuidado** sugere que seja entendido como preocupação adequada.⁵⁸¹ Embora a

⁵⁷⁸ SCHIPANI, 2004, p. 100; ÁVILA, 2018, p. 50. Ávila também faz menção de mudanças no exercício da direção espiritual, a partir do Vaticano II, donde surge uma proposta de não ver mais ao diretor espiritual como um diretor, mas sim, como um companheiro, e ver a direção espiritual como acompanhamento pastoral, o que também implicava mudanças mais “comprometidas” na participação da comunidade no processo.

⁵⁷⁹ SCHIPANI, 2004, p. 100.

⁵⁸⁰ SCHIPANI, 2004, p. 100.

⁵⁸¹ SCHIPANI, 2004, p. 100-101.

proposta planteie mudanças, continua a se perceber uma certa mistura entre os termos aconselhamento e acompanhamento.

Encontra-se uma segunda proposta de acompanhamento de Schipani, um pouco mais elaborada, no seu livro “*Manual de Psicología Pastoral: Fundamentos y Principios de Acompañamiento*” (2016). Uma vez que, a perspectiva da psicologia pastoral pode ser entendida como um campo de reflexão prática que têm várias compreensões, o enfoque dado pelo autor, neste caso especial, é aquele onde a psicologia pastoral é percebida como uma disciplina “híbrida”, ou seja, onde esta pode ser vista como a contribuição das múltiplas subdisciplinas da psicologia aos diversos afazeres do ministério pastoral em geral ou, como a contribuição destas múltiplas subdisciplinas a favor do cuidado e do conselho, tanto teórica como praticamente.⁵⁸²

Nesta proposta o acompanhamento pastoral é apresentado desde o contexto da comunidade de fé que, em nome de Jesus Cristo, manifesta seu caráter trinitário no marco de certas áreas ou dimensões essenciais da vida da igreja, a serem: a adoração, a comunidade e a missão.⁵⁸³ Estas são as que definem a “eclesialidade” da comunidade de fé, ou seja, o fato de ser igreja e não uma outra coisa. Na sua perspectiva, estas constituem o que pode ser chamado “a tripla razão de ser” da igreja.⁵⁸⁴ Arriscando ser simplista, Schipani resume a centralidade de cada dimensão da seguinte forma: Práticas como proclamação, confissão, oração, estudo da palavra, música e meditação, entre outros, fazem parte da **adoração**; através delas se celebra e reconhece o reinado de Deus; a centralidade desta prática está na nossa relação com Deus⁵⁸⁵. Na **experiência de comunidade**, é onde o ser humano tem a possibilidade de corporizar ou fazer tangível o Reino de Deus; isto é semelhante ou equivalente a ser corpo de Cristo. É neste meio que se cultivam as relações entre as pessoas e grupos e onde se pratica, entre outras coisas, o perdão, a restauração, a reconciliação e, claro, o acompanhamento. A igreja existe para ser comunidade e, nesta experiência de ser comunidade a centralidade está nos relacionamentos mútuos como irmãos e irmãs na fé.⁵⁸⁶ Participar do reinado de Deus na história por meio das

⁵⁸² SCHIPANI, 2016. O termo “Híbrida” é apresentado aqui como aquele “Com dimensões teóricas e práticas que integram de maneiras únicas, perspectivas y recursos da psicologia e da teologia pastoral”. Introdução p. X.

⁵⁸³ SCHIPANI, 2016, p. 11.

⁵⁸⁴ SCHIPANI, 2016, p. 11.

⁵⁸⁵ SCHIPANI, 2016, p. 12.

⁵⁸⁶ SCHIPANI, 2016, p. 12.

manifestações da comunidade (presença e ações) e também da palavra, faz parte da **missão** da Igreja; o central é o mundo ao nosso redor, nossa vida e nossas práticas no, e a favor do mundo.⁵⁸⁷

Porém, junto com todo o anterior, se deve considerar também a compreensão do “grande mandamento” (Marcos 12: 28-34), como manifestação concreta do amor nas suas três dimensões (amor a Deus e ao próximo como a nós mesmos); cada dimensão ou área têm como função, contribuir para a fundamentação e motivação dos ministérios; portanto, o labor do **acompanhamento**, consiste no exercício de tarefas diversificadas de promoção e facilitação do “emergir humano”, conforme as normas de Jesus Cristo. Este processo do “emergir humano” ou de humanização, inclui crescimento e maturação; formação e transformação.⁵⁸⁸ Nele também é fundamental reconhecer que, Jesus Cristo é a chave tanto para avaliar a qualidade integral do acompanhamento, como para compreender o seu valor e, na narrativa do encontro transformador dos discípulos com o ressuscitado, no caminho para Emaús, (Lucas 24:13-35) é possível descobrir alguns elementos chaves para esta prática.⁵⁸⁹

Primeiro: o acompanhamento, para que seja eficaz, deve ser iniciado não com quem ministra, mas sim, com quem precisa e de acordo a sua necessidade existencial. *Segundo:* convidar a Jesus a fazer parte da vida diária “comer com eles”, é uma ação que permite que, aqueles e aquelas que se consideram seus discípulos e suas discípulas ponham em prática sua fé através da hospitalidade, permitindo que “a pessoa desconhecida” se torne “companheira” ao compartilhar o pão e a mesa. *Terceiro:* ação, reflexão, compreensão e prática são indispensáveis na proclamação do evangelho do reino, onde a formação e o cultivo da comunidade são elementos centrais na vida ministerial da igreja. *Quarto:* as etapas anteriores conduzem aos discípulos e às discípulas de Jesus hoje para um novo tipo de ação e compromisso. Depois deste processo as pessoas estão aptas para assumir suas ansiedades e temores de forma mais construtiva, mesmo sabendo dos perigos e dificuldades que ainda possam existir.⁵⁹⁰

Entendesse, então, que o acompanhamento pode ter várias compreensões e dependendo da situação à que esteja respondendo, pode ser, promover o

⁵⁸⁷ SCHIPANI, 2016, p. 12-13.

⁵⁸⁸ SCHIPANI, 2016, p. 14.

⁵⁸⁹ SCHIPANI, 2016, p. 19.

⁵⁹⁰ SCHIPANI, 2016, p. 22.

desenvolvimento de melhores padrões de comunicação, assim como também, o balanço harmonioso entre o bem-estar físico (saúde), emocional-mental, social e/ou espiritual que refletem valores éticos inerentes à vida boa.⁵⁹¹ Este processo pode incluir, trabalhos no nível da educação, da espiritualidade, da sexualidade e vocacional; com crianças, adolescentes, pessoas solteiras, casais ou com jovens; abordar temáticas de orientação pré-matrimonial, administração, situações conflitivas, crises ou fortalecimento de relações, entre outros.⁵⁹²

Em situações de crise, por exemplo, o acompanhamento pastoral deve começar por ajudar as pessoas para que tenham a possibilidade de expressar sua dor, seu protesto e seu lamento. Na compreensão do autor, este é o primeiro passo em direção à saúde emocional e espiritual, especialmente de quem enfrenta situações de crise e trauma.⁵⁹³

O acompanhamento pastoral em situações de crise e, especialmente, trauma (por exemplo, estupro, assassinato de um ser querido, etc.), pode perfeitamente incluir a facilitação da catarse emocional com certa dose de raiva; isto pelo menos numa primeira fase do processo de cura, o qual idealmente inclui possibilidade de perdão para com o “inimigo” no tempo oportuno. [...]. Em palavras simples, o processo inclui três fases bem diferentes, a saber: 1. Uma “relativa” orientação previa à situação crítica, 2. A desorientação que caracteriza a crise; e 3. A reorientação, com a possibilidade de crescimento Psico-espiritual.⁵⁹⁴ (Tradução nossa).

Pôde-se dizer, então, que, nesta proposta, o acompanhamento pode ser entendido como uma ação que inclui elementos da fé cristã no exercício ou ato de estar com uma pessoa e escutá-la, assim como o uso de algumas técnicas que permitem que a pessoa acompanhada sinta o desejo de compartilhar as situações doloridas, as tristezas, as ansiedades, as preocupações e as angústias, com o propósito não só de ajudá-la a enfrentá-las, mas também, motivá-la para que encontre melhores formas de libertar-se delas. Contudo, acreditasse que a proposta sugere ou dá a entender o uso ou conhecimento de algumas técnicas que sugerem um certo

⁵⁹¹ SCHIPANI, 2016, p. 101.

⁵⁹² SCHIPANI, 2016, p. 103.

⁵⁹³ SCHIPANI, 2016, p. 126.

⁵⁹⁴ SCHIPANI, 2016, p. 126-127. *El acompañamiento pastoral en situaciones de crisis y, especialmente, trauma (por ejemplo violación, asesinato de un ser querido, etc.) bien puede incluir la facilitación de catarsis emocional con cierta dosis de imprecación; esto al menos en una primera fase del proceso de sanación, el cual idealmente incluirá la posibilidad de perdón hacia el “enemigo” en el tiempo oportuno.[...] En palabras sencillas, tal proceso incluye tres fases bien distinguibles: (1) desde una (relativa) orientación previa a la situación crítica, (2) pasamos a la desorientación que caracteriza a la crisis; y (3) eventualmente nos movemos hacia la reorientación, con la posibilidad de crecimiento Psico-espiritual.*

grau de “sofisticação” ou “profissionalismo” que, até certo ponto, representam uma certa “desvantagem” para os e as acompanhantes que não se encaixem no “perfil” ou que não tenham o conhecimento das “técnicas” a serem desenvolvidas.

Na perspectiva das carmelitas da caridade, Lola Arrieta, especialista no tema do acompanhamento expressa que uma das formas nas quais costumam compreendê-lo é a seguinte:

Gostamos de defini-lo, primeiramente, como um modo de ser em relação. Um modo de relação inclusiva, solidaria, humana e humanizadora. Uma conversação face a face [...] que [...] contribui a dar qualidade de existência a relação, a cada pessoa e em todos os níveis e dimensões que nos constituem. [...] É um modo de diálogo permanente [...], encontro de mediação entre companheiros/as **para amparar a vida**, acompanhando a vida, tentando descobrir a vontade de Deus para cada um/a (vocação), para firma-la no compromisso.⁵⁹⁵ (Grifo próprio)

Esta proposta sugere que o encontro está constituído, mínimo, por três pessoas, onde o Espírito Santo faz parte fundamental do encontro e onde as pessoas que se encontram são consideradas como companheiras pelo fato de que, mesmo existindo diferenças entre a pessoa que exerça o labor como acompanhante e a pessoa acompanhada o relacionamento presente é um relacionamento em chave de igualdade, pois é Jesus compartilhando sua vida e o seu pão, o que os torna companheiros e companheiras.⁵⁹⁶

O encontro de acompanhamento é um espaço/tempo de partilha que permite tanto a pessoa acompanhante quanto a pessoa acompanhada aportarem e crescerem com respeito, dando a oportunidade a cada qual de ocupar seu espaço/lugar (nem adiante, nem atrás) “ao lado” e também permitindo reconhecer o lugar do outro e da outra.⁵⁹⁷ O central neste relacionamento é “amparar a vida”, daí a importância desse saber estar, desse saber ocupar o lugar e o espaço reconhecendo que, embora de forma diferente, ambas as pessoas precisam da companhia mutua e, principalmente, da companhia e guia de Jesus. É aqui onde flui como tema de conversação tudo que

⁵⁹⁵ ARRIETA, Lola. *Aquel que acompaña sale al encuentro y regala preguntas de Vida para andar el camino. Simposio CCEE*, Barcelona, março, 2017, p. 11. “Nos gusta definirlo, ante todo, como modo de ser en relación. Un modo de relación inclusiva, solidaria, humana y humanizadora. Una conversación cara a cara. [...] que genera frutos porque contribuye a dar cualidad de existencia a la relación, a cada persona y en todos los niveles y dimensiones que nos constituyen [...] es un modo de diálogo permanente [...] encuentro de mediación entre compañeros/as para acoger la Vida acompañando la vida, tratar de descubrir la voluntad de Dios para cada uno (vocación), para asentir a ella en el compromiso”.

⁵⁹⁶ ARRIETA, 2017, p. 11.

⁵⁹⁷ ARRIETA, 2017, p. 11.

acontece, o que preocupa, o que alegra, o que entristece. Tudo o humano e divino se faz presente na caminhada, assim como Jesus se fez presente na caminhada dos discípulos pelo caminho para Emaús. Como Arrieta menciona “o acompanhamento prepara o caminho para nos fazer cômicos da forma em que se vai tricotando o encontro de liberdade e graça entre Deus mesmo e cada um de nós”.⁵⁹⁸

Os princípios de Criação e Revelação da Fé cristã é o fundamento teológico da prática de acompanhamento carmelita da caridade. Contudo, não entendem a criação como um ato de magia exercida por um Deus manipulador. A dinâmica da criação permite ao ser humano se reconhecer como imagem sua e também a entender que sua realização como pessoa só pode ser realizada enquanto essa dinâmica criadora é estendida as outras pessoas e seu entorno; o seja, através do exercício da alteridade. A revelação, por sua vez, remete ao ato de desvendar, expor algo que estava oculto, que em Jesus descobrimos, Deus está habitado por tudo que existe, mas também, que Ele mesmo habita em tudo que existe, como diz o livro de Atos 17:28; “Porque nele vivemos, nos movemos e existimos”. Conseguir entender o que Deus fala ao interior da pessoa percebendo e analisando a realidade exterior, faz parte do propósito do acompanhamento, que, neste sentido, estaria cumprindo uma função de mediação maiêutica, ou seja, fazer que tanto as pessoas acompanhantes quanto as acompanhadas, redescubram verdades que carregam em si, sem saber e, consigam mostrar, “dar à luz” o que de mais verdadeiro há nelas; aquilo que a força criadora está forjando e procurando nelas.⁵⁹⁹

Uma das preocupações das carmelitas aponta para a procura do querer de Deus sem deixar de olhar os contextos e as culturas nas que se encontram inseridas. Mesmo que o contexto é tudo o que dá conta da realidade da vida, das culturas, da história e do mundo, este não a determina por completo, embora que a influencie. Eles podem sim, incidir no estilo e na qualidade de vida que se vive e na intensidade nas que as emoções afetam ao ser humano, dificultando ou facilitando os processos de crescimento e reconhecimento da presença do Espírito nesses contextos; acompanhar a vida é acompanhar o que acontece no tempo, no espaço, e na tendência do mundo globalizado.⁶⁰⁰

⁵⁹⁸ ARRIETA, 2017, p. 12. “*El Acompañamiento prepara el camino para hacernos conscientes de cómo se va entretejiendo este encuentro de libertad y gracia entre Dios mismo y cada uno de nosotros.*”

⁵⁹⁹ ARRIETA, 2017, p. 13.

⁶⁰⁰ ARRIETA, 2017, p. 14.

4.3 ALGUMAS FORMAS TRADICIONAIS DE COMPREENDER/ENTENDER O ACOMPANHAMENTO

A continuação se expõe algumas das práticas de acompanhamento mais conhecidas através da história, com o objetivo de apontar algumas das suas principais características e especificidades, de forma que seja possível compreender não somente suas funções, mas, também, sua influência nas práticas e dinâmicas de acompanhamento no trabalho ministerial das comunidades.

Se esclarece que, ainda que termos como “cuidado pastoral”, “cura de almas”, “assessoramento pastoral” ou “psicoterapia cristã” em algum momento da história foram considerados como “acompanhamento”⁶⁰¹, esses não serão abordados aqui, pelo fato de já terem sido abordados no capítulo anterior, por também terem sido comparados com o aconselhamento. Estes termos fazem parte dos termos ambíguos que menciona Ávila e que, com o tempo, foram substituídos por outros, que de alguma forma, ajudaram a superar algumas das dificuldades, imprecisões e resistências que estes geravam.⁶⁰²

4.3.1 Acompanhamento Espiritual

O acompanhamento Espiritual tem suas origens no Monarquismo do Oriente, entre as Mães e os Pais do deserto, que como grandes mestras e mestres, dirigiam as pessoas que lhes procuravam buscando luz para viver de forma mais radical o evangelho. A relação presente aqui era entre a pessoa considerada mestra e alguém, reconhecido como a pessoa discípula e era a pessoa mestra a quem lhe era reconhecido o dom do discernimento.⁶⁰³

A partir da perspectiva católica jesuíta/inaciana, e na opinião de Spencer Custódio Filho, o acompanhamento espiritual não ficou imune as mudanças sofridas pelas igrejas cristãs nos inícios dos anos 70s, com relação as especializações cada vez mais específicas, a interdisciplinaridade e a consciência das dependências e dos limites entre as diferentes ferramentas de conhecimento, que obrigaram à qualificação e especialização das atividades eclesiais que deram origem à criação de sites, cursos,

⁶⁰¹ ÁVILA, 2018, p. 13-25.

⁶⁰² ÁVILA, 2018, p. 12-13.

⁶⁰³ ARRIETA, 2017, p. 4.

diversos centros de treinamento de orientadores e orientadoras espirituais, materiais escritos e até organizações internacionais sobre o tema.⁶⁰⁴

Afirma também, que para muitos o termo acompanhamento espiritual é um termo que apresenta dificuldades na sua compreensão, pois tem sido utilizado para definir o que já foi conhecido como “direção espiritual”, “orientação espiritual” e outros, que com o tempo foram descartados por suas conotações impositivas e paternalistas.⁶⁰⁵ Ele define da seguinte forma o acompanhamento espiritual:

O acompanhamento espiritual, até um passado recente, era considerado “a arte ou ciência de levar almas à perfeição cristã. [...] É um tipo de ajuda dado por um cristão/ã a outro cristão/ã, que permite a este desenvolver o potencial de graça nele existente, em uma experiência de vinculação progressiva, pessoal e orante com as pessoas da Trindade, que leve ao desejo de escolhas entre diferentes possibilidades discernidas na vida concreta, consequentes com esta relação.”⁶⁰⁶

No entender de Salvador Cárdenas Verón, acompanhamento espiritual é um ministério de ajuda, orientado fundamentalmente, a auxiliar no desenvolvimento da relação com Deus⁶⁰⁷ e forma parte do ministério da palavra. É, pois, um ministério que tem como objetivo fundamental, ajudar às pessoas a experimentar a presença de Deus nas suas vidas. Neste sentido, “deve orientar-se, estritamente a que a pessoa cresça na sua relação pessoal com Deus.”⁶⁰⁸ Verón também sugere o acompanhamento espiritual como um dom (chamado ou vocação), uma arte (que exige uma alta dose de intuição e sensibilidade) e também, como um processo integrador (que deve visar a constituir-se em um processo formativo integral que ajude a sarar, edificar, ordenar, integrar e potencializar os diversos aspectos da personalidade).⁶⁰⁹

Algumas das implicações do acompanhamento espiritual desde esta perspectiva são: a capacidade de estabelecer relações profundas, respeito absoluto pela liberdade da outra pessoa, exigência de ambas as partes, a capacidade de estabelecer relações sadias, exigência de uma atitude de abertura e de confiança,

⁶⁰⁴ CUSTÓDIO FILHO, Spencer. Uma questão de identidade: o acompanhante espiritual. In: **Revista ITAICI**, Vol./No. 37, 1999. p. 43.

⁶⁰⁵ CUSTÓDIO FILHO, 1999, p. 43.

⁶⁰⁶ CUSTÓDIO FILHO, 1999, p. 54.

⁶⁰⁷ VERÓN, Cárdenas Salvador. Alguns pressupostos do acompanhamento espiritual. In: **Revista ITAICI**, Vol./No. 37, 1999. p. 57.

⁶⁰⁸ VERÓN, 1999, p. 57.

⁶⁰⁹ VERÓN, 1999, p. 58.

compromisso em ajudar a pessoa a crescer na comunicação com Deus e na capacidade de discernimento, entre outros.⁶¹⁰ Esta perspectiva de acompanhamento considera cinco modelos: institucional, interpessoal, carismático, sacramental e encarnacional; sendo este último, desde esta perspectiva, a forma mais próxima à definição de espiritualidade, pois alude ao processo de se tornar humano e divino.⁶¹¹

Em resumo, a proposta de acompanhamento espiritual jesuíta/inaciana, desde seu olhar, é um ministério eclesial de serviço onde uma pessoa ajuda à outra no crescimento espiritual; oferece-se como humilde companheiro ou companheira de caminhada na viagem para a intimidade com Deus. O ou a acompanhante, acompanha o processo de transformação e crescimento de uma pessoa que está a caminho para a plenitude na sua relação com Deus, com as outras pessoas e consigo mesma.⁶¹²

Para Eduardo Mercieca Bezzina o Acompanhamento Espiritual é uma tarefa importante da igreja na atualidade; um ministério da igreja que evidencia muita busca e uma variedade de circunstâncias práticas onde se percebe a necessidade de formação “especializada” dos e das acompanhantes pastorais.⁶¹³ Em todos os espaços, (pessoal, comunitário e ambiental) três fatos fazem cada vez mais evidente a necessidade deste tipo de acompanhamento. 1. As situações vertiginosamente cambiantes da sociedade, que afetam a vida como um todo; 2. As mudanças na pastoral pós-Vaticano II (litúrgica, bíblica, catequética e participativa), que promoveram a maturidade e redescobrimto do Acompanhamento Espiritual e facilitaram o crescimento das comunidades e; 3. A renovação da vida religiosa das mulheres, onde o acompanhamento entre elas, traspassou os limites do papel da superiora.⁶¹⁴

Deus acompanha o Seu povo peregrino pelo deserto, no Antigo Testamento. (protege de dia com uma nuvem, dirige de noite com fogo)⁶¹⁵; e é Ele mesmo que continua nos acompanhando agora através do Seu *Emanuel*, Deus presente nas

⁶¹⁰ VERÓN, 1999, p. 58-61.

⁶¹¹ VERÓN, 1999, p. 62.

⁶¹² VERÓN, 1999, p. 62.

⁶¹³ MERCIECA Bezzina. Eduardo S.J. O Acompanhamento Espiritual como ministério na igreja. In: **Revista ITAICI**, Vol./No. 37, p. 63

⁶¹⁴ MERCIECA, 1999, p. 64.

⁶¹⁵ Êxodo 13:21

alegrias e tristezas da humanidade.⁶¹⁶ O acompanhamento espiritual é um ministério presente, mediado e discernido pela Igreja e quem partilha e vive a vida da comunidade, tem a capacidade e a autoridade moral para exercer o papel de acompanhante espiritual, a través de um diálogo não hierárquico. Mercieca expressa que este ministério tem suas raízes, primeiramente, no chamado de Deus e, depois, na resposta do ser humano a dito chamado, e que de forma alguma pode ser considerado como um “título” ou designação, pois é um carisma ou vocação especial, não hierárquica, exercida em função da comunidade.⁶¹⁷ No entanto, este tipo de acompanhamento não alude a qualquer classe da acompanhamento, porém, como seu nome o indica, é espiritual, porque fala da relação com o Espírito, como fonte e presença atuante arraigada no Deus Trino e pessoal, no Jesus ressurreto. Em palavras de Mercieca:

Não aponta para nenhum tipo de nirvana, não é um escapismo da realidade ou um intimismo que se contenta com sentir-se bem na oração formal. Todo acompanhamento espiritual cristão - para pessoas de vocação ativa e também para aquelas de vocação contemplativa - ajudará ao fiel acompanhado a sentir-se responsável da construção do Reino.⁶¹⁸

Outro dos aspectos importantes para os Jesuítas é a ênfase pedagógica do acompanhamento. Onde este tem a função de formar integralmente a pessoa.⁶¹⁹ Esta ênfase pedagógica considera oito dimensões de ação (ética, espiritual, cognitiva, afetiva, comunicativa, estética, corporal e social-política), as quais estão contempladas na linha 6, literal d, do Projeto Educativo Comum (PEC), documento elaborado com a intencionalidade de reforçar a união, estreitar, reorientar e atualizar os esforços como corpo apostólico nas Instituições Educativas da América Latina.⁶²⁰

⁶¹⁶ MERCIECA, 1999, p. 64.

⁶¹⁷ MERCIECA, 1999, p. 65-66.

⁶¹⁸ MERCIECA, 1999, p. 67.

⁶¹⁹ CERPE. Centro de reflexão e planificação educativa. **Acompañamiento:** Hacia la comprensión del acompañamiento, abril, 2011. p. 3. Disponível em: http://www.cerpe.org.ve/tl_files/Cerpe/contenido/documentos/Pedagogia/Hacia%20la%20comprension%20del%20acompanamiento.pdf. Acesso em: 9 ago. 2017.

⁶²⁰ Projeto Educativo Común para América Latina (PEC). Disponível em: <https://www.javeriana.edu.co/personales/hbermude/areacontable/generales/Pec.htm#:~:text=Es%20un%20instrumento%20corporativo%20de,propuesta%20pr%C3%A1ctica%20y%20les%20da>. Disponível em: 25 abr. 2021.

4.3.2 Acompanhamento vocacional

O Dicionário Enciclopédico das Religiões define acompanhamento vocacional como um itinerário pessoal ou comunitário sistemático, planejado e evolutivo criado pela igreja com a intenção de ajudar à pessoa na sua escolha de seguimento a Jesus. Ele é definido da seguinte forma:

Itinerário pessoal e comunitário, mediante o qual a igreja cria condições, para que os cristãos possam optar, com maior amadurecimento e liberdade possíveis, pela maneira específica, de seguimento de Jesus, segundo a vontade de Deus sobre as suas vidas. Ele deve ser um acompanhamento sistemático, planejado e evolutivo, e não ocasional e improvisado, cuidando de não isolar o vocacionado da realidade familiar e social em que vive e de onde procede... Três etapas podem distinguir-se nesse itinerário de acompanhamento vocacional: acolhimento e conhecimento inicial, discernimento dos sinais da vocação e compromisso vocacional específico e opção.⁶²¹

Maria Helena Alvarado descreve no seu trabalho que, o acompanhamento vocacional é aquele que se ocupa de conhecer o mundo vital das pessoas que se sentem chamadas à vida religiosa, com o propósito de oferecer um processo evangelizador, que desde sua realidade familiar e sua própria história pessoal a ajudem a optar vocacionalmente em liberdade e com responsabilidade.⁶²² Este processo se inicia geralmente desde a juventude da pessoa, permitindo incluir e/ou contemplar diversos aspectos socioeconômicos, sócio-políticos, socioculturais, sócio religiosos e sócio familiares; muitas vezes característicos de uma juventude sem projetos, indiferente, desorientada, desiludida; que acredita só naquilo que pode ser experimentado e, por vezes, se sentem vítimas dos meios de comunicação, das mudanças aceleradas, vivem em estado de angústia, ansiedade e instabilidade e com fortes carências afetivas.⁶²³

Conhecer todas estas realidades, se converte na primeira tarefa fundamental, pois elas constituem o ponto de partida para a orientação do processo e de suas atividades, tanto pessoais quanto grupais, tomando como guia o fazer de Deus-Pai, mas, por sua vez, compreendendo e respeitando o sentido vocacional da vida

⁶²¹ SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. **Dicionário enciclopédico das religiões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

⁶²² ALVARADO, Maria Helena. **Acompañamiento vocacional de adolescentes y jóvenes**. 2016. Disponível em: http://www.celam.org/cebitepal/investiga/investiga589885f470134_06022017_719am.pdf. p.6. Acesso em 24 jun. 2019.

⁶²³ ALVARADO, 2016, p. 8-11.

humana. Esta compreensão e respeito do sentido vocacional pode-se ver refletido nas seguintes cinco atitudes: 1. Se pôr ao lado, respeitando o lugar do “protagonista”. 2. Seguindo um itinerário vocacional, ou seja, uma viagem rumo ao amadurecimento da fé, que é realizado por etapas, na companhia de alguém que ajuda a reconhecer aquele que chama e a reconhecer e discernir o caminho a ser percorrido para chegar Nele (Jesus) e corresponder ao seu chamado.⁶²⁴ 3. Assinalando e reconhecendo a presença do “outro”. Isto é semelhante a admitir a natureza relativa do próprio acompanhamento como mediação, no itinerário, que leva ao descobrimento daquele que chama e se acerca ao ser humano.⁶²⁵ 4. Identificando as fontes de água. Estes representam os lugares, desafios, momentos e expectativas pelas que cada pessoa pode passar, com suas dúvidas não resolvidas, sua arrogância ou seu desejo profundo de autenticidade e de projeção para o futuro. O processo não contempla a passividade ou a “espera”, mas sim, a ação por querer encontrar o lugar e o “poço” justo onde a vida e o futuro esperam pela pessoa vocacionada.⁶²⁶ 5. A quinta atitude é: Compartilhar e testemunhar a própria vocação. Isto não significa “dar” uma direção “espiritual” a vida do acompanhado ou acompanhada, ou estabelecer conversações de sentido único. Implica, essencialmente, compartilhar o pão do caminho, a fé, a memória de Deus, a procura de Deus, a experiência da luta e do amor de Deus.⁶²⁷

Rufino José Meana, expressa que o acompanhamento vocacional tem como compromisso principal, aprofundar na experiência religiosa da pessoa acompanhada, mais do que nas suas ideias de ordem dogmático moral ou disciplina⁶²⁸ Destaca a importância da centralidade da experiência espiritual. E alerta sobre o perigo de desviar o processo entre quem acompanha e quem é acompanhado, e convertê-lo num relacionamento pseudoterapêutico. Daí a importância de que quem acompanha tenha também certo grau de experiência ou formação, referindo-se com isto ao fato de ter tido a possibilidade de ter feito um autoexame com consciência sobre a vivência do mesmo processo que está acompanhando, se perguntando, entre outras coisas,

⁶²⁴ ALVARADO, 2016, p. 14-15.

⁶²⁵ ALVARADO, 2016, p. 15.

⁶²⁶ ALVARADO, 2016, p. 15.

⁶²⁷ ALVARADO, 2016, p. 15-16.

⁶²⁸ MEANA, Peón Rufino José. **Diálogo pastoral, Acompañamiento, Dirección espiritual y Confesión.** 2017. p. 5. Disponível em: <https://plandiocesanomisionero.com/images/Documentos/Martes%2014.%20Rufino%20Meana.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2019.

por exemplo: Tenho feito eu este caminho/processo na vida?⁶²⁹ E as perguntas que caberiam provocar no acompanhado seriam: para onde vou? O que eu quero fazer da minha vida daqui em diante? No entanto, a ideia não é converter o acompanhamento num “dirigismo”, porém, o desafio consiste em estimular a escuta do Senhor, saber pedir fortaleza para os tempos difíceis, se deixar fascinar por Ele, recordar suas consolações, entre outros; porque quando se acompanha vocacionalmente, o que realmente se está acompanhando é a disposição ou a forma de estar da pessoa ante Deus.⁶³⁰

4.3.3 Conversação, diálogo ou Direção espiritual

Na tradição jesuíta, Van Breemen descreve a conversação espiritual como “o carisma” principal concedido a Ignácio de Loyola, que sendo questionado sobre sua prática pelos domínicos, em 1527, sobre o que “pregava”, respondeu: “nós não pregamos, mais com alguns, *conversamos sobre assuntos de Deus* depois de comer, quando algumas pessoas nos solicitam.”⁶³¹ Neste sentido, Arrieta, complementa que foi o mesmo Inácio de Loyola quem estabeleceu a figura de mestres espirituais, com o propósito de “atender, consolar e ajudar aos tentados e prevenir com remédios oportunos, além de avisar de qualquer defeito espiritual ao reitor, instruir e dar remédios espirituais para crescer nas virtudes.”⁶³² Menciona, também, no documento, que a tradição das “conversações espirituais” chega até os tempos atuais e que os jesuítas convivem até hoje com diversos enfoques desta prática, ressaltando na Europa o enfoque de Jean Laplace (centrada mais especificamente nas questões espirituais) e a escola anglo-saxã, (que se ocupa mais abertamente por questões psicológicas) e cuja obra mais significativa é o livro de William Barry e William Connolly.⁶³³

Meana enfatiza que uma das ênfases da espiritualidade inaciana em relação à conversação espiritual está relacionada, ou melhor, direcionada, a que a pessoa

⁶²⁹ MEANA, 2017, p. 6.

⁶³⁰ MEANA, 2017, p. 10.

⁶³¹ VAN BREEMEN, Piet. Acompañamiento Espiritual hoy. **Revista Manresa**, Vol. 68. 1996. p. 363.

⁶³² ARRIETA, Lola. Aquel que acompaña *sale* al encuentro y *regala* preguntas de Vida para *andar* el camino. **Simpósio CCEE**, Barcelona, março, 2017, p. 5.

⁶³³ ARRIETA, 2017, p. 5. O livro a que se faz referência é: BARRY, William; CONNOLLY, William. **La práctica de la dirección espiritual**. Santander: Edit. Sal Terrae, 1982. Traduzido para o espanhol em 2011.

reflita no diário viver, sobre o como tem vivido sua vida religiosa. Isto supõe uma conversação de espírito a espírito, porém, que vai além de uma conversação profunda, pois alude a duas vivências (a de quem acompanha e a da pessoa acompanhada), que mesmo caminhando o mesmo caminho, são diferentes, individuais, intransferíveis e pessoais; porém, ambos os caminhantes devem ser sensíveis à voz do Espírito que fala e precisa ser ouvido.⁶³⁴ Se trata então de um caminho que está sendo construído a dois, onde, em especial, quem acompanha deve caminhar muito livre de pretensões ocultas ou moralmente censuráveis em relação com a pessoa que se está acompanhando, enquanto se tenta descobrir o agir da graça e a Vontade Divina.⁶³⁵

O foco da conversação espiritual é a experiência de Deus na vida da pessoa acompanhada, é algo mais do que simplesmente conversar, ênfase no que Ávila concorda plenamente,⁶³⁶ contudo, Ávila apresenta esta dinâmica como um processo de ênfase mais pastoral que espiritual, afirmando que este implica um encontrar-se autenticamente com a outra pessoa num intercâmbio que permite o conhecimento próprio, da outra pessoa e do mundo; e no qual, cada um tem a possibilidade de compartilhar como experimenta o mundo, mas, busca entender a forma em que a outra pessoa o faz e como é afetada por ele, de forma que se produz uma mudança neles.⁶³⁷

Existem, entretanto, dois perigos no exercício desta prática sobre os que Ávila alerta e entre os quais enfatiza: 1. O perigo da “profissionalização”. O seja, converter o que seria um verdadeiro encontro entre pessoas, numa pregação, numa conversação terapêutica, ou numa escuta rotineira de pecados, o que pode acontecer pelo fato de estar mais interessados por cumprir ou aplicar uma série de técnicas ou habilidades sociais ou terapêuticas, perdendo a espontaneidade e a riqueza que o encontro fraterno oferece para o encontro de duas pessoas e suas autênticas realidades; e 2. O perigo da “idealização”. Este como seu nome o indica, pode levar a idealizar tanto o acompanhamento e seus avanços, ao ponto de não permitir valorizar os avanços da pessoa acompanhada, que por vezes, são muito menores do esperado

⁶³⁴ MEANA, 2017, p. 11.

⁶³⁵ MEANA, 2017, p. 12.

⁶³⁶ ÁVILA, 2018, p.123.

⁶³⁷ ÁVILA, 2018, p. 124.

ou desejado.⁶³⁸ Resumindo, a conversação no acompanhamento, não é uma simples conversa entre amigos ou amigas, porém, procura alcançar alguns objetivos seja na sanidade, dignificação ou no compartilhar da vida diária e suas esperanças.⁶³⁹

Em relação com a direção espiritual, alega o professor Antonio Ávila, que tempos atrás o acompanhamento também concebido desde a perspectiva específica da direção espiritual, vem recebendo muitas críticas pela forma nas quais era realizada. Os dois aspetos mais criticados são precisamente os termos de “direção” e “espiritual”, assunto que já antes do Vaticano II se vinha questionando, devido à forma na qual o clero, através dos seus “diretores espirituais”, exerciam poder sobre as consciências das pessoas e exigiam desta obediência cega.⁶⁴⁰ Ávila refere também que esta crise trouxe consigo três problemáticas, dentre as que podem ser destacadas entre elas o abuso de poder e a ausência da dimensão comunitária⁶⁴¹. Também se acusava de estar centrada em aspectos morais e da concepção antropológica puritana de rejeição do corpo, centrada nos “pecados da carne”, de ser uma direção espiritual desenvolvida quase exclusivamente pelo clero (daí sua acusação de ser clerical) na qual o diretor espiritual, na sua prática, era identificado com o confessor.⁶⁴²

Arrieta menciona que a segunda metade do Sec. XX devido ao risco da alienação das consciências assim como a outros motivos, os abusos de poder cometidos pelo clero foram deteriorando a direção espiritual, fazendo desta uma obrigação não compreendida, nem assumida. Só foi até o Vaticano II que a igreja foi motivada a discernir os sinais dos tempos e a reavivar sua prática.⁶⁴³

Entre os vários enfoques europeus a de Jean Laplace certifica que, além do significado corriqueiro do termo, a direção espiritual consistia mais em seguir do que em dirigir, mesmo considerando a “paternidade” como o relacionamento que poderia ser entendido como o mais próximo à direção; assim mesmo, reconhecia que qualquer pessoa que tivesse a graça divina (dom) da direção, poderia ser diretor. No entanto,

⁶³⁸ ÁVILA, 2018, p.125.

⁶³⁹ ÁVILA, 2018, p.125.

⁶⁴⁰ ÁVILA, Antonio. **Discernimiento espiritual y acompañamiento pastoral**. Disponível em: <https://web.unican.es/campuscultural/Documents/Aula%20de%20estudios%20sobre%20religi%C3%B3n/2017-018/4Discernimiento%20esp.%20y%20acompa%C3%B1amiento%20pastoral-A.%20Avila.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2019.

⁶⁴¹ ÁVILA, 2018, p. 312

⁶⁴² ÁVILA, 2018, p. 312.

⁶⁴³ ARRIETA, 2017, p. 5.

sua inclinação era pelo sacerdote.⁶⁴⁴ Meana também tomando como base a Laplace, não fala tanto de direção espiritual, mas sim, de direção de consciência; refere que para este autor (Laplace) este termo era bastante tradicional ao ponto de denominá-lo como “a arte das artes”, mencionando que o diretor deve instruir no discernimento e no respeito pela liberdade do dirigido com objetivos claros e formativos.⁶⁴⁵

4.3.4 Acompanhamento “Psicológico”

A psicologia tem contribuído de forma assombrosa no conhecimento da integralidade do ser humano, (na sua identidade, no exercício da liberdade, no seu comportamento, assim como na integração social, pessoal e nas suas aspirações profundas). Cabe aqui mencionar que no período de elaboração desta pesquisa, não foi encontrado muito material onde se fala-se de forma específica sobre o tópico que está sendo trabalhado, (Acompanhamento psicológico), mas sim, sobre aconselhamento psicológico, alguns dos quais foram mencionados e/ou usados como referência no capítulo anterior.⁶⁴⁶ Como poderá ser percebido no desenvolvimento deste segmento, para alguns não existe, como tal, o acompanhamento psicológico, mas sim, um grande aporte da psicologia ao labor de acompanhamento.

Carlos Rafael Cabarrús garante que a psicologia tem aportado grandes conhecimentos na compreensão da forma em que a psique e o corpo se relacionam, e que, portanto, é complicado separar completamente o aspecto psicológico de qualquer tipo de acompanhamento.⁶⁴⁷ Este autor sustenta, por exemplo, que acompanhamento espiritual e acompanhamento “psicológico/terapia”, podem ser considerados procedimentos de libertação, porém, diferentes. Mesmo assim, insiste em que há uma forte inter-relação e que sua diferença, só pode ser superada através

⁶⁴⁴ ARRIETA, 2017, p. 5.

⁶⁴⁵ MEANA, Disponível em: <https://plandiocesanomisionero.com/images/Documentos/Martes%2014.%20Rufino%20Meana.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2019

⁶⁴⁶ Alguns destes documentos são: SCHEEFFER, Ruth. **Aconselhamento psicológico: teoria e prática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1973; SANTOS, Oswaldo de Barros. **Aconselhamento psicológico e psicoterapia: auto-afirmação - um determinante básico**. São Paulo: Pioneira, 1982; ROSENBERG, Rachel Lea e MÓRATO, Henriette Tognetti Penha. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. São Paulo: EPU, 1987; MAY, Rollo. **A Arte do aconselhamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1976 e SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Aconselhamento psicológico e psicoterapia: aproximações e distanciamentos. In.: **Contextos Clínicos**, Vol. 7, Nº 1, janeiro-junho 2014, entre outros.

⁶⁴⁷ CABARRÚS, Carlos Rafael. **Cuadernos de Bitácora para acompañar caminantes: Guía psico-histórico-espiritual**. 5 ed. Desclée. 2010, p. 16.

da integração sadia dos dois processos, de forma que contribuam para a construção de novas histórias e procedimentos congruentes de amadurecimento pessoal.⁶⁴⁸ Como visto no capítulo anterior, quando trabalhado o aconselhamento na perspectiva psicológica, este enfoque se centra em abordar as dificuldades de ordem psíquica e psicossocial das pessoas,⁶⁴⁹ de forma a alcançar ampla satisfação pessoal e social.⁶⁵⁰

Para uma melhor compreensão da “partilha”, entre a psicologia e o acompanhamento espiritual, Cabarrús afirma que, especialmente no Século XVI, o exemplo de Inácio de Loyola, introduziu elementos da psicologia no seu próprio processo de vivência espiritual, denominado inicialmente “conversação espiritual” e também, no método dos exercícios espirituais, afirmando o quanto a psicologia influenciou o seu processo, de forma profunda.⁶⁵¹

Um dos elementos apontados como importante é o da culpa “sadia” como elemento central no seu método, que constitui a base da primeira semana de exercícios. O elemento da emulação como base do seguimento a Jesus, é central na segunda semana, onde a contemplação e aplicação de sentidos (sensibilidade), assim como os desejos e suas deturpações, também são importantes, como caminho de conhecimento profundo. A terceira semana se ocupa de analisar o tipo de amizade que leva até a morte, fazendo uma analogia com o exemplo de Jesus, sem esquecer a congruência e o egoísmo. Na quarta semana o eixo motivacional apresentado é a esperança, cuja função é a de mobilizar psicológica e socialmente.⁶⁵²

Mesmo no século XVI, sendo todos estes, aportes fundamentais da ainda não nascida psicologia, ao processo de acompanhamento espiritual, Cabarrús afirma que

⁶⁴⁸ CABARRÚS, 2010, p. 31-32.

⁶⁴⁹ HELKER; SILVA, 2016, p. 15.

⁶⁵⁰ SANTOS, 1982, p. 7.

⁶⁵¹ CABARRÚS, 2010, p. 40. Para mais informação, ver CUESTA, J. D. **Acompañamiento espiritual y la relación de ayuda**: La actualidad de los ejercicios de Ignacio de Loyola, tesina de Licenciatura, UPCO, 1999, p. 150. Ali o autor da uma excelente síntese da evolução do termo, das suas justificações psicológicas e teológicas e do aporte do Inácio de Loyola ao acompanhamento. Outros textos que podem ajudar a entender melhor sobre a relação e compreensão de Loyola com e sobre a psicologia são: VILLACEPELLÍN, A. Modificadores de conducta en los Siglos XVI Y XVII: El “Examen Particular” de Ignacio de Loyola. *In: Revista de Psicología general y aplicada*, Vol. 42, nº. 4, 1989, p. 525-531 e VILLACEPELLÍN, A. Un Psicólogo español del Siglo XVI precursor de la terapia cognitivo-conductual. *In: Revista de Psicología general y aplicada*, Vol. 44, nº. 3, 1991, p. 363-373.

⁶⁵² CABARRÚS, 2010, p. 41. Outros momentos nos quais pode ser percebida a perspicácia de Loyola no aspecto psicológico podem ser encontrados entre as tantas instruções dadas aos seus colegas que foram enviados como missionários a Irlanda descritos em: LOYOLA, Ignácio de. **Obras completas**. BAC. Madrid, 1991, p. 751-752.

estes só foram aceitos há pouco tempo; pois, no início do surgimento da psicologia como ciência, a reação no campo do acompanhamento frente a ela, foi negativo.⁶⁵³

O autor argumenta que a Psicologia se torna uma ferramenta importante no domínio de quem acompanha espiritualmente, pois lhe permite conhecer de forma mais profunda a quem se está acompanhando, no entanto adverte do perigo de confundir o acompanhamento com terapia, considerando que são duas coisas diferentes; e, na hipótese que alguém precisar de terapia psicológica, estando num acompanhamento espiritual, deve ser remitido ou procurar por si mesmo um especialista nessa área; então, só se quem acompanha espiritualmente for também profissional em psicologia, poderá fazê-lo, mas, deverá ter muito cuidado para não misturar as questões espirituais no processo, para evitar confusões.⁶⁵⁴

A especificação que Cabarrús faz em relação ao processo psicológico é que ele **não** tem características referidas a mutualidade, a graça e ao culto, próprias da espiritualidade; a pessoa que participa deste processo apresenta alguns sintomas de insanidade; este não trata da ordem da graça como tal; neste processo as pessoas, no geral, sentem falta da busca do sentido da vida, ênfase que não está presente, já que a ênfase deste processo está orientada a que a pessoa se cure e se “sinta bem.”⁶⁵⁵

Parafraseando a Schipani, não existe uma única corrente ou enfoque psicológico que possa auxiliar a prática de acompanhamento; mesmo assim, ele aponta que, historicamente, são conhecidas quatro correntes “principais” que foram notavelmente desenvolvidas no século passado e das quais se derivam centenas de enfoques psicoterapêuticos. Estas correntes são a *Psicologia psicanalítica ou psicodinâmica*, fundada por Sigmund Freud; a *Psicologia comportamental*, especializada na modificação do comportamento; a *psicologia humanista ou existencialista*, e, finalmente, a *psicologia sistêmica*, que se ocupa do enfoque orientado principalmente à família.⁶⁵⁶

O autor também ressalta que, mesmo que nenhuma dessas correntes possa fazer jus à complexidade que representa o ser humano, cada uma, sim, aporta

⁶⁵³ CABARRÚS, 2010, p. 41.

⁶⁵⁴ CABARRÚS, 2010, p. 47.

⁶⁵⁵ CABARRÚS, 2010, p. 47.

⁶⁵⁶ SCHIPANI, 2016, p. 32.

valiosos recursos tanto teóricos (conhecimento de processos de câmbio, perspectivas de análise e modelos de personalidade e interação humana, entre outros), como práticos (estratégias de ajuda para situações específicas, metodologias terapêuticas, tipos de intervenção, etc.). Isso porque “elas descrevem e interpretam a conduta e a personalidade, e fundamentam o aconselhamento e a psicoterapia de formas particulares.”⁶⁵⁷ (tradução nossa).

Esta prática pode ser definida, em palavras de Alexander Silva Castro como:

O método de apoio clínico profissional adequado para o sofrimento psíquico pontual ou uma crise. [...] tem uma frequência estipulada. [...] pode ser breve, para resolver uma crise ou um sintoma agudo que surge na sequência de um acontecimento de vida. Por exemplo, [...] uma ruptura amorosa, uma situação de desemprego, etc.⁶⁵⁸

Retomando a Cabarrús, ele aponta que mesmo que a psicologia tenha apresenta uma evolução significativa (desde o inconsciente até o papel do corpo no inconsciente) ainda assim não é suficiente e não consegue acompanhar o crescimento total da pessoa, em especial às pessoas de fé.⁶⁵⁹ O autor também menciona alguns aportes significativos da psicologia que, a seu ver, demonstram o denso que pode ser o obrar moral, permitindo aprofundar no conhecimento humano suas aspirações e motivações mais radicais; relativiza a supremacia que no princípio se dava à intencionalidade; permite compreender que a idade, o equilíbrio e a interação entre fatores sociais e pessoais, influenciam os processos de identidade e de realização humana; enfatiza o papel do exercício da liberdade e tomada de decisões, assim como também a importância de um projeto pessoal de vida que encaminhe até a integração pessoal e social ou a compreensão das causas das diversas alterações e inadequações individuais e sociais, além dos condicionamentos aos que o ser humano está sujeito.⁶⁶⁰

⁶⁵⁷ SCHIPANI, 2016, p. 32. *Ellas describen e interpretan la conducta humana y la personalidad, y fundamentan la consejería y la psicoterapia de maneras particulares*. Se enfatiza aqui, que mesmo que o texto de Schipani está abordando o tema do acompanhamento (**Manual de Psicologia Pastoral: Fundamentos e princípios de Acompanhamento**) em repetidas ocasiões, é utilizado o termo aconselhamento como sendo sinónimo.

⁶⁵⁸ SILVA, Alexandre Castro. **O Psicólogo responde**. Disponível em: <https://opsicologoresponde.com/o-que-faco-3/acompanhamento-psicologico/>. Acesso em: 18 jan. 2018.

⁶⁵⁹ CABARRÚS, 2010, P. 42.

⁶⁶⁰ CABARRÚS, 2010, P. 42 – 43.

4.3.5 Acompanhamento psicoterapêutico

Existem pelo menos cinco correntes ou escolas psicoterapêuticas reconhecidas, com diferentes enfoques e técnicas que tem dado seus aportes ao labor do acompanhamento,⁶⁶¹ As cinco principais correntes que orientam o labor psicoterapêutico são: 1. As terapias tradicionais orientadas na análise; 2. As terapias condutais-cognitivas; 3. As terapias das potencialidades humanas; 4. As terapias sistemáticas e radicais, e 5. As terapias de crescimento espiritual.⁶⁶² Observa-se que, mesmo que estas cinco correntes poderiam ser abordadas de forma mais aprofundada, opta-se aqui por apresentá-las de forma breve, devido a sua grande extensão; e além disso, porque o assunto central deste segmento não é detalhar a dinâmica ou metodologia destes processos terapêuticos, mas sim, enfatizar seus enfoques e, principalmente, os aportes das mesmas ao processo do acompanhamento, que pela sua importância, não poderiam deixar de serem mencionados ainda que de forma breve.

4.3.5.1 *As terapias tradicionais orientadas à análise*⁶⁶³

Agrupa aquelas correntes que mesmo diferentes, consideram que a análise e a tomada de consciência por parte do e da paciente, é o que permite a superação pessoal, a mudança nos relacionamentos e o crescimento humano, entre outros. Seus instrumentos principais são a verbalização e a escuta atenta. É a palavra da própria pessoa paciente/cliente a que permitirá a cura e o crescimento. Ainda dentro deste grupo existem várias orientações. Entre as principais correntes mencionadas se encontram: a psicoterapia de orientação psicanalítica, que se apoia no pensamento de Sigmund Freud e afirma a existência do inconsciente e sua função na vida das pessoas e sua tarefa é conseguir que a pessoa seja consciente das causas inconscientes que obstaculizam o desenvolvimento normal da sua vida.⁶⁶⁴ Também apresenta o aporte não diretivo de Carl R. Rogers, quem propõe uma mudança na compreensão do acompanhamento, logo de adotar o pensamento de Lao Tse. Para Roger a função do acompanhamento, e por conseguinte, de quem acompanha,

⁶⁶¹ ÁVILA, 2018, p. 54.

⁶⁶² ÁVILA, 2018, p. 54.

⁶⁶³ ÁVILA, 2018, p. 55-64.

⁶⁶⁴ ÁVILA, 2018, p. 58.

consiste em restaurar a aceitação que a pessoa acompanhada tem de si mesma, assim como do processo de valoração espontânea, permitindo que mude a forma de se relacionar com as outras pessoas.⁶⁶⁵

4.3.5.2 As terapias condutais-cognitivas⁶⁶⁶

Este grupo também inclui terapias diferentes, e seu objetivo terapêutico comum está no convencimento da mudança de conduta, no cognitivo. A diferença das anteriores (de análise), esta vê os fatos dolorosos como o centro do problema a ser trabalhado, mas não como um sintoma de outros problemas mais profundos. Sua pretensão é mudar os pensamentos e comportamentos inadaptados e um dos trabalhos do psicoterapeuta é convencer as pessoas de que seus sentimentos irracionais, são produto dos seus pensamentos irracionais, portanto, deve organizar a forma de pensar e de perceber a realidade, valendo-se de metodologias didáticas autoritárias que vão além do problema ou situação concreta, como afirmado a seguir.

O trabalho do psicoterapeuta consiste em **convencer** aqueles que se sentem infelizes ou ansiosos de que a causa dos seus problemas emocionais e psicológica é sua forma de pensar de forma irracional, e que, para eliminar as emoções negativas e os problemas psicológicos, há a necessidade de reorganizar a forma de perceber a realidade e a forma de pensar de modo que as ideias sejam lógicas e racionais. E para isto se **faz uso de uma metodologia didática autoritária que vai além do problema ou situação concreta.**⁶⁶⁷ (Tradução e ênfase própria)

Pode-se dizer então que, nesta afirmação, fica evidente que o objetivo do “acompanhamento” psicoterapêutico, é “convencer”, mas, não é precisamente isto o que as mulheres esperam no acompanhamento, seja qual for a problemática ou a situação; portanto, considera-se que este tipo de processo teria de ser revisto.

⁶⁶⁵ ÁVILA, 2018, p. 61.

⁶⁶⁶ ÁVILA, 2018, p. 64-75.

⁶⁶⁷ ÁVILA, 2018, p. 69. *El trabajo del psicoterapeuta consiste en convencer a los que se sienten infelices o ansiosos de que la causa de sus problemas emocionales y psicológicos es su forma de pensar de manera irracional, y que, para eliminar las emociones negativas y los problemas psicológicos, hay que reorganizar la manera de percibir la realidad y la manera de pensar, de modo que nuestras ideas sean lógicas y racionales. Para conseguir esto se sirve de un método didáctico y autoritario que va más allá del problema o la situación concreta.*

4.3.5.3 As terapias das potencialidades humanas⁶⁶⁸

O principal objetivo das terapias deste grupo é atualizar as potencialidades das pessoas. Uma das mais reconhecidas é a terapia *Gestalt*, centrada no crescimento além da cura e sua filosofia é existencialista e holística. Pretende que as pessoas se conheçam e relacionem melhor consigo mesmas e com as outras pessoas afirmando, entre outros aspectos, sua própria identidade.⁶⁶⁹ Seu principal objetivo é promover a plenitude e criatividade das pessoas permitindo que sejam libertadas de tudo aquilo que diminui sua autorrealização e crescimento.⁶⁷⁰ Centra sua atenção nos processos; na sua metodologia predominam o perceber, sentir e atuar; convida a aceitação do que a pessoa é e considera como maior fortaleza o fato de que a pessoa assuma a responsabilidade dos seus atos, pensamentos e sentimentos sem se ocultar num sujeito coletivo.⁶⁷¹

4.3.5.4 As terapias de crescimento espiritual⁶⁷²

Mesmo sendo muito semelhantes com as anteriores, seu foco central está na integração, crescimento e cura espiritual. Suas raízes estão na filosofia existencial e nos movimentos que dão valor as questões espirituais, mas não necessariamente religiosas na natureza humana. Entre os principais exemplos são mencionadas a psicoterapia existencial, caracterizada por estar centrada nos problemas humanos, a procura pelo sentido da vida, a responsabilidade e a liberdade⁶⁷³; e a psicoterapia pastoral, que tem como objetivo melhorar a vida espiritual, seu relacionamento com a comunidade e com Deus, centrando seu trabalho na denominada “neuroses eclesio-genicas” ou doenças mentais, produto das deformações do ensino religioso, entre as que mencionam a culpabilidade destrutiva ou distorcida, o perfeccionismo incapacitante e a busca compulsiva por amparo e aceitação da própria comunidade, entre outras.⁶⁷⁴ Seu objetivo último é procurar sarar as patologias em geral e de forma

⁶⁶⁸ ÁVILA, 2018, p. 76-77.

⁶⁶⁹ ÁVILA, 2018, p. 76.

⁶⁷⁰ ÁVILA, 2018, p. 77.

⁶⁷¹ ÁVILA, 2018, p. 77.

⁶⁷² ÁVILA, 2018, p. 77-81.

⁶⁷³ ÁVILA, 2018, p. 79.

⁶⁷⁴ ÁVILA, 2018, p. 80-81.

específica as religiosas, promover a espiritualidade e integrar os aportes da psicoterapia atual com a tradição espiritual da igreja.⁶⁷⁵

4.3.5.5 As terapias sistemáticas e radicais⁶⁷⁶

Considera as correntes cujo valor fundamental está no sistema de relacionamentos interpessoais e no contexto social no qual se desenvolve a vida da pessoa. Ávila agrupa as correntes deste grupo em dois subgrupos principais a. Aquelas que centram a atenção no sistema de relacionamentos (sistemáticas) e as que consideram que para alcançar o processo de cura são precisas mudanças sociais, políticas, culturais, etc. Estas últimas consideram que é preciso ir até a raiz dos problemas, que muitas vezes são sociais e não tratar o problema somente de forma paliativa, deixando de lado as questões estruturais que as provocam. O objetivo do acompanhamento neste caso não é só sarar a dor, mas também, restabelecer a dignidade das pessoas, lutando pela ação e a organização social, visando mudanças nas estruturas de opressão.⁶⁷⁷

Mesmo que não resulte fácil integrar todos os aportes destes tipos de terapia ao processo de acompanhamento, estas o esclarecem e enriquecem, pois, permitem perceber diversos pontos de vista, assim como também, exercitar a auto criticidade; mas, é fundamental não confundir ou converter o acompanhamento numa terapia psicológica⁶⁷⁸, em princípio, por dois fatores importantes: Um, porque geralmente as pessoas que precisam ou procuram acompanhamento, não apresentam um perfil patológico, devido a que suas necessidades são diferentes e, dois, porque a maioria dos acompanhantes não possuem a capacitação necessária para atender esse tipo de situações.⁶⁷⁹

Antes de finalizar este tema do acompanhamento psicoterapêutico, apresentam-se dois posicionamentos mais. O de Fábio Scorsolini-Comin, que define este processo como uma relação de ajuda na qual alguém procura atendimento ou alívio para suas crises provindas de diversas problemáticas (emocionais, educacionais, profissionais), e que envolve, além de informações, a aplicação de

⁶⁷⁵ ÁVILA, 2018, p. 81.

⁶⁷⁶ ÁVILA, 2018, p. 81-84.

⁶⁷⁷ ÁVILA, 2018, p. 84.

⁶⁷⁸ ÁVILA, 2018, p. 86.

⁶⁷⁹ ÁVILA, 2018, p. 86.

testes psicológicos e orientações.⁶⁸⁰ e, por último, o de Miranda Evaristo, para quem a terapia alude a um começo, um início, um novo estado, uma conversão, um novo modo ou sentido de vida. Neste sentido, acompanhamento terapêutico pode ser considerado como a atenção que um/a terapeuta presta ao processo de iniciação de um novo momento na vida de outra pessoa;⁶⁸¹ e falando de novos começos, o seguinte exemplo de “acompanhamento” tem muito a ver com este assunto.

4.4 O LUGAR DA ESCUTA NOS PROCESSOS DE ACOMPANHAMENTO

Uma das afirmações de Mills é que, as mulheres “não casadas” fazem parte de um amplo grupo que vem sendo abandonado e esquecido nas comunidades eclesiais.⁶⁸² As mulheres precisam, merecem e esperam ser acompanhadas, como expressado por Dália (**Nas nossas comunidades faz falta um acompanhamento** às mulheres solteiras); no parecer da Margarita (**Queremos que outros/as nos acompanhem**) e também e, desde a perspectiva da Orquídea, (**A gente precisa [...] um ombro para poder dizer: hei! me apoie e eu te apoio; cuidemos uma da outra e caminhemos juntos nesta vida de fé**). (Grifos próprios). Acredita-se que não se fazem necessárias palavras ou explicações mais específicas, para entender a importância que este assunto representa para este grupo. A escuta, aponta a todas as formas de comunicação verbal e não verbal, permite estar atentos e atentas a totalidade da pessoa que se quer acompanhar, para assim poder brindar a ajuda que se precisa.⁶⁸³

Isto nos leva a pensar nas palavras de Ruben Alves, quem afirma que, são mais as pessoas que querem aprender a falar do que aquelas que desejam aprender a ouvir e, que mesmo, ela se propondo tentar ensinar a escutar, ninguém parece estar interessado em querer aprender⁶⁸⁴ e um dos dicionários menciona o “ouvir com muita

⁶⁸⁰ SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Aconselhamento psicológico e psicoterapia: aproximações e distancia-mentos. **Contextos Clínicos**, Unisinos, São Leopoldo, 7(1):2-14, janeiro-junho 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983. Acesso em: 10 abr. 2019.

⁶⁸⁰ MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Corpo**: território do sagrado. São Paulo: Loyola, 2000. p. 34.

⁶⁸¹ SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. **Dicionário enciclopédico das religiões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 52.

⁶⁸² Ver nota 15.

⁶⁸³ PAULA, 2013, p. 24.

⁶⁸⁴ ALVES, Rubem. **A escutatoria**. Disponível em: <http://www.caosmose.net/candido/unisinos/textos/escutatoria.pdf>. Aceso em: 07 de maio de 2018.

atenção” como definição do termo acompanhar⁶⁸⁵ o que, sem dúvida alguma, nos faz repensar na importância que esta ação tem, dentro do processo do acompanhamento.

Não é demais mencionar que a questão da escuta é inerente a qualquer processo comunicativo independente do seu propósito, portanto, alguns dos tópicos abordados aqui, como fundamentais no processo de acompanhamento, também são abordados nos diversos processos de aconselhamento, psicoterapia, etc. O significativo da perspectiva enfatizada aqui, atende à necessidade sentida de parte das entrevistadas e com a qual se tenta visibilizar suas necessidades, anseios e preferências com respeito a esta prática, como poderá ser percebido no parágrafo seguinte (4.5).

As situações específicas nas quais as mulheres solteiras precisam ser escutadas têm a ver com diversas problemáticas vivenciadas dentro de espaços denominados como privados (familiares e eclesiais), como também, em espaços públicos (trabalho, comunidade e sociedade em geral). Estas situações, em alguns dos casos, terminam por atingir todas as dimensões do ser humano (espiritual, estético, emocional, cognitivo, comunicativo, social-político, ético, corporal e afetivo)⁶⁸⁶. Noutras palavras, essas situações têm a ver com a integralidade, com o “todo” das suas “vidas”. Por exemplo, as problemáticas do dia a dia, terminam por atingir e afetar a forma em que é expressa a religiosidade, ou o jeito no qual é vivenciada a sexualidade; a forma como se concebem as próprias aspirações ou, o jeito de arquitetar a própria espiritualidade; da forma de enfrentar a rejeição e/ou a estigmatização, da forma em que convivem com a solidão e, também, do desejo de recuperar a autonomia dos seus corpos, entre outros tantos.

Assim sendo, são estas algumas das circunstâncias que terminam demandando um jeito especial de atenção, que lhes permita confrontar as problemáticas que derivam dos sistemas opressivos aos quais estão submetidas no dia a dia nesses diversos espaços.

⁶⁸⁵ HOUAISS, 2000. p. 17; e também: DICIONARIO ONLINE DE PORTUGUES. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/acompanhar/>. Acesso em: 8 set. 2018.

⁶⁸⁶ CERPE, 2011, p. 3; PEC Proyecto Educativo Común en América Latina. Línea estratégica n° 6, literal “d”. Disponível em: <https://www.javeriana.edu.co/personales/hbermude/areacontable/generales/Pec.htm#:~:text=Es%20un%20instrumento%20corporativo%20de,propuesta%20pr%C3%A1ctica%20y%20les%20da>. Acesso em: 25 abr. 2021.

Um poema anônimo, que bem pode descrever o “grito de socorro” de quem faz parte desse grupo esquecido e abandonado em muitas das comunidades eclesiais, reza:

Por favor, me escute!

Quando eu lhe peço que me escute e você começa a me dar conselhos, você não está fazendo o que eu lhe pedi.

Quando eu lhe peço que me escute e você começa a me explicar o porquê eu não deveria de me sentir assim, você está pisoteando meus sentimentos.

Quando eu lhe peço que me escute e você sente que tem que fazer algo para resolver meu problema, você está me falhando, ainda que lhe pareça estranho. ME ESCUTA!

O único que eu pedi a você é ME ESCUTAR. NÃO FALAR, NEM FAZER... SÓ ESCUTAR.

Conselhos fúteis; e com pouco dinheiro, posso obtê-los em qualquer jornal.

Quando você faz algo para mim, mas que eu posso e preciso fazer para mim, você contribui a meu medo e sentido de inferioridade.

Mas quando você aceita, como uma realidade, que sim tenho sentimentos, sem importar o quanto de irracionais eles possam ser, então posso deixar de tentar lhe convencer e continuar com a tarefa de entender o que está por trás desse sentimento irracional.

E quando isto fica claro, as respostas são óbvias e não preciso conselhos. Sentimentos irracionais cobram sentido quando entendemos o que está por trás deles.

Assim que, POR FAVOR, SIMPLEMENTE ME ESCUTE, OUÇA-ME, e se quiser falar, espere um minuto a que sua vez chegue e eu te escutarei. (anônimo).⁶⁸⁷

O poema é abertamente revelador e desafiador, e mais ainda, se se entende que a escuta faz parte imprescindível do processo de comunicação. Tanto é assim, que esta é considerada por muitos e muitas como uma arte⁶⁸⁸ complexa, uma arte que liberta.⁶⁸⁹ Porém, para que este processo de escuta seja eficaz e verdadeiramente liberador, deve cumprir com uma série de “exigências”, entre as que se podem encontrar o exercício da empatia, como um dos mais importantes. Cabe esclarecer aqui que pela amplitude desta perspectiva, aqui só serão enfatizadas alguns dos aspectos mais importantes de esta arte complexa, como por exemplo a questão da empatia a que será abordada mais adiante no ponto 4.6.

⁶⁸⁷ BETANCOURT, Luis Fernando. **El mejor regalo**. p. 114-115. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=9586072231>. Acesso em: 9 abr. 2019.

⁶⁸⁸ PAULA, Blanches de. A arte da escuta: diálogos libertadores diante da dor humana. In: **Escuta Libertadora: temas emergentes para o Aconselhamento Pastoral**. Filhos da Graça; Belo Horizonte. 2013, p. 15-24; ALEMANY, Carlos. **Escutar: uma arte complexa**. Grande Sinal, Vol./No. 50/1, p. 83-94, 1996; AIUB, Monica. **A arte de escutar**. Revista Eletrônica Espaço Teológico. Vol. 5, n. 8, jul/dez, 2011, p. 41-47; HANMER, Paula; VIANA, Maria Claudia. **Escutar**. Habilidade e Arte: Como escutar pode fazer a diferença entre o sucesso e o fracasso em nossa vida. São Paulo; editora biblioteca, 2017. Entre outros.

⁶⁸⁹ PAULA, Blanches de. **Escuta libertadora: temas emergentes para o aconselhamento pastoral**. Belo Horizonte, MG: Filhos da Graça, 2013.

Falando ainda do aspecto libertador da escuta, há quem afirme que: “Quando falamos de libertador, destacamos as possibilidades que, em nossos diálogos, nossa presença talvez seja a escuta mais adequada [...]. A atmosfera de um diálogo libertador está em dar voz àqueles que não têm voz, por meio da escuta.”⁶⁹⁰ Seguindo esta ideia, considera-se que esta prática, além de ser uma arte, constitui um desafio que não será possível enfrentar se não é feito um trabalho primeiramente pessoal e depois comunitário, de forma tal que permita que ela, a comunidade, como um todo, tenha uma posição diferente, mais aberta, reflexiva e respeitosa das vivências das pessoas que pertencem a ela e das que não fazem parte dela, que se acercam em busca de ajuda.

O anterior está relacionado não só com questionar, mas também, com repensar os processos epistemológicos presentes no dia a dia em relação com a fé, com o propósito de criar novos sistemas simbólicos, onde as relações sociais promovam o reconhecimento, o respeito, a igualdade e a autonomia. Noutras palavra, implica repensar também as relações de gênero. Este é um grande desafio. Cabe, pois, às instituições, especialmente as eclesiais, a seus executores ou suas executoras, a valiosa tarefa de ampliar e ajustar seu labor de acompanhamento de modo tal que considere e atenda às necessidades das mulheres solteiras assim como atende as necessidades dos outros diversos públicos, presentes nas comunidades.⁶⁹¹

4.5 ACOLHENDO E VISIBILIZANDO REALIDADES EM RELAÇÃO COM ESPAÇOS DE ESCUTA

Como dito anteriormente e considerando o exposto até aqui; facilitar ou criar espaços de escuta, partilha, reflexão e/ou aprendizado, entre as pessoas, se faz imprescindível no processo de acompanhamento. Ávila adverte sobre algumas das barreiras que podem interferir no processo comunicativo, as quais podem ser de tipo cultural o social. Sendo assim, as pessoas devem ser escutadas desde o que são, desde o que elas estão comunicando e desde o que isto significa para elas.⁶⁹²

⁶⁹⁰ PAULA, 2013, p. 21.

⁶⁹¹ No sentido de considerar de forma especial as questões relacionadas com cada uma das necessidades específicas destes grupos.

⁶⁹² ÁVILA, 2018, p. 94.

Nessa dinâmica, as mulheres entrevistadas para esta pesquisa, mencionam, desde suas experiências e realidades, algumas situações em relação com a questão da escuta na perspectiva apresentada anteriormente, (como lugar/espço, momento, ferramenta ou elemento fundamental do processo de acompanhamento). Nos seus depoimentos elas expressam *o que pensam* com respeito às suas necessidades, *o que fazem* e o que *“sonham”* desde suas possibilidades e limitações. Considerou-se então, neste segmento, muito pertinente acolher e visibilizar essas experiências em relação com este tema. Estas falas respondem, de certa forma, a segunda pergunta já mencionada no segmento 4.1.4 que indagava sobre sugestões a respeito do trabalho com as mulheres “não casadas” na comunidade e/ou ministério. Estes são seus depoimentos:

Líria. Eu penso que as mulheres precisam de um lugar muito legal nas comunidades, para elas se encontrarem e se sentirem pertencidas. A tendência é elas ficarem muito invisibilizadas e deixarem de participar. [...] Eu acho que a condição de solteira é uma condição pouco tematizada na vida comunitária. Nós não falamos sobre esse grupo de pessoas na comunidade. Elas ficam muito invisibilizadas. A gente não entra nesse tema, é como se fosse um fracasso, uma vergonha. Eu acho que é bem importante o tema, essa identidade, acho que é uma identidade também que te possibilita a viver de outros jeitos que as outras pessoas não vivem mais ou viveram muito pouco, né? E mulheres solteiras “não casadas” de poder dizer que querem ficar solteiras, que não querem casar mais, que não têm interesse em relacionamentos amorosos. Então eu acho que é um grupo que acaba sendo vetado de outros temas.

Girassol. O que a gente faz sempre é, que como todo sistema tem suas fissuras, então tem que ser aproveitadas; porque como não são propostos (os temas), não são discutidos abertamente, então **o que eu tenho feito no caminho, é ter grupos de mulheres, bem seja ao interior da igreja, bem seja fora da igreja. Grupos de mulheres com novas expectativas frente a Bíblia ou frente a seu olhar e abordar temas que a igreja não aborda.**⁶⁹³ (Tradução nossa).

Amor Perfeito. A gente como eu (que) já passei por essa dificuldade, a gente estudou livros que traziam essa ajuda, eram livros que vinham ao encontro das necessidades, para superar situações e **algo que a gente também faz é que a gente tem um tempo aonde cada uma pode colocar as suas necessidades, e eu procuro sempre fazer com que as pessoas se sentam ali acolhidas.** [...] mas também, tem momentos de descontração, brincadeiras de grupos; sempre cada uma traz algo e nós compartilhamos o alimento. **São momentos de descontração aonde se conversa, aonde cada um pode se sentir à vontade e também compartilhar das suas dores** [...] eu penso que uma coisa para as pessoas serem valorizadas que elas fossem incluídas nos trabalhos da igreja para que elas se sintam valorizadas pela igreja..

⁶⁹³ **Girassol.** “Lo que uno hace siempre es que como todo sistema tiene sus fisuras, entonces hay que echar mano de las fisuras; porque como no los instalan (los temas), no los proponen, no los ponen sobre la mesa, entonces lo que yo he hecho en el camino es el tema de tener grupos de mujeres, bien sea al interior de la iglesia, bien sea fuera de la iglesia. Grupos de mujeres con nuevas perspectivas frente a la Biblia o frente a la mirada y es instalar temas que la iglesia no instala.”

Mimosa. [...] eu gostaria, e é o que eu às vezes digo para as pessoas: você tem o direito de botar Deus contra a parede y xingar Ele, e também, ter essa noção de que você não está xingando Deus, mas você está xingando a tua impotência perante as coisas. (Isto pode ser entendido como: a possibilidade de espaços para fazer catarses e trabalhar com profundidade e sinceridade suas crises, seus problemas)⁶⁹⁴. **Eu acredito que... [...] a gente precisa proporcionar dentro das comunidades espaços; espaços físicos e espaços também de convívio comunitário para essas pessoas terem um encontro entre iguais, e esses iguais poderem-se encontrar com a diversidade da comunidade em equilíbrio e liberdade; e não com um olhar discriminatório.** Então, as comunidades elas poderiam, elas têm espaço para isso, elas têm gente capaz para isso, só que nós precisamos ainda, superar essa coisa de que a nossa diferença ela está ali para nos unir não para nos separar. Então, que toda diversidade que existe entre nós, seja na questão de ser uma pessoa singular, ou seja, uma questão de raça, ou seja, uma questão de idioma ou seja uma questão de gênero, essa diversidade, toda ela, tem que nos dar **pertencimento**, não nos dar um afastamento. Penso que se a gente conseguisse trabalhar isso dentro do pensar teológico, [...] bíblico pastoral, [...] e comunitário, com certeza ia ter um monte de mulher, singular, solteira, divorciada ou sozinha, lá, se reunindo e não se sentindo sozinha [...] porque **teria um lugar de pertencimento.** Então para mim esse é um dos caminhos aí.

Zinia. Eu fiquei pensando aqui que nós na igreja, temos encontros de ministros e ministras. Tem encontro de diáconos, de catequistas, tem de mulheres no ministério. **Porque não existe um momento de se encontrar as solteiras, as viúvas e as divorciadas, por exemplo, né.** Não sei, pensando nos grupos singulares que já existem, **talvez fosse interessante um encontro,** mas [...]. **Eu me imaginei num encontro, seria muito interessante a gente se ouvir num local onde sejam abordados temas que tenham a ver com a vida da gente, com o que a gente sente, com o que a gente passa.** [...]. Outra coisa que eu pensei aqui é, sei lá, um livro, por exemplo, onde a gente possa colocar nossa poesia, nossos pensamentos, nossas diferenças, nossas experiências, nossas vivências, né? Um material feito por essas mulheres [...] que estão no labor paroquial, isso junto assim, esse grupo também, **para o povo ver que a gente existe;** que a gente também faz parte desse povo. Que a gente não é melhor, mas também não é pior; **que a gente também faz parte, que é bonito fazer parte** e que são importantes essas diferenças. Porque de fato nós mesmas não sabemos quantas somos, **não temos ideia** se têm muitas no labor ou não, **como estamos ou que sentimos em comum.** Eu acho que isto faz muito bem, ajuda. [...]. Também **gostaria muito de ter esse espaço de acompanhamento, de estar junto; porque tem pessoas que se dão muito bem nos grupos,** [...] vai no coral, vai no grupo das mulheres ou ajuda ali, na diaconia; mas tem aquelas que não se encaixam em nenhum desses grupos ou pela idade ou porque eu sou solteira, eu sou divorciada [...] **que talvez se criasse um grupo onde elas se sentiram acolhidas,** ali ia desenvolver muitas coisas bacanas.

Glicínia. Então, a partir **desse meu olhar, eu penso o quanto seria legal** também a pessoa, a ministra ou ministro, dentro da sua área de trabalho, **receber um suporte** que seja alguém dentro da área psicopastoral ou do pastor Sinodal [...] **mas seria muito importante ter outra pessoa que dá uma atenção especialmente voltada para as pessoas que estão sozinhas seja solteira ou seja a forma como for [...]** E aí eu acho que **seria bom, muito bom, ter alguém que faça esse acompanhamento específico para pessoas sós. Acho que seria muito**

⁶⁹⁴ Observação da autora.

produtivo. [...] um dos pontos que a gente precisa retomar e eu já falei com a Presidenta, [...] é, que a gente precisa lançar um olhar diferente para essa questão de luto com ministros e ministras, porque é dolorido demais. É jogado, digamos assim..., é relegado a um silêncio. Realmente, **ninguém te escuta.**

Tulipa. [...] talvez comunidades que não têm esses trabalhos com pessoas singulares, talvez pelo próprio, constrangimento das pessoas, que eu acho, sempre são situações diferentes, de mulheres solteiras, viúvas ou divorciadas; mas, elas próprias não querem ser vistas ou expostas, “Ah! Agora eu estou participando de um grupo de mulheres singulares [...] **Entre meus colegas, eu conheço um trabalho apenas de um colega que faz um encontro, retiro de singulares, aonde vão mulheres solteiras, viúvas, e eu acho esse trabalho muito significativo, muito bonito. Até hoje eu conheço esse único trabalho, que se ocupa ou proporciona um momento, um espaço de encontro, de reflexão para esse grupo.** [...] Eu diria que é uma sensibilidade muito grande que precisa existir por parte da liderança, por parte de um ministro, de uma ministra de poder formar um grupo assim, de agregar pessoas [...] sem que esse grupo seja visto como um grupo diferente na comunidade para que essas pessoas não se sintam constrangidas, e acho que é uma questão muito pessoal de como a gente resolve isso dentro da vida da gente. [...] eu acho que, **de fato, se a gente consegue continuar trabalhando e amadurecendo e fazendo com que as mulheres tomem coragem de falar dos seus sentimentos, dos seus relacionamentos, de falar aonde elas se sentem machucadas e aonde elas conseguem se libertar também de muitas situações de opressão, acho que isso de fato é importante de trabalhar na igreja.**

Jasmim. Sim, claro! Eu acredito que... (pensa) trabalhar o tema da sexualidade é tão humano, a sexualidade é tão cotidiana, que se necessita apresentá-la da forma mais natural; o seja, é algo natural, então, sem esses vestígios de vergonha ou de anormalidade. Despoja-la de tudo isso, despojar o tema de tudo isto. Isto **acho que é de muita importância, que abordemos de forma natural o tema da sexualidade** porque, do contrário, vamos continuar tendo gerações envergonhadas da sua sexualidade; vamos ter gerações que não sabem abordar sua sexualidade; inúmeros problemas sociais por não abordar o tema da sexualidade com responsabilidade. Então acho muito importante o aporte que desde esta pesquisa se está fazendo, porque **é uma necessidade que temos ao interior das nossas comunidades eclesiais e é uma grande responsabilidade social também.** Poderemos ser sal e luz, quando nós desmitifiquemos o tema da sexualidade.⁶⁹⁵

Como evidenciado nestes testemunhos, várias das mulheres falam de organização de diversos grupos dentro e fora dos espaços eclesiais, promoção de atividades ou provisão de espaços de partilha e acolhimento; outras também falam ou

⁶⁹⁵ **Jazmín.** “Sí, claro, a mí me parece que... (piensa) trabajar el tema de la sexualidad es tan humano, la sexualidad es tan cotidiana, que se necesita presentarla de la manera más natural. O sea, es algo natural, entonces, sin esos, vestigios de vergüenza o esos vestigios de morbosidad; despojarla de todo eso, despojar de todo esto al tema. Eso me parece de suma importancia, que abordemos de forma natural el tema de la sexualidad porque si no, vamos a seguir teniendo generaciones avergonzadas de su sexualidad, vamos a tener generaciones que no saben abordar su sexualidad; vamos a tener muchísimos problemas sociales por no abordar el tema de la sexualidad con responsabilidad. Entonces me parece muy importante el aporte que desde esta investigación se está haciendo, porque es una necesidad que tenemos al interior de nuestras comunidades eclesiales y es una gran responsabilidad social también. Podremos ser sal y luz cuando nosotros desmitifiquemos el tema de la sexualidad.”

mencionam a necessidade de se sentirem pertencentes e acolhidas ou, sobre a importância de sentir que alguém se importa com o que lhes acontece. Expressam aquilo *que acreditam* que desde suas comunidades pode e/ou deve ser oferecido, *o que não é oferecido* e as *suas aspirações* sobre como gostariam de interagir com outras. Os depoimentos apresentam igualmente, falas e expressões sobre a urgência de romper com os estereótipos que terminam por limitar a atuação das mulheres e dos quais se faz necessário falar, assim como necessário é falar e ser ouvidas com liberdade e sem tabus, sobre alguns temas considerados polêmicos como por exemplo, a sexualidade ou ainda, para refletir sobre o fato de que muitas mulheres se privem de participar de espaços específicos, por considerar que serão excluídas ou expostas, neste caso, por sua situação civil.

4.6 A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA EMPÁTICA: UMA “ARTE” COMPLEXA

Antes foi mencionada a complexidade que representa o exercício da escuta, ao ponto de ser considerado como uma “arte”. Por este motivo se faz aqui uma pausa na reflexão, para enfatizar algumas das suas características desde esta concepção, mas não sem antes esclarecer que, o motivo desta aproximação não é colocar esta particularidade da escuta como um elemento discriminatório o desqualificativo para aqueles e aquelas que desejam se dispor para trabalhos de acompanhamento, e não possuem um alto domínio da prática; mas, sim, para destacar a importância de se ocupar no aperfeiçoamento desta, para a obtenção de melhores resultados no processo de acompanhamento.

Tendo feito este esclarecimento, pode-se dizer que existem diversos tipos de se conceber a escuta como uma “arte”; mas, antes de abordá-la desde essa perspectiva específica, inicialmente serão mencionados outros tipos de escuta e suas particularidades, para perceber a diferenças e assim, finalmente, apresentar as particularidades deste tipo de prática específica. Sendo assim se inicia apresentando, a seguir, aquelas que se encontram longe de serem consideradas como uma “arte”, com o objetivo de perceber suas “deficiências”.

A escuta dispersa: muito comum nesta cultura atual ela é experienciada como mera audição de estímulos externos sem prestar muita atenção; Ouvir momentâneo: aquela que se dá em meio a dispersão (Ex.: parar, momentaneamente, para ouvir uma

música, uma conversa alheia ou um passarinho cantando); *Escuta contemplativa*: inclui o ouvir com uma intenção específica ou a abertura do coração e da mente (Ex.: para desfrutar da execução de uma peça musical clássica; *Escuta intencional*: que inclui o ouvir, com a intenção de conhecer (Ex.: escutar uma palestra, aula ou um debate). *Escuta receptiva*, ouvir com o coração e a mente, para receber uma verdade transmitida do mestre ou da mestra (Ex.: escutar a sabedoria de Jesus ou dos anciãos e das anciãs - cristianismo); *Escuta de acolhimento*, que vai além do ouvir, tem um foco, uma intenção e abertura do coração e da mente em uma atitude compassiva (Ex.: a própria dos monges budistas); *Escuta sensível ou ativa* (própria das abordagens da psicoterapia, psicologia); *Escuta profunda*: que vai além do ouvir, com foco, intenção e abertura do coração-corpo e mente para escutar o outro (pessoa, grupo; sensações, emoções e pensamentos) e, quando necessário, faz perguntas criativas para potencializar a expressão e o “dar-se conta”. É aquela na qual se integra a totalidade do ser com todos os sentidos, na relação com o ambiente, as pessoas, a natureza o manifesto e o não manifesto.⁶⁹⁶

Escutar intencionalmente de alguma destas formas, especialmente as últimas cinco, permite explorar um amplo terreno de práticas e conhecimentos fundamentais para a compreensão das situações e do contexto no qual elas se dão, além de proporcionar espaços de acolhimento, assim como ajudar a entender que:

O processo de escuta pode implicar a assunção/apreensão de uma realidade objetivada ou, diversamente, a exploração aberta de uma realidade assumida como multidimensional e complexa. Nesse sentido, afirma-se que a escuta ilumina uma dimensão epistemológica da relação entre o sujeito e a realidade que ele habita, isto é, o tipo de concepção da realidade assumida por ele.⁶⁹⁷

Compreender estas probabilidades da escuta permite a escolha consciente e a potencialização da forma de “estar no mundo e nas relações” qualquer que seja o contexto, o que não garante o bom resultado do processo, pois a arte da escuta consiste precisamente em saber qual opção utilizar e em que momento, minimizando as possibilidades de *stress* e/ou incomodidade caso haja pontos de discordância em relação ao que se está escutando.⁶⁹⁸

⁶⁹⁶ MOURA, 2016. p. 13-14; ÁVILA, 2018, p. 136.

⁶⁹⁷ MOURA, 2016, p. 15.

⁶⁹⁸ Esta discordância pode estar relacionada com o tom, ritmo ou timbre de voz, que podem gerar reações desconfortáveis como, por exemplo: ansiedade, palpitações, raiva ou angústia.

Um exemplo muito ilustrativo desta situação pode ser aquele no qual, frente a pergunta de: como você vai? Por exemplo, é muito comum escutar como resposta um: “bem, obrigado” ou um “muito bem, obrigado”, o qual poupa as pessoas de se dispor conscientemente para escutar além do que se acaba de expressar. No entanto, caso a resposta seja um: “não tenho estado muito bem nestes últimos tempos’ ou algo neste estilo, há a necessidade de se dispor conscientemente para uma escuta mais atenta, para a que muitas vezes, não há tempo ou disposição. Outra situação frequente é aquela, quando se quer contar algo que preocupa para uma outra pessoa e escutar desse alguém um: “Ah, sim...”, seguido de assuntos desconexos da experiência que se quer comunicar⁶⁹⁹, o que, desencadeia uma série de pensamentos e sentimentos negativos na pessoa que está na necessidade de ser ouvida, além de fortes sentimentos de desistir do intento de falar.⁷⁰⁰

Estas reações de quem deveria se dispor para escutar e não o faz, provem dos prejuízos, muitos dos quais, são construídos com base em experiências anteriores, geralmente negativas, mas que, nunca se sabe se poderão ou não encontrar realização na experiência presente ou futura; no entanto, servem de parâmetro para orientar as experiências futuras.⁷⁰¹ Mas, o que realmente é a capacidade de escutar com empatia?

A empatia⁷⁰² é uma complexa capacidade cognitivo-afetiva que constitui a base da conexão. “O conceito vem da “Einfühlung” do romantismo alemão, em Novalis (1772-1801) que, em toda a sua obra poética, manifesta grande sensibilidade diante da natureza, do espírito, da religião, dos acontecimentos da vida.”⁷⁰³

O posicionamento de Domenico Casera pode-se resumir em três aspectos importantes a serem observados: O primeiro, a *compreensão empática*. Neste aspecto são enfatizados vários componentes, como, por exemplo: o componente *motivacional*, entendido como o desejo de conhecer a outra pessoa e se deixar conhecer por ela; o *sensitivo*, *percebido como a capacidade de perceber os sinais*

⁶⁹⁹ AIUB, Monica. A arte de escutar. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, Vol. 5, n. 8, jul/dez, 2011, p. 41.

⁷⁰⁰ AIUB, 2011, p. 42.

⁷⁰¹ AIUB, 2011, p. 42.

⁷⁰² CASERA, Domenico. **Psicologia e Aconselhamento Pastoral**. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 120. Descobre em todo lugar e descreve em linguagem quase musical os segredos profundos da natureza e da arte. Vê em todas as coisas o eco da alma do universo (Einfühlung = identificação, ou “ensimesmação”).

⁷⁰³ CASERA, 1985, p. 120.

verbais e não verbais que possam ajudar a outra e a si mesmo/a para alcançar a clareza e a associação; o *emotivo/afetivo*, entendido como a capacidade de se identificar com os sentimentos da outra pessoa, o qual requer de disposição para se deixar influenciar e o cognitivo, concebido como a capacidade de entender esta identificação, para o que se faz necessária uma interação empática real, apropriada.⁷⁰⁴ O segundo aspecto é a *consideração positiva e afetiva para com a outra pessoa (afetividade)*. Neste aspecto, a pessoa que está diante de mim, merece minha atenção pessoal (sem importar classe, raça, língua, estado de saúde, profissão, etc.). Para que seja eficaz, o diálogo deve permitir que as pessoas sejam elas mesmas, diferente uma da outra e finalmente permitir a compreensão de que o processo é um processo de amor, preferivelmente não possessivo, é interesse afetivo e respeitoso pela outra pessoa.⁷⁰⁵ O terceiro aspecto contempla a *autenticidade*, definida como a qualidade moral mais difícil de possuir, chamada também de congruência, sinceridade, transparência, realidade, harmonia interior, espontaneidade, naturalidade. Em resumo é quando não se pretende dar uma imagem exagerada, de uma pessoa experta, sabida e segura.⁷⁰⁶

O autor também menciona alguns sinônimos/conceitos que podem ser encontrados na língua inglesa e que definem a pessoa que se encontra no exercício próprio da empatia: se transporta (para o estado emotivo da outra pessoa), está imersa (no estado emotivo da outra pessoa), compenetrada, plenamente presente, em sintonia “com”, “condivide”, é participativa, responde a..., entrega-se a si mesma e, se esquece de si por..., entre outros.⁷⁰⁷

A escuta empática exige parar para ouvir, escutar a tristeza, as queixas, o pulsar do coração, as exclusões, as raivas, o preconceito e também as indisposições emocionais. Escutar empaticamente possibilita “ouvir” o ambiente, os semblantes, as crises, a dor e o sofrimento dos corações, as rejeições e o mau humor; respeita os silêncios o direito de estar mal, o direito de sofrer e chorar, etc.⁷⁰⁸

⁷⁰⁴ CASERA, 1985, p. 120-122.

⁷⁰⁵ CASERA, 1985, p. 122-123.

⁷⁰⁶ CASERA, 1985, p. 124.

⁷⁰⁷ CASERA, 1985, p. 122.

⁷⁰⁸ SANTA ROSA Júnior, Herinaldo de. **As relações de cuidado transpessoal no acompanhamento pastoral do soro-positivo**: um estudo de caso. Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2009. p. 38.

Como bem menciona Aiub, “Escutar a quem partilha é escutá-lo desde seu contexto, é escutar a partir do modo de ser, sentir e pensar da pessoa pois, uma mesma afirmação feita em diferentes contextos poderá possuir diferentes significados.”⁷⁰⁹

No processo de escuta empática certamente aparecerão silêncios que devem ser entendidos também como parte fundamental do processo de acompanhamento. Existem diversos tipos de silêncios como por exemplo: o silêncio de reflexão, que permite aprofundar nalgum tema; o silêncio de descoberta, que ajuda a saborear o horizonte novo que se abre; ou o silêncio de emoção, que possibilita a expressão de sentimentos que embargam o coração.”⁷¹⁰ Um exemplo disto pode ser encontrado em Jó 2: 11-13, donde os amigos de Jó, conhecendo de sua grande desgraça, vieram de vários sítios, muito longe, para estar com ele e, inicialmente, ficaram junto dele, em silêncio, durante 7 dias. “Sentaram-se com ele na terra, sete dias e sete noites; e nenhum lhe dizia palavra alguma, pois viam que a dor era grande.” (Jó 2:13).

Por vezes, se tenta preencher estes silêncios com palavras ou expressões “clichês”⁷¹¹, mas, é muito importante entender que estes fazem parte e são normais e, portanto, se deve dar a eles o espaço e o tempo apropriado. Saber dominar estes momentos faz parte fundamental da escuta empática. Isto, desafortunadamente foi esquecido pelos amigos de Jó, que depois deste tempo (sete dias e sete noites), tendo escutado o desabafo do seu amigo, decidiram reagir de forma errada. Um (Elifaz) o recrimina (cap. 4-5); outro (Bildade) o acusa de mentiroso, tolo e impuro, entre outras coisas (cap. 8) e o outro (Zofar), o acusa de iniquidade e de ser um tagarela (cap. 11). Depois, Jó é acusado novamente por seu amigo Elifaz de ser impiedoso (cap. 15), por seu amigo Bildade, de intentar justificar seu comportamento e profere sobre ele mais acusações (cap. 18) e, também por seu amigo Zofar, quem deixando-se levar por seus pensamentos, o acusa de perverso (cap. 22). Este é só um breve exemplo, pois lendo o livro de Jó, poderão ser encontrados, mais detalhes a este respeito. Por mais que Jó tenta expor seus sentimentos, parece que estes não encontram eco nas atitudes, e muito menos, nos ouvidos dos seus amigos.

⁷⁰⁹ AIUB, 2011, p. 45.

⁷¹⁰ AIUB, 2011, p. 45.

⁷¹¹ SANTA ROSA, 2009, p. 38.

Fica assim evidenciada a urgente necessidade que há do exercitar-se na “arte” da escuta; começando com o exercitar da capacidade de escuta desde e com o coração. Este tipo de ação é o que faz possível a proximidade e o fortalecimento da confiança, sem a qual parece não existir um verdadeiro encontro de acompanhamento. Mas é fundamental entender que este exercício, por muito que aponte a uma certa perfeição na sua execução “como uma arte”, é algo que é possível de ser alcançado por toda pessoa que esteja disposta, sem que isto implique um alto grau de “profissionalização”. Daqui a importância de entender que a confiança constitui o ponto de partida deste exercício para o encontro do gesto e da palavra oportuna, adequada, capaz de transformar a quem escuta, em mais do que uma simples pessoa expectadora, que ouve. É a partir da escuta compassiva, respeitosa, (empática), desde donde se constrói o caminho do crescimento verdadeiro e é aqui, donde o papel da pessoa facilitadora de esse espaço/momento, cobra sentido, pois é neste momento (como mencionado antes), que se exercita a capacidade de captar e entender o que a pessoa quer comunicar; se dá a possibilidade de que quem escuta possa compreender, como a pessoa que fala, vivencia o que ela está comunicando, e assim, dar o retorno adequado.⁷¹²

Muitas vezes, as pessoas que precisam de acompanhamento rejeitam a ajuda de pessoas envolvidas com a liderança eclesial, (pastor, pastora ou líder pastoral), pois a fonte de seus conflitos, problemas ou crises, são resultado de situações ou acontecimentos relacionados precisamente com esses espaços e/ou pessoas que transitam neles. Isto faz parte das dificuldades que se apresentam neste processo. Por exemplo: uma mulher divorciada que se sente rejeitada, julgada e/ou vigiada pela liderança da comunidade (pastor, pastora, pessoas do grupo pastoral, líderes ou lideranças ministeriais) pelo fato de ter decidido romper seu vínculo matrimonial por inúmeras circunstâncias. Ela não quer sair da comunidade, no entanto, agora ela não pode participar da liderança do grupo de jovens, porque devido à sua “nova condição” ou “estado civil”, alguns membros da liderança geral, consideram que ela não é bom exemplo para o grupo. Esta situação tem trazido outra série de situações complicadas como, por exemplo, depressão, revolta, crise existencial e de fé, entre outras. Nessa mesma linha outra das entrevistadas diz: “A gente gostaria de falar, expressar e dizer

⁷¹² ARRIETA, 2017, p .25.

tantas coisas que precisa como mulher divorciada, separada; mas, na nossa comunidade como que isso não tem nenhum valor.”⁷¹³ (tradução nossa).

4.7 O LABOR DA PESSOA QUE ACOMPANHA E SEU IMPACTO NO PROCESSO DE ACOMPANHAMENTO

Independentemente da confissão religiosa, uma das conclusões a que se pode chegar é a de que o ser humano, em algum momento da sua vida, precisa de acompanhamento; e este processo deve estar caracterizado, em primeiro lugar, por ser um processo de relação mútua e não hierárquica ou de poder, entre pessoas que, estando dispostas a oferecer sua presença e sua capacidade de escuta empática, são conscientes de que seu papel é de acompanhantes e não de líderes, entendendo que sua função consiste em servir de apoio para quem requer de sensibilidade e companhia em tempos de decisões e crises.

As seguintes palavras citadas por Ávila e atribuídas a Lao Tse, servem de ajuda para introduzir a temática e compreender melhor este labor.

Quando evito interferir, as pessoas cuidam de si mesmas; quando evito dar indicações, as pessoas encontram por si mesmas a conduta correta; quando evito pregar, se melhoram a si mesmas; quando evito influenciar nelas, conseguem ser elas mesmas.⁷¹⁴ (Tradução nossa)

Estas palavras falam um pouco da tarefa ou papel de quem acompanha. O impacto do processo de acompanhamento depende, de certa forma, do rol de quem acompanha, quem não deve agir como um diretor ou guia, pois é a pessoa acompanhada a quem compete esta ação. Quem acompanha, requer de muita empatia e não se pode confundir seu rol com o de um ou uma simples “colega”, ou com o de alguém que tem a responsabilidade de solucionar os problemas, mas sim, alguém que é testemunha da ação de Deus na procura de soluções por parte de quem é acompanhado e, também, quem acompanha, não busca reconhecimento, prestígio ou *status*, pois o seu labor obedece a ação vocacionada por Deus para o serviço do próximo.

⁷¹³ GONZALIA, 2017, p. 228. Dália. *Una quisiera hablar, exponer y decir tantas cosas que necesita como mujer divorciada, separada, pero en nuestra comunidad como que eso no tiene ningún valor.*

⁷¹⁴ ÁVILA, 2018, p. 61. “*Cuando evito inmiscuirme, las personas cuidan de sí mismas; cuando evito dar indicaciones, las personas encuentran por sí mismas la conducta correcta; cuando evito predicar, se mejoran a sí mismas; cuando evito influirles, llegan a ser ellas mismas*”

O anterior reforça o fato de que quem acompanha é uma outra pessoa, que além de ser consciente da situação difícil, qualquer que esta seja, pela qual está passando a pessoa acompanhada, ela mesma, na qualidade de acompanhante, não está livre de experimentar ou já ter experimentado uma situação semelhante e reconhece que seu papel é servir de apoio, de companhia e testemunho do agir de Deus naquela situação específica. Isto possibilita o crescimento integral das pessoas envolvidas no processo, inclusive a de quem acompanha. Qualquer outro comportamento é contraproducente e seus resultados, desastrosos.

Um outro aspecto a considerar neste ponto é o fato de que o acompanhamento é um processo desgastante tanto para quem é acompanhado, quanto para quem acompanha, portanto, é de se considerar os tempos de descanso, o direito aos espaços pessoais, a liberdade de escolha, a opção de dizer não, equivocarse e não ter respostas. Tudo isto sugere que todas as partes envolvidas no processo devem ser devidamente acompanhadas.⁷¹⁵

São evidentes, até aqui, algumas diferenças entre o processo de acompanhamento, em relação com o processo de aconselhamento abordado no capítulo anterior. Ali, as características do processo apresentavam elementos próprios de relações hierárquicas, onde quem aconselha é quem vai um passo adiante, quem conhece as técnicas, as ferramentas, as respostas e guia a quem ainda não as conhece; alguém que está “sadio”, que tem o conhecimento, a maturidade e as capacidades que a pessoa acompanhada não tem, para resolver suas dificuldades. Nesse processo a pessoa que aconselha é considerada como uma “profissional”; enquanto a pessoa que é aconselhada, tem algum tipo de “doença” e é, geralmente, apresentada como um ou uma “paciente”. Também se percebeu a existência de uma certa distância entre quem aconselha e a pessoa aconselhada.

Isto não quer dizer que um ou uma profissional não possam agir como acompanhantes, porém, seu labor dependerá da posição que assuma. Se, como alguém “superior”, “profissional” ou como alguém vulnerável frente as situações da pessoa que se está acompanhando; passível de sofrer ou experimentar situações semelhantes. Uma relação frutífera se cria com o objetivo de que as pessoas acompanhadas consigam “ser elas mesma” e possam agir criativamente, em plenitude

⁷¹⁵ ÁVILA, 2018, p. 116.

e com responsabilidade e isto não se faz possível, somente, graças as qualificações profissionais ou preparação do acompanhante, mas, depende da qualidade da relação que é estabelecida entre “a pessoa que acompanha” e “a pessoa acompanhada”.

Pode-se dizer então, que as palavras ou termos acompanhar e acompanhamento convidam ao compartilhar, acolher, coexistir, estar ou reconhecer com outros e outras desde projetos compartilhados, desde horizontes conjuntos, mas, na condição de iguais.

Umhas breves palavras das entrevistadas, podem servir como fonte de motivação e reflexão no propósito de olhar para horizontes conjuntos, para escutar esses gritos silenciosos e, por vezes, silenciados, presentes nos espaços eclesiais.

Zinia [...] no momento a gente está um corpo muito assim..., ferido, fragilizado. Aí, cada um cuida do seu. Cada um se vira com a sua doença, com o seu mal-estar, com a sua frustração; cada um vai por seu lado. Então tal vez essa é realmente uma dificuldade. Por um lado, eu vejo que eu consigo lidar com um monte de coisas, desafios; mas por outro lado, **a gente vê que a fragilidade precisa ser mais cuidada.**

Mimosa. Eu gosto muito que em alemão existe a palavra “wolhaim” que é você se sentir aconchegada no ninho, aconchegada na casa; de você se sentir, pertencente. Cada vez que eu me sinto assim, não pertencente a alguma coisa, eu vou para um canto da minha própria casa e digo aqui é teu “wolhaim” aqui é teu cantinho, aqui é teu aconchego. Aqui é teu lugar, aqui você pertence. [...]. Realmente eu vejo que esse trabalho é um viés para ajudar muito a comunidade a despertar, a ter um olhar novamente para as necessidades do ser humano; não só de mulheres que estão sozinhas, mas de uma comunidade cheia de pessoas sozinhas e que precisam também desse pertencimento, não importando a idade. [...]. Nós temos mulheres maduras, no trabalho ali na fase adulta, se sentindo muito sós. Nós temos senhoras acima de 60 anos se sentindo muito sós. Então, se a gente conseguir fazer, tal vez, a partir deste teu trabalho, ter essa luz (risos) por pertencimento, acho que vai ser uma coisa muito legal.

É evidente então que quem acompanha deve mostrar empatia, e o exemplo de Jesus, é o melhor exemplo a seguir. Ele deve ser o guia. Isto permitirá que a pessoa acompanhada, possa sentir que “faz parte” de um “corpo” de um “espaço” de uma “comunidade”, de uma “família” onde pode compartilhar alegrias e sofrimentos sem reclamações ou prejuízos, com confiança. No exemplo de Jesus a empatia, por exemplo, oferece a oportunidade a pessoa que fala e a quem a escuta, aprofundar no discernimento, e a construção de novos caminhos de liberdade, exercitar a autenticidade, o crescimento e a sinceridade, possibilitando a cura integral, o que é possível perceber nos seus encontros com várias mulheres e sua empatia e acolhimento para com suas situações particulares de crise ou de enfermidade. Por

tudo isto, entende-se que, se de fato a tarefa de acompanhar pessoas é importante, importante também é que cada dia, quem se ocupa desta tarefa, se interesse por melhorar nos aspectos que com este labor estão relacionados, o que por sua vez, implica que cada pessoa, a cada dia, se confronte com o desafio desenvolver os dons recebidos e colocá-los ao serviço daquele e daquela que caminha ao seu lado, gritando por companhia.

Pode-se dizer também que, o acompanhamento é uma relação que permite não só, a uma pessoa, fazer algo pela outra pessoa, mas, “ser” junto com ela; que permite ver a interação no plano do “privilégio” e não da “responsabilidade” devido a que, no encontro com a outra pessoa é onde se pode perceber que o labor de quem acompanha consiste em mostrar o agir de Deus e sua presença.⁷¹⁶

A palavra acompanhamento evoca ações diferentes, criativas, acolhedoras nas quais as pessoas podem se ajudar a superar as dificuldades que o dia a dia traz para os seres humanos, e como se mencionou num capítulo anterior, o exemplo de Jesus, por excelência, dá muitas dicas a respeito de como atender as necessidades de acompanhamento de seus discípulos e suas discípulas e, em especial, de como agir frente as injustiças e situações difíceis pelas que passavam as mulheres da sua época. No seu trato diferenciado para com as crianças, as pessoas excluídas e as mulheres, Jesus mostra vários dos atributos caraterísticos do processo de acompanhamento que devem ser resgatados; e é disto que se ocupa a reflexão do próximo capítulo.

Algumas das questões mais relevantes que podem ser percebidas até o momento têm a ver com o fato de que o acompanhamento é um processo orientado para o crescimento e o exercício da fé cristã; e para que isto seja uma realidade, é preciso ter um conhecimento minimamente básico do contexto da pessoa que é acompanhada. No entanto, para obter este conhecimento, a confiança e a escuta ocupam um lugar sumamente fundamental. É escutando e, escutando com atenção, como se pode chegar a conhecer o caminho que há de ser seguido e o papel que como acompanhante se tem a desempenhar.

Dependendo do tipo de situação, em ocasiões se fazem necessárias mudanças, para que o processo tenha a eficácia esperada; como por exemplo:

⁷¹⁶ ÁVILA, 2018, p. 116.

transformações nos ambientes no qual se desenvolve, assim como o ambiente ao qual retorna a pessoa, de forma que este seja apropriado e seja capaz de proporcionar uma acolhida adequada, “diferenciada” no sentido de ser aquela ação que convida ao compartilhamento do pão e dos bons momentos, mas também, que se faz presente nas situações difíceis, de dor, desesperança ou solidão, que também fazem parte da vida.

Dito isto, o próximo capítulo se encarregará de mostrar algumas das formas nas quais é possível ter o “privilégio” de “ser” junto com outras pessoas, partindo de propostas mais empáticas e inclusivas características dos trabalhos abordados desde a perspectiva feminista.

5 MULHERES “NÃO CASADAS” E ACOMPANHAMENTO, DESDE A / OU, EM PERSPECTIVA FEMINISTA

Nos capítulos anteriores deste trabalho, vem-se refletindo sobre a temática do acompanhamento, tentando analisar como esta prática vem sendo exercida, em especial, com as mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios eclesiais e/ou cargos de liderança em espaços comunitários.

Se traz a colação de novo aqui, de forma especial, o aporte da Deifelt mencionado no segundo capítulo, o qual, entre outras coisas lembra a importância dos aportes da Teologia Feminista para à reflexão das problemáticas que envolvem ao ser humano. Aqui parte da citação.

[...] permite identificar as limitações, questiona as dicotomias, [...] estuda a construção das relações entre os sexos, [...] critica os valores e aspetos da tradição religiosa que fundamentam desigualdades e discriminações, [...] revisam textos e tradições consideradas normativas canônicas, apontando para o seu caráter androcêntrico, e resgatam a perspectiva de grupos excluídos [...].⁷¹⁷

Com base nesta afirmação, o capítulo, refletiu sobre a importância das experiências⁷¹⁸ cotidianas deste grupo e suas problemáticas, como ponto de partida para a análise das principais crises que como mulheres “não casadas” elas enfrentam. Se refletiu sobre suas características e foram apresentados alguns testemunhos que, além de mostrar um panorama geral, permitiram evidenciar a gravidade destas situações. No terceiro capítulo, a reflexão girou em torno ao principal mecanismo de ajuda utilizado para a atenção destas problemáticas (o aconselhamento), suas diversas configurações e suas diversas interações em relação com a dinâmica entre quem aconselha e quem recebe o aconselhamento, assim como a influência destas

⁷¹⁷ DEIFELT, 2003, p. 178.

⁷¹⁸ Importante mencionar que SÖLLE Dorothee, no seu artigo “*Los nombres de Dios*”. In: Revista Alternativas, ano 7, nº 16/17, julio-diciembre, 2000. Editorial LASCASIANA, p.111-124, afirma que a palavra ou termo experiência tem sido muito banalizado ao ponto de se converter numa moda e que, ao seu modo de ver, considera a insistência na questão das experiências entre as mulheres, infantil e altamente subjetiva. p. 118. No entanto, reconhece que é desde ali, que se geram a mudanças e a visibilidade daquilo que se tem tentado invisibilizar por muito tempo. E é isto o que se percebe ao longo deste trabalho. O fato é que, é nas experiências de Deus das mulheres em meio as comunidades, onde se encontram as possibilidades de reflexão a caminho da mudança e de constantes respostas as problemáticas que neste meio se dão, não somente em relação a linguagem, mas também, em relação as próprias vivencias que enriquecem a totalidade das dinâmicas dentro e fora das comunidades.

dinâmicas na vida destas mulheres. Tudo isto tendo também, como pano de fundo, as experiências das mulheres expressas nos seus testemunhos. A intenção do capítulo foi evidenciar as particularidades deste processo de ajuda, e perceber se este respondia as necessidades requeridas.

Já no capítulo quatro, então, se aborda a temática do acompanhamento, como sendo a prática esperada no atendimento destas situações, apresentando igualmente algumas das principais questões etimológicas, destacando suas principais características, fazendo evidente a marcada diferença deste processo em relação com o processo aconselhamento e destacando também a importância e pertinência desta prática de atendimento. Noutras palavras reforçando a análise desde as experiências de vida e de fé das mulheres.

Dito isto, neste quinto e último capítulo deste trabalho, a intenção é aprofundar a reflexão no tema do acompanhamento tomando como base alguns elementos da perspectiva feminista, que considerem várias das questões que ao longo da pesquisa e da reflexão foram percebidos como ausentes nas propostas tradicionais. Acredita-se que abordar a questão da importância desta perspectiva no acompanhamento com mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios e/ou cargos de liderança, assim como abordar algumas das características que as comunidades devem almejar para o fortalecimento e a eficácia desta prática é mais do que pertinente.

5.1 IMPORTÂNCIA DE “FAZER PRESENÇA” NO ACOMPANHAMENTO

Se considera que parte da relevância deste trabalho e da inclusão dos testemunhos, tem a ver com enfatizar o fato de “estar presente” ou “fazer presença” como elemento central nos processos de acompanhamento. Este aspecto tem aparecido em vários momentos desta pesquisa e em vários dos testemunhos fazendo com que a lembrança de minha professora da adolescência, cobrara mais sentido e relevância.

Edwina Ward no seu artigo sobre o significado da presença no aconselhamento, fala da importância e do valor que ela representa, especialmente, no momento em que se “acompanham” pessoas doentes no seu leito de morte, e enfatiza que esta presença está caracterizada pelo silêncio, que em ocasiões pode ser interpretado como inquietação por não saber o que pode ou não ser dito, ou como

uma escuta desde o coração.⁷¹⁹ É interessante que a autora, mesmo falando de aconselhamento, aponta que: “Cuidadores (e cuidadoras), pastores (e pastoras), podem enfrentar situações em hospitais nas quais ficam sem palavras quando **acompanham** uma pessoa doente”.⁷²⁰ Disto pode-se deduzir que, o labor que eles estão desempenhando nesse momento, não é o de conselheiros ou conselheiras, mas sim, o de acompanhantes.

A autora igualmente refere a importância deste singelo fato de permanecer ao lado do paciente, em silêncio, como mostra de empatia frente ao sofrimento da pessoa, ilustrando-o com uma citação de um relatório de um estudante de prática pastoral, e do qual transcrevo aqui alguns trechos, para perceber aqueles elementos relevantes do acompanhamento presentes neste trabalho, e que apontam de forma significativa para a importância do fato de “fazer presença”. A seguir, a fala:

Eu precisava **fazer algo** para os pacientes muito enfermos. Eu precisava **dizer algo** que os confortasse e, lhes desse esperança. [...] Depois de algumas semanas, essas maneiras não eram tão importantes quanto **encontrar novas formas de ouvir** os sentimentos internos do paciente [...] e os meus próprios sentimentos. Eu estava tentando **caminhar ao seu lado** [...] Eu me dei conta que não conseguia “fazer” nada por eles, **só estar presente**. [...] havia uma vaga expectativa que eu deveria estar lendo palavras da Bíblia, mas parecia que nem mesmo o Evangelho forneceria alento. [...] assim, o paradoxo – ler o Evangelho apenas para confortar o paciente – pode às vezes ser ineficaz. Somente naquele momento eu me dei conta que ao **ficar sentado calado ao lado da paciente, ao ouvir sua dor** [...] o Evangelho estava sendo comunicado, não por minhas palavras ou ações, mas por **minha presença**. A paciente sentiu esperança e alento, não porque tentei aliviar sua dor e seus temores com citações bíblicas ou palavras tranquilizantes, [...] mas, porque eu estava preparado a **simplesmente ficar lá**.⁷²¹

Vale dizer que não somente as pessoas com doenças graves ou terminais, sofrem profundos choques, desesperança, desespero ou medo de serem abandonadas. Estes sentimentos ou reações também são sentidas em muitas outras situações de crise e, é justo nesses momentos quando a disposição de alguém, somente para *escutar*, para *ficar do lado* para “estar presente”, faz com que o acompanhamento seja uma realidade, pois o alívio, na maioria das vezes, “não vem das palavras, mas sim da presença”.⁷²²

⁷¹⁹ WARD. Edwina. Escutar com o coração: o significado da presença no aconselhamento pastoral. **Estudos Teológicos**; EST, CAPES: São Leopoldo v. 51 n. 2 p. 334-344 julho/dezembro. 2011.

⁷²⁰ WARD, 2011, p. 334.

⁷²¹ WARD, 2011, p. 337-338.

⁷²² WARD, 2011, p. 341.

As situações de crises levam a pôr em prática a criatividade, a buscar a melhor forma de caminhar do lado de quem se está acompanhando, a entender que muitas vezes a melhor forma de pregar as Boas Novas, para a pessoa que se encontra angustiada, sem esperança ou sentindo uma dor profunda é a de caminhar juntas no silêncio. Por isso, conhecer todas as realidades apresentadas aqui, mesmo que parcialmente, e tentar buscar elementos que ajudassem a entendê-las e que ajudassem a encontrar formas ou elementos que aportassem esclarecimento, conforto, liberação e esperança, tem sido parte de meu objetivo desde faz vários anos. Logo então, a intenção com este trabalho é aportar como muitos outros trabalhos o vem fazendo, desde diferentes óticas, e, em especial, fazer um aporte desde as ênfases e enfoque feminista.

Deixando um pouco de lado a Ward e voltando a realidade particular que o mundo vivencia neste momento, é preciso mencionar que, antes da pandemia, vinha-se notando as dificuldades que muitas mulheres sofriam (abuso, solidão e falta de atenção adequada para suas necessidades); mas que, agora, em plena pandemia, estas realidades têm-se evidenciado com maior força, fazendo urgente a necessidade de pensar, articular e renovar os jeitos de entender e trabalhar o acompanhamento, agora e no futuro; com estas mulheres e com as mulheres em geral. Este tempo em particular, constitui um desafio maior, em relação a apresentação de propostas que atendam com eficácia as necessidades de acompanhamento das mulheres “não casadas” em exercício de ministérios e/ou cargos de liderança. “Se fazer presente” é um desafio que deve ser enfrentado.

Hoje mais do que nunca, as palavras pronunciadas por Paul Johnson há mais de 50 anos e referidas por Clinebell continuam a serem significativas. Nelas Johnson refere:

Em nossa época, [...] estamos sem rumo numa sociedade móvel e cambiante. Estamos sozinhos em meio a multidões que parecem não se importar com nada, somos empurrados para cá e para lá por máquinas que querem ser servidas e que prestam serviços, até que também nós nos convertemos em seres mecânicos e agimos como máquinas. Nós nos encontramos com as outras pessoas como estranhos, mas, na maioria das vezes, através de contatos exteriores. Nós (...) não conhecemos a vida interior das outras pessoas; de forma que, damos atenção principalmente a aparência externa. Alienados delas ou usados por elas, estamos vazios por dentro, somos almas perdidas pelas que ninguém parece se importar. Nunca ouve tanta urgência

por alguém que se importe conosco. Como pode um pastor cuidar de seu povo num mundo desses?⁷²³ Paul Johnson. (Tradução nossa).

Estas palavras de Johnson, hoje ecoam com muita força nas realidades e experiências de muitas pessoas, incluídas as mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios e/ou cargos de liderança que, “sem dizer”, continuam pedindo por atenção; mulheres que andam no “automático”, agindo mecanicamente; que, mesmo encarando com muito amor e profissionalismo seu trabalho, desempenham sua função ministerial ou de liderança tentando não deixar perceber, nem por um instante, o vazio e a angústia que lhes invade; Mulheres que, se sentindo vazias e alienadas, desejam, desde o mais profundo do seu ser, que alguém se interesse realmente por aquilo que lhes preocupa, que lhes causa dor ou insegurança.

É surpreendente, como em muitos casos, a comunidade mal sabe que, o que está presenciando, nessa pregação, atividade ou trabalho desempenhado com tanto amor, criatividade, dedicação, e que inspira tanta paz para a grande maioria das pessoas da comunidade, não é mais que o que vai restando da coragem desta pessoa, da sua resiliência frente as situações adversas que vivencia no âmbito privado, mas que não têm sido atendidas adequadamente. Nesta realidade, “a aparência é o que prima”; aqui não é importante ou permitido se deixar conhecer realmente pela comunidade, porque não há lugar para isso, não há lugar para elas e, os mecanismos de atenção não conseguem atingir estas situações de forma adequada.

Para ter um exemplo desta situação, basta olhar para o seguinte trecho da fala da Mimosa, que, assim como noutras partes do seu testemunho, reflete com bastante clareza esta situação.

Mimosa. [...] às vezes, eu tenho aquilo bem claro para mim, hoje “eu fui uma boa atriz”, porque eu disfarcei para tudo mundo o que eu estava sentindo. Porque na verdade eu não queria ter feito nada daquilo, não queria estar naquele lugar e eu não queria estar com aquelas pessoas; mas eu fui. Fui, e fiz realmente meu trabalho, com muita seriedade, com muito entendimento; mas a sensação que eu saio é quase a sensação de que eu, ah! Que bom! Consegui não deixar ninguém perceber que eu não estou bem.

⁷²³ CLINEBELL, 1995, p. 51. Estas palavras foram escritas por Paul Johnson, um dos pioneiros do Cuidado Pastoral numa palestra intitulada “Where we Are Now in Pastoral Care” Christian Advocate, em 23 set. 1965, p. 7.

E, essa atitude da Mimosa não é de graça, não é por acaso e muito menos, por falta de atenção para consigo mesma. Essa atitude, poderia se dizer, é produto de processos inadequados de atenção as necessidades e crises vivenciadas e aos quais ela vem recorrendo periodicamente,⁷²⁴ mas que não parecem estar dando certo.

Várias das falas de mulheres “não casadas” que, assim como Mimosa, no seu momento, também expressaram seu sentir respeito a sensação de não pertença, de solidão, necessidade de atenção ou até, rejeição frente a diversas situações no desempenho de suas funções de liderança ou ministeriais, são, entre outras, as que convidam a pensar na urgente necessidade de “novas” alternativas ou de formas “inovadoras” de atender estas circunstâncias, de acompanhar estas mulheres, de se “fazer presente” em meio às dificuldades.

Assim sendo, o objetivo que se persegue neste capítulo, é resgatar por um lado, algumas das características que o acompanhamento deveria apresentar e, por outro, algumas das características que as comunidades deveriam desenvolver, para atender melhor este público, tomando como bases principais algumas das descobertas que os capítulos anteriores desta tese evidenciaram, para assim conseguir que o trabalho de acompanhamento realizado seja mais efetivo. Estas descobertas levam a propor juntamente com alguns pesquisadores e pesquisadoras as seguintes opções.

5.2 ACOMPANHAMENTOS COM OBJETIVOS ESPECÍFICOS

As situações expostas até aqui, levam a pensar na necessidade de mecanismos de acompanhamento que considerem as situações apresentadas. Mas, antes de entrar no tema da importância destas “novas” formas ou formas “específicas” de acompanhamento a mulheres “não casadas” líderes no ministério, apresenta-se uma síntese do que Ávila propõe, como possíveis alternativas.

Lembra-se aqui que, além de existirem diversos tipos ou formas de acompanhamento como os já mencionados, no segmento 4.3 deste trabalho (espiritual, vocacional, conversação, diálogo ou direção espiritual, até

⁷²⁴ Outros detalhes podem ser percebidos na íntegra da sua entrevista, anexa no final deste trabalho, onde ela menciona que há procurado auxílio em várias ocasiões com a intenção de encontrar caminhos que a ajudem descobrir soluções a suas problemáticas, mas, sem resultados efetivos.

acompanhamento “psicológico”) existem igualmente, correntes ou escolas psicoterapêuticas com diferentes enfoques e técnicas, que tem aportado significativamente ao labor do acompanhamento, que não devem ser desconsideradas.⁷²⁵

No entanto, desde o olhar de Ávila, é possível encontrar acompanhamentos com objetivos muito específicos, como por exemplo: o **acompanhamento “para” o crescimento e a maturação pessoal**, que, como seu nome sugere, propõe ajudar no crescimento e fortalecimento dos relacionamentos interpessoais, entre as quais se consideram as etapas do desenvolvimento humano desde a adolescência até a idade adulta⁷²⁶; **acompanhamento “de” ajuda**, que têm como princípios gerais, acompanhar em situações de vulnerabilidade pessoal, (luto, perda de sentido da vida, crises suicidas ou situações traumáticas.)⁷²⁷; este tem muita similaridade com o processo da diaconia. Também apresenta o **acompanhamento “para” a responsabilidade moral e o perdão**⁷²⁸, que persegue três objetivos; o primeiro, acompanhar na aquisição de responsabilidade moral, articulando uma escada de valores adequada que possa ser pessoalmente assumida em todos os aspectos da vida. Ou seja, ajudar, com os aportes da psicologia, a reconhecer a importância de acompanhar as pessoas que estejam experimentando situações doentias e/ou estados de auto castigo, geradas pela culpa. Nas palavras do autor este objetivo pretende:

Acompanhar para que as pessoas alcancem uma hierarquia de valores e uma consciência moral sana e sólida, que se integre harmonicamente no seu projeto pessoal e que permita que a pessoa tome decisões ante as encruzilhadas morais e gerar condutas acordes com suas decisões.⁷²⁹
(Tradução nossa).

O segundo, objetivo deste acompanhamento é caminhar, precisamente, rumo ao perdão, o que, na opinião do autor, não só requer dos aportes da psicologia para ajudar na compreensão do perdão e da sua função na vida das pessoas, iniciando pelo “auto perdão”, mas, enfatiza a importância da compreensão deste (o perdão),

⁷²⁵ ÁVILA, 2018, p. 53-100.

⁷²⁶ ÁVILA, 2018, p. 233-263.

⁷²⁷ ÁVILA, 2018, p. 205-232.

⁷²⁸ ÁVILA, 2018, p. 281-306.

⁷²⁹ ÁVILA, 2018, p. 282. *“Acompañar para que las personas alcancen una escala de valores y una conciencia moral sana y madura que se integre armónicamente en su proyecto personal y que les permita tomar decisiones ante las disyuntivas morales y generar conductas coherentes con sus decisiones”*

para a vivência de uma vida saudável.⁷³⁰ Fala da correta abordagem no processo de pedir perdão e ser perdoado, assim como na confrontação, verbalização e vivência da dor rumo ao auto perdão, pois, se perdoar a si mesmo, a si mesma, requer igualmente de um processo, caracterizado pela honestidade, no qual a pessoa acompanhante cumpre um papel significativo.⁷³¹ Como terceiro objetivo o autor apresenta o acompanhamento para o trabalho do sentimento de culpabilidade, esboçando elementos que podem caracterizá-la como patológica (tabu, narcisista, legalista) e cujas origens podem estar fundadas na imaturidade, na baixa autoestima, na vergonha e também no medo irracional à “transgressão das normas”.⁷³² Antes de terminar a abordagem deste tipo de acompanhamento, com rasgos caracteristicamente neuróticos, na opinião do autor, Ávila chama a atenção frente ao cuidado especial que se deve ter neste tipo de acompanhamento, porque neste nível se trata de um trabalho com pessoas “doentes” que precisam de algum tipo de acompanhamento específico.⁷³³

O acompanhar as relações humanas e suas crises (casais, famílias etc.), também aparece nesta lista. É nestes dois tipos de relacionamentos, onde as mudanças e suas consequências, se fazem mais evidentes, pois elas incidem de forma direta nos relacionamentos⁷³⁴. Daí que o autor enfatize três pontos de partida fundamentais: 1. O fato da não existência de um só modelo de família, afirmando que este é um assunto que deve ser desmitificado.⁷³⁵ 2. A sensação de vulnerabilidade causada pelo incômodo das mutações sociais e as contradições sempre presentes nos projetos familiares e pessoais, e, 3. Articulação de propostas adequadas, que possam acompanhar as vidas das famílias e dos casais.⁷³⁶ Este acompanhamento está marcado pelos constantes câmbios, crescimento e amadurecimento das pessoas envolvidas o qual não deve estar fundamentado nem numa simples atração ou

⁷³⁰ ÁVILA, 2018, p. 289.

⁷³¹ ÁVILA, 2018, p. 286-294.

⁷³² ÁVILA, 2018, p. 294.

⁷³³ ÁVILA, 2018, p. 299-303.

⁷³⁴ ÁVILA, 2018, p. 265.

⁷³⁵ ÁVILA, 2018, p. 266.

⁷³⁶ ÁVILA, 2018, p. 267. Aqui o autor menciona a “*Amoris Laetitia*” (AL) como uma ferramenta muito útil, elaborada pelo papa, que pode ser usada como “guia” para este tipo de acompanhamento em especial. Esta exortação apostólica vem sendo uma espécie de “sucessora” da “*Evangelii Gaudium*” (EG) que contém três olhares sobre a família (de preocupação), pela fragilidade dos vínculos familiares; de misericórdia, sobre aquelas famílias que sofrem por diversos tipos de pressões e desafios e um terceiro olhar de esperança, baseada na capacidade terapêutica do evangelho em resposta às necessidades de busca de sentido e alegria na vida das pessoas.

afetividade difusa, mas sim, “sobre bases fortes que lhe permitam consolidar-se como um projeto estável.”⁷³⁷

Em relação direta com o acompanhamento às crises dos casais é mencionado que o objetivo deste, consiste em considerar as características particulares de cada membro e o tipo de relacionamentos desenvolvidos entre eles, com o propósito de fortalecê-las, ou até mesmo, acompanhar sua ruptura, quando inevitável, procurando que se produza o menor dano possível; o que supõe uma avaliação previa que permita esclarecer se a situação a acompanhar é irreversível ou só se trata de uma situação transitória e, dependendo deste “diagnóstico”, iniciar o processo de recuperação ou ruptura definitiva.⁷³⁸

Finalizando este tópico o autor faz uma brevíssima menção em relação a outras situações, como por exemplo as divorciadas e divorciados, e os que vivem relacionamentos alternativos (uniões maritais de fato e pessoas LGBTIQ+ etc.). Sobre estes grupos, o autor se limita a mencionar a urgência de um acompanhamento para estas pessoas, baseado na misericórdia, o respeito e a acolhida empática, citando a “*Amoris Laetitia*” - AL 238; 242; 243. Mesmo assim, o autor aponta bem no final algo que desperta, no mínimo, suspeita, pois menciona que:

É necessário que, superando os preconceitos compreendamos sua situação e nos interessemos por elas, descobrindo tudo que possa existir nestas pessoas e a situação que vivenciam de bom e generoso, a partir do qual poder avançar com elas em seu processo de crescimento e, na medida do possível, de normalização da sua situação.⁷³⁹ (Tradução nossa).

O suspeito nesta afirmação recai sobre a frase “normalização da sua situação”. Fazendo uso da hermenêutica da suspeita, surgem várias perguntas: O que o autor quis dizer com essa frase? 2. Acaso as pessoas que fazem parte de algum destes grupos apresentam algo de “anormalidade”? 3. Onde está ou em que consiste a “anormalidade” da qual se fala? Ou 4. Insinua isto que os relacionamentos que não se enquadram no casamento são anormais? Bom, acho que outras perguntas podem ser feitas, mas, poderia ser dito aqui, que se o motivo do acompanhamento não tem

⁷³⁷ ÁVILA, 2018, p. 269. As fortalezas propostas neste caso estão presentes na *Amoris Laetitia*, p. 136-137.

⁷³⁸ ÁVILA, 2018, p. 271-277.

⁷³⁹ ÁVILA, 2018, p. 277-278. “*Es necesario que, superando los prejuicios. Comprendamos su situación y nos interesemos por ellas, descubriendo todo lo que pueda existir en estas personas y la situación que viven de bueno y generoso, a partir de lo cual poder avanzar con ellas en su proceso de crecimiento y, en la medida de lo posible, de normalización de su situación*”.

a ver com mudar de “*status civil*”, de entrada é um risco enorme considerar qualquer destas situações como anormal, caso que a isto se refira a frase. Ou, lendo a frase desde outro ângulo, ela estaria afirmando que todos estes tipos de relações são de fato anormais, o que igualmente seria desastroso, considerando que a suposta proposta de acompanhamento “deve estar baseada na misericórdia, no respeito e na acolhida empática”, pois de nada serve ser empático segurando a “certeza” de que a titulação que a pessoa que será acompanhada é anormal e, portanto, se deve trabalhar na sua “normalização”. Outro detalhe interessante que chamou a atenção da pesquisadora é o fato de que, para a apresentação destes grupos, só foi dedicada uma página em meio a reflexão. Esta análise poderia ir além, no entanto, optasse por deixar como ponto de partida para reflexões futuras.

Com respeito às pessoas “sem par”, (solteiras, separadas, divorciadas, viúvas...), a reflexão se centrou no aspecto da solidão, apontando que quando não atendida, pode derivar numa depressão, esquecendo de mencionar qualquer outro aspecto, como se essa fosse a única situação para ser acompanhada. A este aspecto também é dedicada só uma página da reflexão.⁷⁴⁰

Continuando, o autor propõe, um outro acompanhamento orientado “para” o exercício da vida cristã.⁷⁴¹ Este sugere mudanças no paradigma do acompanhamento, propondo, inicialmente, decifrar as questões espirituais presentes no âmbito sociocultural, para, posteriormente, entender a dimensão religiosa da pessoa e assim, tentar acompanhá-la.⁷⁴² Neste processo, quando se fala de questões espirituais, o autor não está se referindo a concepções do passado, mas sim, à confluência de vários fenômenos centrados na expansão do ego, assim como em alguns “estilos de vida” que o mesmo autor decide definir da seguinte forma:

É uma espiritualidade difusa difícil de definir, pois não faz, necessariamente, alusão a Deus nem ao religioso, mas se situa num campo mais amplo que é a dimensão espiritual do ser humano e da sua necessidade de sentido e de comunhão com o universo.⁷⁴³

⁷⁴⁰ ÁVILA, 2018, p. 278-279. Na reflexão deste trabalho, considera-se que estes dois últimos detalhes, (esta nota e a anterior que também menciona o mesmo assunto) cobram uma significância relevante, pois vão ao encontro dos depoimentos que reclamam uma verdadeira atenção para estes grupos, assim como reforçam o fato da falta de recursos acadêmicos para a reflexão sobre esta temática.

⁷⁴¹ ÁVILA, 2018, p. 307-356.

⁷⁴² ÁVILA, 2018, p. 307.

⁷⁴³ ÁVILA, 2018, p. 311.

Na opinião do autor, este tipo de acompanhamento “se caracteriza pelo encontro de duas pessoas que buscam viver conforme a vontade de Deus, tendo ambas, disposto o coração e o ouvido para atender a voz do Senhor, o terceiro acompanhante, que se achega as suas vidas e fica perto.”⁷⁴⁴ Para finalizar as propostas, a última proposta que se apresenta aqui, é a de o acompanhamento “para” o encaminhamento⁷⁴⁵. Apresenta-se esta proposta, mesmo discordando dela como proposta, pelo fato de considerar que não se acompanha “para” encaminhar. No entanto, é evidente que em algumas situações possa ser percebido que a problemática que se acompanha requeira de um tratamento mais específico ou especializado; (como por exemplo: as mencionadas no caso do acompanhamento de situações com características neuróticas - culpabilidade). Julga-se que aqui é onde entra em jogo a sensibilidade e a empatia da pessoa acompanhante, quem deve sentir-se não só motivada, mas, na obrigação, de tomar a decisão de sugerir outro tipo de ajuda. Sendo assim, o encaminhamento não é o objetivo ou o “para que” do acompanhamento. Isso de acompanhar “para” o encaminhamento, pode ser considerado ou dá a entender, que o “propósito” do acompanhamento é, “de fato”, encontrar situações que precisem do recurso do encaminhamento. Assim sendo, uma coisa é, que, em meio à caminhada se perceba a necessidade de encaminhar; e outra diferente é, que se acompanhe “para” ou com a “intenção” de encaminhar.

Por conseguinte, o encaminhamento pode e deve fazer parte de “qualquer” acompanhamento, onde a pessoa não se encontre em situação de desempenhar, adequadamente, seu papel de acompanhante; com liberdade, de forma ética e com responsabilidade. De fato, o autor menciona que os acompanhamentos de encaminhamento...

[...] respondem a uma situação frequente que se dá quando a causa que motiva a proposta do acompanhamento supera nossas possibilidades e nossos recursos pessoais o que convida a encaminhar a pessoa que se acompanha, a profissionais, instituições ou outras pessoas que possam atendê-la e acompanhá-la adequadamente.⁷⁴⁶ (Tradução nossa).

⁷⁴⁴ ÁVILA, 2018, p. 315.

⁷⁴⁵ ÁVILA, 2018, p. 191-204.

⁷⁴⁶ ÁVILA, 2018, p. 191. “[...] responden a una situación frecuente que se da cuando a causa que motiva a propuesta de acompañamiento supera nuestras posibilidades y nuestros recursos personales, lo que nos invita a derivar a la persona a acompañar a profesionales, instituciones u otras personas que la puedan atender y acompañar adecuadamente”.

Fica evidente então, que, nestes casos, o acompanhamento pode não terminar, mas, certamente, deverá ser redirecionado mudando assim seus objetivos.

Para concluir, mais um detalhe importante é que, dentre todos os tipos de acompanhamento apresentados até aqui, não foi possível perceber um tipo de acompanhamento que, na sua *proposta geral (bíblica, teológica ou prática)*, considera-se aspectos próprios da Teologia Feminista. Consequentemente, o propósito do próximo segmento, será apresentar alguns aspectos que, por sua ausência, a mesma pesquisa vem apontando como importantes. Caberá a cada comunidade ou grupo, fazer as adequações pertinentes à proposta, para assim poder atender as necessidades particulares dos públicos que a requeiram. Neste caso, mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios e/ou cargos de liderança.

5.3 IMPORTÂNCIA DO “FEMININO” NO ACOMPANHAMENTO COM MULHERES “não casadas” ENVOLVIDAS EM MINISTÉRIOS

A segunda parte da citação da Deifelt referida no começo deste capítulo menciona que a Teologia Feminista “também permite a construção de novas análises que permitam entender e promover a construção de novos relacionamentos entre homens e mulheres. Isto juntamente com a afirmação de Sallie Mcfague assevera que: “Os nomes importam porque o modo como chamamos alguma coisa, o nome que lhe damos, é, até certo ponto, o que ela é para nós”⁷⁴⁷ representam com bastante clareza a importância que tem, não só, a forma como nomeamos as coisas, processos e pessoas, como também o fato de que, o nome dado, represente de forma adequada aquilo que se deseja comunicar, sem esgotar a realidade na qual está imersa, qualificando-a em profundidade e permitindo assim, a possibilidade de novas formas de construir relações saudáveis.

Acredita-se que nestas frases se encontra condensada a hipótese da importância que têm, no caso deste trabalho, o fato de não confundir ou misturar, o termo e a prática do acompanhamento como sendo aconselhamento e vice-versa, o qual também é válido no caso dos nomes dados ou utilizados para se referir, conceber ou perceber a Deus, especialmente, nestes processos; pois, considera-se que, dependendo da forma na qual se vê ou se concebe a Deus, depende, em grande

⁷⁴⁷ MCFAGUE, Sallie, *Modelos de Deus*, São Paulo: Paulus, 1996, p. 17.

parte, não só o processo epistemológico e prático em relação com esta atividade, mas também, seus resultados.

Se enfatiza aqui, e se espera que essa também tenha sido a compreensão da pessoa leitora, que a ideia desta pesquisa em momento algum tem sido deslegitimar ou diminuir o valor ou a importância ao processo de aconselhamento, esgotar a temática e muito menos, pôr fim a reflexão, o que constituiria uma ousadia inaceitável. O principal propósito tem sido, enfatizar a particularidade e diferença destes dois processos, que, de fato e como apresentado anteriormente, são processos diferentes, com objetivos e metodologias diferentes que cumprem diferentes funções dentro das práticas de ajuda desenvolvidas nas comunidades. Cabe lembrar também de forma especial que os aportes de Schipani, Schneider-Harpprecht, Cabarrús, ou Ávila, mencionados no decorrer desta pesquisa, chamam a atenção sobre este assunto.

Como visto no capítulo anterior, o acompanhamento tem apresentado grandes mudanças ao longo dos tempos; porém, considera-se que entre essas mudanças, há dois assuntos que se consideram relevantes e sobre os que se deve falar. Um, é a expressão desde a experiência feminina “de”⁷⁴⁸ Deus e, outro, a expressão do feminino “em”⁷⁴⁹ Deus. Estes assuntos, por vezes, tem sido negligenciados, como o tem sido as experiências das mulheres; ou tem sido desconsiderados, como no caso das atribuições de viés feminino dirigidas ou relacionadas com Deus.⁷⁵⁰ A este respeito, na Bíblia e na tradição cristã, podem ser encontrados inúmeros exemplos, sendo um dos principais o mencionado no livro do Gênesis, onde nos capítulos 1 e 5 se menciona o fato da criação do ser humano ter sido feita a imagem e semelhança de Deus, e mais ainda, sendo mencionado, logo após, de forma explícita, em que consiste essa semelhança “homem e mulher os criou” (1: 27; 5:1-2a). Assim sendo, as características, tanto masculinas, quanto femininas, estão presentes em Deus,⁷⁵¹ assunto este que não deveria ser desconhecido ou

⁷⁴⁸ Entendida como a forma ou jeito na qual as mulheres percebem ou experimentam a Deus nas suas vidas, no seu cotidiano.

⁷⁴⁹ Entendida como aquilo de feminino que pode ser reconhecido nos atributos que lhe são dados ou assignados a Deus.

⁷⁵⁰ Exemplos a este respeito podem ser vistos com maior detalhe em: GÓMEZ Acebo Isabel. Dios también es madre, San Pablo, Madrid. 1994.

⁷⁵¹ GONZALEZ- Carvajal Luis. Notícias de Dios, Santander: Editorial SAL TERRAE, 1997 p 229; MCFAGUE, Sallie. **Modelos de Deus**: teologia para uma era ecológica e nuclear. São Paulo: Paulus, 1996. p. 139-174.

desconsiderado, ao igual que as formas como Ele é experimentado pelas mulheres, assuntos sobre os que se passa a refletir a seguir.

5.3.1 Experiência feminina “de” Deus e Espiritualidade

Os dois assuntos mencionados antes (experiência feminina “de” Deus e, a expressão do feminino “em” Deus) têm jogado um papel fundamental a ponto de influenciar notavelmente na forma como é entendido ou desenvolvido o acompanhamento, sendo que, por um lado, muitas vezes as experiências das mulheres não são reconhecidas nem respeitadas, em muitos aspectos (espirituais, emocionais, ministeriais, etc.) e, em contrapartida, em muitos casos, tem se dado excessiva ênfase no aspecto “masculino” como algo “exclusivo” e representativo de Deus ou como única representação da divindade, o que, de certa forma, tem limitado a compreensão e a riqueza deste processo, além de ter ocasionado serias consequências no processo.

Em relação direta com a experiência das mulheres, desde a perspectiva proposta aqui, se continua insistindo que, o aspecto da experiência feminina “de” Deus, junto com as experiências de vida das mulheres (dor, crise, alegrias, realizações, etc.), constituem eixos importantes, que, como afirmado por Gebara, lhe concedem o toque de autenticidade ao processo epistemológico.⁷⁵² Considera-se então, de grande valor que estes sejam revistos, analisados e recuperados; porque, como menciona Ute Seibert, no fim das contas, somos corpo, corpo físico, social, eclesial e até político.

Somos corpo, e é em nosso corpo onde se experimenta a dor, a alegria, o abuso, a violência, a fome e o prazer. O corpo é nosso lugar de bênção e maldição. Participamos no movimento social como corpos; formando parte e querendo transformar este corpo social, nos encontramos na comunidade, na igreja – o corpo de Cristo- como corpos, compartilhando um corpo de crenças sobre a vida, a morte e a ressurreição dos corpos: o sistema económico, negocia com os corpos, a cultura os modela e as políticas afetam seu crescimento ou decidem sua exclusão.⁷⁵³ (Tradução nossa)

⁷⁵² GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. *In*: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (org.). **Epistemologia, violência e sexualidade**: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2008. p. 36-38.

⁷⁵³ SIEBERT, Ute. “Hacer Teología Feminista: entre el cuerpo y la palabra” *In*: **Revista Alternativas**, ano 7, nº 16/17, julio-diciembre, 2000. Editorial LASCASIANA, p. 187-201 “Somos cuerpo, y es en nuestro cuerpo donde se experimenta el dolor, la alegría, el abuso, la violencia, el hambre y el placer. El cuerpo es nuestro lugar de bendición y maldición. Participamos en el movimiento social como

Dito isto, esta proposta visa resgatar e visibilizar, de certa forma, a força ancestral do feminino de Deus que expressa e enfatiza os rasgos de ternura, cuidado, amor maternal e misericórdia profunda, como alguns dos elementos fundamentais que façam do processo de acompanhamento um processo diferenciado que vá a procura “dos corpos” que precisam, mas também, que já está a caminho com “os corpos” que precisam, e cujo motor o constitui a espiritualidade feminista.

Este tema da experiência feminina “de” Deus em relação com a espiritualidade tem registros muito antigos, segundo Arrieta, quem menciona a existência, nos Séculos IV e V, das “Ammás do deserto”, também denominadas “parteiras da sabedoria”, “mães espirituais” ou “pneumatóforas” (portadoras do espírito), que tinham a capacidade de escutar os corações das pessoas com as quais compartilhavam no dia a dia (a comunidade), permitindo nesta, sua ação, a experiência do agir do Espírito na vida destas pessoas. Como “parteiras” diz Arrieta: “respaldavam a experiência de uma dimensão - que, na medida em que era desenvolvida, tornava-se mais plena - do Cristo que habitava no coração das mulheres e os homens a quem serviam e escutavam”.⁷⁵⁴ Esta visão particular vai ao encontro da proposta da Fiorenza, quando fala da vivência e experiência da presença de Deus na Eclésia, que nutre, libera e cura. Ela afirma:

Uma espiritualidade feminista é aquela que nos invita, a nutrir-nos juntas como a Eclésia das mulheres que, na potente força do Espírito, são enviadas a nutrir, curar e libertar a nosso povo, que são as mulheres. [...] é ela a que pode liberar as mulheres dos falsos auto - sacrifícios que beneficiam o trabalho dos homes em prejuízo de nosso bem-estar, de nossa vocação e das outras mulheres. É a espiritualidade feminista a que capacita as mulheres para viver “umas pelas outras” e a experimentar a presença de Deus na Eclésia, em quanto reunião de mulheres.⁷⁵⁵

Esta afirmação vai ao encontro das experiências das mulheres, abordado no segmento anterior, sobre acolher e visibilizar as realidades em relação com espaços de escuta (4.5). Várias delas apontam situações relacionadas como por exemplo: a falta de espaços onde possam se nutrir juntas ou lugares especiais onde se sentirem

cuerpos; formando parte y queriendo transformar este cuerpo social, nos encontramos en la comunidad y en la iglesia – el cuerpo de Cristo- como cuerpos, compartiendo un cuerpo de creencias sobre la vida, la muerte e la resurrección de los cuerpos: el sistema económico, negocia con los cuerpos, la cultura los moldea y las políticas afectan su crecimiento o deciden su exclusión. p.187-188.

⁷⁵⁴ ARRIETA, 2017 p. 29

⁷⁵⁵ FIORENZA, Elizabeth. **As Origens Cristãs a partir da Mulher**: Uma nova hermenêutica. São Paulo: Edições PAULINAS, 1992. p. 400.

pertenças; acompanhamento específico ou abordagem de temas particulares; espaços físicos de convívio comunitário ou encontros entre iguais, para compartilhar sua diversidade em equilíbrio, com liberdade e sem discriminações.

Voltando ao tema da espiritualidade na antiguidade, afirma-se igualmente que a espiritualidade da humanidade estava orientada por divindades como as chamadas “Vênus paleolíticas”, que possuíam rasgos muito femininos, mas que, com o passar do tempo e a organização da sociedade, marcadamente patriarcal desde o neolítico, sofreu o detrimento da experiência divina e, a força do aspecto feminino de Deus foi se apagando, dando passo a ideia do Deus masculino com poderio sociocultural e religioso, deixando de lado as experiências femininas.⁷⁵⁶ Na mesma linha de raciocínio, Isabel Gómez Acebo afirma que, “[...] como dado bizarro, muitos sacerdotes mantiveram roupas de mulher no culto e até se castravam, o que alguns entenderam como uma forma de imitar o sacerdócio feminino que herdaram.”⁷⁵⁷

A posição de Cabarrús no é diferente pois ele afirma que os atributos patriarcais, tanto da espiritualidade quanto do mesmo Deus, são bastante recentes e que com isto tem-se gerado a exclusão da mulher de participar de espaços relevantes. Ele aponta que:

[...] a espiritualidade puramente patriarcal é, portanto, muito recente na história humana – uns quatro mil anos antes de Cristo – quando a experiência da revelação na bíblia obscureceu a vivência de uma espiritualidade de Deus com atributos femininos. Mesmo assim, nenhuma percepção de Deus – nem ainda a de Deus Pai – tem a capacidade de integração e evocação mítica que tinham as deusas. E, mesmo que Yahve como tal, não tem sexo, sua representação, ainda, é fundamentalmente andrógina e a religiosidade que se estabelece ao seu redor de certa forma tem sido excludente de outras experiências e sobre tudo, de assignar uma tarefa importante para a mulher.⁷⁵⁸ (Tradução nossa).

⁷⁵⁶ CABARRÚS, 2010, P.17-18. Ver também: GÓMEZ Acebo Isabel. La mujer imagen de Dios. In: ALMOGAREN: **Revista del centro teológico de las Palmas**. Gran Canaria: Centro Teológico de Las Palmas. Nº 28. 2001. p. 135.

⁷⁵⁷ GÓMEZ, 2001, p. 135. “[...] como curiosidad muchos sacerdotes mantuvieron ropas de mujer en el culto y se castraban, lo que algunos han entendido como un intento de imitar el sacerdocio femenino que heredaban.”

⁷⁵⁸ CABARRÚS, 2010, p. 18 [...] *la espiritualidad netamente patriarcal es, por tanto, muy reciente en la historia humana –unos cuatro mil años antes de Cristo– cuando la experiencia de la revelación en la Biblia oscureció la vivencia de una espiritualidad hacia Dios con rasgos femeninos. Sin embargo, ninguna concepción de Dios –ni aún la de Dios Padre–, tiene la capacidad de integración y evocación mítica que tenía la diosa. Y aunque Yahvé como tal, no tiene sexo, su representación, todavía, es fundamentalmente andrógina y la religiosidad que se establece en torno suyo de alguna manera ha sido excluyente de otras experiencias y sobre todo de assignar un rol importante para la mujer.*

A espiritualidade também está relacionada com a busca de sentido do ser humano e, esta busca de sentido, promove, igualmente, a esperança transformadora.⁷⁵⁹ Ela é fonte de transformação e de inspiração para o novo, ainda que, não esteja necessariamente ligada a religião.⁷⁶⁰

Gebara⁷⁶¹ sustem que a forma na qual as mulheres experimentam a Deus é definitivamente diferente da forma na qual os homens o experimentam. Para elas Deus é, mas também, faz parte de um todo inexplicável que permeia suas vidas e que constitui uma entidade real espiritual; Enquanto que, para eles, representa uma entidade relacional e lógica presente e contudo, distinta do mundo.⁷⁶²

Um jeito esclarecedor de descrever o que “Deus” representa na experiência feminina, diferente a dos homens, é apresentado por Gebara da seguinte forma:

Dentro da experiência feminina, a palavra Deus, quando usada, [...], funciona como uma entidade espiritual real, em geral masculina, embora dificilmente explicável de forma racionalista. Deus se mistura a todas as coisas da vida como se fosse da mesma substância delas e subsiste na diversidade dos acontecimentos.[...], para a maioria das mulheres trata-se de uma realidade experimentada cuja expressão é irredutível a um discurso claro e bem regado. Esta realidade não definida de forma racional refere-se a muitas experiências, a muitos sentimentos, a muitas esperanças e a emoções variadas[...]. É uma palavra singular com significados plurais, precisos e imprecisos ao mesmo tempo. Confunde-se com nossos suspiros, nossos desejos, medos, esperanças[...]. nos acompanha [...] não nos permite desfalecer.⁷⁶³

Esta forma de experimentar a Deus é totalmente diferente à experiência masculina, onde Deus é apresentado e experimentado historicamente desde a submissão e o castigo, produzindo, em algumas, paralisia, medo ou culpa por não cumprir com os modelos pré-estabelecidos de perfeição criados pelos homens e seu “deus”. A experiência de Deus das mulheres, faz parte da vida diária que não precisa comprovar sua existência e, sua presença não está limitada às escrituras, porém, além delas.

É este tipo de experiência que faz com que a forma em que as mulheres (e, neste caso as “não casadas”) são acompanhadas, adquira uma dimensão radicalmente diferente. Neste sentido, a Teologia Feminista tem tido um papel fundamental, na promoção do reconhecimento das pessoas como sendo diferentes

⁷⁵⁹ PAULA, 2013, p. 48.

⁷⁶⁰ BOF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. 2 ed. Rio de Janeiro, 2001. p. 11

⁷⁶¹ GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder: ensaios feministas**. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.

⁷⁶² GEBARA, 2017, p. 156.

⁷⁶³ GEBARA, 2017, p. 156 – 157.

umas das outras, porém, semelhantes. Gebara resume da seguinte forma os aportes que desde a Teologia Feminista ainda podem ser feitos no intuito de liberar as mulheres da dependência destrutiva decorrente da forma masculina de perceber e experimentar a Deus, afirmando que:

[...] acredito algo pode ser feito para aliviarmos os fardos umas das outras, para partilharmos o pão e acolhermos [...]. Um sorriso de cumplicidade, um olhar que se encontra com outro e é capaz de transcender a confiança na vida é parte dessa conjugação de Deus como verbo que não é necessariamente masculino ou feminino. É um verbo inclusivo, de ação e de esperança, ao mesmo tempo minha imagem e a imagem do outro e da outra.⁷⁶⁴

Sendo assim, depois de rever todos estes aportes, pode-se compreender melhor a importância do resgate do acompanhamento desde esta perspectiva, porque isto permite visibilizar, a relevância da experiência das mulheres, mesmo que, o passar do tempo e suas mudanças em geral tenham tentado apagar estes fatos. Pode-se deduzir deste fato e em conformidade com o entender de Georgina Zubiría, que assim como a espiritualidade, o acompanhamento, pode ser concebido, desde a perspectiva do humano da Ruah de Deus que habita e está presente na vida do ser humano (neste caso, as mulheres “não casadas, envolvidas em ministerios e cargos de liderança”).⁷⁶⁵

5.3.2 Expressão do feminino “em” Deus

Agora, falando das características do ser humano, que podem ser percebidas “em” Deus, neste caso, das características “femininas”, não como complemento, mas sim, como parte intrínseca dEle mesmo, encontra-se no hebraico, que a Ruah representa um dos nomes da trindade que enfatiza este aspecto. Yahveh, é apresentado como habilidosa costureira que corta e costura peles de animais para cobrir a nudez das suas criaturas no Paraíso (Gênesis 3:21); e, no mundo Judaico, Deus também apresenta virtudes de mulher que geralmente são associadas a temas como abrigo, fidelidade ou misericórdia.⁷⁶⁶

Nos salmos também se manifesta de muitas formas os atributos femininos de Deus; por exemplo, quando expressa: “a sombra de tuas assas me abrigo” em busca

⁷⁶⁴ GEBARA, 2017, p. 161 – 162.

⁷⁶⁵ ZUBIRIA, Georgina. A espiritualidade del ministerio pascual. p. 237-253; *In*: GEBARA, Ivone. **Teologia con rostro de mujer**. Managua: Editorial LACASIANA, 2000.

⁷⁶⁶ GÓMEZ, 2001, p. 136.

de resguardo e proteção, (Salmo 17:8; 57:1; 91:4) mostrando, de certa forma, atributos típicos de uma mãe, que guarda e protege, entre outros tantos. O mesmo Yahveh se descreve como “parturiente” (Isaias 42:14); como uma urso que defende seus cachorros (Oseias 13:8) ou como uma galinha que abriga e protege os seus pintinhos (Mateus 23:37).⁷⁶⁷ Gonzalez-Carvajal igualmente refere que outro exemplo pode ser percebido no capítulo 11 de Oseias, no que têm se denominado como “a balada do amor divino” que apresenta a Deus como Pai. Neste texto, continua afirmando González, alguns estudiosos têm percebido a máxima expressão do amor paterno por Israel; contudo, garante que Helen Schüngel-Straumann, considerada a primeira a interpretar o texto desde a perspectiva feminista, percebe de forma acertada que o poema, no seu conjunto, não menciona de forma alguma a palavra “pai”, mas, sim, há vários indícios que fazem pensar numa mulher-mãe, quando se aborda ele. V.3 [...] eu ensinei a andar [...] tomei-o nos meus braços [...] eu os curava; V. 4. [...] me inclinei para dar-lhes de comer.⁷⁶⁸ No segundo e terceiro Isaias, também é percebido que, para animar o povo, são usadas imagens femininas e maternas (Isaias 49:15; 66:13), o que, de acordo com esta autora, deixa em evidência a legitimidade e igualdade da imagem feminina de Deus no Antigo Testamento, tanto quanto a masculina.⁷⁶⁹

Agora, falando mais especificamente da tradição cristã, alguns dos rasgos femininos que têm sido interpretados são: ensinar a andar, a solicitude amorosa e a provisão do leite materno, como imagens próprias do feminino, para se referir ao cuidado de Deus para com seus filhos e suas filhas. Por exemplo: Jürgen Moltman propõe que Deus pode ser visto como um pai materno, pois, não somente concebe, como também, dá à luz.⁷⁷⁰ Outra alusão pode ser encontrada no Pedagogo de São Clemente de Alejandría que mostra “O Logos” como pai e mãe, pedagogo e ama-de-leite, da qual os pequenos que o procuram, têm a possibilidade de se nutrir do leite que lhes proporcionam os amorosos peitos do Pai”⁷⁷¹. Santa Teresa de Jesus, apresenta um Deus – Mãe, cujo desejo é, que a pessoa que o procura na calma, no silêncio e na quietude da oração, o perceba como uma mãe, mas, não qualquer mãe;

⁷⁶⁷ GONZALEZ- Carvajal. 2007, p. 220-221.

⁷⁶⁸ GONZALEZ- Carvajal. 2007, p. 222. Segundo Esse dar de comer está relacionado com o fato de amamentar.

⁷⁶⁹ GONZALEZ- Carvajal. 2007, p. 224.

⁷⁷⁰ Maiores detalhes em: MOLTSMANN, Jürgen. El Padre maternal. Patripasianismo trinitário patriarcalismo teológico. *Concilium*, 163 (1981) 385.

⁷⁷¹ CLEMENTE DE ALEJANDRÍA. *El Pedagogo*, lib. I, cap. 42, n. 3. Gredos, Madrid 1988, p. 80.

porém, como uma que se preocupa porque seu filho ou filha recebam o melhor alimento que ela possa-lhe proporcionar.⁷⁷² Igualmente, Santo Agostinho também deixa perceber essa possibilidade de conceber a Deus como uma mãe provedora de bem-estar⁷⁷³ e, durante a idade média, menciona Gonzalez, “existiu uma bizarra devoção a Cristo nossa mãe”⁷⁷⁴ afirmando, do mesmo modo, que foi Juliana de Norwich, quem atribuiu mais metáforas maternas ao Jesus crucificado durante mais de 20 anos, nos seus escritos no final da idade média.⁷⁷⁵

Outros vários exemplos, como estes, poderiam ser encontrados, mas, sobre os quais este trabalho não vai se debruçar, por entender que, com os exemplos apresentados, tem se logrado esclarecer a ideia sobre a temática em questão.

Em definitiva, essas atribuições sustentam a proposta e a evocação de relações mais parentais, mutuais, de respeito e menos hierárquicas, imperialistas ou patriarcais.⁷⁷⁶ Contudo, por um lado, se deve ter muito cuidado nas imagens femininas que são enfatizadas, sob pena de cair na exclusão. Um exemplo, pode ser encontrado quando se usa o termo “Deus como mãe” ou “dador da vida” o que de fato terminaria por excluir àquelas que não o são.⁷⁷⁷ Além, mesmo que a proposta da Macfague esteja inclinada a questões mais ecológicas, todo encontra sentido quando se pensa no ser humano como um ser holístico, em interação com o mundo, a natureza, e com outros seres humanos⁷⁷⁸.

Depois de ter revisitado estes breves exemplos, se faz menção da seguinte afirmação da Gomez Acebo com a qual termina seu livro:

No fim das contas, estamos feitas a Sua imagem e semelhança, mas o problema está em convencer aos homens e em nos convencermos, a nós mesmas; pois, pelo visto e além do que escrevemos, tenho a impressão de

⁷⁷² TERESA DE JESÚS. **Camino de Perfección**, cap. 31, 9, Obras Completas, BAC, Madrid, 1974. p. 292.

⁷⁷³ AGUSTÍN DE HIPONA. **Confesiones**, lib. IV, cap. 1, n. 1 (Obras Completas de San Agustín, t. 2, BAC, Madrid 1968', p. 217). ¿Qué soy yo, sino un niño que recibe el néctar de vuestros pechos?” Disponível em: <https://bdigital.uvhm.edu.mx/wp-content/uploads/2020/07/san-Agustin-Confesiones.pdf>. Acesso em: 10 de 5 de março de 2021.

⁷⁷⁴ GONZALEZ-CARVAJAL, 2007, p. 227.

⁷⁷⁵ GONZALEZ-CARVAJAL, 2007, p. 228.

⁷⁷⁶ MCFAGUE, 1996, p. 39-41.

⁷⁷⁷ MCFAGUE, 1996, p. 147.

⁷⁷⁸ MCFAGUE, 1996, p. 17-51.

que o único verdadeiramente convencido é o próprio Deus.⁷⁷⁹ (Tradução nossa).

Acredita-se que fica em evidência a possibilidade da utilização de termos femininos para referir-se ou nomear a Deus; logo, ver a Deus desta forma, indiscutivelmente têm suas repercussões dentro das práticas eclesiais, em relação não só com os papéis que elas desempenham e os lugares que ocupam, mas também, com os resultados processos de acompanhamento, em relação a elas.

5.4 A COMUNIDADE ECLESIAL E SEU PAPEL NO ACOMPANHAMENTO COM MULHERES “não casadas”

O papel que desempenha a comunidade eclesial no processo de acompanhamento se considera de fundamental importância, considerando que o ser humano, como ser social e comunitário, influi e é influenciado pelo que nela acontece, seja bom o seja ruim.⁷⁸⁰

Há várias formas nas quais a comunidade pode ser entendida e uma delas é a que apresenta Boff: “a comunidade deve entender-se como um espírito a ser criado, como uma inspiração que alimente o esforço por superar continuamente as barreiras entre as pessoas e por gerar uma relação solidária e recíproca”.⁷⁸¹ (Tradução nossa).

Lembra-se então parte da sugestão da Zínia, que mencionava o bom que seria criar um espaço para mulheres “não casadas” na sua comunidade, mas, o problema consistia nas múltiplas ocupações e compromissos já adquiridos, que faziam desta possibilidade algo impossível. Nas suas palavras:

Então, aqui que é uma comunidade grande, **se eu estimulasse** a criar um grupo **ia ter um grupo muito bom**. O negócio é que aqui já tem tanta atividade, já tem uma agenda tão cheia, que seria uma coisa a mais que eu teria que dar conta e eu não posso deixar nada das outras frentes de lado. Eu tenho que continuar. Mas é um desafio [...] que tal vez se criasse um grupo

⁷⁷⁹ GÓMEZ-ACEBO, Isabel, **Dios también es madre**, San Pablo, Madrid 1994, p. 192. “Al fin y al cabo, estamos *“hechas a su imagen y semejanza”*. El problema está en convencer a los varones y en convencernos a nosotras mismas; pues de momento, y a pesar de todo lo que escribimos, tengo la impresión de que el único verdaderamente convencido es el propio Dios”.

⁷⁸⁰ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 49-50.

⁷⁸¹ BOFF, Leonardo. **Ecclesiogénesis: las comunidades de base reinventan la iglesia**. Santander. Sal Terrae, 1980. “La comunidad debe entenderse como un espíritu a crear, como una inspiración que alimente el esfuerzo por superar continuamente las barreras entre las personas y por generar una relación solidaria y recíproca.” p. 16.

onde elas se sentiram acolhidas, ali iam desenvolver muitas coisas bacanas.

Também se lembram aqui as palavras da Mimosa que falavam de aconchego, pertença e da importância de “[...] ter um olhar novamente para as necessidades do ser humano; não só de mulheres que estão sozinhas, mas de uma comunidade cheia de pessoas sozinhas e que precisam também desse pertencimento, não importando a idade”.

As falas anteriores confirmam a problemática que vem se vivenciando há décadas e décadas, antes que se falasse de uma sociedade despersonalizada e se afirmara que a sociedade passava por um momento no qual, as pessoas estavam ficando cada vez mais isoladas, longe umas das outras e, portanto, longe de uma verdadeira comunhão. Isto era uma ameaça forte para a comunidade, que veio se aprofundar, pois, a mesma dinâmica eclesial estava tomando rumo ao individualismo. Isto se mencionava nesse momento:

As pessoas vivem de forma independente, enchem suas vidas com programas e atividades; gasta várias horas do dia assistindo televisão, trabalha, faz cursos. Faz coisas, porém, vivem sós [...], se sentem sós [...]; expressando o conflito de quem vive numa grande cidade, mas não tem com quem dialogar. [...] a sociedade despersonalizada chega à casa através da televisão, que promove entretenimento, esportes, política, educação e também oferece reuniões que podem ser assistidas comodamente desde a cama. As pessoas não precisam usar roupa “de vestir” para o culto; pode assistir de pijama...⁷⁸²

Agora, esta situação é uma realidade muito mais visível a cada dia. Hoje, 32 anos depois daquela afirmação, e, em especial, nestes tempos, com as medidas de isolamento social adotadas por causa da pandemia do Coronavírus, que já completa mais de ano e meio, se faz evidente o quanto esta situação, tem-se tornado mais caótica. Isto tem afetado em cheio todas as esferas da sociedade, dando como resultado, o fato de que, com o passar do tempo a comunidade eclesial, por exemplo, em vez de ser um lugar de saúde integral, tenha-se convertido, por vezes, num espaço doentio, promovendo ou reforçando as mesmas práticas da sociedade doente, isolada

⁷⁸² GANDINI, Alberto Daniel. **La Iglesia como comunidad sanadora**. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1989, p. 13-14. “*La gente vive independientemente llenando su vida con programas y actividades; gasta varias horas del día mirando televisión, trabaja, toma cursos. Hace cosas, pero vive sola; [...], se sienten sola, [...]; expresando el conflicto del hombre que vive en una gran ciudad, pero no tiene con quien dialogar. [...] la sociedad despersonalizada llega a las casas a través de la televisión, quien promueve entretenimientos, deportes, política, educación y también ofrece reuniones que pueden mirarse cómodamente desde la cama. Uno no necesita ponerse ropa para ir al culto, puede estar en pijama...*”

e personalizada. Não é correto dizer que tudo é culpa do Coronavírus, mas sim, é um fato que a pandemia tem acentuado muitas destas situações.

Comunidade que perdem sua essência (se referindo ao sentido bíblico de comunidade), se convertem em espaços doentios. Daí a necessidade urgente de resgatar algumas das qualidades que contribuam para o reconhecimento da comunidade como espaço de igualdade de inclusão, de apoio, de saúde integral e terapêutico; onde haja oportunidade para sarar as feridas e a dor, através da solidariedade, o amor, e sororidade, entre outras; comunidades onde se promova o interesse e a preocupação pela saúde e o bem-estar integral das pessoas que nela participam.

Deste modo, e, sem pretender que o espaço comunitário seja perfeito, o que se deseja mostrar é que, como parte do entorno do ser humano, as comunidades eclesiais são muito importantes e devem trabalhar no fortalecimento de “qualidades” ou “espaços” que permitam que o trabalho de acompanhamento consiga alcançar os objetivos propostos, e assim, contribuir para o bem-estar e a saúde integral deste grupo em particular e, por conseguinte, da comunidade em geral. Neste sentido há várias propostas que podem ser analisadas de entre as quais destacamos a de Sergio Castellanos Ulloa⁷⁸³, a de Alberto Daniel Gandini⁷⁸⁴, citada anteriormente, a de Letty M, Russell⁷⁸⁵, Schüssler-Fiorenza⁷⁸⁶, a de Alice Dermience⁷⁸⁷ e a de Anete Roese⁷⁸⁸, entre outras, nas quais se encontram vários dos elementos fundamentais que as comunidades podem aportar para o processo de acompanhamento e que passam a serem abordados de forma resumida a seguir.

⁷⁸³ ULLOA, Castellanos Sergio. A igreja como comunidade de saúde integral, p. 101-118. In: SANTOS, Hugo N.; HOCH, Lothar Carlos. **Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral**: contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008, p. 108.

⁷⁸⁴ GANDINI, 1989.

⁷⁸⁵ RUSSELL, Letty M. **La Iglesia como comunidad inclusiva**: una interpretación feminista de la Iglesia. Buenos Aires: ISEDET, San José: Universidad Bíblica Latinoamericana, 2004.

⁷⁸⁶ SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995; SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. Rumo ao discipulado de iguais: a Ekklesia de mulheres. **Estudos Teológicos**, Vol./No. 36/3, 1996, p. 281-296.

⁷⁸⁷ DERMIENCE, Alice. Mulheres e Ministérios na Igreja Primitiva. **Revista Grande Sinal**, Ano L. Novembro-Dezembro. Instituto Teológico Franciscano; Petrópolis. 1996.

⁷⁸⁸ ROESE, 2004, p 237.

5.4.1 A comunidade eclesial como Comunidade de Saúde Integral, Sanadora e “Terapêutica”

A comunidade eclesial é o espaço onde as pessoas podem ter a possibilidade de se integrar e crescer, fracassar e começar de novo; rir ou chorar; amar e perdoar. Nela, as pessoas, assim como numa outra comunidade qualquer, têm problemas, ficam doentes, mas também, saram. A diferença desta comunidade com qualquer outra, é que nela a força e o amor do ressuscitado é o combustível que faz girar a engrenagem do “motor”; sendo uma das suas principais funções, conforme Gandini, cumprir uma função “terapêutica”, onde as pessoas podem encontrar possibilidades e recursos para sarar.⁷⁸⁹ Com respeito a possibilidade de que os espaços eclesiais possam oferecer elementos para o fortalecimento das relações, com características terapêuticas, Roese afirma que:

É lá onde elas querem reencontrar sua autoestima, fortalecer sua fé, reencontrar a imagem de Deus que, de certa maneira, as provoque e as apoie, querem encontrar-se com novas capacidades pessoais, querem redimensionar relações. Elas, de certa maneira, acreditam que o seu mundo religioso poderá lhes oferecer este tipo de ajuda; lá têm outras pessoas com as quais elas têm afinidade.⁷⁹⁰

Antes da pandemia, em muitas comunidades eclesiais, a organização e as atividades pareciam estar muito bem orientadas; se atendiam diversas necessidades da comunidade através do trabalho realizado pela equipe da diaconia, (visitas as pessoas doentes, ajudas de tipo social no bairro, etc.); se ofereciam várias opções de participação pela equipe da pastoral (cultos de crianças, adolescentes, jovens e adultos) e também, diversas atividades para grupos (grupo de mulheres, cursos de cozinha, costura ou música), entre outras. Algumas destas atividades vinham sendo parte fundamental do cuidado para com a comunidade e, se realizavam como forma de ajudar as pessoas a superar dificuldades. Porém, muitas destas atividades terminaram convertendo-se mais numa carga do que num prazer para o pastor, a pastora ou a liderança em geral, e, posteriormente, isto se fez mais evidente, com o agravamento das condições impostas pela pandemia.⁷⁹¹

⁷⁸⁹ GANDINI, 1989, p. 34-50; PAULA, 2013, p. 171-190.

⁷⁹⁰ ROESE, 2004, p. 237.

⁷⁹¹ GANDINI, 1989, p. 18.

Alguns dos resultados destas diversas situações, foram o afastamento, a exclusão, o rompimento de relações humanas e sociais; “desintegração” da comunidade, da família e até certo ponto, da sociedade como um todo. Esta situação afetou diretamente as dinâmicas eclesiais, desfigurando a percepção de Deus e comprometendo a missão da igreja como comunidade geradora de saúde.

Frente a esta situação, o desafio é que a comunidade se entenda, a si mesma, não como uma utopia ou um ideal pessoal, mas sim, como um grupo de pessoas que, em plena confiança, compartilha a vida, as experiências, os dons e os projetos, através da ação do Espírito de Deus e sua ação restauradora em Jesus Cristo; que permite que cada pessoa tenha a possibilidade de amadurecer e desenvolver as potencialidades por meio dos relacionamentos com as outras pessoas.⁷⁹² Esta realidade só é possível pela ação do Espírito Santo, que atua como integrador do crescimento, do companheirismo e da edificação da comunidade.⁷⁹³

Se uma comunidade não apresenta as possibilidades de crescimento e desenvolvimento das capacidades e ministérios das pessoas participantes nela, assim como as comunidades que vivem em constante luta pelo poder, podem ser consideradas como “comunidades adoecidas”.⁷⁹⁴ O caráter saudável e terapêutico da comunidade vai além dos programas e atividades propostas nela; este está diretamente relacionado com a promoção da empatia nos momentos de debilidade, limitações, crises e angústias; a solidão ou fome; conflitos ou dor.⁷⁹⁵

Cada comunidade terá de ser criativa neste sentido. Isto faz parte do desafio. Ulloa propõe que: para que a comunidade eclesial cumpra com sua função terapêutica, de saúde integral, deve exercitar a “vivência do corpo”; noutras palavras, deve permitir-se encarnar a Jesus e expressá-lo a través do corpo, no seu encontro com o outro, com a outra; como ser humano, como ser em relação, dotado de olhos, mãos, pés, boca e ouvidos. Porém, tem a responsabilidade de usá-los, mais do que somente para ver, tocar, andar, falar e ouvir.⁷⁹⁶ Mas, como fazer isto e, em especial, em tempos de isolamento?

⁷⁹² GANDINI, 1989, p. 34-40; POLI, Gian Franco. **Liderança e bem-estar interpessoal nas comunidades religiosas**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 54.

⁷⁹³ GANDINI, 1989, p. 49.

⁷⁹⁴ GANDINI, 1989, p. 85.

⁷⁹⁵ GANDINI, 1989, p. 92-93.

⁷⁹⁶ ULLOA, 2008, p. 108.

Sua proposta inclui que: em primeiro lugar, através da **práxis das mãos**, como uma dimensão econômica, que seja capaz de expressar o amor, como sinal da ação humana demonstrada por Jesus ao curar ou repartir pão ao faminto, convertendo-se assim em pão que ao ser compartilhado, produz vida.⁷⁹⁷ Na apreciação do autor: nesta prática, todas as pessoas estão chamadas a sentar-se à mesa, para rir, juntos dialogar juntos. Dito de outra forma, esta práxis remete a comunhão da mesa,⁷⁹⁸ espaço onde o compartilhar do pão e da vida se fazia presente. Como bem menciona Gaede, mesas que possam ser consideradas como: “*um espaço-embrião para a desconstrução das barreiras sociais, econômicas, políticas, culturais [...] com vistas à reconciliação universal*”.⁷⁹⁹ Similarmente, sobre a importância da comunidade como espaço terapêutico, de partilha e convivência solidária, Paula alega, entre outras coisas, que:

Neste espaço, pessoas podem ser transformadas por meio de relações saudáveis. A partir dessa convivência, supomos que seus conflitos interiores e exteriores podem ser devidamente cuidados [...] Portanto a função primordial da comunidade cristã é promover meios apropriados para aliviar ou sarar efetivamente pessoas que se encontrem fragilizadas em seus relacionamentos interpessoais.⁸⁰⁰

Isto então, nos remete também ao papel que tem a diaconia no processo de acompanhamento, na medida em que contribui para a desconstrução das barreiras, mas também, para o bem-estar e a construção de comunidades com relacionamentos interpessoais saudáveis, onde a prática do perdão ocupa um lugar de destaque como “ato sublime”, cuja prática não tem limite; como sugerido em Mateus 18:21-22.⁸⁰¹

⁷⁹⁷ ULLOA, 2008, p.108-111.

⁷⁹⁸ Se faz imperativo aqui, mencionar parte do trabalho realizado pelo Dr. Rodolfo Gaede Neto, com relação as comunhões de mesa, onde pode ser encontrada ampla e diversa informação sobre esta temática, rica em detalhes sobre os aspectos da comunhão que promovem relações saudáveis em meio as comunidades, a qual seria impossível contemplar em sua totalidade neste trabalho, mas se deixa referida a seguir. GAEDE NETO, Rodolfo. **Diaconia no contexto afro-brasileiro**: um estudo baseado nas comunhões de mesa de Jesus. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2014; GAEDE NETO, Rodolfo. A diaconia e o desafio da contextualização: alimentando a esperança por uma mesa farta de pão e de comunhão. **Identidade**, São Leopoldo, v. 16, n. 2, p. 259-268, 2011; GAEDE NETO, Rodolfo. Banquetes de vida: a diaconia nas comunhões de mesa de Jesus. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 306-318, jul. 2010. Disponível em: http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/104/96; GAEDE NETO, Rodolfo. As comunhões de mesa de Jesus e a Ceia do Senhor. Tear: liturgia em revista, São Leopoldo, n.16, p. 3-8, maio 2005; GAEDE NETO, Rodolfo. **Diaconia em contexto de diversidade religiosa e cultural**: um estudo a partir de comunidades Afro-brasileiras e das comunhões de mesa de Jesus. São Leopoldo, p. 2002.

⁷⁹⁹ GAEDE, 2010, p. 306.

⁸⁰⁰ PAULA, 2013, p. 185.

⁸⁰¹ PAULA, 2013, p. 189.

Em segundo lugar, através da **práxis dos olhos**, o convite é para que se possa não só ver, mas, olhar com atenção para as necessidades reais, iniciando pela transformação das questões ideológicas e de fé; que permitam ver desde a ótica de Jesus, cuja perspectiva abandeirava a liberdade, a misericórdia, o amor, a compaixão; a justiça, a dignidade e a solidariedade, entre outros valores.⁸⁰² Em terceiro lugar e por meio da **práxis da boca**, o autor apresenta a justiça, como dimensão ético-social, cujo objetivo primordial é o de comunicar, transmitir e expressar a justiça de Deus, através do falar profético. Justiça que restitui dando ao que precisa conforme a sua necessidade de pão; que devolve à vista e a liberdade, que ampara e protege, que guarda e ama.⁸⁰³ A quarta proposta, a **práxis dos ouvidos**, se refere à dimensão psicológica, e apresenta a sabedoria como importante no ato de escutar. Escutar significa compreender e discernir; desenvolver a capacidade de compreender. A comunidade tem a responsabilidade de cerrar os ouvidos ou abri-los para que por meio da fé, chegue a instrução, a cura e a salvação. Ouvir dá abertura à sabedoria.⁸⁰⁴ Como quinto e último elemento, é exposta a **práxis do coração**, apresentada aqui como a base e fundamento da vida espiritual e emotiva. Esta práxis promove a integração de todas as áreas da vida da pessoa (Sentimentos, decisões, memória e pensamento). A proposta concreta é ver a Deus no rosto do outro e da outra: “A Igreja é comunidade de irmãos que abrem seu coração em transparência e clareza para relacionar-se em transparência e clareza, para relacionar-se em profundidade”.⁸⁰⁵

5.4.2 A comunidade eclesial como Comunidade Inclusiva, de Iguais

Em relação com o tema da inclusão, a reflexão neste trabalho se desenvolve tomando como ponto de partida o trabalho da Russell, citado anteriormente, por abordar de forma central o tema da inclusão na comunidade, especialmente, desde a perspectiva feminista, assunto importante deste tópico. Na apresentação deste livro se encontra plasmada a descrição do anseio de muitas mulheres apresentada desde o ponto de vista da Judith VanOsdol, quem, além de introduzir a temática do livro,

⁸⁰² ULLOA, 2008, p. 115.

⁸⁰³ ULLOA, 2008, p. 115-116.

⁸⁰⁴ ULLOA, 2008, p. 116-117.

⁸⁰⁵ ULLOA, 2008, p. 117-118.

descreve o que se espera de uma comunidade inclusiva. Esta também resume a proposta que a escritora Russell apresenta na sua reflexão, quando expressa que:

O sonho de construir uma Igreja Inclusiva, onde caibamos mulheres e homens em equidade, passa por uma prática alternativa em torno a valores, princípios e relações menos patriarcais. Esta prática inclui a cada crente, tanto homens como mulheres, buscando e criando espaços mais inclusivos dentro e entre nossas comunidades.⁸⁰⁶ (Tradução nossa).

Uma das hipóteses do livro aponta que, a defesa feminista da plena humanidade das mulheres junto com os homens, propicia a reconstrução, a análise e as novas interpretações das tradições cristãs. A comunidade que Russell apresenta e, a qual denomina como comunidade de Cristo, desde a perspectiva feminista deve ser entendida como aquela onde toda pessoa é bem-vinda, porque é a hospitalidade a que lhes convoca; onde a presença de Cristo, através do Espírito Santo, constitui as pessoas como comunidade reunida em nome dEle. (Mateus 18:20; 1 Coríntios 12:4-6).⁸⁰⁷

A proposta da Russell propõe vários aspectos que devem estar presentes numa comunidade que se proponha ser inclusiva e entre eles podem ser encontrados a importância do reconhecimento da participação de uma “mesa redonda”. Esta metáfora da “mesa redonda” propõe uma metodologia feminista de interpretação da Igreja, onde a ação e reflexão (práxis) é um processo desenvolvido em forma de “espiral”, que inclui aquelas pessoas que se encontram marginadas e excluídas pela sociedade e também pela igreja. Um segundo aspecto tem a ver com a liderança, que é desenvolvida, também, “ao redor da mesa”; este aspecto, propõe investigar e refletir a igreja de acordo com o paradigma feminista de autoridade na comunidade, que examina os conceitos atuais de ordenação hierárquica e os recria, apoiando-se em modelos que considerem a relação entre liderança, autoridade e dons do Espírito dentro das comunidades. Ela afirma que:

Desde a perspectiva feminista, nunca há líderes de mais, pois o poder não é entendido como um jogo no que alguém ganha baseado na derrota de outros e outras ou que requer competir e acumular para ganhar. Ao contrário, os dons de poder e liderança se multiplicam, quando são compartilhados e mais

⁸⁰⁶ VANOLDOL. Judith. Carta de apresentação. In: RUSSELL, 2004, p. s/n. “*El sueño de construir una Iglesia Inclusiva, donde quepamos mujeres y varones en equidad, pasa por la práctica alternativa en torno a valores, principios y relaciones menos patriarcales. Esta práctica incluye a cada creyente, tanto varones como mujeres, buscando y creando espacios más inclusivos dentro y entre nuestras comunidades.*”

⁸⁰⁷ RUSSELL, 2004, p. 18.

peças se convertem em companheiras nas comunidades de fé e luta. Para as feministas, o tema não é se tem ou não que haver líderes, numa igreja ao redor da mesa, mas, como ser uma líder feminista num mundo patriarcal. Como criar novos estilos de liderança feminista, que sejam verdadeiros ministérios ou serviços, sem as estruturas hierárquicas de ordenação que se praticam na atualidade.⁸⁰⁸ (Tradução nossa)

Sendo assim, para este modelo são muito importantes aspectos como a mutualidade, a amizade, o matriarcado, a questão comunitária e os relacionamentos, entre outros; nos quais podem ser encontradas formas alternativas de organização das realidades atuais, que sejam menos nocivas para a natureza, os seres humanos e a criação em geral.⁸⁰⁹

Ivone Richter Reimer⁸¹⁰ aporta ao entendimento do conceito de mutualidade desde uma perspectiva feminista, apresentando o conceito em íntima relação com o de reciprocidade, e definindo-o como “uma relação de respeito paritário, de apoio e de equidade, sem distinção na valoração e no apreço às diferenças.”⁸¹¹ E, tomando como referência o texto de Romanos 16: 9-21 e 1ª Coríntios 16:10, esclarece que nestes textos o que o apóstolo Paulo quer enfatizar é “um trabalho feito em parceria em condições de igualdade, lado a lado de igual para igual [...], que mesmo havendo conflitos e disputas, o diálogo, a reconciliação e a construção de projetos de vida comunitários em conjunto também estavam presentes”⁸¹².

Um terceiro aspecto gira ao redor do tema da solidariedade⁸¹³ expressada em ações de fé e luta, como realidades cotidianas com as pessoas oprimidas, através das quais, possam ser discernidas chaves relacionadas com eclesiologias feministas e da libertação. Neste sentido, Russell propõe entender as comunidades de fé e luta, como espaços que oportunizam a percepção e fortalecimento dos diversos jeitos nos que as ações de luta por justiça e nova vida se fazem presentes ao redor da mesa na

⁸⁰⁸ RUSSELL, 2004, p. 96. “Desde la perspectiva feminista, nunca hay demasiados ni demasiadas líderes, pues el poder no se entiende como un juego en el que alguien gana a costa de la derrota de otros u otras, y que requiere competir y acumular para ganar. Por el contrario, los dones de poder y liderazgo se multiplican, em tanto sean compartidos y más personas se convierten en compañeras en las comunidades de fé e lucha. Para las feministas, el tema no es si tiene que haber, o no, líderes en una iglesia alrededor de la mesa, sino, como ser una líder feminista en un mundo patriarcal. Como crear nuevos estilos de liderazgo feminista, que sean verdaderos ministerios o servicios, sin las estructuras jerárquicas de ordenación que se practican en la actualidad.”

⁸⁰⁹ Mais detalhes a este respeito em Russell, 2004, p. 104-130.

⁸¹⁰ RICHTER, Reimer Ivoni. Mulheres no cristianismo: fragmentos de história em textos e imagens. In: RICHTER, Reimer Ivoni e REIMER, Haroldo. **Leituras: interpretação de textos bíblicos**. São Leopoldo: Oikos, 2013, p.59 – 80.

⁸¹¹ RICHTER, 2013, p. 72.

⁸¹² RICHTER, 2013, p. 72.

⁸¹³ Este aspecto será abordado de forma mais detalhada no próximo segmento.

cotidianidade⁸¹⁴; e a eclesiologia feminista como: Uma igreja ao redor da mesa na qual as pessoas se reúnem ao redor da mesa da cozinha, e de muitas outras mesas, para partilhar o pão e compartilhar a justiça e a paz de Deus sem exclusões.⁸¹⁵ Esta ênfase na mesa da cozinha se refere ao trabalho cotidiano das mulheres que cuidam das suas famílias e seus lares, partilhando o pão nos espaços privados, mas também, na assembleia, onde a comunidade eclesial se reúne.⁸¹⁶

Um quarto aspecto que a Russell enfatiza é o da hospitalidade. Com esta metáfora, o objetivo é motivar a reflexão sobre as mudanças que devem acontecer para que cada pessoa consiga se sentir bem-vinda ao banquete na comunidade e ao banquete final.⁸¹⁷ Tendo como base a doutrina da eleição e do povo eleito por Deus, mas, visto desde a ótica das pessoas marginalizadas e excluídas, ela tenta esclarecer a forma em que esta doutrina tem reforçado vários tipos de violências como por exemplo, o racismo⁸¹⁸, porém, procurando formas alternativas da expressão da hospitalidade de Deus.⁸¹⁹ A alternativa que Russell aponta neste caso propõe que:

Uma forma de começar a ser uma comunidade de fé antirracista, e solidária] é tomar consciência das contradições entre a forma em que as pessoas brancas olhamos a realidade e a forma em que as pessoas afrodescendentes experimentam a realidade social, econômica e eclesial.⁸²⁰

Isto supõe um esforço significativo desde as lideranças hegemônicas que têm ostentado o poder durante muito tempo assim como também da disposição da mesma comunidade. Desta forma a hospitalidade se converte numa forma de interação com o resto das peças que fazem parte da criação de Deus, como iguais.

Neste sentido se faz importante mencionar, ainda que de forma resumida, as propostas da Schüssler Fiorenza e Dermience, as quais, nos anos 90s, reconstróem e mostram, a importância das mulheres dentro das comunidades primitivas, como

⁸¹⁴ RUSSELL, 2004, p. 138.

⁸¹⁵ RUSSELL, 2004, p. 171.

⁸¹⁶ RUSSELL, 2004, p. 133.

⁸¹⁷ RUSSELL, 2004, p. 19.

⁸¹⁸ Para refletir sobre este ponto. A autora toma como exemplo a experiência compartilhada por Gladys Moore, no seu momento a primeira ministra negra de a Iglesia Luterana Bethania em Nova Jersey, USA; entre 1984-1990. Este é só um dos muitos exemplos sobre os diversos tipos de violências que se podem apresentar ao interior de uma comunidade. Outros podem ser, a exclusão, a homofobia ou problemas de classe e violência de gênero.

⁸¹⁹ RUSSELL, 2004, p. 19.

⁸²⁰ RUSSELL, 2004, p. 288 *“Una manera de comenzar a ser una comunidad de fé antirracista, [y solidaria] es tomar consciencia de las contradicciones entre la forma en que las personas blancas miramos la realidad y la forma en que las personas afrodescendientes experimentan la realidad social, económica e eclesial.”*

exemplo das comunidades que se reuniam ao redor de Jesus; porém, como esta dinâmica foi destruída na medida em que o patriarcado e seus modelos dominadores as foram sufocando.⁸²¹

Num texto posterior, a mesma autora reflete sobre as características das opressões vivenciadas pelas mulheres nos ambientes eclesiais e sociais (exploração, marginalização, carência de poder, imperialismo cultural, violência sistemática, silenciamento, difamação e trivialização) que devem ser percebidas, analisadas, refletidas e contra as quais as comunidades devem lutar a caminho de serem comunidades onde todas as pessoas que participam possam ser consideradas como iguais.⁸²² Neste último texto ela introduz o neologismo “*ekklesia de mulheres*” com a intenção de “estabelecer novas conexões entre as lutas das mulheres na religião bíblica com os movimentos religiosos e políticos em prol de liberdade e igualdade”⁸²³ pois, desde seu ponto de vista, “[...] a noção de *ekklesia de mulheres* só pode reunir poder político quando se problematiza a interpretação em termos de gênero da relação entre a esfera público-política e a privado-religiosa.”⁸²⁴

Estas questões chamam especialmente a atenção por serem aportes que a Teologia Feminista tem trazido tanto para as reflexões, quanto, para as práticas, especialmente dentro das comunidades. Estas fazem pensar, pesquisar e refletir, além das questões particulares ou internas das comunidades, questões do meio sóciopolítico, externo, que também afetam diretamente as dinâmicas internas das comunidades.

Finalmente, ela lança um desafio frente o fato ser coerentes em relação as ações e os discursos, expressando que outro dos motivos da incursão destas terminologias foi:

Interromper a alternativa então prevalecente — ou se aceita e defende totalmente a igreja e a religião como libertadoras ou se as deixa para trás

⁸²¹ SCHÜSSLER FIORENZA, 1995, em especial p. 20-31 e 315- 331; e, também, DERMIENCE. 1996. entre outros. Este e outros vários aspectos sobre as propostas da Fiorenza e da Dermience, que abordam a reflexão sobre a participação ativa e igualitária das mulheres no ministério e na Igreja, podem ser encontrados na revisão dos textos propostos anteriormente, como elementos importantes para a reflexão de propostas que apontem a igualdade e ao reconhecimento das mulheres no desempenho de funções ministeriais.

⁸²² SCHÜSSLER FIORENZA, 1996, p. 281-296.

⁸²³ SCHÜSSLER FIORENZA, 1996, p. 293.

⁸²⁴ SCHÜSSLER FIORENZA, 1996, p. 293.

como totalmente patriarcais —, uma alternativa que tem dominado os discursos e movimentos religiosos feministas desde o século passado.⁸²⁵

Pode então ser percebido aqui que, a questão da reflexão sobre a inclusão e a igualdade vão além de serem temas ou questões superficiais ou triviais, ao contrário, são problemáticas que têm raízes profundas que continuam afetando as comunidades, portanto, devem ser refletidas constantemente a favor do bem-estar das comunidades.

5.4.3 A comunidade eclesial como Comunidade de Apoio - Solidaria

Apoio e solidariedade são outras das funções que deve cumprir a comunidade de fé, posto que nela, as pessoas têm a possibilidade de experimentar a vivência destes dois elementos importantes não só como experiência de fé⁸²⁶, mas também, para o desenvolvimento psíquico do indivíduo.⁸²⁷

É utópico pensar na comunidade como um espaço ideal, carente de problemas, conflitos, tensões, rivalidades ou intrigas; ao contrário, este é um espaço que por vezes se caracteriza por zelar pelas “diferenças”, com aqueles que não compartilham suas formas de interpretar a fé e as escrituras, argumentando a necessidade de lutar pelo “bem” e até, em muitos casos, usando da violência para justificar suas ações.⁸²⁸ Noutros casos, simplesmente não se ocupam das pessoas que participam delas, como observado por Hoch.

Há muitas pessoas solitárias que não tem com quem compartilhar suas alegrias e preocupações. Muitas delas sentem falta de calor humano. Os nossos cultos nem sempre satisfazem a necessidade de comunhão. Aqui dificilmente há espaço para que elas falem de sua situação. Há pessoas que buscam comunhão na igreja mas saem dos cultos sem que ninguém tenha falado com elas. No culto a gente é uma pessoa entre muitas outras.⁸²⁹

No entanto, Udo Rauchfleisch sustenta que também existem grupos onde as expressões de solidariedade são especialmente intensas, proporcionando às pessoas que participam dela e, a aquelas que pensam e sentem de jeito diferente, a

⁸²⁵ SCHÜSSLER-FIORENZA, 1996, p. 293.

⁸²⁶ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 50.

⁸²⁷ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 51.

⁸²⁸ HOCH, Comunidade Solidária. **EST-Instituto de capacitação teológica especial**. Serie, Visitação N. 4. 1991, p. 8.

⁸²⁹ HOCH, 1991, p. 8.

possibilidade da expressão do amor sincero, baseado precisamente nas suas diferenças.⁸³⁰

Hoch propõe que outra das possibilidades através das quais a comunidade pode se mostrar solidaria é a visitação. Desde sua perspectiva

Numa visita, a pessoa visitada torna-se alguém especial. [...] se sente valorizada. [...] tem a oportunidade de falar de sua situação particular e até mesmo de se queixar daquilo que não lhe agrada na igreja. Falando com o povo da igreja, percebe-se que do que mais se lembram são das visitas recebidas em momentos difíceis de sua vida.⁸³¹

Esta opção encontra sua base na concepção da comunidade eclesial como “um corpo” onde todas as pessoas deveriam se conhecer e compartilhar suas necessidades e dores e, quando uma sente dor, ou chora, todo o corpo (a comunidade) chora e se doe igualmente com ela (1 Coríntios 12:26).⁸³²

Não obstante, esta opção se converte num grande desafio, devido a que, por um lado, se devem contemplar as grandes brechas sociais existentes entre ricos e pobres, que participam de uma mesma comunidade; por outro lado, de deve considerar a impossibilidade que muitas comunidades têm de atender a grande quantidade de seus membros e, além disto, não poderiam ser esquecidas as complicações decorrentes das sequelas do isolamento da pandemia do Covid-19, que veio a recrudescer todas estas situações obrigando a sociedade a ter que se “enclaustrar” como medida de saúde pública. Mesmo assim, cabe insistir nesta possibilidade, ainda que seja, inicialmente, para os grupos nos quais se percebam ou apresentem maiores afetações.

Neste aspecto, a proposta de Russell está orientada para o exercício da justiça como forma de promover a solidariedade entre os e as que participam da mesa da cozinha. Esta ação aponta para que a justiça, seja vista não só como o fato de dar a cada pessoa o que corresponde, porém, e entre outros aspectos, como um ato de reciprocidade e restabelecimento dos relacionamentos corretos, entre as pessoas, o qual tem também uma implicação espiritual.⁸³³ Contudo Russell adverte que:

As orações, a liturgia, o estudo bíblico e a preocupação pelo próximo, ao igual que as manifestações, as campanhas políticas e outras ações similares

⁸³⁰ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 51.

⁸³¹ HOCH, 1991, p. 8.

⁸³² HOCH, 1991, p. 8.

⁸³³ RUSSELL, 2004, 212.

podem formar parte do trabalho pela justiça, ou bem, podem representar um apoio ao *status quo*. O ponto não é de que forma trabalhamos para a justiça, mas sim, se a tarefa que realizamos aponta para a transformação da sociedade para que a justiça de Deus seja feita na terra.⁸³⁴

Dito isto, entendesse que o apoio e a solidariedade promovida nas comunidades, apresenta várias dimensões, contudo, elas todas apontam, para a conformação de espaços de apoio e acolhida em tempos de dificuldades, onde a comunidade, como um só corpo, trabalha unido para o logro de objetivos conjuntos que beneficiam a todas as pessoas que participa nela.

5.5 RESGATANDO O SENTIDO DO ACOMPANHAMENTO

Tendo refletido no capítulo anterior sobre as formas tradicionais nas quais o acompanhamento tem sido abordado e entendido, foi percebido que nestas opções ainda parece existir uma certa dificuldade, que não permite que o processo possa ser desenvolvido com eficácia, pois, de certa forma, parece que as comunidades não cumprem com os requisitos necessários para responder as necessidades dos tempos atuais, e muito menos, às necessidades particulares das mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios e/ou cargos de liderança.⁸³⁵ Esta situação levou a seguir explorando algumas outras formas alternativas que possam servir de base para continuar aprofundando o estudo e a discussão sobre esta temática.

A seguir se apresentam algumas falas e posicionamentos das participantes da pesquisa onde podem ser percebidas estas realidades em relação com a necessidade de espaços de escuta. Estes servem de base para a apresentação de alguns elementos concretos que possam auxiliar no labor de acompanhamento. Por exemplo, Líria pensa que é preciso um lugar “muito legal” para se encontrarem e se sentirem pertencidas; Girassol fala de ter grupos de mulheres, bem seja dentro ou fora da igreja, que abordem temas que a igreja não aborda ou com novas expectativas frente a Bíblia. Para Amor Perfeito são importantes os momentos de descontração aonde cada uma possa se sentir à vontade para compartilhar das suas dores. Já Zínia menciona precisamente a falta de momentos para se encontrar e quiçá, propõe, fossem interessantes atividades como encontros, onde as mulheres pudessem ser

⁸³⁴ RUSSELL, 2004, p. 229-230.

⁸³⁵ Esta situação é mencionada no capítulo anterior por várias das entrevistadas entre as quais pode-se mencionar a Dália e especialmente a Mimosa.

ouvidas e onde sejam abordados temas que tenham a ver com suas vidas, com o que elas sentem ou passam. Momentos onde poder se sentir acolhidas.

Glicínia, por sua parte, pensa o quanto seria importante, legal e produtivo se a pessoa, ministra ou ministro, pudesse receber um suporte dentro da sua área de trabalho. Que seria muito bom, ter outra pessoa que dê atenção especialmente voltada para quem está só, alguém que faça um acompanhamento específico para estas pessoas. Tulipa então, acha que é importante continuar trabalhando, amadurecendo e encorajando as mulheres, para que falem dos seus sentimentos, relacionamentos e mágoas, e assim, elas consigam se libertar de muitas situações de opressão. Finalmente, Jazmín considera de muita importância, por exemplo, que se aborde, o tema da sexualidade de forma natural, não só por ser uma necessidade de diálogo ao interior das comunidades eclesiais, mas, por considerá-lo como uma grande responsabilidade social.

Nesse intuito, foi encontrado que existem algumas propostas que já vem sendo abordadas de forma tímida e outras, que se acredita, as comunidades devem pensar, retomar e reorientar para o trabalho com este grupo específico, pois, considera-se que estas diversas alternativas devem ser, no mínimo, pensadas e elaboradas levando em consideração, o fato de que constituem o resultado das reflexões sobre as experiências das pessoas diretamente implicadas, que apontam algumas falhas mais de tipo estrutural e outras de tipo mais metodológico/pedagógico.

Alguns dos detalhes a considerar é o fato de que estas falas representam as vivências e experiências, precisamente, das mulheres com as que se pensa trabalhar, as quais devem constituir o centro e fundamento epistemológico do trabalho a realizar. Um segundo elemento, o constitui o entendimento de que o exercício “tradicional” de aconselhamento, parece não ter sido o “adequado” para atender estas necessidades. Um terceiro elemento tem a ver com a realidade das comunidades, que carecem de preparo para este atendimento. Um quarto elemento apontado nestas sugestões tem a ver com o “lugar” da escuta, como momento, espaço, ferramenta ou elemento fundamental no processo de acompanhamento, que deve ser procurado, construído, respeitado, alimentado e fortalecido e, um quinto elemento o constitui a necessidade de mudanças diretamente relacionadas com o processo e com as características que devem perseguir as comunidades como espaços de fé e partilha.

Sendo assim, as sugestões que serão apresentadas mais adiante, também consideram três aspectos marcantes percebidos durante a pesquisa, sendo o primeiro, a questão da “presença” no processo de acompanhamento, mesmo que, por vezes este não seja literalmente “físico”; o segundo, o fato de que as pessoas que requerem ou procuram acompanhamento, não necessariamente apresentam características de insanidade, doença ou estão à beira da morte, como percebido no caso do processo em relação à psicologia ou ao do acompanhamento na área da saúde e, o terceiro, o fundamental do respeito pela outra pessoa, na sua autonomia e na tomada de suas próprias decisões, o qual parecia estar comprometido, de certa forma, no caso do aconselhamento. Isto também, desde o ponto de vista das participantes da pesquisa. A seguir, dois exemplos.

Mimosa. Não, aconselhamento não. É um estar junto. As pessoas deveriam aprender a escutar. Então, eu sinto falta de ter alguém para me escutar, não para me aconselhar, **não para dizer o que eu tenho que fazer.**

Zínia. Me sinto fortalecida porque eu posso desabafar, mesmo que a outra pessoa não fale nada (risos), mas é bom eu saber que ela está me ouvindo, está respeitando o que eu estou falando; que ela quer me ouvir, que ela quer estar comigo naquele momento, isso já é terapêutico, é uma cura.

Dito isto, são apresentadas, a seguir, três propostas que podem servir de ponto de partida para a reflexão e ação dentro das comunidades e que, de certo modo, contemplam as experiências e os sentires expressados pelas entrevistadas.

5.5.1 Acompanhamento nos caminhos do “Emaús” do Século XXI

Neste momento, de forma geral, a pandemia, gerada pelo contágio do Covid-19, recluso o mundo em suas casas, os afastou da família, amigas e amigos, do trabalho, da comunidade eclesial, do convívio da escola, da faculdade e até de pessoas mais próximas, provocando ou intensificando múltiplas situações de crises e gerando novos desafios pessoais, familiares, sociais e comunitários. Nestes tempos de dificuldade, como tantos outros, porém, diferentes, ações de solidariedade e sororidade tem se apresentado com muita força e urgência; no entanto, nem as pessoas, nem a sociedade, nem a comunidade estava preparada para um desafio de tamanha magnitude, não sabendo, por vezes, como reagir.

Os casos de violências exercidas contra as mulheres, têm se recrudescido neste período, onde crianças, adolescentes, jovens, mulheres adultas e mulheres

idosas representam uma grande porcentagem da população afetada com diversos tipos de violências (psicológica, verbal, física, sexual, econômica, etc.) e até um aumento alarmante de mortes, tem-se feito evidente. Todo isto leva a supor que são muitas mais as pessoas que estão vivendo situações que requerem de acompanhamento, além das que se consegue ver ou escutar “diretamente”. A pergunta é, como fazê-lo, como atendê-las, se muitas delas estão confinadas junto com seus agressores e abusadores? Bom, de fato, esta não é uma pergunta fácil de responder, mesmo assim, agora, mais do que nunca, não podemos esquecer o chamado e a responsabilidade de criar estratégias para atender estas diversas situações.

Neste panorama escuro, poderia se dizer que muitas pessoas, vão pelo “caminho de Emaús” carregando sua tristeza, suas dores, seus medos e suas incertezas; desesperançadas, se sentindo sós, abandonadas; semelhantemente aos discípulos nos tempos da ressurreição, como sugerido por Alberto Casalegno; talvez, à espera daquela ou daquele acompanhante que se acerca para caminhar junto a elas e eles esta nova jornada.⁸³⁶ É aqui onde entra em jogo o papel da comunidade no processo de acompanhamento, no sentido de mostrar disposição para ir ao encontro das pessoas que precisam ser acolhidas e acompanhadas. Para muitas pessoas, vários dos mecanismos utilizados até o momento, parecem não ter sido adequados ou suficientes. Cabe então à comunidade, de igual forma que a Jesus, o desafio de se chegar e entrar na dinâmica dos e das que caminham, para juntos e juntas, recriar o caminho⁸³⁷.

Não é possível ficar só olhando, como as pessoas caminhantes se perdem sozinhas no horizonte. É preciso agir; é preciso se juntar a aqueles e aquelas que já estão fazendo propostas, elaborando alternativas, encontrando formas criativas de “se fazer presente” em meio a estas situações, mesmo sabendo que as propostas não resolverão todas estas problemáticas. Como menciona Julieta Amaral da Costa, para os discípulos “era importante recordar o novo modo de presença do ressuscitado, fazendo-se companheiro de caminhada mesmo sem ser reconhecido e interessando-

⁸³⁶ CASALEGNO, Alberto. **Lucas: a caminho com Jesus missionário: introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia.** São Paulo, SP: Loyola, 2003, p. 194.

⁸³⁷ SABOYA, Marysa Mourão. **Recriar o caminho com as comunidades de Lucas: uma leitura do Evangelho de Lucas feita pelo CEBI-MG.** Belo Horizonte, MG: CEBI-MG, São Leopoldo, RS: Oikos, 2013.

se pelas preocupações e dúvidas daquele casal desiludido.”⁸³⁸ Igualmente, o importante hoje, basicamente, é dar a conhecer que há alguém com disposição para ajudar, para acompanhar.

Uma reflexão sobre quais os possíveis requisitos para um bom acompanhamento e como se manter sensíveis ao respeito da liberdade humana no processo de acompanhamento, especialmente, desde a perspectiva de aquele que se acerca e acompanha no caminho, é apresentada por Lola Arrieta,⁸³⁹ quem destaca no seu documento, a apresentação das experiências sobre algumas das motivações de um grupo de jovens na sua aceitação pelo acompanhamento oferecido para eles⁸⁴⁰. Desde sua perspectiva, Arrieta expressa:

Sem quase pronunciá-lo de forma explícita, nas suas reações é como se escutara: “Não nos abandoneis! Não dizem vocês os adultos que crescer é fruto de uma corrente de solidariedade?... que se cresce pela relação e em relação?” “Ficai por perto, sem nos sufocar, entanto fazemos o caminho rumo a construção da nossa identidade” Não pretendam nos dizer como fazer as coisas”, “não pretendam nos fazer iguais a vocês” “Não nos julgues! Não nos ponhas rótulos!”, ficai ali, ao nosso lado entanto aprendemos a construir nossa casa, a habitá-la, a descobrir nosso lugar no mundo”.⁸⁴¹(Tradução nossa)

Nesta percepção da Arrieta, são identificados alguns dos depoimentos apresentados no capítulo dois deste trabalho, ou como se poderá observar também mais adiante, nos testemunhos de algumas das mulheres quando expressam seus anseios por serem acompanhadas, por caminhar junto com alguém que pudesse brindar apoio, nos momentos difíceis, de solidão e crise experimentados nos seus trabalhos pastorais. Isto leva a constatar que a necessidade de atenção e acompanhamento não é exclusiva dos jovens ou das pessoas mais adultas que estão vivendo seus últimos dias de vida e precisam serem acompanhados nos seus leitos

⁸³⁸ AMARAL da Costa, Julieta. Emaús: uma experiência de fé, caminho para a autonomia e emancipação. p. 139. In: SABOYA, Marysa Mourão. **Recrutar o caminho com as comunidades de Lucas**: uma leitura do Evangelho de Lucas feita pelo CEBI-MG. Belo Horizonte, MG: CEBI-MG, São Leopoldo, RS: Oikos, 2013, p.134-144.

⁸³⁹ ARRIETA, 2017.

⁸⁴⁰ Mesmo que a experiência referida é a de um grupo de jovens, ela descreve de forma quase idêntica situação vivenciadas pelas mulheres entrevistadas para esta pesquisa.

⁸⁴¹ ARRIETA, 2017, p. 8-9. “*Sin apenas pronunciá-lo de maneira explícita, en sus reacciones es como si escuchara: “¡No nos abandonéis! ¿no decís los adultos que crecer es fruto de una cadena de solidaridades... que se crece por la relación y en relación?” Estad cerca, sin asfixiarnos, mientras hacemos el camino hacia la construcción de nuestra identidad”. “No pretendáis decirnos como hay que hacer las cosas”, “no pretendáis hacernos como vosotros” “¡No nos juzguéis! ¡No nos etiquetéis!” “estad ahí, a nuestro lado mientras aprendemos a construir nuestra casa, a habitá-la a descubrir nuestro lugar en el mundo.”*”

de hospital, em instituições geriátricas ou nos seus próprios lares. A falta de acompanhamento é uma realidade tanto dos grupos de jovens, quanto das pessoas que estão doentes, de muitas das mulheres que estão na liderança e também, de muitas das que não participam de nenhum espaço de liderança em específico, mas que igualmente, fazem parte da comunidade.

Assim como o exemplo apresentado pela Arrieta, as mulheres “não casadas” em exercício de ministérios ou cargos de liderança, estão gritando, suplicando, desde o silêncio, desde sua passividade o desde seu ativismo, por ajuda, por companhia e não por conselho. Isso pode ser constatado em cada testemunho apresentado neste trabalho. Porém, voltando ao texto, a afirmação de um dos colegas da Arrieta, acompanhante igual que ela, deixa perceber aquilo que pode ser entendido como a maior dificuldade que ele como acompanhante tem experimentado na hora de atender esses chamados (neste caso dos jovens). Assim o expressa: “Eles nos pedem escuta na procura da sua identidade, o que supõe uma dinâmica incômoda para nós, os adultos que “esperamos” por eles desde **nossas dinâmicas já estruturadas...**”⁸⁴² (grifos da autora).

Esta afirmação revela duas problemáticas. Uma, a existência de “dinâmicas estruturais” e, dois, a “incomodidade” na disposição para assumir ou para acolher as mudanças que exigem as novas situações, pois como se menciona, já estão preestabelecidas ou estruturadas. Isto evidencia a existência de estruturas (metodologias, pensamentos, etc.), que parecem ser rígidas, que não estão dispostas para as mudanças e muito menos para “descer” do nível, para atender e escutar as necessidades destes jovens. Suspeita-se então, que no caso das mulheres “não casadas”, como com outros grupos, podem existir dificuldades semelhantes, que por vezes dificultam o fato de elas serem escutadas e atendidas de forma adequada. O texto, apresenta o modo de entender o acompanhamento como sendo “**mediação**”, na medida em que o processo de acompanhamento permite uma comunicação que conecte/ligue as vivências e os acontecimentos com os sentimentos e os pensamentos, dando passo a possibilidade de reflexão e ressignificação dessas experiências, rumo a um encontro pessoal profundo; e é “mediação” porque o Espírito

⁸⁴² ARRIETA, 2017, p. 9. “Nos piden escucha en la búsqueda de su identidad, lo cual supone una dinámica incómoda para nosotros, los adultos que les “esperamos” desde nuestras dinámicas ya estructuradas”.

é reconhecido como autêntico Acompanhante e Ator Principal na equipe entre quem acompanha e a pessoa que é acompanhada.⁸⁴³

Também é entendido como “**um jeito de ser**” em relação, onde, o tipo de relação deve caracterizar-se por ser humanizadora, inclusiva, solidária e humana⁸⁴⁴ e onde a conversa frente a frente é um dos maiores exemplos de humanização, que oportuniza o aprendizado da empatia e impulsiona a introspecção, elemento fundamental no desenvolvimento humano, além de atribuir qualidade ao relacionamento e às pessoas em todos os níveis.⁸⁴⁵ Outra compreensão é como “**uma forma de diálogo permanente**” entre companheiras e companheiros no caminho da vida, no qual se tenta descobrir a vontade de Deus (a vocação, os dons) para fortalecer o compromisso e viver em comunidade.

Tudo o anterior leva a pensar na importância de entender o exercício do ministério, da vocação ou dos dons, na perspectiva proposta desde o início deste trabalho, (sem hierarquias, nem supremacias), lembrando também, e de forma especial, o aporte de Rosemary Ruether quando menciona que:

O ministério [...] pressupõe que algumas pessoas têm dons especiais e podem desempenhar funções específicas e diferentes. Mas essa especialização de algumas como professoras, outras como administradoras, outras como poetisas e artistas litúrgicas, outras como organizadoras de comunidades acontece com vistas à capacitação da comunidade toda. [...] A comunidade como um todo fica capacitada a articular a fé e a falar a Palavra uns aos outros. [...] O ministério deveria extrair os dons singulares de cada pessoa na comunidade e dar a cada uma a confiança e as aptidões para desenvolver esses dons nos interesses das outras [...]. Todos esses dons são essenciais para uma Igreja [...] Uma única pessoa não tem todos eles.⁸⁴⁶

É possível perceber então, partindo deste entendimento, que todas as pessoas da comunidade são detentoras de habilidades especiais que podem e devem ser colocadas ao serviço da comunidade para seu benefício e seu crescimento, segundo o chamado que cada pessoa recebe, como expresso em 1ª Pedro 4:10, mas, entendendo que este exercício não sugere níveis hierárquicos ou posições de superioridade/inferioridade. Acreditasse que o exercício do ministério nesta perspectiva, permite o estabelecimento de relacionamentos reais, não utilitários e humanizadores, que oportunizam o autoconhecimento o conhecimento dos outros,

⁸⁴³ ARRIETA, 2017, p. 11.

⁸⁴⁴ ARRIETA, 2017, p. 11.

⁸⁴⁵ ARRIETA, 2017, p. 11.

⁸⁴⁶ RUETHER, 1993. p. 172-173.

das outras e da vida, no descobrimento de novos aspectos de si, como pessoa e de cada um e cada uma a sua volta.⁸⁴⁷

Aqui pode ser deduzido que, acompanhar de forma adequada no “caminho de Emaús do Século XX”, requer de certas práticas, entre elas, a disposição de cada pessoa para aportar de si mesma. Cabe, porém, a pessoa que acompanha, se dispor para a escuta empática e a pessoa que é acompanhada, cabe a disposição de aprofundar naquilo que deseja trabalhar. Esta dinâmica requer deixar de lado os relacionamentos de domínio-dependência (arriba-a baixo/verticais), assim como o exercício de que cada pessoa (quem acompanha e quem recebe acompanhamento), se reconheça como alguém diferente, mas, que transita no mesmo caminho; alguém que precisa de acompanhamento, mesmo que de forma distinta. Uma forma de entender melhor esta ação é descrita da seguinte forma:

Quem desempenha a tarefa de acompanhante só pode fazê-lo desde a absoluta modéstia de sentir que têm permissão para entrar, desde a humildade de quem se sabe convidado a participar, e só como acompanhante, no caminho do Espírito que percorre a pessoa acompanhada.⁸⁴⁸ (Tradução nossa)

Jesus foi ao encontro dos seus discípulos no caminho de Emaús, (Lucas 24:13-35; Marcos 16:) e nós, como imitadores e imitadoras do seu exemplo, recebemos o chamado a vivenciar nas nossas vidas, a humildade de nos acercar e deixarmos afetar pela realidade de quem precisa acompanhamento, ao mesmo tempo em que, desde nossa realidade, podemos responder de forma “adequada” às suas necessidades de acompanhamento.

Em meio ao caos emocional, social, psicológico e até religioso, somos chamados e chamadas a ser acompanhantes no caminho do Emaús do Século presente, acompanhantes de aqueles e aquelas que por diversas circunstâncias se encontram tristes, sem esperança, enfrentando desafios que por vezes parecem superá-los, mesmo que outras pessoas os considerem insignificantes.

⁸⁴⁷ ARRIETA, 2017, p. 11-12.

⁸⁴⁸ ARRIETA, 2017, p. 27. “*Quien desempeña la tarea de acompañante sólo puede hacerlo desde la absoluta modestia de sentir que se le permite la entrada; desde la humildad de quien sabe que se le invita a participar, y sólo como acompañante, en el camino del Espíritu que recorre la persona acompañada.*”

5.5.2 A Sororidade, um estilo particular de acompanhamento feminista?

Ávila no seu livro apresenta um segmento muito interessante sobre a opção de fraternidade cristã como uma forma de acompanhamento, sugerindo que “fraternidade” é um termo que a diferença da cultura greco-romana, (que entendia este termo desde uma concepção biológica, psicológica ou social), as comunidades cristãs o entenderam como uma experiência compartilhada, de irmandade “em Cristo”, desligada das questões sociais ou culturais, porém, com um alto caráter de igualdade e serviço nunca antes vista nem experimentada.⁸⁴⁹

Com o passar do tempo, uma dimensão política surgiu nas escolhas de agrupamento e sintonia entre as mulheres, dando como resultado o que hoje é muito reconhecido, (em alguns espaços) como “Sororidade”. Marcela Lagarde diz que se trata da aliança feminista entre mulheres, que procura a sintonia e a confluência política entre elas, com o objetivo de mudar o mundo e a vida com um sentido de justiça e liberdade.⁸⁵⁰ O seguinte é seu argumento.

Sororidade do latim *soror, sororis, irmã, e-idade*, relativo a, qualidade de. Em francês, *sororité*, na voz de Gisèle Halimi, em italiano *sororità*, em espanhol, *sororidad* e *soridad*, em inglês, *sisterhood*, a forma de Kate Millett. Profere os princípios ético políticos de consonância e relação análoga entre mulheres. A sororidade é uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. É uma experiência das mulheres que conduz à procura de relacionamentos positivos e a aliança existencial e política, corpo a corpo, subjetividade a subjetividade com outras mulheres, para contribuir com ações específicas à eliminação social de todas as formas de opressão e ao apoio mútuo para obter o poderio genérico de todas e ao encorajamento.⁸⁵¹ (Tradução nossa).

Este termo no seu argumento apresenta um novo viés, “político”, particular e diferencial (diferente ao já mencionado no caso da fraternidade), que permite a

⁸⁴⁹ ÁVILA, 2018, p. 102.

⁸⁵⁰ LAGARDE, Marcela. Pacto entre Mujeres. Ponencia del 1º de octubre de 2006 en Madrid. **Revista Aportes**, p. 123-135. Disponível em: <https://www.asociacionag.org.ar/pdfaportes/25/09/pdf>. Disponível em: 29 jun. 2020.

⁸⁵¹ LAGARDE, 2006, p. 126. “*Sororidad* del latín *soror, sororis*, hermana, *e-idad*, relativo a, calidad de. En francés, *sororité*, en voz de Gisèle Halimi, en italiano *sororità*, en español, *sororidad* y *soridad*, en inglés, *sisterhood*, a la manera de Kate Millett. Enuncia los principios ético políticos de equivalencia y relación paritaria entre mujeres. La *sororidad* es una dimensión ética, política y práctica del feminismo contemporáneo. Es una experiencia de las mujeres que conduce a la búsqueda de relaciones positivas y a la alianza existencial y política, cuerpo a cuerpo, subjetividad la subjetividad con otras mujeres, para contribuir con acciones específicas a la eliminación social de todas las formas de opresión y al apoyo mutuo para lograr el poderio genérico de todas y al empoderamiento vital de cada mujer.”

inclusão e abordagem das experiências desde as vivências das mulheres, dando a estas um lugar e significado especial, que lhes outorga o lugar de protagonistas.

Nos testemunhos da Glicínia e Violeta, que se apresentam a seguir, aparecem algumas expressões que referem uma particularidade fundamental no processo de acompanhamento que este grupo demanda. Acredita-se que elas estão diretamente relacionadas com os princípios éticos e as alianças existenciais que se dão, muitas vezes de forma espontânea, no exercício da sororidade descrito pela Lagarde. A seguirem os seus testemunhos:

Violeta. [...] houve mulheres, uma que outra, que me acompanhou orando por mim e houve **solidariedade**, eu agradeço essa solidariedade e essa **fraternidade** que eu recebi.⁸⁵² (Tradução nossa)

Glicínia. Eu diria que foi um trabalho de **ajuda mútua**, sabe? Um **mútuo aconselhamento** ou **fortalecimento**, que vai acontecendo a partir da **troca**, foi a minha experiência dessa troca que eu consegui fazer com outras pessoas, com os colegas, que passaram também por uma situação semelhante; de buscar realmente. De alguns colegas, eu recebi uma vez pelo Facebook, pelo Messenger, uma mensagem, mas daí, depois dessa, foi um silêncio. Nem responderam mais e quando eu então respondi, não teve mais retorno, mas foi assim no sentido mais de buscar esse **fortalecimento**, nessa **troca de vivências e experiências**. **Eu não diria que foi um aconselhamento**, por que é um **carregar-se em conjunto** nesse sentido.

Um fator notável neste depoimento tem a ver com a utilização das redes sociais, que têm sido usadas como veículos através dos quais as mulheres sentiram a cercania de outras pessoas. Palavras como fortalecimento, mútuo aconselhamento⁸⁵³, ajuda mútua, troca de vivências e experiências, carregar-se em conjunto, solidariedade e fraternidade, entre outras, são expressões que deixam perceber a riqueza e importância deste processo.⁸⁵⁴ Algumas destas ações características também podem ser observadas no exemplo bíblico que será apresentado de forma breve a seguir.

⁸⁵² Violeta. “[...] hubo mujeres, una que otra, que me acompañó orando por mí y hubo solidaridad, yo agradezco esa solidaridad y esa fraternidad que yo recibí”.

⁸⁵³ Considera-se aqui que, mesmo que a Glicínia mencione a palavra aconselhamento, a entrevistada na realidade está se referindo ao acompanhamento, se se considera a “correção” que ela mesma faz no final. O que faz a diferença com o processo do aconselhamento propriamente dito, é precisamente o fato de que, neste caso, é uma ação “mutua” provinda das experiências em comum vivenciadas.

⁸⁵⁴ Observa-se aqui que, fraternidade é o termo usado para se referir geralmente ao apoio entre pessoas do sexo masculino. Neste caso, em se tratando de ajuda entre mulheres, o termo adequado a utilizar seria “sororidade”, como está sendo apresentando; porém, como é um termo ainda pouco conhecido em muitos espaços, das bases eclesiais, ainda muitas mulheres ainda o usam, para se referir a ajuda e apoio que recebem de parte de outras mulheres.

Se trata do caso da Rute e sua sogra Noemi.⁸⁵⁵ Nesta breve apresentação pode ser percebido de forma bastante clara, o acento político da sororidade mencionado pela Lagarde. Este exemplo bíblico ilustra este aspecto característico da sororidade apresentado por ela pois, mostra as implicações do relacionamento entre as duas mulheres, onde as ações da estrangeira Rute demonstram um alto grau de fidelidade, segurança, sororidade, coragem, risco, desfaio, atrevimento e compromisso, para com sua sogra, Noemi.⁸⁵⁶ Rute tinha outra religião, era de outra raça, mas, juntas, estavam vivendo uma situação de dificuldade e crise, e, mesmo que sua sogra a libera de qualquer compromisso, é tão forte o laço de amizade que Rute sente pela sua sogra, que ante a insistência para que a deixe e se aparte, e siga o seu próprio caminho, ela toma uma atitude, ela decide ficar do lado da sua sogra, proferindo uma espécie de “pacto sororo”.

¹⁶[...] não insistas comigo que te deixe e não mais a acompanhe. Aonde fores irei, onde ficares ficarei! O teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus! ¹⁷Onde morreres morrererei, e ali serei sepultada. Que o Senhor me castigue com todo o rigor, se outra coisa que não a morte me separar de ti!" ¹⁸Quando Noemi viu que Rute estava de fato decidida a acompanhá-la, não insistiu mais. ¹⁹Prosseguiram, pois, as duas até Belém.⁸⁵⁷

O compromisso da Rute foi um compromisso, religioso, porém, político, que retrata relações humanas carregadas de força, solidariedade e honestidade, entre outras.⁸⁵⁸ Se se aprofunda um pouco mais na análise do texto, poderão ser percebidas a simetria e reciprocidade na relação destas mulheres, produto da irmandade que vira amizade, caracterizando de forma especial a significância do próprio nome da Rute que, “tem um sentido particular na sua etimologia: a raiz pode ser ‘rea’, que sugere o feminino de amigo e/ou pessoa próxima, companheira”⁸⁵⁹ (Tradução nossa), como expressado por De Andrade. Já “Lições do livro de Rute”, artigo de Tércio Machado Siqueira, foca na perspectiva da solidariedade familiar que se pratica visando o fortalecimento da lealdade, o bem-estar da comunidade a superação dos preconceitos

⁸⁵⁵ Livro de Rute, especialmente no capítulo 1:1-16. A intencionalidade aqui é esboçar algumas das características deste relacionamento, reconhecido por vários autores e várias autoras, como um vivo exemplo de este tipo de acompanhamento sobre o qual se está reflexionando aqui.

⁸⁵⁶ ALVAREZ Benjumea, Olga Lucía. El Libro de Rut, bordado a mano. p. 52. In: **RIBLA 67**, Meguilot Enfoque feminista. Quito, DEI, 2010; DE ANDRADE, Altamir Celio. La amistad en el Libro de Rut: Identidades descentralizadas. p. 32. In: **RIBLA 69**, Religión, Culturas e Identidades en la Biblia, Quito, DEI. 2011. p. 30-40.

⁸⁵⁷ BIBLIA NVI. Rute 1:16-19.

⁸⁵⁸ ALVAREZ, 2010, p. 53.

⁸⁵⁹ DE ANDRADE, 2011, p. 31-32 “El nombre de Rut tiene un sentido particular en su etimología: la raíz puede ser *rea*, que sugiere el femenino de amigo y/o persona próxima, compañera”. RIBLA 69.

e a promoção da esperança nascida da fidelidade.⁸⁶⁰ Sendo solidária com sua sogra, viúva, “fracassada” e sofredora, Rute, com suas decisões e ações, recria a vida de todos e todas ao seu redor.⁸⁶¹

Neste breve exemplo bíblico, é possível perceber esta forma particular de acompanhar, que, como pode ser observado, mostra uma outra forma particular desta ação, que inclui não só elementos pastorais/religiosos ou psicológicos, como também, culturais, sociais e políticos.

5.5.3 Acompanhamento como processo de Crescimento pessoal

Já foi mencionado anteriormente que o acompanhamento é uma arte que pode ser aprendida, porém, é mais do que uma técnica. O acompanhamento representa uma atitude, um carisma; uma experiência que se forma por médio da prática constante e consciente; do estudo e compreensão do tema, assim como da vivência do diálogo e do apoio mútuo; e segundo os jesuítas, pode ser um meio ou um recurso para apoiar a formação das pessoas em qualquer área, dimensão ou nível.⁸⁶² É um processo que promove o desenvolvimento integral da pessoa acompanhada desde sua interioridade, motivando e permitindo a exteriorização dos conflitos, assim como também, oportunizando a prática da empatia, a entrega, o amor e a dedicação.⁸⁶³

Considerando o enfoque profundamente formativo/pedagógico da tradição inaciana, nos documentos pode ser percebido uma forte ênfase nas questões cognitivas e nas competências que devem fazer parte da formação pessoal de quem acompanha, assim como também, em questões relacionadas com a capacidade de exercer autoridade, de se relacionar e comunicar com as pessoas do seu entorno; ter

⁸⁶⁰ MACHADO Siqueira, Tércio. “Lições do livro de Rute”. **Expositor Cristão** 117, n. 9, São Bernardo do Campo: IMS, 2003, p. 11-19.

⁸⁶¹ LOPES Mercedes. El Libro de Rut, p. 76. *In: RIBLA 52*. Escritos: Salmos, Job y Proverbios, Rut y Cantar de los Cantares, Eclesiastés y Lamentaciones, Ester y Daniel, Esdras/Nehemías y 1, 2 Crónicas. Quito, DEI, 2005, p. 69-78.

⁸⁶² CERPE; ACSI. Hacia la comprensión del acompañamiento. Disponível em: http://www.cerpe.org.ve/tl_files/Cerpe/contenido/documentos/Pedagogia/Hacia%20la%20comprension%20del%20acompanamiento.pdf. Acesso em: 9 ago. 2018.

⁸⁶³ CERPE; ACSI. Hacia la comprensión del acompañamiento. Disponível em: http://www.cerpe.org.ve/tl_files/Cerpe/contenido/documentos/Pedagogia/Hacia%20la%20comprension%20del%20acompanamiento.pdf. Acesso em: 9 ago. 2018.

criticidade, ser equânime e exercer a justiça. Estas características têm como suas principais bases o exemplo compassivo de Jesus.⁸⁶⁴

Uma outra forma ampla de compreender o acompanhamento no enfoque personalizado dos inicianos é descrita da seguinte forma:

Um modo de proceder para acompanhar a outros/as na vivência das suas experiências e fatos pessoais, para ajudá-la/lo a contrastar honestamente com seus autênticos valores e crenças, e poder, dessa forma, tomar decisões livres e conscientes sobre o futuro das suas vidas; e do sentido do Acompanhamento Pessoal: “O acompanhamento claramente entendido desde esta perspectiva de Inácio, não são simples atividades cognitivas ou práticas devotas. Pelo contrário, são exercícios que comprometem integralmente o corpo, a mente, o coração e a alma da pessoa humana. Portanto, é um processo pedagógico que leva a contextualizar, experimentar, refletir, agir sobre a realidade e avaliar o processo de forma adequada. (Tradução nossa)⁸⁶⁵

Ou seja, é uma atividade realizada desde a honestidade e a autenticidade, e a favor do bem-estar integral do ser humano. Além disso, este tipo de acompanhamento enfatiza três aspectos relacionados com o modelo pedagógico e o labor do acompanhamento; a serem: a. É preciso um acompanhamento integral e sistemático para poder atingir todas as dimensões do ser humano (ética, espiritual, cognitiva, afetiva, comunicativa, estética, corporal e social-política), de forma contextualizada⁸⁶⁶; b. É preciso lembrar que os destinatários e beneficiários desta formação (inicialmente) são os membros da Comunidade a quem está dirigida a formação e, c. Finalmente; esta ênfase, tem a ver com a pergunta, o que acompanhar? Lembrando que a forma de aceder a informação que permita lograr os objetivos cognitivos, depende das questões pessoais e situacionais de quem se acompanha.

⁸⁶⁴ CERPE; ACSI. Hacia la comprensión del acompañamiento. Disponível em: http://www.cerpe.org.ve/tl_files/Cerpe/contenido/documentos/Pedagogia/Hacia%20la%20comprension%20del%20acompanamiento.pdf. Acesso em: 9 ago. 2028.

⁸⁶⁵ CERPE; ACSI. Hacia la comprensión del acompañamiento. Disponível em: http://www.Cerpe.Org.ve/tl_files/Cerpe/contenido/documentos/Pedagogia/Hacia%20la%20comprension%20del%20acompanamiento.pdf. Acesso em: 9 ago. 2028. “*Un modo de proceder para acompañar a otros en la vivencia de sus experiencias y hechos personales, para ayudarle a contrastar honestamente con sus auténticos valores y creencias, y poder así tomar decisiones libres y conscientes sobre el futuro de sus vidas; y del sentido del Acompañamiento Personal: “el acompañamiento claramente entendido desde esta perspectiva de Ignacio, no son meras actividades cognoscitivas o prácticas devotas. Por el contrario, son ejercicios que comprometen íntegramente al cuerpo, la mente, al corazón y al alma de la persona humana. Por lo tanto, es un proceso pedagógico que lleva a contextualizar, experimentar, reflexionar, actuar sobre la realidad y evaluar el proceso de modo adecuado”* (Anotación 1) cf. (PPI, n° 24).

⁸⁶⁶ PEC Proyecto Educativo Común en América Latina. *Línea estratégica n° 6, literal “d”*. Disponível em: <https://www.javeriana.edu.co/personales/hbermude/areacontable/generales/Pec.htm#:~:text=Es%20un%20instrumento%20corporativo%20de,propuesta%20pr%C3%A1ctica%20y%20les%20da>. Acesso em: 25 abr. 2021.

Daí a importância que muitos e muitas dão para as características que são atribuídas a quem acompanha.⁸⁶⁷

Mesmo não concordando com esta proposta na sua totalidade, por estar orientada especialmente ao âmbito escolar, alguns elementos positivos a enfatizar, e que podem servir para alimentar uma “nova” proposta para as mulheres “não casadas” são: Primeiro: o fato de que esta proposta está orientada a que seja a mesma pessoa acompanhada, quem tenha a iniciativa para tomar suas próprias decisões. Segundo: A importância da vivência do diálogo empático e do apoio mútuo como, possibilidade de crescimento conjunto, mais do que como, uma técnica de aperfeiçoamento para o exercício do acompanhamento. Terceiro: que o propósito do acompanhamento é a promoção e o desenvolvimento integral da pessoa acompanhada, promovendo e permitindo que a pessoa exteriorize seus conflitos, ponha em prática a empatia, o amor, a entrega e a dedicação. Quarto. Mais do que muitas competências e grandes qualidades, algo fundamental é a disposição para “estar presente” no momento que se requeira alguma ajuda ou motivação. Quinto. A característica fundamental está em seguir o exemplo compassivo e amoroso de Jesus. Este tipo de acompanhamento é um processo integral, que pode ser dirigido a qualquer público, com objetivos não só pessoais, mas também, comunitários.

Ter focado a reflexão sobre o acompanhamento desde a perspectiva feminista, permitiu perceber vários elementos que, inicialmente, estiveram ausentes ou não tiveram a relevância adequada nos processos tradicionais, exercidos com as mulheres entrevistadas que participaram desta pesquisa. Nesta proposta de acompanhamento, mesmo, que de forma diferente, se enfatizam a empatia e a confiança, como dois elementos que devem ser considerados como fundamentais e indivisíveis no processo de acompanhamento.

Para ir finalizando, algumas pontualidades entre as que se enfatizam a forma como as comunidades cumprem uma função importante no processo de acompanhamento, no sentido de serem espaços onde se promova o exercício da

⁸⁶⁷ CERPE; ACSI. Hacia la comprensión del acompañamiento. Disponível em: http://www.cerpe.org.ve/tl_files/Cerpe/contenido/documentos/Pedagogia/Hacia%20la%20comprension%20del%20acompanamiento.pdf. Acesso em: 25 abr. 2021.

escuta empática⁸⁶⁸, como elemento de saúde e transformação nos relacionamentos humanos em todos os níveis. De forma especial isto foi percebido no testemunho da Mimosa, o qual oportunizou a percepção de que sua necessidade, em parte, tinha certa relação com a carência que ela sentia na sua comunidade. Isto pode ser notado, em parte, quando menciona que: “Eu senti e sinto, até hoje, falta de alguma colega, de algum colega a nível realmente pastoral para conversar (sobre) o específico da vocação, [...] do que o ministério nos traz de alegria e como lidar com aquilo que ele não nos traz de alegria, né?”⁸⁶⁹

Entende-se então aqui, que a ênfase feita pela Mimosa aponta para o ambiente comunitário, representado “nalgum colega a nível pastoral”; e não precisamente para o ambiente da psicoterapia; que ela percebe, não é a mesma coisa, que não faz o mesmo efeito ou sentido, ao ponto que depois, ela expressa a necessidade deste “ambiente” de confiabilidade e de cercania.

Mimosa. Nisso eu sinto uma falta [...] de pessoas do mundo eclesiástico, mesmo para falar; porque a gente fala na psicoterapia também sobre isso, mas o psicoterapeuta não faz noção do que é o mundo eclesiástico, ela tem só a nossa voz. Ela não tem o contexto do mundo eclesiástico. Então você, poder ter o ouvido de alguém que entende deste mundo eclesial, mas sem estar te condenando, acho que seria muito bom. Mas isso me faz falta.

Igualmente, Zínia menciona uma situação semelhante, ainda que de forma inversa; pois ela fala sobre o importante que tem sido o espaço de confiança criado junto a outras colegas amigas, para se acompanhar em momentos específicos, mas, a fala menciona de igual forma, a dificuldade de experimentar a sensação de confiança em relação as possibilidades de ajuda profissional, quando expressa:

Eu faço parte de um grupo, é eu e mais três mulheres. A gente tem um grupo no Whatsapp e ali a gente desabafa mesmo, fala tudo, ajuda muito. Mas não só questões pessoais, questões pastorais, políticas. Ali a gente desenvolveu uma confiança [...] Ali a gente tem esse papo de confiar uma na outra [...]. Eu não encontrei algum profissional que eu teria 100% de confiança de ir. [...] aqui (na cidade onde ela mora atualmente) eu não sinto que há assim, um profissional ou uma profissional que eu tenha confiança.

Por último, outra característica importante no processo é o fato de que as pessoas que participam nele, consigam se ver a si mesmas, e às outras pessoas,

⁸⁶⁸ Este assunto também foi abordado nos capítulos 2 e 3 e onde, num deles, uma das entrevistadas menciona a falta de pessoas dispostas a “emprestar sua escutatoria” como uma carência significativa.

⁸⁶⁹ Mimosa.

como “iguais”⁸⁷⁰, como pessoas que, juntas, estão num processo de crescimento, mudança, e não como super-homens ou super mulheres (nos casos especiais dos e das acompanhantes)⁸⁷¹, mas sim como iguais. Nisto, o fragmento do testemunho da Mimosa, também concorda plenamente com a posição de Ávila ao respeito.

Mimosa. Sim, eu acredito que [...] a gente precisa proporcionar dentro das comunidades... espaços; espaços físicos e espaços também de convívio comunitário para essas pessoas terem um encontro entre iguais, e esses iguais poderem-se encontrar com a diversidade da comunidade, em equilíbrio e liberdade; e não com um olhar discriminatório.

Pode, então, ser percebido nesse singelo depoimento, palavras que bem podem resumir o processo, como por exemplo: espaços de convívio comunitário, encontro de iguais, equilíbrio e sem discriminação. Estas, representam características próprias do processo sobre o qual se vem refletindo aqui. Dito isto, é importante entender que quando a Mimosa fala de espaços de convívio, não está falando, em hipótese alguma, dos espaços tradicionais de reuniões (culto, reunião semanal de mulheres, etc.) ou de laser (dias comemorativos – mães, pais ou celebrações religiosas), mas sim, de espaços criados com a finalidade específica de se escutar e acompanhar a reflexão, permitindo deduzir que sem estes aspectos o processo estará seriamente comprometido.

⁸⁷⁰ ARRIETA, 2017, p. 11.

⁸⁷¹ ÁVILA, 2018, p. 109.

6 CONCLUSÃO

As crises sempre existiram e continuarão existindo. Estas podem ser assumidas como situações negativas ou perigosas, que podem levar à destruição e à morte, ou como oportunidades de crescimento e fortalecimento pessoal. Tudo depende da forma como elas sejam abordadas. Isto quer dizer que, igualmente, homens e mulheres têm sido, são e serão, em algum momento de suas vidas, protagonistas de situações conflituosas que podem desencadear algum tipo de crise, seja ela relacionada com o desenvolvimento natural e pessoal, do tipo existencial ou crises de fé, ou crises circunstanciais, estruturais ou de desvalia ou, ainda, crises econômicas, políticas ou de valores. Estas diversas situações podem ser geradas por diversas mudanças significativas nas rotinas cotidianas, situações inesperadas, distintos tipos de perdas, questões relacionadas com a idade, com a saúde, com os relacionamentos e o uso, ou melhor, o abuso do poder, entre outros tantos. Estas situações atingem as pessoas, sem distinção de raça, classe, condição econômica ou credo religioso e, entre elas, indiscutivelmente, se encontram as mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios ou cargos de liderança” das comunidades eclesiais.

Olhando em retrospectiva para o trabalho realizado nesta pesquisa, é possível evidenciar vários assuntos que foram aparecendo e se tornando cada vez mais visíveis, um deles, por exemplo, o fato da falta de atenção para com as mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios e/ou cargos de liderança, em suas situações de crises. Esta situação, de certa forma, confirma que os processos patriarcais de dominação e exclusão, ainda continuam presentes nas diversas culturas e nos espaços eclesiais, onde seguem apresentando-se situações de assédio, invisibilidade, desconhecimento e falta de processos que atendam às necessidades de acompanhamento que as situações de crises particulares deste grupo requerem.

Junto disto, também ficou em evidência a necessidade de propostas que enfatizem elementos que promovam a práxis de ações e propostas mais inclusivas, menos hierárquicas, mais criativas e libertadoras, e que, possam atender adequadamente as necessidades de acompanhamento requeridas por este grupo em particular, porém, não de forma exclusiva.

Sendo assim, a pesquisa mostrou, entre outras coisas, que as situações de crise que vivenciam muitas das mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios ou cargos de liderança dentro das comunidades eclesiais, são situações muito complicadas e delicadas, várias delas, tendo suas origens há muitos anos, dentro de alguma comunidade eclesial. Porém, estas mulheres não têm tido a possibilidade de contar com um acompanhamento adequado que tenha dado a elas a possibilidade de superação desses acontecimentos, dando lugar ou causando sequelas graves, que devem ser tratadas com medicamentos. Evidenciou-se que uma das causas da não superação destas situações se deve, por um lado, ao fato de que, inicialmente, a agressão sofrida não foi considerada como algo importante ou grave, por parte da liderança a que ela recorreu, no seu momento, em busca de ajuda, quem considerou a situação como irrelevante, recebendo como resposta recebida a minimização do fato e o não reconhecimento dos efeitos que esta ação tinha gerado e poderia continuar a gerar no futuro. De outro lado e, em relação aos processos utilizados para sua atenção, mesmo que elas tenham procurado ajuda, os mecanismos utilizados para o enfrentamento não têm se mostrado efetivos.

Em algumas das entrevistas, foi possível perceber, que a percepção que elas tiveram das outras pessoas sobre sua experiência de crise, mesmo que delicada, era algo sem muita importância, que a situação não passava de uma “bobagem”, algo “insignificante”, ou até “banal”. Isto fez com que elas se sentissem ignoradas e relegadas, optando por vivenciar esta situação em solidão, como algo muito particular, da esfera do “privado”, sendo indiferentes a forma como estas situações estavam afetando suas vidas e ministérios. Geralmente, esta é uma das formas em que são percebidas estas situações, caso sejam percebidas, pois é o jeito que o sistema patriarcal, inserido nas estruturas hierárquicas das comunidades, utiliza com o propósito de continuar como detentor do poder, em detrimento da liberdade, a autoestima e da dignidade das mulheres.

O trabalho visibiliza situações como estas com o propósito de criar consciência e chamar a atenção sobre a importância de não subestimar ou desestimar as situações de crise pelas quais uma pessoa esteja atravessando, porquanto, como foi evidenciado, mesmo que algumas mulheres consideraram a situação como “resolvida”, esta voltou a se fazer presente na sua vida, tempo depois, agregando angústia aos acontecimentos do tempo que estavam experimentando. O resultado são

novas crises com dimensões e características diferentes. Tudo isto permitiu entender o perigo que representa continuar “desqualificando” ou desestimando estas experiências difíceis vivenciadas pelas mulheres “não casadas” em exercício de cargos ministeriais ou de liderança, assim como, também, evidenciou a falta de sensibilidade e empatia frente a seus problemas, necessidades e crises, que não são considerados como assuntos de importância, nem sequer em se tratando de casos “extremos” como, por exemplo, casos de crise por assédio, divórcios ou morte. A todas estas situações soma-se o fato de que estas mulheres experimentam um profundo sentimento de “desamparo” por parte da liderança de suas comunidades.

Comprovou-se, também, a falta de ações, mecanismos ou programas de ajuda “adequados” ou pensados de forma especial para atender as situações de crises destas mulheres, que evitem que estas venham a se converter em traumas mal resolvidos ou doenças crônicas, que interferiam negativamente no desempenho pessoal, familiar, ministerial e social da pessoa envolvida e da comunidade na qual servem. É, portanto, urgente e importante, visibilizar estas situações e despertar consciência sobre a urgência de um acompanhamento apropriado para elas.

Destaca-se neste trabalho a multiplicidade e complexidade das metodologias existentes para a atenção em momentos de crises e o “perigo” que representa o fato de estas serem usadas inadequadamente, pois, mesmo que haja similaridades ou pontos de encontro entre as diversas metodologias, cada uma cumpre um papel específico, uma vez que apontam para objetivos específicos. Neste sentido, também são importantes as interações presentes entre quem oferece ajuda e quem recebe a ajuda, dado que estas podem beneficiar ou afetar significativamente os processos e, de igual forma, os resultados.

Outro detalhe significativo que pode ser percebido foi que, nos processos aqui apresentados, as pessoas participantes estavam “classificadas” em dois grandes grupos. Um grupo o compunha as pessoas às quais lhes era dada ou atribuída uma função “superior”, (chame-se esta de aconselhador ou aconselhadora, terapeuta, pastor, pastora ou pessoa treinada profissionalmente - “profissional”). O outro grupo, geralmente, está composto por pessoas às quais lhes era dada ou atribuída uma função “inferior”, são denominadas ou caracterizadas como (pacientes, aconselhados, clientes, discípulos ou discípulas). O primeiro grupo representa as pessoas que “sabem”, “orientam”, “dirigem”, “conhecem” e “guiam” e, portanto, exercem certo

“poder”, “influência” ou “autoridade”, seja de tipo intelectual, profissional ou religiosa; sobre as pessoas do segundo grupo; que por sua vez, representa as pessoas que “desconhecem”, “não sabem”, “obedecem”, “seguem as ordens, conselhos ou orientações” do primeiro grupo. Em decorrência, se provocam distorções e confusões nos papéis desempenhados pelas pessoas participantes, terminando por afetar o processo, devido à proximidade ou distanciamento que, por vezes, está presente na sociedade terapêutica, como apontado por Oliveira.

Junto a isto, evidenciou-se algo que pode ser considerado como muito delicado e preocupante, o fato de que as pastoras e líderes “não casadas” de comunidades eclesiais sentem ainda menos confiança em seus pastores e pastoras sinodais, mentores ou mentoras, conselheiros ou conselheiras, do que nos profissionais, nos quais também não existe confiança suficiente; porém, preferem buscar ajuda para seus problemas e crises em outras pessoas, que não fazem parte da comunidade ou entorno eclesial. Isto, por sua vez, levou a pensar sobre os tipos de relacionamentos presentes nas comunidades e o papel que estas e suas lideranças desempenham como comunidades de amor, acolhida, inclusão etc., ou, também, no tipo de imagem e influência que a liderança exerce nas pessoas da comunidade.

O processo reflexivo permitiu confirmar a suspeita de que outros dos elementos importantes a considerar no processo de acompanhamento são a confiança e a utilização de metodologias “adequadas”, sendo que estas determinam o tipo de relacionamento que se estabelece entre a pessoa que acompanha e a pessoa que é acompanhada. Esta constatação encontra sua base em Clinebell e Collins, que sugerem que assim como se apresenta confusão ou indiscriminação no uso de alguns termos, pode-se, também, apresentar confusão na metodologia utilizada e nos objetivos perseguidos. Daí se deduz que esta confusão acaba finalmente distorcendo, de fato, o processo de acompanhamento.

Entendido a partir desta ótica, a principal característica do acompanhamento consiste no fato de a pessoa acompanhante saber “pôr em jogo” as diversas formas nas que se é possível “estar presente”, mais do que em dominar os estilos, as técnicas e saberes, pois a “arte” está, precisamente, em saber discernir em que momento se fazer presente, de forma adequada, sabendo que este “estar presente” responde às necessidades da pessoa ou das pessoas acompanhadas e não as da pessoa ou pessoas acompanhantes. Neste sentido, o exemplo de Jesus, que vai ao encontro

das pessoas que estão vivenciando situações de angústia, confusão, dor, enfim, pessoas em situação de crises, constitui a base bíblico e teológica desta proposta; e é este o exemplo que deve ser perseguido pela pessoa que acompanha. Vivenciar e transmitir seus exemplos de amor, acolhimento, solidariedade e inclusão, entre outros, permitirá que a pessoa acompanhada possa sentir a confiança necessária para compartilhar alegrias e sofrimentos sem preconceitos ou reclamações, caminho do seu próprio crescimento, do seu próprio “Emaús”. O acompanhamento, então, passa a se converter num processo orientado para o crescimento integral da pessoa, onde a confiança e a escuta ocupam um lugar muito importante, porque é escutando, e escutando com atenção, como se faz possível o conhecimento básico da pessoa ou pessoas, da situação ou situações que não de ser acompanhadas, e também de si mesmo, de si mesma.

A empatia, por sua vez, permitirá aprofundar nas veredas do discernimento, na construção de caminhos comuns de liberdade, exercitar a autenticidade, o crescimento e a sinceridade, possibilitando a sanidade integral. Pode-se dizer, então, que o processo de acompanhar, ou o acompanhamento, convidam a compartilhar, acolher, coexistir ou estar com outros e outras, desde projetos compartilhados, desde horizontes conjuntos, mas, na condição de iguais e que, assim como os processos de aconselhamento têm se visto enriquecidos de forma especial pelos aportes de diversas ciências como a psicologia, a psicoterapia ou as ciências sociais, entre outras, igualmente o acompanhamento pode sê-lo.

O processo reflexivo também levou a perceber e entender a importância que têm as experiências destas mulheres, como base epistemológica para a análise das construções de gênero e para o reconhecimento da importância do papel da Teologia Feminista na revisão das experiências de exclusão, dominação e invisibilidade deste grupo. Ela como ferramenta fundamental na procura de novas propostas exegéticas e hermenêuticas, não só permite visibilizar as experiências, porém, reconhecer às mulheres como protagonistas e articuladoras de saberes, além de perceber vários elementos que, inicialmente, estiveram ausentes ou que não tinham recebido a atenção adequada nos processos tradicionais, exercidos com as mulheres entrevistadas que participaram desta pesquisa.

Igualmente, esta perspectiva possibilitou a percepção e o entendimento da importância que tem o reconhecimento das características femininas “em” Deus (aquilo

de feminino que pode ser percebido em Deus), assim como a experiência feminina “de” Deus; (ou seja, da forma na qual o experimentam as mulheres), permitindo resgatar e destacar, os rasgos de ternura, cuidado, amor maternal e misericórdia profunda, como algumas das características essenciais, que servem de base para o exercício do acompanhamento de forma diferenciada.

A pesquisa desde a perspectiva feminista, enfatizou a empatia, a sororidade, a escuta, como elementos fundamentais no processo de acompanhamento, por entender que estes elementos aportam positivamente para a construção de fortes laços de confiança entre as pessoas envolvidas diretamente (pessoa acompanhante e acompanhada), como entre as pessoas e as instituições envolvidas indiretamente (as pessoas e as instituições, comunidades ou grupos com os que estas se relacionam).

Observou-se, também, o papel relevante que têm e exercem as comunidades eclesiais (negativa ou positiva) como espaços nos quais se vivencia a experiência do acompanhamento. Para que cumpram seu papel de forma positiva, devem ser espaços onde se propicie a inclusão, a igualdade, a solidariedade, enfim, a saúde integral das pessoas (física, espiritual, emocional, relacional, etc.), com vista ao seu próprio crescimento. Se evidenciou que este aspecto deixou muito a desejar em relação com a atenção para as situações de crises vivenciadas por este grupo. Elas, na sua maioria, afirmaram que, de forma geral, a comunidade como tal não esteve muito presente, ou não mostrou a sensibilidade ou a empatia esperada frente as suas situações de crise. Segundo elas, muitas nem perceberam o estado profundo de apatia, depressão e solidão na qual elas, suas líderes ou pastoras se encontravam.

De igual forma, outra das funções importantes que as comunidades cumprem no processo de acompanhamento, consiste em serem espaços onde se promova o exercício da escuta empática, como elemento de saúde e transformação nos relacionamentos humanos em todos os níveis. De forma especial, isto foi observado em vários testemunhos que oportunizaram a percepção de que suas necessidades, em parte, pareciam ter uma certa relação com a carência que elas sentiam nas suas comunidades. Nelas, por exemplo, não há espaços de acompanhamento especializado e as mulheres sentem falta de colegas ou de pessoas nas quais possam confiar, porque os espaços e ambientes psicológicos ou psicoterapêuticos não oportunizam o fluir da confiança.

Percebeu-se, igualmente, que aquelas que já passaram por processos psicoterapêuticos ou psicológicos, apontaram diferenças, por exemplo, entre o ambiente da psicoterapia e o ambiente comunitário, entendendo que o ambiente psicoterapêutico, não lhes proporcionava o mesmo “ambiente” de confiabilidade e de cercania. Elas sentem que não é a mesma coisa, mesmo não tendo espaços “semelhantes” nas comunidades. O que elas expressam em relação aos espaços dentro das comunidades é expresso como o esperado.

Não menos importante resulta o fato de que as pessoas que participam no processo de acompanhamento devem conseguir se ver a si mesmas, e as outras pessoas, como “iguais” (o que não acontece com os profissionais); como pessoas que, juntas (pessoa que acompanha e pessoa acompanhada), estão num processo de crescimento e mudança, onde não há hierarquias, exercício indevido do poder ou julgamentos. Noutras palavras, pessoas que, como “iguais”, praticam o respeito, a diversidade, a liberdade e a inclusão. O preocupante aqui não está relacionado diretamente com a falta de respeito, exclusão ou repressão, por exemplo; porém, está relacionado com o distanciamento e a falta de conexão, aproximação ou confiança entre os e as participantes do processo. Com isto não se está querendo dizer que os espaços ou a ajuda psicológica não sejam importantes. O que se está dizendo é que são processos *diferentes*, não excludentes uns dos outros, mas, complementários, porém, diferentes.

A importância de dar valor às pessoas que, no seu momento, estiveram ou estão presentes, com a sua mão estendida e sua disposição voltada toda para ajudar, mesmo que por alguns minutos, num curto espaço de tempo, ou no calor de um abraço aconchegante, que nos faça sentir que os problemas não são eternos, é a forma na qual poderia ser resumida a experiência dos depoimentos.

Pensar nisto renova a esperança. Por isso, é importante a possibilidade de encontrar estas pessoas dispostas para “se fazer” presentes, ou de ser pessoas dispostas a “estarem” presentes para outras pessoas que precisem ser acompanhadas, por uns poucos minutos, no calor de um abraço, ou por um pouco mais de tempo; que estejam dispostas a ir ao encontro daquelas que passam por dificuldades, com certeza, faz a diferença na forma em que as crises se desenvolvem e afetam a vida das pessoas, assim como na forma em que elas são enfrentadas. Em definitivo, desde a perspectiva feminista, o acompanhamento proposto é um

acompanhamento que vá a procura “dos corpos” que precisam, mas, também, que já está a caminho com “os corpos” que precisam.

Pensar na Zínia e no seu espaço de WhatsApp como “espaço seguro”, onde a confiança criada permite esse “papo” que não tem encontrado nos espaços “profissionais”, é motivador. Pensar na Mimosa e o seu desejo de encontrar “colegas” com quem falar daquilo que faz parte das suas vidas e onde cada pessoa sabe e conhece das realidades da outra, sem julgamentos nem preconceito, é motivo para esperar. Criar na comunidade, ou em outros espaços, “wolhaims” onde seja possível que as pessoas possam se sentir acolhidas, entendidas, pertencentes e não julgadas, é um grande desafio das comunidades e dos processos de acompanhamento. O processo de acompanhar requer, de certa forma, disposição, tempo, sacrifícios e muito compromisso, mesmo sendo um processo incerto, que pode acarretar situações e desenlaces que podem ser inesperados para quem acompanha, mas, que devem ser respeitados por fazerem parte do desenvolvimento e da busca que a pessoa acompanhada procura, pois, como mencionado, o importante é onde a pessoa acompanhada quer chegar.

Retomar a prática da liderança exercida em comunidade e em solidariedade, não só na comunidade, mas, especialmente, com os grupos aos quais se quer atender, compreendendo a importância da sua voz, das suas necessidades e dos seus aportes, para encontrar os caminhos que devem ser seguidos para a solução das diversas situações que requerem acompanhamento, é outro grande desafio. Igualmente, realizar e divulgar trabalhos acadêmicos, que continuem perseguindo opções alternativas para melhorar os trabalhos com enfoques e expectativas especiais como estes, além de mostrar as realidades, permitem apontar não só as fraquezas do trabalho realizado, mas, entender que continuam existindo possibilidades; que é preciso, não só se dispor, mas também, exercitar a sensibilidade, a empatia e a criatividade, entre outros, sabendo que este é um trabalho não só da liderança, como também da comunidade em geral.

Portanto, é fundamental ter clareza sobre o papel desenvolvido pela pessoa que acompanha, assim como também, do processo que esta realiza; pois, como percebido e, também, apontado por McFague, isso é de vital importância na reflexão desde a perspectiva feminista. A afirmação da importância que tem a forma ou o modo como chamamos alguma coisa, ou o nome que lhe damos, ou o que ela é ou

representa para nós, em parte, confirma e resume a intencionalidade deste trabalho. Ela permite confirmar que: uma coisa é falar de aconselhamento e outra, de acompanhamento ou psicoterapia, como foi percebido. No entanto, isto parece estar, de certa forma, claro para as mulheres “não casadas” envolvidas em ministérios ou cargos de liderança, porém, não para muitos e muitas profissionais que se encarregam das áreas da ajuda e do cuidado.

Esta afirmação levou igualmente a refletir sobre a importância de que trabalhos e pesquisas nomeiem as pessoas e os processos de forma adequada, sendo este um assunto que, de diversas formas, se constituiu num eixo transversal perceptível ao longo deste trabalho, onde esclarecer palavras e várias definições conceituais, por vezes consideradas polissêmicas, teve um papel significativo no esclarecimento dos termos, das características e das práticas dos mesmos.

Depois de tudo isso, pode-se afirmar que acreditar que o aconselhamento, a psicoterapia, a cura d’almas ou conversação pastoral pode ser considerados, ou podem exercer as funções do acompanhamento, constitui um grande equívoco, pois, como demonstrado, tanto um quanto os outros, têm características diferentes e perseguem objetivos diferentes, além de desenvolver metodologias e promover relacionamentos diferentes.

O que finalmente fica evidenciado é que, nos diversos espaços eclesiais, não se têm abordado “as necessidades particulares das mulheres “não casadas” no exercício dos seus ministérios ou cargos de liderança”, sendo que estas, devem ser refletidas como uma questão diferente e particular, como observado por Mills quando fala do desequilíbrio entre a atenção a pessoas “não casadas” e casadas ou quando alude ao abandono que estas sofrem.

Sendo assim, o presente trabalho confirmou a tese de que as mulheres envolvidas em trabalhos ministeriais e de liderança em comunidades eclesiais, não estão sendo acompanhadas adequadamente, na intenção de superar suas crises particulares. Por conseguinte, isto levou a perceber que as comunidades não contam com espaços ou processos de acompanhamento adequados que lhes ajudem a superar estas diversas situações. O resultado, então, aponta para a urgente necessidade de espaços e processos de acompanhamento a mulheres “não casadas” no ministério, que propiciem a escuta dos gritos silenciosos que precisam ser ouvidos.

REFERÊNCIAS

- AGUSTÍN DE HIPONA. **Confesiones**, lib. IV, cap. 1, n. 1, Obras Completas de San Agustín, t. 2, BAC, Madrid 1968¹, p. 72.
- AIUB, Monica. A arte de escutar. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, Vol. 5, n. 8, jul/dez, 2011.
- ALEMANY, Carlos. **Escutar: uma arte complexa**. Grande Sinal, Vol./No. 50/1, p. 83-94, 1996.
- ALVARADO, Mario Helena. **Acompañamiento vocacional de adolescentes y jóvenes**. 2016. Disponível em:
http://www.celam.org/cebitepal/investiga/investiga589885f470134_06022017_719am.pdf. p.6. Acesso em 24 jun. 2019.
- ALVAREZ Benjumea, Olga Lucía. El Libro de Rut, bordado a mano. *In: RIBLA 67*, Meguilot Enfoque feminista. Quito, DEI, 2010; DE ANDRADE, Altamir Celio. La amistad en el Libro de Rut: Identidades descentralizadas. p. 32. *In: RIBLA 69*, Religión, Culturas e Identidades en la Biblia, Quito, DEI. 2011.
- ALVES, Rubem. **A escutatoria**. Disponível em:
<http://www.caosmose.net/candido/unisinis/textos/escutatoria.pdf>. Aceso em: 07 de maio 2018.
- AMARAL da Costa, Julieta. Emaús: uma experiência de fé, caminho para a autonomia e emancipação. p. 139. *In: SABOYA, Marysa Mourão. Recriar o caminho com as comunidades de Lucas: uma leitura do Evangelho de Lucas feita pelo CEBI-MG*. Belo Horizonte, MG: CEBI-MG, São Leopoldo, RS: Oikos, 2013, p.134-144.
- ANDRADE, Darlane Silva Vieira. **“Solteirice” em Salvador**: desvelando práticas e sentidos entre Adultos /as de classes médias. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2012.
- ARRIETA, 2017, p. 5. O libro a que se faz referência é: BARRY, William; CONNOLLY, William. **La práctica de la dirección espiritual**. Santander: Edit. Sal Terrae, 1982. Traducido para o espanhol em 2011.
- ARRIETA, Lola. Aquel que acompaña *sale* al encuentro y *regala* preguntas de Vida para *andar* el camino. **Simpósio CCEE**, Barcelona, março, 2017.
- AUGUST, Mariluce E. de Melo. **Dilemas do estado civil**: compreendendo as pessoas solteiras. Curitiba: Editora Esperança, 2013.
- ÁVILA, Antonio. **Discernimiento espiritual y acompañamiento pastoral**. Disponível em:
<https://web.unican.es/campuscultural/Documents/Aula%20de%20estudios%20sobre%20religi%C3%B3n/2017-018/4Discernimiento%20esp.%20y%20acomp%C3%B1amiento%20pastoral-A.%20Avila.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2019.
- AVILA, Blanco Antonio. **Acompañamiento Pastoral**. Madrid: PPC Editorial y Distribuidora, S.A. 2018.

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 108.
- BESSA, Daniela Borja. Aconselhamento Pastoral: desafios para a Igreja local. *In: Via Teológica*, Vol. 14, n. 28, dez. 2013, p. 62-74.
- BETANCOURT, Luis Fernando. **El mejor regalo**. p. 114-115. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=9586072231>. Acesso em: 9 abr. 2019.
- BOF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. 2 ed. Rio de Janeiro, 2001.
- BOFF, Leonardo. **Ecclesiogénesis: las comunidades de base reinventan la iglesia**. Santander. Sal Terrae, 1980.
- BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BUHR, João Rainer. **O sofrimento do Pastor**: Um mal silencioso enfrentado por Paulo e por pastores ainda hoje. Curitiba, PR: Editora Esperança, 2017.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CABARRÚS, 2010, P.17-18. Ver também: GÓMEZ Acebo Isabel. La mujer imagen de Dios. *In: ALMOGAREN*: Revista del centro teológico de las Palmas. Gran Canaria: Centro Teológico de Las Palmas. Nº 28. 2001.
- CABARRÚS, Carlos Rafael. **Cuadernos de Bitácora para acompañar caminantes**: Guía psico-histórico-espiritual. 5 ed. Desclée. 2010.
- CARRO Daniel; POE, José Tomás; ZORZOLI, Rubén O. **Mateo: Comentario bíblico**. El Paso: Editorial Mundo Hispano, 1993.
- CARTER, Warren. **Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CASALEGNO, Alberto. **Lucas**: a caminho com Jesus missionário: introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo, SP: Loyola, 2003.
- CASERA, Domenico. **Psicologia e Aconselhamento Pastoral**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CATALÃO, João Alberto e PENIM, Ana Tereza. **Ferramentas de coaching**. Lisboa: Lidel, 2009.
- CCOLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- CERPE. Centro de reflexão e planificação educativa. **Acompañamiento**: Hacia la comprensión del acompañamiento, abril, 2011. Disponível em: http://www.cerpe.org.ve/tl_files/Cerpe/contenido/documentos/Pedagogia/Hacia%20la%20comprension%20del%20acompanamiento.pdf. Acesso em: 9 ago. 2017.

CERPE; ACSI. Hacia la comprensión del acompañamiento. Disponível em: http://www.Cerpe.Org.ve/tl_files/Cerpe/contenido/documentos/Pedagogia/Hacia%20la%20comprension%20del%20acompanamiento.pdf. Acesso em: 9 ago. 2018.

CERPE; ACSI. Hacia la comprensión del acompañamiento. Disponível em: http://www.cerpe.org.ve/tl_files/Cerpe/contenido/documentos/Pedagogia/Hacia%20la%20comprension%20del%20acompanamiento.pdf. Acesso em: 25 abr. 2021.

CLEMENTE DE ALEJANDRÍA. **El Pedagogo**, lib. I, cap. 42, n. 3. Gredos, Madrid 1988.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. 4. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2007.

CLINEBELL, Howard. **Counseling for Spiritually Empowered Wholeness: A Hope-Centered Approach**. Routledge; 1995; **Aconselhamento pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. 4. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2007.

CODIGO CIVIL. Definição de Código Civil. Disponível em: <http://definicion.de/codigo-civil>. Acesso em: 14 jun. 2019.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004.

COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COLLINS, Gary. **The Biblical Basis of Christian Counseling for People Helpers: Relating the Basic Teachings of Scripture to People's Problems**. People Helper's Inc. Colorado, 2001; **Aconselhamento cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

CUESTA, J. D. **Acompañamiento espiritual y la relación de ayuda**: La actualidad de los ejercicios de Ignacio de Loyola, tesina de Licenciatura, UPCO, 1999, p. 150.

CUSTÓDIO FILHO, Spencer. Uma questão de identidade: o acompanhante espiritual. *In: Revista ITAICI*, Vol./ No. 37, 1999.

DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da Teologia Feminista. *In: SOTER (org.). Gênero e teologia*. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas/Loyola/SOTER, 2003. p. 171-186.

DERMIENCE, Alice. Mulheres e Ministérios na Igreja Primitiva. **Revista Grande Sinal**, Ano L. Novembro-Dezembro. Instituto Teológico Franciscano; Petrópolis. 1996.

DICCIONARIO ENCICLOPÉDICO LAROUSSE. Editorial, S.L. Vox 1. 2009. Disponível em <http://es.thefreedictionary.com/acompaa%C3%B1ar>. Acesso em: 9 maio 2017.

DICCIONARIO ENCICLOPÉDICO ONLINE: *La acción o efecto de acompañar o acompañarse. Persona o grupo de personas que acompaña o acompañan a otra u otras. Es el acto y el resultado de acompañar*. Disponível em: <http://es.thefreedictionary.com/acompaa%C3%B1amiento>; e em: <http://www.diccionarios.com/diccionarioenciclopedico/detalle?palabra=acompaa%C3%B1ar&Buscar.x=0&Buscar.y=0&Buscar=submit> Acesso em: 9 maio 2017.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/acompanhar> Acesso em: 17 jan. 2018.

DICIONARIO DE SINÔNIMOS ONLINE. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/acompanhamento/>. Acesso em: 9 mar. 2018.

DICIONARIO ETIMOLOGICO. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/obsequio/> Acesso em: 18 abr. 2019

DICIONARIO MICHAELIS ONLINE. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/luto/>. Acesso em 18 fev. 2020.

DIETRICH, Luiz José; Shigeyuki Nakanose; Francisco Orofino. **Primeiro livro de Samuel**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DINIZ, Daniela. **O treinador que é Coach**. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0778/noticias/o-treinador-que-e-coach-m0043334>. Acesso em: 5 de maio 2019.

DINIZ, Maria Helena. **Dicionário Jurídico**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades: A interpretação de uma mutação**. Porto: Edições Afrontamento, 2006. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2018/09/Livro-dubar_claude_a_crise_das_identidades.pdf. Acesso em: 23 set. 2020.

EL ESTADO CIVIL. El estado civil da las personas Disponível em: <http://civilpersonasucc.blogspot.com.br/2010/08/estado-civil-de-las-personas.html>. Acesso em: 8 jul. 2019.

ESGUERRA, Cavides Mariza. **Nuevas tendencias del estado civil en Colombia**. Disponível em: <https://repository.ucatolica.edu.co/bitstream/10983/7807/4/nuevas%20tendencias%20del%20estado%20civil%20en%20colombia.pdf>. Acesso em 26 jan. 2018.

FABER, Heije; SCHOOT, Ebel Van Der. **A prática da conversação pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 179-188.

FARIA, Almir Linhares de. Ética Pastoral como fruto da vocação. *In: Psicologia e ajuda pastoral*. São Paulo: Nascente/CPPC. 1985.

FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário Escolar Latino-português**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

FIORENZA, Elizabeth. **As Origens Cristãs a partir da Mulher**: Uma nova hermenêutica. São Paulo: Edições PAULINAS, 1992.

FLICK, Uwe. **Uma introdução a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://estudio.folha.uol.com.br/namorados-com-estilo/2016/05/1775779-casamento-e-uniao-estavel-tem-o-mesmo-status-mas-sao-diferentes.shtml>. Acesso em: 25 de janeiro de 2020.

GAEDE NETO, Rodolfo. As comunhões de mesa de Jesus e a Ceia do Senhor. Tear: liturgia em revista, São Leopoldo, n.16, p. 3-8, maio 2005; GAEDE NETO, Rodolfo. **Diaconia em contexto de diversidade religiosa e cultural**: um estudo a

partir de comunidades Afro-brasileiras e das comunhões de mesa de Jesus. São Leopoldo, 2002.

GAEDE NETO, Rodolfo. Banquetes de vida: a diaconia nas comunhões de mesa de Jesus. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 306-318, jul. 2010.

Disponível em:

http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/104/96.

Acesso em 20 de julho de 2019.

GAEDE NETO, Rodolfo. A diaconia e o desafio da contextualização: alimentando a esperança por uma mesa farta de pão e de comunhão. **Identidade**, São Leopoldo, v. 16, n. 2, p. 259-268, 2011.

GAEDE NETO, Rodolfo. **Diaconia no contexto afro-brasileiro**: um estudo baseado nas comunhões de mesa de Jesus. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2014.

GAEDE NETO, Rodolfo. Banquetes de vida: A diaconia nas comunhões de mesa de Jesus *In: Estudos Teológicos*, São Leopoldo v. 50 n. 2 p. 306-318 Julho/dezembro 2010.

GANDINI, Alberto Daniel. **La Iglesia como comunidad sanadora**. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1989.

GATTÁZ, André. **Lapidando a fala bruta**: a textualização em história oral.

Disponível em: <http://gattaz-artigos.blogspot.com.br/2008/04/lapidando-fala-bruta-textualizacao-em.html>. Acesso em: 20 jul. 2016.

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. *In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (org.). Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2008, p. 31-50.

GEBARA, Ivone. Desafios que o movimento feminista e a Teologia Feminista lançam à sociedade e às igrejas. **Estudos Teológicos**, v. 27, p. 153-161, 1987. Disponível em:

<http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1210/1166>.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. **Teologia em ritmo de mulher**, São Paulo, Paulinas, 1994.

GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder: ensaios feministas**. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017

GÓMEZ-ACEBO, Isabel. **Dios también es madre**, San Pablo, Madrid 1994.

GONÇALVES, Elaine. **Vidas no singular**: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo. 2007. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2007.

GONZALEZ- Carvajal Luis. Notícias de Dios, Santander: Editorial SAL TERRAE, 1997 p 229; MCFAGUE, Sallie. **Modelos de Deus**: teologia para uma era ecológica e nuclear. São Paulo: Paulus, 1996.

GONZÁLEZ DE RIVERA y Revuelta, José Luis. Psicoterapia de la crisis. **Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatria**, no. 79 Madrid jul./sep. 2001.

Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0211-57352001000300004. Acesso em 10 jan. 2020.

GONZALÍA Polanco, Zarái. **Mujeres Solteras, Ministerio y Sexualidad: dilemas y desafíos actuales para la práctica pastoral**. São Leopoldo, RS, 2017. 220 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017 Também, disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/804/1/polanco_zg_tm335.pdf. Acesso em 20 jul. 2021.

GRAMATICA.NET. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-acompanhar/>. Acesso em: 9 jun. 2018.

HANMER, Paula; VIANA, Maria Claudia. **Escutar**. Habilidade e Arte: Como escutar pode fazer a diferença entre o sucesso e o fracasso em nossa vida. São Paulo; editora biblioteca, 2017.

HEIMANN, Thomas. **Imagem e identidade pastoral: a desidealização do ministério pastoral a partir da teologia da graça proposta por Lutero**. São Leopoldo, RS, 2016. 400 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2016 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/702/1/heimann_t_td151.pdf. Acesso em 20 jul. 2021.

HEISE, Ekkehard. **Cura de almas: el rescate de un concepto tradicional**. In: Cuadernos de Teología, vol. XVIII. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/216819251/Cura-de-Almas-rescate-de-Un-Concepto-Tradicional-Ekkehard>. Acesso em 12 nov. 2020.

HEISE. E. Martin Lutero e a cura de alma” In: **Cuadrenos de Teología**, Vol. XIX, pp. 245 – 254. Buenos Aires. ISEDET, 200; SATHLER-ROSA, 2013, p. 80-111.

HELKER, Rone Max; SILVA, Edméa Correa. **Aconselhamento: um contraste entre o Aconselhamento Pastoral e a Literatura de Autoajuda**. Faculdade de Pindamonhangaba, Pindamonhangaba, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.funvicpinda.org.br:8080/jspui/bitstream/123456789/477/1/SilvaHelker.pdf>. Acesso em 21 de abril 2020.

HOCH, Carlos Hoch. **Referências ético-teológicas para o Aconselhamento Pastoral na América Latina**. Palestra proferida, na Conferencia Carnahan, no ISEDET. Buenos Aires-Argentina, em outubro de 2009.

HOCH, Comunidade Solidária. **EST-Instituto de capacitação teológica especial**. Serie, Visitação N. 4. 1991.

HOCH, Lothar Carlos. A comunicação como chave do Aconselhamento Pastoral. In: HOCH, Lothar Carlos; NOÉ, Sidnei Vilmar (Orgs.). **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda**. São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2003.

HOCH, Lothar Carlos. **A contribuição da logoterapia e da resiliência para o Cuidado Pastoral dos que sofrem: um diálogo inicial**. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/666. Acesso em: 23 set. 2020.

HOCH, Lothar Carlos. A crise pessoal e sua dinâmica. Uma abordagem a partir da Psicologia pastoral, In: SANTOS, Hugo N. (Editor). **Dimensões do cuidado e**

aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE, São Leopoldo: CETELA, 2008.

HOCH, Lothar Carlos. Aconselhamento Pastoral e Libertação. **Revista estudos Teológicos**. V 29 No. 1, 1989. p. 17-40. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1054. Acesso em 3 outubro de 2019.

HOCH, Lothar Carlos. Algumas considerações teológicas e práticas sobre a pastoral de aconselhamento. **Revista Estudos Teológico**. Vol. 20. No. 2. 1980 p. 87-88. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1348/1298. Acesso em 29 abr. 2019.

HOCH, Lothar. Carlos. Aconselhamento Pastoral e Libertação. **Revista estudos Teológicos**. V 29 No. 1, 1989. p. 17-40. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1054. Acesso em 3 outubro de 2019.

HOCH, Lothar. Carlos. Algumas considerações teológicas e práticas sobre a pastoral de aconselhamento. **Revista Estudos Teológico**. Vol. 20. No. 2. 1980. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudosteologicos/article/view/1348/1298>. Acesso em 29 abr. 2019.

HOCH, Lothar. Carlos. Comunidade terapêutica: em busca duma fundamentação eclesiológica do aconselhamento pastoral. In.: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Fundamentos teológicos do aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998.

HOCH, Lothar. Carlos; HEIMANN, Thomas (Orgs.). **Aconselhamento Pastoral e espiritualidade**. Anais do VI simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008.

HOUAISS, Antonio; KOOGAN, Abrahão. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Delta, 2000. p. 17; e também: DICIONARIO ONLINE DE PORTUGUES. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/acompanhar/>. Acesso em: 8 set. 2018.

ICF – Internacional Coach Federation. Disponível em: < <http://www.coachfederation.org/about/landing.cfm?ItemNumber=844&navItemNumber=617>> Acesso em 14 jul. 2021

INFOPÉDIA. Dicionário Porto Editora da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionários/língua-portuguesa/acoeselhamento>. Acesso em 11 jul. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Uniões consensuais superam casamento civil e religioso. disponível em: <https://arpen-sp.jusbrasil.com.br/noticias/127239479/unioes-consensuais-superam-casamento-civil-e-religioso>. Acesso em 10 mar. 2020.

KAUFMANN, Jean Claude. **A entrevista compreensiva:** um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **O túnel e a luz: reflexões essenciais sobre a vida e a morte**. Campinas, SP: Verus, 2003. P. 52; PAULA, 2009.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 9. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2012. p. 43-54; PAULA, 2009.

LA REPÚBLICA. La unión marital de hecho, un nuevo estado civil. Disponível em: <http://www.larepublica.co/la-uni%C3%B3n-marital-de-hecho-un-nuevo-estado-civil_245186>. Acesso em: 20 jan. 2020.

LAGARDE, Marcela, “**El género**”, fragmento literal: ‘La perspectiva de género’, en *Género y feminismo. Desarrollo humano y democracia*. España, Ed. horas y HORAS, 1996, p. 13-38.

LAGARDE, Marcela. Pacto entre Mujeres. Ponencia del 1º de octubre de 2006 en Madrid. **Revista Aportes**, p. 123-135. Disponível em: <https://www.asociacionag.org.ar/pdf/aportes/25/09/pdf>. Disponível em: 29 jun. 2020

LAGARDE, Marcela. **Los Cautiverios de las Mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. México: Siglo XXI; UNAM. 2014.

LOPES Mercedes. El Libro de Rut, p. 76. *In: RIBLA 52*. Escritos: Salmos, Job y Proverbios, Rut y Cantar de los Cantares, Eclesiastés y Lamentaciones, Ester y Daniel, Esdras/Nehemías y 1, 2 Crónicas. Quito, DEI, 2005, p. 69-78

LOYOLA, Ignacio de. **Obras completas**. p. 751-752. Disponível em: <http://www.fondazioneintorcetta.info/pdf/biblioteca-virtuale/documento1204/Obras.pdf>

MACHADO Siqueira, Tércio. “Lições do livro de Rute”. **Expositor Cristão** 117, n. 9, São Bernardo do Campo: IMS, 2003, p.11-19.

MALDONADO, Jorge E. Intervenção em crises. *In: SANTOS, Hugo N. (Editor). Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral*: contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE, São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 155-182.

MARTÍNEZ, Rupérez María. **El arte de acompañar/nos**: procesos y metodología. Madrid: Caritas Española Editores, 2013. p. 15. “*Por tanto, compañero es aquel con el que compartes habitualmente el pan, y si compartes el pan, compartes la vida, la conversación, los desafíos, los proyectos.*”; GRAMATICA.NET. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-acompanhar/>. Acesso em: 9 jun. 2018.

MAY, Rollo. **A Arte do aconselhamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1976.

MCFAGUE, Sallie, **Modelos de Deus**, São Paulo: Paulus, 1996.

MEANA, Peón Rufino José. **Diálogo pastoral, Acompañamiento, Dirección espiritual y Confesión**. 2017. p. 5. Disponível em: <https://plandiocesanomisionero.com/images/Documentos/Martes%2014.%20Rufino%20Meana.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2019.

MERCIECA Bezzina. Eduardo S.J. O Acompanhamento Espiritual como ministério na igreja. *In: Revista ITAICI*, Vol./No. 37.

MILLS, David. **Solteros: ¿cuál es su sitio en la Iglesia?** Nov. 10 de 2014. Disponível em: <https://es.aleteia.org/2014/11/10/solteros-cual-es-su-sitio-en-la-iglesia/>. Acesso em 20 jul. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES Romeu. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 64.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Corpo**: território do sagrado. São Paulo: Loyola, 2000.

MOLTMANN, Jürgen. El Padre maternal. Patripasianismo trinitário patriarcalismo teológico. **Concilium**, 163 (1981) 385.

MOURA DE S. Maria. A arte de escutar: nuances de um campo de práticas e de conhecimento. **Revista Terceiro Incluído**; v.6. 2016.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

NETO, Antonio Rulli; AZEVEDO, Renato A. A discussão acerca do estado civil do companheiro. **Jusbrasil**. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=a-discussao-acerca-do-estado-civil>. Acesso em: 27 fev. 2020.

NOGUEIRA, Grasiéla; FERMENTÃO, Cleide. O Estado Civil das pessoas que vivem sob o regime de união estável com vistas aos direitos da personalidade. **Revista Jurídica Cesumar**, Curitiba, v. 6, n 1, p. 489-498, 2006. p. 491. Disponível em: <periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revjuridica/article/download/324/182>. Acesso em: 28 jan. 2020.

NOUWEN, Henry J.M. **O sofrimento que cura**. São Paulo: Paulinas, 2001.

NUÑEZ, Mirta. **Qué soy? Soltera? divorciada?**. Disponível em: <<http://bibliotecalmms.Blogspot.com.br/2013/03/que-soy-soltera-o-divorciada-estado.html>>. Acesso em 26 jan. 2020.

OLIVEIRA, Roseli Margareta Kühnrich de. **Cuidando de quem cuida**: um olhar de cuidados aos que ministram a Palavra de Deus. 4. ed. rev. - Joinville, SC: Grafar, 2012.

OLIVEIRA, Roseli Margareta Kühnrich de; NOÉ, Sidnei Vilmar. **Cuidando de quem cuida**: propostas de poimênica aos pastores e pastoras no contexto de igrejas evangélicas brasileiras. São Leopoldo, 2004. Tese de Mestrado. Disponível em: http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/oliveira_rm.htm. Acesso em 24 de julho de 2017.

ORDOÑEZ, Jennifer Stella Marín. *El estado civil de “compañero permanente” en Colombia y la negativa de su reconocimiento en España*. **Revista Críterio Libre Jurídico**-2017;14(1):74-80.

PARKES, Colin Murray. **Luto**: Estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

PATTERSON, Lewis E./ EISENBERG Sheldon. **O processo de aconselhamento**. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

PAULA, Blanches de. **Escuta libertadora**: temas emergentes para o aconselhamento pastoral. Belo Horizonte, MG: Filhos da Graça, 2013.

PAULA, Blanches de. Como no caso de uma doença terminal. Luto e Existência. **Revista Caminhando**. São Bernardo do Campo, v. 11, n. 17, janeiro/junho., 2006.

PAULA, Blanches de. **Corpos enlutados**: por um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto. Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Humanidades e Direito, curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2009.

PAULA, Blanches de. **Pedaços de nós**: luto, aconselhamento pastoral e esperança. São Paulo, SP: ASTE, Editeo, 2011.

PEC Proyecto Educativo Común en América Latina. *Línea estratégica n° 6, literal "d"*. Disponível em: <https://www.javeriana.edu.co/personales/hbermude/areacontable/generales/Pec.htm#:~:text=Es%20un%20instrumento%20corporativo%20de,propuesta%20pr%C3%A1ctica%20y%20les%20da>. Acesso em: 25 abr. 2021.

PESQUISA Nacional Por Amostra de Domicílios (PNAD). 2011, 2012, 2013, e 2014 Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=1&idnoticia=2240&busca=1&t=censo-2010-unioes-consensuais-ja-representam-mais-13-casamentos-sao-frequentes-classes>. Acesso em 27 fev. 2020.

PFEIFFER, Charles F. **Comentário bíblico Moody**/ Volume 1, Gênesis à Deuterônômio. São Paulo, SP: Imprensa Batista Regular, 1993.

POLI, Gian Franco. **Liderança e bem-estar interpessoal nas comunidades religiosas**. São Paulo: Paulinas, 2008.

PROJETO EDUCATIVO Común para América Latina (PEC). Disponível em: <https://www.javeriana.edu.co/personales/hbermude/areacontable/generales/Pec.htm#:~:text=Es%20un%20instrumento%20corporativo%20de,propuesta%20pr%C3%A1ctica%20y%20les%20da>. Disponível em: 25 abr. 2021.

QUEIROZ, Silvia Helena Barreto Silva. **Coaching e aconselhamento pastoral**: um diálogo possível? Dissertação (Mestrado) Faculdades EST, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/591>. Acesso em: 20 jan. 2017

RICHTER, Reimer Ivoni. Mulheres no cristianismo: fragmentos de história em textos e imagens. In: RICHTER, Reimer Ivoni e REIMER, Haroldo. **Leituras: interpretação de textos bíblicos**. São Leopoldo: Oikos, 2013

RED UNIVERSITARIA DE REFERENCIA PARA IBEROAMÉRICA. Universia. **Colombia: crisis en el matrimonio**. Disponível em: <http://noticias.universia.net.co/actualidad/noticia/2013/07/22/1038050/colombia-crisis-matrimonio>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

REGISTRADURIA. Art. 1 y 2 Decreto Lei 1260 de 1970. Disponível em: http://www.registraduria.gov.co/Informacion/preg_frec.htm>. Acesso em: 22 ago. 2019.

RIESMAN, David. **A multidão solitária**, São Paulo: Perspectiva, 1971. (Col. Debates).

RODRIGUES, Aldair. Malungos e parentes: "sumário contra os pretos de Angola do continente de Pernambuco" (1779). In: **Sankofa**, Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano XII, N°XXII, maio/2019.

ROESE, Anete; A abordagem feminista do cuidado espiritual e psicoterapêutico. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50 n. 2, julho/dezembro. 2010.

- ROJAS, Enrique. **O homem moderno: a luta contra o vazio**. São Paulo: Mandarim, 1996.
- ROSENBERG, Rachel Lea; MORATO, Henriette Tognetti Penha. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. São Paulo: EPU, 1987.
- RUETHER, Rosemary R. **Sexismo e Religião: rumo a uma teologia feminista**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993. p. 18
- RUSSELL, Letty M. **La Iglesia como comunidad inclusiva: una interpretación feminista de la Iglesia**. Buenos Aires: ISEDET, San José: Universidad Bíblica Latinoamericana, 2004.
- SABOYA, Marysa Mourão. **Recriar o caminho com as comunidades de Lucas: uma leitura do Evangelho de Lucas feita pelo CEBI-MG**. Belo Horizonte, MG: CEBI-MG, São Leopoldo, RS: Oikos, 2013.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência** - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SALAS, M. Natalia. **Acompañamiento pastoral en tiempo de crisis: "un proceso sanador de consolación y esperanza"**. Disponível em: <http://estudiantesccte.blogspot.com/2012/06/acompanamiento-pastoral-en-tiempo-de.html>. Acesso em 16 jan. 2020.
- SANTA ROSA Júnior, Herinaldo de. **As relações de cuidado transpessoal no acompanhamento pastoral do soro-positivo: um estudo de caso**. Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2009.
- SANTOS, Oswaldo de Barros. **Aconselhamento psicológico e psicoterapia: auto-afirmação - um determinante básico**. São Paulo: Pioneira, 1982.
- SATHLER-ROSA, Ronaldo. **Cuidado Pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral**. São Paulo: UMESP; ASTE, 2004.
- SATHLER-ROSA. Temporalidade e esperança no exercício do cuidado e aconselhamento pastoral. *In: Estudos Teológicos*. V 50, Nº 2 julho/dezembro de 2010.
- SCHEEFFER, Ruth. **Aconselhamento psicológico: teoria e prática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1973.
- SCHEEFFER, Ruth. **Teorias de aconselhamento**. São Paulo: Atlas. 1986.
- SCHIPANI, Daniel S. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- SCHIPANI, Daniel. El Consejo Pastoral como práctica de sabiduría. *In: SCHIPANI, Daniel. Nuevos caminos en psicología pastoral: ensayos en homenaje a Jorge A. León*. Guatemala: SEMILLA, 2011.
- SCHIPANI, Daniel. **Manual de Psicología Pastoral: Fundamentos y Principios de Acompañamiento**, Matanzas: Seminario Evangélico de Teología, 2016.
- SCHIPANI, Daniel. **Mennonite Perspectives on Pastoral Counseling**. Edited by Daniel S. Schipani. Institute of Mennonite Studies. Elkhart, 2007.
- SCHIPANI, Daniel. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

- SCHIPANI, Daniel; JIMÉNEZ, Pablo A. **Psicología y Consejo Pastoral: Perspectivas Hispánicas**. Editores: SCHIPANI, JIMENEZ, Pablo A. Libros AETH (Asociación para la Educación Teológica Hispánica) Decatur, 1997.
- SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. **Dicionário enciclopédico das religiões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *As transformações do aconselhamento pastoral até hoje*. **Revista Estudos Teológicos**, v 56, N^o, 2. Julho/dezembro. 2016.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; HOCH, Lothar Carlos. **Fundamentos teológicos do aconselhamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1998. SCHNEIDER-HARPPRECHT Cristoph; ZWETSCH, Roberto (Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3. ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal/EST. 2011. p. 256-278.
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. **Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista**. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti Editora, 2009; **Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995; SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. Rumo ao discipulado de iguais: a Ekklesia de mulheres. **Estudos Teológicos**, Vol./No. 36/3, 1996, p. 281-296.
- SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Aconselhamento psicológico e psicoterapia: aproximações e distanciamentos. **Contextos Clínicos**, Vol. 7, N^o 1, janeiro/junho 2014.
- SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Aconselhamento psicológico e psicoterapia: aproximações e distancia-mentos. **Contextos Clínicos**, Unisinos, São Leopoldo, 7(1):2-14, janeiro-junho 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983. Acesso em: 10 abr. 2019.
- SIEBERT, Ute. “Hacer Teologia Feminista: entre el cuerpo y la palabra” *In*: **Revista Alternativas**, año 7, n^o 16/17, julio-diciembre, 2000.
- SILVA, Alexandre Castro. **O Psicólogo responde**. Disponível em: <https://opsicologoresponde.com/o-que-faco-3/acompanhamento-psicologico/>. Acesso em: 18 jan. 2018.
- SILVA, Eber Vieira da. **A poimênica em Jesus como paradigma para uma nova abordagem da poimênica na teologia e na vida cristã**. São Leopoldo, RS, 2018. 117 p. Dissertação (Mestrado profissional) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2018 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/897/1/silva_ev_tmp565.pdf. Acesso em 6 de fevereiro de 2019.
- SILVA, Marta Nörnberg da. Cuidado (s) em movimento – a ética do cuidado e a escuta sensível como fundamento do outro. *In*: NOÉ, Sidnei Vilmar. **Espiritualidade e Saúde – Da cura d’almas ao cuidado integral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- SILVEIRA, José Roberto. Pastores em crise: os efeitos da secularização e do neopentecostalismo sobre o clero protestante. **Âncora**, Revista Digital de Estudos em Religião, São Paulo, vol. 1, p. 106-127, 2006. p. 106-7. Disponível em: http://www.revistaancora.com.br/revista_1/04.pdf. Aceso em 24 de outubro de 2019.

SLENES, W Roberto. **Malungu, ngoma vem!**: África coberta e descoberta no Brasil. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1_-_slenes_malungu2001_pag_normal_-_19.04.18_0.pdf. Acesso em 10 de maio de 2020.

SOARES, Esny Cerene. **Aconselhamento pastoral**: história e perspectivas contemporâneas. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1999.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz. **Evangelho de Marcos. Vol I: Refazer a casa**. Petrópolis: Vozes, 2002 e também em: SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz; OLIVA, José Raimundo. **Comentário do Evangelho de Marcos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

SOLÁ, Marcela. **Mujeres ante la Crisis**. Buenos Aires: Lumen, 2005.

STRECK, Edson; WEHRMANN, Gunther. Obreiros podem falar de seus conflitos? *In: Estudos Teológicos*, n. 28 Vol. 3, 1988.

STRÖHER, Marga Janete; WEILER, Lucia. Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo: um estudo das Cartas Pastorais na perspectiva feminista / Marga Janete Ströher (São Leopoldo: EST/IEPG, 2002) [Recensão]. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, n. 46, p.148-151, 2003.

STRÖHER, Marga. **A Igreja na casa dela**: papel religioso das mulheres no mundo Greco-Romano e nas primeiras comunidades cristãs. São Leopoldo: IEPG, EST, 1996. 34 p. (Ensaio e monografias 12).

STUMPF, João Henrique. **Entre o consolo e a profecia**: poimênica da libertação diante de desafios pastorais contemporâneos. São Leopoldo, RS, 2017. 154 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/767/1/stmpf_jh_tm332.pdf. Acesso em 6 de fevereiro de 2019.

TERESA DE JESÚS. **Camino de Perfección**, cap. 31, 9, Obras Completas, BAC, Madrid, 1974.

ULLOA, Castellanos Sergio. A igreja como comunidade de saúde integral, p. 101-118. *In: SANTOS, Hugo N.; HOCH, Lothar Carlos. Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral*: contribuições a partir da América Latina e do Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008.

UNIÃO ESTÁVEL. Disponível em: <http://estudio.folha.uol.com.br/namorados-com-estilo/2016/05/1775779-casamento-e-uniao-estavel-tem-o-mesmo-status-mas-sao-diferentes.shtml>. Acesso em 24 de outubro de 2019.

VAN BREEMEN, Piet. Acompañamiento Espiritual hoy. **Revista Manresa**, Vol. 68. 1996.

VECCHI, Benedetto. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

VERÓN, Cárdenas Salvador. Alguns pressupostos do acompanhamento espiritual. *In: Revista ITAICI*, Vol./No. 37, 1999.

VILLACEPELLÍN, A. Modificadores de conducta en los Siglos XVI Y XVII: El "Examen Particular" de Ignacio de Loyola. *In: Revista de Psicología general y aplicada*, Vol. 42, nº. 4, 1989, p. 525-531

VILLACEPELLÍN, A. Un Psicólogo español del Siglo XVI precursor de la terapia cognitivo-conductual. *In: Revista de Psicología general y aplicada*, Vol. 44, nº. 3, 1991, p. 363-373.

VILLARREAL, Montoya Cecilia. La soltería en mujeres de mediana edad. *Rev. Reflexiones* 87 (1): 99-111. 2008. p. 101. Disponível também em: <https://www.redalyc.org/pdf/729/72912553007.pdf>. Acesso em: 25 de janeiro de 2020, p. 101.

WARD, Edwina. Escutar com o coração: o significado da presença no aconselhamento pastoral. *Estudos Teológicos; EST, CAPES: São Leopoldo* v. 51 n. 2 p. 334-344 jul./dez. 2011.

WHITMORE, John. **Coaching para performance**: Aprimorando pessoas, desempenhos e resultados: competências pessoais para profissionais. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2010.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler; HERNÁNDEZ, Carlos José. **Aprendendo a lidar com crises**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

XAVIER, Fernanda Dias. **União estável e casamento**: a impossibilidade de equiparação à luz dos princípios da igualdade e da liberdade [recurso eletrônico] Brasília: TJDFT, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4079>. Acesso em 11 de agosto de 2020.

ZARACHO, Rafael. **Consejería Pastoral**. Buenos Aires: Lumen, 2007.

ZUBIRIA, Georgina. A espiritualidade del ministerio pascual. p. 237-253; *In: GEBARA, Ivone. Teologia con rostro de mujer*. Managua: Editorial LACASIANA, 2000.

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Acompanhamento com Mulheres “não casadas” no Ministério: O grito silencioso que precisa ser ouvido.

Nome da Pesquisadora: Zaraí Gonzalía Polanco
Nome do Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto
Nome do Co-orientador: Prof. Dr. Nilton E. Herbes

1. **Natureza da pesquisa:** A Sra., está sendo convidada a participar desta pesquisa que tem como finalidade estudar as realidades particulares de mulheres solteiras em exercício ou que já exerceram cargo/s de liderança e/ou ministério/s, a procura das principais ações pastorais implementadas para o acompanhamento, dos dilemas presentes no dia a dia das suas funções, na sua interação com as outras pessoas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/2012 – item IV do Conselho Nacional de Saúde.
2. **Participantes da pesquisa:** Serão entrevistadas 6 (Seis) mulheres solteiras, brasileiras, maiores de 18 anos, que fizeram ou fazem parte de um ministério e/ou grupo de liderança de uma comunidade cristã.
3. **Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo a Sra. permitirá que a pesquisadora Zaraí Gonzalía Polanco realize pesquisa através de questionário e que, se houverem entrevistas, com seu prévio consentimento, faça registro de áudio assim como uso destas informações e das respostas obtidas como recurso de análise para esta pesquisa. A Sra. tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.
4. **Sobre as entrevistas:** Para a pesquisa se aplicará um questionário que constará de sete (7) perguntas básicas, que serão respondidas pelo público, previamente determinado pela pesquisadora e seu orientador. Logo se procederá à primeira transcrição literal da gravação (lapidação), apresentando com a maior fidelidade possível, a informação contida. Terminado este processo, se procederá à revisão, para tirar todo àquilo que possa estar distorcendo o depoimento, ou que faça o texto incompreensível (textualização). Depois, se procederá a compartilhar com a entrevistada para permitir-lhe se reconhecer nele e, assim, obter a sua apreciação (conferência e legitimação), como também realizar as correções necessárias. Finalmente, se fará então o processo de análise e interpretação do material.
5. **Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa a través da realização das entrevistas não traz desconfortos ou complicações legais que representem riscos à sua dignidade.
6. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas nesta pesquisa servirão de base para estudar, investigar e refletir sobre quais tem sido as metodologias e/ou estratégias específicas de “acompanhamento”, desenvolvidas em comunidades eclesiais; sua relevância e/ou pertinência e as alternativas de acompanhamento que, entre suas ações e de forma significativa, considerem as experiências e necessidades particulares das mulheres solteiras das comunidades eclesiais e de que forma estas afetam sua relação com o meio no qual se desenvolvem (nas famílias, nas comunidades e na sociedade em geral). A identificação das pessoas envolvidas será preservada no anonimato. Por tanto,

os nomes das pessoas e lugares serão modificados para garantir a total confidencialidade e anonimato das participantes. A pesquisadora se compromete a guardar as informações das entrevistas (gravações, transcrições e TCLEs), durante cinco anos. Somente a pesquisadora e o orientador terão conhecimento dos dados.

7. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa a Sra. não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes que possam servir de base para contribuir na construção de comunidades eclesiais mais igualitárias, menos excludentes e, por tanto, mais acolhedoras; que a sua vez contribuam a sociedade como um todo, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir para a mudança e/ou fortalecimento nos processos de acompanhamento das comunidades representadas pelas mulheres participantes. Os resultados da pesquisa serão apresentados num trabalho final (tese), onde a pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos. Este será colocado à disposição, para sua consulta pública, em forma física e digital na Biblioteca da EST. Além serão procurados espaços institucionais e/ou eclesiais onde participem as comunidades, as entrevistadas e a lideransa, na Colômbia e no Brasil, com o propósito de socializar os resultados da pesquisa.
8. **Pagamento:** a Sra. não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa e assino este em duas vias de igual teor, permanecendo uma via comigo e outra com o/a pesquisador/a.

NOTA: A entrevista foi feita via whatSapp, devido ao isolamento social por causa da COVID-19

Nome da Participante da Pesquisa

Assinatura da Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora

Local e data

TELEFONES

Pesquisadora: _____

Orientador: _____

Nome e telefone de um membro da Coordenação do Comitê de Ética em Pesquisa: Walmor Ari Kanitz.

ANEXO 2 - TERMINO DE CONCENTIMIENTO

Yo _____ portadora del Documento de Identidad/Pasaporte nº _____ de _____; residente en el domicilio: _____ Bogotá, Colombia, declaro que estoy plenamente de acuerdo y participaré del proyecto “La **Comunidad Eclesial como ‘Acompañante’ de viaje: Relevancia del Acompañamiento Eclesial con mujeres solteras**”; con número de CAEE: 22214619.1.0000.5314 presentado ante el Comité de Ética de las Facultades EST y producido por a estudiante **Zaraí Gonzalía Polanco**, (investigadora responsable por el trabajo de Tesis de Doutorado antes mencionado), quien utilizará los datos obtenidos en la entrevista de 2017, como subsidio de análisis para este trabajo, el cual será orientado por el Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto.

Documento emitido con copia idéntica.

Nombre de la Participante de la investigación

Firma de la Participante de la investigación

Local y fecha

INFORMACIONES COM:

Investigadora: Zaraí Gonzalía Polanco (Tel.) _____

Orientador: Rodolfo Gaede Neto. (Tel.) _____

Nombre y teléfono de un miembro de la Coordinación del Comité de Ética en Investigación: Walmor Ari Kanitz (51) 21111455

ANEXO 3 - CARTA CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM ENTREVISTAS

Estimada Pastora
Receba minha cordial saudação.

Meu nome é Zaraí Gonzalía e estou entrando em contato com você por indicação do Professor, Dr. Nilton E. Herbes e, antes de continuar, quero contextualizar um pouco esta comunicação.

Sou colombiana, cheguei a São Leopoldo em 2015 com a intenção de iniciar meu mestrado na área de Teología Prática e formei-me como Mestra em Teologia do PPG da Faculdades EST, em julho de 2017. Em agosto do mesmo ano iniciei no nível de doutorado e atualmente estou cursando o sexto semestre na mesma instituição. Sou bolsista da CAPES.

Meu principal foco de pesquisa são as mulheres solteiras das comunidades eclesiais (mulheres que nunca casaram, separadas, divorciadas, viúvas e/ou em regime de união estável), que tenham exercido ou exerçam algum ministério e/ou cargo de liderança.

No Programa de Mestrado desenvolvi uma pesquisa cujo título foi: “Mulheres solteiras, ministério e sexualidade: Dilemas e desafios atuais para a prática pastoral” (O trabalho está em espanhol), sob a orientação do Professor Dr. André S. Musskopf. O objetivo principal da pesquisa foi: tentar responder á pergunta sobre: Quais as argumentações que apoiam e promovem a exclusão, a dominação, a proibição da sexualidade e a invisibilidade das mulheres solteiras em exercício do/s seu/s ministério/s ou cargos de liderança? Os resultados se encontram disponíveis na biblioteca da EST em formato escrito e também digital. (GONZALÍA POLANCO, Zaraí. **Mujeres solteras, ministerio y sexualidad: dilemas y desafíos actuales para la práctica pastoral.** São Leopoldo, RS, 2017. 220 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/804/1/polanco_zg_tm335.pdf).

Para meu doutorado, continuo trabalhando com o mesmo público, porém, meu tema de pesquisa versa sobre “Acompanhamento” com mulheres solteiras em cargos de liderança ou ministérios. Nesta oportunidade, sob a orientação do Professor Dr. Rodolfo Gaede Neto e a co-orientação do Professor Dr. Nilton E. Herbes. O título

provisório da tese é: *“A comunidade eclesial como “Acompanhante” de viagem: relevância do Acompanhamento eclesial com mulheres solteiras” (em exercício de ministérios e/ou cargos de liderança)*. A intenção deste novo trabalho, como seu nome indica, é aprofundar sobre os processos, características e relevância do **“Acompanhamento”** e não Aconselhamento, para com este grupo particular, nos seus trabalhos específicos, tema que inicialmente foi projetado para ser incluído no trabalho anterior, mas que devido a questões de tempo e espaço não foi possível.

Sendo assim, o propósito desta comunicação é consultar se você estaria interessada em fazer parte desta pesquisa e contribuir com sua experiência, participando de uma entrevista, que será gravada e transcrita, constando de 7 perguntas.

Já encaminhei o projeto de pesquisa para o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade, o qual foi aprovado e prevê as devidas regras de coleta, análise, sigilo e divulgação das informações.

Caso você aceite participar da pesquisa, podemos marcar um encontro, para nos conhecermos e compartilhar mais sobre a pesquisa, falar sobre qualquer dúvida que possa requerer algum esclarecimento e finalmente realizar a entrevista. Fico no aguardo de uma resposta da sua parte.

Sendo o que havia para o momento, me despeço, desejando que nosso bom Deus continue abençoando ricamente sua vida e seu ministério.

Cordialmente,

Zaraí Gonzalía Polanco.

ANEXO 4 – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- 1 Mencione alguns dos principais dilemas/dificuldades ou crises pessoais que enfrenta ou tens enfrentado (emocionais, laborais, sexuais, relacionais) no exercício do teu/s ministério/s e/ou cargos de liderança como mulher solteira (solteira, divorciada, viúva ou de regime de união estável).
- 2 Entre esses dilemas, qual ou quais tem sido ou estão sendo o/os mais difíceis de enfrentar/superar e por quê?
- 3 Você recebeu ou está recebendo ajuda e de que tipo, para enfrentar/superar essa situação?
- 4 De donde veio ou vêm à ajuda e em que consistia ou consiste? (Por exemplo: a ajuda veio... da comunidade, de um/a amigo/a, um/a Pastor/a, de um/a profissional - Psicólogo/a, Psiquiatra, Psicoterapeuta; e consistia em... encontros semanais, ocasionais ou esporádicos, por telefone, internet; conversas, orações, sugestões de leituras, conselhos, diálogos, terapia de grupo, sermões, etc.).
- 5 Acredita que os processos, mecanismos e ajuda recebida têm sido eficazes? Sim. Não. Por quê?
- 6 Considera importante/relevante que existam mecanismos de ajuda específicos para mulheres solteiras envolvidas em ministérios e/ou cargos de liderança? Quais e Por quê?
- 7 Alguma sugestão a respeito do trabalho com as mulheres solteiras na comunidade e/ou no ministério?

ANEXO 5 – ENTREVISTAS

Entrevistas.

As entrevistas estão organizadas em ordem alfabética, não em ordem cronológica, da seguinte forma:

1. Amor perfeito
2. Dália
3. Girasol
4. Glicínia
5. Jasmim
6. Lila
7. Líria
8. Margarita
9. Mimosa
10. Orquídea
11. Tulipa
12. Violeta
13. Zínia

Se esclarece que as opiniões aqui expressas, correspondem ao sentir e experiência de cada pessoa entrevistada e não a posição oficial institucional de nenhuma das comunidades das quais fazem parte.

1. ENTREVISTA A AMOR PERFEITO

P. Bom, boa noite, estamos com Amor Perfeito, outra das mulheres que gentilmente se dispôs para nos colaborar com nossa pesquisa. Boa noite Amor Perfeito, como você está?

AP. Boa noite, estou bem, graças a Deus.

P. você já conhece a dinâmica da entrevista, então vou começar com a primeira pergunta. Gostaria que você me compartilhasse um pouco sobre alguns dos principais dilemas, dificuldades ou crises que você tenha enfrentado no tempo do seu ministério ou do cargo de liderança que você tenha exercido.

AP. Principalmente os problemas que eu tenho, são mais emocionais. São complexos de inferioridade, nesse sentido, assim. De me sentir incapaz também sentimentos de

culpa, a gente carrega com tudo isso, verdade, em função de ouvir algumas coisas de algumas pessoas. Dizendo que... inclusive teve uma ocasião que eu fui liderar um grupo que o pastor não pode no momento estar, e ele passou para mim, me encarregou liderar o grupo naquela noite; e teve uma pessoa que falou: 'pessoas separadas não podem ser líderes'. Mas Deus é tão bom que no momento eu não captei isso, eu fui ver isso depois. Mas isso marca muito a gente. Na época sim. Agora não já não se olha mais tanto para essa dificuldade assim, de pessoas solteiras. Na época era bem pior.

Enfrentei também uma situação assim, bem difícil, com uma pessoa esposo de uma amiga, por que os homens pensam em geral que as mulheres que são separadas elas são fáceis de 'levar na conversa', tipo isso, né? E isso foi... isso até hoje me faz muito mal.

P. Entre esses dois dilemas que você acaba de mencionar, qual desses tem sido o mais difícil de enfrentar ou de superar?

AP. Eu acho que o sentimento de inferioridade acho que isso.

P. você diz que é divorciada.

AP. Sim, divorciada

P. você recebeu algum tipo de ajuda para superar essa situação, esse momento de divórcio, de separação. Você recebeu ajuda? Algum aconselhamento, acompanhamento?

AP. Sim, eu fui a buscar ajuda com um pastor. E esse não era um pastor da minha comunidade. Um pouco já tal vez por aquele sentimento de inferioridade, eu procurei uma pessoa de fora da comunidade, na época e esse pastor, também pastor da IECLB, hoje já falecido, Ele me ajudou muito. A palavra que ele dizia sempre era: "Eu vou estar contigo, até onde tu precisar", e aquilo ali, me fortalecia muito. Então foi assim uma pessoa que eu sou a vida toda muito grata a ele; a esposa nem tanto, mas ele ajudou muito. Em oração também. Sempre que eu precisava, eu tinha liberdade de ligar, ligava para ele, e a gente orava junto e também em relação a aconselhamento, ele também aconselhava, porque num momento assim, a gente confunde os sentimentos, e ele me dava muitas orientações.

P. Mas essa ajuda, foi você que procurou? Ou, eles estiveram dispostos a dar?

AP. Não! Eu fui procurar.

P. Da parte deles não veio nenhuma ajuda oferecida para ajudar a superar?

AP. Não.

P. você mencionou que a ajuda consistiu em conselhos, orientações, mas principalmente o fato dele estar presente para acompanhar você até onde fosse possível.

AP. Sim.

P. você como qualificaria essa ajuda de acompanhamento ou aconselhamento?

AP. Aconselhamento. Acho que aconselhamento.

P. O que seria para você um acompanhamento?

AP. Acompanhamento, eu penso que seria quando uma pessoa ela se propõe e vem, vem contigo. Mas eu que tinha que buscar sempre que eu precisava.

P. Acredita que esses processos, mecanismos de ajuda que foram dados para você, foram eficazes, serviram o acha que ficou faltando alguma coisa?

AP. Olha eu creio que serviu muito no período que eu buscava essa ajuda. Teve um momento assim, que eu percebi, eu entendi assim, olhe, você precisa andar com as suas próprias pernas; eu entendi isso. Eu também, talvez, por mim mesma, eu pensava que eu estaria, de novo, exigindo muito, de uma pessoa e a partir daquele momento eu comecei a tomar minhas próprias decisões e andar de acordo com aquilo que eu entendia, e a medida que eu ia buscando a Deus, buscava o entendimento de Deus. Muitas vezes era bem difícil, no momento que eu decidi andar sozinha, mas a gente vai aprendendo a enfrentar as situações, eu sou alguém assim, que eu enfrento as situações; eu não fujo delas. Então esse é meu jeito de ser, meu temperamento também, penso que me ajudou muito.

P. você considera que é importante que existam mecanismos de ajuda específicos para as mulheres solteiras nas comunidades, qualquer que ela seja (solteira, divorciada, etc.)

AP. Acho que é muito, muito necessário. Muito necessário. É um período assim, da vida, principalmente de quem é divorciado, muito difícil da pessoa conseguir superar. Então é muito necessário, na igreja, ter pessoas que se voltam para esse tipo de pessoa; para essas mulheres. Homes também, homens também, lógico.

P. você lidera um grupo de pessoas sozinhas, gostaria de compartilhar para mim, um pouco desse trabalho que vocês fazem ali?

AP. O trabalho que a gente faz, ele vem de um trabalho maior onde a gente está envolvido, que nosso grupo é 'jovens adultos' e tem um grupo inter-denominacional, não sei se você conhece, que está voltado para essas pessoas sozinhas, então tem encontros anuais aonde eu passei a participar; no início levei junto comigo duas

peças e a partir de ali a gente gostou muito desse trabalho e a gente então começou desenvolver na nossa comunidade; inicialmente com a ajuda de um pastor da época, e hoje, a gente atualmente está trabalhando sozinho. O que é que a gente faz? A gente como eu já passei por essa dificuldade, a gente estudou livros que traziam essa ajuda, eram livros que vinham ao encontro das necessidades, para superar situações e algo que a gente também faz é que a gente tem um tempo aonde cada uma pode colocar as suas necessidades, e eu procuro sempre fazer com que as pessoas se sentam ali acolhidas. Também é uma programação mais livre. Tem a parte espiritual também, aonde se faz a leitura desses livros, que tem versículos bíblicos. Sempre tem uma mensagem voltada para o lado espiritual; mas também, tem momentos de descontração, brincadeiras de grupos; sempre cada uma traz algo e nós compartilhamos o alimento. São momentos de descontração aonde se conversa, aonde cada um pode se sentir à vontade e também compartilhar das suas dores. Foi assim, um tempo muito bom isso. Hoje, nessa pandemia (Covid-19) as pessoas se sentem sós, sentem muita falta, mas, infelizmente, no momento, não tem como fazer melhor.

P. Esse grupo que você trabalha faz parte dos outros grupos da comunidade ou é um grupo que trabalha aparte da comunidade?

AP. Aparte.

P. Não foi uma iniciativa da liderança da igreja?

AP. Não. Não foi uma iniciativa da liderança.

P. Como nasceu o grupo?

AP. foi uma iniciativa de fora, mais há um período atrás houve um pastor que acompanhava bastante o grupo, onde a gente tinha também retiros. Só que hoje posso assim, dizer que nós andamos sozinhos. Não que a gente seja colocada de lado: nós temos nosso lugar na igreja; mas, a gente anda... faz a programação, Claro! o pastor ele sempre sabe, eu compartilho com ele; mas, ele não se envolve com a programação.

P. vocês são autônomos nesse sentido.

AP. Sim, nesse sentido somos autônomos.

P. Dentro das problemáticas que se apresentam no grupo quando compartilham, as mulheres, que dizem das principais problemáticas delas? Elas são divorciadas, viúvas ou nunca casaram?

AP. Algumas são viúvas, tem algumas que não casaram, também; e divorciadas também.

P. você falou que ao todo eram umas 20 pessoas?

AP. São, 24 pessoas. Eu estive olhando e uma acabou de falecer, então são 23. Faleceu há uma semana atrás, mais o menos; pegou o vírus e acabou falecendo.

P. Oh, que pena! Há alguma sugestão que você gostaria de falar para o trabalho com este grupo, por exemplo, nós gostaríamos de alguma coisa em especial para o grupo, como grupo de mulheres solteiras.

AP. Uma das coisas que muitas vezes é uma dificuldade, porque como são pessoas sozinhas, o problema financeiro existe, então outros grupos recebem muitas vezes ajuda para fazer um retiro, e nós não temos essa ajuda. Então, que as comunidades também pudessem auxiliar financeiramente esses grupos, e eu penso que uma coisa para as pessoas serem valorizadas que elas fossem incluídas nos trabalhos da igreja para que elas se sintam valorizadas pela igreja. Eu acho que são duas coisas que são bem importantes.

P. Perfeito, Amor Perfeito, eu acredito que de uma forma simples, mas, o que você tem trazido da sua experiência, também vai enriquecer a pesquisa. Cada pessoa tem uma experiência particular e isso é que queríamos registrar no nosso trabalho. Então eu ainda acredito que a gente vai ter tempo de compartilhar e se dar um abraço.

AP. Está bem, isso aí. Com certeza.

P. Deus abençoe. Muito obrigada!

AP. De nada, eu espero ter ajudado de alguma forma.

P. Eu acho que sim, muito obrigada! Boa noite!

AP. Boa noite.

2. ENTREVISTA A DALIA

P. Buenos días Dalia

D. Buenos días Zaraí.

P. Muchas gracias por aceptar la invitación a participar de esta entrevista. Esperemos que los resultados después sean favorables para el trabajo que queremos desempeñar

D. gracias también por la invitación

P. Dalia, voy a comenzar con las preguntas para nuestra entrevista de esta mañana. Cuéntame un poco sobre ti, ¿cómo llegaste y desde cuando haces parte de esta comunidad?

D. Bueno, yo llegué hace más o menos unos 27 años, creo que voy para los 28, invitada por una pareja que asistía a esta comunidad y estaban desarrollando un liderazgo. Ellos vivían cerca a mi casa y un día el carro se nos varó y ellos nos prestaron un servicio para desvararnos del carro y a partir de ese momento establecimos una relación. Ellos nos hablaron del evangelio, nos invitaron a esta comunidad y desde esa época estoy acá. Veníamos con mi esposo cuando yo estaba con él, pero ahora estoy asistiendo sola, porque el ya no está asistiendo acá. Estamos divorciados, hace ya un tiempo y yo continúe aquí en esta comunidad.

P. ¿En qué espacios ministeriales haz participado o estás participando; cómo te eligieron para ese cargo ministerial, cuánto tiempo, ¿cuáles son tus funciones? Cuéntame un poco acerca de esto.

D. Bueno, he desarrollado diferentes ministerios. Inicié en un proyecto que hay en la iglesia, que trabaja con personas necesitadas. Fuimos los fundadores de ese proyecto de ayuda mutua, junto con un hermano de aquí de la comunidad. También estuve trabajando en el consistorio de la iglesia; he pertenecido al grupo de discipulado y también he coordinado escuela dominical. He trabajado en diferentes áreas de nuestra comunidad, he desarrollado liderazgo de coordinación en trabajo social, que ha sido un trabajo de todas las iglesias de la denominación en Colombia. Fui la coordinadora en un proyecto de acompañamiento pastoral a familias en situación de desplazamiento; he trabajado como coordinadora de un comedor comunitario que fundé, en un sector marginal de las afueras de la ciudad y también como coordinadora pastoral de ese sector. Fundé también una comunidad eclesial, he trabajado como líder, representando a los estudiantes en el Seminario. Ahora estoy como coordinadora de todo lo que es el trabajo con las comunidades eclesiales de Bogotá y el sector de Soacha y también estoy desarrollando la escuela dominical de la congregación a donde asisto.

P. Cómo te eligieron y por cuánto tiempo, si recuerdas, en algunos de esos ministerios.

D. Bueno, lo que fue la pastoral, envié mi hoja de vida, me hicieron la entrevista; luego después me llamaron a ocupar el cargo. Ese cargo era por cinco años y luego lo aumentaron a otros cuatro años, prácticamente fueron como 9 años. En el comité Regional, era la vice presidenta y cuando la presidenta renunció, entonces me eligieron en una mesa directiva para que ocupara el cargo de coordinadora regional y ya llevo un tiempito trabajando como Coordinadora Regional. Siempre ha sido por

parte de la comunidad, la comunidad es la que ha elegido los diferentes pastores o líderes; son los que también eligen, quien va a participar en que.

P. En cuanto a tus funciones...

D. Mis funciones, en la coordinación general, es convocar a reuniones, hacer proyecciones con las iglesias, tener un plan de trabajo con todas las comunidades y en esas comunidades, pues van involucrando familias por ejemplo en pastoral a desplazados. Con familias que están en situación de desplazamiento trabajo lo que es la parte eclesial y la parte social. Entonces es todo un programa integral que se trabaja acompañando estas familias de la iglesia. También trabajamos con ellos todo lo que es el discipulado, el acompañamiento en el dolor, en el trauma; desde la fe. También se han acompañado comunidades. Ha sido para ellos, el alivio que a ellos les ha ayudado como a despertar esa esperanza y esa confianza en Dios, y es el trabajo que hemos hecho.

En las iglesias fue un trabajo muy interesante, de ver que muchos tenían temor de trabajar en estos proyectos, pero vieron los resultados de como las familias que llegaban a la iglesia tenían unos cambios muy buenos. Esos cambios de tener esa esperanza y confianza en el Señor y también trabajar mucho con ellos, se vio esa parte de la reconciliación y perdón de estas familias hacia aquellos que les habían hecho daño y eso ayudo a que otras de las familias pudieran fortalecerse.

P. ¿Cómo ha sido tu experiencia en el desarrollo del ministerio?, tu propia experiencia; ¿cómo te has sentido, como mujer divorciada?

D. Pues para mí fue y ha sido una bendición porque cuando yo inicié en la iglesia, inicié como pareja, con mi esposo y trabajé en varias áreas en mi comunidad local. Pero ya después cuando empecé a ser coordinadora nacional de este proyecto; entendía a aquellas familias y lo sentía en carne propia porque acababa de perder apartamentos, acababa de perder mi esposo, mi hogar. Esto me ayudó también como a entender a estas personas que también lo habían perdido todo. De una manera diferente; pero sentía también como ellos, el dolor, su impotencia y no poder lograr salir adelante. Para mí fue una terapia, fue como una salida, un escape, el entender que esto me ayudaba a servir a otros, a pesar de la situación que yo estaba viviendo, pero para mí fue una bendición.

P. ¿Crees que el hecho de ser una mujer divorciada, ha interferido en el ejercicio de tu ministerio?

D. Pues yo, personalmente creo que (se queda pensativa, duda en responder) ... para mí, fue algo para servir al Señor. Siento que me ha dado libertad, porque cuando en determinado momento estaba, con mi esposo, el no permitía que yo saliera, que yo estuviera determinado tiempo afuera. Siempre me decía que la mujer debía estar en

la casa, que yo no tenía por qué estar perdiendo el tiempo o mirando o ayudando a otros si no servía en la casa. A pesar de que siempre yo fui una mujer muy laboriosa y nunca dejé mis obligaciones que me correspondían. Para mí también fue esta parte del ministerio un aprendizaje, fue una terapia. Pero también fue como entender, cuál es el plan que tiene el Señor para mí y como le puedo servir, a pesar de no tener un compañero, para mí no es difícil; pero quizás para otros sí.

Uno se da cuenta alrededor de otros que como no tiene pareja no puede desarrollar un pastorado, no puede ser una pastora porque si no tiene una pareja al pie, como que la pareja, el hombre es el que lo representa a uno y no miran quizás las capacidades que uno tiene para trabajar como pastora o como líder. Siempre tienen como esa imagen de que debe ir acompañada de alguien; de otros, pues así lo han entendido. Y uno da también el testimonio y el trabajo y la responsabilidad, qué ha hecho y lo aceptan y lo reciben bien.

Pero siempre esa imagen de que la mujer está enmarcada en que tiene que tener un compañero, quizás, porque, si es mujer, de pronto sienten celos, o de pronto sienten temor o sienten que bueno, que...la mujer puede hacer algo fuera de lugar y si son los hombres, dicen esta es una rebelde; esta, quien sabe por qué la dejó el marido o por qué... bueno. Entonces tienen como esa imagen y se van haciendo preconceptos. Inclusive en que ni le preguntan a uno qué ha pasado, por qué se separó; sino únicamente ya lo enmarcan, y ya como que colocan una barrera para uno poder desarrollar ese ministerio a cabalidad o con libertad, o con toda la responsabilidad también que conlleva esto.

P. Entonces, ¿hasta cierto punto tu si sientes que ha interferido un poco eso de ser una mujer divorciada en el desempeño de tu ministerio?

D. Sí, sí porque, pues la gente no dice, no se lo dice a uno directamente, pero uno siente como esa barrera; uno siente que, bueno y está sola, esta si será capaz?, ¿si se podrá desarrollar? que ha pasado? A pesar de que mi comunidad conoce mi vida y sabe cuál ha sido mi obrar y mi testimonio; pero hay otros, y lo he visto en otras comunidades, en otras iglesias, uno dice que es divorciado y ahí mismo como que dicen (gestos de dudas) no sé si podrá predicar; si la iglesia la recibirá sabiendo que es divorciada. Porque siempre se tiene la figura que la familia, es donde hay hombre y mujer, si no, no es familia. Yo tengo hijas, soy cabeza de familia y ellas me respetan y me valoran; y hasta ahora nunca me han dicho, no, mi mamá no ha podido representarnos aquí en nuestra familia o en nuestra casa. Sino ellas se han dado cuenta del trabajo y el testimonio que yo he dado y no hemos necesitado de la figura de un barón para poder surgir o seguir adelante o Yo, poder desarrollar mi ministerio.

Es difícil, pero bueno... el Señor es el que lo va guiando a uno y va ayudándole a tener claridad quien es, cómo debe ser, cuando debe ser, para que el Señor nos tiene en

este momento y porqué permitió también esa situación de separación; porque yo llevaba más de 30 años de matrimonio. Entonces uno dice: uy, tantos años... Es difícil..., pero nunca es tarde y siento que también la mujer puede desarrollar ministerios sin necesidad de tener un hombre al lado.

P. ¿Hace cuánto tiempo se separó?

D. Voy a cumplir diez años.

P. ¿Y desde esa época usted siente que pudo ejercer con mejor libertad su ministerio?

D. Claro!, claro!, sí he sentido que... es más, he tenido la posibilidad de capacitarme, de formarme, de distribuir mi tiempo de no vivir con temor ni con angustia de no tener que estar pensando, voy a llegar y voy a tener un problema, de no tener que enfrentar cuestionamientos. Bueno, he podido distribuir mi tiempo; he tenido tiempo para orar, he tenido tiempo para compartir con otras mujeres, es decir, me siento muy libre y siento que es una oportunidad de poder desarrollar muchas áreas de mi vida, donde antes no las podía desarrollar por temor o también, por falta de tiempo; porque al mismo tiempo como que no me lo permitía, no podía salir, no podía decir a veces, tal día puedo viajar, tal día puedo ir a orar todo un día, porque de una u otra manera, mi esposo me lo impedía.

P. Y en relación a la comunidad, ¿cómo te sientes con eso?

D. En relación a la comunidad..., bueno, bien, yo he podido desarrollar mi ministerio a pesar de como lo dije anteriormente, no lo dicen, pero algunos dicen, bueno, Dalia por qué no consigue un hombre? Debe estar acompañada, o a veces le dicen a uno oiga y usted al fin, ¿cuándo se va a casar?, cuando se va a volver a ... (organizar)? y yo digo, pero yo no necesito casarme, yo no necesito, estoy bien así, no necesito tener una pareja al pie mío ... pero, la comunidad siempre como que está a la expectativa. Y algo que veo es que a veces uno siente temor de tener una relación o un amigo, habar con un hombre, porque ya están pensando que uno tiene más allá de una amistad como hermanos en fe, ya las personas piensan que uno está ya teniendo alguna otra relación a la que está estableciendo.

P. Eso, Dalia, nos lleva a la siguiente pregunta y es precisamente, ¿cómo ha sido esa experiencia como mujer divorciada en tu caso, en relación al tema de la sexualidad dentro de la comunidad?

D. (Suspiro profundo) Ah, bueno, yo lo que veo, no sé si confundo, en el tema de la sexualidad, pero siempre la comunidad lo enmarca a uno. Si es un hombre, no hay problema, ¿sí?; pero si es una mujer, es como que todos los ojos están encima, a qué horas esta mujer puedo decirlo entre comillas "va a caer" o, no va a tener esa suficiente responsabilidad de poder cuidar su sexualidad, sino que lo ven como algo extraño que

una mujer pueda vivir y tener control de su sexualidad libremente; porque es mujer; pero si es un hombre, les parece normal, que él vaya a estar en su sexualidad normalmente.

P. ¿Crees que hay espacios en la comunidad para reflexionar sobre temas como el ministerio, la sexualidad, las mujeres solteras; dónde y cuándo?

D. Se trabajan temas de sexualidad, pero general. Hay temas de mujeres también; pero generales. Hay temas también en nuestra comunidad que se trabajan de parejas y somos muchas las mujeres que estamos divorciadas. En nuestra comunidad hay un buen grupo de mujeres que están divorciadas y muchas se preguntan y me han preguntado: ¿oiga y cuándo vamos a trabajar un tema sobre nosotras las mujeres separadas o divorciadas o solas? Porque nunca se trabaja este tema respecto a nosotras y sería bueno que nos reunamos y trabajemos ese tema. Porque muchas dicen: una quisiera hablar y exponer y decir tantas cosas que necesita como mujer divorciada, separada, pero en nuestra comunidad como que eso no tiene ningún valor. Tienen más valor las parejas, tiene más valor la mujer, en sí, mujer en general; pero, mujeres divorciadas y separadas creo que no ha sido un trabajo que nuestra iglesia se haya sentado a analizar o a acompañar a estas mujeres que tanto lo necesitan, como también, tanto lo necesitan las mujeres cuando se han separado. Eso es una parte que creo que en nuestras comunidades hace falta, un acompañamiento a las mujeres solteras, a las mujeres divorciadas y a las mujeres separadas.

P. Para finalizar. ¿Tienes algún aporte particular, que quieras darnos en relación a este tema que estamos trabajando sobre mujeres solteras, ministerios y sexualidad?

D. Pues un aporte, pienso que como mujer divorciada y que tuve un transcurrir de mucho tiempo, pienso que nuestra comunidad debe romper con ese esquema que siempre ha tenido, que si la mujer no tiene un varón al pie de ella no puede desarrollar su ministerio. Creo que la mujer lo hace con toda la responsabilidad, el amor, con todo el deseo de servir a su comunidad y no necesita tener alguien al pie suyo y pensaría que nosotras las mujeres somos muy responsables en esa parte sexual. Nosotras lo analizamos. No quiere decir que no tengamos momentos de deseos y anhelos de poder tener una relación con otras y con otros; pero nosotras lo pensamos. Somos mujeres capaces de mirar más allá del deseo de tener relación en la parte únicamente sexual; sino también, mirar como mi cuerpo, mi relación con el otro, va a ser para tener felicidad, alegría y para poder seguir más allá y no por el momento.

Entonces me parece que nosotras las mujeres en ese sentido somos responsables y siempre estamos pensando en cómo nosotras crecer, en como nosotras vivir felices en estas relaciones que a veces tanto nos enmarcan en que somos reprimidas; o que somos hipócritas o que estamos a la caza de uno o de otro; o que si no estamos casadas no podemos desarrollar ministerios. No, yo creo que el Señor también tuvo

muchas mujeres alrededor de Él, que inclusive no tenían pareja y eran mujeres que apoyaban integralmente al Señor.

P. D. Bueno, gracias. Gracias por la entrevista y gracias también por como poder recordar lo que he vivido y sentirme en paz

3. ENTREVISTA A Girasol.

P. Bueno, estamos con Girasol, otra de las mujeres que gentilmente se ha dispuesto para ayudarnos con esta investigación, Girasol ¿cómo estás?

G. Hola Zaraí cómo estás?

P. Muy bien. Gracias por disponerte a participar con nosotros y nosotras en este proceso.

G. No, para mí es un gusto poder participar en este tipo de entrevista y aportando a un trabajo como el que tú estás, en el que estás involucrada, que me parece muy pertinente.

P. Bueno, vamos a iniciar con las preguntas. Cuéntame un poco de ti, ¿cómo llegaste y desde cuando haces parte de esta comunidad en la que participas?

G. Pues haber, yo nací en un hogar católico y en el camino acompañando a mi papá, resulté asistiendo a una iglesia evangélica. Luego me formé en una iglesia evangélica de corte pentecostal. Ahí estuve varios años, recibiendo formación en la iglesia, en liderazgo, en capacitación, en formación bíblica y teológica en el Instituto Bíblico que la Institución tenía y con el paso del tiempo, yo comencé a sentir que la formación o la enseñanza en este grupo religioso en el que me congregaba, no era suficiente; que yo necesitaba algo más, algo diferente. Yo..., usando la metáfora, sentía como que necesitaba masticar otro tipo de comida un poco más sólida, con más contenido, con más sabor y salí de este grupo porque no me permitían que yo me preparara en otro lugar, y fui por mi cuenta a un seminario teológico aquí en Colombia, en una ciudad pequeña, que está como a diez (10) horas de la capital. Fui a estudiar allá y allá hice estudios teológicos; bachillerato en teología en este entonces.

Estando allí, me conocí con la persona con la que luego me casé y fuimos a pastorear juntos varias iglesias dentro del mundo en el que me muevo; en la comunidad de fe con la que estoy trabajando. Entonces fuimos y estuvimos en varias iglesias, pastoreando y ahí, no solamente mi trabajo se limitó al trabajo pastoral, sino que, también se amplió el panorama de mi compromiso y mi visión con la gente en las comunidades de fe. Entonces, ya se amplió más un trabajo con mujeres, en un enfoque de mujeres, un enfoque con personas en condiciones empobrecidas, un

enfoque con personas más necesitadas de la comunidad y la iglesia. La comunidad en la que comencé a participar, pues, dentro de su teología, contemplaba este tipo de trabajo con las personas más necesitadas de la comunidad y allí comienzo a descubrir que hay dones y habilidades que se fortalecen con mi trabajo en estas comunidades; pero que también, en el trabajo con las comunidades, comienzo a descubrir otros dones y otras habilidades.

Luego terminé, avanzo en mis estudios teológicos y voy a dirigir una de las instituciones en donde trabajé por 17 años y ahí, igual, fui descubriendo nuevas apuestas, nuevas perspectivas del trabajo y también, nuevos dones que van comenzando a surgir. Eso es como en resumen un poco lo de tu pregunta.

P. Más o menos, ¿cuántos años, eso?

G. Bueno, estoy hablando de una joven de 17 años, a una mujer que ya tengo 63 años, o sea es un periodo bien largo, con todo este caminar que le resumí, Va entre los 17 años y los 63 que es la edad actual que tengo.

P. Hablemos un poco más detalladamente de esos ministerios específicos que trabajaste.

G. Ok. En la iglesia donde comencé bien jovencita; pues, era una iglesia que tenía como una organización o un orden. O sea, una persona nueva, o una persona como yo, muy interesada en participar en la comunidad, primero íbamos a algunos cargos, de *bajo rango*, podemos decirlo. íbamos como asistentes, bien sea de escuela dominical o asistentes de cultos en los barrios donde acompañábamos. Siempre teníamos a alguien mayor o a alguien con más experiencia en el campo. Por ejemplo, yo comencé como asistente en una escuela dominical, mientras, a la vez, estudiaba en lo que la iglesia en la que me congregaba llamaba Instituto Bíblico. Entonces, todas las personas que queríamos o aspirábamos a liderar algo, teníamos que, obligatoriamente, pasar por el Instituto Bíblico. Era un instituto nocturno, donde se aprendía más que todo, como la fundamentación o la teología de esa iglesia en la que yo me congregaba y luego, mientras uno se preparaba, ahí ellos le daban la posibilidad de ir ejercitando su ministerio. Eso en lo más básico.

Ya cuando salgo de ahí, voy a un seminario, una teología mucho más elevada. Entonces, mientras estudiaba en el seminario, a la vez, el seminario nos asignaba unos trabajos que ellos llamaban, servicio cristiano. Esto significaba que usted, el fin de semana, estaba en una iglesia de la ciudad donde estaba el seminario o fuera de la ciudad, en el campo, dependiendo de la habilidad que usted tuviera; bien en el área de escuela dominical, enseñando, o si era en el campo o poblaciones un poco más lejos de la ciudad donde estaba estudiando, entonces ya eran responsabilidades como ser profesora en el área de la educación teológica por extensión, que se llamaba o se

le decía a la educación teológica a distancia en los años 70. Era todo un movimiento aquí en Colombia sobre la educación a distancia.

Entonces, yo estuve en comunidades en educación que llamábamos por extensión, pero también, acompañaba en la ciudad, escuelas dominicales en iglesias de las ciudades y lo último que hicimos fue comenzar un grupo de oración y un grupo interesado, porque en esa ciudad no había iglesia. Entonces... yo no era de esta comunidad; sino que unos estudiantes de esta denominación, en ese tiempo, me invitaron a mí a participar en el inicio de ese espacio, entonces, yo participé en el inicio y esas fueron las raíces para que hoy todavía haya, estoy hablando del año 79, para que hoy haya una iglesia en ese lugar. Esas fueron las primeras semillas que se sembraron en ese entonces.

Me casé con un menonita, entré al mundo de la iglesia menonita, muy convencida de su teología; notaba que en la iglesia menonita yo no tenía que “arañar tanto la vida” para poder, como mujer, ejercer un cargo y podía ocupar un cargo en una comisión de trabajo a nivel nacional. La iglesia lo llamaba a uno y por mis estudios teológicos, pues tenía una entrada. Lo mismo en la iglesia donde juntamente éramos pastores con la persona con la que yo compartía la vida en ese tiempo. Yo notaba que en la comunidad la gente comenzaba a ver y a afirmarme en los dones; hermana, usted tiene habilidades, usted puede predicar. Nos gusta su enseñanza, nos gusta la manera, nos gusta que usted nos pastoree, nos gusta hablar con usted; sentimos mucha confianza, sentimos que usted nos escucha; entonces, la gente de la misma comunidad es la que comienza a afirmar y a hacerme sentir que yo tenía, (aparte de mi formación profesional que tenía que ver con la contabilidad y la administración), que también yo tenía unas habilidades pastorales, unas habilidades de trabajo con las comunidades y de escucha.

Entonces, eso es, y pues ya en la iglesia menonita me abren campo y también eso va acompañado, porque también eso no es tan fácil, a veces las cosas no están dadas en bandeja de plata, sino que, si bien es cierto, había el espacio, pues uno también, en mi caso y otras mujeres, procurábamos como comenzar a abrirnos espacio en la iglesia en roles que la iglesia hasta entonces no tenía, por ejemplo. Entonces, era como muy importante. Por ejemplo, ser directora de una institución; ser pastora titular de una iglesia, ser la presidenta de una iglesia y otras funciones que, eso sí, fueron como el trabajo y la lucha de mujeres que fuimos abriendo camino para que en esas posiciones pudieran llegar mujeres. Por ejemplo, en el Comité Nacional. En la época en que yo llegué a la iglesia menonita, le estoy hablando del año 1981; un Comité Nacional que era el máximo órgano directivo nacional, solo eran hombres, ahora el porcentaje y el papel se ha invertido, ¿cierto? Ahora son, uno diría, mayoría mujeres; o en algunos casos, en la historia ha habido mitad y mitad. Pero también, esa misma apertura possibilitaba que uno empujara cosas y cambios y transformaciones y comenzando a posicionar el ministerio de las mujeres.

P. En algunos de esos ministerios fuiste elegida, ¿cómo fue ese proceso de elección, por cuánto tiempo?

G. Bueno, en el caso de pastora en la iglesia menonita era un llamado que las iglesias locales hacían a la pareja. Entonces yo fui pastora titular u oficial, mientras estaba en pareja. Y cuando ya por el motivo de la separación y ya venimos a Bogotá, entonces, sale una convocatoria de la institución, yo estaba terminando mis estudios teológicos universitarios y yo concurso. Eso fue un concurso donde ocho (8) o diez (10) personas participaron y al finalizar me llaman a mí, pues como la persona que había... en ese caso era concurso o sea, participé con varias personas para trabajar con la institución y lo mismo en el caso de la presidencia de la iglesia, eso también fue una especie de decisiones de liderazgo a nivel nacional que se toman en una asamblea, compuesta por delegados hombres y mujeres de las iglesias, mayormente hombres pastores, Y también es en una asamblea, con una votación debida y con el porcentaje en votos en que yo salgo elegida como presidenta de la iglesia. Esas serían como las dos posiciones en las que yo he concursado y he salido elegida para un cargo, ministerial, digamos.

P. Cuéntanos un poco sobre tu experiencia; ya has hablado y dejado ver un poco como ha sido esa experiencia; pero, cuéntanos un poco más sobre la experiencia en el desarrollo de esos ministerios, como mujer... principalmente y para efectos de nuestra investigación, a partir de tu separación, ya como mujer divorciada, porque antes dijiste que eras pastora titular junto con tu esposo; pero después, como mujer divorciada...

G. sí, note que yo asumo, y mientras estoy pastoreando no hay divorcio. Es cuando ya salimos del ultimo pastorado, entonces ahí ya se da la crisis de la relación, se acentúa, y nos venimos a vivir a Bogotá. Estando en Bogotá cada uno de los dos asumimos trabajos con instituciones, sí. Es muy importante aclarar eso.

Yo asumo como casada la institución, pero en el proceso mientras estoy en a institución, se da la ruptura matrimonial y yo, bueno, voy a terminar mis estudios como parte de mi proceso de formación y yo en algún momento pensé que la junta de la institución con la que yo trabajaba iba a poner obstáculos por mi condición, por mi nueva condición social. (piensa)... pero curiosamente una cosa que descubrí es que ellos nunca, la junta de ese tiempo, nunca objeto mi nueva condición civil, sí? Nunca me cuestionaron, yo creo que, era que, ellos veían mi capacidad, yo creo que ellos valoraron fuertemente mi capacidad.

La tensión o la resistencia se daba afuera de la organización. Entonces algunos pastores bien machistas como en todas las comunidades o sociedades o países, ellos criticaban que la institución tuviera una mujer separada. Esa era a expresión que usaban, que la institución...que eso no era testimonio, pero yo creo que la gente que

estaba en la junta, que eran como los representantes y la gente a nivel nacional nunca se atrevieron a confrontarme en ese campo, ni nunca se atrevieron a llamarme a solas a cuestionarme, porque en el fondo lo único, lo que yo tenía que mostrar era mi vida, mi compromiso, mi entrega, mi calidad en el trabajo, mi transparencia y yo creo que todas esas cosas sopesaron en su momento, aunque repito no era fácil para algunos y no solamente en el mundo de la iglesia donde me movía, sino también en los “mundos” donde yo representaba a la institución. Entonces eso era raro... empezando porque era raro que una mujer fuera directora. Yo generalmente me sentaba en reuniones de rectores y directores de instituciones teológicas, donde todos eran hombres; eso, por un lado, y a parte de todo, había que agregarle que yo era separada, pero era eso de que a usted nunca la gente le dice; pero que, en el fondo, usted sabe que la gente lo está juzgando. Eso en el lado de la institución.

En el caso de la presidencia, fíjese usted, yo oficialmente soy separada y la gente, puede ser que algunos no estaban de acuerdo, igual, nunca me llamaron, nunca me dijeron, nunca..., nunca públicamente, porque yo sí creo que a espaldas y en silencio sí lo decían; pero nunca públicamente objetaron que yo no era digna, digamos, usando esa expresión, de ser la presidenta por causa de mi condición civil, no, nunca lo dijeron. Yo sospecho y estoy segura que sí lo hacían y muchas de las personas que votaron en contra en la presidencia, pues tenían que ver más que todo con eso; o sea, había una cosa muy... como muy escondida,

P. ¿Subliminal?

G. Sí, que uno sabe en el fondo que uno no es aceptado 100% y que siempre va a ser cuestionado, y que siempre va a estar ese punto ahí como en el panorama de que usted no es esto usted no es totalmente... usted no cumple totalmente con los requisitos. La diferencia en mi caso, yo creo, la hacía era porque, como sí había un sector que me respetaba por lo que yo era, no por mi estado civil; sino por lo que yo significaba y por lo que yo era, por mi manera, mi estilo, mi compromiso y todo. O sea, creo que ahí uno tiene que reconocer, porque yo he sido muy crítica y muy dura, pero yo creo que también había que reconocer que uno no puede subestimar que la gente sí valora, que pueda que no esté de acuerdo o le guste, o eso no es testimonio como dicen, toda esa terminología que usan; pero que en un momento dado la gente sí, o sea, pesa más el compromiso y la responsabilidad o la pasión con que uno ha adquirido un ministerio ... y eso es algo que no se lo pueden quitar.

Por ejemplo, yo pensaba un poco en la imagen de Jesús, ¿no? A Jesús nunca lo criticaron por su autoridad, a Jesús siempre le buscan el quiebre, y nunca nada de lo que hace le pueden juzgar ni criticar; pero es una permanente búsqueda de quiebre; y yo creo que conmigo había una permanente búsqueda de quiebre; de tratar de indagar en mi vida, qué he hecho mal para justificar y buscar el quiebre. Entonces era un poco la cuestión, ¿no? Era como que a nosotras las mujeres y más en una situación

civil, que va en contravía de la cultura y la sociedad, como dice el dicho popular: la esposa del Cesar no solo tiene que serlo, sino parecerlo. Entonces, Girassol, como separada, o divorciada, no solamente tiene que serlo, sino tiene que parecerlo. Eso es una doble carga, yo no digo que eso es, hay sí que tan bonito... no, eso es una carga muy grande, porque en el caso de las mujeres ese es como el estigma.

P. Entonces, en otras palabras, ¿el hecho de ser una mujer divorciada interfirió en el ejercicio de tu ministerio?

G. Ah, no, no, no. Un papel que le dice a usted que usted es casada, nunca tiene por qué interferir en lo que usted es. Una cosa es su esencia, y otra cosa es lo que una sociedad, una cultura ha establecido como una norma, que a usted la coloca en un estatus de casada. Entonces, para mí era muy claro, que nada, porque el llamado cuando Dios me lo hizo, para mí era claro, que no me lo hizo cuando estaba al lado de un hombre; sino que eso fue un llamado que Dios hizo cuando yo no tenía al lado un hombre. O sea, que aquí entraba una cuestión que para mí era muy clara; el llamado es para mí, el llamado es mío, es individual. La ocasión es individual, que la ejerzo en comunidad, sí; pero es un llamado personal e individual y aquí no tiene nada que ver la condición civil ni la condición social, si soy mujer o hombre o lo que sea, ¿no?

P. Entonces, en definitiva, ¿eso no afectó tu trabajo en general?

G. Conmigo, no. Y yo creo que con mucha gente de la comunidad yo no sentí nunca eso. Que, en algunos casos, había la crítica o el señalamiento; eso sí existió y sigue existiendo y permanentemente está; pero eso no fue mayor que la vocación; ni el señalamiento fue mayor que la claridad que yo tenía de mi vocación, mi llamado, y eso no fue mayor que la apertura o la bendición, digámoslo así, que la gente le daba, o la confirmación, más bien, que la gente daba a mi trabajo ministerial.

P. ¿Cómo ha sido tu experiencia como mujer divorciada dentro de las comunidades en relación al tema de la sexualidad?

G. Bueno, en primer lugar, la comunidad siempre lo quiere ver a usted rodeado de un hombre. (Piensa) porque eso a una comunidad le garantiza que su comportamiento ético y moral como dicen, en el campo de la sexualidad está garantizado. Eso cree la gente, que, si usted tiene un compañero, usted es más moral, tiene más moral; todo está bien, porque tiene a alguien con quien compartir su sexualidad, su vida íntima y cosas así. En mi caso particular, yo me separé y yo decidí que no me iba a volver a casar, es decir, no iba a tener un hombre legalmente al lado mío que es diferente, ¿cierto? Puedo tener compañeros, pero; eso fue una claridad para mí. Y en algunas comunidades o espacios era muy hartos oír, hermana, ¿cuándo se va a casar? o hermana, ¿está enamorada? Si me veían bien siempre lo relacionaban con lo afectivo. Pero ¿porqué tengo que estar enamorada? Está bien si estoy enamorada; pero, usted

relaciona mi estado de ánimo con un enamoramiento; porque yo me estoy aprendiendo a aceptar y vivir conmigo misma.

Siempre hubo y yo creo que todavía hay ese mundo de sospecha. ¿Cómo manejará esa mujer su sexualidad? (me imagino que esa es la pregunta número uno, que tienen), si no tiene un hombre al lado. Entonces lo que las personas, lo que la cultura y la sociedad nos dicen es que el referente del compañero al lado es lo único que nos garantiza una efectiva sexualidad. Lo que la gente muchas veces ha ignorado, o ignora, porque también lucha con eso, es que la sexualidad comienza por auto-reconocerme a mí misma, valorar mi cuerpo, mi ser, mi esencia, ¿verdad? Porque cuando tú dices sexualidad, para mí es entenderme como un ser total, como un ser completo, un ser que me acepto.

Ahora, si estás hablando o la pregunta tuya va en torno a relaciones sexuales, ya eso es otra situación. ¿Sí? Si a mí me preguntan sexualidad es aceptarme como un ser integro, completo, que me valoro, que puedo entrar en relación con otras personas, que puedo afectivamente relacionarme con otras personas, que puedo corporalmente acercarme a otras personas. También, que puedo tener relaciones sexuales con otra persona dentro de lo, que en mi carácter como mujer lo expone; pero, que no necesariamente la sexualidad se daría en el campo de la legitimidad de un matrimonio, por ejemplo, o sea, el desarrollo de mi sexualidad se da afuera o dentro de una relación de pareja. Para mi comprensión, ¿no?

P. Sí, tu mencionas dos cosas interesantes y es que por un lado dices que la cuestión del sexo y el asunto de las relaciones sexuales es otra cosa, pero luego dices que hace parte del relacionarse y de toda esa integralidad. Entonces en ese sentido, ¿como percibiste (aunque ya has hablado un poquito de eso) la reacción de la comunidad, frente a ti en un cargo de liderazgo?

G. Bueno. Creo que había como dobles percepciones. Está, me imagino, la pregunta del millón. Cómo puede ella ser presidenta de la iglesia si no tiene un hombre al lado, por ejemplo. Esa es una pregunta que yo creo que era constante y que la dejaban saber en otros espacios; pero creo que en mi funcionaba algo, puede ser mi manera de ser, cuando a mí me han dicho que yo no puedo hacer algo, entonces es cuando yo más voy en contravía de eso que la norma ha establecido, que tiene que ser así. Entonces, yo en mi caso tomé la decisión y dije, mientras yo esté en la presidencia yo no voy a tener una relación de pareja. Yo lo voy a hacer sola, porque es una forma de demostrarle a la comunidad, que mujeres solteras o solas o “sin” (énfasis) relaciones de pareja, también pueden acceder a cargos de poder. Es decir, al hacerlo yo, rompería con el esquema y en el futuro, nadie puede señalar o nadie puede poner eso como condición porque, la persona, si la están requiriendo, puede decir, no, es que la iglesia ya tubo a una mujer que era separada; o sea, se rompe el esquema tradicional de que tiene que estar al lado de un hombre.

En el ideal, yo sigo creyendo que las instituciones cristianas que llamamos o religiosas, siguen anhelando y esperando y en lo posible, procuraran que quienes estén en estos cargos sean mujeres con un hombre al lado; así sea un bobo, pero que esté al lado. Entonces eso es un poco la comprensión mía. Por eso yo decía al comienzo, en el caso de las mujeres los caminos son un poco más tormentosos, tortuosos; porque nos toca doble. A parte de nuestra comprensión y nuestra libertad, es tratar a veces de ir en contra vía; pero también, de mostrar a una sociedad, a un mundo, que es posible. Yo siendo una mujer soltera sin una figura, en mi caso masculina, o en el caso de una mujer, femenina, o lo que sea, que es posible ejercer; que no debe ser un condicionante en el ministerio o en el liderazgo femenino. No debe ser un condicionante que yo tenga una representatividad bien sea hombre o mujer, esa no debe ser la manera como se debe medir mi ministerio. Que mi ministerio se mida es por lo que yo soy, lo que yo hago, lo que yo represento; la manera como lo hago, la manera como respondo, como soy responsable con eso; pero no me la da la figura de la persona que esté a mi lado en ese momento.

P. Ya casi terminando, Girassol, ¿puedes contarnos un poco si en la comunidad hay espacios, donde se reflexionen temas como el ministerio, la sexualidad, las mujeres solteras, que tiene que ver específicamente con este trabajo de investigación?

G. Yo me imagino que las demás flores le responderán lo mismo que yo le voy a responder. En la iglesia no, en las iglesias cristianas esos temas no son intencionales no forman parte de la educación cristiana que tenga la iglesia. Esos son temas tabús, incluido la violencia contra las mujeres, ¿cierto? El acoso sexual, todo esto que afecta la vida de las mujeres; por ejemplo, usted sabe, aquí en mi país, como en muchos países de Latino América, el feminicidio, eso jamás lo toca una iglesia; la iglesia nunca levanta la voz, ni siquiera. Ni siquiera levanta la voz para decir que eso es pecado o es más, la iglesia levanta la voz y dice que eso es pecado, pero con cosas que tienen que ver con lo que ellos han estipulado de moralidad, pero no con cosas que han afectado a los seres humanos; por ejemplo como esos. Todo el ataque contra las mujeres en este país, que es una cosa bárbara, el ataque contra las mujeres las iglesias no las incluyen desde sus púlpitos, no. Lo que uno hace, o lo que yo hago es: si me dan la oportunidad, generalmente, hay una estrategia que yo tengo en mis predicaciones y es que si la predicación tiene que ver con algo de hombre – mujer: 1°. Resaltar la mujer también en el papel, rescatarlos, en la predicación que yo haga; rescatar la imagen de la mujer ahí en ese espacio y en alguna medida, instalar un tema donde hombres y mujeres somos iguales. Es decir, mandar ese mensaje constante de que hombres y mujeres fuimos creados a la imagen y semejanza de Dios, por lo tanto, tenemos los mismos derechos, los mismos deberes. 2°. Lo que uno hace siempre, es que como todo sistema tiene sus fisuras, entonces hay que echar mano de las fisuras; porque como no los instalan (los temas), no los proponen, no los ponen sobre la mesa; entonces lo que yo he hecho en el camino, es el tener grupos de mujeres, bien sea al interior de la iglesia, bien sea fuera de la iglesia. Grupos de

mujeres con nuevas perspectivas frente a la Biblia o frente a la mirada y es instalar temas que la iglesia no instala.

Yo creo que tu recuerdas que teníamos un grupo aquí. Todavía lo tenemos, solo que no hemos sido muy constantes; pero instalábamos temas, ¿cierto?, como el aborto, como la soltería, como la violencia intrafamiliar; pero son fuera de la iglesia. Aunque somos mujeres de fe, no estamos en el ámbito de la iglesia ni son clases, o enseñanzas, o diálogos en el marco de la iglesia, sino fuera de la iglesia; pero hay que instalarlos. Espacios ecuménicos en los que yo me muevo, entonces se instalan y participo y me enriquezco porque se instalan temas; pero esto uno diría casi fuera del marco de la iglesia; porque en la iglesia eso ya tiene una postura y algunas iglesias son bien, bien conservadoras con el tema de lo femenino. Por lo menos nuestra iglesia nos deja hablar, así no nos haga caso, pero nos deja hablar.

P. Y una última pregunta sería, ¿tienes alguna observación, algún aporte frente al hecho de estar tratando este tema relacionado con la mujer, con los ministerios, con la sexualidad en un trabajo como el que estoy desempeñando de tesis?

G. Mire, yo pienso que un tema como estos es muy pertinente en instalarlo desde la academia; porque son temas que se tocan generalmente como en el ámbito de lo privado. Sí, por allá en su casa, usted lucha; en la iglesia, no tiene voz, ni usted tampoco la recupera, su voz, otro la tiene por usted y generalmente son hombres. Pero que se piense que también la teología tiene que ver. No es un tema ajeno a las mujeres, que la teología también tiene que ver con el cuerpo, que la teología tiene que pasar por el cuerpo de las mujeres; que la teología tiene que pasar por los ministerios de las mujeres, que la teología tiene que pasar por la esencia de la mujer, eso es muy importante en esta época. Además, porque estamos en un siglo, donde algunos dicen, (sobre todo el mundo de la cosmovisión indígena), plantea que es el siglo de las mujeres. Entonces yo creo que hay muchas cosas que, en este tiempo, y por eso viendo este tipo de tesis, me parece que debería haber más tesis en las bibliotecas de los seminarios y de las instituciones teológicas, que hablaran de este tema. Hasta ahora por ahí comienzan a aparecer, por ejemplo, este tema, tan pertinente y tan particular yo diría debería haber más y espero, confío en que, hacia el futuro, van a haber más trabajos de investigación en este campo. Yo diría que, este es un... para un seminario como el nuestro aquí en Colombia, una tesis de esas, con esa envergadura me parece que sería, si no digo, la primera, por lo menos una de las mínimas, en las que se ha tocado este tema; porque se ha tocado mucho sobre la mujer, déjeme solo aclararle; muchos libros sobre la mujer; pero una mirada es: mujeres escritas por hombres y una mirada patriarcal, una mirada donde siempre la mujer está sujeta, pero no trabajos de investigación elaborados por mujeres con una mentalidad abierta.

P. Bueno Girassol, muchas gracias por tu aporte y esperamos compartir después nuestros resultados

G. bueno a ti, gracias y a esa universidad con la que estás, que te está apoyando, provocando y también te está animando a instalar temas como estos que son muy oportunos en estos tiempos.

4. ENTREVISTA A GLICÍNIA

P. Bom, estamos com Glicínia outra das mulheres que gentilmente decidiu colaborar com a nossa pesquisa. Boa tarde Glicínia, como você se encontra?

G. Boa tarde, muito bem, obrigada pelo interesse.

P. Eu que agradeço sua participação. Começando com a nossa entrevista, eu gostaria, Glicínia, que você nos mencionasse alguns dos principais dilemas dificuldades ou crises pessoais que você tenha enfrentado no exercício do seu ministério ou cargo de liderança como mulher solteira.

G. Eu diria assim: a partir do momento que me tornei solteira novamente... em estado de viuvez, o principal dilema que eu enfrentei foi o vazio que eu senti. Mesmo com um trabalho de mais de 30 anos, com pessoas, fazendo sepultamentos, no dia a dia, no trabalho pastoral em algumas paróquias mais noutras menos, não foi o suficiente para mim eu não poder, assim, não sentir ou evitar esse vazio imenso que eu passei a sentir. Então, para mim, as fases do luto foram diferenciadas. A morte ela é sempre violenta, ela sempre deixa esse vazio, ela sempre traz muitas dificuldades emocionais tanto que a tristeza poder levar as situações extremas de cuidado até com a vida. Não é meu caso nesse sentido, mas eu me sentia... impotente diante das coisas, tanto que eu trabalhava numa Paróquia e, por exemplo: eu tinha que fazer sepultamentos ao lado de onde meu esposo falecido estava sepultado, então eu não conseguia resistir a isso; até porque eu mesma penso que isso não se deve exigir de alguém.

Também uma coisa que eu acho que teria que mudar, e isso têm a ver com a estrutura do trabalho pastoral em si, dentro da estrutura ministerial da IECLB a gente recebe cinco dias de luto e depois, tem que tocar a ficha, tem que tocar o trabalho; e esses cinco dias, como o do meu marido foi um acidente de trânsito, algo inesperado; então foi toda uma “papelada”, todo um protocolo, enfim muitas coisas que se precisava fazer nesses 5 dias. Ou seja, nem consegui descansar direito. Então, já teve que retornar aos cultos, ao sepultamento, a tantas atividades e eu senti assim, que tinha muita empatia por parte dos membros das comunidades, da Paróquia e houve uma solidariedade muito grande, mas não por parte da igreja. Daqueles que estão na

coordenação dos trabalhos da Igreja eu não recebi uma carta. Veio sim o Pastor Sinodal orar comigo, alguns colegas vieram me visitar, mas eu senti assim, que como viúva, você passa a ser uma coisa estranha. Um Estranho no ninho. As pessoas têm medo de se aproximar de você, as pessoas temem que a relação... é um tabu. Eu experienciei. A pessoa enlutada ela passa por umas crises, umas perdas. Uma da pessoa amada e outra, de pessoas com as quais ela poderia contar. Isso eu lamento profundamente.

Eu gostaria de achar um encaminhamento para isso. Formas diferentes de se abordar essa etapa da vida de pessoas em crises. Então, essa é uma questão que eu coloco assim como uma dificuldade que eu enfrentei, tanto que quando eu recebi o convite para trabalhar aqui na instituição, eu aceitei; porque eu vi assim como uma saída para aquela situação na que eu me encontrava. Outro dilema que eu vivi e vivo ainda hoje, eu comecei meu pastorado no 84 e nós não conseguimos conceber um trabalho sendo realizado de forma individual. Tudo era pensado na equipe; porque se visava alcançar a pessoa como um todo e todas as pessoas em sua diversidade cultural, religiosa; com todo respeito pelos povos da própria região, dos povos indígenas ribeirinhos.

Todos esses povos em si, que historicamente habitavam, moravam naquela região e também as famílias de migrantes. Então o trabalho era sempre feito de uma forma muito pensada, muito elaborada, em equipe. Não existia isso de eu vou fazer isto, quer dizer, eu sujeitava minhas ideias e minha forma de pensar a um consenso maior porque toda busca se pensava assim, no conjunto. A solidariedade era praticada digamos em relação aos outros e isso foi se perdendo.

No fim, eu diria assim que aqui no sínodo, sobrou meu esposo e eu que éramos uma equipe. Se buscava trabalhar e superar essa visão de pastor centrismo essa visão centralizadora que se tem na IECLB até hoje. Até eu diria, muito forte até hoje. Também essa parte nós trabalhamos e se tinha muito essa missão. Ainda se buscava esses espaços de encontro, de diálogo, essa abertura no diálogo sempre. Não era que um fazia uma coisa e outro fazia a outra. Era aquela coisa de pensar e elaborar uma proposta conjunta, ao menos com a diretoria e as lideranças das Comunidades de uma forma bem fraternal e sororal. No fim quem sobrou? Eu comigo, né?

Então, essa é outra lacuna que eu sinto porque eu cresci dentro disso da IECLB. A partir do momento em que eu comecei a trabalhar como ministra, como pastora, foi uma construção de muitos anos e de raiz dentro dessa perspectiva de trabalho. De repente, eu perdi tudo isso. Ninguém quer sentar junto para conversar sobre como vamos elaborar o trabalho para fazer em conjunto. O máximo que a gente consegue fazer agora é vamos nos sentar, nos reunir, vamos planejar, você faz isto, você faz aquilo, você faz aquilo outro, né? Isso não é trabalho de equipe. Essa é uma divisão

de tarefas apenas. Então, seriam nesses dois aspectos aí como sendo as dificuldades que eu sozinha enfrentei e que estou enfrentando.

P. De entre esses dois dilemas qual tem sido ou está sendo o mais difícil de superar e por quê?

G. Eu diria sim que todo é um processo. Então para mim está sendo assim mais difícil de superar é exatamente essa ausência do trabalho da equipe. Aqui é um trabalho muito bom, mas é um trabalho totalmente diferente. Como é uma empresa que quer oferecer qualidade de vida para as pessoas que aqui residem. Então nós temos os diferentes profissionais, seja na área da saúde, na administração..., então esse espírito de pensar o trabalho a Pastoral em conjunto, e como aqui já é mais interior né, a 3 ou 4 km fica a pastoral da cidade e também tem a coordenadora que é uma pastora (M), então ela coordena nosso trabalho. Só que é um pouco longe de onde é a sede dessa área de trabalho e é muito difícil. Nós não conseguimos nos reunir para pensar em conjunto com o ministro da IECLB dentro desse contexto onde nós vivemos. Cada um faz o seu trabalho então eu diria praticamente este é um trabalho que está sendo muito difícil; de pensar diferente, de organização diferente. Colocaria ali isso como o mais difícil de solucionar.

P. Eu vou fazer uma pergunta adicional em relação a seu período de perda, no período de luto. Você recebeu alguma ajuda nesse período desses 4 anos? Você recebeu uma ajuda mais específica, pessoal, para essa perda que teve

G. Não, não recebi. Nos primeiros meses eu recebi a visita de alguns colegas, de algumas colegas e muitas pessoas da comunidade sem dúvida. Eram seis comunidades e todas foram muito solidárias muito solícitas; em escutar, em ouvir, em chorar junto, iam lá em casa, na casa pastoral; mas assim, como eu falei, o Pastor (M) Ele estava na área da formação, ele veio, ele orou comigo e pronto..... ponto final. Não recebi nada mais. Nada! Absolutamente nada! Então, se eu não tenho uma força interior para conseguir caminhar na superação dessa situação, eu estou perdida, sinceramente. Acho que esse é um dos pontos que a gente precisa retomar e eu já falei com a Presidenta a Pastora Silvia, a presidente; que a gente precisa lançar um olhar diferente para essa questão de luto com ministros e ministras, por que é dolorido demais. É jogado, digamos assim..., é relegado a um silêncio realmente. Ninguém te escuta.

P. Muito bem, com isso você já respondeu outra das perguntas, sobre se você recebeu alguma ajuda de tipo psicológico, se você procurou alguma ajuda a nível psicológico que pudesse ajudar você.

G. Sim, mas muito pouco, conversando assim não de forma sistematizada, mas assim, de forma informal mesmo. Eu procurei essa ajuda, foi importante. Foi muito bom, eu procurei também partilhar; eu fiz contato com pessoas que também passaram

por esse mesmo processo assim de perder filho; então nesse sentido foi bem bacana. Mas antes eu me referia assim de pessoas vindo ao meu encontro, para me ajudar, ali que eu senti uma carência muito grande. Talvez isso foi o impulso para eu buscar ajuda, e nem dentro da IECLB, dentro da minha igreja né. Quando eu precisei eu busquei então noutros espaços.

P. Esse processo que você procurou e desenvolveu com outras pessoas que também estavam passando por situações de luto, você chamaria isso de um trabalho de aconselhamento ou acompanhamento?

G. (Pensativa/duvidosa). Eu diria que foi um trabalho de ajuda mútua, sabe? Um mutuo aconselhamento ou fortalecimento, que vai acontecendo a partir de da troca, foi a minha experiência dessa troca que eu consegui fazer com outras pessoas, com os colegas, que passaram também por uma situação semelhante; de buscar realmente. De alguns colegas, eu recebi uma vez pela face (Facebook), pelo Messenger, uma mensagem, mas daí, depois dessa, foi um silêncio. Nem responderam mais e quando eu então respondi, não teve mais retorno, mas foi assim no sentido mais de buscar esse fortalecimento, nessa troca de vivências e experiências. Eu não diria que foi um aconselhamento, por que é um carregar-se em conjunto nesse sentido.

P. Então nesse carregar-se em conjunto, você poderia dar a essa atividade o nome de acompanhamento? Poderia ter esse nome?

G. É, acho que é um acompanhamento, mas de troca, sabe? Assim, uma pessoa... ou seja, seria em duas vias, em via dupla. Acompanhamento em via dupla; você ajuda a outra pessoa e a outra pessoa te ajuda é uma troca uma partilha e eu acho que foi muito bom, foi fortalecedor, foi esperançoso, de ver, de olhar, de levantar os olhos e vislumbrar horizontes. Acho que foi muito bom nesse sentido. Acho que essa é uma prática muito boa que realmente, ela gera bons frutos, é um fortalecimento interior necessário, imprescindível eu diria até, para poder continuar se focando.

P. Nesse sentido, Glicínia outra pergunta seria: se essas pessoas com as quais você partilhou não estivessem passando pela mesma situação que você passou, você pensa que essa troca teria sido tão benéfica como você disse que foi ou teria sido diferente?

L. Eu diria que é um pouco complicado de avaliar e até de julgar isso, sabe? Mais aí eu teria que fazer uma diferenciação; acho que sempre teve apoio como pessoa em sim, como ministra, dentro do ministério. Mas, aí eu faço uma diferença entre o processo de luto e ministra. Eu acho que como ministra eu continuo tendo muito apoio, espaço; daí o pastor Sinodal ele sempre deu um apoio muito grande para mim, talvez, até se sensibilizando pela minha situação; mas, como é que eu vou disser, é que eu não fiz tanto essa outra experiência de compartilhar com pessoas que não passaram por

esse mesmo processo, então eu me sinto um pouco desautorizada assim de falar. Mas eu penso assim, com certeza é importante, mas parece que existe uma preferência natural ou uma seleção natural com pessoas que tenham tido ou que irão passar pela mesma experiência e daí você pode chorar em conjunto, as mesmas dores e buscar se esperançar por caminhos de vida, de nova vida, de um resgate daquilo que foi perdido de certa forma e de fazer essa reconstrução da vida a partir daquilo que precisa ser o novo; que precisa realmente ser novo.

P. Pensando nisso que você acaba de disser agora: você considera que são importantes e é relevante que existam esses espaços e esses mecanismos de ajuda específica? No seu caso pela viuvez, mas também, poderiam ser consideradas aquelas pessoas que estão solteiras, que tem outras crises particulares; ou as divorciadas, que passam por lutos também, por que são pedras que se dão. Você considera que é importante que existam esses espaços e esses mecanismos para ajudar a essas mulheres?

G. Olha eu suspeito que esses mecanismos pelo menos não estão bem elaborados, se eles existem né? Talvez eles existam de forma mais espontâneas sim né? Mas eu vejo que é totalmente diferente a um ministério que se assume de forma a solo, daquele que se assume com um parceiro ou uma parceira; porque aí existe um apoio mutuo sem dúvida, né? Tanto as pastoras, elas têm um grande apoio no seu companheiro, no seu marido, mesmo não sendo pastor, mas recebem. Assim como historicamente todos os pastores sempre tiveram grande êxito no seu trabalho porque as companheiras deles foram seu esteio; foram muitas vezes aquelas que seguram as pontas e por que não disser, puxaram a frente, dentro do trabalho pastoral, então, é importante sim essa parceria. E aí, pensando agora em pessoas sozinhas elas não tem isso. Elas não têm onde encostar a cabeça, em que ombro poder chorar, com quem sair para alguma coisa diferente, com certa aproximação, vamos dizer assim, mais do que apenas amizade. Ah! Vamos fazer alguma coisa, vamos sair por aí, vamos comer uma pizza, vamos em algum lugar. Assim, essa cumplicidade natural que surge a partir de um relacionamento como casal. E aí eu acho que a pessoa, principalmente no trabalho, falo do trabalho, ela vai acabar precisando de outro suporte, de uma outra referência. Não sei, é a minha dificuldade digamos assim, muito viciada nessa coisa de sempre ter alguém junto comigo ao lado; mas eu vi como isso foi bom para mim. Foi um tempo que eu, olhando para trás, só agora eu percebo o que eu perdi.

Então, a partir desse meu olhar, eu penso o quanto seria legal também a pessoa, a ministra ou ministro, dentro da sua área de trabalho, receber um suporte que seja alguém dentro da área psicopastoral ou do pastor Sinodal; mas ele está envolvido com tarefas administrativas até não poder mais, com o tempo tudo absorvido por outras questões; mas seria muito importante ter outra pessoa que dá uma atenção especialmente voltada para as pessoas que estão sozinhas seja solteira ou seja a

forma como for. Como você já comentou, acho isso muito importante, porque você está ali numa comunidade. Numa paróquia é diferente você falar com a liderança ou com pessoas da comunidade que ocupam posições de cargos de liderança, ou falar com alguém com quem você tenha plena confiança. A confiança, como é que eu vou disser, aquela cumplicidade no mesmo patamar em que você se encontra. Não penso hierarquicamente; penso assim, de serviço, de trabalho, de visão, de sonho, de perspectiva. E aí eu acho que seria bom, muito bom, ter alguém que faça esse acompanhamento específico para pessoas sós. Acho que seria muito produtivo.

P. Você acabou de corroborar isso de fazer esse acompanhamento, por que, eu não forço as pessoas a dizer isso, mas, para mim, esse é um trabalho de acompanhamento mesmo; de caminhar junto, de estar ali. Porque o aconselhamento tem um viés um pouco diferente e esse também é um objetivo deste trabalho mostrar essa diferença entre um acompanhamento e um aconselhamento.

G. Eu penso assim: o aconselhamento até pode ser mais interessante eu buscá-lo fora do meu âmbito de trabalho. Por exemplo, com uma pessoa profissional na área de aconselhamento, não necessariamente pastoral. Eu preciso, de repente, sentar lá com alguém que não entende nada de pastoral, mas que entende muito bem da área do aconselhamento psicológico. Quer dizer, nessa área das emoções, da visão de vida, do mundo e tudo. Então, nesse sentido eu acho que complementa melhor se eu procuro fora da minha área ou específico de trabalho, alguém com que eu possa me aconselhar. Então, nesse sentido define muito bem a palavra acompanhamento isso que eu busquei durante esses últimos quatro anos.

P. Então era praticamente isso. A última pergunta fala sobre se você tem alguma sugestão, algo que você pensa que poderia ser feito com as mulheres da comunidade nesse sentido de acompanhar as mulheres.

G. Pois, é, eu tenho feito isso bastante; esse acompanhamento e fortalecimento das mulheres, porque aqui elas são a maioria das pessoas sozinhas, viúvas ou solteiras e eu tenho tido boas experiências de trazer elas para dentro da comunidade, envolver elas, engajá-las em trabalhos, em atividades e por essa a minha experiência nessa questão específica, de trabalhar com pessoas ou sozinhas, eu achei que vale muito a pena. Vale para elas e vale para o crescimento da própria comunidade. Como crescimento pessoal para elas e para a comunidade como um todo. E aqui eu vi pessoas..., um grupo um dia veio de Porto Alegre, a visitar aqui. Um grupo de mulheres sozinhas. Acho que elas se chamam mulheres sós. E elas estavam muito felizes e narraram, e compartilharam a sua experiência de vida e como o grupo teve esse fortalecimento. O grupo só pode ter mulheres sozinhas. Na hora que uma mulher arruma namorado, marido ou alguém aí, então não poder participar mais do grupo. Eu achei isso divertido, achei isso uma atitude bem bacana. Elas assumiram o que eram sem rodeios, são bem francas em dizer isso é um espaço muito bonito onde elas

podem se expressar, se abrir, colocar suas frustrações, falar de sim, de seus problemas, das suas dificuldades, dos seus sonhos, das suas limitações. Eu acho que é muito frutífero. E a gente precisa fazer isso na comunidade.

P. E esse trabalho é de onde, de Porto Alegre?

G. O que visitou aqui é de Porto Alegre eu não lembro faz mais de dois anos que eles vieram um grupo bem divertido um grupo que contou as suas peripécias também enquanto elas conseguem ajudar uma a outra eu encontrei muita maturidade no grupo.

P. Então era isso Glicínia, obrigada pelo seu compartilhar, sei que á coisas muito interessantes no seu depoimento que vão a ajudar para consolidar a informação junto com as outras participantes.

L. Uma coisa que eu trabalho muito aqui, porque elas me perguntam muito se eu sou casada, se eu não quero caçar, essas coisas assim. Então eu vejo nelas uma busca por uma companhia. Ah, queria ter um namorado! Essa história toda; principalmente as mais jovens. Mais também as de meia idade. Elas gostariam de se relacionar com homens também.... Então, o que eu costumo primeiro dizer para elas, é quem em primeiro lugar está a valorização delas mesmas como pessoas, como seres humanos na sua integralidade. Elas não são metade elas são inteiras; elas não necessitam de uma outra pessoa para se sentirem bem. Quero dizer, nada impede que elas procurem, mas que elas não busquem a segurança nessa outra pessoa. Então, essa questão eu costumo trabalhar um pouco essa questão da autoestima, da valorização de si mesma. Isso me parece um desafio muito grande, que para essa mulher principalmente ela não consegue ter valor a partir de si mesma, daquilo que ela é daquilo que ela representa para si.

P. Mas é porque a sociedade diz isso também né, que a mulher não está completa se não está casada. Então, isso também está muito interiorizado dentro das pessoas e, às vezes, se cobra muito isso. De novo, muito obrigada pela participação. Espero, quando passe essa pandemia, poder ir lá e conhecer o trabalho de vocês.

G. Eu que agradeço pela oportunidade de estar conversando. Muito prazer em te conhecer. Grande abraço para você. Fique bem, fique com Deus. Deus abençoe esse teu trabalho.

P. Muito obrigada, boa noite.

5. ENTREVISTA A JASMIN.

P. Bueno. Vamos a comenzar en esta mañana con nuestra entrevista a Jazmín, otra de nuestras colaboradoras en esta investigación. Buenos días Jazmín ¿cómo estás?

J. muy bien y bueno, un poco a la expectativa con la entrevista

P. Bueno Jasmin, tú ya conoces la intencionalidad de la entrevista. Entonces vamos a comenzar, ¿te parece?

J. Sí, está bien.

P. Cuéntame un poco sobre ti, como llegaste y desde cuando haces parte de la comunidad en la cual participas?

J. Bueno. Pertenezco a la comunidad cristiana desde niña, por así decirlo, desde que tenía, como 10 años y soy parte de la iglesia en la que participo hace aproximadamente unos 20 años. Entonces estoy también en una comunidad local al sur de la ciudad, trabajando y aportando desde los dones y talentos que una va descubriendo.

P. Cuéntanos un poco más como llegaste a la comunidad donde participas ahora.

J. Realmente llegue porque hubo un cambio de vivienda, de residencia de donde estábamos, entonces fue necesario buscar una comunidad cristiana donde congregarnos con mi familia, entonces llegamos por esa razón y al tiempo también en la comunidad donde participaba por tanto tiempo como mujer cristiana, tenía muchos inconformismos y entonces eso fue el cambio para llegar a la comunidad a la que ahora pertenezco; porque me he sentido identificada como mujer, como mujer de fe y también me gusta la propuesta que tienen en su práctica eclesial.

P. Jasmin, en que espacios ministeriales estás participando, como te eligieron, por cuanto tiempo y cuales eran o son tus funciones? Cuéntanos un poco de eso.

J. Sí, yo estoy colaborando como coordinadora pastoral en la iglesia en donde me congreso. También he sido parte de la formación de maestras de escuela dominical, en la predicación de la palabra, en la enseñanza y el proceso para que me eligieran como coordinadora pastoral en mi comunidad, fue un proceso comunitario se eligieron varias personas y entre esas personas, la comunidad decidió que debía ser yo la coordinadora pastoral de mi comunidad. Entonces estuve de acuerdo, aunque no creía mucho que pudiera hacerlo y que, por un periodo corto de tiempo, pero después la comunidad misma ratifico mi vocación pastoral

P. Jazmín, tú tienes unas características particulares, eres mujer, eres soltera, eres una mujer con necesidades especiales... ¿cómo ha influido esto en tu ministerio? En tu trabajo.

J. Sí, soy una mujer con una necesidad especial, y entonces como portadora de una discapacidad, he podido confirmar en muchos espacios que hay una triple, por así decirlo, exclusión. Una por ser mujer, dos, por mi condición de mujer con discapacidad y tres, también por ser soltera. Es muy difícil llegar a espacios en donde hay reunión de líderes y preguntan por el pastor y cuando les digo bueno soy la pastora de mi comunidad, pareciera que eso no tiene eco porque están preguntando por el pastor; entonces es difícil, en unos contextos más que en otros.

P. ¿Cómo ha sido tu experiencia? cuenta ahora un poco sobre cuál ha sido esa experiencia, esa vivencia en el desarrollo del ministerio que estás desempeñando ahora. Tu experiencia del día a día.

J. Bueno, ha sido de constantes desafíos, constantes descubrimientos. También podría hablar de unos reconocimientos propios, porque... en principio, en una cultura tan machista y patriarcal, que se reproduce en mucho dentro de las comunidades eclesiales de muchas iglesias, es descubrir muchas barreras y asumir esos desafíos. Que aún está la incredulidad y el escepticismo en el desarrollo del ministerio por parte de hombres hacia las mujeres y entonces, muchos hombres necesitan que se confirme con una capacidad y evidenciar que sí se puede, para que ellos de pronto, avalen o reconozcan; aunque debo reconocer que he avanzado en el ejercicio de mi ministerio sin esperar mucho el reconocimiento de ellos. Me he sentido afirmada por una comunidad que tomo la decisión de elegirme y ha sido por el apoyo de la comunidad en general un poco más sencillo, avanzar en medio a todos estos obstáculos.

También de descubrimientos porque en el ejercicio, se descubren habilidades y potencialidades que antes no se tenían y particularmente en mi caso como una mujer con discapacidad, pues los desafíos son muchísimo más grandes, porque se necesita ... para poder ejercer el ministerio, estar en una comunidad que tiene conciencia de la importancia de la inclusión, que está dispuesta y sensible a superar y a aceptar las diferencias y entender que todos podemos aportar. Que todos y todas aportamos; entonces ese descubrimiento ha sido muy enriquecedor para mi vida en la comunidad local en la que estoy y comprender que el ejercicio pastoral no es de uno, sino que se puede hacer desde una perspectiva comunitaria. Entonces, como soltera, pues las personas piensan y esperan que haya aun hombre, que siempre sea la figura masculina la que se vivencie en autoridad la figura masculina como la que como que defiende, proteja y hemos descubierto (y digo hemos porque es con mi comunidad) que ha sido un ejercicio comunitario el pastorado que no es necesario. Son importantes las figuras masculinas, pero no son indispensables en el ejercicio del liderazgo, como mujer, como soltera y aun como mujer con discapacidad física.

P. Entonces ¿crees que el hecho de ser soltera, específicamente, ha interferido en tu ministerio?

J. No en el ejercicio del ministerio como tal, porque en ninguna parte encuentro, ni en la Biblia ni en la historia lo poco una que conozca, ni también en mi propia historia. Ya son 13 años ejerciendo el pastorado, que necesito ser casada o tener un marido para ejercer el ministerio como pastora. De hecho lo más importante ha sido reconocer los límites, un poco la duda es cuando está el trabajo de consejería a mujeres casadas o a parejas, pero me doy cuenta que se puede hacer, porque lo más importante es reconocer cuando hay límites pedir ayuda y está la capacitación que se recibe en diferentes espacios, pero también está, está el mismo Espíritu de Dios; la presencia de Dios guiándonos y la comunidad misma, las mujeres mismas, enseñan con sus problemáticas como abordar estos temas entonces sí uno lo puede decir, como también los casados podrán decir, que no todo lo pueden atender a la perfección, cierto, entonces no, no es necesario ser una mujer casada para ejercer la labor pastoral u otros liderazgos dentro de la iglesia.

P. ¿Cuál ha sido tu experiencia, como mujer soltera, dentro de tu comunidad, en relación al tema de la sexualidad?

J. Sí, ahí cuando se va a abordar la sexualidad, partiendo nuevamente, porque es muy importante desde mi condición de discapacidad, están los prejuicios, de que, al estar con limitaciones físicas, ya como mujer no siento, como mujer, en conversaciones, que si se enamoraron o no se enamoraran, que si les gustó un hombre o no, pues pueden preguntar a todas, pero a mí no me preguntan; por una parte, es cómodo porque no tengo que estar contándole mis intimidades a todos y a todas (risas), ¿cierto? Pero por otra parte me pongo a analizar que hay unos prejuicios muy marcados en los imaginarios en donde como mujeres nos ven, yo diría, casi que como mutiladas en nuestros sentimientos, emociones y en nuestra sexualidad. Aún hay preguntas tan..., o sea uno dice, pero de donde sale esto, ¿no? Como en procesos físicos normales como mujeres que tenemos, que tienen la inquietud de saber, sí..., como mujer con discapacidad vivo los mismos procesos que las demás mujeres. Entonces pienso que hay bastante desconocimiento, falta de información, muchísimos prejuicios porque independientemente de la discapacidad que tenemos seguimos siendo seres humanos, conscientes, pensantes, sensibles, con toda la carga de emotividad y de hecho la sexualidad no es solamente, tener... o no está limitada a la genitalidad, sino que la sexualidad es una expresión de nuestra vida en lo cotidiano.

P. Y, ¿crees que hay espacios en la comunidad para reflexionar sobre temas como esos que estas mencionando en relación a la discapacidad, a los temas específicos de mujeres?

J. No, no, no hay suficientes espacios. Creo que podríamos decir que casi no se evidencia, a no ser que sean espacios de mucha confianza en donde las mujeres que nos podamos encontrar y de pronto participar un hombre. Así que es rarísimo sí, es

más por iniciativas personales y en espacios de mucha confianza; pero la iglesia no tiene espacios en donde como mujeres podamos compartir abiertamente de estos temas, menos hablar de sexualidad. (En esta última frase el cambio de tono de voz fue notoria en el sentido de afirmar que no se trata el tema). De hecho, hay comunidades religiosas con apertura y libertad que podría decirse que se tiene, pero para estos temas, no, no está todavía la intencionalidad de abordarlos, casi no hay espacios para hablar de estos temas.

P. Y ¿cuál crees tú que son los motivos por los cuales no hay esos espacios?

J. (piensa). Pienso que hay muchos prejuicios; pero también, como que no se han generado estos espacios intencionalmente para que se puedan hablar de esos temas, no hay confianza, no hay confianza para hablar de estos temas abiertamente; también hacen falta liderazgos que asuman intencionalmente el trabajar estos temas. Entonces es un gran vacío que tenemos en nuestras comunidades. En muchas comunidades; porque es una necesidad latente y, es más, cuando somos mujeres solteras y aún más, si le añadimos el tema de la discapacidad. Entonces no, no se abordan. Hace falta un liderazgo y abordar este tema de la sexualidad, creo que no es muy amplio, ¿no? la gama de personas que lo asumen.

P. Jasmin, tu querrías aportar desde tu experiencia en relación a la temática que se está trabajando en esta investigación, o sea: tú conoces ya cuales son los objetivos y a donde se quiere llegar con esta investigación; ¿tu tendrías algo que aportar o decir en relación sobre esa iniciativa de trabajar esas temáticas?

J. Sí, claro, a mí me parece que... (piensa) trabajar el tema de la sexualidad es tan humano, la sexualidad es tan cotidiana, que se necesita presentarla de la manera más natural. O sea, es algo natural, entonces, sin esos, vestigios de vergüenza o esos vestigios de morbosidad; despojarla de todo eso, despojar de todo esto al tema. Eso me parece de suma importancia, que abordemos de forma natural el tema de la sexualidad porque si no, vamos a seguir teniendo generaciones avergonzadas de su sexualidad; vamos a tener generaciones que no saben abordar su sexualidad; vamos a tener muchísimos problemas sociales por no abordar el tema de la sexualidad con responsabilidad. Me parece muy importante el aporte que desde esta investigación se está haciendo, porque es una necesidad que tenemos al interior de nuestras comunidades eclesiales y es una gran responsabilidad social también. Podremos ser sal y luz cuando nosotros desmitifiquemos el tema de la sexualidad.

P. Bueno Jasmin, muchas gracias y esperemos que podamos compartir un poco más de esta entrevista los resultados que tengamos.

J. Con mucho gusto y gracias.

6. ENTREVISTA A LILA

P. Bueno, vamos a comenzar con nuestras entrevistas a una de las mujeres que ha hecho parte del ministerio o cargos de liderazgo en la comunidad. Ella es Lila. Buenas tarde Lila. Cuéntame un poco sobre ti, ¿como llegaste y desde cuando haces parte de esta comunidad?

L. Muy buenas tardes!

P. (Entre risas) Buenas tardes

L. Bueno, pues, yo hago parte de la comunidad desde que nací. Mi familia, llegó a la iglesia a través de una experiencia de un accidente que tuve, cuando tenía 8 meses, y ese acompañamiento que hubo de parte de la iglesia con mis padres, hizo que ellos se sintieran acogidos en esta congregación, porque anteriormente estaban en otra, por la cercanía a la casa, específicamente porque hubo mucho acompañamiento pastoral hacia ellos. Entonces la experiencia del accidente que tuve, hizo que también yo creciera en ese ambiente; porque para mí fue normal o muy natural que yo viviera en medio de medicamentos y situaciones médicas y no lo veía como algo extraño, hasta cuando ya crecí y empecé a entender que esto no le pasaba a todo el mundo (sonrisas).

Mi experiencia de vida es parte de un milagro que todavía está presente, porque sigue Dios haciendo cosas en mi salud, en mi recuperación y es una prueba más de que, Dios está conmigo y que ha cuidado de mí en todos estos años de mi vida. De esa manera empecé a asistir a la iglesia, a hacer parte de los niños de escuela dominical; pero cuando ya tenía como unos 10, 11 años, ya sentía que yo no cabía en ninguna de las clases de la escuela dominical, entonces ofrecí mis servicios, como maestra. Como ayudante de maestra de escuela dominical.

P. ¿Por qué “no cabías”?

L. Sentía que no cabía porque pensaba, o percibía que todo lo que se enseñaba en la escuela dominical ya lo sabía. Los versículos que se enseñaban ya los sabía. Que, si íbamos a hacer alguna actividad, ya la sabía. Entonces sentía que era una rutina, pero no quería tampoco alejarme porque tampoco podía estar con el grupo que seguía; porque de ahí no había ni grupo de adolescentes ni un grupo para jóvenes, sino saltaba a los adultos. Intenté asistiendo a la clase dominical de adultos, pero no me sentía bien, tampoco.

Entonces yo misma me postule como auxiliar de maestra de escuela dominical, como una alternativa para encontrar mi espacio, en la iglesia. Y así fue como entonces,

inicié, pues ya, además, me había hecho bautizar; mi opción de bautismo la tomé a los 10 años. Entonces creo que todo eso era como... algo que uno iba sintiendo, que iba a otra velocidad, diferente a la que iba el resto de los niños. Entonces, sí, me dieron la oportunidad de hacerlo, pero fue cuestión de dos meses cuando la maestra oficial se fue.

Entonces como por cuestiones de la situación, yo misma asumí las cosas sin que ninguno me dijera, lo tiene que hacer, o, no puede asumir ese lugar, yo lo tomé como algo natural, como un compromiso que yo había querido para mí y que había llegado así. Entonces creo que ahí fue donde oficialmente empezó mi período de liderazgo en la iglesia.

P. Y ¿en qué otros espacios ministeriales haz participado, por cuánto tiempo? Ya hablaste un poquito de que no fuiste elegida en ese momento, pero... imagino que en otros espacios ministeriales también has participado.

L. Sí, cuando ya por lo menos en la misma experiencia de ir siendo maestra de escuela dominical, fue necesario elegir al coordinador, (en esa época le llamaban el superintendente de escuela dominical), entonces sí, eso sí ya fue en una reunión eclesial, que se hace para elegir a los líderes de la iglesia, en el consistorio. En esa época ya veían que yo había tomado muy en serio mi compromiso como la maestra de escuela dominical y entonces me postularon.

P. ¿Cuántos años tenías ya?

L. Ahí yo creo que tenía como unos 12, o sea, es que entre un tiempo y otro como que las cosas no... eran rapidísimo, y entonces pues esa también fue una discusión en medio de la congregación. Si una persona tan joven estaría en capacidad de asumir ese cargo. Entonces hubo gente que decía que había que darle la oportunidad a alguien que había demostrado mucha responsabilidad y que lo que necesitaba, tal vez, era acompañamiento; que en la medida que se fueran viendo las cosas, pues era una posibilidad y fue la primera vez que hice parte de un cuerpo gobernante o de un consistorio. Y eso coincidió con la época en que muchos líderes de la iglesia se fueron. Entonces, también como que uno empieza a tomar más cargos de los que, inicialmente había sido postulado.

P: Tú dices que hiciste parte del consistorio de ese tiempo. ¿El hecho de tu ser una niña, mujer, interfirió o fue beneficioso en el ministerio que estabas realizando, o piensas que había alguna dificultad en ese sentido?

L: No, al contrario, me sentí muy acogida, porque sentía que mucha gente me quería como apoyar, y que preguntara y que dijera, que estaban muy dispuestos a ser respaldo para mí. Entonces eso me gustó más porque yo vi que, sí era posible, gracias a que había mucha gente en caso de que yo me equivocara, o en caso de que hiciera

algo que no convenía o no correspondía pues había gente que me iba a apoyar y claro que me fui dando cuenta que me equivocaba muchas veces, pero vi que tampoco eso era como para que me descalificaran, entonces creo que ahí hubo mucho apoyo.

P. Y ¿cuáles eran las principales funciones que tu desarrollaste en ese ministerio? aunque imagino que hubo otros espacios de ministerios.

L. Sí claro; pero ese fue como el primero, primero; que lo recuerdo mucho, entonces inicialmente tenía que hacer las programaciones para cada mes en la iglesia de cuáles serían los temas para la enseñanza; estar pendiente de que si estaban los maestros para cada clase, convocar a reuniones de maestros donde todos eran adultos y yo me sentía extraña porque yo era una niña dirigiendo a unos adultos y sobre todo recuerdo que el pastor tomaba muy en serio lo que yo decía, entonces eso me sentía, o sea me hacía sentir muy respaldada porque uno sabe que en la iglesia, quien digamos es la representación de la principal autoridad es el pastor y si el pastor me respaldaba (entre risos) yo sentía que todo iba bien. Pero entonces también uno con los nervios y todo, se apresuraba a hacer cosas que no había que hacerlas como por ejemplo preparar e imponerle a veces a la gente, porque uno dice, esto va a salir mal y como su angustia; pero era parte de que alguien me dijera, no, calma vamos despacio. Pero yo sí sentí que en los primeros años fue mucho, mucho apoyo.

Quizá ya más con el tiempo que uno ya empieza como a tener un poco más de confianza, y en mi caso fue algo confuso o contradictorio porque pensé que las personas de la misma edad mía iban a ser con los que me iba a sentir bien, y fue con las personas con las que tuve mis choques, o sea, con las personas que sentí que me juzgaban que veía que si yo hacía cosas como de líder era porque yo me quería lucir y quería mostrarme mejor que ellos, entonces empecé a alejarme de la gente de mi edad. Desde entonces se volvieron amigos míos las personas adultas o ya de la tercera edad. No recuerdo que después de eso haya vuelto a tener amigos de mi edad.

P: Bueno en ese momento eras muy joven; pero, ¿y en los ministerios como persona más adulta? háblame un poquito más de los ministerios que haz desempeñado siendo más adulta.

L: Ah sí, sí. Después pasé al grupo de jóvenes, a ser coordinadora local de jóvenes y en el momento no me sentía muy cómoda porque veía que, entre los jóvenes mayores, ya, tenían como un bagaje. Ellos ya sabían que una reunión de jóvenes se lidera así o, en realidad las queremos así. Entonces ahí ya no me sentí como tan... identificada. Volví a las cosas de los niños de la escuela dominical, pero para buscar un punto intermedio. Fue la oportunidad para crear un grupo de adolescentes, (se dieron las cosas) y ahí ya no estaba tanto con niñas y niños, estaba con gente más de mi edad, pero como buscando puntos transitorios, porque siempre era eso de no encontrar mi espacio.

P. ¿Crees que el hecho de ser soltera, interfirió en el ejercicio de tu ministerio? ¿Cómo y por qué?

L. Pues en los primeros años no, porque siendo una niña pues no era problema. Tal vez, ya cuando estuve en el grupo de jóvenes y que ya empiezan a llegar las parejas de novios, de esposos, ya ahí hubo algo como que huuuummm... como que este no era mi lugar... pero digamos que donde ya empieza uno a sentir que... si... tiene algo que ver el hecho de que sea una persona soltera, fue digamos cuando tenía 22, 23 años cuando la gente se está casando, cuando ya todo el mundo se está organizando en su tema de pareja y, entonces empiezan como de todas maneras, de parte de los más adultos, a llamar la atención. Bueno, usted tiene que tomar una decisión, se está quedando, tiene que tomar una decisión con respecto a que va a hacer. Entonces como que lo llaman y le dicen, usted ya no puede ser la que tiene tantos amigos, y que este amigo aquí y este amigo acá, aunque no había nada de relaciones de pareja; pero como que ya no está bien visto, ¿sí? Usted no puede estar de amiguera con los muchachos, hay que buscar ponerse seria.

Entonces yo no sabía si me estaban llamando la atención o me estaban queriendo ayudar a ver las cosas hacia un futuro. No eran claros los mensajes para mí. Y pues de una u otra manera, ahí a mis 23 años, fue que empecé a sentir como que ya no había cosas que me motivaran en la iglesia; porque no habían digamos mujeres solteras; y si había mujeres solteras se refería uno a las mujeres viudas, ya ancianas, entonces uno empieza a ver, que en la iglesia no hay como el grupo de amigas, no hay un grupo de personas con quien compartir; y si había con quien compartir, eran amigos hombres que se habían casado. Ahí, el problema era con las esposas o con las mujeres cercanas, amigas de estos hombres, porque empiezan como... los calificativos y como que, a sentirse la atmosfera, aunque no se diga de frente... y esas cosas se vuelven complicadas, la verdad que sí; pero entonces, precisamente después de mis 23 años, como que empiezo a tomar un poco más de distancia con cargos de liderazgo con funciones en la iglesia, como para no tener más choques.

P. O sea que, ¿eso sí ha influido en ti, en tu ministerio y en tu vida personal?

L. Claro que sí. Sí. La cuestión es como que uno trata... o bueno, en mi experiencia, trata de mantener contenta a la comunidad, entonces pues no nos metamos tanto, tomemos distancia y una que otra vez, no me lo dijeron de frente las esposas, pero si llamaban a sus esposos y les hacían los reclamos. Entonces uno ya sabía... y ellos pues, tomaban distancia y entonces uno ya entendía. Pero era una amistad, ¿no?, yo no sé si es que a veces uno lo toma como cuestión muy ingenua, ¿no? y de pronto ellos no. Entonces, sus esposas si sienten como que ahí la cosa no está como en el nivel que es.

Nunca tuve un encontrón o un enfrentamiento con una esposa, pero si notaba que era incomoda la situación, entonces, uno como que si... se pregunta, como, ... ¿qué hago? (risas).

P. Y en el área de la sexualidad, ¿como ha sido esa tu experiencia en la comunidad, en el ejercicio de esos ministerios?

L. Precisamente, que, de una u otra manera es como mantener una cara oculta, de seguir manteniendo una imagen ante la iglesia y de pronto si se da la experiencia de una vida sexual como mujer soltera, que no se enteren en a iglesia, que no sea con una persona de la iglesia; que, además, la persona que no es de la iglesia, a veces tampoco sepa que uno es de la iglesia. O sea, como que, si se dieran dos mundos paralelos, porque la otra persona entonces va a empezar a juzgar y de parte de la iglesia entonces empieza el juicio, de ponerte en disciplina (risa nerviosa) hay que llamar la atención. Entonces es como si uno tuviera dos mundos, el paralelo del mundo secular donde a veces ni saben que uno está en la iglesia y en el mundo de la iglesia que como que no se sepan qué es la vida de uno fuera de ella.

Entonces si se va haciendo más compleja y después también esa decisión que con los amigos, entonces uno va viendo los modelos. Va viendo tanto a dentro como fuera de la iglesia que ya no le interesa como organizar un plan de vida con alguien para un matrimonio, entonces dice: pues aquí estoy entre la espada y a pared porque uno de una u otra manera, sí hay momentos en los que uno quiere como ese ideal de una familia, un esposo, unos hijos; pero también, después empieza como a cruzarse con otros ideales, como el querer estudiar, viajar, conocer otros lugares del mundo y que no todas las personas están en el mismo plan; o que las mismas personas con las que uno se relaciona, no le interesan las metas que uno tiene, porque de alguna manera se vinculan los proyectos espirituales y los proyectos, digamos, intelectuales o materiales.

Ahí yo no he encontrado como que hubiera un punto en común. Cada vez fue más difícil, más difícil. Durante muchos años fue como una crisis... digamos... emocional, de pensar que tal vez había tomado la decisión equivocada, que tal vez si yo hubiera sido más tranquila, más sumisa, hubiera encontrado al hombre que se acomodara a mi o yo me acomodara a él, no sé, cómo que son diferentes etapas en la vida en que... no sabes para donde ir

P. Y para ti, ¿qué entiendes por eso de ser más tranquila y más sumisa?

L. Como de la persona que acepta lo que le dan, como en el estándar o patrón de vida. Y el patrón de vida de una mujer, por ejemplo, de las ciudades como de la que yo vengo, que es una ciudad intermedia, es el tipo de mujer que, a temprana edad, digamos 18 - 20 años se está casando, tiene hijos y después de que sus hijos crecen

es que pensaría en estudiar y rehacer su proyecto, si puede. Entonces en ese caso, más tranquila y más sumisa es porque está acomodada a ese patrón de vida.

P. ¿Quién lo establece?

L. Digamos que está implícito, nadie lo dice. Eso está como implícito en la cotidianidad. En la cotidianidad se va viendo que la amiga se casó, que la amiga quedó embarazada y/o fue madre soltera o que se fue a vivir con X persona, en fin. Todo como en función de organizar una vida así sea, si no se ha casado, alrededor de tener un hijo. Como que esa es también una figura de familia; pero pues en mi caso, yo quería, eso sí, casarme sin tener hijos, pero no, nunca encontraba. Cuando los amigos con los que compartía mi vida íntima o relaciones de amigos con posibilidad de pareja, la posibilidad de eso, de querer uno casarse sin tener hijos, no vi el primero. Ninguno, (risas) el que lo hacía, lo hacía porque quería tener hijos o porque definitivamente si la vida se los daba, pero, en esos hombres que yo he tratado, no han tenido como esa misma idea de que quiero casarme sin tener hijos. No lo he encontrado.

P. ¿Crees que hay espacio en la comunidad para reflexionar de pronto ese tipo de situaciones que mencionabas ahora, muy particulares de las mujeres, que están predispuestas a actuar de una forma particular, en un contexto particular... y hay espacios en la comunidad para hablar de esas situaciones de estas mujeres?

L. No. no. Cuando se dialoga sobre esos temas es porque de pronto hay cierto nivel de confianza entre dos o tres amigas de la iglesia, que nos sentamos y hablamos del tema como cosa de que ya hay mucha confianza. Pero abiertamente no, y si de pronto en alguna ocasión se dio o se ha dado, ¡hum!, siempre como que está el cuidado como lo voy a decir, a quien lo voy a decir y hasta donde voy a contar y hasta donde no. Pero no, abiertamente no está eso como algo tranquilo, o como algo, que digo yo, como algo abierto para el diálogo, no lo siento todavía.

P. Listo. ¿Quieres comentar alguna otra cuestión que te haya parecido significativo en relación a este tema dentro de las comunidades eclesiales, en relación a las mujeres solteras?

L. pues a mí en particular este trabajo de investigación me llamó a atención, eso, que se tocaron temas que pareciera como si se diera por sobreentendido de que ya está claro para cada uno, como es que va a ser su vida a partir de una vida cristiana y la sexualidad. Entonces se da como por hecho de que está claro. El que no se casó no tiene vida sexual o el que quiera tenerla, por eso se tiene que casar, es como que no hay sino dos formas o dos perspectivas que están oficializadas, pero en la medida en que se va viviendo, es que se va dando cuenta que eso no, no está resuelto, ni siquiera está discutido o dialogado y encontrar con quien hablar esos temas es estupendo; porque por fin, siente que hay alguien que está pensando en las necesidades

personales de las otras personas y en particular me parece que un espacio como estos de poder hablar de estos temas es importante es necesario.

Bueno no sé hasta qué punto uno pudiera también estar dispuesto a contar cosas que son muy personales pero que por lo menos fueran como... liberándonos de esos controles que implícitamente se colocan. Porque es que nadie los dice. En la comunidad no se está diciendo: usted no se puede casar, o no puede tener una vida íntima si no es casada, no. Yo no lo he visto o lo he entendido que lo digan abiertamente, pero está dicho en medio del sermón, está dicho en medio del trato que se nos da. Entonces son esos, mensajes los que me parecen todavía más fuertes, porque ni siquiera se están reconociendo y en ese caso, pues digamos que, en mi plan de vida, también como que fue... listo no vamos a discutir con nadie, no le vamos a incomodar la vida a los demás, mantengamos como esa imagen, para que también en un momento dado no se vaya a "desdibujar" lo que es un líder y lo que es dar ejemplo ... Entonces sí queda como que una doble vida.

P. ¿En qué sentido te afecta esa doble vida de la cual estás mencionando?

L. Digamos que los primeros años de la década de mis 20 (risa) o sea, como entre los 21 y los 23, fue como dramático. Fue muchas veces llorar y decirle a Dios que yo que hacía y que me perdonara si estaba haciendo mal, o que me ayudara a entender que tenía que hacer o que como hacía para alejarme de esa persona, porque de todas maneras me había enamorado y sabía que... bueno el dilema... Los primeros años fueron muy difíciles y alguna vez se me ocurrió comentarle a una amiga en la iglesia y fue un error, porque se me volvió el problema más grande de mi vida, hasta el día de hoy nosotras no nos hablamos. Porque es como eso, que la gente crea digamos..., como una bola de cristal, ahí lo meten a uno y esa persona no se puede salir de ese parámetro que la gente construyó, sobre el imaginario que hacen de esa persona.

Cuando uno quiere abrir su corazón y cuenta cosas, como para ser honesta, porque siente que hay deshonestidad, y había deshonestidad de mi parte, porque la gente creyera algo que yo no estaba viviendo, y que tal vez si la contaba la gente me iba a entender y solo lo intenté con alguien que creí que era de confianza y fue todo lo contrario. Nunca ella lo dijo abiertamente a la comunidad, pero eso empezó a generar un ambiente en el que se hicieron como dos bloques; la gente que estaba conmigo y la que no estaba conmigo y pues eso no es sano. Entonces entendí que no; que el espacio no estaba para hablar de esas cosas y que tenía que mejor callarme.

P. Entonces parafraseando eso, ¿quiere decir que se hacen o crees que se hacen necesarios que haya esos espacios?

L. En particular creo que esos espacios podrían ser más de ganancia en la medida en que las mismas mujeres seamos las que entendamos y valoremos y aceptemos y reconozcamos la sexualidad de la otra; porque en sí, percibo que las que somos más...

digamos, incisivas, más acusadoras, más... como reclamando sobre la vida de las demás, somos las mismas mujeres. En un momento dado y no sé si es porque los hombres quieren como estar cómodos y con ellos no hay problemas, entonces ellos no intervienen; que esa es otra forma de mantener digamos como esa atmosfera de control sobre ciertas mujeres.

Pero también es porque nosotras como mujeres que somos las que nos podemos ayudar y entender en nuestras propias necesidades sexuales, las que podríamos darnos la mano y no con eso estoy diciendo que es que los hombres no. no; sino que tal vez, nosotras podemos ayudar a que desde nosotras mismas cambiemos muchas de esas comprensiones que se hacen de los entornos eclesiales, sobre cómo debemos comportarnos las mujeres.

P. Bueno Lila, muchísimas gracias por tu participación y esperemos que de esto pueda salir algo bien productivo para trabajar más adelante.

L. Con mucho gusto y muchas gracias también porque esta oportunidad de contar o de uno sacar un poco de lo que también guardo.

7. ENTREVISTA A LÍRIA.

P. Estamos com Líria outra das mulheres que gentilmente está colaborando com nossa pesquisa. Boa noite Líria, como você está?

L. Boa noite. Estou bem. Preocupada com tudo o que está acontecendo por dentro da gente e ao nosso redor, mas estou bem hoje.

P. Que bom Líria que você aceitou participar da nossa pesquisa. Vamos então começar com a primeira questão. Gostaria que você mencionasse alguns dos principais dilemas crises ou dificuldades que você tem enfrentado em seu ministério ou no desempenho de seu cargo de liderança como mulher “não casada”.

L. Duas coisas que me marcam muito desde muito cedo, no início do Ministério Pastoral foram: o assédio moral e o assédio sexual. Estes deixaram duas marcas muito grandes, em mim, que me tornaram uma pessoa muito mais auto protetiva e em alguns aspectos também muito mais fechada e também mais focada no exercício da autoridade e na ocupação de espaço, no me colocar. São situações que me acompanham ao longo da vida, que sempre voltam. O assédio sexual estando na vida comunitária como pastora e algo muito grave, muito grave. Você se sente invisibilizada, você não se sente reconhecida na sua dignidade como ser humano como uma mulher e também muito fortemente com o próprio trabalho. Leva um tempinho para se recuperar de um assédio. Eu sofri assédio do presidente da

Paróquia no meu primeiro ano trabalhando como pastora. Foi numa situação de trabalho mesmo, estávamos indo visitar numa comunidade no interior e ele me assedio dizendo que eu era o tipo de mulher que ele gostaria de ficar, de trançar e tudo mais. Então, foi uma situação muito difícil por que envolvia também assédio moral, uma vez que ele era presidente e estava numa situação de poder. É muito vulnerável, porque isso acontece muito nos momentos de vulnerabilidade; eu recém havia chegado, eu era jovem, era solteira. Então, senti assim, rapidamente, o poder dos homens na comunidade religiosa. Então me marcou muito, muito me marca até hoje e acho que são os dois fatos que mais marcam minha vida. Essas duas situações.

P. E de entre essas duas situações específicas que menciona, qual tem sido a mais difícil de enfrentar e por que?

L. O assédio moral, porque a minha situação de assédio sexual ela foi pontual, ela foi só uma vez e eu encontrei mecanismos para lidar com isso depois, com o tempo. E me fortaleci também para reagir a esse assédio. O assédio moral ele se repete muito na vida da gente e no âmbito da igreja, hoje, na posição de liderança que eu ocupo na instituição, ou assédio moral se dá muito por parte dos pastores sinodais homens que estão o tempo todo construindo argumentos para desqualificar o trabalho, desqualificar a liderança, questionar os propósitos ideológicos da instituição e de uma forma muito ruim, porque não é uma dinâmica que é feita num debate onde eu poderia reagir. O assédio ele é indireto e acho que isso é muito ruim por que nós não encontramos um espaço para reagir frente a frente. Acho que nalguns episódios nesses mais de seis anos que eu estou na instituição, ocorreu uma ou duas vezes em que eu estive numa reunião com todos os pastores sinodais e conseguimos fazer alguns diálogos, mas muito poucos se manifestaram. O assédio acontece em uma forma subliminar permanente para que eles fiquem protegidos de qualquer acusação de assédio, mas fica construindo esse processo muito violento, muito permanente, em que o assédio chega. Ele chega para as pessoas que compartilham como uma preocupação ou chegam através de outras informações e de outras atitudes. O assédio moral eu acho que é extremamente destruidor, de uma forma permanente. Eu lido com ele com apoio mesmo, com terapia nesses últimos anos. Já também ainda quando eu estava na paróquia era um trabalho muito intenso (fiquei 13 anos) então houve momentos em que eu também me sentia muito vulnerável e muito sem o direito de ser vulnerável por que as consequências da vulnerabilidade eram sempre muito julgadoras. Então, eu sempre me protegi disso. Eu sempre me protegi muito.

Acho que tem um aspecto muito bom, mas tem também um aspecto de adoecimento mesmo e ao mesmo tempo que você se auto protege você precisa reagir, você precisa enfrentar, isso é duro sem buscar um apoio psicológico em algum momento medicamentoso, com psiquiatra para lidar com a ansiedade, com a melancolia, com a tristeza, com a auto sabotagem que a gente vive com a exigente avaliação da própria performance; porque você tem que ter uma boa performance o

tempo todo, então, você precisa às vezes até calar essas vozes masculinas machistas; então você já entra numa performance muito impositiva também, mas acho que são construções porque eu vejo isso. Como liderança. Só nos espaços seguros onde você está, com gente que já passou por seus processos de transformação na vida, que já tiveram acesso alguns conteúdos, mas no espaço da igreja no espaço de “poder” da igreja eu sinto que eu sempre acabo sendo muito performática e menos espontânea. Performática para me proteger, para enfrentar, sabe? Já entro pensando em que eu estou em desvantagem e preciso me organizar muito para me proteger, para proteger a instituição e para enfim, sofrer menos.

P. Com isso você entrou na questão número 3 de vislumbrar algo sobre o tipo de ajuda que você recebeu para enfrentar essa situação. Então, a pergunta é: além do que você mencionou um pouco sobre ajuda psicológica, por exemplo, você recebeu ajuda da comunidade ou, que tipo de ajuda especificamente você recebeu e como foi desenvolvida essa ajuda. Semanal? Mensal? Como foi a dinâmica dessa ajuda.

L. As terapias, eu estou com 46 anos, eu as faço já faz 16 anos; com intensidades diferentes. Teve períodos em que eu fiz terapia dois anos, uma vez por semana, depois não continuei indo; agora quando voltei para esta cidade eu fui fazer psicanálise, gostei muito, estou gostando muito de fazer psicanálise; então tenho feito menos por conta da agenda de viagens e também faz mais ou menos um ano que eu comecei a fazer um tratamento com medicação, porque o trabalho ficou muito pesado, muito duro, muitos enfrentamentos; aí eu busquei essa ajuda porque eu estava sentindo que estava performática demais e aí me deu um medo de perder também a minha espontaneidade que eu tanto preservo e perder também principalmente essa liberdade de poder às vezes também, em espaços tão institucionalizados e poder disser coisas ousadas ou poder também pensar alto.

E uma outra coisa que sempre ajuda e ajudou muito nesses momentos são amigas, que são amizades longas, de uma vida inteira, onde nós nos conhecemos e também, outras rodas diferentes. Dentro da comunidade eu sempre fui muito cuidadosa e talvez tenha perdido chances de me relacionar como pessoas que pudessem me oferecer ajuda. Eu desenvolvi relações afetivas com pessoas da comunidade sempre sendo a pastora, sendo sempre essa referência e sempre me protegendo muito. Nunca consegui me colocar numa situação de pedir ajuda para algumas pessoas da comunidade. Não fiz isso. Nunca busquei, mesmo quando as pessoas percebiam, ah Líria você está tão cansada ou tem falado desta forma. Essas falas foram falas de ajuda, mas eu não entrei..., eu não abracei essas oportunidades. Poderiam ter sido boas, mas eu não as abracei porque eu fiquei com muito receio de que a comunidade não tem essa trajetória de cuidar. Não consegue fazer isso muito bem e o fato também de ser uma mulher divorciada.

Depois eu me divorciei, então, é uma trajetória né? Primeiro você é solteira, depois, é casada; depois você se divorcia; e aí você volta a ser “não casada” divorciada[...] Bom, na verdade, você nunca volta a ser “não casada”. A esse status você não volta. Então você sempre vai ter um casamento para contar para as pessoas e ele é ... Sempre vão fixar naquilo, que ela foi divorciada, né? Então é um outro julgamento. Isso eu até lido bem com a questão de divórcio, mas é uma questão que permanece. Você não volta a ser “não casada” nessa perspectiva. Você fica marcada por um fracasso no relacionamento amoroso na comunidade. É difícil lidar também com isso nalguns momentos. Mas, a busca por ajuda profissional acho que é muito importante. Muitas vezes a gente não consegue manter isso por questões financeiras, mesmo, mas acho que se tem que reservar recursos e tempo para isso.

P. Isso me leva a fazer uma pergunta é a seguinte: os processos de ajuda que você recebeu, você considera que foram eficazes? Foram úteis ou, por algum motivo, eles não tem tido a eficácia necessária para ajudar a lidar com essas situações?

L. A eficácia ela depende dos espaços onde estou depois da ajuda realizada, da sessão de terapia. Eu acho que é sempre uma ajuda muito parcial. Ela ajuda até um determinado momento; porque você volta para aquele mesmo lugar que te faz sofrer e aquele lugar não tem cura; você não está voltando para um grupo que está num processo de cuidado, de transformação, que está aberto a te ouvir. Então essa é uma outra coisa que pensei ao longo da minha vida é de reduzir as expectativas emocionais ao olhar para aqueles espaços e perceber que talvez eu seja da geração que não volve a ver isso, mas eu vou contribuir de alguma forma, devolvendo, mas o movimento de buscar o cuidado o movimento de me curar de buscar um reforço psicossocial sustenta a continuidade do trabalho.

Eu acho que ainda não estou nas estatísticas das mulheres que desistiram desiludidas. Eu estou conseguindo permanecer. E isso também tem uma razão; eu acho que nós sempre estamos tentando nos encaixar, né, eu acho que eu faço um esforço para me encaixar na igreja, para ser reconhecida, respeitada. Não numa perspectiva narcísica, mas uma perspectiva de trabalhar de ter direitos equivalentes iguais. Mas a ajuda está sempre cortada pela instituição que não avança.

P. As lideranças das comunidades onde você tem trabalhado, têm participado nesses processos de ajuda para você?

L. Não, eu não vi isso, mas isso é muito do meu perfil. Eu acho que como minha vida foi atravessada por um assédio, muito no início, provavelmente afetou meu relacionamento. Eu busquei apoio fora, em gente, eu enfrentei o assediador, e eu acabei vivendo um autocuidado muito solitário e com as amigas com uma rede de amigas, com apoio; mas não na comunidade, porque nisto eu já percebi que

rapidamente eu seria julgada como a pessoa responsável pelo assédio. Que eu não seria defendida.

Eu acho que eu tive logo essa sensação que não ia dar certo. Não tinha naquele momento os instrumentos, o poder para enfrentar. Hoje é diferente, hoje eu teria a linguagem, o enfrentamento e permanecer. Naquele momento eu não tive, eu optei por resolver direto com o assediador, me preparei para isso e aí, eu olhei para a vida comunitária com muita mais suspeita em termos de apoio, fui muito mais observadora das reações das pessoas em casos de violência, de assédio, e ali, eu também sendo muito posicionada nesses momentos, mas, um cuidado para mi, eu não me permiti. Eu não me permiti. Agora, viver outras formas de cuidado coletivas, de grupo, com mulheres; isso eu vivi na comunidade onde trabalhei por 13 anos; foi superimportante e me ajudou em vários outros aspectos no mínimo espaço onde eu me abri, me ajudou, me ajudou bastante; mas não foi um espaço que eu considerei assim, seguro.

P. você acredita que esse processo que você viveu e as ajudas que recebeu, onde encaixariam elas, num processo de acompanhamento ou de aconselhamento?

L. Eu vivi mais um processo de acompanhamento. Na minha perspectiva e na minha memória teológica do aconselhamento pastoral, ele se dá muito como figura religiosa. Então, eu me sinto mais acompanhada, na perspectiva psicossocial, do que aconselhada ou acompanhada na perspectiva espiritual teológica. Essa foi a minha experiência. Claro que eu tive mulheres com as quais eu conversei sobre isso; então nesse sentido eu vivi mais isso de fazer o papel do aconselhamento na vida comunitária, mas não de receber.

Nem com pastores e pastoras sinodais. Por exemplo, eu tive o caso do meu divórcio. Eu me divorciei e pelo regulamento da igreja você precisa comunicar ao sínodo e comunicar a Secretaria Geral da IECLB. Eu mandei uma carta para a Secretaria Geral e uma carta para o sínodo e eu não tive nenhuma resposta. E o divórcio sempre é um processo difícil e eu não tive nada, entendeu? o pastor sinodal não me telefonou para me perguntar eu como estava. Na época era uma secretaria geral. A diácona XXXX, absolutamente nada! Isso é marcante, ne?

P. Isso nos leva à seguinte pergunta: Considera que é importante ou relevante que existam esses espaços específicos para ajudar as mulheres “não casadas”, que estão envolvidas no ministério, a lidar com essas situações?

L. Com certeza. Eu acho que é muito importante criar alguns caminhos para conversar sobre isso e para traçar também, cuidados e autocuidados, e principalmente, o fortalecimento das mulheres “não casadas” no trabalho. Mulheres jovens, de meia idade, idosas; o que é que acontece com as ministras idosas na comunidade, como se dão essas questões, como que elas vivem suas escolhas, sua sexualidade, suas opções políticas. É sempre muito mais duro quando você está só, nestes modelos de

ministérios composto de casais heteronormativos, então, eu acho que é bem importante.

P. Alguma sugestão ao respeito do trabalho que se faz com as mulheres “não casadas” nas comunidades. O que você pensa que poderia ser feito? Alguma sugestão? A maioria das mulheres entrevistadas fala que nas comunidades, não existem espaços específicos para trabalhar com as mulheres “não casadas”, que no caso deste trabalho: solteiras, viúvas, separadas, que nunca casaram. Que sugestão faria nesse sentido?

L. Eu lembro que há muitos anos atrás aqui na cidade tinha um grupo na paróquia, chamado grupo singular; que era formado por mulheres nessas categorias. Particpei umas duas vezes quando era estudante, e eu fiquei muito impressionada com a liberdade que aquelas mulheres tinham, sabe? Elas não tinham aqueles compromissos de uma típica família heteronormativa. Algumas eram “não casadas”, sem nunca ter tido filhos ou filhas, nunca ter tido casamentos ou relacionamentos longos. Eu penso que as mulheres precisam de um lugar muito legal nas comunidades, para elas se encontrarem e se sentirem pertencidas. A tendência é elas ficarem muito invisibilizadas e deixarem de participar.

P. E existe o espaço ou não existe mais?

L. Eu acho que ainda existe, na paróquia do centro, posso-me informar, é um grupo já com muitos anos. Acho que é o grupo singular. São mulheres viúvas, divorciadas, algumas solteiras. Eu acho que a condição de “não casada” é uma condição pouco tematizada na vida comunitária. Nós não falamos sobre esse grupo de pessoas na comunidade. Elas ficam muito invisibilizadas. A gente não entra nesse tema, é como se fosse um fracasso, uma vergonha. Eu acho que é bem importante o tema, essa identidade, acho que é uma identidade também que te possibilita a viver de outros jeitos que as outras pessoas não vivem mais ou viveram muito pouco, né? E mulheres “não casadas” de poder dizer que querem ficar solteiras, o que não querem casar mais, que não têm interesse em relacionamentos amorosos. Então eu acho que é um grupo que acaba sendo vetado de outros temas.

P. Tem pessoas que acham que as mulheres “não casadas” não têm necessidades específicas, e eu insisto em que elas têm umas necessidades específicas, diferentes das mulheres casadas. Elas precisam trabalhar temas diferentes às das mulheres casadas, mas elas, como você menciona, terminam sendo invisibilizadas no “mundo da família” e coisas com elas são pouco trabalhadas. Bom Líria, era principalmente isso. Ainda que a entrevista foi curta, foi muito boa, porque têm uma densidade muito interessante. Você foi ao ponto das questões. Agradeço sua disposição para participar de este trabalho.

L. Eu que fico muito feliz com tua pesquisa, eu me sinto muito dentro dela, me sinto muito identificada. Me enxergo nela. Um beijo para você e muita força.

P. Muito obrigada, seguimos em contato. Muitas bênçãos.

8. ENTREVISTA A MARGARITA

P. Bueno estamos con Margarita otra de las mujeres que gentilmente se ha dispuesto para acompañarnos en este proceso de investigación. Margarita, ¿cómo estás?

M. Muy bien, gracias

P. Bueno Margarita, ya conoces el proyecto, ya conoces la propuesta, entonces vamos a iniciar con nuestras preguntas. Cuéntanos un poco sobre ti, ¿cómo llegaste y desde cuando haces parte de esta comunidad?

M. Bueno, soy de la zona norte del país, crecí en una comunidad cristiana, llegué allí por mis papás, digamos que por mi mamá en especial, que se congregaba en esa comunidad, cruzada estudiantil. Allí llegué muy pequeña, llevada de mi mamá, pero luego llegamos a otra comunidad que se llama la iglesia cuadrangular. Allí fue donde tomé la decisión de bautizarme, de conocer de Jesús. Fui enseñada muy profundamente en cuanto a la palabra, pero era una comunidad bastante conservadora, era donde las chicas no podían vestirse con pantalón sino con faldas. Mi decisión de seguir a Jesús fue a mis 13 años; me bauticé hice todo el proceso de aprender y de conocer del señor y fue donde más vi tanta rigidez, porque de las chicas no se podían maquillar, no se podían pintar las unas, era muy difícil de uno relacionarse con los chicos. Que cuidado con los abrazos, porque crecí bastante alejada de otros. Puedo decir eso no.

Luego de ahí conocí otra comunidad cuando entré a la universidad y fue diferente porque, pues era el hecho de compartirle a otros sobre Jesús y no solo era compartirle a otro para llevarlo a la iglesia. Para mí eso fue otro contexto el hecho de hacer preguntas a la palabra. Ya no era lo que decía el pastor sencillamente, sino era como también, yo puedo preguntar e indagar un poco más sobre lo que dice el señor a través de su palabra. Y ahí se fueron generando más preguntas, y más preguntas. Llegué a una comunidad de universitarios, que se llama Unidad Cristiana Universitaria, ahí fue donde más pude hacer preguntas con respuestas, muy natural, pero muy profundas. Ahí me desarrollé un poquito más, pude sentirme con mucha más libertad dentro de la universidad, porque era un contexto universitario, académico y donde uno se puede hacer preguntas; no solo bíblicas sino de la vida, de la vida misma.

En esta comunidad fue donde me pude abrir un poco más de conocer a otros estudiantes, a nivel nacional y también internacional y creo que ahí fue donde crecí un poco más. Ya no volví a usar faldas (risas) ya pude ponerme *jeans*, pintarme el cabello, arreglarme las uñas; aunque el maquillaje creo que todavía me volví (entre risas) muy rígida y creo que ahí no me he sentido tan libre todavía. Pero sí.

P. Y ¿cómo llegaste a la comunidad en donde estás ahora?

M. Bueno, pues salí de mi ciudad y me vine a aventurar, o no a aventurar, me vine a buscar empleo en esta ciudad y por medio de esta comunidad de estudiantes universitarios, conocí la iglesia menonita, en la que estoy ahora donde muchas personas participan de esta comunidad. Llegué como una participante muy activa, digamos, de los espacios que la iglesia con empatía abría para todos, Allí conocí y me involucré en algo que me gusta que es enseñar y lo hice iniciando con los niños de la iglesia.

P. hace cuánto llegaste a la comunidad donde participas?

M. hace ocho años

P. ¿En qué espacios ministeriales has participado en esta comunidad, o participaste? Si te eligieron, ¿cómo te eligieron? Si hubo un proceso, ¿por cuánto tiempo y cuáles fueron tus funciones?, cuéntanos un poco sobre eso.

M. Bueno, básicamente yo creo que los espacios más abiertos que tuve fue en el espacio donde participaba antes de venir aquí, que fui escalando, ¿no? Llegué y era dirigir, era el hecho de evangelizar, una de las cosas que hacía en la universidad. Luego era el hecho de acompañar o discipular a una persona, a mis propios compañeros y luego, era como entrenarlos, como discipularlos para que ellos puedan discipular a otros. Era una palabra muy común en la comunidad donde estaba. Pero en la iglesia donde participo ahora, como tal, se dio fue por un taller que nos permitieron dar de la organización en la que participaba, a la iglesia y de ahí conocí a la hermana que se encargaba o coordinaba toda la parte de la escuela dominical. Después de ese taller a mí me entusiasmaron, bueno me hicieron una invitación muy especial de que si quería participar en la enseñanza en la escuela dominical y ahí me involucré.

Fue algo voluntario, pero sé que había otro equipo de trabajo. Estaban otras personas ahí, y fue difícil, ¿sabes?, al inicio (entre sonrisas) porque era como, pues ¿quién eres tú? ¿Qué es lo que haces y porqué llegas a esto? Yo tenía otras ideas como para aportar y creo que era difícil, porque como que uno recién llegada, no te conocían mucho y pensaban: ¿qué es lo que vas a decir? Y ¿qué les vas a enseñar a los niños? Luego, se fue dando la apertura. Participé también de espacios de formación en el seminario de la iglesia, lo que me ayudo un poquito a conocer cómo se puede trabajar

con los niños y también, no solo enseñar la palabra, sino también tener claro otras cosas, ideologías y temas muy claros para no confundir a los niños más de lo que estaban, ¿no?

Fue difícil. Creo que fue el hecho de ir ganando o teniendo la confianza y también generando confianza en ellos para que yo pudiera hacerlo con toda libertad y bueno, creo que fue así que comenzó ese ministerio que me agrada, que me gusta. Y no solo es decirles a los niños que hacer, sino qué piensan ellos, ¿no? Y también, lo pensaba era por mi experiencia de niña de escuela dominical que era muy dura. Entonces yo me hacía la pregunta, los chicos deben hacerse las mismas preguntas que yo me hice cuando estaba niña (risas) y era el hecho de generar las preguntas y que las respuestas las pudiéramos construir entre todos y no decirles yo las respuestas, sino que la pudiéramos construir, creo que así fue que inicié.

P. Cómo ha sido tu experiencia en el desarrollo del ministerio o cargo de liderazgo. Así, para ti, lo que tú has experimentado.

M. Mi experiencia... ha sido de soltarme, de no creer que tengo la última palabra, de que los niños me confrontan con sus preguntas, de hacerme más preguntas a las cosas que me han ensañado y que muchas veces han sido erradas, que muchas veces me creí. Cosas que no eran y yo no quería transmitir eso a los niños tampoco, sino que ellos pudieran generar sus propias preguntas, ante lo que ven, ante lo que escuchan, ante lo que tocan, todo ese tipo de cosas y eso era lo que quería hacer con ellos, creo que difícil es el hecho de como comunicas eso. ¿no? Con claridad con firmeza y que el otro se apropie de lo que uno está tratando de decirle y que también pueda quedarse, no solo con lo que uno dice sino también investigar o indagar mucho más de lo que uno les puede decir. Creo que mi experiencia ha sido esa, ha sido a veces muy difícil porque (suspiro) hay preguntas en mí que no han sido respondidas todavía y a veces puede ser difícil comunicarlas y puedan tomarlas por otro lado, ¿no? Con otro sentido, sin el sentido que yo le estoy poniendo, entonces creo que ha sido bastante difícil esa parte.

P. En relación a los ministerios, ¿solo has desenvuelto el ministerio de la escuela dominical o has desenvuelto algún otro ministerio?

M. hay otro que desarrollé por muchos años, era el hecho de obrera, como de capacitar y orientar a estudiantes universitarios, en ese fue mucho más difícil porque son muchas ideologías en la universidad, muchos temas, muchas preguntas, y muchas interrogantes que las mismas personas quisieran resolverlas inmediatamente, pero eso se va desarrollando en el caminar de la vida. Entonces, en el ministerio como tal, era el hecho de evangelizar, compartir la palabra, más que todo generar confianza en los estudiantes y relaciones en las que uno puede hablar con sinceridad, ¿por qué estás estudiando esto? ¿Al servicio de qué lo estás estudiando?

Entonces eso era lo que hacíamos en la universidad. Cuando estudiaba, fueron mis cinco años de universidad, donde desarrollé eso y luego estuve como unos 10 años más, pero en un área más administrativa de un ministerio que es Unidad Cristiana Universitaria.

P. ¿Crees que el hecho de ser soltera, interfiere o ha interferido en el ejercicio de tu ministerio? ¿Cómo y por qué?

M. (entre sonrisas) Una de las cosas que más decían los estudiantes barones, los hombres en el ministerio de Universidad Cristiana Universitaria era que habíamos construido en la oficina nacional un matriarcado, porque todas de la oficina eran mujeres y bueno, todas las que asumían un rol de capacitar, de orientar, de preparar, y aun de evangelizar en la universidad, las que se comprometían más eran las mujeres. Los hombres, siento que llegamos a hacerlos, sentirse un poco intimidados con tantas mujeres en el movimiento estudiantil y para ellos era un poco difícil arriesgarse. No sé si nosotras las mujeres somos más arriesgadas y nos confrontamos mucho en las cosas que hacemos, en todo el tema de hacer, pero era difícil, porque una mujer no podía discipular a un hombre tenía que ser a una mujer y menos podía ser una soltera a un chico que estuviera casado, o que estuviera ennoviado, era difícil esa parte.

P. ¿Era una regla del movimiento?

M. Sí, era una regla, pero los hombres se sentían no bien acompañados o algo porque lo hiciera una mujer y además soltera, entonces por eso decían que era el matriarcado, por el hecho de que las que dirigían el movimiento estudiantil, solo eran mujeres, y todas eran solteras. Entonces, si era un chico o una pareja como para acompañar en su proceso era como difícil. Qué me vas a decir tú, si tú no has vivido lo que estoy viviendo yo; o preguntas muy concretas también a las cuales a ellos les gustaría que les acompañara una pareja o un matrimonio, una persona que haya tenido esa experiencia; pero una como soltera, pareciera que no tendríamos nada para decir con lo que ellos estaban viviendo.

Y creo que a veces no lo asumían, digamos la relación o la conversación, como algo que lo tomarían en cuenta, por solo el hecho de pues, qué me puedes decir a mí si tú no has vivido esto que estoy viviendo. Y bueno y era más porque lo basábamos en la palabra, qué decía el Señor sobre eso. Se hacían los diálogos... Yo tuve muchas conversaciones de chicos que Vivían temas muy concretos en su persona, en su carácter y todo, pero que simplemente me buscaban para el solo hecho de que les escuchara, pero no porque tuviera algo que decirles, que aportar a lo que estaban viviendo en ese momento. Y pues para mí era difícil porque a pesar de que no estuviera viviendo lo mismo, yo tengo mi historia y he podido caminar por muchos años y yo creo que, con solo el hecho de comunicarlo, hay algo que puede estar

aportando al otro independientemente si es o no soltero o soltera. Pero creo que ha sido eso.

En el ministerio en la iglesia con los niños, era muy divertido, porque eran personas pequeñas a las cuales necesitas orientarles, pero nunca vi como malo si yo estuviera soltera o casada. Aún había maestras que eran casadas y con hijos y creo que no sé si era la única que en ese momento estaba como soltera; pero no interfirió para nada en el ministerio de la iglesia.

P. Ya compartiste un poquito, pero ahora, compártenos cómo ha sido tu experiencia como mujer soltera en la comunidad, en relación al tema de la sexualidad. En este caso sí podríamos decir un poquito más en la comunidad donde estás, hace 8 años más o menos.

M. Creo que la pregunta siempre ha sido ¿y cuándo te casas? (risas) ¿no tienes novio? No estás pensando... O, ¿cuándo estás pensando casarte? Es una pregunta que no la hace solo la comunidad sino la familia. También es como (risas)... como si la vida solo se encerrara o la plenitud de la vida fuera casarse. Eso de estar casado y tener hijos y familia. Considero que no es cierto. Digamos una de las decisiones, o no es una decisión, es un caminar, que, si llega la persona a la cual uno considera que podamos construir algo juntos, sería chévere, ¿no? Pero es muy difícil el rotulo que le ponen a uno, es decir: ¿estás soltera todavía? (entre risas); ¿cómo así? Como si eso fuera algo que solo fuera de nuestras manos. Son muchas circunstancias, pero también un caminar y muchas otras cosas que también rodean eso, ¿no? La decisión.

En la comunidad (risas) creo que lo han visto como alguien sola, solitaria o muy amargada. A veces muy hostil con uno mismo, con otros. Puede ser, la experiencia, lo que yo he vivido, ¿no? El hecho de hacerte la pregunta, ¿todavía eres virgen? Es algo que lo toman como si fuera algo, muy conservador, debes ser todavía virgen si no tienes todavía esposo o ninguna pareja.

En cuanto a la sexualidad, ser soltera es algo muy difícil, (risas), porque te puedo decir que me he sentido muy sola, muy frágil en esa área también, a veces con cosas todavía como con las que crecí o creí. Que estar soltera es... malo; pero a veces también me pregunto: ¿cómo fuera si no estuviera soltera?, ¿cómo estaría?; porque la plenitud de la vida no es solo estar casada o desarrollar un ministerio simplemente porque debes hacerlo, como un patrón, como el patrón que "tiene que ser".

Si eres casada, organizada, tienes una familia, puedes desarrollar muchas cosas; pero como soltera va a ser difícil hacerlo tú sola; entonces tienes que tener a alguien al lado. Todo lo que he desarrollado hasta ahorita ha sido como soltera. Un poco difícil, sí. (risas) porque las preguntas, los interrogantes, el hecho que te señalen como alguien que... como si no estuvieras completa y no es cierto. Yo considero que estoy

completa a pesar de (risos) pero es algo que son diálogos que no son tan abiertos para hablarlos y ser sinceros con lo que uno está viviendo.

P. En ese sentido, ¿crees que hay espacios en la comunidad para reflexionar estas temáticas del ministerio, de la sexualidad, de las mujeres solteras?

M. Creo que hay diferentes ministerios en las comunidades y lo que observo es que muchos son para los niños, para los jóvenes, para las parejas, para los casados; pero creo que no se ha tomado... y bueno hay también ministerios como para profesionales y todo esto; pero como soltera, para hablar temas de sexualidad sin tanta rigidez, sino el ser espontáneos en hablar de estos temas, creo que no. Considero que no. Creo que se dan más en las amistades y relaciones que uno puede tener dentro de la comunidad; pero no es como algo que esté establecido en la iglesia, no. En la comunidad, no.

A veces es difícil hablar sobre estos temas y es difícil no solo por como tú te sientes, sino por cómo es tratada la gente al hablar de estos temas, hay muchas palabras de condenación, hay muchos rechazos, hay temas como la murmuración de estas cosas cuando tú las hablas con alguien; cuando uno se abre a estos temas lo hace con la confianza de que el otro te pueda recibir y no tanto darte, porque en estos temas... de que otro te dé a veces es difícil. Es solo que te escuche y, en medio de la experiencia del otro, poder dialogarlas hablarlas y también ser sinceros uno con uno mismo; pero también con el otro, ¿no? Porque son luchas, hay tentaciones, hay cosas que uno desea, de ser deseada o amada, pero bueno, estás sola; ¿cómo lo vives? Tú misma debes asumir tus las consecuencias de las propias decisiones que tomas; pero que la comunidad te acobije y te abrace en estas cosas o por lo menos te reciba, es difícil. No es tan fácil.

El hecho de uno desnudarse ante estas cosas en conversaciones, a veces tú misma te limitas por lo que observas, por lo que escuchas por las reacciones de otros; por las miradas de otros aun en estas cosas (risas); que te limitan a seguir expresando o por lo menos tú, liderando este tema dentro de la comunidad. Entonces, te tildan de esto, o de aquello. Creo que se escuchan palabras que desafirman a la otra, como no el hecho de afirmarte en lo que estás pensando y diciendo y expresando; sino te limitan diciendo: mira lo que dice la palabra y con solo el hecho de decirte la palabra, es como que esa es la autoridad y no puedes salirte de ahí, de ese patrón al cual uno se dirige y comparte en una comunidad eclesial.

A veces es más fácil abrirse a otros espacios con otras personas no cristianas sobre este tema y expresar y conversar las luchas, los deseos y todas las cosas “carnales” (risas) que dicen que no se puede; lo disfruta uno hablando con otras personas que con la comunidad y en esos espacios te reciben de una manera más abierta, con mucho más respeto que la misma iglesia; y quisiéramos que esa no fuera la idea,

¿no?, de nosotras salir a dialogar a conversar, a preguntar, a cuestionar cosas fuera, porque adentro no se pueden hablar. Porque adentro, no se puede uno expresar, porque estás en pecado (risas).

¡Te estás desviando! son las palabras tan usuales. Eso no dice el Señor. Eso no lo dice la palabra. ¿Cómo así que estas tomando esta dirección donde el Señor dice que por ahí no es?, te estás desviando! (se nota en la entrevistada una sensación de angustia) Pero sí, son tantas cosas de las cuales no sé. No se pueden hablar con tanta sinceridad..., con tanta naturalidad, porque veo que, pues si el Señor nos creó, así como mujeres y mujeres que queremos ser deseadas, que queremos ser amadas, pero bueno, cada una tenemos nuestra propia historia y nuestras historias, pueden también ser propicias para todo lo que hay que recorrer o seguir caminando en cuanto a fe y a la parte eclesial.

P. Una última pregunta, ¿tienes algún aporte frente al hecho de esta propuesta de trabajo con esta temática

M. Creo que he conversado mucho con amigas que somos de diferentes comunidades eclesiales que nos reunimos para hablar sobre estos temas, ¿no? Y que bueno que la sexualidad no solo es el hecho de tener intimidad con alguien, sino que la sexualidad es un todo, que abarca tantas cosas, no solo por el hecho de si lo disfruta más el que está casado y la soltera no lo disfruta, porque no está casada, entonces tendría que llegar al matrimonio.

Hace poco me hacían una pregunta (risas) ¿y todavía eres virgen? Cuando me hacían la pregunta yo respondía, pues sí, soy virgen; ¿y cómo te has aguantado tanto tiempo? (risas) y yo misma me respondía, sin responderle a la otra persona, yo no sé cómo me he aguantado, porque las ganas no me han faltado (risas) y creo que es a veces difícil. Y creo que muchas chicas a la edad mía, ya no viven eso, el hecho de estar virgen. ¡Eso olvídate! Eso no. Pero bueno, vengo con una historia bastante..., muy rígida, muy conservadora. Una familia muy cristiana, pero a veces, de no hablar de estos temas, de no dialogarlos. Que, si haces una pregunta, entonces, cómo que ni se te ocurra hacer eso y por eso dije que me he creído tantas mentiras. Las cuales, ahorita mismo me pregunto, ¿por qué? ¿Por qué? Y esos por qué, entonces no tienen respuesta resueltas y simplemente me quedo con el por qué.

Pero considero que son temas que son esenciales, que se deben hablar con naturalidad. Como son. que no se deben llevar como con tanta rigidez sino apropiarnos. Y no llevar que estos diálogos se den más por fuera que por dentro de la comunidad. Chévere sería tener reuniones de solteras y hablar sobre esto y de solteros también, porque hay muchos también; pero creo que los hombres a veces son más espontáneos en esto que las mismas mujeres, porque entre las mujeres hay mucha competencia, unas cosas que yo digo, no seamos abiertas en contarlas, es

necesario hablar varios temas y la sexualidad te abre los lentes. El hecho de dialogarlos te permite ver más allá de lo que te han mostrado toda la vida y que no deberíamos estar con las manos amarradas y atadas y a veces con tantos silencios en la comunidad sobre estos temas. Porque queremos que otros nos acompañen o por lo menos tener y conocer la experiencia de otros sobre estas cosas. Porque nos quedamos solo con la pregunta, pero sin las respuestas y las queremos buscar en la palabra, pero hay otras tantas cosas y tantas historias en la biblia que nos podrá ayudar hablar sobre esto.

Hace poco leía la historia de Agar, impresionante como queda esa historia dentro de la palabra; pero también hablar sobre la historia de la que fue violada por su hermano. Cómo no hablar de esas historias si están en la palabra y muchas de las mujeres viven estas historias en sus vidas que pudiéramos dialogarlas y hablarlas. Temas como eso, la sexualidad en cuanto el tema de la masturbación (risas), que tengo muchas preguntas; el tema de si está bien o no tener relaciones antes del matrimonio; muchos y es adulterio y hay cosas que pudiéramos dialogar ponerlas como también tema del cual se pueda hacer no solo conversatorios y reuniones sino también hacer parte de una escuela dominical tanto con los niños como con las niñas y la comunidad en general que hablemos de esas cosas.

Hay muchos chicos y chicas y yo creo que también me incluiría ahí de todo el tema de la lucha con la pornografía. Son temas que se dejan fuera de la comunidad porque pues no es algo que Dios esté de acuerdo o no pero hay que dialogarlas, hablarlas, que sean temas centrales y que sean temas que no nos digan, qué no debemos hacer, sino como vemos esto dentro de la comunidad eclesial, sí porque afuera se ven muchas cosas y los que estamos supuestamente adentro de una comunidad y guardaditos y muy cuidados con la palabra del Señor, a veces no tenemos respuestas a esas preguntas que tienen afuera y nosotros debemos tener respuesta a eso y con mucha claridad, también, no siendo mojigatas y no tan juiciosas en cosas sino que podamos entender con claridad, por qué hacerlo o no hacerlo y decirlo con mucha propiedad también para que otras también lo puedan llegar a conocer.

P. Bueno, muchísimas gracias por tu participación y esperamos que los resultados podamos también traerlos y compartirlos y ver la posibilidad de no sé, abrir nuevas posibilidades a esas inquietudes que estás manifestando. Muchas gracias.

M. Bueno, gracias a ti.

9. ENTREVISTA A MIMOSA

P. Bom, estamos aqui com Mimosa, vamos a começar a nossa entrevista. Boa tarde Mimosa, como você está?

M. Boa tarde. Estou muito bem, a agradecida pelo convite.

P. Obrigada por aceitar a participação na entrevista. Bom, já conheces o processo; então, a ideia é saber um pouco a sua posição, sobre o tema da pesquisa e gostaria que mencionasse alguns dos principais dilemas ou dificuldades ou crises que tenhas enfrentado no exercício do teu ministério ou nos cargos de liderança que tenhas exercido.

M. Então, como dificuldade, penso, dificuldade emocional, o fato de ter entrado num campo ministerial, que sempre era exercido só por homens. E eu fui, então, a primeira mulher a entrar naquele campo ministerial há trinta (30) anos atrás; e por estar sozinha naquele ambiente e todos os outros colegas ao redor serem homens, eu sentia a grande solidão de ter esse olhar como mulher, do ministério feminino. Em termos de trabalho o que eu notei (atualmente não tenho tanto essa dificuldade mais já tive bastante), é que aquilo que eu imaginava como um projeto para ser implantado ele muitas vezes não foi aprovado, pelo fato de eu ser mulher, por ele não ser um projeto pensado pelo mundo masculino. Então, no nível de trabalho tive essa dificuldade. Também por ter sido a primeira mulher e eles não conhecer a dinâmica do trabalho feminino no ministério pastoral, então sempre as coisas demoravam mais para acontecer. Eu sempre tive que fazer um trabalho excessivo, sempre um pouco a mais, para mostrar que aquilo que eu estava fazendo era um trabalho correto, um trabalho digno e um trabalho que deveria ser respeitado.

Então, foi uma questão bastante difícil de pensar isso de que eu estudei como qualquer outro estudou, fiz as mesmas coisas, mas..., eu tinha que provar. Eu tive, há menos de um ano atrás, uma situação destas. Como eu sempre trabalhei num ambiente ecuménico e macro ecuménico, eu tive uma situação (agora atuando como Capelã), de um Padre se questionar se eu tinha entendimento teológico e bíblico para uma situação específica de atendimento e ele ficou a abismado, (porque ele conhecia outros pastores Luteranos), de eu ter feito à mesma faculdade. Até eu fiquei olhando para ele e pensei: será que ele acha que as mulheres fazem uma faculdade menor ou sei lá? Mas, quando eu disse para ele: olha, eu fiz a mesma faculdade desta pessoa que você conhece, fiz os mesmos estágios, tive que passar pelos mesmos processos que essa pessoa passou para poder estar aonde eu estou aqui agora. Para ele foi uma coisa assim..., parecia que era de outro mundo. Então, ainda tem em alguns momentos, assim, parece que um descrédito com toda a parte educacional que eu recebi para poder estar exercendo isso.

No nível de relações humanas, relações comunitárias no caminhar do ministério, eu fui cada vez, me isolando mais. Então, assim: eu conheço muitas pessoas, me relaciono com muitas pessoas; mas é tudo no nível muito..., não íntimo, não mais profundo. É tudo no nível realmente de trabalho, esse é o termo que eu poderia usar. Não é um contato, uma relação cotidiana. É uma relação realmente mais superficial.

Então essa é uma grande dificuldade que eu senti durante o ministério todo; de você ter amigos, seja dentro da comunidade ou fora da comunidade específica que eu trabalho, esse espaço onde você não precisa ficar toda hora cuidando do que você diz ou sendo cuidada. Melhor, a gente acaba começando a cuidar, porque a gente é muito vigiada, né? A gente recebe toda essa coisa de as pessoas nos vigiarem nosso falar, nosso agir. Eu tive certa perseguição, por lideranças, na questão de como eu me vestia, de como cortava o cabelo. Era muito vigiada nesse sentido y cobrada nesse sentido porque se queria um comportamental mais masculino do que realmente nós mulheres somos. A nossa especificidade, ela era ignorada e cobrada um específico mais masculinizado. Isso foi uma coisa que me fez restringir a pouquíssimas pessoas no meu âmbito de amizade e que me fez afastar bastante. Então, eu tenho uma relação muito boa com as pessoas, mas uma relação superficial. Nada de uma relação mais profunda.

Realmente tive várias crises pessoais durante este tempo de ministério. Especialmente quando eu tinha que apresentar algum projeto, alguma iniciativa nova na comunidade, ou dentro de um programa já existente, apresentar algo que eu gostaria que fosse instituído, que fosse adiante; de isso ser barrado e de eu constatar depois que foi barrado, que foi negado pelo fato de que eu era mulher. Então ficava muito claro isso de que o projeto não ia adiante pelo fato que estava vindo pela boca de uma mulher. Isso me trouxe alguns questionamentos, de se eu estava no lugar certo, se eu deveria ser pastora mesmo, se eu deveria estar no ministério mesmo, se eu iria ter capacidade, especialmente no início, né? Se eu iria ter capacidade para crescer dentro do ministério e fazer tudo que era demanda pastoral dentro de aquela comunidade; por essa questão toda. Isto me trouxe algumas crises de vocação, de me perguntar sobre isso, né? Foi bastante complicado.

Depois que eu me divorciei as coisas se complicaram um pouco mais. Já eram complicadas pelo fato de eu ser mulher, e aí quando eu me divorciei, (a entrevistada deixa escapar um suspiro de impotência) as questões de relaciones humanas, até aquelas superficiais, ficaram mais difíceis ainda; porque sempre teve a sensação de que eu estava sendo uma ameaça. Uma ameaça para as mulheres casadas em relação aos seus esposos; para as mulheres de pastores em relação ao seu marido; então eu acabei, nesse processo todo, me isolando socialmente e também, do mundo comunitário de trabalho. Também, na questão de que eu não dava mais carona, não pedia mais carona; não participei de certas confraternizações ou nas conferências, eu não ficava mais batendo papo..., ficava mais num canto, isolada. Eu sentia que existia um desconforto em relação aos meus colegas, em relação às esposas dos meus colegas e aí eu acabei me isolando bastante nesse sentido.

Acho que foram essas as principais dificuldades. O fato de estar entrando num campo masculino, que nunca ninguém, nenhuma mulher tinha exercido naquela localidade; a questão de viver esse momento de divórcio, e ver que é uma coisa inconsciente dos

colegas, não sei até onde eles tinham consciência, mas, ouve essa questão de eu ficar de lado. Até quando eu comentei com um colega meu, há pouco tempo atrás, eu disse: na época que eu me divorciei, não sei se você percebeu, eu me afastei de várias coisas. Ele disse: nossa! Eu nunca me tinha dado conta de que o nosso comportamento tinha trazido isso para você. Então acho que era uma coisa inconsciente. Mas era uma coisa do inconsciente coletivo de uma sociedade também com seus preconceitos e de seus temores. Então foi uma dificuldade bastante grande.

P. E de esses dilemas que acabas de mencionar, dentro daquelas crises que viveste por essas situações, qual têm sido a mais difícil de enfrentar ou de superar e por que?

M. Eu tenho refletido bastante sobre isso e, para mim, é a questão do convívio social. O convívio social. Eu falo agora de um convívio tanto em termos de comunidade como extra comunidade; de repente com pessoas que nem fazem parte desse campo de trabalho, né?

Eu sempre fui uma pessoa muito sociável. Sempre fui uma pessoa muito de me relacionar com pessoas, de estar junto com pessoas; de viver socialmente e aí, todas essas coisas que eu fui passando no ministério, elas foram me restringindo, foram me isolando e isso para mim está sendo um dilema, uma coisa difícil de eu reconquistar comigo; porque eu fiquei acho que meio traumatizada com algumas coisas, e eu tenho uma grande dificuldade de fazer o processo de voltar a viver em sociedade.

Eu tive uma fase dentro desses anos todos de ministério onde eu vivi a fobia social. Eu não conseguia mais me ver no meio das pessoas. Aquilo me trazia temor, me trazia angustia (suspiro, expressão e gestos de angustia) me desnorteava realmente, me deixava totalmente sem rumo. Então eu comecei a evitar totalmente, tanto que eu procurei recursos, procurei ajuda nesse sentido, mas..., eu olhando para isso agora..., acho que a grande dificuldade que eu tenho agora não é nem a questão de posição dentro de um trabalho. Acho que eu conquistei muito durante essa caminhada toda. Eu tenho uma respeitabilidade no trabalho, as pessoas me respeitam muito naquilo que eu faço, consideram atualmente muito o que eu faço, por toda a caminhada que eu tive; mas, o convívio..., descontraído, convívio sem amarras, sem ficar se vigiando o tempo todo, esse convívio social está sendo para mim a coisa mais complicada.

E também a questão toda que nos últimos anos veio à pergunta novamente, não pela vocação, mas, pela alegria do exercício dessa vocação. Então assim, eu trago nos últimos dois anos um pouquinho desse sofrimento de que eu amo o que eu faço, sempre gostei, mas..., eu fiquei tão cansada emocionalmente e psicologicamente por todas as demandas que eu fui passando que, eu, agora, (exalação de impotência) eu gostaria muito de resgatar esse brilho no olhar de novo.

Eu gostaria muito de sentir a leveza do ministério. Eu não tenho a dificuldade de ir à busca do conhecimento, de ir à busca de aquilo que me exigem no trabalho, de eu ter

que apresentar, de eu ter que ir a busca das coisas para fazer, mas... (exalação de impotência), eu as faço, atualmente mais por obrigação do que por alegria. Então, essa alegria eu vejo que é uma coisa que eu estou tendo que enfrentar agora, que eu estou buscando ela de volta, eu quero voltar. Esse desgaste eu quero superar, eu quero poder, os próximos anos que eu tenho de ministério pela frente ainda, com todas as coisas boas e ruins que ele tiver, mais eu quero que me seja agradável. Então isso para mim é uma busca

P. Você menciona que é divorciada. Como foi passar por esse processo, como uma dificuldade vivida no tempo do ministério?

M. Até eu decidir pelo divórcio, foi uma briga pessoal muito grande. Porque eu casei para ficar casada, né? Só que também, casei para ser feliz e nossa relação não estava mais sendo uma relação saudável, nem feliz e estava deixando também pessoas ao redor de nós entristecidos, magoados e eu especialmente estava-me afetando no trabalho também. E, bom, ele (o divórcio) vem muito tempo depois. Depois de terapia, depois de monte de ajuda, eu decidi pelo divórcio. E quando decidi me divorciar eu tive um apoio da direção local, eu tive um apoio do presbitério que na época eu fazia parte, e agradeço a eles até hoje; porque eles tiveram o cuidado de não sair divulgando isso para todo mundo. Mas, na medida em que as pessoas iam sabendo que eu estava divorciada, vinha muito questionamento: (acento forte na entonação da palavra “como que você...”) como que você, pastora, divorciada? Como que você, pastora, não conseguiu manter seu casamento? Como que você..., né?

Então assim, veio um peso muito grande que pelo fato de eu ser teóloga e pastora, “eu deveria ter tido a capacidade de não me divorciar”. (Palavras ditas em tom de obrigatoriedade). Então assim, esse peso, essa crítica encima do fato de eu ter esse ministério, ela foi pesada e até hoje. Quando algumas pessoas sabem, me questiono né? Eu recebi um questionamento de uma pessoa, de uma igreja pentecostal: (expressão de estranhamento, assombro) como na sua igreja permitem que os obreiros se divorciem...? E você vai poder casar de novo? Então ainda existe uma pressão social e uma pressão confessional eclesial a nível ecumênico, que ainda pesa muito encima de nós e especialmente por ser mulher. Como você como mulher não soube segurar seu casamento? Então isso sim (respiro profundo, exclamação) foi difícil, foi complicado.

E eu digo assim: tive apoio por parte de alguns homens, tive apoio por parte de algumas mulheres; mas tive muita mulher me criticando também. Y muita mulher de comunidade, eu percebi assim, que criticava, pelo fato de não ter tido a mesma coragem de ter-se divorciado. Estavam lá, nos seus casamentos infelizes, mas se mantinham nesses casamentos por uma questão social, uma questão moral da igreja, sei lá. E aí, vinha essa crítica para cima de mim; quase como... por que eu não tive a mesma coragem que você teve? Mas, como é que eu vou admitir isso? Então e um

jogo de outro jeito. Como que você, então, não conseguiu manter seu casamento e como que você foi acabar ficando divorciada. É um peso, fica um peso sim.

Ficou difícil, tanto que essa questão toda acabou me isolando de muita coisa. Aí eu acabei indo em festas de igreja e não ficava para depois dos almoços comunitários. Eu não me demorava muito depois dos cultos, naquela conversa comunitária com as pessoas. Demorou muito até eu reconquistar isso novamente e eu noto que isso ainda está difícil. Ainda têm esses processos, ainda têm dias que eu não consigo ficar lá, depois do culto, conversando com as pessoas. Eu vou embora, porque eu tenho sempre essa sensação de que estão me olhando. É uma coisa muito velada, uma coisa muito sutil, né, mais ela existe. Ela está ali. Ela está ali. O processo é difícil.

P. você falou que tinha recebido ajuda de parte de algumas pessoas da liderança. Além disso, recebeu alguma outra ajuda ou algum outro acompanhamento?

M. No processo anterior ao divórcio, eu pedi ajuda a um colega e essa ajuda foi até certo momento, depois ele não continuou. Quando eu falei: eu vou me divorciar mesmo, ele parou o acompanhamento, como se o acompanhamento que ele vinha fazendo não fosse salutar, porque não conseguiu me convencer a me manter dentro do casamento. Então ele se afastou. Eu já na época tinha ajuda de uma psicóloga; eu permaneci com essa psicóloga ainda um tempo, depois eu parei; retomei novamente anos depois a psicoterapia e agora, faz de novo praticamente dois anos que eu voltei à psicoterapia de novo; sempre por situações um pouco diferentes, mas que têm seu fio vermelho. Na primeira vez foi na questão de tentar resgatar a minha relação, de tentar resgatar meu casamento; mas a própria psicoterapeuta na época me disse: olha, só você está se colocando com disposição de resolver as coisas que não estão bem, mas o seu esposo não, então, está difícil de fazer esta terapia como casal e aí, como ele não queria também trabalhar as coisas que eram erradas, que também eles precisavam enfrentar aquilo que ele não estava fazendo de legal, eu acabei me divorciando. Mas eu continuei com a terapia. Então, minha ajuda eu posso dizer que ela sempre foi profissional, foi uma profissional da psicologia que me ajudou. No nível de colegas ou de pastores de comunidades, eu nunca tive essa ajuda. Ouve quase como..., um silêncio... Um pacto de silêncio. Ninguém falava, ninguém comentava, ninguém pedia se eu estava bem ou estava mal. Só se tratava dos assuntos eclesiais, não se entrava em nada do que era pessoal. Então, no nível de colegas, em geral, eu não tive nenhum apoio pós divórcio e muito menos, um pouquinho antes.

A nível de amigos, também como eu já estava nesse processo de isolamento eu acabei não me relacionando, não tendo ajuda de amigos mais pessoais. Da minha família tive muito apoio. A minha mãe especialmente que me ajudou bastante nisso e minhas irmãs. Elas me apoiaram bastante nessa questão toda. Mulheres da comunidade que já vinham desde que eu entrei no ministério me acompanhando, posso dizer que umas duas ou três, permanecem até hoje. Especialmente, são quatro

mulheres que eu sei que se bater na porta delas, elas vão me dar um colo, me ouvir, elas vão me dar uma luz de novo, me dar um abraço. Então sim, foram quatro mulheres da igreja, mas mulheres também que, dessas quatro, só uma ainda é casada, as outras três são viúvas; uma delas há muito tempo já é viúva, uma é recém viúva (agora já está há uns quatro anos viúva) e a outra deve estar há uns 11 anos viúva. Mas são só essas quatro mulheres que eu posso ir lá e bater na porta. Que se a nível de comunidades eu pensar, há, a nível de comunidade a quem eu posso ir e que eu não teria problema de dizer, eu estou cansada hoje. Mas é muito restrito, é uma ajuda muito restrita.

P. você acredita que essa ajuda que você teve nesses períodos de crises, especialmente nas de divórcio, foram eficazes? Deram resultado? Ajudaram realmente você, ou faltou alguma coisa?

M. No nível de psicoterapia, elas foram muito eficazes. Uma ajuda profissional, me ajudou muito. Especialmente a segunda vez que eu fiz (que aí eu fiz durante quatro... quase cinco anos). Eu penso que..., (duvida) fora dessa vez, que eu estou indo agora, que recém eu estou de novo fazendo, mas esses quatro anos lá a pessoa tinha uma filosofia da psicologia, que me ajudava a tomar atitudes semanalmente; então eu semanalmente me propunha. Nunca me dizia o que tinha que fazer; mas nas conversas eu chegava com... essa semana eu preciso conquistar isto ou aquilo e aí eu ia e tentava fazer o movimento para, na outra sessão, ver se eu consegui ou porque que eu não consegui; o que que atrapalhou eu não ter conseguido, o que ajudou eu ter conseguido dar o passo, então foi uma fase de muita mudança e de muita decisão, de muita resolução.

Atualmente a psicoterapia eu noto que, como eu estava muito cansada, ela ficou para mi, assim, ainda muito confusa; porque eu ainda não entendi direito porque que eu fui em busca dessa psicoterapia. Estou cansada emocionalmente, estou cansada vocacionalmente, então eu fui à busca de esse resgate, mais há muitas coisas de relação com filhos e com a própria dinâmica de vida e desse isolamento social têm surgido muito na psicoterapia. Mas ela também é duma filosofia de que também eu acabo pensando, o que é que eu vou me propor esta semana? Que é que eu vou me propor dentro dos meus limites? E porque é que eu não consegui todo? Então está sendo um processo bacana agora.

Eu senti e sinto até hoje falta de alguma colega, de algum colega a nível realmente pastoral para conversar sobre o específico da vocação, o específico do que o ministério nos traz de alegria e como lidar com aquilo que ele não nos traz de alegria, né? Eu sempre agradeço muito que eu tenho uma boa resiliência. Eu sou uma pessoa que eu caio, mas eu, eu sempre respiro de novo, sempre consigo me levantar de novo, por mais cansada que nesse levantar eu esteja, mas eu consigo, acabo conseguindo fazer meu trabalho e tudo, mas, às vezes, eu tenho aquilo bem claro para mim hoje,

“eu fui uma boa atriz”, porque eu disfarcei para tudo mundo o que eu estava sentindo. Porque na verdade eu não queria ter feito nada daquilo, não queria estar naquele lugar e eu não queria estar com aquelas pessoas; mas eu fui. Fui, e fiz realmente meu trabalho, com muita seriedade, com muito entendimento; mas a sensação que eu saio é quase a sensação de que eu, ah! Que bom! Consegui não deixar ninguém perceber que eu não estou bem, nisso eu sinto uma falta um pouquinho de pessoas do mundo eclesiástico mesmo para falar; porque a gente fala na psicoterapia também sobre isso, mas o psicoterapeuta não faz noção do que é o mundo eclesiástico, ela tem só a nossa voz. Ela não tem o contexto do mundo eclesiástico. Então você, poder ter o ouvido de alguém que entende deste mundo eclesial, mas sem estar te condenando, acho que seria muito bom. Mas isso me faz falta.

P. Seria como falta de um aconselhamento pastoral?

M. Não, aconselhamento não. É um estar junto. Eu penso assim, quando nós o ser humano se encontra na situação que eu me encontro agora, eu não preciso de conselho, eu preciso de ouvidos. Eu gosto muito quando Ruben Alves lançou aquele livro que fala muito da questão de que deveria existir uma faculdade de escutatoria. As pessoas deveriam aprender a escutar. Então, eu sinto falta de ter alguém para me escutar, não para me aconselhar, não para dizer o que eu tenho que fazer, porque esse eu ter o que fazer, eu consigo fazer esses movimentos, eu consigo descobrir dentro do contexto onde eu estou, do momento onde eu estou, aquilo que eu tenho que fazer naquele momento. Mas eu gostaria, e é o que eu às vezes digo para as pessoas: você tem o direito de botar Deus contra a parede y xingar Ele, e também, ter essa noção de que você não está xingando Deus, mas você está xingando a tua impotência perante as coisas.

Então eu gostaria de ter um acompanhamento nesse sentido, de eu poder chegar para alguém e dizer um palavrão, onde eu dizer que hoje isto não está legal, mas ter só esses ouvidos e não ter o retorno da pessoa dizendo: Ah, ignora isso e... Não, para mim aconselhamento não. Tanto que eu também não vou tanto para psicólogos que estão ali para me aconselhar. Eu vou para psicólogos que me ajudem a pensar. Todas as três vezes que eu fui para psicoterapia, escolhi psicólogos que tivessem uma linha aonde me ajudassem a pensar a partir da dinâmica que eu estava vivendo. E isso eu vejo que falta um pouquinho para nós nas comunidades. Falta no mundo dos obreiros alguém que nos acompanhe. Que nos coloque sua escutatoria e deixe a gente no seu... eu sou muito convicta disso, no momento em que eu falo para o outro eu não escuto, então, nisso eu sinto falta, de poder falar para alguém para me escutar. Eu penso que a psicoterapia ela nos ajuda muito, mas nos falta um pouquinho esse lado do pastoral.

P. Então com isso você já responde a nossa seguinte pergunta que era se considerava importante ou relevante que existissem esses mecanismos específicos de ajuda para pessoas que trabalham em ministérios, mulheres solteiras, nesse caso, né?

M. Sim, eu acredito que... totalmente, a gente precisa proporcionar dentro das comunidades espaços; espaços físicos e espaços também de convívio comunitário para essas pessoas terem um encontro entre iguais, e esses iguais poderem-se encontrar com a diversidade da comunidade em equilíbrio e liberdade; e não com um olhar discriminatório. Todos nós de alguma forma temos algum preconceito. Nós não podemos dizer assim: eu divorciada não tenho preconceito contra divorciada. Hum, em algum momento eu tive preconceito contra mim mesma, já, né? A gente sempre vai carregar algum preconceito, algum momento no que você discrimina ou se discrimina a si próprio; mas a gente precisa fortalecer aquilo que nos aconchega, aquilo que nos fortalece, aquilo que faz que esse ouvir, deixar-se ouvir. E quando a outra pessoa permite-nos ouvir, para que nós possamos, individualmente, nos ouvir também, nós formamos um aconchego.

Eu gosto muito que em alemão existe a palavra “ Volgaim” que é você se sentir aconchegada no ninho, aconchegada na casa; de você se sentir, pertencente. Cada vez que eu me sinto assim e não pertencente a alguma coisa, eu vou para um canto da minha própria casa e digo aqui é teu “Volgaim” aqui é teu cantinho, aqui é teu aconchego. Aqui é teu lugar, aqui você pertence. Então eu penso que para mim, às vezes falta isso, de eu ter um lugar na comunidade onde eu me sinta alinhada, onde eu possa (suspiro curto e forte) uff! Respirar, e ali respirar com alguém que está precisando respirar junto também e ali a gente se fortalece a gente se energiza de novo e aí a gente faz junto com os outros, que têm todas as suas diferenças, todos os seus preconceitos, todos os seus jeitos de viver e vamos caminhar junto.

Então, as comunidades elas poderiam, elas têm espaço para isso, elas têm gente capaz para isso, só que nós precisamos ainda, superar essa coisa de que a nossa diferença ela está ali para nos unir não para nos separar. Então, que toda diversidade que existe entre nós, seja na questão de ser uma pessoa singular, ou seja, uma questão de raça, ou seja, uma questão de idioma ou seja uma questão de gênero, essa diversidade, toda ela, tem que nos dar pertencimento, não nos dar um afastamento. Penso que se a gente conseguisse trabalhar isso dentro do pensar teológico, dentro do pensar bíblico pastoral, dentro do pensar comunitário, com certeza ia ter um monte de mulher, singular, solteira, divorciada ou sozinha, lá, se reunindo e não se sentindo sozinha e um monte de homens reunindo-se, no se sentindo sozinho; porque teria um lugar de pertencimento. Então para mim esse é um dos caminhos aí.

P Mimosa, muito obrigada, por agora, eram só essas questões ali principais que têm a ver com a pesquisa, e muito, muito obrigada pelo seu aporte.

M. Eu que agradeço pela confiança de fazer entrevista comigo, e espero que a minha história, que a minha caminhada ajude muito no seu trabalho. Realmente eu vejo que esse trabalho é um viés para ajudar muito a comunidade a despertar, a ter um olhar novamente para as necessidades do ser humano; não só de mulheres que estão sozinhas, mas de uma comunidade cheia de pessoas sozinhas e que precisam também desse pertencimento, não importando a idade, porque se eu penso na questão das mulheres, nós temos jovens de 12, 13, 14 anos, se sentindo muito sós. Nós temos mulheres maduras, no trabalho ali na fase adulta, se sentindo muito sós. Nós temos senhoras acima de 60 anos se sentindo muito sós. Então, se a gente conseguir fazer, tal vez, a partir deste teu trabalho, ter essa luz (risos) por pertencimento, acho que vai ser uma coisa muito legal.

P. Esperemos que sim. Eu também espero

M. Que Deus, te ajude, seja te iluminando e abençoando com sabedoria.

P. Amém, muito obrigada.

10. ENTREVISTA A ORQUÍDEA

P. Bueno, estamos con Orquídea otra de las participantes para nuestra investigación; Buenas tardes Orquídea, ¿cómo estás?

O. Buenas tardes, muy bien.

P. Bueno ya conoces el termino también, ya haz aceptado participar de nuestra investigación, entonces voy a comenzar con las preguntas. Para comenzar, cuéntame un poco sobre ti, ¿cómo llegaste y desde cuando haces parte de la comunidad?

O. A la comunidad a la que pertenezco, bueno, yo soy hija de pastores, entonces creo que he nacido en una comunidad de fe, siempre de familia pastoral, y de ahí pasé a la iglesia en la cual estoy, puedo decir a la cual pertenezco desde niña, cuando mi papá dejó de ser pastor. Entonces mi mamá con sus 7 hijitos dijo, ¿ahora qué hago? Entonces estábamos en un barrio de invasión al lado de otro barrio mejor y ella comenzó de inmediato a llevar a sus 7 hijitos a otra congregación para no perder eso. Pero si uno mirara estoy vinculada a una comunidad de fe, toda mi vida.

P. Y cómo llegaste a la congregación en la cual estás ahorita

O. A raíz de esa separación honesta y real, que mi papá dijo no, no puedo seguir, no tengo la autoridad para seguir como pastor y se dejó esa iglesia, muchas cosas pasaron. Llegué porque mi mamá nos llevó a todos siendo muy pequeños a la comunidad y ahí crecí, ahí me bauticé; desarrolle mi ministerio desde muy pequeña,

ministerios múltiples en la comunidad a la cual he servido. Aunque estoy en diferentes áreas geográficas, ahí he estado hasta el sol de hoy, de manera itinerante, pero nunca me he ido realmente.

P. ¿Y eso hace más o menos cuánto tiempo?

O. ¿Cuánto tiempo de estar en esta comunidad?

P. Sí.

O. casi 40 años

P. ¿En qué espacios ministeriales has participado o estás participando?, ¿cómo te eligieron, por cuanto tiempo ¿cuáles eran tus funciones? Cuéntanos un poco de eso.

O. Bueno. Voy a resumir un poco como por períodos. Creo que, desde muy niña, mi mamá dice que desde los 3 años yo ya estaba cantando. Entonces, adoración y alabanza ha sido como de toda la vida, me dice que me montaban en una banca, porque en esa época no había instrumentos ni sonido como hoy en día hay en todo lado, en la mayoría. Siempre muy fascinada por todo lo que tuviera que ver con la palabra, fui profesora de escuela dominical siendo muy niña casi adolescente, también fui parte del consistorio (cuerpo gobernante de la iglesia) en la iglesia donde pertenecía antes siendo muy joven. Tomé la decisión de bautizarme en mi iglesia siendo grande, a pesar de que amaba al Señor todo el tiempo; pero eso no impidió que me hubieran elegido años antes para cuerpo gobernante. Luego de eso fui parte de la estructura nacional cuando aún era recién casada, con mi hijo aun pequeño, fui parte de ese Comité Nacional o Ejecutivo, que se llamaba en ese tiempo.

Luego también desarrollé varios proyectos para la iglesia, compartí con los grupos de alabanza y música en varias de las iglesias que se han fundado en la zona, con mi pastor de iglesia donde estaba les acompañábamos. Participé de todos los grupos juveniles habidos y por haber de mi tiempo, apoyando a otros como consejera y acompañante de jóvenes de otros. Cuando tomamos la decisión de salir de la iglesia en que estábamos fue muy duro; tres años tomando la decisión y tomar la decisión de venir a esta en la que he estado ya por más de 25 años fue duro; pero ha sido enriquecedor.

Otro estilo de mi propia convención y también aquí he participado de diferentes cosas. Me he reusado a formar parte del cuerpo gobernante de mi propia comunidad, sin embargo, creo que siempre he apoyado en el área ministerial en compañía de otros y hace unos años, pues con el desafío de muchos otros... ah, antes de eso, pues tomé la decisión de entrar a estudiar en el seminario hace más de 20 años, con mi hijo muy bebe, recién nacido y entré para disipar dudas teológicas no más. Porque uno como hijo de pastores, pues repite como un loro toda la Palabra, aunque no la apropia en la

vida. Y necesitaba disipar porque yo he tenido una vida bastante activa políticamente, entonces tenía que estar como en eso y..., como para que la fe se consolidara, y en ese caminar hubo personas que me han desafiado a que tiene pinta de pastora, y yo, como ¡aaah! Usted tiene un no sé qué. Y yo, no. (Emoción en la vos, el rostro, los gestos) Y unas prácticas pastorales que yo recuerdo con mucho cariño en unas iglesias de provincia de región que a mí me marcaron, porque yo iba con mis hijos chiquiticos y las comunidades me aceptaban tal cual. Nunca mi marido fue. Nunca, nunca, nunca quiso. Yo me iba un jueves, regresaba un lunes y me aceptaban tal y como yo era, con mis hijos.

Años después, yo me separe, nos separamos, por diferentes cosas, pero a pesar de eso, mi comunidad de fe pues de alguna manera mis hijos han estado involucrados en la vida de la iglesia y yo también. Y bueno, en los últimos tiempos después de tantos años de ver cosas que no me gustaban o algo así, volví a asumir y volví a decir si a algunas representaciones locales, unas regionales y casi nacionales también y sobre todo el desafío de acompañar a una comunidad de fe, creciendo; obra nueva en calidad de “pastor” o “coordinador” pastoral, pero aún nunca he sentido, he sido como lanzada, pero se ha ido afirmando el llamado, (duda), aunque sigo pensando que, tengo muchos otros ministerios que se han ido desarrollando, no ministerios, dones; dones y ministerios desarrollándose y ahora estoy replanteándome, (se queda pensativa) actualmente estoy soltando varias cosas regionales y cosas así, porque estoy en el tiempo de enfocar muchas más cosas y revisarme, como la flor en una materia inadecuada. Así, con una materia muy pequeña y revisando que quiere y donde quieren ir mis raíces.

P. ¿Cuáles han sido esas funciones principales que tú has desempeñado en los ministerios?

O. Bueno, visitas, ayunos, vigilias, maestra de dirección de alabanza, cuerpos de música, maestra de escuela dominical, para niños y luego adolescentes, y tiempo después, también para adultos, pues he predicado, predico frecuentemente, coordinar otras iglesias, elaborar informes, convocar a asambleas regionales o nacionales o estar presente, como esa participación activa como de lleno un poco en la vida de la iglesia.

P. Decías que te habías rehusado a hacer parte del consistorio, que es, digamos, la autoridad máxima de la comunidad a la cual perteneces. ¿Eso tiene algún motivo en especial?

O. Sí, por años siempre he participado, pero tomar la decisión otra vez de, representar, fue duro. Siempre he elevado mi voz, pues soy un poco “metiche”, o..., no metiche, sino que, si pienso algo y si hay posibilidad de decirlo, lo digo. He colaborado en lo que haya que hacer; pero, sí, hay cosas demasiado difíciles que me desilusionaron y

desencantaron de la vida y de la estructura de las iglesias, muy graves, muy graves. En ese tiempo, hace mucho tiempo, que yo no concebía que eso se diera y que nunca encontré como explicaciones adecuadas para poder asumir ese papel, para poder decir sí con libertad.

Ha pasado el tiempo y volví a asumirlas, pero con otra mirada. Fueron cosas de pecados de personas... (Gestos de incertidumbre, desconcierto) y más que todo morales y éticos que... fueron demasiado fuertes. Eso me hizo retirar de la otra iglesia. Lo pensé tres años, con oración y todo y me iba a ir a otra iglesia, pero no podía, tenía que irme a una de mi propia convención, aunque no era mi estilo. A mi parecer, un poco más apagada y no sé qué; pero me fui ubicando y se fueron encontrando lugares y creo que he colaborado para que hoy día la iglesia sea un poquitín diferente; sin embargo, fueron desencantos éticos relacionados con personas y otras cosas que como que no me cabían y ya criar a mis hijos en ese ambiente no quería.

Hay más libertad, sin ser tan dogmático, pero en el fondo hay una cultura conservadora, como en el subterráneo, sí, así es lo que siento de la comunidad en la que he estado en estos tiempos.

P. ¿Cómo ha sido tu experiencia en el desarrollo del ministerio o de los ministerios que has desarrollado?

O. Creo que yo me siento más preparada que un yogurt, siempre he estado motivada a formarme. A mí me encanta. Ahora, por razones económicas yo he tomado la decisión de no seguir participando por varias cosas. Hay otros desencantos estructurales, pero yo considero que mi desarrollo ha sido un desarrollo óptimo aún en medio de ser madre cabeza de familia con hijos, he hecho todos los esfuerzos, creo que han dado resultado, de formarme permanentemente, de estar atenta; porque es que no consigo estar en cualquier espacio, sentada en la silla, no soy de ese temperamento soy hiperactiva. Entonces como que necesito saber que yo puedo aportar a un espacio donde me da mucho, donde me da palabra, todos me consuelan, donde económicamente no, pero por lo menos, me apoyan en varias otras cosas donde yo siento que es como un espacio seguro. Entonces en ese sentido, siento la responsabilidad y me encanta conocer donde estoy. Conocer de dónde viene, para donde va, que posturas tiene, que bases tiene, si me gusta, no me gusta y qué quiero hacer.

P. ¿Hace cuánto tiempo tú eres divorciada?

O. Como 16 años, 17 años.

P. Hablaste que desde chica has estado involucrada en diferentes ministerios. ¿Hay alguna diferencia entre cuando estabas casada y hace más o menos 16 años que eres divorciada, en relación a ese trabajo?

O. Sí. Sí, porque yo antes de casarme era muy activa, o sea, activa total en todas las áreas, yo me alejé de la iglesia, no me fui de ella, pero, me aleje en la participación de ella cuando estuve casada. Mi marido en ese tiempo no estaba convertido, entonces no venía; y uno enamorado. Tuvimos nuestros bebés, sí creyendo en el señor ayude, pero bajó mi participación a la dirección y a la predicación solamente; pero ya tenía unos niños que cuidar. Durante el tiempo de la separación, que el padre de mis hijos se fue por diferentes circunstancias, no mal; después ocurrieron cosas que sí generaron el futuro divorcio, o separación.

Estuve en un proceso de separación muy largo; tan largo que duró más o menos para concretarse 7 años. ¡Eso es tenaz!, y durante esos 7 años me ausenté un poco de ser tan abiertamente participativa, por muchos choques, y lo que hice fue participar para que mis hijos no dejaran de crecer en la comunidad. En un país como el nuestro, cuando ocurren todas esas cosas, si el ministro o la ministra es hombre la situación es diferente a una mujer. Automáticamente la gente que me vio trabajar sola y vuelta una nada y responde a todo, y ver como me tocó de duro, y cuando llega la persona, no le recibí, ya no había amor ahí y ya era tomar una decisión, entonces, la mala era yo. Eso no ocurre con hombres.

P. ¿Y eso influyo directamente en el trabajo, en como eras tú vista en el liderazgo?

O. Claro, claro porque ya uno se da cuenta, como no lo tratan igual, y me dolió muchísimo porque yo era la lesionada y después terminé siendo la culpable. Pero la decisión eso sí y cuando me pongo terca y con un temperamento como el que tengo, ya cuando no, no, así se opusiera el mundo entero. Había que cortar por lo sano y más, que la persona, mi ex-esposo, venía a la misma comunidad, con su novia, y los niños en la mitad. Entonces, por los niños había que bajarle y mantener un mínimo, pero si fue un tiempo de sufrimiento muy alto. Pero antes de que mi ex-esposo, se organizara otra vez, yo le pedí al Señor y como a los 7 años, el Señor contestó y pues mi ex-esposo encontró esa persona y tiempo después se casó y me sentí liberada. Sentí libertad de meterme mucho más, otra vez a desarrollar esos dones y ministerios que han estado siempre ahí, aunque habían bajado en la intensidad.

P. Y en esa nueva etapa, ¿cómo ha sido esa experiencia? El hecho de ya volver como una persona divorciada para trabajar “sola”, sin la figura de un hombre a tu lado; ¿cómo fue esa experiencia?

O. Pues ha sido una experiencia muy sacrificada, muy sacrificada porque en el imaginario cristiano y de la gente, venimos con unos cortes bastante conservadores así nos llamemos como sea. Esos cortes no nos permiten tener libertad, sin embargo, es asumirse uno, pero; siempre es sacrificado en el sentido de que siempre hay las voces; que ¡ah!, una mujer sola, como va a aguantar el ministerio, ¡pobrecita! o, siempre están que uno es como la amenaza de alguien siempre. El potencial de

amenaza. ¡Ah!, y uno no anda buscando a nadie, ni detrás de nadie y entonces, no sé qué tipo de semejanza quisieran que tuviera uno para no ser la amenaza de otros, pero sí uno es una amenaza.

P. ¿Cuál ha sido tu experiencia como mujer divorciada dentro de la comunidad en la cual participas en relación al tema de la sexualidad?

O. ¿Qué?... ¿Mi experiencia?... (se queda pensativa, como queriendo encontrar la mejor respuesta). Bueno, yo he traído a la comunidad novios. Yo me casé con la primera persona que conocí. Tuve un novio cristiano, músico, y que bueno, el joven era muy joven y el desencanto era tal que yo me prometí no casarme ni enredarme con ningún cristiano. Siendo cristiana, ningún cristiano, ni tan joven ni tan músico (risas) y bueno, luego me casé con el que me casé.

P. Que no era cristiano ni músico.

O. Que no era cristiano, ni músico; ni era de la comunidad. Bueno, y no fue malo el tiempo que duró la convivencia y el matrimonio. Fue bueno, mientras duró lo que debía durar. El tiempo que se terminó se terminó. Pero sí, yo siento en ese periodo ya de divorcio yo teniendo mis (énfasis en esta palabra "mis") novios, pienso yo que cualquier mujer y hombre antes de tomar una decisión por comprometerse con alguien y eso implica ya casarse y tener una vida sexual activa o algo así, sin importar si se es cristiano o no, debe conocer a otros, debe conocerse.

P. Y en relación a la comunidad, ¿Cómo te has visto ahí? ¿Te has visto aceptada, no aceptada? ¿Cómo te ven en la comunidad en ese sentido?, porque antes mencionabas que cuando se era soltera o divorciada ya se veía como de otra forma.

O. Diferente, sí, hay esas miradas. Yo creo que están todas esas miradas. Hay la mirada de aceptación, porque el volver a desarrollar los ministerios también ha sido por invitación del liderazgo fundamental de la iglesia. El pastor de ahora y el anterior; pero, es porque me conocían, ¿sí? Por afirmar esos ministerios que estaban y que les parecían muy importantes para la comunidad y me convencieron de ir poco a poco retomándolos. Pero luego, sí ha habido siempre críticas, esas sospechas, comentarios con respecto a la posible sexualidad de ella la mujer y con hijos y tiene el novio, etc. Y estuve a punto de vivir con alguien y había pensado es que la que no se quiere casar soy yo (risas) ese es el problema, y entonces sí, siempre le encuentro un "pero" al personaje, a la persona, y para qué, han sido personas extraordinarias, porque uno no se enamora de lo más feo que encuentra, no. Uno se enamora de cualidades también de las personas, pero ya después cuando veo las implicaciones de que, de la permanencia, ¡oh Dios! O, entonces, que es muy joven o que hay cosas que no concilio, no canjeo y no sé cuántas...

P. ¿Pero esas son tus posiciones o crees que la iglesia tiene algo a ver con eso?

O. Mis posiciones y mezcladas, porque uno no se desliga de todo lo que ha vivido y este..., mix ideológico, religioso que tiene mi vida... me permea todo; pero a esta altura de la vida, o sea, tengo más de cincuenta años; ya hay cosas que no canjeo para mí. Cualquier persona que esté al lado mío, la persona que esté, debe respetar profundamente quien soy yo. Que soy una mujer, cabeza de familia, con hijos. Ya están grandes, no solo eso, sino que con hijos y que es una mujer de fe, y que para esa persona le parezca eso valioso, y que eso sea un plus y no algo para quitar... Y si la persona no congenia con eso..., pues le fue mal.

P. Para ir terminando ¿crees que en la comunidad hay espacios para reflexionar sobre temas como la sexualidad, el ministerio, las mujeres solteras...?

O. No. (enfático) definitivamente no. Hay máscaras, a las mujeres solteras, las mujeres y los hombres solteros, después de determinada edad, no solteros, digámoslo así, divorciados, o separados o solos y solas, digámoslo así, con determinadas edades, solos y solas, no tenemos espacio en esta comunidad, somos siempre el payaso para distraer. Hay reuniones de parejas, vayan, canten, vaya tal cosa; niños, ¡Ah! entonces uno dirige; las mujeres, sí, pero no, no hay espacios ni pensamientos en que: oiga, acompañémoslos, ayudémoslos, hagamos algo que se relacione. Al contrario, ah, ya no son niños, entonces los dejan ahí, pero tampoco son viejos para cuidar, pero tampoco son parejas; no somos niños y no somos jóvenes, ¿sí? Y como que no cabemos en ningún lugar y entonces, los que sobrevivimos en estos espacios, somos muy fuertes, hombres o mujeres; fuertes, fuertes.

Y lo que menos nos van a trabajar, esos otros que nos ven tan fuertes, es sexualidad, porque o los callamos (risas); porque es que sabemos que estamos expuestos; cualquier cosa que tenga un tinte erótico, sexual o amoroso o que implique algo sexual, siempre están viendo una sospecha. Ah, como no tiene marido o no tiene mujer, o como que no tiene no sé qué cosa, ah, quien sabe con quién se acostará, quien sabe... tal cosa, ¿sí? (...) Pasa por la cabeza porque uno escucha las conversaciones sobre otros y uno dice... ¿qué pensarán de uno? y eso hacen y más, cuando se es pastor. Qué cosa tan tenaz en las comunidades tan chiquitas.

P. Entonces eso quiere decir que... ¿leyendo entre líneas, la autoridad de una persona, mujer, soltera o divorciada en una comunidad, tiene ese tinte de duda en cuanto a lo que hace?

O. Sí. Es puesta en duda, porque las comunidades, en la mayoría de las comunidades, personas de comunidades pequeñas o de otros lados, vienen de unos cortes muy tradicionales donde “el pastor”, “el ministro”, “el amado”, “el no sé qué”, es hombre. (Los calificativos de pastor, ministro, amado, el no sé qué, fueron mencionados haciendo los gestos, entre comillas) La mujer siempre tiene menos categoría y está “mientras tanto” y aparte de estar “mientras tanto”, si está sola, algo hizo, ¿sí? Y hay

de que la vean con alguien. En cambio, el ministro, si fuera solo o con esa edad...; pero si es el “ministro”, que lindo que tenga novia o que lindo que tal cosa; pero si ella tiene novio, ¡juy!, ¿será que ya se están acostando? ¿estará en pecado? entonces, ¿sí me entiendes?

Siempre es la sospecha, pero negativa. Que lindo que tengan una sospecha positiva, ¿no? ¡Qué lindo que tiene una pareja! Que dijeran. O, ¡qué bueno que no está sola! ¡Qué maravilla que es poder encontrarla! eso sería lo mejor. Pero, cuando es “eso” con ese tinte en lo negativo y lo negativo hacia la sexualidad, porque es que yo pertenezco a una comunidad de fe enferma, porque todo es un pecado sexual y la mayoría de los problemas que hemos tenido en la comunidad, han tenido ese tinte, de cosas de... bueno, entonces fornicas y si no fornicas, eres adultero y si no eres adultero... cosas por el estilo.

Y, lo que es más, pueden perdonar que desfalquen, pueden perdonar cualquier otra cosa; pero “eso” (con énfasis) es la sospecha. Es más, como si llegáramos con esa sospecha como que nos miren ahí con ese lente, entonces (risa sarcástica) eso molesta y hay ratos que sí me molesta. Y lo otro es que realmente a mi sí, hay días en que me siento sola, batallando, liderando comunidades y uno necesita un hombro, un hombro aquí. Un hombro, no un hombre (risas). Un hombro para poder decir: ¡hey!, ¡apóyame y yo te apoyo! y cuidémonos las espaldas y caminemos juntos, caminemos en esta vida de la fe, y si me vez mal, por favor..., y eso es una sexualidad sana, de poder estar uno ahí, y cómo te sientes, apoyar y afirmar y al otro, a la persona y las personas afirmarlo a uno...

P. En ese caso una pregunta sería: ¿estarías necesariamente hablando de matrimonio?

O. Ese es mi dilema. El dilema de esta flor (refiriéndose a ella como Orquídea) es que muchos han querido casarse conmigo y yo no, y estoy en medio de un área donde... es obligación, ¿sí? Entonces siento que, si tomo la decisión, tendría que casarme. ¿Me sentiría obligada? Esa es mi pregunta, o tomar otra decisión implicaría dejar el ministerio, porque ambas cosas no se pueden, y yo no puedo hacerlas ocultas. Diez millones de habitantes acá en la ciudad; pero uno justo se encuentra a alguien de la comunidad... no, mejor dicho, más se esconde quien sabe qué, pero cuando sale a la luz, entonces en ese sentido está uno en ese dilema y si llego a tener una pareja y quiero compartir, yo ya soy adulta, adulta (afirmaciones dichas con cierto grado de molestia, incomodidad). Cuántos hermanos y hermanas valiosos y valiosas, por desarrollar su sexualidad son criticados; pero son obligados a tomar decisiones que después se lamentan, ¿sí? y no quieren hacerlo y yo no quiero eso, yo no quiero eso; pero también uno dice bueno... ¿y entonces?... mejor dicho, son muchos dilemas.

P. Para finalizar, ¿Te gustaría hacer una observación, un aporte más al hecho de estar trabajando estas temáticas o la investigación?

O. Sí, Pienso yo que nuestro género, no nos hemos acercado una a otras lo suficientemente para podernos acompañar y cuidarnos entre nosotras o entre nosotros los que estamos en estas condiciones, y uno comprende, pero de lejos. Como son tan fuertes, dicen, entonces nos dejan ahí; pero realmente nos pesa, tenemos muchas cosas duras y que sí es necesario y creo que la iglesia y nuestras comunidades de fe deben tomar esto en serio; que la sexualidad Dios la ha creado para todo ser humano y así como los seres humanos con diferentes posturas sociales, necesitamos desarrollarlas y cuando no las desarrollamos nos enfermamos, y si no la desarrollamos, algo se muere en nosotros; y si no la desarrollamos bien, algo ocurre y no solo algo ocurre, como... a nivel de pecado, sino del pecado con la misma creación como el ser humano. Sí es importante que lo hablemos; pero con visiones nuevas, no con las visiones que nos han impuesto no sé cuántas generaciones y todas tan conservadoras que nos están matando, porque lo que estamos haciendo es expulsando a personas valiosas del ministerio y más valiosas que las mujeres o cabezas de familia, que les ha tocado batallar de otra manera y luchar contra el sistema en esa área, muy difícil, muy difícil. Y continúo desarrollándolo siendo consciente de que soy sospechosa para muchos, por cualquier circunstancia. Entonces le toca uno ahí, andar como pisando huevos, que cosa tan horrible. Pero es así, es así. Eso es lo que yo quisiera que sí debe darse, debe hablarse. Las nuevas generaciones y las nuevas chicas, mujeres, hombres, merecen que los temas y esta vida natural que Dios nos ha dado, sea tratada de mejor manera en la vida de la iglesia.

P. Bueno, gracias Orquídea por compartir con nosotros tu experiencia.

O. Gracias, gracias a ti.

11. ENTREVISTA A TULIPA.

P. Bom, estamos aqui com tulipa outra das mulheres que gentilmente decidiu participar e colaborar com nosso trabalho. Então, depois de ter revisado a documentação requerida, vamos começar com a nossa entrevista. Boa tarde Tulipa, como você está?

T. Boa tarde! Muito bem, prazer em recebê-la e colaborar com a pesquisa também.

P. Igualmente, muito obrigada por ter aceitado o convite. Tulipa, eu gostaria que você mencionasse algum dos principais dilemas ou crises pessoais que como mulher “não casada” você tem tido no exercício do seu ministério ou cargo de liderança. O que você poderia compartilhar conosco?

T. Bom para mim, crises, dilemas e dificuldades existem, mas, eu não sei se as vezes eu não dou muita importância para elas, porque nem sempre eu consigo identificar isso tão bem, que tenham sido dificuldades. Claro, assim, elas existem e há muitas crises e dificuldades no ministério que a gente enfrenta como mulher, mas sabe que às vezes eu não paro muito para pensar nelas, e não dou tanta ênfase, tanta importância para elas; não sei se isso é por uma questão assim de não querer aprofundar um sentimento ou com isso talvez, assim se eu disser assim: bah! Se eu reconhecer tal dificuldade ou tal dilema, isso vai me machucar muito mais ou se talvez eu tentar ignorá-las e tentar superar de outra forma, se isso talvez ajuda ou facilita, né?

Mas a gente enfrenta sim, e algumas vezes, parando para pensar, como mulher solteira a gente tem às vezes uma dificuldade maior de aceitação dentro de uma comunidade. A gente sempre precisa provar mais, que a gente pode, que a gente consegue, que a gente é capaz; que as vezes situações em que se um homem faz “algo”... Ah! Ninguém viu, ninguém observa, ninguém fala nada; mas, se uma mulher faz isso, então isso é comentado, as pessoas falam; Bom e a questão das mulheres solteiras é muito mais forte ainda, né? Porque ainda está muito relacionado no nosso contexto a questão, de família, quem é solteira, ah! coitadinha! não tem família, não tem em quem se amparar; como se nós mulheres precisássemos sempre de alguém que estivesse nos protegendo, nos amparando, como se não pudéssemos tomar decisões sozinhas. Posso contar algum exemplo?

P. Claro.

T. Lembro-me uma vez, quando eu ainda era uma estudante, no contexto onde estávamos (por eu ser estudante e estar há pouco tempo ali e como algumas pessoas não me conheciam), alguém perguntou assim: você é de quem? E tinham algumas mulheres e elas diziam, ah! Eu sou casada com fulano, eu sou a esposa do fulano, do pastor que veio aqui e tal, e aí ele perguntou: e aí, você de quem é? Ele perguntou para mim. E eu disse assim: e eu preciso ser de alguém? Eu sou de mim mesma. Ele fez uma cara como quem diz... eh! Porque é bem assim porque a gente parece que tem que pertencer alguém, né? Porque foi bem assim, no sentido de pertencer a um dono, pertencer a um senhor; não foi num sentido de pertença que eu também entendo, que eu também respeito, que tem um sentido de pertença de diversas situações e de diversos níveis, mais isso me soou assim como que tinha que pertencer a alguém, que alguém tinha que ser meu dono, (risos). Muito desagradável. Essa é uma situação que eu nunca me esqueço.

E também por ser mulher, quando eu entrei na faculdade de teologia, a pergunta era: por ser mulher o que é que eu responderia se alguém me perguntasse se mulheres também podem ser pastoras? Eu me lembro que na minha ingenuidade eu havia lido que Deus não havia criado as mulheres, nem da cabeça do homem para ser superior,

nem dos pés do homem para ser inferior, mas da costela para ser igual. (Risos). Acho que essa tem sido também a luta, de a gente poder ser respeitada de uma forma igual. E eu percebo assim, que em muitas comunidades mesmo tendo passado já todos esses anos em que mulheres estão no ministério, mas que mulheres “não casadas” ainda encontram essas dificuldades, essas barreiras, e muitas vezes até em relação à aceitação. Uma comunidade abre uma vaga e então, bom, vamos chamar uma mulher “não casada” para ser ministra? Sabe? Algumas preocupações, alguns preconceitos, que passam na cabeça das pessoas.

Ou então quando uma paróquia abre vaga, também, vamos colocar ali que tem que ser casado, então já sinto assim que ... bom, já limitou, embora não se possa já mais escrever isso dentro do currículo, que tem que ser homem, que tem que ser casado; mas se usam as expressões, preferencialmente e internamente, na conversa interna a gente sabe que tu não podes publicar tu não podes escrever isso para não discriminar, mas, internamente na conversa a gente sabe que gira esse tipo de pensamento de que ainda de preferência tem que ser homem ou então tem que ser casada, porque sei lá, qual é que é a preocupação assim de que uma mulher solteira possa... que tipo de danos possa causar para a comunidade. (Risos) Perigo! Perigo! E por outro lado, também eu já senti que alguém me disse numa comunidade: “que bom que você como mulher solteira você tem todo o tempo para se dedicar ao trabalho da comunidade; não tem família para se preocupar”.

P. Não tem vida própria?

T. Exato, foi justamente isso. Talvez essa questão de que pode anular a vida própria; porque como você “não precisa” cuidar, nem se dedicar a uma família, então, você anula sua vida pessoal, particular e você tem todo o tempo do mundo que podasse dedicar apenas e exclusivamente ao trabalho. Então, acho que são assim, algumas das questões que mexem, claro! com o emocional da gente e na questão relacional, o quanto a gente precisa ter esse cuidado também, como mulher, solteira, com que tipo de gestos você faz, de aproximação ou então, que tipo de gestos que homens fazem para se aproximar.

Diria assim, em constante vigilância, às vezes, né? Porque é uma reputação que você tem que cuidar, você está ali representando seu trabalho, uma instituição e que histórias podem inventar ao seu respeito; ou que comentários podem fazer. Situações que também já conheci: Presbitério e diretoria só de homens. Então alguém muito desconfiado, numa primeira, numa segunda reunião; uma esposa muito desconfiada, numa primeira, numa segunda reunião, teve que vir junto; e acho que como ela não conseguiu perceber nada, ela depois já não precisou mais vir junto. Mas assim, como se ela precisasse primeiro ver, porque só homens. Depois acho que ela mesma percebeu que não havia nenhuma ameaça a ela, ao casamento, sei lá, à família, que ela podia confiar, né?

Situações assim, em meio ao contexto de nossa igreja que é muito tradicional, muito conservadora, de origem alemã, então, uma pessoa num contexto onde eu fui pastora, ela era da igreja católica, então ela disse assim: “eu me admiro até hoje, como nesta comunidade aceitaram uma mulher, solteira, como pastora” porque ela conhecia a comunidade evangélica como muito conservadora, fechada naquele lugar, e como me aceitaram lá para ser pastora. Repetiu isso inúmeras vezes isso para mim. Ela dizia “Eu me admiro e continuo me admirando como essa comunidade abriu as portas para ti”. São essas questões assim e sempre precisamos provar o melhor, né?

Uma situação que não aconteceu comigo, mas com outra colega, em que aconteceu uma situação na paróquia e depois o presidente disse para mim: “aqui nesta paróquia, mulher nunca mais”. Ela era divorciada. Então eu fiquei pensando, se um homem tivesse feito o que ela fez, ele não teria dito isso. Daqui a pouco, eu percebi que ele se deu conta que por eu ser mulher também, né? Mas no primeiro momento da forma como ele expressou, “aqui neste lugar uma mulher nunca mais” a conversa continuou e depois eu percebi que um pouquinho de constrangimento apareceu por ele ter dito isso na frente de uma mulher solteira. E entre meus colegas, eu conheço um trabalho apenas de um colega que faz um encontro, retiro de singulares, aonde vão mulheres solteiras, viúvas, e eu acho esse trabalho muito significativo, muito bonito. Até hoje eu conheço esse único trabalho, que se ocupa ou proporciona um momento, um espaço de encontro, de reflexão para esse grupo.

P. É interessante isso que você menciona Tulipa, porque algumas mulheres também têm mencionado que elas não dão valor ou não dão muita atenção para esse tipo de situações, precisamente, para não se incomodar; mas você fala da recorrência de esse tipo de atitudes no tempo do seu ministério. Em algum momento você se sentiu assim, se perguntando, mas porque isto sempre acontece e temos que “engolir” este tipo de situações. Isto cria certas incomodidades. Como você tem feito para passar esses “tragos amargos”?

T. Talvez nos últimos anos..., ouve uma época na nossa igreja em que a gente não se atrevia muito a reclamar dessas coisas, onde ainda nós mulheres estávamos numa situação de muita fragilidade, e ainda conquistando muitos espaços e acho que nos últimos anos isto tem mudado bastante, onde nós mulheres conseguimos um pouquinho mais, também entre nós, procurar grupos de apoio, grupos de ajuda; nós conversamos, nós trocamos ideias. Também acho que apoiadas, incentivadas, (não sei se vou misturar aqui as perguntas), mas a própria igreja tem secretaria da mulher, secretaria de justiça e gênero, onde tem aparecido mais diálogo e mais incentivo ao cuidado e a que a mulher também busque seus direitos e onde nós também como grupo de ministras, a gente também tem compartilhado situações e a gente tem tomado iniciativas, por exemplo, com nossos colegas, onde muitas vezes a gente tem que ouvir algumas piadas que são muito indiscretas, indelicadas e machistas, onde muitas vezes a gente rí junto, para não abrir uma discussão, mas também onde

algumas vezes também tem conseguido começar a dizer, para que essa piada? Tem que fazer essa piada? Vamos respeitar, vamos pensar um pouquinho e deixar esses comentários sem fundamento de lado e pensar no respeito, na igualdade. Então assim, algumas vezes, a gente tem conseguido nesse sentido, de se manifestar e exigir também esses direitos.

Me lembro de algumas situações em presbitérios, onde algumas vezes eu tenho procurado responder e feito alguns comentários, mas, as vezes eu penso que por uma postura que a gente toma, a gente também conquista o próprio respeito. A gente também é um pouco responsável pela questão de como as pessoas nos respeitam, ou o que é aquilo que as pessoas dizem na nossa frente. Muitas vezes penso ou fico imaginando eu acho que muitas coisas elas dizem ou piadas ou coisas que elas não devem fazer, as costas da gente, que a gente tal vez não fica sabendo, mas que eu também não sou inocente a ponto de pensar que não fazem nenhum comentário, nenhuma piada a meu respeito ou alguma coisa assim. Isso tenho plena consciência de que devem fazer muito. (Risos). Tão inocente assim também não sou.

É sempre aquela questão de ver assim um pouco, acho que pelo fato de eu ter sido eleita para o cargo, para a função que eu tenho, acho que isso é uma conquista e uma confiança, de mostrar que tem respeito, mas também de questionamentos que vieram ou de piadinhas, tipo assim: “quero ver se vai conseguir exercer essa função e vai conseguir corresponder”. Claro isto talvez não tem só a ver com questões de ser mulher solteira, mas a própria questão de ser mulher, independente de se fosse, casada ou solteira ou qualquer outra situação.

Então acho que a gente já tem tido mais oportunidades de a gente poder compartilhar, de poder se proteger, e, também é muito bom quando a gente sente que tem também homens que expressam e falam e se manifestam e até em situações nas que nós de repente nem precisamos falar nada, mas tem um colega homem que fala, que intervêm, e que se manifesta em nosso lugar; e não por uma questão forçada; mas que a gente sente realmente no coração que ele está convicto de que não se discrimina mulheres ou outras pessoas.

Ah, já me disseram uma vez assim de que porquê que eu ganhava tanto dinheiro, tanto salário, porque não precisava ganhar salário igual ao de um homem, porque a final de contas eu era mulher e era solteira, não tinha filhos; então não precisava ganhar tanto. E aí eu disse para o homem: bom, eu não mandei você cassar e ter tantos filhos. (Risos). Às vezes sou meio desbocada. Eu não mandei você casar e ter cinco filhos.

P. Bom, percebo que você tem uma forma bem particular bem tranquila, de aceitar as situações e não dar tanta importância, mas você lembra alguma situação um pouco

mais “forte” na qual você precisou de ajuda especial, com psicólogo ou aconselhamento?

T. Não, eu nunca entrei numa crise assim tão grande ou tão profunda que eu de repente dissesse olha, eu preciso procurar uma ajuda. No máximo, às vezes, comentar com alguém, com uma pessoa de confiança, compartilhar esse sentimento, mas nunca assim de uma forma tão profunda. Também nunca fui assediada de uma forma que eu me sentisse violentada. Claro, ser assediada já é um sentimento ruim, mas foi assim, digamos, um assédio um pouco [...] se é que existe um assédio um pouco mais leve. Mas nunca fui agredida assediada de uma forma que me machucasse profundamente. Sempre consegui contornar essas situações e superá-las sozinha. Até onde isso faz bem ou não, eu não sei, mais sempre consegui esse equilíbrio.

P. você diz que não aconteceu com você, mas pode acontecer. Nesse sentido, você acredita que é importante que existam mecanismos de ajuda específicos para as mulheres solteiras que trabalham em cargos de liderança em comunidades?

T. Acredito sim, que isso é muito importante, porque a gente vê muitas mulheres que sofrem mais com isso ou talvez que já sofreram assédio que as violentou muito mais. Inclusive mulheres que procuram e as vezes não encontram em quem confiar ou com quem compartilhar, porque também existem mulheres que vão colocar a culpa nelas mesmas, em vez de procurar ajudar e acompanha-las elas vão dizer, não você mereceu, você fez por merecer. Então aonde encontrar essa ajuda. E assim na igreja, se trabalha com grupos de mulheres e falando na questão da violência tenho sentido que, de fato, nos últimos anos tem se refletido mais, onde a gente tem grupos de mulheres que estão ali no meio, participando e aonde a gente sabe que acontecem situações muito constrangedoras, violentas dentro da própria casa, dentro do próprio lar e às vezes até falando assim um pouquinho da questão de ser mulher solteira, às vezes entre as próprias colegas pastoras aquelas que são casadas, nelas também a gente consegue perceber que há uma certa distinção entre a colega que é casada e a colega que é solteira.

E para essas mulheres que estão na liderança e muito importante que elas saibam; então a gente tem que falar sobre isso também para elas saberem buscar e poderem também se libertar de violências domésticas que elas sofrem; que elas criem coragem e não fiquem se sometendo a essas violências e falem e protestem e procurem sair desse meio.

P. Acho que ficaram respondidas todas nossas questões, mas você gostaria de mencionar algo mais específico em relação ao trabalho com as mulheres? Eu sei que a igreja faz trabalhos na OASIS com as mulheres, mas, não tenho conhecimento de que seja algo específico com mulheres solteiras, mais sim um espaço onde todas as

mulheres podem participar. Nesse sentido, você mencionou o único trabalho do colega que trabalha com singulares. Alguma sugestão que poderia ser trabalhada dentro das comunidades olhando para as mulheres solteiras?

T. Sim, um pouquinho anterior a isso, dizer que, talvez comunidades que não têm esses trabalhos com pessoas singulares, talvez pelo próprio, constrangimento das pessoas, que eu acho, sempre são situações diferentes, de mulheres solteiras, viúvas ou divorciadas; mas, elas próprias não querem ser vistas ou expostas, ah! Agora eu estou participando de um grupo de mulheres singulares. Então eu acho que existe esse constrangimento que cada contexto, cada local tem que quebrar esse preconceito. Eu diria que é uma sensibilidade muito grande que precisa existir por parte da liderança, por parte de um ministro, de uma ministra de poder formar um grupo assim, de agregar pessoas assim sem que esse grupo seja visto como um grupo diferente na comunidade para que essas pessoas não se sintam constrangidas, e acho que é uma questão muito pessoal de como a gente resolve isso dentro da vida da gente; ou também da própria educação que a gente recebe ou recebeu na família desde criança, onde de repente se dá um valor, uma importância muito grande, que a mulher tem que casar e que a mulher não pode se separar, não pode se divorciar, que é um escândalo na família se isso acontece ou então outras educações onde isso é mais brando, ou seja, você aceita de igual forma mesmo sendo solteira, ou mesmo se divorciando e mulheres viúvas que também percebo que as vezes carregam isso muito forte, uma carga muito pesada. Que agora sou viúva e outras situações onde a mulher consegue dizer, bom agora sou viúva, mas a vida segue.

Então agora me lembrei de uma amiga que eu tenho, que é membro de uma comunidade que ela é separada, não sei se ela assinou o divórcio ou não, mas as outras amigas dela pressionam ela, ah, mas você tem que arrumar um namorado, tem que ter um namorado. Eu acho que sou a única amiga dela que não faz essa pressão nela. Eu digo: olha tu tens que sentir, eu digo para ela. Se tu és feliz assim ou não; e a questão da tua sexualidade, como é que tu vives ela, como é que tu faz. Então é você quem toma essa decisão; porque as outras amigas todas pressionam, ah você tem que arrumar um namorado de novo, tem que arrumar um namorado.

Então aonde a gente vê assim, que de repente isso não é resolvido, onde a pessoa precisa trabalhar isso dentro dela, onde a pessoa faz aquilo que ela sente ou aquilo que ela é pressionada a fazer, pelas pessoas que estão em volta dela. Eu acho que de fato se a gente consegue continuar trabalhando e amadurecendo e fazendo com que as mulheres tomem coragem de falar dos seus sentimentos, dos seus relacionamentos, de falar aonde elas se sentem machucadas e aonde elas conseguem se libertar também de muitas situações de opressão, acho que isso de fato é importante de trabalhar na igreja.

P. Muito obrigada tulipa pelo compartilhar dessas experiências, esperemos que nosso trabalho nos de luzes para continuar a caminhada.

T. Amém.

P. Obrigada!

12. ENTREVISTA A VIOLETA

P. Estamos con otra de las personas que gentilmente ha decidido apoyarnos, en esta investigación, ella es violeta. ¿Buenas tardes Violeta, cómo estás?

V. Buenas tardes, muy bien.

P. Violeta, cuéntame un poco sobre ti, ¿cómo llegaste y desde cuando haces parte de la comunidad en la que participas?

V. Bueno, yo estoy en la iglesia menonita con unas raíces protestantes, mi familia es de origen protestante de la iglesia presbiteriana, entonces yo estoy en esto desde el vientre de mi madre, pero ya hacia el año 85 – 86 más o menos, salgo de la iglesia presbiteriana y pues inmediatamente sigo reuniéndome en la menonita, no recuerdo haber hecho ninguna transición ni nada, porque era como un encuentro lindo de un evangelio con un enfoque social y algunas cosas que manejaban desde los menonitas con los que me venía encontrando, por cierto trabajo.

Entonces eso, yo no puedo decir que hubo una transición ni nada, fue como dejar de entrar a un templo, para entrar a otro. Claro, con un compromiso cristiano de fondo, con una convicción única. Yo siempre en mi historia de vida he encarnado sobre todo he querido encarnar el evangelio, porque lo leí desde niña y todo, lo estudiaba, ni siquiera lo leía, lo estudiaba, entonces mi vida y mi desafío de Jesús es grandioso, por eso no tuve transición, que yo recuerde.

P. ¿En qué espacios ministeriales has participado o estás participando, como te eligieron, cuánto tiempo? Lo que te recuerdes a ese respeto que nos puedas compartir.

V. tendría que aclarar de mi historia en la presbiteriana y de mi historia en la menonita...

P. bueno, puede ser, sí.

V. Porque en ambos ejercí muchas cosas, sobre todo en la presbiteriana. Bueno, en la presbiteriana desde niña había una buena intención de que los niños y niñas mayores, ayudáramos a los más pequeños. Yo recuerdo con mucho agradecimiento

de una maestra de escuela dominical, que nos ponía a foguearnos (termino para definir el hecho de colocar a alguien a practicar, a poner en práctica lo que sabe, lo que hace) y pues recuerdo con cariño que siempre me iba muy bien y ella reconocía eso. Parece que yo siempre tuve buen manejo de grupo. Creo que ahí tengo que reconocerle a mi padre, que me llevaba por los pueblos desde muy niña; nos llevaba, uno por uno, nos ponía en cierto orden y desde muy chiquita, el a mí, recuerdo me ponía a orar. Fue una cosa, parece que yo hubiera venido para orar, pues como que eso estaba en mí.

Entonces, cuando recuerdo todo el paquete, siempre estaba frente a un público, siempre, siempre. Primero fue eso... luego ya como niña más grande ayudando a los más pequeños. No me di cuenta como yo resulté siendo joven, trabajando con jóvenes, siendo joven, trabajando con niños y aun siendo joven, enseñando a adultos, en la iglesia presbiteriana. A veces me daban la escuela dominical que era la clase de adultos, para adultos y también por mucho tiempo la posibilidad de dirigir cultos. También integraba el coro y fui tesorera local en la iglesia presbiteriana.

Todo eso se fue desarrollando en mí y yo ni me di cuenta; pero lo que sí recuerdo, es que había un compromiso en mí de que el evangelio en verdad, impactara a la gente, de verdad, y yo de niña, jovencita, casi niña, pensé que el cristianismo era la respuesta de esta sociedad, tanto que yo pensaba que Colombia tenía que cambiar, Colombia no podía seguir así, yo lo decía a los trece años; pero mi modelo era el evangelio, entonces yo lo miraba desde allí. Bueno, todo esto en un trabajo social desde muy joven, trabajo comunitario, porque lo empecé también por mi papá y después llegué a la iglesia menonita, entonces tengo la oportunidad de participar y también ni siquiera me di cuenta como.

A la comunidad, llegué porque vengo de otra ciudad, algunas veces ayudé a enseñar adultos aquí los domingos y por mis capacidades en contabilidad resulté siendo tesorera, tesorera local, luego regional y luego nacional. Algo de lo que yo creo que Dios, yo sé que Dios me puso un don a mí, es la capacidad de interrelacionar las cosas. Entonces en el área contable fuera de la iglesia yo era muy buena para relacionar lo de la empresa, o sea, lo social con lo económico. No me daba cuenta, quizá no era tan consciente y eso hice en la iglesia menonita, de hecho, se montó la contabilidad general nacional, bajo la tesorería que yo dirigía.

P. Pero entonces, ¿no hubo una elección como tal en esas áreas y en las otras, o sí hubo?

V. Perdón, sí, tanto en la presbiteriana como aquí en la menonita era por voto, donde había varios candidatos, candidatas y se votaba por quien se elegía. En eso si es igual, me sucedió igual a mí. Tanto en la presbiteriana como en la menonita, fueron elecciones por voto, en cada regional y nacional.

P. ¿En todos los ministerios que has participado o ha habido diferencia?

V. No, cuando yo dirigía cultos en la presbiteriana no sé, creo que el consistorio y el pastor veían como el talento, veían como el carisma, también. En ese entonces yo era del grupo que ayudaba a dirigir los cultos. Y en el caso de aquí de los menonitas no recuerdo, pero más que todo yo estuve en el consistorio inicialmente, como tesorera y hacíamos cosas, como elecciones de otras personas, también con votos.

P. ¿Cómo ha sido tu experiencia en el desarrollo del ministerio o cargos de lideransa, como mujer “no casada”, en este caso divorciada? ¿Cómo ha sido esa tu experiencia?

V. Bueno, cuando yo miro en ambos espacios, había siempre un equipo con el que yo tenía que ver; pero en mi caso particular yo siempre viví o desarrollé cada servicio ofreciéndoselo a Dios. Siempre yo creí que lo que yo hacía, lo hacía para Dios y entonces en ese sentido yo tengo que reconocer en mi vida, la presencia permanente de la oración, pero yo no digo una oración intelectual, en mi caso, yo hablo de oraciones de rodillas, donde yo fácilmente me quebraba ofreciéndole a Dios mis actos, mi servicio.

Yo puedo ver ahora que era un asunto muy íntimo de mi relación con Dios, para luego ir a ofrecerla. Así yo lo viví. Y en eso también puedo ver las soledades, que las recuerdo ahora. No estaba pensando en eso, pero, ahora que estoy trayendo a la memoria las soledades en ese servicio, donde hay tantas tenciones tan horribles. Por las historias de las comunidades, por las historias del mismo ser humano como se va construyendo y reconstruyendo. Ahora yo puedo identificar, que mis servicios, tanto en la presbiteriana, como en la menonita han sido de mucha soledad... soledades que me han permitido estas experiencias de oraciones más contemplativas y más refugio en la persona de Dios como yo entendía.

P. ¿Crees que el hecho de ser una mujer divorciada, ha interferido o interfiere en el ejercicio de los ministerios que desempeñas?

V. Sí, (enfático) yo creo que eso tiene una incidencia y a veces yo puedo ver, u observar en el camino, como un discurso puede pesar más que un acto. Porque los discursos se dan, van y vienen; pero los hechos están hablando por sí solos. Yo he podido observar, gracias a mi divorcio, como es el trato a alguien que está con pareja y cómo son las oportunidades que se dan a la que está con pareja; y a la mujer que está sin pareja. No puedo decir, a mi alguien me llamó a decirme tal cosa, yo observo, yo soy una estudiante de la vida, graduada con honores de la vida y yo he podido observar eso.

O. ciertos roles, ciertas relaciones, habría que ver en particular; pero si esta tiene que ver con el otro..., o sea, yo he podido ver eso, por eso hablo de las soledades del liderazgo. Porque yo lo he vivido, lo he encarnado, solamente que antes no era tan

consciente, pero ahora yo puedo ver como son los comportamientos humanos, no juzgando a mis hermanas, sino en un análisis claro, concienzudo, libre. Cómo es el comportamiento humano frente a una mujer que está ahí con su pareja, a una mujer que esta sin pareja y además, eso se siente en el ambiente, es muy pesado.

Los mismos comportamientos de nosotras. O sea, esto de verdad está atravesado por el patriarcalismo. Porque yo he podido observar en este caminar, por ejemplo, el trato diferenciado de mismas mujeres hacia el pastor y yo veo, veo como les brillan los ojos, como se afanan por atenderlo. Pero ahí están sus hermanas que son más que un pastor, y yo puedo ver el trato diferenciado. Pero yo insisto, no es para juzgar, es para analizar, poder revisar eso también.

P. Eso es interesante. Y en ese sentido vamos a mirar, ¿cómo ha sido tu experiencia, como mujer divorciada, dentro de una comunidad en relación al tema de la sexualidad, por ejemplo? ¿Crees que hay algo que tú quieras resaltar en ese aspecto?

V. Yo podría ver frente a la sexualidad, mi vida de jovencita. Por ejemplo, la presión que yo tenía de la iglesia, cuándo es que te vas a casar, cuándo es que vas a dejar ver tu... Había una expresión que se usaba mucho. No recuerdo la expresión ahorita, pero era como... cuándo va a dejar ver su hijo, su heredero.

P. Su pinta.

V. Sí, la pinta. Era una presión muy grande, pero bien fuerte. Hablo de la iglesia presbiteriana. Porque cuando eso yo estaba allá. Ya en la menonita esa presión fue menos, expresada menos. Yo me caso estando en la menonita y me divorcio estando en la menonita. Entonces, yo puedo percibir cierto cambio en el status de ser casada a ser divorciada; pero nadie me lo ha dicho. Por eso yo digo, los hechos. Hay lenguajes superiores a las palabras en nosotros y en nuestras relaciones y en nuestro trato. Entonces yo puedo percibir eso. Igual no faltó la que alguna vez se me acercó y se me arrimó a decirme que cómo había dejado ir a “sultano” en ese momento pues, me dolía porque a todo el duelo que yo estaba viviendo, le agregaban más dolor, ¿verdad? Pero también hubo mujeres, una que otra, que me acompañó orando por mí y hubo solidaridad, yo agradezco esa solidaridad y esa fraternidad que yo recibí. Yo prefiero quedarme con lo bonito que recibí, porque eso es lo que me ha venido reconstruyendo a mí.

P. ¿Y en relación a los ministerios que desempeñabas, hubo algún cambio en relación a ese cambio de status que tu mencionas, de ser mujer casada a ser mujer divorciada?

V. Bueno, ambas cosas. El asunto de ser tesorera se dio creo que yo ya siendo divorciada o no recuerdo. Lo cierto es que sí, tengo muy marcado todo lo que se tejió alrededor del equipo, porque aparte de estar yo en la tesorería, estaba una presidenta mujer y fue un poco, no un poco, mucho decepcionante para mí, ver cosas como se

manejaron soterradamente en contra de que hubiese una mujer presidenta. No sé si soterrado era contra mí, porque ambas estábamos en niveles parecidos, ella separada, yo separada; ella en un cargo yo en otro, pero algo histórico es que, ¡claro!, es la primera mujer a ocupar ese cargo en la iglesia. Entonces, eso marca un quiebre importante, porque entiendo que nunca había habido una mujer en ese cargo y esto fue durísimo, pues como lo manejaron, personas soterradamente. Entonces sí, hay como decepciones, pero igual yo insisto eso me sirve a mí es para analizar, porque para mí la escuela primordial es la vida. Entonces puedo recordar eso como lo viví. Fue doloroso, fue... reconozco que causó rabia por la manera como se cruzaron comunicaciones.

P. Y, ¿piensas que eso fue principalmente por esa condición de ser mujeres divorciadas ocupando espacios de hombres? ¿Podría decirse?

V. Como lo interpretaban los que manejaron eso, sí, sí. Por eso hago..., resalto, además, era la primera vez que había una mujer en ese cargo en la iglesia. Parecía que querían cobrar carísimo eso.

P. ¿Y en el área de la vivencia de la sexualidad, como sentiste eso?

V. Mira yo no recuerdo que haya tenido expresamente situaciones donde eso se me haya demandado ni nada expresamente. No. Pero, yo si considero que hay unos inconscientes ahí, sí, hay unos inconscientes colectivos que no se expresan, como si fuera... como... dudas o misterios, o de que no se hablan de pronto en voz alta; porque yo no puedo decir que a mí nadie me ha abordado para hablarme de mi sexualidad, ni nada y no es tema que yo busqué hablar. Yo considero como mujer como persona, como ser en construcción, que yo asumo mi derecho, mi libertad de construir mis relaciones.

De hecho, tengo una pareja hace más de 10 años y no vivo con ella, es una relación que cada día soy consciente y con él lo somos de que estamos cada día construyendo una relación. Es un esfuerzo y soy consciente que es mi libertad la que me lleva a construirla como yo considero, en pro de mi felicidad, de mi bienestar y de realizar eso. Construir una pareja no es fácil y que por mí misma historia he visto, miles y miles de parejas, desgraciadas, infelices, violentándose y en nombre de Dios y en nombre de una iglesia.

Talvez inconscientemente yo decidí que mi vida no era por ahí, no me daba cuenta que era consciente de eso, y cuando miro mi historia yo decidí construir otra cosa. De hecho, yo me caso estando en la iglesia menonita y me caso es por lo civil. Yo nunca vine por una bendición acá, ni de la comunidad, ni del pastor. Entonces eso ya me da visos. Cuando una mira su vida, la pone allá en la pantalla, esa vida le está enseñando a uno cosas de las que uno ha hecho y cuando una se esculca en este renacer como yo considero, me está dando visos, me está aclarando cosas.

Desde mi alma, porque yo hice esto y porqué yo hice aquello y no lo otro, ni aquello; así lo hayan gritado y lo hayan escrito en volúmenes. En ese sentido considero, yo estoy haciendo lo que a mí me corresponde y como ser humano, como cristiana, me considero en el marco de una tradición cristiana, pero yo ya no quiero más esas tradiciones. Yo quiero más la espiritualidad, porque a mí la religiosidad me ha llevado a la espiritualidad y la espiritualidad es superior a la religiosidad. Entonces en esa libertad de seguirme reconstruyendo, porque es una reconstrucción, mi alma ha optado por la reconstrucción de toda mi vida, con todo lo que implica como mujer, como pareja, como ciudadana, como todo lo que yo soy, como mi ser integral. Nunca estoy pensando en el que dirán, de hecho, creo que nunca lo pensé, nunca lo pensé, ¿qué dirán aquellos, que dirán los otros?

Yo ahora veo mi vida en la pantalla como me ha correspondido por mi historia de estar viva de milagro. He ido reconstruyéndome cada día, frente a mi familia, frente a todo el mundo y esa es la capacidad y la facultad con la que yo vine a estar aquí en la tierra. Entonces, para mí cada día es la maravilla de renacer, de seguir siendo yo; porque hace rato entendí que yo soy la que soy. Entonces mi espíritu libertario me ha llevado a vivir cosas que después es que me doy cuenta que a otros les molestan y todo; por eso, el temor de Dios, bajo la mano de Dios, arrodillada toda la vida, en esa relación íntima con Dios. De hecho, me llama la atención en este punto que, en el Seminario, estudiando una materia sobre sabiduría y profetas, fue interesante y fue tan lindo llegar a la conclusión de que Dios no me prohibía nada. Releyendo a Eclesiastés, no hay ninguna prohibición ahí. Yo ya era una vieja, con canas y todo y eso me reafirmaba en mi ser, porque Dios me ha dado poder, me ha dado capacidad, me ha dado libre albedrío; me mandó libre a esta tierra, Dios me mandó libre a esta tierra, entonces yo creo que he hecho buen uso de mi libertad.

P. Violeta, una pregunta más, ya casi terminando. ¿Crees que en la comunidad donde participas hay espacio para reflexionar sobre temas como este, del ministerio de las mujeres solteras, o divorciadas, viudas y la sexualidad? ¿Dónde y cuándo? ¿Hay espacios para trabajar esas temáticas?

V. (Silencio, pensativa) Yo no lo he visto en estos años. No sé si últimamente me habré perdido de algo, pero en los años en que he estado más activa por el ministerio de la tesorería, que fueron varios años, y en lo que he venido caminando no lo he visto. De hecho, yo percibo como iglesia, como comunidad, en esos inconscientes colectivos yo puedo percibir unos temores de tantas cosas, pero de tantas cosas..., que ya de hecho...; tampoco veo con claridad en este momento que alternativas es que la iglesia está presentando a la sociedad de hoy, con los cambios generacionales que estamos teniendo; con los cambios de paradigmas que la sociedad está teniendo y que nos amerita otros desafíos.

no los veo, no los percibo y no solo temas de sexualidad, sino otros temas, donde tristemente veo una iglesia llena de miedos, de muchos miedos. Francamente desde esa perspectiva de sociedad, no veo futuro. Para mí, mirándolo desde la escuela de la vida, es como al nivel que tú llegas y tienes que buscar otra cosa porque esto ya no te está colmando. Lo veo un poco desde ahí por mí mismo caminar y mi experiencia.

P. Para finalizar, ¿tienes alguna observación, algún aporte más al hecho de estar trabajando y estar tocando temas como estos, en investigaciones como estas?

V. Sí! Yo creo que hay un aporte importante en este momento en mi vida y es como terapeuta, porque en la terapia sale todo y es interesante ver la urgencia, hacer conscientes de la urgencia de deconstruir tantos conceptos y teorías que nos metieron, para llegar a una vida más plena e inclusive desde nuestra propia sexualidad. Fíjate que yo encuentro casos de mujeres que han abortado, casos de infidelidades, y es tan lindo ayudar a restaurar a las personas desde su libertad. Las culpas nos las han creado para hacernos desgraciados e infelices y para llenar más los templos. Porque inclusive, hay un planteamiento en la Biblia, que dice: que ni siquiera la culpa Dios nos la hecha. Pero las iglesias son felices, yo no sé si inconsciente, de esos inconscientes colectivos de provocar la culpa o avivar la culpa de tantas maneras, para que las personas se estén allí con culpa.

Yo no entiendo porque la iglesia no puede ver desde la luz, desde el proyecto de amor del Padre, que la culpa está es dañando a las personas. El mismo texto dice que ni siquiera Dios nos juzga, pero la iglesia se abroga el derecho de juzgar, bueno, las comunidades y la ceguera en la que viven tan tenaz, que no se dan cuenta que están haciendo lo contrario de lo que el evangelio enseña. El Evangelio, una hoja de ruta que lleva 2000 años y no lo vivimos. Eso me alarma y siento compasión de la sociedad, siento compasión de mis hermanos y hermanas. Me toca, me quebranta, me quebranto en compasión de ver todas esas cosas que vive la gente y que llega a construir este bulto de culpas en nombre de algo y me parece muy lindo en este momento de mi vida, poder acompañar a otros y otras a esa reconstrucción de esa vida, así la religiosidad haya dicho lo que haya dicho, o los mandatos sociales hayan dicho lo que hayan dicho.

Yo creo que sí es un asunto de liberación que todos tenemos que vivir. El mismo sexo, yo hace años entendí que el sexo era un regalo de Dios, y yo lo decía, pero yo no medía el alcance de mis palabras ahora sé. El sexo es un disfrute es un goce muy hermoso que Dios nos dio; pero parte de eso es, procrear la raza humana para un plan maravilloso de Dios y todo eso lo han satanizado. Podemos hacerlo, pero la iglesia se ha encargado de satanizar todo. Yo ahora sé de la caricia que sana. Yo ahora sé del toque que sana y eso se lo enseñó a los pacientes; pero la gente necesita es liberarse y no cargar con más culpas. ¡Dios no nos quiere culpables de nada! es

más, no somos culpables de nada! Vinimos por amor, a inundar esto, a llenarlo de amor, Dios no nos está juzgando.

P. Violeta muchísimas gracias por tu compartir y esperamos que más adelante podamos volver a tocar este tema con los resultados de lo que hayamos encontrado.

V. Claro! ¡Con mucho gusto!

13. ENTREVISTA A ZÍNIA

(Entrevista realizada via internet – Messenger) 24 de abril /2020

P. Bom, bom dia. Estamos aqui com a Zínia, outra das voluntarias que está participando da nossa pesquisa. Bom dia, Zinia! Como você está?

Z. Bom dia. Estou bem, estou bem florida!

P. Que bom! A Zínia Já conhece a ideia de nossa entrevista; então vamos começar com a primeira pergunta. - Você poderia mencionar alguns dos principais dilemas, dificuldades ou crises pessoais que você tenha enfrentado no exercício do seu ministério ou cargo de liderança, como mulher solteira?

Z. Então, o fato da gente ser mulher já é uma dificuldade, uma barreira que a gente encontra, quando a gente chega num novo trabalho numa comunidade, e mais ainda sendo solteira. No meu caso, nas últimas duas paróquias, eu tenho minha mãe junto comigo, que é viúva e de idade, (ela tem hoje 86 anos), então, essas são barreiras que a gente já sente na chegada. A gente tem que mostrar para as pessoas, (e não é somente para os homens, para as mulheres também), num novo lugar, que a gente vai dar conta, que a gente tem a preparação para enfrentar o ministério, para trabalhar no ministério com amor, com competência e com profissionalismo; e também, principalmente, com a vocação que nos chama para este trabalho.

Eu sempre fico pensando si um homem solteiro, pastor o um diácono ou um catequista, (no caso da minha igreja), quando chega numa paróquia, solteiro, se ele enfrenta tantas dificuldades assim de chegada. Porque depois, aos poucos, a gente vai tendo que... não sei se a palavra é provar, mas a gente vai mostrando no nosso jeito, no nosso labor que está tudo bem, podem ficar tranquilos, que vai dar tudo certo; que não é por eu ser solteira, por eu ser mulher, que não vai dar certo meu trabalho com você. Porque eu não ouço muito isso dos homens solteiros. O que eu ouço dos homens solteiros, por exemplo, é que quando ele chega numa comunidade, ele é visto como um bom partido. Muitas mães, avôs chegam e apresentam suas filhas, suas netas para esse pastor; porque veem nele como um perfil, assim, como um exemplo de homem. Minha filha..., minha neta..., iam ser muito felizes se ficarem com ele.

Já quando a gente chega numa paróquia (risos) não aparece nenhum pretendente, não. (Risos). Pelo contrário. Ah! Essa mulher é estudada, essa mulher já sabe o que ela quer, né? É difícil. Você vai falar que quando conhece uma pessoa, um homem, por exemplo, no meu caso, e ele pergunta: o que você faz da vida? Quando eu falo que sou pastora, aí dá de cara, que não é muito interessante não. Até porque a experiência que a gente vê, por exemplo, quando um solteiro, um pastor casa, a mulher vai para onde ele for mandado, enviado. Ela larga tudo e vai com ele. No caso de minhas amigas que se casaram com homens que não tem nada a ver com a igreja, ou com o trabalho de igreja; para elas vai ser muito difícil, porque o trabalho do homem as vezes não é no local, nessas cidades. E eu tenho amigas que deixaram o pastorado para ficarem com os maridos, porque eles tinham uma carreira ou tinham terras naquela região e tinham que ficar ali. Então, são diferenças que eu noto, pensando em minhas amigas e nas vivências dessas amigas.

Mas eu penso que, a gente trabalhando, a gente mostrando para as pessoas, as pessoas vão se aliviando, vão aprendendo, vão assimilando que a gente é diferente, mas, nem por isso, a gente deixa a desejar no trabalho. São dificuldades e claro, todo início de trabalho para todo mundo é difícil, mas eu, particularmente, passei por muitas faces no ministério numa paróquia. Eu já estou na quarta paróquia, tenho 20 anos de ministério. Numas eu fiquei 4 anos, noutras. 5 anos, noutra 8 anos e aqui já estou indo para o 5º ano. Então são sempre faces. O primeiro ano é uma coisa, segundo ano é outra. Depois ficam te testando para ver como ela é na vida particular, como ela lida com as situações, por ela se solteira. Mas o que eu mais sinto assim de dificuldade, e pensando um pouco, a gente tem que criar e desenvolver uma certa distância. Oh, até aqui você pôde-se intrometer na minha vida. Daqui para lá, a vida é minha.

Eu cuido muito disso, isso é muito importante para mim. Eu preciso ter privacidade e, de certa forma, eu exijo isso das pessoas. Olha, até aqui vai. Por exemplo; a segunda feira é minha. É meu descanso. Eu posso fazer o que eu quero, eu posso ir onde eu quero. Claro que nunca é 100%, mas a gente tenta mostrar isso para as pessoas. Eu tenho uma vida particular, eu tenho uma família. Eu também gosto de fazer coisas diferentes, como vocês. Eu preciso desse espaço. Isso é muito importante para mim. Nas minhas folgas ou nas minhas férias, por exemplo, eu faço questão de não dizer onde eu estou indo. Eles morrem de curiosidade. A onde é que ela vai ficar vinte dias, trinta dias, vai fazer o que? Assim como tem gente que fica publicando onde foi, onde está indo; eu gosto de deixar aquele mistério. É um pouco provocativo, mas entendem que eu tenho uma vida pessoal. Depois se eu quiser compartilhar, eu compartilho; mas, não que eu precise dar satisfação do que é que eu vou fazer, com quem que eu vou ou com quem que eu vou estar.

A outra dificuldade que eu enfrento... não sei, (antes creio que era mais), agora vou fazer 50 anos e tenho mais maturidade para lidar com muitas coisas; mas, o fato de eu ser mulher e estar ao lado das mulheres que sofrem violência, das mulheres que

ainda estão se empoderando; isso é algo que eu faço no meu ministério a cada ano mais, e tento me calar, mas eu não me calo. Às vezes eu dou uma recuadinha; mas depois eu venho com uma estratégia. Eu preciso sobreviver e para eu sobreviver e me sentir plena, eu não desisto. Então, eu sinto isso. Ah! Lá vem ela. Ela é mulher, ela é solteira, é diferente, ela está numa outra vida, vamos dizer assim. Eu sinto as vezes até a inveja de algumas mulheres que olham para minha situação e me vem livre e me vem bem, me vem feliz como eu estou. Assim como também eu sinto de outras pessoas, ah! coitada! Não se casou (risos). Ela não quis ter filhos. Então, tudo isso já é muito tranquilo. Eu vejo que não dá para exigir demais das pessoas, elas estão em processo de aprendizagem igual à gente. Mas o fato de eu insistir, eu acho que já provoca alguma coisa diferente na vida das pessoas, já abre uma interrogação, já causa alguma coisa diferente; tira elas do normal. Eu gosto disto. Acho que é uma parte do meu ministério dar uma sacudida. E cada um, conforme o seu tempo ou a sua situação de vida, vai fazendo o que quer com isso. Eu vejo que eu incomodo, sim. Incomodar, eu vejo como positivo, né? Isso precisa fazer bem.

P. E como estas questões afetam você Zínia, ou elas não afetam definitivamente você. Essas dificuldades causam algum tipo de crise em você ou não?

Z. Sim. Eu já passei por muitas crises. Eu sofria mais do que sofro hoje com tudo isso. Hoje, acho que eu consigo enxergar um pouco diferente. Eu penso assim: Eu vou fazer a minha parte. Também não vou salvar tudo isso; é muita coisa. Eu tenho uma orientação, que eu recebi uma vez; que a gente não tem como cobrar da outra pessoa, mais do que ela tem para oferecer naquele momento. Talvez, daqui a um mês, uma semana, ela tenha outro jeito. Mais eu não tenho como forçar isso. Eu vou vivendo, vou dando minha participação nessa engrenagem. Sempre em comunidade eu gosto de desafiar os grupos, eu trabalho aqui particularmente com as mulheres e com as crianças; com as orientadoras e os orientadores que trabalham com crianças.

É uma paróquia grande. Nós somos vários ministros e ministras, então, a gente divide. Todos celebram, todos fazem coisas em comum, mas cada um têm também o específico; e eu fico principalmente com o trabalho com mulheres. Mulheres simples, a maioria da roça. Eu aprendo muito ali nessa vivência e no trabalho com as crianças; não tão diretamente com as crianças, mas com as pessoas que trabalham com as crianças. Sou orientadora. Então, ali eu me extravaso muito. Esses meus sofrimentos, essas minhas dores, ali eu consigo canalizá-las para coisas boas, para transformar um pouquinho que seja. E eu vejo que sempre acontece alguma coisa diferente e isso me ajuda a assimilar, a não sofrer, a não ficar pressa naquilo que não dá muito certo.

Outra coisa que existe, que me deixa triste e que eu sinto muito, é, quando há competitividade entre a gente. Sabe? A gente está trabalhando na igreja e isso não é bom. O meu perfil é trabalho de equipe e aí sempre têm aqueles que querem ser estrela, querem brilhar sozinhos, não entendem que todo mundo pode brilhar; não

precisa só uma pessoa brilhar, isso me incomoda. Me deixa muito decepcionada com o ser humano. E não existe isso só entre eu mulher solteira e colegas homens, mas também, entre nós mulheres. E, talvez, é até a situação do próprio país, da própria igreja IECLB. No momento a gente está um corpo muito assim, ferido, fragilizado. Aí, cada um cuida do seu. Cada um se vira com a sua doença, com o seu mal-estar, com a sua frustração; cada um vai por seu lado.

E eu já vivi, anos atrás, momentos diferentes; com mais comunhão, com um pouco mais de ligação; tinha mais liga... mais... corpo. E talvez, neste momento que a gente está vivendo agora, a gente está resgatando um pouco isso; porque até, junto, a gente vai ter mais força. A gente sofre pressão. Abre templo, fecha templo e um monte de coisas. Pessoas tão diferentes estão ajudando a gente a se ligar um pouco. Eu vejo isso também.

P. você mencionou algumas questões laborais, relacionais e no emocional, mas, no pessoal, que isso causa em você? Causa algum tipo de crise?

Z. Sim, porque tudo vai para o emocional, né? Tudo que a gente sente vai para o corpo; mas a gente tem até dificuldade de falar sobre isso porque, até no nosso próprio trabalho, a gente não pode mostrar. Os outros precisam de nossa ajuda. A gente não precisa da ajuda das outras pessoas. Entende? A gente tem que ser aquela que tem a resposta. Tem sempre um jeito. Se está doendo, se está machucada, tem que superar isso melhor do que as outras pessoas e a gente passa até acreditar isso. A gente passa a achar que realmente tem que dar um jeito. Não dá para sentir, não dá para ser muito frágil ou demonstrar. A gente sabe o que é, mas, não pode demonstrar.

P. Iriamos para a segunda pergunta, Zinia. Especificamente, de entre esses dilemas, quais tem sido os mais difíceis de enfrentar? (As questões mais emocionais, as questões mais pessoais frente ao fato de você ser uma mulher solteira e todas as pressões que as mulheres solteiras sofrem no pessoal, no laboral, no relacional). Quais dessas dificuldades tem sido ou estão sendo as mais difíceis de superar?

Z. Olha, (Pensativa) com tudo isso que acontece ao meu redor, eu acho que falta esse cuidar de mim, sabe? Porque você me fez olhar muito isso também. A gente vai vivendo o dia a dia, a correria; a própria pesquisa que você está fazendo, começou a conversar comigo, (riso nervoso). Mas é bom isso. Eu pensei nisso, justamente, num caminhar junto, com mais pessoas que podem estar sentindo medo ou sentindo outras coisas diferentes que eu sinto. Eu sinto que sempre, a minha parte pessoal eu tento lidar com ela, trabalhar as coisas dentro de mim; mas parece que falta algo, sim, falta mais cuidado. Falta cuidado. Por exemplo: eu estou há um bom tempo sem fazer um check-up na minha saúde, nos meus exames, esses exames anuais. Eu tomo remédio controlado; teria que ter um cuidado maior. Aí, eu ia fazer, e foi quando veio esse vírus (Covid – 19) eu falei: ah, que bom! (Risos), agora eu não preciso fazer, que agora nem

é bom fazer consulta, esses exames, fazer esteira, ver quanto é que está meu colesterol, meus triglicéridos. Melhor deixar este tempo passar que aí a gente consegue boicotar. A gente curte até para não aceitar o que está sentindo realmente. Então tal vez essa é realmente uma dificuldade. Por um lado, eu vejo que eu consigo lidar com um monte de coisas, desafios; mas por outro lado, a gente vê que a fragilidade precisa ser mais cuidada.

Eu tenho algo que me marcou muito o ano passado, e sempre levo isso comigo. Eu tenho um amigo que fez teologia, mas aí ele se assumiu como homo afetivo e a igreja não aceitou ele; mas se ele não tivesse dito, ele era pastor hoje. Ele escreveu uma carta e aquilo virou documento e tal, e a igreja ainda não ordena. Né? Não ordena homossexuais. Aí, ele é psicólogo e eu falei assim: você poderia me explicar, porque que uma mulher que vai fazer 50 anos, ainda tem tantas coisas que não consegue harmonizar na sua vida? (Risos). Eu já não deveria ter aprendido a lidar com os meus conflitos pessoais? Então eu me sinto assim, muito ansiosa muitas vezes. Aí ele perguntou para mim assim: de um a dez, quanto que você acha que tem controle sobre sua vida? E eu pensei assim: eu não vou falar oito, porque oito é muito alto, vou falar um sete, (risos) que aí fica mais tranquilo. Eu pensando, né? Aí, eu falei assim: de um a dez? Sete! Então ele riu de mim, porque ele é meu amigo, a gente é muito amiga mesmo, moramos juntos em república e tudo mais. Aí ele diz assim: de um a dez, a gente não tem nenhum, nem 10% de controle sobre a situação da nossa vida. Quer dizer, aí ele me desnudou, né? (Risos). Aí é muito interessante que a gente acha que a gente é muito forte, que a gente supera tudo, que a gente enfrenta tudo; mas não é assim. Isso mexeu muito comigo. A gente não tem o controle, né?

P. E isso de fato nos leva para a terceira pergunta, que fala sobre se você tem recebido ou recebe algum tipo de ajuda para enfrentar essas situações? Essas diferentes situações que você tem vivido, tem passado, essas crises que você tem enfrentado, você tem recebido ajuda para enfrentar estas situações?

Z. Eu tenho amizades. E as primeiras pessoas que eu pensei, assim, que me ajudam, que me ouvem, são as boas amizades. Aquelas amizades antigas, de tempos de estudos; amizades com quem trabalhei, que fizeram diferença na minha vida. Não são muitas, mas eu tenho dois amigos com os que eu posso falar o que eu quero. E umas quatro amigas, que eu posso falar do trabalho e do emocional junto. Um eu procuro num momento e outras eu procuro num outro momento. Mas assim, que mais me ajudam são essas amizades firmes, de troca, de ouvir e também de desabafar.

P. Fazem parte da comunidade ou são profissionais noutras áreas?

Z. Eles são todos da área da igreja, mas que trabalham também assim como eu. Um é catequista, outro é capelão. Então, são pessoas que já me conhecem há muitos anos. Faz tempo. Sabem como eu sou diante das pessoas. Aí eu me sinto mais a

vontade de ser eu mesma, de poder desabafar. Olhe, aí eu posso falar para eles, eu não estou bem, isto está uma m***! Eu estou passando por isto, estou sentindo isto; de poder ser eu mesma. E também ouço dessas pessoas.

Duas são solteiras. Tenho um homem solteiro e uma mulher que é divorciada e tem uma filha. Então, têm coisas em comum que a gente ouve um do outro. Essas pessoas que mais ajudam. Depois vêm a família. Eu tenho uma família que me apoia, que me ajuda. Eu acho que nem tudo o que compartilhar eles vão entender mesmo (risos).

Outra coisa que eu vejo, é que a profissão religiosa é um trabalho muito solitário. A gente nunca está sendo entendido por o que a gente passa (pelas pessoas). (Risos). A gente enfrenta muita solidão, sim. É muito diferente, né? Uma hora é vocação, outra hora é trabalho, outra hora é profissão. É muito complicado. Por exemplo: agora, boa parte da minha paróquia aqui acha que nós pastores, pastoras, estamos ganhando dinheiro atoa, né? “Não estamos trabalhando”, “não estamos fazendo culto”, “não estamos fazendo estudo bíblico nem visitação”. Eles pensam porque que este povo está ganhando dinheiro se não estão fazendo “nada”? Já não faziam, né? Agora então?

Minhas boas amizades são mais mulheres do que homens, que eu tenho para conversar. Eu tenho muitas amizades homens, mais para falar lá de dentro, assim, eu tenho um grupo. Eu faço parte de um grupo, é eu e mais três mulheres. A gente tem um grupo no Whatsapp e ali a gente desabafa mesmo, fala tudo, ajuda muito. Mas não só questões pessoais, questões pastorais, políticas. Ali a gente desenvolveu uma confiança. A gente até manda áudio. Tem isso também, o áudio ele pode te comprometer. Uma pessoa pode pegar e passar adiante tudo aquilo que você falou. Ali a gente tem esse papo de confiar uma na outra.

Eu tenho também um irmão, nós somos uma família grande e tenho um irmão que é pastor também. [...], já está quase se aposentando. Ele é uma pessoa que eu sempre procurei para tirar dúvidas, para me aconselhar. A gente tem uma relação muito bacana de irmão. Então ele me ajuda. Eu lembro que desde o início eu tinha coisas técnicas na paróquia que eu não sabia como lidar; desde crises existenciais, ele sempre me deu uma palavra amiga de tranquilidade, de me estabilizar de novo. Ele sempre me ajudou.

Agora, a igreja como instituição? Eu não sei o que te falar; porque eu nunca pedi ajuda, tipo: oh! Olhem para mim, de uma forma assim direta. Eu sempre participei de encontros da igreja, que ali se acaba tendo assuntos interessantes e eu gosto justamente dessa questão de lidar com assuntos que tenham a ver com o assunto emocional, com a parte mais existencial. Por exemplo, eu me lembro de uma vez que a igreja ofereceu um curso de xxxxxxx, não sei se você já ouviu falar.

P. Não, não ouvi.

Z. Que fala dos [...] tipos de perfis que as pessoas têm. Aquilo me ajudou muito no autoconhecimento. Mas assim, eu me lembrei disso agora porque me ajudou muito. Mas, algo direto para mim, como pastora, como solteira, acho que isso nem passa pela cabeça deles. Poderiam ter um olhar diferente com a gente, mas acho que não são tão evoluídos.

P. E você acha que não há essa confiança de perguntar, pela forma diferente como as mulheres solteiras são vistas e se, além disso, elas vão se mostrar “frágeis”, isso afetaria a pessoa? Você acha que por isso muitas vezes não há essa liberdade de procurar ajuda, de pedir ajuda?

Z. É que no geral. A gente não pede muito, a gente já não pede. Claro, a gente não quer ser vista como diferente no sentido de: Ah, agora as solteiras querem um olhar diferente ou pelo menos um olhar. Pode ser. Isso tem sentido; porque o que eu sinto é assim. Uma experiência. Desde que eu cheguei aqui neste sínodo, todos os anos tem um encontro de famílias dos ministros e das ministras. Então a gente vai e leva esposa, esposo, filhos. Aí, eu lembro que no primeiro ano eu perguntei para meu bispo, para meu pastor sinodal, que eu queria levar alguém junto. Porque eu vi que tinha lugares que ia ter que dormir junto na mesma casa, e que a gente vai para um parque ou numa fazenda ecológica e passa três dias nesse retiro.

Aí, o sinodal teve a audácia de me falar assim: “eu não sei o que fazer, porque nunca teve um caso assim, de uma pastora ir ... (risos). Eu fiquei horrorizada. Fiquei horrorizada e falei assim: não, eu só estou querendo onde [...] possamos ficar juntas com banheiro [...] eu precisaria ter mais privacidade, mais cuidado. Eu fiz questão de participar em todos os anos e é muito interessante que eu sou a única que têm essa situação. Eles vão com a família [...] levam família, gato, cachorro; eu [...]. E eu vejo que isso já mudou um pouco. O ano passado quem organizou (que sempre um grupo organiza) eles falaram, Zínia você pode vir com [...] a gente separou um lugar muito bom, [...] aí, no início, eles tentavam dizer você tem que casar, nós temos que arrumar alguém para você. Agora, a gente dá uma resposta, eu consigo arrumar alguém se eu quiser (risos). Você não precisa me ajudar, pode deixar que eu dou conta. Assim eu estou muito bem, não se preocupe.

Mas é isso, parece que está faltando alguma coisa, e isso da igreja, de colegas; não é daquele membro, daquela senhora lá da comunidade, não. Colegas, eles ainda acham que a gente ainda está faltando alguma coisa, ou vai chegar o dia. Ou se não chegar... coitada. (Risos).

P. Sim é algo realmente que aparece nas outras questões com as outras pessoas que também são solteiras e que trabalham nesses espaços. Elas também mencionam isso. Você fala que não procurou, por exemplo, até agora, um psicólogo, uma

psicóloga, uma psicoterapeuta. Esse tipo de ajuda você não procurou até a gora e nunca ofereceram para você, ou sim?

Z. Não. Pela igreja não. Eu já procurei noutros momentos, particular. Eu lembro que no próprio estudo da faculdade, (até para dificuldades que eu tinha e depois no pastorado, mais duas vezes), eu procurei uma psicóloga. E sempre me senti a vontade de procurar psicólogas, mulheres. Eu tenho essa facilidade de me abrir mais; talvez também seja algo a se pensar porque aqui onde moro, ultimamente, eu teria vontade hoje de estar fazendo uma terapia, me ajudaria muito. Mas eu moro num lugar muito pequeno e aqui a gente é uma figura muito exposta. Eu não encontrei algum profissional que eu teria 100% de confiança de ir. Porque eu sou muito assim, quando eu vou falar, eu falo mesmo, porque eu quero lidar mesmo com a situação, com meus conflitos, com meus problemas. E aqui eu não sinto que há assim, um profissional ou uma profissional que eu tenha confiança. Sei lá, a gente é muito visível na sociedade num lugar pequeno. Aqui tem 30.000 habitantes. Eu ando na rua e eu não conheço todo mundo, mas eles sabem, ah, essa é a Zínia, entendeu? (Risos). Eu até já cheguei a pensar em ir para a capital e fazer algo lá, mas é longe. Aí eu teria que fazer de 15 em 15 dias; porque lá eu seria uma pessoa mais anônima, né? O que faz bem para gente também. Mas eu acho que é importante; isso é muito importante. Seria muito importante, porque quem lida com gente precisa de um acompanhamento.

P. Esse é o ponto de nossa pesquisa, as pessoas procuram ajuda, mas nesse sentido, os processos e mecanismos de ajuda que têm sido utilizados, eles têm sido eficazes? Tem sido satisfatório para você? Você mencionou isso antes, mas, falta alguma coisa para você?

Z. Eu acho que falta cuidado, mais cuidado. Eu não digo que não se tenta, porque eu acho que tem coisas acontecendo, mas não está chegando nas feridas. Talvez a igreja, tenham dificuldades para lidar com as nossas feridas; mas nós teríamos que ir atrás também, procurar essa ajuda da igreja, essa parte nossa. Mostrar que a gente quer ser ouvida. Tal vez seria isso. Por exemplo, esses encontros de família me ensinaram isso. Eu tive que abrir espaço. Tive que ir com a minha mãe, para eles entenderem que eu e a minha mãe somos família, nós moramos juntas, uma cuida da outra é um negócio bem diferente, mas não vou deixa-la em casa com uma cuidadora e eu vir sozinha para ir nesse encontro. Eu tenho que a trazer comigo, mesmo que dá um belo trabalho ela se ambientar noutro lugar ou a comida; mas faz bem para ela e eu não sentiria bem ir sozinha. Aí eles tiveram que entender isso. Quer dizer, tem que abrir os caminhos, né? e ir atrás também.

P. não sei se faltou alguma coisa, mais você respondeu também parte da pergunta número 6 sobre se é importante ou relevante que existam mecanismos de ajuda específicos. Já mencionou algumas dessas coisas, mas, para as mulheres solteiras

envolvidas em ministérios ou cargos de liderança, considera importantes esses mecanismos específicos para elas? Que hajam cuidados específicos para elas?

Z. Sim, sim... poucos ajudam as mulheres a caminhar juntas. Eu acho que estar em contato com outra mulher solteira, ou divorciada, ou viúva, vai me ajudar a olhar mais para adentro das minhas dores, das minhas dificuldades; porque a gente acha que nem pode mostrar isso, né? Às vezes, a gente é vista como muito diferente da outra e não é aquilo. Numa roda de ministros e ministras, estou pensando num desses encontros que a gente tem, todo mundo se apresenta, né? Meu nome é tal, sou casada e tenho tantos filhos (risos). Essa é a primeira coisa quase que falam, como se tivessem que dizer eu sou eu, sou casada e tenho tantos filhos. Aí chega à sua vez de se apresentar, dá aquele [...]. Eu sou a Zínia trabalho em tal lugar, faço isso, faço aquilo e aí já passa para outra pessoa. Então, dá a entender que você não tem vida, que o sonho (se refere a se casar) não foi realizado. Olhe só, ela não é casada, não tem filhos; ou uma colega que é divorciada, ela não vai falar assim: meu nome é Maria, sou divorciada pela segunda vez, ou, adotei uma criança, tenho uma filha...

Me chamou muito a atenção o ano passado a gente teve a convenção e a palestrante principal era uma arcebispa estrangeira, e ela foi muito esperada. Foi uma sensação. E nós as mulheres nos sentamos lá bem na frente para ver ela. Ela demonstra assim uma mulher que com certeza passou por muitas coisas para estar nesse cargo que ela está hoje. E o que mais me chamou a atenção é que ela iniciou a palestra, falando do nome dela, do cargo dela; ela não falou nada de família. Até agora eu não sei se ela é casada, se é solteira, se é lésbica, se ela tem filhos, se ela tem alguém. Eu achei isso muito, muito interessante. Ela não precisou dizer nada. Ela é arcebispa, é uma pastora, ela tem essas funções, ela tem este pensamento, esta teologia. Ela não precisou. E aí, os outros palestrantes também começam, né? Eu sou assim, eu tenho isto, tenho aquilo. Sou pai, sou mãe de tantos filhos, tenho um marido, etc., etc. Se a gente pudesse chegar nesse patamar, seria muito bom de você não precisar ficar...

P. Se explicando.

Z. Se explicando, né?

P. Bom, já falamos um pouco da importância desses mecanismos de ajuda. Você teria mais algum para nos mencionar? Que mecanismos poderiam ser utilizados?

Z. Então. Eu fiquei pensando aqui que nós na igreja, temos encontros de ministros e ministras. Tem encontro de diáconos, de catequistas, tem de mulheres no ministério. Porque não existe um momento de se encontrar as solteiras, as viúvas e as divorciadas, por exemplo, né? Não sei, pensando nos grupos singulares que já existem, talvez fosse interessante um encontro mais [...] Eu me imaginei num encontro, seria muito interessante a gente se ouvir num local onde sejam abordados

temas que tenham a ver com a vida da gente, com o que a gente sente, com o que a gente passa.

Outra coisa que eu pensei aqui é, sei lá, um livro, por exemplo, onde a gente possa colocar nossa poesia, nossos pensamentos, nossas diferenças, nossas experiências, nossas vivências, né? Um material feito por essas mulheres. Mas você fala que foi também visto mulheres que estão no labor paroquial, isso junto assim, esse grupo também, para o povo ver que a gente existe; que a gente também faz parte desse povo. Que a gente não é melhor, mas também não é pior; que a gente também faz parte, que é bonito fazer parte e que são importantes essas diferenças. Porque de fato nós mesmas não sabemos quantas somos, não temos ideia se têm muitas no labor ou não, como estamos ou que sentimos em comum. Eu acho que isto faz muito bem, ajuda.

P. Uma pergunta que não está no roteiro, mas que eu vou adicionar em vista do que você tem compartilhado. Você acha que um trabalho de aconselhamento seria adequado para as mulheres ou um trabalho de acompanhamento? Para você haveria uma diferença entre essas duas questões? Essas duas possibilidades ou você acha que é a mesma coisa?

Z. Eu gostei mais da palavra acompanhamento parece que ela, me traz mais [...] não que no acompanhamento não tenha também o aconselhamento, mas, naquilo que a gente já conversou sobre a diferença entre uma palavra e da outra, desses dois conceitos que eu não tinha ainda refletido, eu não sei [...]. Eu acho que o acompanhar faz a gente caminhar e ir descobrindo, né? Na medida em que caminha vai descobrindo as coisas o que vai dando para fazer o que não, e se conhecer mutuamente. O aconselhamento parece que é assim: eu falo, você escuta, (expressão de dúvida) ... também é um caminhar junto mas parece que [...] está muito pronto, e eu acho que não tem nada pronto aí. A gente precisa sentir isso, desenvolver isso, esse caminhar junto me parece mais terapêutico, me parece que aprofunda mais.

P. Esses dois amigos mais especiais que você mencionou com quem você pode falar mais abertamente, você acha que eles fazem um trabalho mais de acompanhamento ou de aconselhamento?

Z. Acompanhamento, porque ele também se mostra que precisa do meu cuidado y tem essa liberdade de falar do que está sentindo e também, claro, a gente dá pitacos, dá conselhos, chora junto, ri junto, brinca junto; mas também se fala e á coisas que pega assim, fundo um no outro, uma na outra. Claro que é mais acompanhamento. Eu acho mais eficaz, eu me sinto bem assim. Me sinto fortalecida porque eu posso desabafar, mesmo que a outra pessoa não fale nada (risos), mas é bom eu saber que ela está me ouvindo, está respeitando o que eu estou falando; que ela quer me ouvir, que ela quer estar comigo naquele momento, isso já é terapêutico, é uma cura.

P. Que bom, nossa última sugestão ali é se você tem algo a mais para compartilhar, alguma sugestão em relação ao trabalho com mulheres solteiras nas comunidades?

Z. Então, aqui que é uma comunidade grande, se eu estimulasse a criar um grupo ia ter um grupo muito bom. O negócio é que aqui já tem tanta atividade, já tem uma agenda tão cheia, que seria uma coisa a mais que eu teria que dar conta e eu não posso deixar nada das outras frentes de lado. Eu tenho que continuar. Mas é um desafio porque assim como eu, as outras pessoas devem ter, com certeza, né? Também gostariam muito de ter esse espaço de acompanhamento, de estar junto; porque tem pessoas que se dão muito bem nos grupos, ah! Vai no coral, vai no grupo das mulheres ou ajuda ali, na diaconia; mas tem aquelas que não se encaixam em nenhum desses grupos ou pela idade ou por que su sou solteira, eu sou divorciada [...] que tal vez se criasse um grupo onde elas se sentiram acolhidas, ali ia desenvolver muitas coisas bacanas.

P. Uma sugestão para pensar é que essas pessoas também fazem parte da comunidade e que na medida em que também se atendem a essas pessoas, se está atendendo a comunidade, porque está atendendo situações específicas também da comunidade. Daminha parte eu sinto que muitas vezes esse grupo é negligenciado, e por isso é que estes trabalhos tentam mostrar também essa questão. Eu só quero agradecer sua participação e vamos continuar nos comunicando para ir vendo que resulta de todo este trabalho. Muito obrigada.

Z. Sim foi muito bom, espero ter colaborado; porque querendo ou não, a gente tem muito essa dificuldade de perceber o que é que está sentido, o que é que está pensando e você me abriu esse outro olhar também, de pensar mais sobre isso, de sentir mais, que a gente vai se fechando. Eu nunca pensei que alguém ia querer entrevistar uma solteira (risos) que trabalha numa igreja, que ia ser instrumento de pesquisa; muito legal. Eu que agradeço, muito bacana.

P. Mas, mais do que ser um mero instrumento é sentir que se é um instrumento nas mãos de Deus que está querendo falar a essas mulheres que fazem parte das comunidades, né? Nesse sentido é que eu vejo isto. Que bom que não é uma cobaia, mas sim uma forma de visibilizar esses grupos que a vezes não são considerados dentro das comunidades, mas que estão ali, que fazem parte, e são importantes quanto qualquer outro grupo de crianças ou de jovens.

Z. Sim. Eu sinto isso agora, e é que tem mulheres solteiras que vem me abraçar, me cumprimentar, se identificam, né? A pastora também é solteira, eu também sou solteira. Isso é muito legal. Isso aconteceu também com meus cabelos também. Foi muito precoce que eu comecei a ficar com canhas né? Cabelos brancos. Então eu pintava há mais de 15 anos, todo mês. Chegou uma hora em que eu pintava cada 15 dias. Aí de repente eu pensei, chega! Não quero mais isso. Isso me enche o saco,

isso estava me tirando a liberdade. Que eu tinha sempre que estar marcando salão e eu não conseguia pintar, e sempre pedia a alguém para pintar. Se tinha um casamento, tinha que pintar; se tinha um batizo, tinha que pintar porque ia tirar fotos de cima para baixo e ai aparecia aquele caminho (risos). Aí eu vi outras mulheres que estavam assumindo, então eu também pensei, ah! Deu. E eu enfrentei muitas dificuldades, porque muitas pessoas não aceitavam. A cabeleireira então, ficou horrorizada, e as pessoas e os homens também acham que as mulheres que não tem cabelo branco é cabelo natural, né? Eles não sabem nossa luta quase que semanal. Aí, foi muito interessante que outras mulheres começaram a deixar de pintar também e comentavam, “olha pastora, eu estou fazendo igual a você”, pois é, e você vai ver como vai te fazer bem, pois eu estava perdendo o cabelo, estava tendo alergia e a dermatologista me falou: “ou você fica careca ou você fica com o cabelo sem pintura, você tem que escolher” (risos) aí eu escolhi e eu gosto e acho que é uma forma de mostrar que você pode fazer do jeito que você quiser. Pinta, não pinta, faz o que você quiser. É seu cabelo, ninguém te vai disser o que você tem que fazer. Aí muitas mulheres também se aproximaram por causa do cabelo, e falaram assim: ah! eu também não quero pintar, é muito chato. E eu falo: faça o que você quiser. O importante é se sentir bem. Se se sente bem pintando, pinta; se você acha que não quer mais, não quer mais, né?

P. Faz parte também da autonomia da pessoa.

Z. E isso tem a ver com ser solteira também. Se você está bem, está bem; se você for casada, tudo bem; se você não casar, tudo bem. Tem as opções e a vida é mais do que um padrão.

P. Que bom, acho que por hoje é isso, muito obrigada!

Z. Se precisar, você me fala.

P. está bom, muito obrigada Zínia, uma boa semana para você, um bom final de semana e a gente segue em contato.

Z. Pode deixar, obrigada. Um abraço!

P. Outro, tchau.